O
CHRYSOSTOMO PORTUGUEZ

OU

O PADRE ANTONIO VIEIRA

DA COMPANHIA DE JESUS

N'UM ENSAIO DE ELOQUENCIA COMPILADO DE SEUS SERMÕES

SEGUNDO OS PRINCIPIOS

DA ORATORIA SAGRADA

PELO PADRE ANTONIO HONORATI

DA MESMA COMPANHIA

> Verás as regras não sei se da arte ou do genio, que me guiaram por este novo caminho.
> (VIEIRA, pref. do 1.º tom. dos *Serm.*)

SEGUNDO VOLUME

Sermões do Tempo paschal, SS. Sacramento, Advento, Natal e outros dias infra annum

---

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª
67, Praça de D. Pedro, 67
1879

AO EXC.^{mo} E REV.^{mo} SNR.

D. JOÃO CHRYSOSTOMO D'AMORIM PESSOA

ARCEBISPO E SENHOR DE BRAGA,
PRIMAZ DAS HESPANHAS,
DR. NA SAGRADA THEOLOGIA
PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,
DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE FIDELISSIMA,
COMMENDADOR DA ORDEM DE N.^{A} S.^{A} DA CONCEIÇÃO
DE VILLA VIÇOSA,
GRAN'CRUZ DA ORDEM MILITAR DE N. S. JESUS CHRISTO,
PAR DO REINO, ETC., ETC.,
O QUAL, HERDANDO NÃO MENOS A ELOQUENCIA
QUE O NOME E A DIGNIDADE
DO PRINCIPE DOS ORADORES SAGRADOS,
AMPARA COM SUA PROTECÇÃO

O CHRYSOSTOMO PORTUGUEZ

ESTE SEGUNDO VOLUME
DEDICA
OBSEQUIOSO E RECONHECIDO

O COMPILADOR

PROLOGO DO COMPILADOR

Quem leu com attenção os sermões quaresmaes, do primeiro volume, não duvido que o menos que admirou no CHRYSOSTOMO PORTUGUEZ são os thesouros de linguagem, comparando-os com os muito maiores de doutrina e eloquencia legitimamente apostolica. Que profundidade e extensão de saber! Que vigor de argumentação! Que erudição e uso tão appropriado da Escriptura Sagrada! Que variedade no desempenho de seus nobres e ingenhosos assumptos, ainda que sempre entre as raias do mesmo genero oratorio! Que genio poetico para dar vida e movimento a qualquer objecto por mais abstracto que seja, tornando-o, sem resaibo de arte, naturalmente accessivel á imaginação! E finalmente, que facundia triumphadora, a qual se desfecha como rio impetuoso, e não pára, nem reflúi por encontro de obstaculos, mas tudo arrasta com a força da sua corrente!

De ordinario não faz gala de estylo com vistosos floreios de phrases e largos gyros de periodos: antes parece não

raras vezes descuidar-se com demasiadas repetições. É que não pretende lisongear os ouvidos, mas instruir os intendimentos e mover os animos á virtude; e por isso seu maior cuidado ha de ser a clareza. O fim proximo de quem falla não é que os outros intendam o que elle diz? Fallar sem ser intendido, melhor é não fallar. Porque fallas? *Ni pateant animi sensa? Tacere potes*: dizia o poeta. E se esta lei é indispensavel em todo o caso, como dictada pela mesma natureza na instituição da palavra; que se dirá da sua necessidade no ensino da moral e da religião? Notou sabiamente Sancto Agostinho que a linguágem dos prégadores deve ser mais clara que a de qualquer outro orador; porque, não permittindo o costume, nem o decoro, que se lhes pergunte publicamente o que por acaso não se intendesse, cumpre-lhes tomar o partido mais seguro, proporcionando-se á capacidade dos menos instruidos. Um sermão prégado ao povo não é uma dissertação lida a uma academia de litteratos. Perde-se o tempo e o trabalho, se no pulpito não se falla com a maior clareza. É o que teve sempre deante dos olhos o nosso grande orador. Confronte-se o estylo periodico das advertencias que se seguem a este prologo, com o mais solto dos sermões; e ver-se-ha a differença que elle fazia do estylo academico ao oratorio

Além d'isso o que caracteriza a linguagem de Vieira é mais o pensamento que a phrase. = Palavras cultas e penteadas, escrevia elle (se é o auctor da *Arte de furtar*) me quebram a cabeça. Alguns livretes vejo d'esses que vão saindo á moderna; e quando os leio, bem os intendo: mas quando os acabo de lêr, não sei o que me disseram: porque toda a sua habilidade poem em palavras; e já disse o proverbio que palavras e plumas o vento as leva. = Aqui está a grande differença que vai do estylo de seus sermões ao dos livretes que vão saindo á moderna: uns fallam pensamentos, outros palavras.

E não é que a phrase vieirense careça de elegancia. Antes por isso mesmo é mais admiravel, e tão primorosa como

artificiosamente dissimulada. A palavra ha de ser como um espelho que reverbere o pensamento de quem falla á intelligencia de quem ouve; e já se vê que tal espelho será tanto mais perfeito e digno de estimação, quanto mais dissimular a sua existencia e revelar a do objecto. O verdadeiro conceito da elegancia está expresso n'aquelles versos tão auctorizados da arte poetica de Horacio:

In verbis etiam cautus tenuisque serendis
Dixeris egregie notum si callida verbum
Reddiderit junctura novum... Ut sibi quivis
Speret idem: sudet multum frustraque laboret
Ausus idem: tantum series juncturaque pollet;
Tantum de medio sumptis accedit honoris.

Eis aqui a verdadeira arte de fallar e escrever elegantemente, em que Vieira é um dos melhores mestres: a naturalidade, concisão e correcção da phrase, com uma discreta collocação de palavras mui sabidas que formem novos sentidos. Diz elle com um epitheto, ou adverbio, ou conjuncção grammatical bem escolhida e empregada, o que nós não diriamos com um periodo.

D'onde se conclúi; que tambem a respeito da linguagem não ha estudo mais proveitoso que o d'esta compilação; onde se acha toda a flôr não menos da elegancia que da eloquencia do nosso grande orador.

É, pois, esta elegancia de estylo um dos ponctos em que o comparamos com Chrysostomo: mas não é o principal ou caracteristico; porque na propriedade da linguagem oratoria o nosso Vieira não se assimilha mais ao grande orador de Constantinopla do que a Demosthenes, Cicero, Segneri ou Bordaloue. Outros e de muito maior peso são os titulos por que o chamamos CHRYSOSTOMO PORTUGUEZ. D'elles fallei de proposito no prologo do primeiro volume: mas peço licença de tornar ao mesmo assumpto para dar outra prova mais terminante, que então deixei para não cançar com a sua extensão o leitor.

Dir-me-heis que esta nova demonstração parece desne-

cessaria; pois não houve até agora quem se levantasse a refutar pela imprensa o assumpto do prologo; e auctoridades irrefragaveis o receberam com applauso.

É verdade; e n'isso reconheço aquelle espirito cavalleiroso da nação portugueza, que apprendi a admirar desde os meus primeiros annos nas heroicas façanhas de sua historia. Comtudo as idéas vagas que correm em materia de eloquencia sagrada e os preconceitos que ainda existem sobre o verdadeiro merecimento de Vieira, me estão pedindo que torne ao mesmo assumpto e mostre o amago da sua prégação na perfeita similhança com o principe dos oradores sagrados, confrontando parte por parte um sermão d'elle com uma homilia de Chrysostomo. Para satisfazer a esta necessidade tomarei sem escolha o primeiro da nossa compilação, e a primeira das que Chrysostomo prégou ao povo antiocheno.

Advirto, porém, que ainda que, a meu vêr, os sermões originaes de Vieira não lhe desmerecem inteiramente a gloriosa cognominação de CHRYSOSTOMO PORTUGUEZ, que lhe tributaram seus primeiros admiradores; todavia não os considero senão como se acham reduzidos na presente compilação; e só n'este segundo estado de Vieira redivivo no seculo XIX comparo a sua eloquencia com a de Chrysostomo e a proponho para imitação.

§ 1.º

Como e porque seguiu o nosso orador a eloquencia dos Padres.

Frei Luiz de Granada, inculcando na sua *Rhetorica ecclesiastica* o genero oratorio que Vieira depois professou com tanto affinco, distingue tres modos de prégar: primeiro, argumentando sobre algum poncto de moral, ou mysterio, ou vida de sancto: segundo, expondo simplesmente o evangelho e apostillando-o sem levantar assumpto determinado: terceiro, unindo a argumentação com a exposição para desfrutar as vantagens de ambas; e nota o sabio granatense que este terceiro modo, assim como é mais usado por S. João Chrysostomo, assim lhe parece mais proprio da

oratoria sagrada. Discretamente notado: porque unir a argumentação com a exposição do evangelho é pôr a razão com todo o patrimonio de sua dialectica e sciencia natural ao serviço da fé; e quasi incarnar a palavra divina na humana para continuar através dos seculos a prégação do Salvador. Por isso os Sanctos Padres não conheceram outro modo de prégar; e por isso o nosso Vieira, seu grande imitador, dizia que prégar d'outro modo não era prégar.

O Ex.mo Sr. Bispo do Pará D. Antonio de Macedo Costa, em uma carta do anno passado, com a qual cortezmente acceitava a dedicatoria do primeiro volume, me fazia a mesma observação =Vieira, diz elle, expurgado dos defeitos de seu seculo, apparecerá com todo o seu esplendor e lustre como o continuador da grande eloquencia dos Padres; e dará o tom á predica contemporanea nos dous paizes que fallam a lingua portugueza. = Assim o espero: porque o fim de afervorar a estudo tão necessario os oradores sagrados é o que na espinhosa tarefa d'esta publicação me arma de uma paciencia pouco confórme ao meu genio; e me anima a leval-a ao cabo.

Mas vamos ao promettido parallelo; e mostremos a todas as luzes, como e porque é Vieira *o continuador da grande eloquencia dos Padres* e particularmente de S. João Chrysostomo.

§ 2.º

Analyse do sermão de Vieira na dominga de Sexagesima.

O thema do primeiro sermão de Vieira é *Semen est Verbum Dei*, tirado do evangelho da dominga de Sexagesima; e destinado a ser prologo dos sermões que elle na quaresma de 1655 havia de prégar na côrte, e de todos os que depois publicou pela imprensa. Seu assumpto é examinar, porque hoje faz a divina palavra tão pouco fructo; e para sermão preparatorio, defeza e ensaio do genero de prégação que adoptara, não podia ser mais appropriado.

A este assumpto abre o orador o caminho com um exordio que elle começa de um modo quasi inspirado, como quem

chegara pouco antes do Maranhão com fim e missão apostolica para tractar na côrte a conversão dos indios d'aquella conquista. E porque era natural que satisfizesse desde o principio á curiosidade dos ouvintes e fallasse dos motivos do seu regresso a Portugal, fel-o assim com muita discrição, applicando á missão do Brazil a primeira parte da parabola da sementeira. Com que obteve dous intentos: primeiro, explicar o evangelho, que é a prégação mais util e mais conforme aos desejos da Egreja no tempo da missa: segundo, embeber (digamol-o assim) a palavra de Deus em um facto sensivel e memoravel como perola em seu engaste, para que os ouvintes mais facilmente a recebessem e mais fielmente a guardassem na lembrança.

Tendo a parabola da sementeira duas partes, uma narrativa, outra explicativa; e sendo a segunda inspirada como a primeira, porque a sua explicação foi dada pelo mesmo Divino Mestre; mui discretamente o nosso orador applica a primeira parte á sua missão do Brazil, para que, chegado á segunda, na sentença *Semen est verbum Dei* funde com a auctoridade de Christo o assumpto do sermão; que é, como diziamos, examinar a razão, por que hoje a divina palavra faz tão pouco fructo. Antes de lançar mão das provas, mostra com um magnifico rasgo de eloquencia ser verdade tristemente irrefragavel, que são muitas as prégações e poucas as conversões; e por isso é que elle pretende examinar a causa de um effeito tão lastimoso. (II)

Pondera os principios de que póde proceder esta falta de conversões; e com a guia da mesma parabola primeiro demostra que não é por parte de Deus, e depois declara que é por parte não só dos ouvintes, mas muito mais dos prégadores. Para illustrar tambem este facto acha analogias na parabola da sementeira. (III)

Examina qual póde ser nos prégadores a falta que causa este damno; e por isso torna ao principio da parabola: *Exiit qui seminat seminare semen suum*; e deduzindo da analysi d'esta clausula todas as qualidades de um bom prégador,

vai satisfazendo pouco e pouco ao assumpto. N'esta parte, que é a mais extensa e se póde chamar um compendio de rhetorica ecclesiastica, com a luz da fé e da razão faz vêr qual deve ser no prégador evangelico a pessoa, a sciencia, a materia, o estylo, a voz. (IV)

Quanto á pessoa nota a subtil differença que ha entre semeador e quem semeia; e conclúi a necessidade de prégar antes de tudo com o exemplo. Por isso o Filho de Deus se fez Homem, porque o que se vê tem mais força que o que se ouve. Confirma esta verdade com o exemplo dos bemaventurados que amam necessariamente a Deus, porque o vêem, e com os effeitos que nos sermões da Paixão produz a imagem do *Ecce-Homo*, quando se descobre aos ouvintes. D'esta representação passa com facilidade a dar outra prova com o exemplo do Baptista, que mais com as obras do que com as palavras prégava a penitencia.

Do estylo diz que ha de ser natural como a semente que cái e claro como as estrellas do firmamento; e com uma eloquente invectiva reprova o estylo falso do seu tempo: o que em parte se applica tambem ao nosso, que quanto mais escuro, falto de idéas e empolado, tanto se julga mais sublime.

No que respeita ao assumpto prova que ha de ser um só em todo o sermão; assim como *o lavrador do evangelho não semeara muitos generos de sementes, senão uma só*. Tal foi o da prégação do mesmo Baptista e da de Jonas; e aqui é que allega a celebre similhança da arvore, que é o resumo mais claro e adequado das regras da oratoria sagrada.

Passa a fallar da sciencia; e da energia das palavras *semen suum* deduz que o prégador ha de prégar o seu e não o alheio, porque *armas alheias, ainda que sejam de Achilles, a ninguem deram victoria*. Por isso as redes que os apostolos refaziam, quando foram chamados ao apostolado, eram suas e não alheias; e as linguas de fogo em que o Espirito Sancto desceu sobre elles foram não uma sobre todos, mas sobre cada um a sua.

Finalmente mostra a importancia que tem na arte oratoria a voz e declamação; importancia que notaram muito os antigos rhetoricos e é provada com a experiencia; e por fallar d'ella como prégador a confirma com varios textos do novo e antigo Testamento; por onde conclúi que *ha de ser a voz do prégador um trovão que assombre e faça tremer o mundo.*

Assim, pois, no longo exame da falta das qualidades do bom prégador estava já cabalmente desempenhado o assumpto. Mas porque o orador quer inculcar o uso legitimo da Escriptura, que forma a differença especifica da oratoria sagrada, deixa de encarecer a falta de todas estas qualidades, e examina uma, a qual de caminho já indicara quando fallou da materia da prégação, e agora deduz das palavras de Christo que tomou por thema *Semen est verbum Dei*; palavras que hão de ser o poncto culminante do sermão. Portanto nos ultimos paragraphos (V e VI) declara que para a Escriptura fazer fructo como palavra de Deus é necessario que seja bem interpretada; porque, interpretada mal, póde ser palavra do demonio; e com a palavra do demonio não se converte o mundo, antes perverte-se cada vez mais. Confirma uma e outra parte com textos de Jeremias e de S. Mattheus; prova com a auctoridade de S. Paulo que correm pelos pulpitos prégações que não são prégações, mas commedias ou antes farças; e tornando de novo á parabola da sementeira, nota que o demonio não se póde temer d'ellas.

A quem replicasse, que tal é o gosto dos ouvintes, responde: 1.° com um reparo que faz nas palavras da conclusão: *Et fructum afferunt in patientia* = O fructificar não se juncta com o gostar, senão com o padecer; = 2.° com o juizo, que um lente de Coimbra deu de dous famosos prégadores: = Quando ouço um, sáio do sermão muito contente do prégador; quando ouço outro, sáio muito descontente de mim. =

O remate d'este magnifico sermão ou compendio theoretico-practico de oratoria sagrada, é uma pathetica peroração, que, parece, elle dirige sómente aos prégadores: mas não é

assim; porque dá no mesmo tempo a seus reaes ouvintes a regra com que devem ouvir as prégações.

Tal é a analysi do sermão de Vieira; vejamos agora o seu modelo na homilia de Chrysostomo.

§ 3.º

Analyse da primeira homilia de Chrysostomo ao povo antiocheno.

O thema da primeira entre as que elle prégou ao povo antiocheno é a clausula de S. Paulo (*ad Tim., c.* 5): *Modico vino utere propter stomachum et frequentes infirmitates tuas*. Começa Chrysostomo louvando o Apostolo pelo que está em todo o contexto da sua epistola; o qual compara a um prado florido de rosas, açucenas, violetas e toda a casta de flôres as mais odoriferas e mimosas, antes a um pomar deliciosissimo por copia de fructos que nutrem a alma; e diz que vai colher um d'elles que parece o menos apreciavel de todos; e que o colhe não por ostentação de eloquencia; mas porque tudo o que se acha na Escriptura, sendo palavra do Espirito Sancto, é precioso e digno de estimação.

Com este nobilissimo exordio entra o orador no argumento; e antes de tudo se propõi as seguintes difficuldades: 1.ª Que necessidade tinha Timotheo do aviso do Apostolo? Não sabía elle por si o que fazia bem ao seu estomago? 2.ª Como é que Deus permittia que um varão tão sancto e tão util á sua Egreja soffresse aquelles achaques? 3.ª Se Timotheo fazia tantos milagres para curar as infermidades alheias; porque não curava as proprias? 4.ª Valia a pena que o Apostolo registrasse em uma epistola canonica esta particularidade tão miuda da vida de seu discipulo?

Excitada com esta arte a attenção e despertada a curiosidade dos ouvintes, pede o orador licença de fallar da virtude de Thimotheo e do cuidado que d'elle tinha o Apostolo; e entra a analyzar o contexto: *Noli adhuc aquam bibere; sed modico vino utere propter stomachum et fre-*

quentes infirmitates tuas. Nota que o *Noli adhuc* indica: 1.° Que Timotheo até aquelle tempo bebia agua, e por isso caira em tal fraqueza de estomago: 2.° Que merecendo tão paterno cuidado do grande apôstolo, necessariamente havia de ser mui virtuoso. 3.° Que mortificava a sua carne para não prevaricar na edade juvenil e no ministerio de bispo. E para que não se julgue que o Apostolo lhe dava licença de beber vinho mais do que convinha, adverte que não disse *Utere vino* absolutamente; mas *modico vino;* conselho antes de parsimonia que de regalo. Assim, pois, (conclúi) no texto allegado ensina-se o uso do vinho contra os intemperantes que abusam d'elle, contra os herejes manicheus que o prohibem e contra os que querem desterrar o vinho para que não haja bebados, e por isso accusam a Providencia.

Feita esta analysi do contexto e tendo encarecido com ella as difficuldades que se propozera; (pois se Timotheo era tão sancto e tão sabio menos fundadas pareciam as razões do aviso que lhe dava o Apostolo); passa Chrysostomo a resolver todas estas objecções compendiando-as por amor de clareza em uma só, e perguntando: Porque a um tal sancto, e occupado em taes negocios, Deus o deixou cair em taes infermidades; nem elle, nem seu mestre S. Paulo, se poderam valer contra as mesmas infermidades com outro remedio que com o do vinho? A solução para que aproveite a todos deve ser tal que se applique a toda sorte de molestias internas e externas, como pobreza, pestilencia, prisão, tentações, calumnias, etc.; ouvindo-se tantas vezes dizer: Que mal fez aquelle homem de bem que soffre tantas vexações dos maus? Como é que Deus permitte essas injustiças? Porque soffrem os sanctos tantas tribulações? etc.

Dá o orador em resposta oito motivos que primeiro enuncia por serem muito claros ao lume da razão natural, e depois funda na Escriptura, para que não se diga que falla como philosopho e não como prégador. Os motivos são. 1.° Para que os sanctos não se ensoberbeçam de seus mereci-

mentos. 2.° Para que os não estimemos mais do que merecem. 3.° Para que appareça melhor o poder divino em propagar o evangelho por meio de sujeitos tão fracos. 4.° Para que se conheça a paciencia dos mesmos sanctos e que não servem a Deus por interesses humanos. 5.° Para que se intenda a necessidade da resurreição e como Deus ha de pagar a seus servos taes soffrimentos. 6.° Para que os sanctos nos sirvam de exemplo, quando Deus fôr servido de provar-nos com as mesmas tribulações. 7.° Para que não julguemos que elles tinham uma natureza differente da nossa e que por isso não podemos imital-os. 8.° Finalmente, para que, sendo necessario haver n'este mundo felizes e infelizes, fique sabido quaes são os primeiros e quaes os segundos.

Não é sem estrategia oratoria que Chrysostomo desfila primeiro estes oito motivos contra as quatro difficuldades reduzidas a uma; e depois os faz marchar um por um com armas novas e mais proprias por serem tiradas da Escriptura; e no caminho lhes ajuncta outros tres para mostrar que lhe sobejam razões contra os argumentos contrarios: estrategia que o orador deve ter sempre em vista quando deixa que as difficuldades dos adversarios sáiam á batalha.

O primeiro motivo confirma-o com as palavras com que David no psalmo 118 dava graças a Deus, porque o tinha humilhado; e mais largamente com as outras com que S. Paulo na segunda aos corinthios c. 12 se queixou com Deus de que o anjo de Satanás o estava esbofeteando; e teve em resposta, que para soffrer sem damno, antes com vantagem, aquella injuria lhe havia de bastar a graça do Salvador.

O segundo e terceiro motivo vai corroborado com o caso dos habitantes de Lystra, os quaes queriam adorar a Paulo e Barnabé, julgando-os dous deuses; e foi necessario que estes indignados protestassem que eram homens mortaes; assim como o tinham protestado em outra occasião Pedro e João na porta Especiosa do templo de Jerusalem, quando

em nome de Jesus Christo sararam o aleijado. Para que, pois, não haja perigo que creaturas humanas por seus dons sobrenaturaes sejam adoradas como divindades, permitte a Providencia que os seus sanctos sejam vexados e attribulados não menos que os outros homens.

O quarto motivo declara-se largamente com a historia de Job, cuja paciencia não se conheceria, se Deus não consentira que o demonio tão raivosamente o perseguisse. A piedade de Job entre as riquezas não provou tanto a sua virtude, como a paciencia no extremo desamparo. Por isso diz Christo que são felizes os que soffrem perseguições por amor da justiça; pois o maior soffrimento dá direito a maior galardão.

D'esta bemaventurança, que é effeito das tribulações, passa o orador a fallar do quinto motivo, que é a necessidade da resurreição e vida futura; provando-o com um texto do Apostolo na primeira aos corinthios: onde diz, que se não houvera esta resurreição e vida futura, Deus deixara os seus sanctos em peior condição que os seus inimigos, e aproveitara mais o vicio que a virtude.

Os motivos sexto, septimo e oitavo são confirmados com quatro textos: um de Sanct-Iago c. 5. outro da sabedoria c. 9, dous de S. Paulo na primeira aos corinthios c. 4 e aos hebreos c. 12, e um de David no psalmo 143, onde se mostra que tendo os sanctos a nossa mesma natureza, com seu exemplo nos ensinam a paciencia, para que soffrendo á sua imitação, sejamos felizes; pois a verdadeira felicidade dos homens não consiste em abundar dos bens do mundo mas em practicar a virtude.

Remata o grande orador toda esta argumentação allegando os tres ultimos motivos que accrescentou de caminho. Estão registrados, o primeiro na epistola aos romanos cap. 5 e no Ecclesiaste cap. 2; onde se diz que na fragoa da tribolação se acrisola a nossa esperança. O segundo em S. Lucas cap. 16, o qual nos ensina que por meio das tribulações a nossa alma se purifica cada vez mais de seus de-

feitos. O terceiro na epistola citada aos romanos, a qual reza que segundo a medida dos nossos padecimentos será a nossa gloria.

É assim que o principe dos oradores ecclesiasticos acaba de resolver as difficuldades que se propoz no principio do sermão, occasionadas pelo thema *Modico vino utere propter stomachum*, e pelo escandalo de se vêrem no mundo os justos tão atribulados. Mas porque este escandalo está muito arraigado no coração do povo, torna Chrysostomo a ponderal-o em um caso, que é dos mais ordinarios na vida humana; quando alguma pessoa muito piedosa e caritativa soffre revezes de fortuna e cái em miseria. Perguntam os escandalizados: É essa a paga que Deus lhe deu de suas esmolas? Se Deus é tão provido, porque tirou este soccorro aos pobres? Responde-lhes o orador, primeiramente perguntando por sua parte: Se por acaso teriam elles maior cuidado dos pobres que o Senhor que os creou; e depois confuta-os demonstrando, que a paciencia, resignação e alegria que Deus dá aos seus servos no meio d'estes trabalhos é a maior mercê que lhes faz. Prova-o novamente com o exemplo de Job e dos apostolos: recorda outros, como os de Abel, de Moysés, dos tres meninos da fornalha de Babylonia, etc.; e conclúi que por isso na tribulação devemos dar graças a Deus e não blasphemar da sua providencia.

Finalmente, a proposito de blasphemia pede a seus ouvintes, como por paga do sermão, que se levantem á defeza da honra de Deus contra os blasphemadores; sejam bons soldados de Christo: façam respeitar o sancto nome de christãos: imitem o zelo do Baptista quando reprehendeu Herodes: não digam: A mim que se me dá d'isso? Lá se avenham. Essa linguagem, diz, é uma crueldade satanica. Temos todos a mesma natureza; vivemos na mesma sociedade; e por isso devemos zelar o bem commum. Acaba o eloquentissimo orador notando, que se todos os ouvintes sairem da egreja animados d'este zelo, em breve se reformará toda a cidade. Se damos mão para levantar um ju-

mento que caiu; porque a não daremos a um blasphemador que se fez similhante a um jumento? Este zelo, ainda que no principio desagrade aos que blasphemam, no fim elles mesmos o hão de estimar e louvar; e o que é mais, terá corôa no céu por graça e benignidade de Nosso Senhor Jesus Christo, etc.

Tal é a ordem maravilhosa da homilia que acabamos de analyzar e que Chrysostomo prégou sendo simples presbytero na edade de 44 annos, com pouca differença da de Vieira que era nos 47, quando prégou o sermão da Sexagesima.

§ 4.º

Dez ponctos de comparação entre as duas prégações.

Ás pessoas que teem alguma practica no ministerio da prégação, bastam e sobejam estas duas analyses para inferirem que perfeita é a similhança de um e outro orador, e que o nosso Vieira bem mereceu o renome de CHRYSOSTOMO PORTUGUEZ. Comtudo, porque a maior parte dos meus leitores não está n'este caso, farei em seu serviço as reflexões comparativas que prometti, para declarar cada vez mais qual o genero de eloquencia e qual á fórma de homilia oratoria que ambos seguem.

1.º Préga Chrysostomo depois da leitura da epistola de S. Paulo a Timotheo e d'ella tira o thema e argumentação da sua homilia, analyzando-a com a mais subtil dialectica e conferindo-a com outros textos parallellos da Sagrada Escriptura, para os reduzir ao seu intento. Préga tambem Vieira depois do canto do evangelho da Sementeira e no mesmo modo que o orador de Constantinopla tira d'elle o thema, e o analyza, confere e applica para o fim do seu sermão.

2.º Começa Chrysostomo o seu commento não em fórma escholastica, senão com figuras oratorias e quasi com phraseado poetico=Ouvistes (diz elle) a voz do Apostolo, aquella trombeta celeste e cithara espiritual? Assim é: a voz que ouvistes é como uma trombeta marcial, que chama á batalha, amedronta os soldados inimigos, anima os proprios; e

armando-os de grande confiança os faz invenciveis ao demonio. É como uma cithara que recrea maravilhosamente o espirito, adormece a dôr, socega o tumulto dos cuidados e traz comsigo não menor proveito que agrado. Ouvistes de quantas e quão proveitosas verdades fallou hoje o Apostolo a Timotheo; dizendo-lhe em respeito ás eleições dos ecclesiasticos: Não imponhas apressadamente as mãos sobre ninguem, etc.—Tal é o começo emphatico de Chrysostomo; e não é muito differente, como todos podem ver, o modo com que Vieira dá principio ao sermão da Sexagesima.

Nota-se que um e outro orador muito avisadamente estreiam quasi sempre seus sermões com exordios brilhantes; e assim prendem desde logo a attenção dos ouvintes para todo o sermão, como a magnificencia da fachada de uma basilica convida o passageiro a visital-a.

3.° Entra Chrysostomo no argumento propondo algumas duvidas com que se abre o caminho a fallar da Providencia de Deus ácerca dos trabalhos que soffrem os seus servos na vida presente. É tambem por meio de uma duvida que Vieira começa a tractar o seu assumpto sobre o verdadeiro modo de prégar a palavra de Deus. Não digo que este methodo se ha de seguir em todos os sermões; porque nem Chrysostomo, nem Vieira o observam, nem o deviam observar, como regra universal: só noto, segundo o meu assumpto, a similhança dos que por ora estou analyzando.

4.° Ás duvidas de Chrysostomo segue-se artificiosamente a analyse logica do thema, a qual, como a narração nas orações de genere judicial, ha de ser todo o fundamento da discussão. O mesmo faz Vieira quando propõi a explicação authentica que Christo deu á parabola da Sementeira, para com ella resolver a duvida que motivou o assumpto de todo o sermão. Observo tambem n'este poncto que o faz com grande variedade de methodo, dando a explicação do thema algumas vezes no exordio; outras no principio da confirmação, e outras no seu decurso, conforme lhe vai dictando a fecundidade de seu genio oratorio ou as circumstancias em que falla.

5.° A homilia de Chrysostomo, parece que na segunda ametade, vai dividir-se em oito ponctos; mas não segue esta divisão: porque tracta-os o orador, uns separada, outros conjunctamente, e, accrescentando-lhes outros tres, ainda lhe sobeja logar para novos argumentos. É que ha differença, como dissemos, entre uma homilia oratoria e uma dissertação philosophica. Esta propõi o assumpto e desde o principio o divide adequadamente em suas partes, porque falla só ao intendimento: aquella pelo contrario, dirigindo-se principalmente á vontade, e imitando a conversação natural, divide-se, como e quando o julga conveniente ao intento de persuadir =É precisa a ordem (são palavras de Fenelon no 2.° dialogo da eloquencia), mas uma ordem que não seja promettida, nem descoberta desde o principio do discurso. Diz Cicero que é melhor quasi sempre occultal-a e levar o ouvinte suspenso sem que elle a perceba. Tambem diz em termos formaes que deve o orador occultar o numero das provas, e que a divisão do discurso não se deve mostrar claramente. Mas a grósseria dos ultimos tempos tem chegado até não conhecer a ordem de um discurso sem annuncial-a d'antemão e sem parar na conclusão de cada poncto. = Por isso não tem Vieira nos seus sermões regra certa ácerca da divisão: ora a faz, ora a deixa; e quando a faz, ora é logo depois do exordio, ora é depois de uma prova geral do assumpto, e umas vezes seguindo a ordem das partes, outras alterando-as de caminho para que façam maior impressão, outras finalmente deixando de desenvolver alguma ou porque não é preciso, ou porque o differe para outro tempo, ou porque o impedem as circumstancias. Os que não fazem differença entre o methodo philosophico e o oratorio poderiam julgar esta variedade uma extravagancia de seu genio; e comtudo é invento finissimo de arte oratoria.

6.° Reparámos em que não se contenta Chrysostomo com a evidencia intrinseca dos oito motivos que enumerou, mas funda-os na Escriptura: Para que (diz elle) se intenda melhor a sua razão e fiquem mais gravados na memoria: *Sic enim et oratio erit nobis fide dignior et melius animis nos-*

tris insidebit. Mas porque o fundal-os na Escriptura é graval-os mais na memoria? Por duas razões: a primeira natural, porque os fundamentos que allegou são na maior parte exemplos, como os de Job, Moysés, etc.; e os exemplos ouvem-se com attenção, apprendem-se com facilidade e mais profundamente se imprimem e ficam na lembrança: a segunda sobrenatural, porque as provas da Escriptura, sendo palavra do Espirito Sancto, trazem comsigo a graça que as persuade ao intendimento, quando o acha bem disposto. Se o Espirito Sancto as mandou registrar para serem intendidas, certamente que dará tambem a graça para que se intendam. Por isso, diz Chrysostomo, que não quer defender a Providencia só com a razão, segundo o estylo dos philosophos, mas principalmente com argumentos da Escriptura, como é obrigação dos prégadores: *Oportet eas omnes ex scripturis confirmare et diligenter demonstrare, quod omnia dicta non humanarum rationum adinventio, sed divinarum scripturarum est sententia*. Aqui está a differença que faz o grande mestre dos prégadores entre o philosopho e o orador. E por isso tambem o nosso Vieira no sermão citado da Sexagesima, fallando das qualidades de um bom prégador não se contenta com os principios de Aristoteles, mas recorre á auctoridade da Escriptura: methodo que segue em todos os sermões, *Porque*, diz elle, *quer ser prégador*.

7.° Outra advertencia no uso que fazem da Escriptura ambos os oradores. Á clausula de S. Paulo *Angelus satanae qui me colaphizet* dá Chrysostomo uma interpretação que se afasta da commum dos outros Padres e Doutores; e allega todo o contexto para provar a sua opinião. Na verdade, quando a Egreja não interpretou authenticamente alguma parte da Escriptura, não são prohibidas novas interpretações, como d'aqui a pouco se mostrará por extenso nas doutissimas advertencias do nosso auctor. Mas o que principalmente quero advertir em um e outro Chrysostomo, é o methodo de allegar todo o contexto para provar o sentido de alguma clausula e d'ella tomar occasião de resolver outras questões incidentes. Não nego que este me-

thodo, se é abusado, afrouxa o impeto e desfria o calor da argumentação; defeito assás frequente nos sermões originaes do nosso orador. Comtudo, usado moderadamente, é muito segundo o estylo da homilia oratoria: pois esta côr sobrenatural de argumentação é o que extrema o estylo do pulpito do da academia e do fóro.

8.° Provados com a Escriptura os oito motivos que defendem a Providencia, torna o orador de Constantinopla ao mesmo argumento e desce a casos particulares de que em parte já fallara na declaração dos mesmos motivos. Porque, pois, esta repetição? Porque é orador; e já não falla ao intendimento mas ao affecto, ao qual se devem apresentar as verdades sabidas com tal efficacia que o movam a amar a virtude. Por isso torna a illustrar a historia de Job, que é a prova mais irrefragavel de todo o assumpto, e a mais clara para os ouvintes a levarem na memoria, como solução de todas as difficuldades. Agora se intenderá a razão das repetições que se reprovam mais do que convem no Chrysostomo portuguez. Nos preceitos de oratoria sagrada que dá o Doutor Sancto Affonso de Ligorio adverte-se a este proposito, que o prégador ha de fallar em modo que os ouvintes, que vão chegando depois do começo do sermão, possam logo intender de que se tracta. Concorda com a auctoridade de Sancto Agostinho, notada no principio, e mais que tudo, com a razão natural, a qual pede que a regra unica do prégador não seja a ostentação da propria sabedoria, mas o proveito dos ouvintes. Isto é o que se alcança nos sermões de um e outro Chrysostomo pela advertencia que acabamos de fazer e por outras duas que agora se seguem.

9.° Remate da homilia prégada aos antiochenos é uma exhortação contra a blasphemia que se refere ao assumpto principal como um simples incidente. Deve-se advertir que esta exhortação é uma homilia em miniatura: pois ella tem introducção, tem assumpto, tem provas da razão e da Escriptura, tem replicas com a respectiva resposta, tem peroração. O mesmo a cada passo achar-se-ha em Vieira. É tal a ordem de seus sermões, que assim como as suas partes

formam um todo bem disposto, com exordio, assumpto, confirmação e conclusão, assim tambem cada parte é um sermão em poncto pequeno, com outras partes subalternas dispostas com a mesma ordem, para com muitos discursos parciaes formar o sermão total. O aureo simile da arvore, já tantas vezes allegado, explica maravilhosamente este seu modo de discorrer. Uma arvore, sobre tudo se é das mais perfeitas, divide-se em ramos e cada um d'estes em outros mais pequenos, e estes em outros, sempre diminuindo até chegar ás varas e ás folhas. E assim como em cada uma d'estas subdivisões se acha toda a arvore compendiada, assim tambem nos sermões de Vieira, cada poncto e cada argumento do mesmo poncto traz comsigo a fórma geral do sermão. Sirva de exemplo a peroração do da Sexagesima:—Semeadores do Evangelho (diz elle) eis aqui o que devemos pretender nos nossos sermões, não que os homens saiam contentes de nós, senão que saiam muito descontentes de si: não que lhes pareçam bem os nossos conceitos, mas que lhes pareçam mal os seus costumes, as suas vidas, o seu passatempo, as suas ambições e emfim todos os seus peccados. Comtanto que se descontentem de si, descontentem-se embora de nós. *Si hominibus placerem, Christi servus non essem;* dizia o maior de todos os prégadores, S. Paulo: se eu contentara aos homens, não sería servo de Deus. Oh! contentemos a Deus e acabemos de não fazer caso dos homens! Advirtamos que n'esta mesma egreja ha tribunas mais altas que as que vemos: *Spectaculum facti sumus Deo et angelis et hominibus.* Acima das tribunas dos reis, estão as tribunas dos anjos, está a tribuna e o tribunal de Deus que nos ouve e nos ha de julgar. Que conta ha de dar a Deus um prégador no dia de juizo? O ouvinte dirá: Não m'o disseram. Mas o prégador? *Vae mihi quia tacui:* ai de mim que não disse o que convinha! Não seja mais assim por amor de Deus e de nós! Estamos ás portas da quaresma, que é o tempo em que principalmente se semeia a palavra de Deus na Egreja, e em que ella se arma contra os vicios. Préguemos e armemo-nos todos contra os peccados, contra as se-

berbas, contra os odios, contra as ambições, contra as invejas, contra as cubiças. contra as sensualidades. Veja o céu que ainda tem na terra quem se pôi da sua parte. Saiba o inferno que ainda ha na terra quem lhe faça guerra com a palavra de Deus; e saiba a mesma terra que ainda está em estado de reverdecer e dar muito fructo: *Et fecit fructum centuplum.*=Observe-se como esta peroração, não menos que a de Chrysostomo é um sermão em miniatura .(Exordio) *Semeadores do Evangelho eis aqui*, etc. (Assumpto) *Devemos pretender que*, etc. (Prova da Escriptura) *Dizia o maior dos prégadores*, etc. (Prova da razão natural e dialogismo) *Que conta ha de dar*, etc. (Conclusão) *Não seja mais assim*, etc. Pois o mesmo podia eu mostrar nos outros ponctos ou paragraphos do sermão.

10.° Finalmente citavamos, ha pouco, o principio da homilia de Chrysostomo, onde o orador compara S. Paulo a uma cithara e a uma trombeta; e logo dá a razão de ambas as comparações. É o que Vieira está fazendo a cada passo: nada enuncia gratuitamente; mas logo prova o que diz. D'onde se segue que se por acaso algum dos ouvintes não intender uma parte do sermão, intenderá a outra; e assim a palavra de Deus não ficará sem proveito. Isto é que é fallar como deve um verdadeiro ministro do supremo Pastor e divino Mestre o qual instruia os povos com breves razões e simples parabolas que todos podiam intender ainda quando por distracção ou outro motivo não tivessem ouvido o mais da prégação.

§ 5.°

Juizo de varios litteratos portuguezes e brasileiros ácerca da compilação.

Que qualidades tão admiraveis (dirá alguem) sejam proprias da eloquencia do grande orador de Constantinopla, não póde haver duvida. Foi Chrysostomo o ideal do prégador evangelico; e não ha entre os doutores da Egreja quem hombreie com este gigante da oratoria sagrada. Mas affirmar o mesmo do orador portuguez, embora proporcionadamente e como se acha reduzido na compilação, não é passar todos os limites da verisimilhança? Se a eloquencia de

Vieira tivera dotes tão extraordinarios, como é que os nossos melhores criticos a censuraram com tanta severidade?

Confesso ingenuamente que para mim é esta, não só a maior, mas a unica difficuldade que parece se póde fazer a seu merecimento. Como, porém, não posso duvidar do que é evidente, julgo necessario dar a razão d'este facto de historia litteraria e conciliar o juizo dos criticos com o merecimento do grande orador.

São os sermões originaes de Vieira como um jardim real cujas raras e formosissimas flores estão afogadas por uma multidão de hervas damninhas e parasitas que lhes tiram a belleza, descompõem a ordem, abafam ou corrompem a fragrancia e alteram as virtudes medicinaes. Lastima grande, que sempre tem magoado os amantes do bello litterario! Mas que sería se este jardim se alimpasse com mão industriosa e pozesse á vista de todos os ricos thesouros que esconde? Em tempos de maior respeito para tudo o que é alheio, fosse como fosse, ou esta lembrança não passava pelo pensamento ou lançava-se fóra como tentação. Agora (que tambem n'esta materia influem as liberdades do seculo) estou ouvindo repetir *O felix culpa!* Fil-o eu assim como o podiam fazer muitos outros, se tiveram o mesmo arrojamento. Mas emquanto alguem o não fizesse, não se póde negar que o estudo da eloquencia de Vieira era para os inexpertos de maior perigo que proveito. Por isso a reprovaram os sabios tão acremente; e por isso tambem, apparecendo agora sem este perigo, lhe estão fazendo bom rosto e lhe dão o parabem da nova fórma.

Antes de enceitar esta publicação, tendo eu missionado dez annos em varias provincias do Brazil, tive occasião de reconhecer o vasto campo do apostolado de Vieira nas provincias da Bahia, de Pernambuco, do Ceará, do Maranhão, do Pará; e n'esta occasião pude mostrar um ensaio do meu trabalho a varios d'aquelles senhores Bispos e outros litteratos; e todos com uma maravilhosa identidade de phraseado, que em juizes varios e differentes de tempo e logar é dignissima de reparo, louvaram o meu impenho; chamando-o já por voz

e já por cartas: *Trabalho momentoso, grande impreza litteraria e serviço relevante prestado ás patrias lettras* (a): *Serviço immenso prestado ao mesmo tempo á religião e ás lettras portuguezas* (b): *Obra tão interessante e bom serviço prestado ás lettras e mais que tudo aos ecclesiasticos que se occupam no sagrado ministerio* (c).

Mas muito maiores foram os elogios que o Chrysostomo recebeu pela imprensa depois da publicação. Sería nunca acabar (e já o prologo vai muito extenso), se eu quizesse referir uma por uma as cortezes revistas que devo á benegnidade e sabedoria dos illustres litteratos, srs. Camillo Castello-Branco (d), Padre João Miguel Moreira de Seabra (e), Manuel Bernardes Branco (f), e muito mais a que se dignou de fazer em dous largos artigos o distincto escriptor Francisco d'Azeredo Teixeira Aguillar, conde de Samodães, par do reino (g), alem de outros anonimos: revistas que foram publicadas em varios jornaes do Reino e do Brazil.

Comtudo não posso deixar de trasladar na sua integra uma do Exm.º Sr. Arcebispo Primaz, a cujos venerandos pés deponho este volume; a qual revista, sendo ultima no tempo, não podia eu desejal-a nem mais cabal nem mais auctorizada para fechar com chave de ouro este exame do merecimento do Chrysostomo Portuguez. Publicada sem a sua assignatura, na *Semana religiosa bracharense* (1 de novembro) jornal official de Sua Ex.ª Revm.ª, auctoriza-me

(a) D. Frei Vital, de saudosa memoria, Bispo de Olinda, carta do Recife de 8 de dezembro de 1876.

Conselheiro Pedro Autran da Matta Albuquerque, carta do Rio de Janeiro de 5 de março de 1877.

(b) Sr. Bispo D. Antonio de Macedo Costa, carta do Pará de 18 de outubro de 1877.

(c) Este juizo, que tanto concorda com os precedentes, não é de um brazileiro, mas do Ex.mo Sr. Conselheiro José Antonio Viale, o qual antes da publicação não se desprezou de tomar exacto conhecimento do mesmo trabalho; e no dia 17 de abril de 1878 rematou os seus favores com uma carta no mesmo theor.

(d) *Diario da Manhã*. Lisboa 9 de abril de 1878.

(e) *Nação*. Lisboa 29 de maio de 1878.

(f) *Jornal do Porto* e depois transcripto na *Palavra*.

(g) *Palavra*. Porto, 1 e 3 de junho de 1878.

benignamente o mesmo Exm.º Prelado a condecoral-a com auctoridade de seu nome; e é a seguinte:

«Na grande perturbação de idéas, que por diversos mo-«dos em toda a parte se manifesta na epocha presente, ra-«ras vezes o cultor da sciencia encontra um livro, que me-«reça a sua attenção, o seu estudo e os seus louvores.

«A famosa e recente publicação do livro intitulado *O* «*Chrysostomo Portuguez* não só despertou a nossa atten-«ção, mas tambem o julgamos merecedor de ser lido mui-«to principalmente pelo clero portuguez.

«Não é uma obra nova, não; mas quem conhece a diffi-«culdade d'uma renovação, dará a este livro um grande «apreço, e não duvidará affirmar que o seu auctor tem bem «merecido da litteratura portugueza.

«*O Chrysostomo Portuguez* é uma nova edição, se assim «lhe podemos chamar, do illustre e bem conhecido padre «Antonio Vieira, mas uma edição correcta, accrescentada, «consideravelmente melhorada e mais accommodada ao «gosto d'este seculo; porque o prégador, para merecer a «attenção do auditorio, deve ser do seu tempo, muito em-«bora a doutrina, que ensina, seja a velha e ortodoxa dou-«teina da Egreja Catholica.

«Quem se atreveria hoje a prégar um sermão d'este in-«signe Prégador, ou imitar o seu modo particular de expôr «as verdades da fé e os preceitos da moral?

«O nosso padre Vieira (1608-1697) foi contemporaneo «de Luiz Gongora y Arcote (1561-1625), principe dos «poetas hespanhoes do seu tempo; e que, pelo seu estylo «guindado e emprego de phrases menos proprias do as-«sumpto, fundou o chamado *gongorismo* que, do mesmo mo-«do que os sermões do padre Vieira, tem merecido repeti-«dos elogios e amargas censuras, signal evidente e caracteris-«tico de toda a verdadeira grandeza. Ambos obedeceram en-«tão ao gosto geral da sociedade, que o tempo e melhores «estudos têem devidamente condemnado e proscripto.

«Seria, porém, muito para desejar, e nós rogamos enca-

«recidamente ao clero portuguez, que se dedica ao exer-
«cicio de um dos primeiros e mais proveitosos ministerios
«do sacerdocio catholico, que tomasse para seu modelo *O
«Chrysostomo Portuguez*, e que depois não só abandonas-
«se umas certas collecções de sermões, que se publicam
«traduzidos, mas tambem que não promovesse por seu uso
«e assignatura algumas emprezas, puramente lucrativas,
«que, com grande e manifesto descredito do pulpito, se offe-
«recem a fazer sermões predicaveis para todos os assumptos,

«Não é claramente o resultado do seu estudo o sermão,
«que vão prégar: é um discurso muitas vezes inconvenien-
«te, pago por um tanto a quem o escreveu, e do qual os
«fieis não tiram proveito, os chamados criticos escarnecem e
«os homens sinceramente religiosos só têem a lamentar o
«descosido das idéas, o entono da phrase e a falta d'uncção.

«Se estes prégadores tomarem para modelo *O Chrysos-
«tomo Portuguez*, a sua linguagem será mais castigada, por-
«que o padre Vieira é um dos nossos melhores classicos, a
«energia da phrase e a sublimidade dos conceitos melhor
«escolhida, o agrado e proveito do auditorio mais assegu-
«rado e o fim do ministerio sagrado do pulpito mais satis-
«fatoriamente conseguido.

«Desejariamos que o auctor d'este livro tivesse publica-
«do o primeiro sermão das obras do padre Vieira, que é o
«da Dominga da sexagesima, e apoz elle, ou em frente d'elle,
«o sermão, que o auctor tambem publica em primeiro lo-
«gar, para que todos podessem confrontar os melhoramen-
«tos introduzidos na obra monumental da oratoria sagrada
«em Portugal; pois que nem todos poderão fazer esta com-
«paração, sendo já rara e custando cara a edição dos ser-
«mões do padre Vieira.

«Démos sempre subido valor ás obras do principe dos
«prégadores portuguezes, e ha muitos annos que possuimos
«um exemplar d'ellas impresso em 1679 e alguns manus-
«criptos ineditos: offerecemos ao illustre academico o sr.
«conselheiro José Tavares de Macedo um sermão que nos
«pareceu ser o original, escripto pela mão do padre Vieira,

«para S. Ex.ª juntar á sua preciosa collecção de autogra-
«phos; e só não temos o livro que Vieira intitulou—*De re-*
«*gno Christi in terris consummato*, por outro nome—*Cla-*
«*vis Prophetarum*, impresso em Roma em 1723, que o pro-
«prio auctor affirma *fôra o maior emprego dos seus estudos*.

«Agora muito folgamos com a leitura do primeiro volu-
«me do *Chrysostomo Portuguez*, que não é outra cousa mais,
«como já dissemos, que uma nova edição dos sermões do pa-
«dre Antonio Vieira, mas reformados, melhorados, e de cer-
«to modo mais accommodados ao gosto da epocha presente.

«O sabor de *gongorismo*, que se notava n'estes sermões,
«desappareceu; as applicações dos logares da Escriptura
«Sagrada menos proprias e probativas, foram eliminadas; os
retornellos e trocadilhos quasi que se não encontram.

«*O Chrysostomo Portuguez* é o padre Vieira na doutri-
«na ou na essencia dos seus bellos sermões; mas a fórma
«é outra na deducção logica, no estylo purgado dos defeitos,
«provindos do tempo, em que estes sermões foram préga-
«dos e na ordem das materias mais racional e mais commo-
«da para os que quizerem consultar e aproveitar-se d'este
«guia seguro na prégação christã.

«Serão sempre uma gloria immarcescivel do pulpito por-
«tuguez os sermões do padre Vieira e um thesouro abun-
«dante de linguagem classica e castiça para os philologos
«e amadóres das lettras patrias; mas *O Chrysostomo Por-*
«*tuguez* será um livro quasi indispensavel aos nossos pré-
«gadores na épocha presente, e que servirá para dirigir al-
«guns, para corrigir dos defeitos a muitos e para instruir e
«aproveitar a todos.

§ 6.º

Quaes e quão admiraveis são os sermões do segundo volume.

Resta agora informar brevemente o leitor ácerca dos ser-
mões d'este segundo volume e de seu nexo logico com o
primeiro e com os dous seguintes; pois não é sem ordem
a distribuição das materias d'estes quatro volumes. O ge-
nero oratorio do primeiro é geralmente o que os rhetoricos
chamam deliberativo; e só nos sermões do Mandato temos

algum ensaio do demonstrativo. O contrario é o que vemos n'este segundo, composto na maxima parte de sermões de festa.

Admiro n'elles o genio de Vieira ainda mais que nos do primeiro pela variedade e riqueza da elocução, pela novidade dos assumptos, pelos vôos com que esta aguia real se remonta na contemplação dos mysterios gloriosos do Salvador, e sobretudo pela fecundidade inexaurivel com que em septe sermões do Sacramento, ainda que prégados em tempos e logares diversos, vai sempre apresentando novos argumentos, novas imagens, novos planos oratorios, novas maneiras de sondar aquelle immenso abysmo de caridade; e como se tudo isto fôra pouco, não ha sermão prégado com o Senhor exposto, onde elle não ache outros modos ingenhosissimos de unir o mysterio da festa com o da Eucharistia. Mas sobre este poncto hei de fallar de proposito, no volume seguinte que é o dos sermões de Nossa Senhora e dos Sanctos; explicando qual é no genero dos panegyricos o estylo de Vieira, e como é o mais proprio do pulpito portuguez.

Outra cousa muito digna de reparo no presente volume são os sermões encadeados das quatro domingas do Advento; onde o orador carrega no seu auditorio com toda a força da sua eloquencia, já atimorizando-o, já confundindo-o salutarmente, já exhortando-o á penitencia, que parece não se póde respirar sob o impeto da sua argumentação. Tracta n'elles, primeiro, como Deus julga aos homens: segundo, como os homens se julgam entre si: terceiro, como cada um se julga a si mesmo: quarto, como o juizo da penitencia reforma todos estes juizos: ingenhosissima divisão, muito practica e verdadeira, a qual abre um campo vastissimo a todas as maravilhosas evoluções da sua estrategia oratoria e as proezas heroicas do seu genio.

Além d'isso nada é mais opportuno para os nossos dias que o ardido e consolador assumpto de dous outros sermões; um do bom Ladrão, isto é do modo com que os reis, se querem salvar-se, devem castigar os ministros ladrões: outro

da providencia, com que Deus tira das perseguições da Egreja o seu maior triumpho, e a governa pelo ministerio de Pedro que vive nos seus successores. Um e outro sermão parecem escriptos dous seculos mais tarde; tão exactamente quadram com as circumstancias do nosso.

Nem deixarei de assignalar outros dous de genero judicial e deliberativo tão maravilhosos, que não cedem a toda a eloquencia de Demostenes e de Cicero. Leia-se o do dia da Epiphania, que o grande orador prégou em Lisboa depois que foi expulsado do Maranhão; e o outro da primeira oitava da Paschoa, que prégou na matriz do Pará na occasião em que chegou a nova de se ter desvanecido a esperança das minas que com grandes impenhos se tinham ido descobrir; e ver-se-ha que não encareço os seus louvores.

Finalmente fique para o estudo do leitor o juizo de todos os outros, maximamente o da IV dominga de Paschoa sobre os damnos da tristeza, o da IV oitava sobre a paz e o da XX dominga de Pentecostes sobre os escrupulos dos antigos e modernos phariseus; pois é necessario que diga uma palavra da sua ordem geral e depois acabe.

Os sermões quaresmaes, e dos mysterios da Ressurreição, Ascensão, Sacramento, Natal e Epiphania tractados n'estes dous volumes seguem com pouca differença a ordem natural das materias: porque, sendo o fim de toda a prégação evangelica o conhecimento e amor de Jesus Christo nosso Bem, vamol-o n'esta compilação estudando de maneira, que no primeiro e segundo volume o consideramos em si mesmo, e como se nos manifesta por sua doutrina e exemplos; no terceiro e quarto consideramol-o reverberado de toda a vida da Egreja, quer triumphe com seus sanctos na patria da bemaventurança, quer milite com a sociedade civil n'este valle de lagrimas.

Veremos que quanto menos fecundo é o assumpto tanto maiores são as provas que o nosso orador dá do seu ingenho: por onde o quarto volume que contem sermões prégados em circumstancias politicas será mais admiravel que o terceiro dos panegyricos: este mais que o segundo; assim

como o leitor póde já ver por seus olhos que o segundo é mais que o primeiro. Tomara que fizesse a comparação e me instruisse se vou errado.

Entretanto para seguir o conselho que o ex.^mo sr. Arcebispo Primaz me deu na sua veneranda revista, ponho em um appendix d'este mesmo volume um sermão original do auctor; e assim, podendo cotejal-o qualquer leitor com o reduzido na compilação, se em alguma parte me enganei, m'o poderá indicar com maior facilidade. Escolhi o mais breve por ser muito opportuno para alcançar com menos trabalho da imprensa o fim que se pretende. É um dos poucos que levam na frente tres asteriscos (***) para indicar, como dissemos no primeiro prologo que n'elles se alterou toda a argumentação; differentemente da maior parte dos outros onde os dous asteriscos (**) mostram que a alteração foi sómente parcial; e muito mais dos que são distinctos por um (*) para avisar que apenas foram mudadas ou supprimidas algumas phrases.

Emfim a condescendencia dos sabios tem sido para commigo tão indulgente que perdoou á compilação toda a sorte de censura. Não sou tão estultamente presumido que julgue não haver n'ella que emendar. Só digo que se o Chrysostomo Portuguez saiu á luz n'estes dous volumes com menos imperfeições, o devo á poderosa assistencia e cooperação de dous meus collegas, o Padre Domingos Moscatelli e o Professor João Seraphim; os quaes se prestaram cortezmente a rever esta parte do meu trabalho, attendendo principalmente, o primeiro á doutrina, o segundo ao estylo. Folgo de dar a seu zelo, saber e paciencia este publico testimunho de gratidão.

ADVERTENCIAS DO AUCTOR

Acerca da auctoridade dos antigos Padres na exposição da Escriptura Sagrada, tiradas do seu livro da «Historia do Futuro» cap. 11 e 12

Porque na interpretação da Escriptura não seguimos sempre os padres antigos.

Ainda que o nosso intento é seguir em quanto nos fôr possivel as pisadas dos antigos padres, como padres e lumes da Egreja depois dos apostolos; e posto que o nosso desejo fôra levar sempre deante dos olhos esta segunda tocha para allumiar e penetrar com sua luz o escuro «dos textos da Escriptura que allegamos em nossos sermões;» comtudo, porque não é, nem será possivel seguir em algumas cousas este nosso intento e desejo, pede a razão que antes de passar mais adeante desfaçamos este reparo, para que os menos doutos ou mais escrupulosos não topem n'elle, e levem desde logo intendidas as causas do que fizermos e os fundamentos, licença ou auctoridade com que o fazemos. «Por vezes acontece» que ou não allegamos padres antigos ou nos desviamos da explicação que deram a alguns logares da Escriptura: o que não fazemos, senão com grandes razões, sem offensa da reverencia que lhes devemos, nem da verdade que seguimos; antes para maior segurança e fundamento d'ella; a qual é o nosso intento e obrigação buscar e descobrir aonde quer que se ache, antepondo este respeito a qualquer outro; pois á verdade se deve o maior de todos.

Dão-se tres razões.

As razões que nos movem e obrigam, são tres: a primeira, porque os doutores antigos não disseram tudo; segunda, porque não acertaram em tudo; terceira, porque não concordam

em tudo; e com qualquer d'estes casos nos póde ser não só licito e conveniente, senão ainda necessario seguir o que se julgar por mais verdadeiro; porque nas cousas que não disseram, é forçoso fallar sem elles; nas cousas em que não acertaram, é obrigação apartar d'elles; e nas cousas em que não concordaram, é livre seguir a qualquer d'elles, e tambem será livre e licito deixar a todos, se assim parecer, como logo explicaremos.

A primeira, porque elles não disseram tudo. Auctoridade de Canisio e de Castro.

II. Primeiramente é certo que os padres antigos não disseram tudo; e se prova claramente com a experiencia e licção de seus proprios livros, nos quaes se não acha memoria de muitas cousas grandes e doutas, achadas e accrescentadas depois, não só nas outras sciencias divinas, mas na intelligencia das mesmas Escripturas Sagradas e particularmente nas dos prophetas, que nos tempos mais chegados a nós se descobriram, disputaram e intenderam, como se lêem nos escriptores modernos. E posto que para os versados na licção de uns e outros bastava esta supposição sómente apontada, porei aqui para os demais as palavras de dous grandes doutores, Castro e Canisio, ambos do seculo antecedente a este nosso e ambos diligentissimos investigadores da antiguidade e doutissimos na erudição da Escriptura, concilios e padres; os quaes expressamente affirmam que muitas cousas se sabem e intendem hoje, que foram ignoradas dos padres antigos (como falla Castro), ou incognitas a elles (como mais certamente diz Canisio). As palavras d'este segundo no livro primeiro *De Beata Virgine*, cap. 7.°, são as seguintes: *Demum habuerint Patres suorum temporum rationem, quibus multa vel prorsus incognita erant vel obscura, neque satis evoluta, quae posteris diligentius excutienda et clarius illustranda explicandaque non sine certo Dei consilio relinquebantur*. E Castro no livro primeiro *Adversus haereses* cap. 2.°, depois de provar o mesmo com o logar do capitulo 6.° dos *Cantares* que abaixo citaremos, conclúi assim: *Quo fit ut multa nunc sciamus, quae a primis Patribus aut dubitata aut prorsus ignorata fuerunt*. A qual differença se não conheceu só com a comprida experiencia dos nossos tempos, senão já nos mesmos padres se conhecia: como muitos d'elles escreveram e particularmente entre os da primeira edade Tertulliano, e entre os da ultima Ricardo Victorino, cujas palavras de ambos referiremos «em seu logar».

Ha cousas que os padres não podiam saber pelas circumstancias do seu tempo.

A razão de muitas cousas que hoje se sabem serem incognitas aos padres antigos se póde considerar ou da parte de Deus ou da parte dos mesmos padres, ou da parte das mesmas cousas. Da parte das mesmas cousas nos não devemos admirar que

lhes fossem incognitas, por serem muitas d'ellas difficultosas, escuras e mui reconditas nas Escripturas Sagradas e enigmas dos prophetas, as quaes se não podiam intender e penetrar só com a agudeza dos intendimentos, por sublimes e sublimissimos que fossem, em quanto não estavam assistidos de outras noticias e circumstancias, que só se descobrem com o tempo e adquirem com larga experiencia.

Como aconteceu nas sciencias naturaes.

Excellente exemplo é n'esta materia o das sciencias e artes, ainda naturaes, as quaes em seus principios e rudimentos foram imperfeitas, e com os annos, experiencia e exercicio se vêem hoje sublimadas a tão eminente perfeição, como a nautica, a bellica, a musica, a architectura, a geographia, a hydrographia e todas as outras mathematicas; e assim como estas mesmas sciencias e artes cresceram e se apuraram muito com o soccorro e apparelho de exquisitos instrumentos, que n'ellas se inventaram, como foi na nautica o astrolabio, a agulha e o admiravel segredo da pedra de cevar; e na bellica o terribilissimo e subtilissimo invento da polvora, que deu alma e ser a tantos e tão admiraveis instrumentos de guerra; assim tambem poderam crescer e augmentar-se muito as sciencias divinas e chegar á perfeição e eminencia, em que hoje se vêem, com os instrumentos proprios d'ellas, que é a multidão de livros espalhados e facilitados por todo o mundo pelo beneficio da impressão, com que a doutrina e sciencia particular dos homens insignes se faz commum a todos em tão distantes logares: não sendo menor a commodidade dos mestres, que são instrumentos vivos das sciencias, no concurso de tantas e tão diversas universidades, theatros e officinas publicas de toda a sabedoria; commodidade de que no tempo dos Padres se carecia, sendo necessario ao doutor maximo S. Jeronymo (como elle mesmo escreve) copiar com immenso trabalho os livros por sua mão, e peregrinar á Grecia, á Palestina, ao Egypto e ás Gallias para recolher os escriptos de Sancto Hilario, ouvir a S. Gregorio Nazianzeno, a Didymo e aos mestres mais peritos na lingua hebraica; inconvenientes, que só podia vencer e contrastar um tão alentado espirito e zelo de servir á Egreja, como o do grande Jeronymo, digno tanto de immortal louvor pela eminencia de sua sabedoria, como pelos gloriosos trabalhos e suores com que a adquiriu e conquistou.

Epist. 22. *et.* 40.

Outras cousas deixaram os padres de especular por menos necessarias em seu tempo.

Da parte dos mesmos padres se deve egualmente considerar que deixaram de especular e dizer muitas cousas de grande importancia, que depois se souberam e escreveram, porque se accommodaram á necessidade dos tempos em que viviam. Todo o intento dos padres antigos era provar a verdade da Incarna-

ção do Filho de Deus e o mysterio da Cruz, a qual na cegueira dos judeus, como diz S. Paulo, se reputava por escandalo, e na ignorancia dos gentios por estulticia; e como esta era a guerra e conquista d'aquelles tempos, todas as armas da Sagrada Escriptura se forjavam e assestavam contra esta resistencia; e por isso os primeiros padres e seus successores nenhuma cousa buscavam nos livros sagrados, não só propheticos, senão ainda historicos, mais que os mysterios de Christo. E como isto é o que só buscavam para escrever, isto é o que só achavam, ou o que só escreviam seguindo os sentidos allegoricos e mysticos e deixando ou insistindo menos nos litteraes, como se vê ordinariamente em todas as exposições dos padres, que todas se empregam na allegoria, tocando muitas vezes só leve e superficialmente a lettra e talvez não sem alguma impropriedade e violencia. Assim o notaram entre os mesmos padres alguns mais modernos que os antigos, e outros menos antigos que os antiquissimos. Dos primeiros é Ricardo de S. Victor, contemporaneo de S. Bernardo no prologo sobre o propheta Ezechiel; onde confessa que se aparta de S. Gregorio, por se não chegar ao sentido litteral do Texto. Dos segundos é o mesmo S. Gregorio, padre do sexto seculo depois de Christo, no proemio sobre o livro dos Reis; onde diz que lhe foi necessario em algumas partes não seguir os padres mais antigos, por não faltar ao fio, consequencia e verdadeira interpretação da historia.

1. *Cor.* 1.

Finalmente se deve considerar este silencio das cousas que não disseram os padres, da parte de Deus, o qual com particular providencia não quiz que elles por então as soubessem e escrevessem, para que a Egreja nossa mãe se parecesse com seu Esposo e conforme os annos e edade fosse tambem crescendo em luz e sabedoria. Assim o notou, além de muitos outros theologos, o mesmo Canisio continuando o logar acima citado: *Non vero homini tantum, sed etiam Ecclesiae Christi tempus auget sapientiam et Spiritus Sanctus aliam atque aliam doctrinae lucem patefacit.* No cap. 6.º dos *Cantares*, d'onde o esposo é Christo e a esposa a Egreja, estão prophetizados os progressos que ella havia de ter e se comparam com extremada propriedade á luz da aurora: porque assim como a aurora nasce das trevas da noite e começa na primeira luz e n'ella vai sempre crescendo de menor para maior claridade, assim a Egreja, nascida nas trevas da ignorancia e infidelidade, começou em menos luz de sabedoria e vai sempre crescendo e augmentando-se mais e mais, de resplendor em resplendor, de claridade em claridade; que são os termos de que usa S. Paulo na segunda

A Egreja cresce em sabedoria para se parecer com seu Esposo. B. Canisio, S. Paulo S. Vicencio Lerinense.

epistola aos corinthios: *Nos vero revelata facie gloriam Domini speculantes in eandem imaginem transformamur a claritate in claritatem.* Fallava o Apostolo do véu da infidelidade com que os judeus teem cobertos os olhos para não ver a Christo; e diz que nós os christãos, que somos os membros de que se compõi a Egreja, tirado pela fé aquelle véu, com os olhos abertos e desimpedidos, por meio da propria especulação e estudo, imos crescendo de claridade em claridade; não já passando das trevas á luz, senão de uma luz para outra, sempre maior e mais clara, transformando-se por este modo a Egreja na imagem do seu mesmo Esposo, Christo. Porque assim como Christo, posto que sua sabedoria foi sempre egual e a mesma (em quanto Deus infinita, e em quanto homem consummadissima); comtudo nos actos exteriores e manifestação d'ella ao mundo, a não mostrou toda juncta, senão que a foi dispensando por partes, crescendo sempre n'ella ao passo que ia crescendo nos annos, como diz o evangelista S. Lucas; assim a Egreja, que é o corpo mystico do mesmo Christo, transformando-se na sua imagem e retratando-se n'elle e por elle, vai sempre crescendo mais e mais na luz e na sabedoria, á medida que cresce nos annos e na edade: *Crescere igitur oportet, et multum vehementerque proficiat tam singulorum quam omnium, tam unius hominis quam totius ecclesiae aetatum ac saeculorum gradus intelligentia, scientia, sapientia:* disse doutamente Vicencio Lerinense. De sorte que vai crescendo a intelligencia, a sciencia e a sabedoria pelos mesmos graus do tempo, com que vão passando os annos, os seculos e a edade; e isto não só na Egreja universal e em commum, senão nos homens e doutores particulares, que são os membros de que o seu corpo, e os raios de que a sua luz se compõi.

Luc. 2.

Dizem contra isto os herejes, (como notou Banhes), que a Egreja não está hoje mais allumiada, senão cada vez menos; e do mesmo sol tiram o argumento d'esta sua cegueira. Dizem que Christo é o sol da Egreja e aquella primeira verdadeira luz, *quae illuminat omnem hominem venientem in hunc mundum;* e que, quanto mais se vão apartando os nossos tempos do tempo em que Christo viveu entre os homens, tanto os raios da sua luz são mais tenues, mais escassos e menos intensos; bem assim como a luz do sol material e qualquer outra, allumia e aquenta mais aos que lhe ficam mais vizinhos, e menos aos que estão mais remotos e mais distantes.

Nem está, como dizem os herejes, menos allumiada que d'antes. *Joan.* 1.

Mas a apparencia d'esta razão é tão falsa como todas as de seus auctores; porque ainda que Christo corporalmente se apartou dos homens, espiritualmente e por particular e invisivel as-

Porque Jesus Christo está sempre assistindo á sua Esposa.

sistencia sempre ficou com elles e os assistirá (dentro porém da sua Egreja) até o fim do mundo, como prometteu a todos os verdadeiros discipulos de sua doutrina, quando lhes disse: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem saeculi.* Tambem deixou em seu logar por segundo mestre de sua eschola ao Espirito Sancto, egualmente Deus como elle; o qual, com a mesma e não differente luz, não só allumia a Egreja com os mesmos resplendores da verdade, mas segundo a disposição da sua providencia os vai descobrindo maiores a seu tempo; ensinando e declarando aquellas occultas e altissimas verdades que por menos capacidade dos seus discipulos deixou Christo de lh'as dizer, quando por si mesmo às ensinava; dizendo-lhes porém (para que o judeu «e o hereje» não duvidem da assistencia do Espirito Sancto á Egreja e Cabeça d'ella), que o Espirito lhes ensinaria: *Ad hoc multa habeo vobis dicere: sed non potestis portare modo. Cum autem venerit ille Spiritus veritatis, docebit vos omnem veritatem.*

Matth. 28.

Joan. 26.

Texto notavel de Tertulliano *De vel. virg. in princ.*

E porque a perfidia heretica se nos não queira accolher por pés (como impudentemente fazem ainda em logares egualmente claros de outras Escripturas) fugindo para os tempos antigos, em que elles confessam que a Egreja esteve verdadeiramente allumiada, ouçam ao antiquíssimo Tertuliano: «Regula quidem «fidei una omnino est, sola, immobilis et irreformabilis. Hac «lege fidei manente, caeterae jam disciplinae et conversationes «admittunt novitatem correctionis, operante scilicet et proficiente «usque in finem gratia Dei. Quale est enim, ut, diabolo semper «operante et adjiciente quotidie ad iniquitatis ingenia, opus Dei «aut cessaverit aut proficere destiterit, cum propterea Paraclitum «miserit Dominus, ut, quoniam humana mediocritas omnia se«mel capere non poterat, paulatim dirigeretur et ordinaretur «et ad perfectum produceretur disciplina ab illo Vicario Domini, «Spirito Sancto? Quae est ergo Paracliti administratio, nisi haec, «quod disciplina dirigitur, quod Scripturae revelantur, quod in«tellectus reformatur, quod ad meliora perficitur?» Não me detenho em romancear as palavras, porque são em summa tudo o que atégora temos dicto; só peço se pondere aquella nova e bem achada razão de Tertulliano: *Quale est enim ut, diabolo semper operante et adjiciente quotidie ad iniquitatis ingenia, etc.* Se o demonio sempre obra e não desiste de accrescentar cada dia novos erros e novos enganos com que impugnar, e novas trevas com que diminuir e escurecer a luz da verdade e esplendor da Egreja; como havia o Espirito Sancto de cessar em accrescentar sempre n'ella novas luzes contra essas trevas, novas verdades contra esses erros, nova claridade contra esses enga-

nos e novas victorias contra esse inimigo e seus sequazes? Em sua mesma cegueira tem o hereje a prova da maior luz da Egreja. Por isso disse S. Paulo: *Oportet et haereses esse;* e esse é o bem que tira de tão grande mal aquella sapientissima providencia, que, como doutamente disse Sancto Agostinho, teve por maior gloria de sua grandeza fazer dos males bens, que não permittir os males.

Cor. 1.

Assim que, os que quizerem reconhecer os augmentos da sabedoria, em que sempre vai crescendo a Egreja com os annos, não devem tomar a similhança do sol e da luz, senão da fonte e do rio; a que o mesmo Christo comparou a sua doutrina, quando disse: *Si quis sitit, veniat ad me et bibat. Qui credit in me, sicut dicit Scriptura, flumina de ventre ejus fluent aquae vivae. Hoc autem dixit de Spiritu, quem accepturi erant credentes in eum.* A luz, que sái do sol, quanto mais distante, mais se vai enfraquecendo e diminuindo: mas o rio, que nasce da fonte, quanto mais caminha e mais se aparta do seu principio, tanto mais se engrossa; porque vai recebendo novas correntes e novas aguas, com que se faz mais largo, mais profundo, mais caudaloso. Tal é a sabedoria da Egreja, entrando sempre n'ella as purissimas correntes da doutrina de tantos doutores catholicos e sapientissimos, que cada dia a augmentam com novos e tão excellentes escriptos em uma e outra theologia; de que o nosso seculo (o decimo-septimo) tem sido mais fecundo e mais abundante que todos até hoje. A sabedoria da Egreja no allumiar é luz e no correr é rio; rio d'aquella mesma fonte e luz d'aquelle mesmo sol que é Christo; «e porque» Christo é sol com propriedade de fonte; a Egreja é luz com propriedade de rio, e por isso sempre mais allumiada, sempre mais vestida de resplendores. E como por esta providencia particular de Deus, e pela difficuldade e gravidade de muitos logares da Escriptura e pela applicação dos padres á confirmação de outras verdades e á resistencia de outras batalhas proprias d'aquelles tempos, deixaram de escrever algumas cousas com que a Egreja depois se foi allumiando e illustrando; não é muito que n'estas, que elles não disseram, fallemos e hajamos de fallar sem elles. Nem isto se nos deve imputar a menos veneração dos mesmos padres doutissimos e sanctissimos; porque não querer descobrir, nem saber o que elles não disseram, antes é vicio da ociosidade, que virtude da reverencia; como bem conclúi o mesmo Ricardo Victorino acima allegado: *Sed nec illud tacite praetereo, quod quidem ob reverentiam Patrum nollent ab ipsis omissa attentare; ne videatur aliquid ultra majores praesumere; sed inertiae suae hujusmodi velamen habentes otio torpent et aliorum in-*

A sabedoria da Egreja é por differentes modos luz e rio.

Joan. 7.

dustriam in veritatis investigatione et inventione derident, subsannant et exsufflant. Sed qui habitat in coelis irridebit eos, et Dominus subsannabit eos. Leiam e temam esta sentença os que culpam os que não querem ser culpados n'ella; e advirtam que tambem é um dos padres o que isto disse.

Segunda razão. Notam muitos theologos que os padres não acertaram em tudo.

III. Em segundo logar diziamos que os padres não acertaram em tudo; e posto que poderamos provar a verdade d'este fundamento com a demonstração das cousas em que não acertaram; lembrados porém da reverencia que os filhos devem aos paes e da benção que mereceram aquelles dous honrados filhos, Sem e Japheth, quando voltaram as costas e apartaram os olhos do que em seu pae Noé podia ser menos decente; nós tambem lançaremos a capa sobre esta materia, deixando tão indigno assumpto a Luthero, Calvino, Beza e Wikleph e outros legitimos herdeiros do impio e irreverente Cam. Não negamos, comtudo, que houve muitos auctores catholicos e pios, em cujos livros se podem ver por juncto estes exemplos; os quaes elles escreveram, não por menos reverencia que tivessem aos antigos padres, por sua sabedoria e sanctidade egualmente merecedores de eterna veneração; mas por zelo da verdade, necessidade de doutrina e cautela dos menos doutos que lessem as suas obras: bem assim como os que pintam cartas de marear signalam no vastissimo e profundissimo oceano os baixos (poucos e rarissimos, se se compararem com a immensidade de suas aguas) para maior vigilancia e segurança dos que navegam. Escreveram n'este genero doutissimamente Sixto Senense em todo o quinto e sexto livro da sua Bibliotheca Sancta; Ferdinando Vilocilo, bispo de Luca nas Advertencias theologicas sobre cinco padres da Egreja; Affonso de Castro *Adversus haereses;* Antonio Possevino no Apparato Sacro; o cardeal Cesar Baronio em muitos logares dos seus Annaes; Melchior Cano *De locist heologicis*, e outros.

Confessam-no os mesmos padres. Textos de Sancto Agostinho e S. Jeronymo.

Mas entre estes exemplos naturaes da fragilidade humana podemos ler em prova d'elles outros dos mesmos Padres; em que confessando com alta humildade e modestia que podiam errar como homens, nos ensinam no conhecimento que tinham de si e nós devemos ter de nós, quão verdadeiramente eram sanctos e por isso mesmo sapientissimos. Porei aqui as palavras de dous dos maiores doutores, um de theologia escholastica e outro da positiva, Sancto Agostinho e S. Jeronymo. Sancto Agostinho escreve d'esta maneira: *Neque enim quorumlibet disputationes quam vis catholicorum et laudatorum hominum velut scripturas canonicas laudare debemus, ut nobis non liceat (salva honorificentia quae illis debetur) aliquid in eorum scriptis*

improbare ac respuere (si forte invenerimus quod aliter senserint ac veritas habet) divino adjutorio vel ab aliis intellecta vel a nobis: talis ego sum in scriptis aliorum; tales volo esse intellectores meorum. As sciencias e regulações dos auctores, posto que sejam catholicos, mui louvados e estimados por sua sciencia e doutrina, não as devemos ler como escripturas canonicas de tal sorte que nos não seja licito (salva a reverencia de suas pessoas) reprovar e não seguir algumas cousas das que disseram, quando acharmos por outra via a verdade, ou melhor intendida por outros, ou tambem por nós. Este é o modo (diz Sancto Agostinho) com que eu leio os escriptos dos outros e com que quero que sejam lidos os meus. O mesmo sentia S. Jeronymo assim dos escriptos alheios como dos proprios; cujas palavras na epistola a Theophilo contra os erros de João Hierosolymitano são estas: *Scis me aliter habere apostolos, aliter alios auctores: illos semper vera dicere; istos in quibusdam ut homines aberrare.* Só os apostolos, como allumiados por Deus, disseram a verdade em tudo: os outros homens, como homens, erram e podem errar, diz o doutor maximo; e se o fundamento dos erros humanos é o effeito natural de serem os homens homens, bem se segue que nenhum homem se póde livrar d'esta pensão da humanidade por douto e sapientissimo que seja. Exemplo seja o prodigioso livro das retractações de Sancto Agostinho, mais digno de veneração por aquella obra, que por todas as suas; o qual proseguindo a mesma sentença de S. Jeronymo, no livro segundo *De baptismo* contra os Donatistas, cap. 5.º diz assim com admiravel piedade e juizo: *Homines sumus: unde aliquid aliter sapere quam se res habet, humana tentatio est: nimis autem amando sententiam suam, vel invidendo melioribus usque ad prescindendae communionis et condendi schismatis vel haeresis sacrilegium pervenire, diabolica praesumptio est, in nullo autem aliter sapere quam se res habet, angelica perfectio est.* De maneira que, segundo Sancto Agostinho, errar em alguma cousa é fraqueza de homens; acertar em tudo é perfeição de anjo; e querer defender seu parecer, até romper a caridade e união da Egreja, é presumpção de demonio: e como os Sanctos Padres fossem obedientissimos filhos da Egreja catholica, a cujo supremo juizo sujeitaram sempre todos os seus escriptos, se em alguma cousa desacertaram, como dissemos ou suppomos, é argumento só de que foram homens e não anjos.

Eram occasião de erro para os padres antigos as opiniões dos doutos do seu tempo.

Mas para que se veja a occasião ou occasiões que tiveram para não acertar com a verdadeira intelligencia de algumas Escripturas; direi agora o que da ponderação das mesmas Escripturas e das exposições dos Padres sobre ellas e das opiniões

que eram communs e recebidas entre os doutos, quando elles escreveram, tenho colhido. E ponho aqui tanto de melhor vontade esta minha advertencia, em que não acabei de cair de todo, senão depois de muitos annos de estudo e licção dos mesmos Padres, quanto d'ella se póde colher facilmente, e sem menos louvor de sua grandeza e sabedoria, quão impossivel cousa lhes era acertarem, n'aquelle tempo, em aquellas supposições com o verdadeiro intendimento de alguns logares da Escriptura que elles interpretaram em alheio e differente sentido.

Falta que havia então da verdadeira cosmographia.

Uma das occasiões que os Padres tiveram para não poderem intender em seu tempo o sentido litteral e historico d'aquelles textos, era a falta que então havia no mundo da verdadeira e exacta cosmographia e a errada opinião, ou de que o globo da terra não era espherico, ou de que as partes oppostas ás que n'aquelle tempo se conheciam, eram não só desertas, senão ainda inhabitaveis. Este sentimento, que foi de muitos philosophos antigos, se tinha entre os Padres por verdade muito certa e averiguada, negando geralmente a opinião ou fama de haver os que então se chamavam antipodas: posto que os principios, por que os Padres os negavam não eram entre todos as mesmas razões philosophicas em que alguns se fundavam, que então (antes da experiencia) tinham nome de razões e hoje (depois d'ellas) nos parecem ridiculas.

Como por isso errou Lactancio *Lib. 3. divin. inst. c. 24.*

Descreve Lactancio Firmiano, que era um dos padres e muito douto d'aquelle tempo; e zombando elegantissimamente dos que tinham a opinião contraria, discorre assim: «Quid illi, qui esse «contrarios vestigiis nostris antipodas putant? Num aliquid lo«quuntur? Aut est quisquam tam ineptus, qui credat esse ho«mines, quorum vestigia sint superiora quam capita? Aut ibi, «quae apud nos jacent, inversa pendere? Fruges et arbores «deorsum versus crescere? Pluvias et nives et grandinem sursum «versus cadere in terram? Et miratur aliquis hortos pensiles «inter septem miracula narrari, cum philosophi et agros et ur«bes et maria et montes pensiles faciant? Hujus quoque erroris «aperienda nobis origo est... Quae igitur illos antipodas ratio «produxit? Videbant siderum cursus in occasum meantium; solem «atque lunam in eamdem partem semper occidere, atque oriri «semper ab eadem. Cum autem non perspicerent quae machi«natio eorum cursus temperaret, nec quomodo ab occasu ad «orientem remearent, coelum autem ipsum in omnes partes «putarent esse devexum; quod sic videri propter immensam la«titudinem necesse est; existimarunt rotundum esse mundum «sicut pilam, et ex motu siderum opinati sunt coelum volvi. «Sic astra solemque, cum occiderint, volubilitate ipsa mundi ad

«ortum referri; itaque aereos orbes fabricati sunt quasi ad fi-
«guram mundi, eosque coelorum portentosis quibusdam simu-
«lacris, quae astra esse dicerent. Hanc igitur coeli rotunditatem
«illud sequebatur, ut terra in medio sinu ejus esset conclusa:
«quod si ita esset, etiam ipsam terram globo similem; neque
«enim fieri posset, ut non esset rotundum, quod rotundo con-
«clusum teneretur. Si autem rotunda etiam terra esset, necesse
«esset, ut in omnes coeli partes eamdem faciem gerat; id est,
«montes erigat, campos tendat, maria consternat: quod si esset,
«etiam sequebatur ut nulla sit pars terrae, quae non ab homi-
«nibus, caeterisque animalibus incolatur. Sic pendulos istos an-
«tipodas coeli rotunditas adinvenit. Quod si quaeras ab his qui
«haec portenta defendunt, quomodo ergo non cadant omnia in
«inferiorem coeli partem? Respondent hanc rerum esse naturam
«ut pondera in medium ferantur et ad medium connexa sint
«omnia, sicut radios videmus in rota: quae autem levia sunt, ut
«nebula, fumus, ignis, ita a medio deferantur, ut coelum petant.
«Quid dicam de his, nescio; qui cum semel aberraverint, con-
«stanter in stultitia perseverant et vana vanis defendunt: nisi
«quod eos interdum puto aut joci causa philosophari, aut pru-
«dentes et scios mendacia defendenda suscipere, quasi ut inge-
«nia sua in malis rebus exerceant vel ostentent.» Atéqui
Lactancio, não se rindo menos dos que n'aquelle tempo ti-
nham esta opinião, do que nós hoje nos podemos rir d'elle:
por isso não duvidei de copiar esta pagina de latim, que para
os que bem o intendem sei de certo não será larga por sua ma-
teria e elegancia; e muito menos para os que o não intendem,
porque o passarão mais brevemente. O mesmo peço eu que
façam os que não teem a necessidade de ver a traducção d'ella,
que agora se segue, para que não fiquem com o sentimento de
quão mal se pode trasladar á nossa lingua a elegancia da lati-
na—Que direi d'aquelles (diz Lactancio), os quaes tiveram para
si que ha no mundo outros homens, que andam com os pés
virados para nós, a que chamam antipodas? Por ventura dizem
estes alguma cousa, que tenha fundamento; ou pode haver ho-
mem de tão pouco juizo, que se lhe metta na cabeça que ha
homens que andem com a cabeça para baixo; e que todas as
cousas que aqui estão em pé e direitas, lá estejam penduradas?
Que as arvores cresçam para a parte inferior? Que a chuva caia
para cima? E que os que hão de colher os fructos, hajam de
descer aos ramos e não subir? E espantamo-nos que os hortos
pensiles se contem entre as septe maravilhas do mundo, quan-
do ha philosophos, que fazem campos pensiles, mares pensiles,
e cidades pensiles; em que as torres e os telhados estão pen-

durados para baixo? Mas será bem que digamos a origem d'onde teve principio este erro, e que razão moveu, ou levou estes homens a uma cousa tão irracional, como haver antipodas. Viam que o sol a lua e estrellas saíam sempre do oriente e entravam pelo occaso; viam, ou cuidavam que viam, que este céu que nos cobre, tem figura de uma abobada (sendo que esta representação não a faz a figura do céu, senão o termo e fraqueza de nossa vista); e não intendendo o modo por que esta machina se governa, vieram a imaginar que o mundo era redondo como uma bola; e assim fingiam que havia no céu varios orbes de materia solida como bronze, em que estavam esculpidas estas imagens e corpos portentosos a que chamamos estrellas e planetas. D'esta redondeza ou rotundidade do céu inferiam ou assentavam que tambem a terra era redonda; e accommodando-se naturalmente á figura do corpo exterior e maior, dentro do qual estava mettida e torneada d'esta maneira e feita redonda a terra, tiravam por segunda consequencia que tambem havia de estar povoada de homens e de animaes em todas as partes, como está n'esta em que vivemos. Assim que a imaginada rotundidade do céu foi a inventora d'estes antipodas pendurados. E se perguntarmos aos defensores d'este perpetuo portento, como póde ser que os homens que fingem com os pés para cima, se lhes não despeguem da terra, e como não caem por esses ares abaixo, respondem que é o peso natural da terra que de todas as partes inclina para o centro: assim como do mesmo eixo sáem os raios para a roda; assim as cousas pesadas vão buscar o meio; as cousas leves, como o fogo, os fumos, as névuas, sobem direitas para as diversas partes do céu, de que a terra está cercada. O que se haja de dizer de taes homens e de taes intendimentos, não sei, só digo que depois de terem caido no primeiro erro, perseveram constantemente na sua ignorancia; defendendo umas cousas vãs com outras tão vãs como ellas: sendo que algumas vezes cuido, que não dizem nem escrevem isto de sizo, senão por jogo e zombaria; e que sabendo muito bem que tudo o que dizem são fabulas e mentiras, as defendem comtudo para os tentar habilidade e ingenho, empregando tão bons intendimentos em tão más cousas. —

E como errou Sancto Agostinho.

Este é o discurso de Lactancio no terceiro *Divinarum Institutionum*, cap. 24; e foi bem que o deixasse tão miudamente escripto, para que soubessemos o que n'aquelle tempo se sabia do mundo; e para que saiba o mesmo mundo quanto deve aos portuguezes, primeiros descobridores de seus antipodas. Sancto Agostinho tambem teve a mesma opinião de Lactancio, posto que lhe não contentaram os seus fundamentos; os quaes impu-

gna no livro das suas Categorias. Mas no livro 16 *De Civitate Dei* resolve que se não deve crer que ha antipodas, com palavras de tanta segurança, como as seguintes: *Quod vero et antipodas esse fabulantur, id est, homines a contraria parte terrae, ubi sol oritur, quando occidit nobis, adversa pedibus nostris calcare vestigia, nulla ratione credendum est: nec hoc ulla historica cognitione didicisse se affirmant; sed quasi ratiocinando conjectant.* E quanto á fabula dos que fingem que ha antipodas (diz Sancto Agostinho), isto é, homens da outra parte do mundo, onde o sol lhes nasce a elles, quando se põi a nós e que pisam a terra com pés voltados para os nossos como nós para os seus, é cousa que de nenhum modo se ha de crer, nem os seus auctores o provam com alguma historia que tal affirme; e só o conjecturam por discursos. Não dissera isto o sapientissimo doutor, se já n'aquelle tempo estiveram escriptas as historias dos portuguezes. Mas este é o maior louvor da nossa nação (como disse um orador d'ella), que chegaram os portuguezes com a espada, onde Sancto Agostinho não chegou com o intendimento.

Com que argumentos nega a existencia dos antipodas.

A razão de Sancto Agostinho com que negou os antipodas, ainda encarece mais este louvor nosso; porque o argumento em que se funda é este. Todos os homens que se propagaram e extenderam pelo mundo, são descendentes de Adão, como consta da Escriptura: logo segue-se que não ha nem póde haver antipodas; porque se os houvera, haviam de ter passado á outra parte do mundo por cima da immensidade do mar oceano; e é grande absurdo dizer que os homens podessem fazer tal navegação. Esta é a razão de Sancto Agostinho; e este o famoso elogio, que sem saber de quem fallava, disse o famoso e illustrissimo africano dos portuguezes, conquistadores depois de sua patria. *Nimisque absurdum est* (são palavras suas no mesmo logar) *ut dicatur aliquos homines ex hac in illam partem, oceani immensitate trajecta, navigare ac pervenire potuisse, ut etiam illic ex uno illo primo homine genus institueretur humanum.*

A mesma opinião era commum entre os outros padres.

Esta mesma opinião foi commum entre os padres da Egreja; e assim a lemos expressa ainda antes de Lactancio, em S. Justino, e antes de Sancto Agostinho, em Sancto Hilario, em S. João Chrysostomo, S. Basilio e Sancto Ambrosio; e muitos annos e seculos depois em Procopio, Theophylacto, Euthymio e outros; uns fundando-se nas razões já referidas; e todos n'aquella tão celebrada dos philosophos, historiadores e poetas, que não só faziam inhabitavel a zona torrida; mas suppunham tão grande incendio n'ella pela vizinhança do sol, que de nenhum modo se podia passar. *Media vero terrarum* (diz Plinio) *qua solis orbita*

Plin. lib. 2. cap. 68.

est, exusta flammis et cremata, cominus vapore torretur. Circa duae tantum inter exustam et rigentem temperantur; et aeque ipsae inter se non perviae propter incendium sideris. Este incendio da zona torrida ainda em tempos tão chegados aos nossos era um dos mais famosos argumentos, com que os reprovadores da empreza do infante Dom Henrique a impugnavam e tinham por impossivel aquelle descobrimento, como referem as nossas historias. A estas razões profundamente philosophicas e a este discurso accrescentavam os Padres outras theologicas e alguns textos da Escriptura sagrada, que antes da experiencia parecia affirmarem ou definirem claramente que debaixo da terra não havia outra cousa mais que a agua. Assim o argumentava Procopio sobre o primeiro capitulo do Genesis, dizendo: *Quod autem universa terra in aquis subsistat, nec ulla sit, pars ejus, quae infra nos sita sit; aquis vacua et denudata hominibus, notum reor; nam sic docet Scriptura: Qui expandit terram super aquas. Et iterum: Quia ipse super maria fundavit eum.* O primeiro logar é do psalmo 135 e o segundo do psalmo 23. E verdadeiramente que as palavras de um e outro são tão claras, que se a vista dos olhos não tivera ensinado o contrario, parece se deviam intender assim; e que Deus, que tudo pode, para mostrar sua omnipotencia tinha fundado a terra sobre a agua.

Procop. in Gen. relatus a Xisto senens. ib. 5 ann. 21.

Era tambem commum entre os philosophos antigos. Melhor interpretação de dous textos da Escriptura.

Assim o cuidou Tales Milesio, um dos septe sabios da Grecia, com muitos outros philosophos, os quaes referiam os tremores da terra á inconstancia d'este fundamento de sua natureza tão pouco solido. Mas depois que a experiencia nos mostrou que debaixo, ou da parte opposta a esta terra, ha outros habitadores, que são os antipodas, a emenda d'este engano nos ensinou tambem a intender aquelles textos de David, cujo verdadeiro sentido é este: Quando Deus creou o mundo, no principio estava o elemento da terra coberto com o elemento da agua; mas como por esta causa ficasse a terra vazia e inhabitavel: *Terra autem erat inanis et vacua;* o que fez a Providencia divina foi apartar a agua de cima da terra e dar-lhe outro logar, que é o que hoje tem o mar, para que ficasse a terra superior a elle e podesse produzir e ser habitada: *Et dixit Deus: Congregentur aquae in locum unum et appareat arida* ; e porque a terra por este modo ficou superior á agua, por isso diz David, que a terra está sobre ella; isto é, superior a ella e não inferior e debaixo, como de antes estava e por sua natureza devia estar. Repito o texto todo, para que da consequencia d'elle se veja melhor a verdade e clareza d'esta exposição: *Domini est terra et plenitudo ejus, orbis terrarum et universi qui habitant in eo: quia ipse super*

Gen. 1. Ps. 23.

maria fundavit eum et super flumina praeparavit eum. Deus é o Senhor da terra e de todos seus habitadores; e porque é Senhor da terra? Porque a fundou: e é Senhor de seus habitadores, porque fazendo que fosse superior ao mar e aos rios a fez habitavel. E essa é a energia da palavra *praeparavit:* porque fazendo a terra superior á agua a preparou e accommodou a que se podesse habitar: *Ratio cur Dominus terrae omniumque in ea rerum sit Deus* (diz Lorino), *quoniam terram ipse fecit et supereminere aquis ut habitari posset.* E não é muito que Lorino intendesse melhor este texto da terra e do mar, que Procopio: porque Procopio não sabía que havia mar e terra habitada dos antipodas, e Lorino sim. Mas vamos «ao terceiro poncto do nosso discurso.

Terceira razão de não seguirmos sempre os Padres é porque ás vezes não concordam entre si e só a Egreja é infallivel.

III. Provámos que nas cousas em que os Padres antigos interpretando a Escriptura não acertaram, não só é licito e conveniente, senão ainda necessario apartar-se d'elles. N'isto fica tambem provado que onde não concordaram é livre seguir a qualquer d'elles e até deixal-os a todos se assim parecer. Bem se vê que não fallamos nem podemos fallar das interpretações authenticas da Egreja, as quaes, como são feitas pela assistencia do Espirito Sancto, trazem logo comsigo o sello da infallibilidade; por onde são irreformaveis. Mas vai muito de uma definição da Egreja a uma interpretação dos padres e doutores particulares. Onde elles não concordam, pode achar-se engano ou em alguma das partes ou em todas. No primeiro caso cumpre seguir a parte mais razoavel; no segundo nenhuma. D'aqui procede a novidade de algumas interpretações que n'estes sermões se póde encontrar, postoque nosso intento é seguir sempre, assim na materia como na fórma da prégação, as pisadas dos padres antigos. Todos sabem a vantagem que leva uma interpretação fundada na auctoridade d'aquelles que do Espirito de verdade receberam particular dom para serem mestres e luzeiros da Egreja. Mas, emfim, esta auctoridade não é de todo o poncto infallivel, senão quando concorda com a do mestre universal, que é o Pontifice Romano; e portanto onde falta este juizo irrefragavel, descobrindo-se engano evidente, forçoso é lançar mão de novas interpretações. Como porém o phantasma da novidade é o que mais assombra os pusillanimes, procuraremos abatel-o desde já com razões particulares».

A novidade por si mesma não é um crime. Prova-se com o facto da Vulgata de S. Jeronymo.

Pensão é muito antiga das cousas boas e grandes serem accusadas de novas. O maior exemplo de todos n'este caso é o d'aquella divina obra de S. Jeronymo na versão da Sagrada Biblia, que hoje adoramos por canonica, tão extranhada quando nova, não por gentios ou herejes, nem só por quaesquer ca-

tholicos, senão pela maior luz da Egreja, Sancto Agostinho. Quero pôr aqui as palavras d'este grande e sanctissimo doutor, escriptas não a outrem, senão ao mesmo S. Jeronymo: *De vertendis autem in latinam linguam sanctis libris laborare te nollem: nam aut obscura sunt, aut manifesta. Si enim obscura sunt, te quoque in eis falli potuisse non immerito creditur; si autem manifesta, superfluum est te voluisse explanare quod illis latere non potuit.* Quanto á versão das Escripturas sagradas na lingua latina obra é (diz o Sancto), em que eu não quizera que vós empregasseis o vosso trabalho; porque ou ellas são escuras ou manifestas. Se escuras com razão se crê que tambem vos podeis enganar na sua interpretação, como os outros escriptores; e se manifestas, superflua diligencia é quererdes vós explicar o que os outros não podem deixar de ter intendido. Atéqui zelosa, elegante e ingenhosamente Sancto Agostinho: ao qual respondeu S. Jeronymo com egual ingenho, zelo e elegancia, e verdadeiramente com victoria, por estas palavras: «Porro quod dicis non «debuisse me interpretari post veteres, et novo uteris syllogismo, «tuo tibi sermone respondeo. Omnes veteres tractatores, qui «nos in Domino praecesserunt, et qui Scripturas Sanctas inter«pretati sunt, aut obscura interpretati sunt, aut manifesta? Si «obscura, quomodo tu post eos ausus es disserere quod illi ex«planare non potuerunt? Si manifesta, superfluum est te voluisse «disserere quod illis latere non potuit. Respondeat mihi prudentia «tua: quare tu post tantos et tales scriptores et interpretes in «explanatione psalmorum diversa senseris? Si enim obscuri «sunt psalmi, te quoque in eis falli potuisse credendum est. «Si manifesti, illos in eis falli potuisse non creditur; ac per «hoc utroque modo superflua erit interpretatio tua, et hac lege «post priores nullus loqui audebit; et quodcunque alius occu«paverit, alius de eo scribendi non habebit licentiam.» Quanto ao que me dizeis (diz S. Jeronymo a Sancto Agostinho) que eu me não devia cançar em interpretar as Escripturas depois dos antigos interpretes d'ellas, e para isso usais d'aquelle novo syllogismo, respondo com as mesmas vossas palavras: Todos os expositores dos Livros Sagrados que nos precederam no Senhor, ou interpretaram o que era escuro, ou o que era manifesto. Se o que era escuro, como vos atreveis tambem a declarar o que elles não poderam? Se o que era manifesto; superfluo trabalho é cançar-vos em querer fazer intender, o que elles não podiam deixar de ter intendido. Responda-me logo vossa prudencia, com que razão depois de tantos e taes interpretes vos atrevestes na exposição dos psalmos a sentir diversamente do que elles sentiam; porque, se os psalmos são escuros, tambem

Aug. epist. ad Hieron.

se deve intender que vós vos podeis enganar na sua intelligencia; e se são claros e manifestos, superflua é e não necessaria a vossa interpretação; e segundo esta lei ninguem poderá fallar depois dos primeiros; e tanto que um se adeantar á exposição de algum livro sagrado, logo nenhum outro terá licença para escrever sobre elle.

Os reparos da novidade são pensão das cousas boas.

Isto dizia Sancto Agostinho a S. Jeronymo sobre a novidade de sua versão, a qual hoje é de fé; e isto S. Jeronymo a Sancto Agostinho sobre a novidade da sua exposição dos psalmos, que hoje é antiquissima e mui venerada: e depois d'ella se escreveram infinitas outras mais novas; e ainda os psalmos não estão bastantemente interpretados. Assim que os reparos da novidade são pensão (como dizia) das cousas boas e grandes; e não só entre os inimigos e impugnadores da verdade, senão entre os maiores zeladores e defensores d'ella.

Não é o tempo mas a razão a que dá credito aos escriptores.

Mas d'estes mesmos exemplos se convence claramente, quão frivolas são e pouco efficazes as accusações do que se extranha por novo. Não é o tempo, senão a razão, a que dá o credito e auctoridade aos escriptores; nem se deve perguntar o *quando*, senão o *como* escreveram. A antiguidade das obras é um accidente extrinseco, que nem tira, nem accrescenta validade; e só porque põi os auctores d'ella mais longe dos olhos da inveja, lhes grangeia a triste fortuna de serem mais venerados, ou melhor conhecidos depois da morte, que vivos. As trevas foram mais antigas que o sol, e os animaes que o homem. O Testamento velho não é mais perfeito que o novo, por ser mais antigo; nem o novo perde a perfeição e excellencia que tem sobre o velho, por ser mais novo. Que cousa ha hoje tão antiga, que não fosse nova em algum tempo? Diz Salomão que não ha cousa nova debaixo do sol; e ainda é mais universalmente certo que não ha cousa debaixo do sol que não fosse nova. Se a nossa religião é nova, argumentava Arnobio contra os gentios, tempo virá em que seja velha; e se a vossa superstição é velha, tempo houve em que tambem foi nova. Dizeis que a religião christã é nova, porque ainda não tem quatrocentos annos; e ha menos de dous mil que os deuses que vós adoraveis ainda não tinham cento. E verdadeiramente é assim: quantas cousas são hoje exemplo, que começaram sem exemplo? Todas as opiniões ou verdades que se escreveram, tiveram principio; e aquelle que as começou sem auctor foi o primeiro que lhes deu auctoridade.

Eccles. 1.

Razões de S. Jeronymo em defeza da Vulgata.

Accodia S. Jeronymo á queixa da sua nova versão e diz assim contra Rufino: *Periculosum opus certe et obtrectatorum latratibus patens; qui me asserunt in septuaginta interpretum suggillatione nova pro veteribus cudere; ita ingenium quasi vi-*

num probantes. Discretamente: porque antepor o velho ao novo só pelos annos, escolha parece mais de cella vinaria, que do throno ou cadeira de Salomão. E nótem os leitores que são estas palavras de uma das apologias que S. Jeronymo escreveu em defensa d'aquella nova versão da Sagrada Escriptura, que hoje se chama Vulgata e é de fé catholica: para que se veja quaes são os juizos dos homens e quão impugnadas costumam ser as obras de que Deus se quer servir. Não tinha esta de S. Jeronymo outro reparo mais que a gloria de ser sua e nova: mas sobre esta lhe arguia Rufino, e outros homens doutos, taes calumnias, que a queriam fazer não menos que heretica; como se só os antigos fossem catholicos, e a verdade sem cans não fosse verdade. Uns o faziam por zelo, outros por inveja, muitos por malicia, todos por ignorancia.

Affirmar que já não se podem dizer cousas novas é fazer injuria ou á verdade e ás sciencias, ou aos homens e á nossa edade. Seneca e Tullio.

E verdadeiramente que se bem aponctamos os fundamentos d'estes impugnadores da novidade e as razões d'aquella dura lei com que forçosamente querem que sigamos em tudo os antigos e adoremos as suas pizadas, ou é porque teem para si que já não se podem dizer cousas novas, ou que não ha capacidade nos modernos para se poderem descobrir e dizer: se o primeiro, grande injuria fazem á verdade e ás sciencias: se o segundo, grande affronta aos homens e á nossa edade. Mas não me ouçam a mim, ouçam aos mesmos antigos. E começando pelos gentios, allumiados só pelo lume da razão, Seneca na epistola 64.ª escreve e ensina a Lucilio d'esta maneira; *Multum adhuc restat operis, multumque restabit; nec ulli nato post mille saecula, praecludetur occasio aliqua adhuc adjiciendi.* E Marco Tullio formando um perfeito orador no livro *De Oratore: Nec vero Aristotelem in philosophicis deterruit ab scribendo amplitudo Platonis, nec ipse Aristoteles admirabili quadam scientia et copia exterorum studia restinxit.* Até aqui estes dous gentios, em que era ainda maior a soberba e presumpção que a sciencia; e se estes, sendo ambos eminentissimos nas suas artes, não duvidaram confessar que havia ainda muito mais que andar, que inventar, que descobrir e saber n'ellas; porque havemos nós de desesperar e affrontar tanto a nossa edade e os homens d'ella que cuidemos que já não podem adeantar as sciencias, nem dizer e accrescentar sobre ellas cousa de novo?

Força d'este argumento.

Seneca floresceu nos tempos de Nero, que vem a ser por boas contas dezeseis seculos antes d'este nosso; e se elle conheceu que os que nascessem d'alli a mil seculos, ainda teriam muito que dizer na mesma philosophia moral, em que elle tanto e tão subtilmente disse; que muito é que se atreva a dizer alguma cousa a nossa edade, se ainda lhe restam por sua confis-

são novecentos e oitenta e quatro seculos (se tanto durar o mundo) para dizer e inventar muito de novo sobre o mesmo Seneca? Se depois do divino Platão (como pondera Tullio) não acovardaram os seus escriptos a Aristoteles para que não escrevesse, nem a admiravel sabedoria e copia do mesmo Aristoteles póde apagar os fogosos espiritos de tantos philosophos, que depois d'elle e sobre elle escreveram, sendo por commum approvação do mundo um dos maiores ingenhos que produziu a Grecia e a mesma natureza; porque havemos de querer abbreviar as mãos do Auctor d'ella; e cuidarmos que já não podem fallar de novo os homens presentes; e só lhes damos licença para decorarem e repetirem o que disseram os passados? Se assim fôra, debalde nos deu Deus o intendimento, pois nos bastava a memoria. Porque como bem disse o mesmo Seneca, saber só o que os antigos souberam, não é saber, é lembrar-se. Estes taes haviam de ter a testa virada para as costas, como dizem os italianos dos allemães, que todos se occupam na erudição do passado sem decobrir nem inventar cousa nova. Muito alcançaram os antigos, e se lhes deve o primeiro louvor; mas ainda nos deixaram seus grandes talentos em que exercitar os nossos.

Nas sciencias divinas é ainda maior. S. Gregorio Papa.

E se isto é assim nas sciencias humanas, que será n'aquelle pégo immenso e profundissimo das divinas? Mas ouçamos tambem aos antigos d'ellas. Desde a creação do mundo até á reparação d'elle, em que se contaram quatro mil annos, sempre os homens se foram excedendo na sabedoria divina, ainda que fossem diminuindo na edade. Não é consideração minha, senão doutrina de S. Gregorio Papa: *Per incrementa temporum crevit scientia spiritualium patrum: plus namque Moyses quam Abraham, plus prophetae quam Moyses, plus apostoli quam prophetae in Omnipotentis scientia eruditi sunt.* Ao passo que iam crescendo os tempos (diz S. Gregorio) ia junctamente crescendo a sabedoria dos antigos padres, conhecendo sempre mais de Deus os segundos que os primeiros. Moysés soube mais das cousas divinas que Abrahão; os prophetas mais que Moisés; os apostolos mais que os prophetas; e o mesmo que tinha succedido n'aquella primeira e antiga Egreja, se experimenta depois na segunda, nova e mais perfeita, em que hoje estamos, de que ella tinha sido figura: porque passados os tempos de Christo e de sua vida, em que a Sabedoria Eterna viveu humanada no mundo entre os homens (que foi um parenthesis excessivo e infinito de luz, com a qual nenhum outro estado da Egreja se póde comparar); nos seculos, que depois foram succedendo, dos padres e doutores sagrados, sempre foram tambem crescendo com novos e maiores resplandores as sciencias divinas;

Greg. lib. 2 in. Ezech. homil. 16.

accrescentando, illustrando e escrevendo muitas cousas de novo, os que vinham depois, sobre o que tinham sabido e ensinado os mais antigos.

Lactancio e S. Jeronimo. *Praef. Pentateuch. ad Desid.*

Lactancio Firmiano, padre dos primeiros seculos da Egreja, a quem tinham precedido os Dionysios Areopagitas, os Hierotheus, os Ignacios, os Polycarpos, os Ireneus, os Justinos, os Origenes, os Tertullianos, os Clementes Alexandrinos, no liv. 2.º *Divinarum Institutionum* diz assim: *Nec qui nos illis temporibus antecesserunt, sapientia quoque antecesserunt: quae si hominibus aequaliter datur, occupari ab antecedentibus non potest.* S. Jeronymo, que floresceu muito depois do mesmo Lactancio e a quem precederam os Hippolytos, os Cyprianos, os Thaumaturgos, os Arnobios, os Athanasios, os Basilios, os Theophilos, os Cyrillos, os Epiphanios, augmentou e adeantou tanto o estudo das divinas lettras, que mereceu na eminencia d'ellas por consenso e pregão universal da Egreja o renome de doutor Maximo. Na apologia acima citada contra Rufino, escreve o sancto doutor, com a modestia com que costumam fallar os homens maiores, estas palavras: *Quid igitur? Damnamus veteres? Minime; sed post priorum studia in domo Domini, quod possumus, laboramus.* E convertendo-se no fim contra os vituperadores dos inventos novos, extranha muito que, sendo o appetite ou gula humana tão ambiciosa de novos e exquisitos sabores, só nas sciencias, que são o sabor dos intendimentos, se contentam os homens com a vulgaridade ou velhice dos manjares usados: *Nam cum nova semper expetant voluntates et gulae earum vicina maria non sufficiant, cur in solo studio scripturarum veteri sapore contenti sunt?*

Progresso das sciencias divinas. Ricardo Victorino. *Tract. de Tabern. in Prolog.*

S. Gregorio Magno, que veio ao mundo para lhe dar melhor cabeça, do que seu juizo e errados juizos merecem, depois dos outros dous Gregorios, Nazianzeno e Nysseno, e do mesmo Jeronymo; depois dos Climacos, dos Procopios, dos Boecios, dos Cassianos, dos Theodoretos; depois dos Eucherios, dos Paschasios, dos Maximos, dos Paulinos, dos Cassiodoros; depois dos Hesychios, dos Chrysologos, dos Fulgencios, e o que é mais que tudo, depois de um Chrysostomo, de um Ambrosio e de um Agostinho, penetrou tão altamente o espirito interior da theologia mystica e ascetica, que por applauso commum do concilio oitavo Toletano foi preferido a todos os doutores na doutrina ethica e moral, com aquelle famoso elogio: *In ethicis assertionibus prae cunctis merito praeferendus.* Mas nem por isso, depois de tantos e tão esclarecidos lumes da Egreja deixaram de espalhar n'ella em todos os seculos seguintes, novos raios de novas luzes os tres illustrissimos hispanhoes Isidoro,

Etherio e Ildefonso; os Sophronios, os Eligios, os Bedas, os Damascenos, os Anselmos; os Theophylactos, os Euthymios, os Rupertos, um Bernardo, nome singular, e muitos outros; entre os quaes Ricardo Victorino defendendo modestamente alguma novidade que se acharia em seus livros, diz assim no prologo de um d'elles: — Não se tenha por cousa grande, nem merecedora de admiração que em alguma materia, das que escrevemos, possamos accrescentar alguma cousa de novo; e digo isto por aquelles que nada admittem, nem lhes é acceito, senão o que primeiro foi recebido pelos antiquissimos padres. Mas se Deus para sustento e gosto dos corpos produz incessavelmente todos os annos tantos fructos novos; porque não cuidarão, que tambem as sciencias podem produzir cousas novas para alimento das almas?—Não se podia explicar com mais clara comparação, nem provar-se com mais efficaz argumento; e desde aquelle tempo, que foi pelos annos de mil e trezentos, a esta parte se tem confirmado pela grandeza e liberalidade de Deus em todos os seculos, com mais repetidos exemplos que nos passados: porque não só allumiou a divina providencia pouco depois o mundo todo com aquellas duas tochas clarissimas e sanctissimas da theologia, Sancto Thomás e S. Boaventura; mas antes e depois d'elles, para augmento ou competencia de suas mesmas luzes, as cercou de tão luminosas e resplandecentes estrellas, que em outra edade podiam ter nome de primeiros planetas, como foram um Alberto Magno, um Alexandre de Ales e o famosissimo e subtilissimo Scoto, não só luz, senão fonte de luzes: as quaes depois d'este doutissimo seculo se multiplicaram em tanto numero, que se póde com razão dizer do mundo o que Deus disse a Abrahão do firmamento: *Numera stellas si potes.* E porque é materia impossivel e numero sem conto, fiquem em silencio (por mais que tão grande brado deram nas escholas) os Vasques, os Suares, os Molinas, os Valenças, os Bellarminos, os Canisios, os Toledos, os Lugos, os Caetanos, os Soutos, os Medinas, os Victorias, em cujos felicissimos e immensos escriptos se vêem tão adeantadas as lettras divinas, que mais parecem novas, que renovadas. Digam agora os reprovadores das que elles chamam novidades, se se póde ainda sobre os antigos dizer alguma cousa de novo.

Gen. 51.

É por ventura o saber e dizer patrimonio só da antiguidade, e morgado, como o de Isaac, que dada a benção a Jacob, não fica outra para Esaú? São os antigos como os cantharos da Sareptana (comparação de que usa Ruperto), que depois de cheios elles parou a fonte milagrosa e não correu mais oleo? Houve n'este grande oceano de sciencias alguma náu Victoria, que

O saber é patrimonio de todos os seculos. *Gen.* 27. 3 *Reg.* 19.

désse volta a todo o mar; ou algum Gama, que, passando o Cabo de Boa Esperança, a tirasse a todos os outros de novos descobrimentos? E se depois d'este famoso circulo do universo ainda ficaram mares e terras incognitas que promettem novas emprezas e novos argonautas, que será na esphera da sabedoria e da verdade, cuja immensa e infinita circumferencia só a pode abraçar O que é immenso, e comprehender O que é infinito? Se depois dos antiquissimos tiveram que descobrir os menos antigos, e depois dos que já não eram os primeiros, tiveram que inventar mais os segundos; porque não quererão os adoradores ou aduladores da antiguidade, que ainda depois de tanto dicto, haja mais que dizer, e depois de tanto escripto mais que escrever, e depois de tanto estudado e sabido mais que estudar e saber? Como temo que os que condemnam as cousas por novas, são aquelles que não podem dizer se não as muito velhas e pode ser que muito remendadas. O avarento chama prodigo ao liberal, o covarde temerario ao valente, o distrahido hypocrita ao modesto; e cada um condemna o que não tem, por não confessar o que lhe falta. O grande padre Suares, que tanto tinha em si do que os antigos souberam, dizia que daria de alviçaras o que sabía, se lhe dessem o que ignorava; isto é, o que ficou aos vindouros para poderem saber e dizer de novo: mas querer precisamente que nos atemos em tudo aos passados é querer atar os vivos aos mortos, crueldade que só se lê de Mezencio.

Conclusão. Texto notavel de S. Bernardo *De contemp. et epist. ad Hugon. de S. Vict.*

Fechemos este discurso, ou adocemos a dureza d'este rigor com o mellifluo Bernardo, o qual, como sempre fallou pela bocca da Escriptura, assegura firmemente aos vindouros, que poderão ter maior noticias das cousas, do que tiveram e alcançaram os antigos; e prova e refere em dous textos ou dous exemplos, um de David, que affirmou que soubera mais que os passados; outro de Daniel, que prometteu saberiam mais os futuros: *David quoque super doctores suos et seniores donum sibi intelligentiae audacter praesumit, dicens: Super omnes docentes me intellexi. Sed et propheta Daniel: Pertransibunt, ait, plurimi et multiplex erit scientia: ampliorem scilicet rerum notitiam promittens et ipse posteris.* Até aqui S. Bernardo escrevendo a Hugo de S. Victor, que tambem lhe tinha escripto lastimado da mesma chaga.

Não ha cousa boa sem contradicção, nem grande sem inveja.

Todos os grandes ingenhos tiveram sempre esta queixa, todos disseram cousas novas, e nenhum careceu de quem lh'as impugnasse. Não ha cousa boa sem contradicção, nem grande sem inveja.

.... Si come crebber le arti
Crebbe l'invindia e col sapere insieme
Nei cori infinti i suoi veneni ha sparti.

Petrarca. Trionfo della Fama.

Mas antes de Petrarca o tinha dicto o nosso discreto hispanhol:

Esse quid hoc dicam, vivis quod fama negatur,
Et sua quod rarus tempora lector amat?
Hi sunt invidiae nimirum, Regule, mores,
Praeferat antiquos semper ut illa novis.
Sic veterem ingrati Pompei quaerimus umbram;
Et laudant Catuli vilia templa senes.
Ennius est lectus, salvo tibi Roma Marone,
Et sua riserunt saecula Maeoniden.

Mart. lib. 5 epigr. ad Reg.

SERMÃO DA RESURREIÇÃO DE CHRISTO SENHOR NOSSO ***

PRÉGADO NA MADRUGADA DO SANCTO DIA DE PASCHOA

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR:—N'este discurso a riqueza e nobreza do estylo, não menos que a sublimidade e uncção dos pensamentos, condiz a primor com a solemnidade e alegria da maior festa do anno christão. Julgue-o de per si o leitor.

Valde mane una sabbatorum veniunt ad monumentum, orto jam sole.
S. MARC. 8.

Quem mais ama, mais madruga. O amor é um espirito sempre inquieto; e quem aquieta muito, signal é que ama pouco. Vistes alguma hora quieta, ou ardendo na cera, ou em outra materia menos branda, uma labareda de fogo? Jámais. Sempre está inquieta, sempre sem socegar; e porque o amor não sabe aquietar, por isso não pode dormir. Talvez adormeceram os sentidos: mas o amor sempre vella, porque sempre lhes faz sentinella o coração: *Ego dormio et cor meum vigilat.* E como o maior despertador dos sentidos e dos cuidados é o amor, cujas azas e as do desejo voam mais que as do tempo; d'aqui vem que, para quem espera pela manhã, as estrellas são vagarosas, as horas eternas, a noite não acaba. «Eis a razão porque,» como dizia, quem mais ama, mais madruga.

Quem mais ama mais madruga.

Cant. 5.

«Vêde como madrugou n'este dia o nosso celestial Amante: *Ego dormivi et soporatus sum, et exsurrexi,* cantou propheticamente da morte e resurreição de Christo o sancto rei David.» O dormir foi o morrer, o accordar foi o resuscitar: e diz o Senhor que elle dormiu, e elle accordou; porque o morrer e o resuscitar tudo foi por sua vontade e tudo estava na sua mão. «Mas se elle podia accordar quando quizesse, porque accordou tão de madrugada, que quando esta manhã as Marias foram ao sepulcro, já se levantára? Porque o amor não lhe consentiu que

Por isso o Salvador madrugou tanto na resurreição David e Jacob.
Ps. 3.
Gen. 31.

dormisse mais tempo o somno da sepultura; porque, em fim,» é grande madrugador o amor. Um dos mais insignes amadores do mundo foi Jacob, «figura do mesmo Christo amante»; e que dizia «elle»? *Fugiebat somnus ab oculis meis:* diz que fugia dos seus olhos o somno. A campanha em que o amor e o somno se dão as batalhas são os olhos; e nos olhos de Jacob estava tão costumado o amor a ser vencedor e o somno a ser vencido, que não se atrevia o somno a lhe accommetter os olhos, antes fugia d'elles. «E se foi tão poderoso em Jacob o amor de Rachel, que faria em Christo o amor da Egreja? Mas expliquemos com maior extensão o mysterio de resurreição tão pressurosa».

Assumpto.

Quem mais ama, mais madruga. Assim o fez n'esta manhã o divino amante Christo, continuando os desvellos do seu amor, e assim o devemos nós fazer todos os dias para não faltar ás correspondencias do nosso. N'estas duas palavras tenho proposto tudo o que hei de dizer. Peçamos a graça: *Ave Maria.*

Entre as Marias foi a Magdalena que madrugou mais; e porque?

II. Madrugaram hoje todas as Marias a ungir na sepultura o sagrado corpo; e qual madrugou mais? Para mim é consequencia certa que a Magdalena. A Magdalena amava mais que todas; logo a Magdalena madrugou mais que todas. E d'onde tiraremos a prova? Por ventura porque todos os evangelistas nomeiam a Magdalena em primeiro logar, e S. João só a ella? Seja embora conjectura provavel. Porventura porque só da Magdalena se diz que chorou: *Stabat ad monumentum foris plorans?* Melhor razão: porque o chorar «sendo effeito de maior sentimento é indicio de amor mais desvellado». Por ventura, porque tornando-se as outras Marias, quando não acharam no sepulcro o corpo que iam ungir, só a Magdalena, sem se apartar d'aquelle sagrado logar, perseverou n'elle? Muito melhor argumento: porque quem só perseverou depois de todos, é signal que antes desejou e se desvellou mais que todos. Mas a prova para mim mais evidente é ser a Magdalena a primeira a quem o Senhor appareceu: *Apparuit primo Mariae Magdalene.* Antecipou-se Christo a buscar primeiro que todos a Magdalena, porque a Magdalena se antecipou e madrugou mais que todos em buscar a Christo. Esta foi a primeira em amar, porque só d'ella faz menção o discipulo amado; e porque só ella chorou, sem lhe enxugar as lagrimas a vista dos anjos; e porque só ella perseverou firme, sem se apartar do sepulcro; e porque foi a primeira em madrugar, provando, que quem mais ama mais madruga.

Joan. 20.

Marc. 16.

Mas Christo madrugou mais que ella. Como madrugou na geração eterna Ps. 109

Muito madrugou a Magdalena, mas Christo madrugou mais que ella. E isto de madrugar sempre mais, é prerogativa que compete ao benignissimo Senhor em quanto Deus e em quanto

homem. Em quanto Deus, porque a trouxe das entranhas de seu Pae por geração; e em quanto Homem, porque a trouxe das entranhas de sua mãe por nascimento. Dizei-me: como foi gerado Christo em quanto Deus, e como nasceu em quanto Homem? Em quanto Deus, diz o Eterno Padre: *Ex utero ante luciferum genui te:* Eu, Filho meu, vos gerei de minhas entranhas antes do luzeiro. E porque não diz antes do sol, ou antes da aurora, senão antes do luzeiro? Para mostrar que por natureza e por geração madruga Christo, em quanto Deus, antes de tudo o que mais madruga no céu. No céu a aurora madruga antes do sol, o luzeiro madruga antes da aurora; o Verbo madrugou antes do luzeiro, porque foi gerado ab-aeterno: *Ante luciferum genui te.*

E na geração temporal. Sap. 18.

Da sua geração em quanto Deus, passemos ao seu nascimento em quanto Homem. E quando nasceu Christo em quanto Homem? *Dum medium silentium tenerent omnia et nox in suo cursu medium iter haberet. omnipotens sermo tuus de coelis a regalibus sedibus venit.* Nasceu em quanto Homem ponctualmete á meia noite, para que nos desenganemos os homens que ninguem póde madrugar mais que elle. Se nascesse ás cinco horas da manhã, madrugaria mais quem viesse ás quatro. Se nascesse ás quatro, madrugaria mais quem viesse ás tres. Se nascesse ás tres ou ás duas, madrugaria mais quem viesse á uma. Mas como nasceu á meia noite em poncto, ninguem póde madrugar tanto que elle não tenha madrugado e amanhecido primeiro. Excellentemente S. Bernardo: *Vigilas tu, vigilat et ille. Consurge in nocte in principio vigiliarum, accelera quantum vis, etiam ipsas anticipa vigilias, invenies eum, non praevenies.*

Serm. 69 in. Cant.

O seu amor causa d'este seu madrugar.

Não vos pergunto, Senhor, porque madrugais tanto; mas só me admiro porque assim madrugais e vos desvellais, sendo tão grande Senhor. Com razão notou e nos manda notar a Sabedoria divina n'esta occasião que sois Rei todo poderoso: *Omnipotens sermo tuus de coelis a regalibus sedibus venit:* porque vós sois aquelle soberano e supremo Senhor, que de ninguem, nem de cousa alguma tem necessidade. Se a necessidade é o mais diligente despertador de quem a tem, para que madrugue, vós, que de nada necessitais, para que madrugais tanto? «Madrugais para o vosso nascimento ser exemplar da resurreição; e assim como então madrugastes saindo do ventre materno á vida mortal, assim hoje madrugais saindo do seio da terra á vida immortal: *Qui natus olim e Virgine, nunc e sepulcro nascerss:* canta Egreja, comparando este dia da resurreição com o dia do nascimento. Porém a razão principal por que nascendo e resuscitando, vos mostrais tão madrugador, é para satisfazer as

Prov. 8.

ancias que sempre tivestes de estar com os homens: *Deliciae meae esse cum filiis hominum.* Mas vamos ao nosso thema que nos declarará melhor os mysterios de tão amorosa madrugada.»

Sentido litteral do thema.

III. *Valde mane una sabbatorum veniunt ad monumentum, orto jam sole.* Diz o texto que as Marias foram ao sepulcro muito de madrugada, sendo já o sol saido. Pois se era o sol saido, comó era muito de madrugada? Se a Magdalena e as outras donas da sua companhia foram como as senhoras do nosso tempo que atroando com as rodas das carroças as ruas, desempedrando as calçadas e accordando a vizinhança, se recolhem a casa á meia noite e mais tarde; não é muito que, quando o sol anda já pelos valles, seja ainda para as horas do seu descanço muito de madrugada: *Valde mane.* «Mas as Marias foram ao sepulcro quando ainda duravam as trevas da noite, e só apparecia um pequeno alvor no oriente.» Pois se a noite estava ainda em seu ser e o escuro tão cerrado, como era já nascido o sol? «Não é difficil a resposta. Se as Marias sairam de suas casas muito de madrugada e na escuridade da noite, o sol podia já aponctar no horizonte, quando chegaram ao sepulcro; e este é o sentido litteral. Mas eu acho n'aquellas palavras um sentido allegorico que declara ainda mais o glorioso mysterio d'esta madrugada.»

Sentido allegorico. Duas madrugadas e dous soes. Ps. 117.

O sol nascido, diz a Glossa interlineal, é Christo resuscitado; *Orto jam sole, id est Christo.* O sol a que alludiu o evangelista era «o eterno Sol de justiça, que já raiava no oriente da sua resurreição.» E fallou não só muito discretamente, mas com grande propriedade, porque o dia de paschoa teve dous principios, duas madrugadas, duas manhãs e dous soes que o fizeram. *Haec dies quam feict Dominus:* este é o dia que fez o Senhor. Os dias todos não os faz o sol natural? Sim: mas este dia não só o fez o sol natural, senão tambem o Senhor do mesmo sol. Em quanto fez este dia o sol, começou mais tarde: em quanto o fez o Senhor, começou mais cedo. E para que conste quando e quanto começou mais cedo; o mesmo «David» que disse: *Haec dies quam feict Dominus,* seja o commentador do seu texto. Exhorta n'este mesmo dia o propheta rei, ou pede instantemente a Christo, que resuscite, dizendo: *Exsurge gloria mea, exsurge psalterium et cithara;* e responde o Senhor: *Exsurgam diluculo:* Eu resuscitarei de madrugada. De madrugada? Logo quando o sol saiu no oriente, já o Senhor tinha saido do seu occaso: logo primeiro fez este dia o Senhor, que o fizesse o sol. Mas porque não pareça subtileza, e todos vejam quanto primeiro e quanto mais cedo foi, recorramos á lettra original. Onde a versão latina diz: *Exsurgam diluculo,* re-

suscitarei de madrugada; o original hebreu tem *Excitabo auroram*, despertarei a aurora. E que quer dizer despertarei a aurora? Não se podera melhor declarar, nem mais prophetica ou mais poeticamente. Os poetas dizem que a aurora é a despertadora do sol; e David diz que o Senhor hoje foi o despertador da aurora. De sorte que madrugou Christo hoje tanto antes da madrugada, que quando já era resuscitado, ainda a aurora dormia; e elle foi o que a despertou para que ella se levantasse e fosse correr as cortinas ao sol: *Excitabo auroram*.

O Salvador resuscitado e as quatro Marias d'esta madrugada.

Ponde-me agora no mesmo dia, ou na mesma madrugada, dous soes, um involto ainda nas sombras da noite, e outro saindo da sepultura e tirando tambem d'ella a sua mãe; e com estes dous soes um já descoberto á fé, outro ainda occulto á vista; vereis não só tres senão quatro Marias: tres á porta do sepulcro; e uma, muito longe do mesmo sepulcro, com o Sol que d'ella nasceu, nascido outra vez «e manifesto em toda a luz da sua divindade aos olhos maternos». E se perguntarmos ás mesmas Marias: Porque madrugou o Sol mais que ellas; claro está que não podem deixar de responder que porque quem mais ama, mais madruga. Ellas amaram muito; pois fugindo os apostolos, não fugiram, antes acompanharam a seu mestre no Calvario, constantes e fieis até á morte. Mas como elle morreu de amor e ellas ainda ficaram vivas; ellas como menos amantes madrugaram menos, e elle como mais amoroso madrugou mais. A empreza de Christo na sua resurreição foi uma aurora, não coroada já de rosas, mas vestida ainda de sombras, e a lettra a mesma com que o evangelista começou a narração do seu amor: *Ante diem*.

O sol natural imagem do Eterno sol de justiça na volta que dá aos dous hemispherios.

IV. E para que vejamos practicamente com os olhos o que até agora ouvimos ao discurso; façamos tambem nossa romaria ao sepulcro, e veremos o divino e humano Sol tão madrugador quando sepultado no seu occaso, como quando renascido no seu oriente. O sol, que como coração do céu, ainda quando todos dormem, sempre vigia, n'aquelle mesmo momento em que desapparece a nossos olhos, de nenhum modo pára; mas continuando com a mesma velocidade a sua carreira, vai visitar e allumiar os antipodas. Assim, escondido o corpo de Christo debaixo da terra, desceu a sua alma gloriosa ao limbo dos sanctos padres que, havia muitos seculos e ainda milhares de annos, esperavam ás escuras aquella ditosa hora, e n'ella os allumiou e alegrou não só com sua vista, mas com a da divindade a que estava unida a mesma alma, e os fez bemaventurados desde aquelle instante para toda a eternidade. E da maneira que o mesmo sol natural depois de dar volta ao hemispherio

opposto, torna a nascer n'este nosso, claro, resplandecente e coroado de raios, enxugando as lagrimas da aurora, restituindo a côr e formosura aos campos, despertando as musicas das aves, dourando os céus e alegrando a terra; assim tambem o Senhor n'este formoso dia. Anoitecera no occidente do seu sepulcro, amortalhado em nuvens funestas, deixando todo o mundo ás escuras na tristeza de sua paixão. Voltando porém a esta hora vivo e formosissimo, amanheceu outra vez no oriente do seu mesmo occaso; e enchendo o céu e a terra de nova luz e resplandores de gloria, primeiro que tudo enxugou as lagrimas d'aquella aurora divina que, trespassada da espada de Simeão, como morta o acompanhava e como viva o chorava na sepultura. Logo restituiu a côr e a formosura á sua egreja, mudando os luctos de que estava coberta em côres e galas de festa: trocou as lamentações em musicas alegres e os *heus* saudosos e sentidos em alleluias: doirou e esclareceu os céus; que por isso appareceram os anjos vestidos de neve e ouro; renovou e transfigurou a terra, convertendo as endoenças em paschoas, o silencio mudo em repiques, os rosmaninhos em flores, as trevas e eclipses em luzes, a tristeza, emfim, e melancholia d'estes dias nos parabens e alegria d'esta manhã.

Os tres dias de Jonas e os tres do Salvador. *Matth.* 12.

Mas porque a manhã e o dia podera não ser este, antes parece que tinha obrigação de o não ser; lancemos-lhe bem as contas e veremos, hora por hora, quanto madrugou o nosso Sol e quanto o desvelou o seu amor. Fallando Christo Senhor nosso de sua morte, sepultura e resurreição, diz que assim como Jonas esteve tres dias e tres noites no ventre da baleia, assim elle havia estar tres dias e tres noites morto debaixo da terra: *Sicut enim fuit Jonas, in ventre ceti tribus diebus et tribus noctibus, sic erit Filius hominis in corde terrae tribus diebus et tribus noctibus.* Lancemos agora a conta ao tempo em que Christo esteve na sepultura e busquemos estes tres dias e estas tres noites. A hora em que o Senhor foi sepultado, foi sexta feira ás cinco da tarde; e para estar tres dias e tres noites debaixo da terra não havia de resuscitar nem sair da sepultura n'esta manhã nem n'este dia de domingo; senão ámanhã, segunda feira, ás cinco horas tambem da tarde. Pois se não esteve na sepultura no dia de hoje, nem o dia de amanhã, nem a noite entre um e outro dia, como esteve tres dias e tres noites debaixo da terra? Aqui consiste o poncto da difficuldade que declararei agora; e vereis como n'este caso parece que contenderam no coração de Christo a verdade e o amor, e a ambos satisfez exactamente na sua vigilantissima madrugada.

Como se vereficou a prophecia.

Já vimos que Christo foi sepultado ás cinco horas da sexta

feira á tarde e resuscitou ás quatro, pouco mais ou menos, da manhã de domingo; e contando-se n'este tempo apenas trinta e seis horas, de tal modo e com tal arte as repartiu o amor, que couberam n'ellas verdadeiramente tres dias e tres noites. Era o equinoccio de março, em que o sol se põi ás seis horas; e assim como das cinco horas da sexta feira até se pôr o sol temos o primeiro dia, assim do sol posto até á meia noite da mesma sexta feira temos a primeira noite. Seguem-se vinte e quatro horas da meia noite da sexta feira até á meia noite de sabbado; e temos um dia inteiro de doze horas, e uma noite tambem inteira de outras doze, que é o segundo dia e a segunda noite. Da meia noite do sabbado até ás quatro horas do domingo, em quanto duravam as trevas e o escuro, temos a terceira noite; e tanto que começou a assommar a primeira claridade ou crepusculo da luz que já pertencia ao dia seguinte, temos o terceiro dia. Aqui parece que está mais confuso o dia com a noite; mas dividiu-os o Senhor pela subtileza de seus olhos e não pela grosseria dos nossos. No principio do mundo diz a Escriptura sagrada que tanto que Deus creou a primeira luz, a dividiu das trevas, e que á luz chamou dia e ás trevas noite. O mesmo estylo guardou Christo com o primeiro crepusculo d'este dia, andando tão escrupuloso com a sua verdade, como liberal com o seu amor. O primeiro crepusculo do dia é um composto de claro e escuro: mas o escuro muito e o claro pouco; e a esse muito escuro, em quanto propriamente foram trevas, contou o Senhor por noite; e ao pouco claro, como já era luz, posto que muito escassa, contou-o por dia. Assim madrugou para abbreviar sua ausencia o divino e humanissimo Amante de nossas almas; concordando de tal maneira a verdade de sua promessa com as ancias de seu amor, que para verificar em trinta e seis horas de sepultura tres dias e tres noites, as tres noites fel-as uma de doze, outra de seis, outra de quatro; e os tres dias um de doze horas, outro de uma hora e outro de menos de meia. *A vespere sepulturae usque ad diluculum resurrectionis triginta sex horae sunt:* diz com a mesma conta Sancto Agostinho; «e o confirma S. Leão papa allegando as mesmas razões d'esta amorosa abbreviação»: *Ne turbatos discipulorum animos longa moestitudo cruciaret, denuntiatam tridui moram tam mira celeritate breviavit.*

4 de Trin.

Serm. 1. de Res.

Imitação do exemplo das Marias.

V. Parece-me que tem satisfeito o meu discurso á primeira parte do que prometteu, mostrando quanto o Senhor resuscitado madrugou n'esta manhã por amor de nós. Agora resta a satisfazer á segunda e vêr como nós tambem devemos madrugar e quando, para não faltar á memoria e boa correspondencia

de tanto amor. Se as Marias madrugaram com tanta diligencia suppondo ao mesmo Senhor adormecido no sepulcro e não sabendo que tinha madrugado nem crendo que houvesse de accordar, que deve fazer a nossa fé e qual deve ser o cuidado do nosso agradecimento?

Como se podem ellas chamar as estrellas da manhã louvadas por Job. c. 38.

Fallando Deus com Job, quando ainda dormia ou jazia na sepultura do não ser, e arguindo aos que depois da fé e memoria d'esta madrugada ainda esperam pelos raios do sol que os desperte, diz assim: *Ubi eras cum me laudarent simul astra matutina et jubilarent omnes filii Dei;* quando as estrellas da madrugada me louvavam e junctamente me festejavam alegres os filhos de Deus, onde estavas tu? Que os chamados filhos de Deus sejam os anjos, ninguem o duvida; mas tambem intendo que em toda a Escriptura sagrada se não acharão outras «pessoas que se possam chamar com tanta propriedade estrellas da madrugada, como as Marias» que antes do sol madrugaram hoje ao sepulcro de Christo. Assim o persuadem a companhia, o tempo, o logar, o nome e o appellido. A companhia: porque só ellas concorreram junctamente com os anjos, os quaes só ellas viram, e só com ellas fallaram, não apparecendo nem fallando aos apostolos. O tempo, porque se ellas madrugaram, tambem madrugaram os anjos que tiraram a grande pedra da sepultura e se assentaram n'ella, mostrando bem nas galas e resplandores o jubilo com que festejavam aquella hora. O logar; porque em nenhum outro appareceram os anjos, senão no sepulcro onde elles se mostraram e fallaram ás Marias e as mandaram aos discipulos por embaixadores da resurreição do Senhor. O nome; porque o de Maria quer dizer Estrella. E finalmente o appellido de matutinas, ou estrellas da madrugada, não só declara a diligencia com que n'esta hora madrugaram; senão tambem o parentesco que tinham por sangue com a primeira e soberana Maria, que por antonomasia se chama *Stella matutina.* E quando as Marias, sendo mulheres, sem temor da noite nem dos soldados, madrugaram tão vigilantes e diligentes para adorar e servir a Christo morto; nós, que o cremos resuscitado, sem outro impedimento mais que o do somno, negligencia, ingratidão e esquecimento, que podemos responder ao mesmo Senhor, quando a esta mesma hora nos arguir, dizendo a cada um: *Ubi eras cum me laudarent astra matutina?*

Christo madrugou para ser nosso exemplar na vigilancia matutina.

E se o exemplo das Marias na madrugada d'esta manhã basta para nos arguir e envergonhar; quanto mais o da madrugada do Senhor que ellas já não acharam no sepulcro; o qual não só madrugou para nos dar o exemplo, senão tambem para ser nosso exemplar n'esta vigilancia? Perguntam os theologos se Christo

resuscitado foi exemplar da nossa resurreição? E respondem com S. Thomas que sim. Nosso exemplar na vida, nosso exemplar na morte e tambem na resurreição nosso exemplar. Na vida, porque devemos viver para elle; na morte, porque devemos morrer por elle: e na resurreição, porque havemos de resuscitar como elle. Este *como* extendi eu na minha proposta não só á immortalidade da outra vida, senão á imitação d'esta. Elle chamou á sua morte dormir e á sua resurreição accordar; e nós devemos accordar como elle resuscitou. Resuscitou de madrugada; e para que? Para que o desvello e fineza de seu amor empenhasse a correspondencia e agradecimento do nosso a que em honra e memoria d'esta madrugada lhe sacrifiquemos todas.

Prophetiza David esta madrugada e dedica a Deus todas as suas.

Assim o fazia com espirito prophetico David, muitos seculos antes d'esta manhã. O argumento do Psalmo sessenta e septe todo é da resurreição de Christo. Começa propheticamente: *Exsurgat Deus et dissipentur inimici ejus.* As quaes palavras commenta Sancto Agostinho com estas: *Jam factum est: exsurrexit Christus, qui est super omnia Deus benedictus in saecula; et dispersi sunt inimici ejus per omnes gentes: Judaei in eo ipso loco ubi inimicitias exercuerunt, debellati, atque inde per cuncta dispersi.* Diz o propheta: Resuscite Deus e sejam dissipados seus inimigos; e uma e outra cousa está já cumprida: porque Christo, como Deus que é, resuscitou; e seus inimigos, que são os judeus, sendo debellados na mesma Jerusalem, onde executaram o seu odio, d'ahi foram dissipados, como hoje estão por todo o mundo. E depois de descrever o propheta como o soberano Libertador tirou do carcere do Limbo os sanctos padres que lá estavam captivos, e o triumpho com que subiu acompanhado de tantos milhares de almas; porque os mesmos judeus diziam a Christo na cruz que salvando aos outros não se podia salvar a si, chegado finalmente ao sepulcro exclama com admiravel energia e allusão: *Deus noster, Deus salvos faciendi; et Domini Domini exitus mortis*: agora vereis, ó judeus, se o nosso Deus, que vós não quereis reconhecer por vosso, é Deus que póde fazer salvos não só a outros senão a si: *Deus noster, Deus salvos faciendi.* E senão, vêde-o sair vivo da sepultura e do poder da morte, da qual é não só uma, senão duas vezes Senhor: *Et Domini Domini exitus mortis.* Esta é, diz Hugo, a emphase d'aquelle *Domini Domini* duas vezes repetido. Como se dissera: Senhor da morte duas vezes, ambas a vosso pezar: Senhor da morte, porque morreu quando quiz; e Senhor da morte, porque resuscitou quando vós não querieis. Posestes guardas na sepultura, porque não querieis que saisse d'ella; mas elle como Senhor das entradas e saidas da morte, para abbreviar

os tres dias da sepultura, escolheu a tarde do primeiro para entrar e a madrugada do terceiro para sair: *Et Domini Domini exitus mortis.* Assim canta David as maravilhas do poder de Christo na madrugada d'este dia obradas por nosso amor; e a acção de graças que por todas lhe offerece, breve no que diz, mas grandissima no que promette é esta: *Benedictus Dominus die quotidie:* n'este dia seja Deus bemdicto todos os dias: n'este dia que é da sua resurreição, seja Deus bemdicto todos os dias da minha vida. Tão agradecido o sancto propheta ás finezas d'este dia, ás madrugadas d'este amor e aos desvellos d'esta madrugada, que não se contentou com menos a sua devoção e a sua memoria, que com sacrificar o somno ou vigilancia dos seus olhos, por todos os dias da sua vida, a este dia e, por todas as manhãs dos mesmos dias, a esta hora: *Benedictus Dominus die quotidie.*

Como devemos imitar o sancto propheta.

Isto é o que fazia David antes de Christo resuscitar; e isto é o que, depois de resuscitado, deve fazer todo o christão, se não queremos ser ingratos. Não é novidade ou conselho meu, senão doutrina do maior prégador da Egreja, ha mais de mil e duzentos annos. David, «dizia Chrysostomo», logo ao primeiro romper da alva dava a Deus as primicias do dia, porque é necessario para agradecer a Deus os seus beneficios madrugar antes do sol. Viu o grande propheta, posto que de tão longe, as amorosas impaciencias (digamol-o assim) com que a ausencia e saudade dos homens, morto o Senhor e insensivel, o não deixavam aquietar na sepultura; viu o artificio admiravelmente ingenhoso com que, para concordar a verdade de sua palavra com as ancias do seu amor, de vinte e duas horas de trevas fez tres noites, e de quatorze de luz tres dias: e como era aquelle generoso coração que sempre desejava pagar de algum modo a Deus o que d'elle recebia; para corresponder quanto lhe era possivel aos extremos e finezas d'esta madrugada, dedicou á meditação, á honra, ao agradecimento d'ella todas as suas. Por isso repetia tantas vezes o mesmo offerecimento. Uma vez; *In matutinis meditabor in te;* outra vez: *Mane oratio mea praeveniet te;* outra: *Mane adstabo tibi;* outra: *Mane exaudies vocem meam:* outra: *Ad annuntiandum mane misericordiam tuam:* outra finalmente, e n'ella todas com a repetição do sacrificio dos seus olhos: *Anticipaverunt vigilias oculi mei.* «Eis ahi como agradecido o real propheta offerecia e consagrava a Deus as primicias do dia».

Ps. 62. *Ib.* 87. *Ib.* 5. *Ib.* 91. *Ib.* 76.

Deus quer as primicias de tudo. Sancto Agostinho.

VI. Depois que Deus deu leis aos homens, nenhuma cousa mais vezes lhes encommenda e mais apertadamente lhes encarrega n'ellas, que a obrigação de lhe offerecerem e consagra-

rem as primicias de tudo quanto recebem de sua liberal mão. Não fazer esta offerta a Deus, não só é ingratidão, mas roubo; porque é reputar as cousas, que possuimos e elle nos dá, como nossas e não como suas. Por isso, de tudo o que produz a terra, manda que lhe offereçamos os primeiros fructos; de tudo o que nasce dos animaes, as primeiras crias, e até dos proprios filhos os primogenitos. E se de tudo devemos dar a Deus as primicias, quanto mais as dos dias da vida, sem os quaes tudo o que só com elle se pode gozar é nada? «Por isso diz Sancto Agostinho que» torpe cousa é e verdadeiramente vergonhosa para um christão, se o primeiro raio do sol o achar na cama, e não prostrado aos pés de Christo, seu Creador e Redemptor: *Turpe est Christiano*, e n'outro logar *Pudor est christiano, si eum radius solis in lecto inveniat*.

Toda a natureza confunde na madrugada o preguiçoso que não se levanta.

As primeiras creaturas que com suas vozes nos injuriam e envergonham, entre aquellas que o mesmo Senhor creou mas não remiu, são as aves. Que avesinha ha, ou tão pintada como o pintasilgo, ou tão mal vestida como o rouxinol, que não rompa o silencio da noite com dar ou cantar as graças a seu Creador, festejando a boa vinda da primeira luz ou chamando por ella? As flores que anoiteceram seccas e murchas, porque carecem de vozes, posto que lhes não falte melodia para louvar a quem as fez tão formosas, como são as Magdalenas do prado, tambem declaram seus affectos com lagrimas. As nuvens bordadas de encarnado e ouro, os mares com as ondas crespas em azul e prata, as arvores com as folhas voltadas ao céu e com a variedade do seu verde natural então mais vivo, as fontes com os passos de garganta mais cheios e a cadencia mais sonora, as ovelhinhas saíndo do aprisco e os outros gados mansos á liberdade do campo, os lobos e as feras silvestres recolhendo-se aos bosques e as serpentes mettendo-se nas suas covas, todos ou temendo a luz, ou alegrando-se com sua vista, como á primeira obra de Deus, lhe tributam n'aquella hora os primeiros applausos. E que maior confusão e affronta do homem, creatura racional, que quando as aves aos primeiros raios ou bocejos da luz saem todas de seus ninhos a louvar e dar a alvorada a seu Creador, quando todas as outras creaturas ou brutas ou insensiveis, reconhecem do modo que podem a bondade e providencia d'aquelle Supremo Senhor que lhes deu o ser antecipando ao sol para lhe offerecer as primicias do dia; elle sem memoria, sem intendimento, sem vontade e sem sentidos, n'aquella voluntaria sepultura do somno e do descuido, só confesse dormindo e roncando que é o mais ingrato?

Madrugadas honestas, mas não consagradas a Deus com a oração.

Desperta, ó homem indigno, aos brados de todas as creaturas;

abre os olhos e vê a que madrugas e a que não madrugas. Deixadas as madrugadas mechanicas, como as do official vigilante que madruga para bater e malhar o ferro, obrigando tambem a madrugar o ar e o fogo; os que professam vida e acções mais nobres para que madrugam? Madruga o mathematico para observar as estrellas antes que lh'as esconda o sol. Madruga o soldado para vigiar o seu quarto ou na muralha, ou na campanha, ou no bórdo da náu. Madruga o estudante sobre o livro que tantas madrugadas custou ao seu auctor, quantas são as lettras muitas vezes riscadas, de que está composto. Madruga o requerente, madruga o caminhante, madruga cercado de galgos o caçador, e sobre todos com mais estrondosas madrugadas os principes; devendo madrugar não para montear desertos e matar feras, mas, como fazia el-rei David, para alimpar os povoados de vicios. E que appetite menos digno de tão alto e soberano nome que despertarem ao som de trombetas e muitas horas antes do sol, para correr uma lebre, ou dar uma lançada no javalí amalhado, aquelles que sem este despertador depois da quarta parte do dia, tendo tanto que vêr e prover ainda não teem aberto os olhos?

Madrugadas peccaminosas. Os hebreus que madrugam para adorar o bezerro. *Ps.* 73.

E se estas madrugadas por outra parte licitas e honestas o descuido de se empregarem na adoração do Senhor, *qui fabricatus est auroram et solem*, bastara para as fazer ociosas e menos christãs; que censura merecem aquellas que, em logar de se dedicarem e consagrarem ao verdadeiro Deus, se sacrificam aos idolos? Fundido por Arão o idolo de ouro, e signalado para a celebridade e dedicação da infame imagem o dia seguinte; o que fizeram todos foi levantarem-se de manhã a offerecer-lhe sacrificios; e aos sacrificios se seguiram banquetes, brindes e jogos: *Surgentesque mane obtulerunt holocausta et hostias pacificas, et sedit populus manducare et surrexerunt ludere.* Foi boa madrugada esta? E quantas são debaixo do falso nome de christandade as que se parecem com ella? Os nossos idolos são as nossas paixões e os nossos appetites; e raro é o christão de somno e juizo tão repousado, que o deixe dormir e o não desvelle a sua idolatria. Quanto corta pelo somno o adultero? Quanto corta pelo somno o ladrão? Quanto corta pelo somno o taful? Quanto corta pelo somno o invejoso, o ambicioso, e mais vigilante que todos o avarento e cubiçoso? Os judeus adoraram o bezerro de ouro, os christãos adoram o ouro ainda que não pesa tanto como o bezerro. Do ouro tomou o nome a aurora; e esta é a despertadora que os não deixa dormir e faz vigiar, machinando subtilezas, traças, enganos, traições e sacrificando ao torpe, vergonhoso e brutal idolo do in-

Exod. 32.

teresse o descanço, a razão, a vida, a honra, a consciencia, a alma. Quão justamente arguiu Christo o somno e negligencia dos que não poderam vigiar uma hora com elle, á vista do contrario exemplo e vigilancia infame de Judas: *Vel Judam non videtis quomodo non dormit, sed festinat me tradere Judaeis?* Basta que a cubiça de Judas para me vender e me entregar não dorme; e o meu amor e a vossa obrigação não pode acabar comvosco a que corteis pelo somno e vigieis uma hora commigo?

Muitos christãos são peiores do que estes hebreus.

Este é o meu poncto e esta a hora em que estamos, na qual tanto madrugou Christo por amor de nós. A hora em que Deus afogou os exercitos de Pharaó no mar vermelho foi muito de madrugada: de sorte que na madrugada d'aquelle dia se consummou a liberdade dos filhos de Israel e então acabaram de ficar totalmente livres do captiveiro dos egypcios. E quando aquelles homens, se não foram ingratissimos, haviam de dedicar as madrugadas de toda a vida á memoria e agradecimento de tão estupendo e milagroso beneficio, o para que madrugaram tão diligentes foi para negarem a honra e gloria d'elle a Deus e a darem ao idolo. Bem creio que não haverá quem não pasme e se assombre de uma tão torpe e vergonhosa ingratidão. E que seria se eu dissesse que ainda a nossa é mais vergonhosa e mais torpe? Aquella madrugada em que Deus acabou de libertar os hebreus do captiveiro do Egypto, afogando seus inimigos no mar vermelho, foi figura d'esta mesma madrugada em que o Senhor acabou de consummar nossa redempção. Assim o canta a Egreja: *Fugitque divisum mare, merguntur hostes fluctibus.* E quando Deus madruga para me libertar, que não madrugue eu para o louvar? Mais e peior ainda. Quando Deus não dorme e se desvella para me defender dos meus inimigos, que eu não durma e me desvelle para o offender! Isto é o que fizeram os judeus, torpe, vergonhosa e impiamente ingratos ao triumpho d'aquella gloriosa madrugada em que Deus tanto se empenhou em vigiar por elles. E o mesmo fariamos nós com circumstancias de ingratidão tanto maiores, quanto maior foi o beneficio, o amor, a gloria e o triumpho com que Christo nos acabou de libertar e remir n'esta hora; se em louvor, honra e veneração da madrugada da sua resurreição não lhe offerecermos e consagrarmos todas as da nossa vida.

Os que madrugam para orar competem com o sol.

VI. «Para louvor, porém dos que madrugam por amor de Christo todos os dias concluirei este discurso com uma observação de Sancto Athanasio, digna verdadeiramente do zelo e piedade d'aquelle grande doutor.» Oh que honrada e generosa competencia, «di-

zelle» competir o homem com o sol, a qual ha de amanhecer primeiro, ou o sol a dar luz ao mundo, ou o homem a dar graças a Deus! A mais bizarra e famosa competencia que viu a memoria dos homens, foi o desafio de David com o gigante. Mas que comparação tem desafiar um gigante da terra ou o gigante do céu? O gigante do céu é o sol, como diz o mesmo David: *Exsultavit ut gigas ad currendam viam*. Os passos com que anda ou corre são tão dilatados, que em cada hora caminha «muitas e muitas» leguas. Vêde agora se é grande e admiravel competencia competir o homem com o sol, sobre qual se ha de adeantar um ao outro, ou o sol a allumiar o homem, ou o homem a louvar a Deus; O sol tem duas balizas, o oriente e o occaso; e não só na primeira quando nasce, senão tambem na segunda quando se põi, quer S. Paulo que ponha o homem um *non plus ultra* antecipando-se sempre e adeantando-se ao sol: *Sol non occidat super iracundiam vestram*. Se acaso tivestes occasião de ira contra vosso proximo, adverti, diz o Apostolo, que não se ponha o sol sem que primeiro vos reconcilieis e ponhais em graça com elle. De sorte que o nosso amor de Deus e do proximo ha de competir de tal modo em se adeantar sempre ao sol, que nem o sol amanheça no oriente antes de nós darmos graças a Deus, nem o mesmo sol se ponha no occaso antes de nós nos pormos em graça com o proximo.

Ps. 18

Ephs. 4

E os previne a divina misericordia

E para que intendamos quanto Deus se agrada d'esta competencia, reparemos em uma cousa muito notavel; e é, que assim como o homem póde competir com o sol em se antecipar sempre ao sol «com a oração», assim Deus compete com o homem em se antecipar sempre ao homem «com a misericordia». Não ha duas cousas mais reciprocas entre Deus e o homem que a nossa oração e a sua misericordia. Por isso dizia David: *Benedictus Deus qui non amovit orationem meam et misericordiam suam a me:* bemdicto seja Deus que não apartou de mim a minha oração nem a sua misericordia: porque o meio de alcançar a sua misericordia é a nossa oração, e á nossa oração não pode faltar a correspondencia da sua misericordia. «Em outra occasião cuidava o vigilante propheta» que se havia de antecipar a Deus com a sua oração: *Mane oratio mea praeveniet te;* «mas» o que experimentou foi, que Deus era o que se havia de antecipar a elle com a sua misericordia: *Misericordia ejus praeveniet me.* E porque? A razão theologica é porque sem a graça preveniente de Deus não podia David executar o que promettia. Se David havia de alcançar a misericordia por meio da oração, primeiro havia de orar; e se a misericordia se não antecipasse á oração de David, prevenindo-o com sua graça para que orasse; não poderia

Ps. 65

Ib. 87

Ib. 58

elle orar. Logo se a misericordia se não antecipára á sua oração, nem elle podia orar nem alcançar misericordia. É verdade que a oração de David madrugou: *Mane oratio mea praeveniet te*; mas Deus tinha madrugado mais que David e a misericordia divina mais que a sua oração. «Portanto com antecipação da mais honrada e generosa competencia devemos fazer que como Deus nos antecipa com a sua misericordia, assim antecipemos ao sol com a nossa oração,» dando graças a Deus antes que o sol appareça no oriente.

Por isso Christo n'esta madrugada appareceu ás Marias e não aos discipulos.

Cousa mui notavel é; e grande confirmação do que tenho prégado, que madrugando o Senhor este dia tanto ante-manhã e manifestando-se a tantos, a ninguem apparecesse nem allumiasse quando dormia. Allumiou a Magdalena, quando não só estava com os olhos abertos, mas feitos duas fontes. Allumiou as Marias, quando corriam a levar a nova da resurreição aos apostolos. Allumiou aos dous discipulos, quando caminhavam para Emmáus. Allumiou aos demais, quando pela tarde estavam junctos no cenaculo; a todos vigiando e a nenhum dormindo. Até os sanctos que resuscitaram na mesma madrugada da resurreição, primeiro que o Senhor os allumiasse com a sua vista se levantaram elles da sepultura onde dormiam o somno da morte: *Et multa corpora sanctorum quae dormierant, surrexerunt.* Assim foi e assim havia de ser; porque assim o tinha promettido o mesmo Christo não só antes de resuscitar, senão antes de nascer: *Qui mane vigilant ad me, invenient me*: os que vigiam de manhã e me buscam achar-me-hão. No dia ou na noite do nascimento os pastores acharam a Christo, mas vigiavam e não dormiam: *Custodientes vigilias noctis.* Os reis tambem o acharam e tambem vigiavam; que se não vigiassem, não veriam a estrella: *Vidimus stellam eius.* No dia da resurreição succedeu o mesmo, mas com differença, porque a houve no vigiar. Ás Marias appareceu-lhes o Senhor ou ás portas do sepulcro, ou no caminho quando tornavam. A S. Pedro e a S. João nem á ida nem á vinda lhes appareceu. Porque? Porque ellas foram muito cedo; elles vieram depois: ellas madrugaram, e elles não. «Por isso» repete e brada S. Paulo: *Surge qui dormis, et exsurge a mortuis et illuminabit te Christus.* Tu que dormes accorda, tu que jazes na sepultura do somno, resuscita; e verás a differença dos que vigiam aos que dormem. Aos que dormem allumial-os-ha o sol, a ti que vigias allumiar-te-ha Christo, que por isto madrugou este soberano Sol de justiça antes do sol material para allumiar as Marias: *Valde mane una sabbatorum veniunt ad monumentum orto jam sole.*

(Ed. ant. tom. 6.° pag. 469, ed. mod. tom. 10.° pag. 244.)

I. SERMÃO DA PRIMEIRA OITAVA DA PASCHOA *

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1647

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—**Para bem intender este elegante e chistoso discurso, que é do genero das chamadas conferencias, note-se muito que foi prégado seis annos depois da independencia e restauração da corôa de Portugal.**

Duo ex discipulis Jesu ibant ipsa die in castellum nomine Emmaus.
S. LUC. 24.

A historia dos discipulos de Emmáus narrada e applicada.

É tão particular historia a que hoje nos refere S. Lucas no capitulo XXIV da sua, que contra o estylo que ordinariamente costumo seguir, quero, por paschoa, que seja o sermão a mesma historia. Historiador e prégador hei de ser hoje: dobrada obrigação de dizer verdades. Deus me ajude a que não sejam mais que vós quizereis. O que me parece posso prometter seguramente é que a historia vos não enfastie por antiga e muito sabida; porque, ainda que segundo a boa chronologia é de mais de mil e seiscentos annos, eu farei que pareça a historia de nossos tempos. Nenhuma cousa ouvireis quo não seja o que vêdes.

Erradas imaginações dos homens.

II. Na tarde de tal dia como o de hontem (que o que Christo obrou em um dia não o póde representar a Egreja senão em muitos), tristes com causa pela morte do seu Mestre, e desesperados sem causa pela tardança de sua resurreição, caminhavam dous discipulos de Christo para o castello ou aldeia de Emmaús. Que erradas são as imaginações dos homens! Mas que muito que não acertem as imaginações no que cuidam, se até os mesmos olhos erram no que vêem! Imaginavam os dous discipulos a Christo morto e ausente; e no mesmo tempo, e pela mesma estrada, ia o Senhor caminhando com elles sem o conhecerem, ainda que o viam: *Et ipse Jesus ibat cum illis.*

Deus nos leva a seus intentos pelos nossos caminhos ainda que errados

Ia o Senhor com elles. Aqui paro, que tambem imos cami-

nhando. O intento de Christo era mandar estes discipulos reduzidos e consolados para Jerusalem, aonde estavam os apostolos tambem tristes. Pois se o seu intento era encaminhar os discipulos para Jerusalem; como se vai o Senhor andando com elles para Emmaús: *Et ipse ibat cum illis?* O caminho de Emmaús e o caminho de Jerusalem eram encontrados; e Christo deixa-se ir com os discipulos para Emmaús, quando os quer levar para Jerusalem? Sim; porque essas são as maravilhas da providencia divina: levar-nos a seus intentos pelos nossos caminhos. Conseguir os intentos de Deus pelos caminhos acertados de Deus, isto é providencia vulgar; mas conseguir os intentos de Deus pelos caminhos errados dos homens, essas são as maravilhas da sua providencia. Ir a Jerusalem pelo caminho de Jerusalem, é estrada ordinaria; mas ir a Jerusalem caminhando para Emmaús, só Deus o faz.

Caso de Jonas

Mandou Deus ao propheta Jonas que fosse prégar á côrte de Ninive. Não se accommodou o propheta com a missão: estava no mesmo porto um navio de vergas de alto para Jope; pagou o frete, diz o Texto, e embarcou-se n'elle. Que Jonas não quizesse prégar na côrte de Ninive, não me admira: que isto de prégar nas côrtes é nevegar entre Scylla e Charybdes: ou não haveis de cortar direito, ou haveis de dar através com o navio. Mas que Deus, mandando a Jonas prégar a Ninive, o deixe embarcar para Jope! Isto não intendo. Senhor, Vossa divina providencia não tem destinado a voz d'este homem para o remedio de Ninive? Dos desenganos e das verdades que ha de dizer este prégador, não depende a conversão e a conservação d'aquelle rei, d'aquella cidade, d'aquelle reino? Pois se quereis que vá a Ninive, porque consentis que se embarque para Jope? Deixae-o ir; que essas são as maravilhas da minha providencia, diz Deus: ha se de embarcar para Jope, e no cabo ha se de achar em Ninive. E assim foi. Levar um homem a Ninive pela carreira de Ninive, isso faz um piloto que não sabe ler nem escrever: mas leval-o a Ninive pela derrota de Jope, é arte só d'aquella sabedoria suprema que tem o leme do mundo na mão. É verdade que navegar para Jope quem tem obrigação de ir para Ninive é um modo de caminhar custoso e muito arriscado: é custoso, porque Jonas gastou debalde o seu dinheiro; pagou o frete, e não fez a viagem; é muito arriscado, porque elle embarcou-se em um navio e desembarcou na bocca de uma baleia. Mas que seguro tem o porto quem navega nos braços da providencia divina, ainda quando a resiste e se oppõi a ella! Haverá mais ou menos tempestade; haverá maior ou menor baleia: mas nem a furia da tempestade, nem as gargantas e ventre da baleia pode-

rão estorvar os intentos de Deus. Ameaçar-vos-ha a tempestade; mas não vos ha de affogar: tragar-vos-ha a baleia; mas não vos ha de digerir. Assim levou Deus a Jonas a Ninive pelos caminhos de Jope: assim levou Christo aos discipulos a Jerusalem pelos caminhos de Emmaús: *Et ipse ibat cum illis.*

Tristeza dos discipulos no dia da resurreição

Caminhando junctos o Senhor com os discipulos, perguntou-lhes que é o que tractavam entre si e de que iam tristes: *Qui sunt hi sermones, quos confertis ad invicem, et estis tristes?* Cousa é muito digna de notar que, em um dia como o da redempção do mundo, aquelles a quem mais de perto tocava estivessem todos tristes. Os apostolos tristes e encerrados em casa: os dous discipulos tristes e caminhando para Emmaús: a Magdalena triste e chorando ás portas da sepultura: em fim tudo e todos tristes. A tristeza era a mesma; mas as causas deviam ser diversas, porque o eram tambem os effeitos. Os apostolos escondiam-se, porque temiam os judeus: *Propter metum judaeorum*: os discipulos iam-se para Emmaús; porque desesperavam da redempção: *Nos autem sperabamus:* a Magdalena chorava; porque amava muito a seu Mestre: *Quoniam dilexit multum.* Se quereis conhecer as causas do descontentamento de cada um, vede-o nos effeitos. Quem teme, esconde-se; quem desespera, vai-se; quem ama, chora. Com estes me tenho eu. Mas que estando o mundo remido, como estava, houvesse descontentes; uns retirados em sua casa, outros deixando a côrte de Jerusalem, outros chorando sem consolação! O mundo remido, e descontentes tantos? Não vos espanteis, que nem eu me espanto. Sabeis porque? Porque é muito mais difficultoso o contentar que o remir.

É muito mais difficultoso contentar do que remir. Historia do povo hebreu remido do captiveiro do Egypto.

Estava o povo de Israel no captiveiro do Egypto; quil-o Deus remir da tyrannia de Pharaó; e que fez? Mandou lá Moysés com uma vara, e remiu-se o povo. Começaram a marchar para a terra da promissão em numero de seiscentos mil homens; e os favores e maravilhas com que Deus os tractou em quarenta annos de deserto, quasi excedem a fé. Se haviam de passar o mar vermelho, partiam-se as ondas. Se haviam de atravessar o rio Jordão, suspendiam-se as correntes. Se os molestava o sol, corria um anjo uma nuvem que lhes fazia sombra. Se sobrevinha a noite, accendia-se um cometa que os alumiava. Para que comessem com abundancia e regalo, chovia o céu manná. Para que não sentissem sede, acompanhava-os uma penha que se desfazia em fontes, e finalmente para que a jornada não tivesse impedimento, nem do tempo, nem do cuidado, as roupas não envelheciam e os corpos não infermavam. D'esta maneira tractava Deus aquelles homens; e elles como lhe correspondiam?

Tudo eram murmurações, tudo queixas, tudo descontentamentos. Quizeram apredejar a Moysés: trocaram a Deus por um bezerro: suspiravam pelo Egypto: enfastiavam-se do manná: diziam que melhor lhes ia no captiveiro: lançavam maldições a quem os libertára: todos tristes, todos descontentes, todos desconsolados, quasi todos arrependidos. Pois valha-me Deus! Remiu Deus este povo, fazendo tão pouco; e não o póde contentar, fazendo tanto? Não: porque é muito mais difficultoso o contentar que o remir. Para remir bastou Moysés com uma vara: para contentar não bastou Moysés com vara, nem anjo com nuvem, nem Deus com toda sua omnipotencia fazendo milagres. Os descontamentos e queixas dos povos ordinariamente caem sobre os ministros, e talvez se levantam até o sagrado dos principes. O principe aqui era Deus: vêde que justiça! que piedade! que magnificencia! Os ministros, um era um anjo descido do céu, tão amante e cuidadoso do povo, que nem consentia que lhe tocasse um raio do sol: o outro era Moysés, o melhor homem da terra. Pois se onde o Principe é Deus, e os ministros ou são anjos ou homens tão sanctos, ha comtudo descontentamentos e dissabores; que muito que os houvesse, ou que os haja, onde os ministros não podem ser Moysés nem anjos; e onde os principes, ainda que sejam dados por Deus, é força que sejam homens? Por isso digo que é muito mais difficultoso o contentar que o remir. Para remir, valeu-se Deus de mosquitos, e remiu: para contentar, servia-se Deus de anjos, e não contentou.

O estarem todos contentes não pode depender de um só

III. Mas supposto que o contentar é tão difficultoso, e por outra parte tão importante; quizera de caminho arcar com esta difficuldade e ver se é possivel vencer-se. Primeiramente digo que o estarem contentes todos, não pode depender de um só, como muitos se enganam. O contentamento de todos depende de todos: depende do principe, depende dos ministros, e depende dos vassallos. Para todos estarem contentes, hão de concorrer todos para o contentamento; uns tractando de contentar, outros querendo contentar-se. Parecia-me que se conseguiria isto, conforme o nosso evangelho, se o principe imitasse a Christo, e se os vassallos imitassem aos discipulos. Os ministros não os acho no texto: mas quando chegarmos a elles, lhes buscaremos imitação.

Mas depende 1.º do principe que deve imitar a Christo em enxugar as lagrimas dos vassallos

Começando, pois, pelo principe, a primeira cousa que fez Christo tanto que resuscitou, foi tractar de enxugar lagrimas e consolar tristezas. Estava a Magdalena chorando ás portas do sepulcro: apparece-lhe o Senhor, enxuga-lhe as lagrimas. Iam os discipulos tristes e desesperados para Emmaús; foi-se encon-

trar com elles o Senhor e consolou-os de sua tristeza. E que se seguiu d'aqui? Que amanhecendo no dia da resurreição todo o reino de Christo descontente, anoiteceram no mesmo dia todos contentes e consolados. Seja o primeiro cuidado do principe enxugar as lagrimas; e logo haverá menos descontentes. Se lançarmos os olhos por todos os reinos do mundo, presentes e passados, um só reino acharemos em que todos estão contentes. E que reino é este? França? Inglaterra? Allemanha? Não: o reino do céu. No reino do céu todos estão contentes. E porque não ha descontentes no reino do céu? S. João no Apocalypse: *Tunc absterget Deus omnem lacrimam ab oculis eorum.* Sabeis, diz S. João, porque no reino do céu não ha tristezas nem descontentamentos? Porque a primeira cousa que faz Deus a todos os que vão d'este mundo é enxugar-lhes as lagrimas: por isso não ha nem haverá eternamente descontentamento em tal reino: *Neque luctus, neque dolor erit ultra.* E porque não cuidassemos que era isto privilegio só do céu, o mesmo fez Christo hoje na terra. O seu reino não constava de muitos vassallos, mas todos ficaram hoje contentes; porque poz todo o seu cuidado em enxugar as lagrimas de todos.

Apoc. 21

Para enxugal-as inquira-se a sua causa

Mas vindo á practica d'esta doutrina vejo que me dizem, que é muito facil dizer que se enxuguem as lagrimas de todos: mas como se hão de enxugar? Enxugar as lagrimas bom remedio é para não haver descontentes; mas que remedio ha de haver para se enxugarem as lagrimas? Facil remedio o que Christo fez: inquirir a causa das lagrimas e tiral-a. Quando Christo appareceu á Magdalena, a primeira cousa que fez foi inquirir a causa por que chorava: *Mulier, quid ploras?* Mulher, porque choras? Quando appareceu aos dous discipulos a primeira cousa que fez tambem, foi perguntar a causa da sua tristeza: *Qui sunt hi sermones quos confertis ad invicem et estis tristes?* Que é o que fallais; porque estais tristes? Eis-aqui a razão por que se trabalha muitas vezes debalde em enxugar as lagrimas; porque se lhes não busca a causa. Busque-se a causa das lagrimas e logo o remedio será facil. Bem podéra Christo enxugar as lagrimas da Magdalena e consolar as tristezas dos discipulos sem lhes perguntar pela causa, pois a sabía; mas quiz dar n'esta acção um grande documento aos principes de como haviam de proceder na cura de uma infermidade tão difficultosa como a de sarar descontentamentos. Ó que acção tão divina e tão real!

O primeiro rei que Deus elegeu n'este mundo foi Saul. E qual foi a primeira cousa que disse e a primeira cousa que fez este rei? Leia-se o texto sagrado, e achar-se-ha que as primeiras palavras que disse Saul depois de ungido «em» rei foram estas: *Quid*

habet populus quod plorat? Que causa tem o povo para chorar? E sabendo que a causa por que chorava o povo, eram os damnos que recebia das invasões dos Ammonitas; a primeira acção que fez Saul depois de ungido, foi remediar a causa das lagrimas, partindo no mesmo dia, e com todo o poder, a fazer guerra aos de Amon; com que os destruiu: *Percussit Ammon*. De maneira que o rei eleito por Deus, a primeira palavra que se lhe ha de ouvir, é perguntar pela causa das lagrimas; e a primeira acção que se lhe ha de ver, é acudir ao remedio d'ellas. Assim o fez Christo hoje; e a primeira palavra que se lhe ouviu foi: *Mulier, quid ploras?* Mulher, porque choras? E a primeira acção que se lhe viu, foi remediar-lhe a causa por que chorava.

As lagrimas que não teem causa não hão mister cura

Sim: mas para as lagrimas que não teem causa, que são a maior parte das que se choram, que remedio lhe daremos nós? Para curar as lagrimas da razão, já temos o remedio; buscar-lhe a causa e tiral-a: mas para curar as lagrimas da sem-razão, que remedio lhe havemos de dar, que ellas não teem causa? As lagrimas dos que chóram, bem se podem remediar; mas as lagrimas dos que se choram, que remedio ha de haver para ellas? Eu dissera que as lagrimas que não teem causa, não hão mister cura. Se as lagrimas teem causa dê-se-lhes remedio e enxuguem-se: se as lagrimas não teem causa, ellas se enxugarão por si; não hão mister remedio. Examine o principe exactamente d'onde nascem as lagrimas dos vassallos: se teem causa, ponha-lhes o remedio; se não teem causa, não lhe dêem cuidado.

2.º para não haver descontentamentos é necessario que os vassallos imitem os discipulos: Quatro apparições remedios de quatro generos de descontentes

IV. E basta isso para não haver descontentamentos? Não basta que o principe imite a Christo; é necessario que os vassallos imitem aos discipulos. Quatro apparições fez Christo depois de resuscitado a seus discipulos, muito dignas de particular ponderação. Appareceu a S. Pedro; e sem mais diligencia que apparecer-lhe, S. Pedro o conheceu e se deu por contente. Appareceu á Magdalena; e ainda que lhe viu o rosto, não bastou isto para o conhecer: chamou-a por seu nome, *Maria*; e no mesmo poncto o conheceu e se lhe lançou aos pés. Appareceu a S. Thomé; e ainda que os discipulos lhe tinham dicto que resuscitara, em quanto não metteu a mão no lado, não creu, nem reconheceu a seu Deus e a seu Senhor. Appareceu a estes discipulos de Emmaús; e por mais que caminhou com elles e lhes declarou as escripturas e as prophecias, não o conheceram, senão quando lhes deu o pão: *Cognoverunt eum in fractione panis*. N'estas quatro apparições estão representados quatro generos de vassallos, ou quatro generos de condições de vassallos. Ha uns vas-

sallos que são como S. Pedro; com verem o seu rei, com lhes apparecer o seu rei, se dão por contentes. Ha outros vassallos que são como a Magdalena; não lhes basta o ver, nem o apparecer; com tudo se o rei os chama pelo seu nome, como Christo chamou a Magdalena, se o rei lhes sabe o nome, não hão mister mais para viverem consolados e satisfeitos. Ha outros que são como S. Thomé: se o rei lhes não entrega as mãos e o lado; se não se lhes abrem os arcanos mais interiores do estado (ainda que sejam d'aquelles que duvidam e dos que vieram ao cabo dos oito dias, como Thomé), não se dão por bem livrados. Ha outros finalmente que são como os discipulos de Emmaús; que por mais prophecias que se lhes declarem, por mais razões que se lhes dêem; em quanto se lhes não dá o pão, estão com os olhos e os corações fechados; nem conhecem, nem reconhecem. Ora censuremos estes quatro estados de vassallos. Os que se contentam, como S. Pedro, só com ver, são finos. Os que se contentam, como a Magdalena, só com que lhes saibam o nome, são honrados. Os que se não contentam, como S. Thomé, senão com o lado, são ambiciosos. Os que se não contentam, como os de Emmaús, senão depois de lhes darem o pão, são interesseiros. E os que com todas estas cousas ainda se não contentam? São portuguezes.

Os portuguezes nunca se contentam

Verdadeiramente que se os portuguezes se contentaram como os discipulos, não houvera reino de mais contentes que Portugal. Eu já me contentara que foramos como os que n'esta occasião fiaram menos delgado. Os discipulos que n'esta occasião andaram menos finos, foram os de Emmaús que não conheceram senão quando lhes deram: *Porrigebat illis*. Mas ainda estes nos levaram muita vantagem. Porque? Porque se contentaram com o Senhor lhes partir o pão: *In fractione panis*. Os portuguezes não se contentam com se lhes dar o pão partido; ha-se-lhes de dar todo o pão, sob pena de não ficarem contentes. D'aqui se segue que nunca é possivel que o estejam. É o que estamos vendo todos os dias. Nunca tantas mercês se fizeram em Portugal como n'este tempo: e são mais os queixosos que os contentes, porque cada um quer tudo. Nos outros reinos com uma mercê ganha-se um homem, em Portugal com uma mercê perdem-se muitos. Se Cleophas fôra portuguez, mais se havia de offender da ametade do pão que Christo deu ao companheiro, do que se havia de obrigar da outra ametade que lhe deu a elle. Porque, como cada um presume que se lhe deve tudo; qualquer cousa que se dá aos outros, cuida que se lhe rouba. Verdadeiramente que não ha mais difficultosa corôa, que a dos reis de Portugal, por isto mais do que por nenhum outro empenho.

A repartição da terra promessa (*Jos.* 1) e a das mercês em Portugal

Quando Josué houve de entrar á conquista da terra de promissão, disse-lhe Deus d'esta maneira: *Confortare et esto robustus; tu enim divides populo huic terram.* Josué, esforçae-vos e tende grande valor, porque vós haveis de repartir a terra a esse povo. Notaveis palavras na occasião em que se disseram! Quando Deus disse estas palavras a Josué, foi quando elle estava com as armas vestidas para passar da banda d'além do Jordão a conquistar a terra de promissão. Pois porque não lhe diz Deus: Esforçae-vos e tende valor, porque haveis de conquistar esta terra aos inimigos; senão Esforçae-vos e tende valor, porque haveis de repartir esta terra ao povo de Israel? Ambas as cousas havia de fazer Josué: havia de conquistar a terra aos Amorrheus e havia de rapartir a terra aos Isrraelitas: mas Deus «fallando assim, parece lhe quiz indicar que não era menor» empreza e menos arriscada batalha haver de repartir a terra aos vassallos, que haver de conquistar a terra aos inimigos. «E não é isto o que se vê todos os dias em Portugal?» Conquistar a terra das tres partes do mundo a nações extranhas foi empreza que os reis de Portugal conseguiram muito facil e muito felizmente; mas repartir tres palmos de terra em Portugal aos vassallos com satisfação d'elles, foi impossivel que nenhum rei pôde accommodar nem com facilidade nem com felicidade jámais. Mais facil era antigamente conquistar déz reinos na India, que repartir duas commendas em Portugal. Isto foi e isto ha de ser sempre: e esta na minha opinião é a maior difficuldade que tem o governo do nosso reino. Tanto assim que se pode pôr em problema na politica de Portugal, se é melhor que os reis fação mercês ou que as não fação? Não se fazerem mercês é faltar com o premio á virtude: fazerem-se é semear beneficios para colher queixas. Pois que hão de fazer os reis? A questão era para mais vagar. Mas porque não fique indecisa, digo entretanto que um só meio acho aos reis para salvarem ambos estes inconvenientes. E qual é? Não dar nada a ninguem e premiar a todos. Pois como? Premiar todos sem dar nada a ninguem? Sim: o dar e o premiar são cousas mui differentes. Dar aos que merecem e não merecem, é dar; dar aos que só merecem, é premiar. Não fazerem mercês os reis sería não serem reis: mas hão de fazel-as de maneira que as mercês não sejam dadivas, sejam premios. Dêem os reis só aos benemeritos e fecharão as boccas a todos. Quando os premios se dão aos que os merecem, os mesmos que os murmuram com a bocca os approvam com o coração. Murmurais do que está bem dado? Appello da vossa lingua para vossa consciencia. Este é o unico remedio que teem os reis para salvarem a opi-

nião n'aquelle tribunal, onde só n'este mundo podem ser julgados, que é o coração dos vassallos. Emfim sejam os principes como Christo no repartir e sejam os vassallos como os discipulos no contentar-se, e cessarão as queixas.

V. Mas os ministros de quem ainda não dissemos, como hão de ser, direi como hão de ser e como não hão de ser: que uma e outra cousa é necessaria. Já disse que não achava os ministros no texto: «mas buscarei em outro logar da Escriptura quem suppra esta falta.» Muito grande e muito notavel ministro foi Moysés. Digo, pois, que os ministros em parte hão de ser como Moyses para com os egypcios. Quiz Deus destruir o povo de Israel pelo peccado do bezerro; e disse assim a Moysés: *Dimitte me ut irascatur furor meus, et faciam te in gentem magnam:* Moysés, deixa-me acabar com este povo e destruil-o; e eu te farei governador de outro povo muito maior. Oh que grande tentação para um ministro! Se o povo se destruir, terei eu grandes augmentos; se isto acabar, crescerei eu. Grande tentação! E que respondeu Moysés? *Aut dimitte illis hanc noxam aut dele me de libro tuo:* Ou haveis de perdoar ao povo, Senhor, ou me haveis de riscar de vossa graça. Os homens duas cousas estimam mais que tudo: a primeira, a graça de seu Senhor; a segunda, seus proprios augmentos. E Moysés foi tão grande ministro, que offerecendo-lhe Deus grandes augmentos para que deixasse destruir o povo; elle respondeu que, se o povo se havia de destruir, não queria a graça de seu Senhor. Os outros assolam o povo para crescer na graça e nos augmentos: Moysés, por defender o povo, não quiz os augmentos nem a graça. Ministro que não faz caso de seus augmentos pela conservação do povo e que chega a arriscar a graça do principe para que o povo não padeça; este ministro, sim, é ministro de Deus propicio, como o foi Moysés com os hebreus. Mas ministro que assola os povos para elle crescer e que da destruição dos vassallos quer fazer degráu para subir á graça do principe; livre-nos Deus de tal ministro: é açoite de Deus irado, como o foi Moysés com os egypcios.

O haver descontentes no reino 3.º depende dos ministros os quaes em parte hão de ser como Moysés para com os egypcios

Moysés no Egypto foi o mais milagroso ministro que se viu no mundo: tudo em Moysés eram milagres; mas que milagres eram os seus? Rãs, mosquitos, gafanhotos, sangue, trevas, mortes dos primogenitos; emfim as déz pragas do Egypto. E ministro cujos milagres são pragas; ministro cujo talento são oppressões, não o dá Deus para remedio, senão para destruição do reino de Pharaó. Não ha mais evidente signal de Deus querer destruir e acabar um reino, que dar-lhe similhantes ministros. Cada ministro d'estes, é um signal, é um portento, é

Em parte não o hão de ser

um cometa fatal, que está ameaçando a ruina de uma monarchia. E tal ministro foi Moysés quando Deus o escolheu para a destruição fatal de Pharaó. Como se tivera o predominio da terra e do mar, umas execuções fazia no mar, outras na terra; todas porém de oppressão, de confusão, de horror, e nenhuma para bem, senão para mal e assolação dos egypcios: nas casas, nas ruas, nos campos, nas lavoiras, nos gados, nos pastores, nas fontes, nos rios, nos mares, tudo eram novidades, mas todas em damno: cada dia se mudavam, mas sempre de um mal grande para outro maior. Ó violento e terrivel ministro! que tambem te chamara cruel, se a tua vara não fôra açoite de Deus, e tu executor de sua justiça! E a maior fatalidade de todas era que nada d'isto abrandava os animos, antes os endurecia mais. Cada milagre dos que fazia Moysés no Egypto era um marmore que se punha no coração de Pharaó contra Deus, de quem Moysés era ministro. Caso digno não só de admiração mas de assombro! Fazia Moysés um milagre: lançava da mão a vara, que se convertia em serpente; e que se seguia d'este portento? *Obduratum est cor Pharaonis:* endureceu-se o coração de Pharaó. Fazia Moysés outro milagre: tocava com a vara no rio, que se convertia em sangue; e que se seguia d'estes horrores? Endureceu-se o coração de Pharaó. Fazia Moysés outro milagre tocava com a vara na terra; levantavam-se exercitos de gafanhotos que talavam os campos e que se seguia d'esta destruição? Endureceu-se o coração de Pharaó. Fazia Moysés outro milagre: tocava com a vara no ar; começavam a chover raios e coriscos que matavam os gados e os pastores: e que se seguia d'estas tempestades? Endureceu-se o coração de Pharaó. De maneira que os milagres de Moysés, ministro de Deus irado, não serviam mais que de endurecer o coração de Pharaó: sendo que o primeiro cuidado dos ministros ha de ser abrandar e affeiçoar e reduzir os corações ao serviço, á obediencia e ao amor do Senhor. Vêde se tenho razão para dizer que os ministros não devem de ser como Moyses para com os egypcios; mas hão de ser como Moysés para com os hebreus. Imitem n'esta forma os misistros a Moysés, os vassallos aos discipulos, os principes a Christo; e concorrendo todos d'esta maneira, uns a contentar e outros a contentar-se, não ha duvida que ao menos em grande parte cessarão os descontentamentos e as tristezas.

Qual a causa da tristeza dos discipulos. O tormento de esperar e o empenho de ser esperado.

VI. *Et estis tristes?* Respondendo os discipulos á pergunta de Christo, disseram que a culpa de sua tristeza era verem mallogradas as esperanças que tinham da resurreição de seu Mestre e com elle da redempção do reino de Israel: *Nos autem sperabamus quia ipse esset redempturus Israel*: nos esperavamos que elle havia de remir o reino de Israel. Ora eu me

puz a considerar algumas vezes, qual era peior estado, se o de esperar, se o de ser esperado. E parece que temos a solução da duvida n'este caso. Os discipulos eram os que esperavam a redempção: Christo era o esperado como Redemptor; e ainda que a tormenta que os discipulos padeciam era grande, a que Christo padecia por ser esperado era maior. A dos discipulos, chegava-lhes ao coração, tristezas, desconfianças, desesperações: a de Christo passava ainda além do coração; porque chegava a tocar no credito. Ouvia dizer de si nas estradas publicas, que não respondera na redempção ao que d'elle se esperava! *Nos autem sperabamus*: logo parece que ainda é maior mal o ser esperado que o esperar. Respondo com distincção: digo que esperar é um dos maiores tormentos; e o ser esperado um dos maiores empenhos. Quem se sujeitou a esperar, sacrificou-se a uma das maiores penas: quem se sujeitou a ser esperado, arriscou-se a uma das maiores emprezas. Sem sairmos do mysterio acharemos a prova de ambas as cousas.

A maior parte dos judeus não esperavam no Messias um Deus, e porque? Que tormento foi esta esperança.

E para maior intelligencia do que quero dizer, havemos de suppor que o Messias, por quem esperavam os judeus, na opinião vulgar do povo não era Messias Deus, senão Messias homem: esperavam um homem grande sim, maravilhoso sim, e que havia de dominar o mundo, sim; mas puro homem e filho de David sómente. Os patriarchas e os prophetas e alguns mais sabios, (ainda que poucos) esses conheciam que o Messias havia de ser filho de Deus, os outros não. E a razão d'esta permittida ignorancia foi, porque como aquelle povo era tão grosseiro e inclinado á idolatria, não fiou Deus do commum d'elle o mysterio altissimo da Trindade: sendo certo que se lhes mandasse propor que havia em Deus tres Pessoas, haviam de crer em tres deuses; que é a consequencia que ainda hoje embaraça sua cegueira. A Moysés, a David, e outras grandes almas d'aquelle tempo, revelou-lhe Deus o segredo da divindade do Messias: mas o commum do povo tinha-o só por puro homem e como tal o esperava. «Ora que tormento fosse esta esperança, não só o manifesta hoje a tristeza desesperada dos dous discipulos; mas muito mais os suspiros e as lagrimas de todos os Patriarchas, que não se cançavam de clamar ao céu e a Deus que acabasse já de vir, repetindo ora com Jacob *Salutare tuum expectabo:* ora com Moysés*: Mitte quem missurus es:* já com David: *Ostende nobis, Domine, misericordiam tuam et salutare tuum da nobis:* já com Isaias: *Rorate coeli desuper et nubes pluant justum: aperiatur terra et germinet Salvatorem.*»

E por fim Messias tão esperado não foi recebido por elles. Analoga contradicção que se vê em Portugal.

Veio emfim o esperado Messias e veio não só homem senão verdadeiro Deus. E que lhe aconteceu? *In propria venit*

et sui eum non receperunt: Não o receberam os seus, nem o acceitaram, nem se satisfizeram d'elle. Pois se as esperanças dos judeus ficaram tão melhoradas na posse, se o que esperavam era homem, e o que veio era Deus, porque se não satisfizeram suas esperanças? Ahi vereis quão difficultoso e arriscado empenho é ser o esperado de um reino! que a expectação de um homem esperado não a satisfaz um Deus vindo. O Messias que esperava o reino de Israel era um homem: o Messias que veio ao reino de Israel era Deus; e são tão más de contentar as esperanças dos homens que vindo o mesmo Deus em pessoa, «se não satisfazem com elle.» E qual é a razão d'isto? Se as suas esperanças alcançaram mais do que esperavam, porque se não contentam? Que a esperança se não contente com o menos, bem está: mas que a mesma esperança se não contente com o mais? Contradicção é esta que não posso alcançar com o intendimento, e vejo-a com os olhos. Quantos ha hoje em Portugal que teem mais do que nunca esperaram e no cabo estão ainda descontentes? Vinde cá: quando a vossa imaginação esteve mais desvanecida, chegou nunca a sonhar nem a esperar o que hoje tendes? Nem vós mesmos o negareis. Pois se tendes mais do que nunca esperastes, porque está ainda descontente vossa esperança? Esta pergunta não tem resposta: irracional affecto é a esperança descontente: vilissimo affecto é. E se não vêde em quem se achou hoje: em Cleophas e no seu companheiro, que eram da aldeia de Emmaús. Affecto de homens de aldeias, Deus nos guarde a nossa côrte d'elle.

A fé e a caridade contentam-se mais facilmente que a esperança.

A fé e a caridade são affectos muito fidalgos e muito bons de contentar. A fé para crer basta-lhe uma prophecia e fica satisfeita: a caridade para amar, quando não tenha beneficios, bastam-lhe aggravos; que o amor até de offensas se sustenta. Não assim o affecto da esperança: nenhuma cousa lhe basta para o contentar: *Nos autem sperabamus.* Todas estas distincções temos na historia d'estes dias. Quinta feira na ceia ficou tão satisfeita a caridade, que disse por bocca de S. João: *Cum dilexisset suos, in finem dilexit eos:* como amasse os seus, os amou até ao fim. Sexta feira na cruz ficou tão satisfeita a fé, que disse por bocca do Centurião: *Vere Filius Dei erat iste:* verdadeiramente este era Filho de Deus. E domingo depois da resurreição ainda está a esperança tão mal satisfeita que disse por bocca dos discipulos de Emmaús: *Nos autem sperabamus:* nós esperavamos; mas não se cumpriram nosssas esperanças. A caridade satisfez-se no mais amante: a fé satisfez-se no mais incredulo: e a esperança não se satisfez nos mais obrigados. Para contentar a caridade bastou Christo vivo: para contentar a fé bastou

Christo morto: para contentar a esperança não bastou Christo resuscitado. Nem as obras da vida, nem as maravilhas da morte, nem as glorias da resurreição bastaram para satisfazer e contentar uma esperança: *Nos autem sperabamus*.

Para os discipulos é muito esperar tres dias e teem razão.

VII. *Nos autem sperabamus, et tertia dies est hodie:* nós esperavamos, e são já hoje tres dias. D'isto me escandalizo mais que de tudo. Vinde cá, mal intendidos esperadores da redempção: quando Moysés subiu ao monte Sinai, não esperastes por elle quarenta dias? Pois quando Christo subiu ao monte Calvario, porque vos cançais de esperar tres? Esperastes quarenta dias por Moysés e não esperareis tres dias por Christo? Eu escandalizava-me; mas elles parece que não deixam de ter razão. Essa é a differença que ha de haver do tempo de Christo ao tempo de Moysés. Se no tempo de Christo se houvesse de esperar, como se esperava no tempo de Moysés; se no tempo da redempção se houvesse de esperar como se esperava no tempo do captiveiro; que felicidade era a dos nossos tempos maior que a dos passados? Assim presumiam os discipulos; e assim era, ainda que elles o ignoravam. No tempo de Moysés esperavam os homens quarenta dias com paciencia; porque não era ainda vindo o esperado: mas no tempo de Christo cançam-se de esperar tres dias; porque é já outro tempo, é tempo de redempção. Esperar antes de vir o esperado é pensão do tempo; mas depois de vir o esperado, esperar ainda, é tormento de desperação. Vêde como accudiu a esta razão e como se conformou com ella o mesmo Christo.

Os santos Padres do Limbo gozaram a vista de Deus antes que o bom Ladrão

Pela morte de Christo abriram-se as portas do céu e os sanctos Padres do Limbo viram logo a Deus. Mas perguntam os theologos, se a vista de Deus a começaram logo a gozar os padres, tanto que Christo expírou; ou quando sua alma sanctissima entrou no Limbo? A resolução mais verdadeira é que tanto que Christo expirou na cruz, logo os Sanctos Padres começaram a gozar a visão beatifica; porque não era justo qua o premio de seus merecimentos se lhes dilatasse. Se lhes dilatasse? Notavel razão dos theologos! A alma de Christo desceu ao Limbo em dous instantes; e quasi todos os que estavam no Limbo, havia dous mil, tres mil, e quatro mil annos que esperavam. E se esperavam, havia quatro mil annos, que importava que esperassem mais dous instantes? Importava muito: porque o tempo era já outro. O tempo passado era de captiveiro; o presènte era de redempção; e no tempo do captiveiro esperar pelo premio quatro mil annos, era conforme a miseria do tempo passado: mas no tempo da redempção esperar só dous instantes, era contra a felicidade do tempo presente. Essa differença ha de ter o tempo

da redempção, do tempo do captiveiro: que no tempo do captiveiro esperavam-se quatro mil annos; no tempo da redempção nem dous instantes se ha de esperar.

E são consolados mais apressadamente que os apostolos, 1.° porque já prestaram serviço

Mas se para os do Limbo era muito esperar dous instantes, porque não sería tambem muito para os do mundo esperar tres dias: *Nos autem sperabamus, et tertia dies est hodie?* Se para os patriarchas não houve dilação, para os apostolos e discipulos porque a ha de haver? Os patriarchas eram do seio de Abrahão, os apostolos eram do seio de Christo, senhor de Abrahão. Pois é bem que se premiem logo os do seio do creado e que estejam esperando os do seio do senhor? Bem tirada e apertada estava a réplica, se dentro dos mesmos termos de uma razão podesse caber outra maior. Assim como entre o passado e o presente é necessario que haja grande differença de tempo a tempo, assim no mesmo tempo presente entre os mais e menos benemeritos é egualmente necessario que haja muita differença de pessoas a pessoas: «e por isso é de justiça que os patriarchas esperem menos, do que os apostolos, a consolação do Salvador.» Vejamos quem eram uns e outros e não só acharemos razão, senão muitas razões para esta differença de favor que com elles usou Christo. Quem eram os patriarchas e quem eram os apostolos? Os patriarchas era um Adão, a quem todo o genero humano reconhecia por pae: era um Noé, que salvou elle só o mundo em um navio: era um Moysés, que libertou o povo de Deus do captiveiro e o levou á terra de promissão: era um Job, exemplo da paciencia e da constancia: era um David, que accudindo pela honra de Deus vencia gigantes: era um Esdras, restaurador do templo e da religião: era um Jeremias, que ardia e se dasfazia em zelo de seu Senhor: era um Isaias, que se deixava serrar pelo meio por lhe não faltar á fé. E os apostolos? «Bem sabemos que depois foram homens maiores que toda a comparação; mas por então» eram um Pedro que negara; um Thomé, que não creu: e os demais que fugiram e deixaram todos a seu Senhor nas mãos de seus inimigos. Pois sería bem que fossem premiados egualmente os que assim fugiram com os que assim serviram? Os que temeram a morte com os que perderam a vida constantemente? Os que á vista de seu rei o desampararam, com os que pelejaram por elle sem nunca o verem? Finalmente os que havia tres annos que serviam, com os que tinham trezentos, quinhentos e mil annos de merecimentos? Bem clara está a razão; e esta é a primeira.

2.° Porque sendo mortos devem ser preferidos aos vivos.

A segunda, e não menor, é, porque os apostolos eram vivos e os patriarchas mortos: e os mortos que acabaram a vida no serviço de seu Senhor, devem preferir e preceder os vivos.

Por que razão? Pela do merecimento e pela do impedimento. Pelo merecimento, porque não pode um vassallo chegar a mais que a dar a vida: pelo impedimento, porque o morto não póde requerer nem fallar por si; e o principe ha de ser o requerente dos mortos. Os vivos hão de buscar o principe para que os premie; o principe ha de ir buscar os mortos para elle os premiar, e assim o fez Christo que os foi buscar ao Limbo. O despacho mais prompto e mais breve que Christo deu para o seu reino foi o de Dismas: *Hodie mecum eris in paradiso*. Mas ainda ao mesmo Dismas quiz Christo que precedessem os patriarchas; porque quando os soldados acabaram de matar aos ladrões, já havia tempo que Christo estava no Limbo: *Ad Jesum cum venissent, viderunt eum jam mortuum*. A brevidade do despacho de Dismas foi do mesmo dia, *hodie*; a do despacho dos patriarchas foi do mesmo instante. Para Dismas fazer effectivo o seu despacho foi elle a Christo: para os patriarchas terem effectivo o seu, foi Christo a elles. Dimas, como vivo, o esperou Christo que requeresse por si: *Domine, memento mei*. Os patriarchas, como mortos, não esperou que requeressem elles; mas elle foi o seu requerente.

Consolação que em fim tiveram os discipulos de Emmaus

VIII. Estas são as razões por que nenhuma tiveram os peregrinos de Emmaús no que cuidavam, nem ainda a podiam ter no que não cuidaram; persuadindo-se que o cumprimento da sua esperança lhes tardava, sendo elles os tardos, como Christo lhes chamou: *O stulti et tardi corde*. Tardos no crer, ignorantes no inferir e impacientes no esperar. Tinham ouvido que o Senhor havia de estar debaixo da terra tres dias e tres noites, assim como Jonas no ventre da baleia; e lançadas bem as contas, ainda lhe faltavam para tres dias quando menos vinte e quatro horas. Elles o confessaram assim quando disseram: *Et tertia dies est hodie:* hoje corre o terceiro dia: logo os tres dias e tres noites «ainda não passaram. Emfim chegaram a Emmaús». Era a hora de se pôr o sol. «Então Christo quiz deixal-os fingindo que ia para mais longe, e como os discipulos lhe dissessem: *Mane nobiscum, Domine, quoniam advesperascit*; obrigado o Salvador pela cortezia do convite entrou no castello e sentou-se com elles á meza. Aqui foi que elles conheceram a que poncto chegava a semrazão das suas queixas e tudo foi em um instante. Aquelle eterno sol» que na imaginação d'estes discipulos ainda não tinha amanhecido «lhes appareceu no resplendor da sua luz divina» e se lhes escondeu junctamente: *Cognoverunt eum, et ipse evanuit ex oculis eorum*. Com esta brevissima vista tudo ficou trocado em um momento: a tristeza trocada em alegria, a desconfiança trocada em credulidade, a esperança tro-

cada em fé; e elles tão trocados dentro e fóra de si mesmos, que logo voltaram animosos de Emmaús para Jerusalem; assim como tinham saido timidos de Jerusalem para Emmaús.

Voltando a Jerusalem desfizeram os caminhos errados. É o que devemos imitar

Se fôra sermão este discurso, aqui tinhamos um bom poncto para acabar. Não ha signal mais certo e mais seguro, Senhores, de termos conhecido a Christo, e Christo nos ter convertido a si, que desfazer os caminhos errados da nossa vida pelos mesmos passos por onde os fizemos. Se desencaminhados fomos de Jerusalem para Emmaús, postos no verdadeiro caminho tornemos de Emmaús para Jerusalem: *Cogitavi vias meas, et converti pedes meos in testimonia tua*, dizia um rei tão fraco como David em quanto homem, e tão resoluto e animoso em quanto arrependido e penitente. Considerei os caminhos da minha vida e logo os desfiz pelos mesmos passos. É necessario desandar o andado, desfazer o feito, e desviver o vivido. Assim o fizeram na mesma hora, não o guardando para o outro dia os nossos venturosos peregrinos. Na mesma tarde desfizeram o que tinham andado pelos mesmos passos; e assim como tinham deixado Jerusalem e caminhado para Emmaús, assim deixaram Emmaús e voltaram a toda a pressa para Jerusalem. Chegados a Jerusalem entraram, com o alvoroço que se deixa vêr, no cenaculo; onde acharam os outros discipulos cheios de excessivo prazer; porque S. Pedro os tinha certificado de que vira resuscitado o divino Mestre. Contaram o que lhes tinha succedido e accrescentaram a alegria de todos com a narração tão notavel da sua historia; a qual e a dos nossos tempos acaba aqui.

(Ed. ant. tom. 6.° pag. 297, ed. mod. tom. 10.° pag. 96.)

II. SERMÃO DA PRIMEIRA OITAVA DA PASCHOA *

PRÉGADO NA MATRIZ DA CIDADE DO GRAN PARÁ NO ANNO DE 1656, NA OCCASIÃO EM QUE CHEGOU A NOVA DE SE TER DESVANECIDO A ESPERANÇA DAS MINAS QUE COM GRANDES EMPENHOS SE TINHAM IDO DESCOBRIR.

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR. — **Segue-se um dos maiores prodigios da eloquencia do nosso orador que com razões as mais evidentes e, segundo seu estylo, tiradas quasi todas da Escriptura, achou modo de consolar a esperança desvanecida dos paraenses.**

Qui sunt hi sermones quos confertis ad invicem ambulantes et estis tristes?... Nos autem sperabamus quia ipse esset redempturus Israel.
S. Luc. 24.

Tristeza dos homens no dia da Resurreição de Christo

Em um dia tão alegre como o de paschoa; em que pela gloriosa resurreição de Christo, Redemptor nosso, se revogou com a mesma gloria a antiga sentença de morte fulminada contra Adão e Eva, digna cousa de admirar é que nem nas filhas de Eva nem nos filhos de Adão se achem effeitos de alegria. Amanheceu o sol n'este formoso dia, mais arraiado que nunca, accrescentando tantos raios a seus naturaes resplandores, quantos tinha eclipsado e escondido no dia da paixão; e que é o que achou no mundo o mesmo sol, ou quando nasceu no oriente, ou quando se foi pôr no occaso? Quando nasceu achou a terra orvalhada das lagrimas da Magdalena; e quando ia a se pôr achou a tristeza dos dous discipulos de Emmaús. Tão tragicos como isto foram os dous primeiros actos ou apparencias d'este famoso «drama».

Buscar e não achar, esperar e não succeder Causas da tristeza.

Para eu vos declarar quão naturaes fossem as causas de um e outro sentimento não me é necessario ir buscar o exemplo mais longe; pois a fortuna n'estes mesmos dias vol-o trouxe a casa. Não é grande desconsolação buscar e não achar? Pois essa era a desconsolação da Magdalena e das outras Marias: *Non invento corpore ejus.* Não é bastante motivo de tristeza esperar e não se succeder o que se esperava? Pois essa era a causa, porque os dous discipulos iam tristes: *Nos autem sperabamus quia ipse esset redempturus Israel.*

E da dos paraenses

Taes considero, senhores, n'esta occasião; ou taes são, ainda que se não considerem, as causas que parece nos fizeram menos alegres estas paschoas, as quaes eu desejo a todos, e para todos peço a Deus tão liberaes dos bens do céu e tambem dos que não são do céu, quanto o mesmo Senhor sabe que nos convem. Foram-se buscar debaixo da terra as minas de ouro ou prata; e não se tendo achado depois de tanto trabalho; assim como as Marias se desconsolaram de verem mal logradas as suas diligencias, as suas prevenções e ainda as suas despezas : *Emerunt aromata;* assim confesso vos pode desconsolar o muito que n'esta infeliz jornada se tem gastado de tempo, de cuidado e de fazenda. E assim como os discipulos iam tristes por ver baldadas e perdidas as esperanças com que desejavam vêr melhorada a sua patria e restaurado o seu reino: *Quia ipse esset redempturus Israel;* assim vos concedo que é para entristecer e sentir não se ter conseguido a opulencia propria e da monarchia, que das mesmas minas desvanecidas, com tanto boato se esperavam. É comtudo tão bom consolador Christo e tão apressado, que na mesma manhã enxugou as lagrimas das Marias e na mesma tarde serenou a tristeza dos discipulos; como eu tambem determino alliviar a vossa hoje.

Marc. 16.

Consolam-se como os discipulos de Emmaús.

Resumindo-me, pois, á historia do evangelho, que sendo succedida hontem, reservou a Egreja para este segundo dia; dous affectos, ou duas paixões naturaes do animo consolou ou curou Christo Senhor nosso nos dous discipulos de Emmaús, a tristeza declarada e a esperança perdida; e sendo estes os mesmos dous affectos com que os corações da nossa cidade se acham menos quietos e satisfeitos; assim como o Senhor mostrando-se vivo aos discipulos, sepultou a sua tristeza e resuscitou a sua esperança, assim eu para consolar uma e alentar outra vos mostrarei vivamente duas verdades: a primeira que muito melhor vos esteve não se descobrirem as minas esperadas que descobrirem-se: a segunda que em logar das minas incertas «de ouro e prata» que se não descobriram «mostra hoje a Egreja» outras certas e muito mais ricas «que já estão descobertas». Ambos estes assumptos, «se forem bem declarados, vos darão muita consolação e alento, como eu» pretendo com a graça do céu que me ajudareis a alcançar. *Ave Maria.*

Dirige-se-lhes a mesma pergunta

II. *Qui sunt hi sermones quos confertis ad invicem et estis tristes?* Que practicas são estas que ides conferindo, e de que estais tristes? Esta foi a pergunta que fez Christo, Redemptor nosso, aos dous discipulos que iam de Jerusalem para Emmaús. E se eu fizesse a mesma no nosso Belem, e perguntasse ás vossas conversações, porque estais tristes; é certo que me havieis de respon-

der, como elles responderam: *Nos autem sperabamus:* esperavamos de ter minas, e estamos desenganados de que as não ha; ou esperavamos que se descobrissem, e não se descobriram. E se eu instasse mais em querer saber o discurso ou consequencia com que sobre este engano fundais a vossa tristeza, tambem é certo havieis de dizer, como elles disseram, que no successo que se desejava e suppunha estavam livradas as esperanças da redempção não só d'esta vossa cidade e de todo o estado, senão tambem do mesmo reino: *Nos autem sperabamus quia ipse esset redempturus Israel.* Ora ouvi-me attentamente, e (contra o que imaginaveis e por ventura ainda imaginais) vereis como n'esta que vós tendes por desgraça consistia a vossa redempção, e de quantos trabalhos, infortunios e captiveiros vos remiu e vos livrou Deus em não succeder o que esperaveis.

Talvez as minas esperadas fossem engano.

«Noto de caminho que» a esperança das vossas minas eu nunca a tive por bem fundada; e perguntado assim o disse. Lá se mostrou ouro e prata: mas estes dous metaes as mais das vezes são como os dous cabritinhos de Jacob, com que enganou ao pae cego para levar a benção a Esaú. Disse Jacob que o guizado que apresentava ao pae era da caça; e elle não era do mato, senão do rebanho. Assim é o ouro e a prata que lá levam: dizem que foi cavado da beta e elle é fundido da bolsa. Por isso as minas não são minas para quem faz as despezas; e só são minas, como a benção de Jacob, para os mesmos que as fingiram e veem ricos de sallarios e cheios de jurisdicções e omnipotencias com que se fazem mais ricos. Mas ou se não descobrissem as minas, porque as não ha; ou porque havendo-as, não quiz Deus que se descobrissem, vêde de quantos perigos e batalhas vos remiu e livrou a providencia e misericordia divina em não succeder este descobrimento como esperaveis.

Gen. 24.

Estas minas se se descobriam, eram de grande perigo para o estado.

III. E para que comecemos pelos perigos que podem vir de fóra e de mais longe; se este estado sem ter minas foi já tão requestado e perseguido de armas e invasões extrangeiras; que sería se tivesse esses thesouros? Lá traz Christo Senhor nosso a comparação de um campo que era cultivado sómente na superficie da terra, fertil de flôres e fructos; porém sabendo um homem acaso que no mesmo campo estava escondido um thesouro, o que fez com todo o segredo e diligencia foi ir logo comprar o campo a todo o custo; e d'este modo ficou senhor, não do campo por amor do campo, senão do campo por amor do thesouro. De sorte que toda a desgraça em mudar de senhorio e passar de um dono a outro dono, esteve em ter thesouro dentro em si e saber-se que o tinha. Contentemo-nos de

que nos dêem os nossos campos pacificamente o que a agricultura colhe da superficie da terra, e não lhe desejemos thesouros escondidos nas entranhas que espertem a cubiça alheia: principalmente quando os mesmos campos não estão cercados de tão fortes muros que lhes possam facilmente defender a entrada.

Como aconteceu aos hebreus por parte das nações de Gob e Magob.

Conta a Escriptura sagrada no capitulo trinta e oito de Ezechiel (ou seja historia do passado, ou prophecia do futuro) que sabendo as nações de Gog e Magog que os hebreus viviam ricos e descançados nas suas terras, fizeram conselho entre si de os irem conquistar, fundando esta deliberação em dous motivos: o primeiro que tinham ouro e prata, o segundo que não tinham muros. Um motivo os excitou á conquista e o outro lh'a facilitou. O que os excitou foi o ouro e a prata; o que os facilitou foi serem terras habitadas sem muros nem fortificações. E terras que teem ouro e prata e não teem muros fortes que as defendam, naturalmente estão expostas á cubiça e invasão dos inimigos: porque o ouro e a prata que teem, excita a cubiça; e os muros e fortificações que não teem, facilitam a invasão. É verdade que os hebreus d'aquelle tempo estavam muito seguros com a paz das outras nações e já livres de suas armas. Mas esta segurança foi sempre muito enganosa. Onde ha nova occasião de interesse, não ha confederação que dure.

Dicto de Jeremias no cap. 15 que parece relativo aos hollandezes

Ouvi um dicto notavel de Jeremias: *Nunquid foederabitur ferrum ferro ab aquilone et aes?* Cuidais que o ferro do norte (do norte diz nomeadamente, *ab aquilone*) cuidais que o ferro do norte se pode confederar com outro ferro e o seu bronze com outro bronze? Enganais-vos, diz o propheta áquelles com quem fallava; e o mesmo vos certifico eu sem ser propheta. Livrou-vos Deus da prata, porque vos quiz livrar do ferro. A arte com a prata liga os outros metaes; e a cubiça com a prata desfaz todas as «confederações.»

Caso de Ezechias com os embaixadores de Babylonia.

Confederados estavam os israelitas com os babylonios, e era tanta a amizade e boa correspondencia entre um e outro rei, que Baradac, rei de Babylonia soberbissimo e potentissimo, sabendo que Ezechias rei de Israel tinha convalescido d'aquella grave infermidade em que esteve á morte, lhe mandou embaixadores com grandes presentes a lhe dar o parabem da saude. Quiz-se mostrar agradecido Ezechias; e em signal de benevolencia e confiança, levou os mesmos embaixadores ao mais secreto do seu palacio; e alli lhes descobriu e manifestou todos os seus thesouros. Elle e elles ficaram mui satisfeitos; mas não eram passadas vinte e quatro horas, quando Deus mandou annunciar a Ezechias as perigosas e tristes consequencias d'aquelle descobrimento: E vós Ezechias, fostes tão inconsiderado, que

manifestastes os vossos thesouros aos embaixadores de Babylonia? Pois sabei, diz Deus, que os babylonios os virão buscar e não só se farão senhores dos mesmos thesouros, sem d'elles deixar cousa alguma, senão que até vossos filhos captivarão e levarão presos a Babylonia, para lá se servirem d'elles. Eis aqui em que param as amizades, as pazes e as confederações, em havendo descobrimento de thesouro. Dae graças a Deus de se frustrarem as vossas esperanças e não lhe sejais ingratos com vos entristecer; pois assim vos quiz livrar de tamanhos perigos.

O que os hispanhoes soffreram dos romanos por suas minas. *Mach.* 8.

Se em Hispanha não houvera minas de ouro e de prata (das quaes diz Estrabo que eram as mais ricas do mundo) nunca os romanos iriam a lhes fazer guerra de tão longe, nem com tanto empenho e pertinacia. Assim o dá a intender a mesma Escriptura sagrada no primeiro livro dos Machabeus, referindo as conquistas dos romanos e a fama das suas victorias: *Et quanta fecerunt in regione Hispaniae et quod in potestatem redegerunt metalla argenti et auri quae illic sunt.* Não diz que conquistaram os homens, senão as minas, porque as minas foram o motivo da guerra e da conquista. Como a gente de Hispanha era tanta, tão remota, e tão forte, gastou a potencia romana na pertinacia d'esta conquista duzentos e trinta e cinco annos (vêde se serão cá necessarios tantos!); até que finalmente a terra, as minas e os moradores ficaram todos sujeitos ao jugo e dominio extranho; presidiados de suas legiões, tributarios á sua cubiça, governados e opprimidos da sua tyrannia; e o mesmo ouro e prata (que como diz o Espirito Sancto muitas vezes é redempção do homem) para elles foi a causa da servidão e o reclamo que chamou de tão longe e lhe metteu em casa o captiveiro.

Trabalhos e miserias que traz consigo o descobrimento de minas.

IV. Mas dado que as minas tão esperadas e appetecidas não tivessem por consequencia estes perigos de fóra, bastava a consideração dos trabalhos e miserias domesticas que com ellas se vos haviam de levantar debaixo dos pés, para que o vosso juizo, se o tivesseis, tractasse antes de sepultar as mesmas minas depois de achadas, que procurar de as desenterrar e descobrir, ainda que foram muito certas. Um dos maiores castigos que Deus podia dar a esta cidade e a este estado era descobrirem-se n'elle minas. E para que vos não pareça que são isto encarecimentos lenitivos, inventados para divertir a tristeza e dar especie á consolação, troquemos este ouro e prata em miudos e vejamos os proveitos e interesses que do descobrimento de minas haviam de resultar á vossa terra no caso em que se tivessem achado.

Exemplo das minas do Potosi

Eu nunca fui ao Potosi, nem vi minas; porem nos livros que descrevem o que n'ellas passa, não só causa espanto, mas horror, lêr a fabrica e as machinas, os artificios e a força, o trabalho e os perigos com que as montanhas se cavam, as betas se seguem, e perdidas se tornam a buscar: os encontros de pedernaes impenetraveis, ou de aguas subterraneas, que rebentam das penhas; as quaes ou se hão de esgotar com bombas, ou abrir-lhes novo caminho furando por outra parte os mesmos montes: o estrondo dos maços, das cunhas, das alavancas, e dos outros instrumentos de ferro, alguns dos quaes teem cento e cincoenta libras de peso, com que se batem, cortam e arrancam as pédras ou se precipitam com maior perigo do alto, e tudo isto n'aquellas profundissimas concavidades ou infernos, onde nunca entrou o raio do sol, allumiadas malignamente aquellas infelizes «creaturas» só com a luz escassa e contrafeita de alguns fogos artificiaes, cujo halito, fumo e vapor ardente lhes toma a respiração e muitas vezes os afoga.

Estes mineiros soffrem mais que quaesquer penitentes

Faz aqui padecer a cubiça muito mais do que prophetiza Isaias que fará em algum tempo a penitencia. Metter-se-hão, diz o propheta, metter-se-hão os homens pelas covas e pelas concavidades da terra, não para buscar ouro ou prata; mas abominando e lançando de si os idolos que do ouro e da prata tinham feito, a saber toupeiras e morcegos. Vêde agora estas mesmas figuras como as ajuncta e introduz todas a cubiça n'este escuro e horrendo theatro da paciencia sem virtude. Alli os penitentes arrependidos entram pelas grutas e concavidades da terra; aqui os cubiçosos e enganados tambem se mettem, não pelas covas que a terra tem aberto, senão pelas que elles cavam e rompem á viva força, muito mais penetrantes e profundas. Alli desprezam-se os idolos de ouro e prata, conhecida sua mentira e vaidade; aqui estima-se e adora-se tanto a mesma vaidade que por novos e occultos caminhos de tantos estádios se vai buscar e desenterrar o ouro e prata para se fundirem e lavrarem idolos: alli as figuras dos idolos são toupeiras e morcegos; aqui os homens, desfigurados como toupeiras, vivem debaixo da terra, sem ter olhos para vêr a luz, e como morcegos fogem do sol e do dia e se vão mais sepultar, que viver, n'aquella escura e perpetua noite. Ainda teem outra propriedade: porque uns, como toupeiras com os pés e mãos na terra, a andam cavando, revolvendo e mondando continuamente; e outros, como morcegos suspensos no ar, estão picando as pedras e sangrando as suas veias, com o corpo e com a vida pendente de uma corda. Houve jámais algum anachoreta dos que habitavam as covas que fizesse tal penitencia? Pois ainda não ouvistes o mais temeroso d'ella.

Solapadas por baixo aquellas grandes montanhas, todo o peso immenso d'ellas se sustenta sobre pilares da mesma materia, que vão deixando a espaço; os quaes se enfraquecem ou quebram como acontece muitas vezes, qual é o effeito? Toda a montanha ou grande parte d'ella cái de repente; e a multidão que andava desenterrando a prata, fica sepultada com ella em um momento, sem outra noticia de tamanho e tão miseravel estrago, que a que deu aos de muito longe o estrondo da ruina e o tremor de toda a terra. Isto é o que se escreve; e se escreve muito menos do que verdadeiramente é. Baste por prova que a sevicia e crueldade dos Neros e Diocleciano commutavam a morte e os tormentos dos christãos em os mandar servir e trabalhar nas minas: e a Egreja que com tanta difficuldade e consideração examina e avalia os merecimentos dos sanctos, canonizava e venerava por martyres aos que n'ellas acabavam a vida.

Grandes desgraças que acontecem em taes minas.

Agora vos pergunto eu: E estes martyrios das minas, se as vossas se descobrissem, quem os havia de padecer? Dos degradados não fallo; porque os que hoje se degradam para o Maranhão, então se haviam de degradar todos e muito mais para as minas. Os cavadores não serieis os mais nobres e ricos da terra; mas quem haviam de ser, senão os seus escravos? Quem havia de conduzir todos aquelles instrumentos e machinas por esses sertões dentro? Quem havia de contribuir o sustento e leval-o aos trabalhadores? Quem havia de cortar e acarretar áquellas serras estereis (como são todas) as lenhas para as fornalhas e fundições? E aquelles lumes perpetuos e subterraneos com que oleos se haviam de sustentar, senão com os dos fructos agrestes que aqui se estillassem e não com os dos olivaes que de lá viessem? Sobre tudo, se tantos milhares de indios se teem acabado e consumido en tão poucos annos e com tão leve trabalho, como o das vossas lavouras; onde se haviam de ir buscar outros que supprissem e supportassem quanto tenho dicto? E quaes haviam de ser os que, vendo-se enterrar vivos n'aquellas furnas, não fugissem para onde nunca mais apparecessem, levando o mesmo medo com elles aos demais? Tudo isto não o haviam de fazer nem padecer os que passeiam em Lisboa; porque tambem essas minas são como as da polvora, que sempre arruinam, derribam, e põem por terra o que lhes fica mais perto. E isto é o que vós desejaveis para a vossa, e vos entristece, porque não succedeu como esperaveis?

Os que haviam de ser mineiros no Pará.

Ainda falta por dizer o que mais vos havia de destruir. Quantos ministros reaes e quantos officiaes de justiça, de fazenda, de guerra vos parece que haviam de ser mandados cá para a

Que flagellos haviam de ser neste descobrimento os ministros reaes.

extracção, segurança e remessa d'este ouro ou prata? Se um só d'estes poderosos tendes experimentado tantas vezes que bastou para assolar o estado, que fariam tantos? Não sabeis o nome do serviço real (contra a tenção dos mesmos reis) quanto se extende cá ao longe e quão violento é e insupportavel? Quantos administradores, quantos provedores, quantas thesoureiros, quantos almoxarifes, quantos escrivães, quantos contadores, quantos guardas no mar e na terra, e quantos outros officios de nomes e jurisdicções novas se haviam de crear com estas minas para vos confundir e sepultar n'ellas? Que tendes, que possuis, que lavrais, que trabalhais, que não houvesse de ser necessario para serviço d'el-rei ou dos que se fazem mais que reis com este especioso pretexto? No mesmo dia havieis de começar a ser feitores e não senhores de toda a vossa fazenda. Não havia de ser vosso o vosso escravo, nem vossa a vossa canôa, nem vosso o vosso carro e o vosso boi, senão para o manter e servir com elle. A roça haviam-vol-a de embargar para os mantimentos das minas; a casa haviamo-vol-a de tomar de aposentadoria para os officiaes das minas; o cannavial havia de ficar em mato; porque os que o cultivassem haviam de ir para as minas, e vós mesmo não havieis de ser vosso, porque vos haviam de apenar para o que tivesseis ou não tivesseis prestimo; e só os vossos engenhos haviam de ter muito que moer, porque vós e vossos filhos haveis de ser os moidos.

Por isso foi mercê de Deus que não se achassem as minas.

V. Parece-me que vos vejo dar assenso a tudo o que digo (que por isso desci a cousas tão particulares e domesticas); e tambem creio que já a vossa esperança terá mudado de conceito á vista d'este descobrimento de mineraes, tão diversos do que ella desejava e suppunha: os quaes é certo que haviam de ser maiores e mais duros na experiencia, do que os pode representar o meu discurso. Fique logo por conclusão que muito maior mercê vos fez Deus e muito mais bem afortunados fostes em não se acharem as minas, que se o ouro e prata, que se suppunha e esperava d'ellas, se descobrissem.

É melhor possuir uma terra fertil, que ter dinheiro, auctoridade de Plinio.

E porque vos não fique a ultima desconsolação de não terdes com que bater moeda na vossa terra; saibam os que tanto a desejam e procuram que, posto que seja com bôa tenção e bom zelo, é esta a maior traição que podem fazer á sua patria. É possivel que vos dê Deus uma terra tão abundante e tão fertil que só com a commutação dos fructos e drogas d'ella vos sustentais e conservais, ha tantos annos, tão abastada e tão nobremente sem haver nem correr n'ella dinheiro; e que desejeis e suspireis por dinheiro, sem o qual, e por isso mesmo vos fez a vossa fortuna tão singulares no mundo? «Um sabio anti-

go», que maior conhecimento teve de todo elle, entre outras muitas sentenças com que condemna o uso do dinheiro e louva o da commutação dos fructos naturaes, diz estas notaveis palavras: *Quam innocens, quam beata, imo vero et delicata esset vita si nihil aliud quam supra terras concupisceret? Utinamque posset e vita totum abdicari aurum ad perniciem vitae repertum! Quantum feliciore aevo cum res ipsae permutabantur inter se!* Quer dizer: Que innocente, que bemaventurada e que deliciosa seria a vida dos homens se elles se contentaram com o que nasce sobre a terra! Oxalá se podera desterrar de todo o mundo o ouro descoberto para destruição da vida, e se trocaram os tempos e uso presente por aquella edade felicissima em que as cousas se commutavam umas por outras. Até aqui o parecer d'aquelle grande juizo, que ajunctou em si a sciencia natural de todos os seculos. E que tendo-vos Deus feito mercê de que gozeis esta inestimavel riqueza e felicidade natural, queirais abrir as portas a um inimigo tão universal e pernicioso como o dinheiro, que no dia em que entrar na terra vos ha de empobrecer a todos de repente?!

Plin. in proem. lib. 33.

Ouvi um caso admiravel de Christo Senhor nosso com seus discipulos. Mandou-os o Senhor prégar pelo mundo e prohibiu-lhes nomeadamente que não tivessem ouro nem prata, nem levassem bolsa nem dinheiro. Vieram os discipulos da jornada e fez-lhes o Divino Mestre esta pergunta: Quando vos mandei sem bolsa nem alforge, faltou-vos alguma cousa? Responderam todos que nenhuma cousa lhes faltara. Pois agora vos digo, replicou o Senhor, que quem tiver bolsa e dinheiro, o leve camsigo, e se tiver alforge tambem. Com razão chamei a este caso admiravel. Se Christo tinha mandado aos discipulos sem bolsa nem dinheiro, e elles experimentaram e confessavam que nenhuma cousa lhes faltava; como, depois d'esta experiencia e d'esta confissão lhes manda agora o contrario e que levem dinheiro? Se elles tiveram dicto que por não levarem dinheiro lhes tinham faltado muitas cousas necessarias á vida, então se seguia bem que o Senhor lh'o concedesse. Mas tendo-lhes prohibido o dinheiro, quando foram a primeira vez, e não lhes tendo faltado nada, agora lhes diz que o levem? Responde depois de grandes admirações S. João Chrysostomo: Christo Senhor nosso queria exercitar os seus discipulos na paciencia e que padecessem pobreza e falta do que lhes fosse necessario; e como quando foram sem dinheiro nenhuma d'estas cousas lhes faltou, mandou-lhes que levassem dinheiro para que tudo lhes faltasse. Como se dissera o Senhor (diz Chrysostomo): Atégora sem dinheiro tudo vos sobeja; pois agora quero que tinhais di-

Manda Christo aos discipulos que levem bolsa e alforge. Razão que dá Chrysostomo.

nheiro para que tudo vos falte e sejais pobres. Isto é o que querem sem intenderem o que querem, os que desejam que entre e corra dinheiro n'esta vossa terra. Se sem dinheiro e só com a commutação dos fructos naturaes da terra, tendes abundantemente tudo o que é necessario para a vida e muitos de vós o superfluo; para que quereis dinheiro, senão para que tudo custe dinheiro, e custando tudo dinheiro todos sejais pobres? Benzei-vos d'esta tentação como da outra: lograe o que Deus vos deu tão abundantemente sobre a terra; e de debaixo d'ella, nem queirais minas, nem o que d'ellas se bate.

O descobrimento das minas seria de grande damno para o estado.

VI. Mas antes que acabemos este poncto (com promessa de que o segundo será muito breve), não quero que me accuseis de pouco zeloso da opulencia do reino: e assim como vos tenho mostrado que as minas, no caso em que se descobrissem, seriam de grande damno, em particular para este estado; assim accrescento agora que tambem para o mesmo reino em geral antes haviam de ser de maior oppressão e ruina que de utilidade e augmento. E para que comecemos pelos exemplos mais vizinhos; que utilidades se teem seguido a Hispanha do seu famoso Potosi, e das outras minas d'esta mesma America? A mesma Hispanha confessa e chora que lhe não tem servido mais que de a despovoar e empobrecer. Para os outros é a substancia dos preciosos metaes e para elles a escoria. Lá disse Isaias do reino de Israel: *Argentum tuum versum est in scoriam;* e o mesmo se poderá dizer sem metaphora de prata de Hispanha.

Isai. 1.

Quanta e donde foi a riqueza de Salomão.

E para que se não engane alguem com me dizer ou cuidar que a evidencia d'este mesmo exemplo nos servirá de doutrina e emenda, passemos a outro reino ou a outro reinado mais sabio, qual foi sem injuria dos presentes e dos futuros o de Salomão. Salomão com a sua universal sabedoria descobriu riquissimas minas, e não outras, segundo a opinião de graves auctores, senão as mesmas d'este novo mundo. Funda-se esta sentença no capitulo terceiro do segundo livro do Paralipomenon, onde fallando do ouro que d'aquellas partes vinha a Salomão, diz o texto hebreu: *Aurum erat Paruaim;* a saber, o ouro de um e outro Perú, como o declara o Genebrardo, peritissimo na lingua hebraica. Mas ou fossem d'esta terra as minas de Salomão, ou de qualquer outra; vamos ao que rendiam e em que se empregava, que é o que faz ao meu caso. O que traziam as suas frotas a Salomão só em ouro eram seiscentos e sessenta e seis talentos, que montam oito milhões menos oito mil cruzados. Assim o conta ponctualmente a Escriptura: *Pondus auri quod afferebatur Salomoni per annos singulos, sexcentorum sexaginta sex talentorum auri.* E não só traziam as fro-

tas ouro, senão tambem muita prata, cuja quantidade era tão immensa na côrte de Jerusalem, que affirma a mesma Escriptura egualava ás pedras da rua: *Fecitque ut tanta esset abundantia argenti in Jerusalem, quanta et lapidum.* Esta é a immensidade de ouro e prata que rendiam aquellas minas. Mas antes que vejamos em que todo este ouro e toda esta prata se gastava, deixae-me fazer um reparo, digno não só de admiração, mas de assombro e de pasmo.

E como estavam opprimidos os seus vassallos.

Morto Salomão, succedeu-lhe na corôa Roboão seu filho; e a primeira proposta que lhe fizeram os povos junctos em côrtes, foi que tivesse piedade d'elles e os alliviasse dos tributos com que estavam opprimidos em tempo de seu pae, porque eram insupportaveis. E chegou esta instancia a termos tão apertados e do cabo, que não querendo Roboão condescender no que tão justamente pediam, dos doze tribus de que constava todo o reino, os dez lhe negaram obediencia e se rebellaram e fizeram outro rei e outro reino que nunca mais se sujeitou, nem restituiu aos herdeiros de Salomão. Agora entra meu reparo. Se o peso do ouro e a quantidade da prata que contribuiam as minas, era tão excessiva (alem dos direitos ordinarios do reino, de que tambem faz menção a Escriptura) com toda esta immensidade de thesouros, com todos estes rios de prata e ouro que estavam sempre a correr, *per singulos annos*, como não se aliviava a oppressão dos vassallos, como se não levantavam ou diminuiam os tributos dos povos, antes cresciam e se multiplicavam ao mesmo passo com tal excesso, que os obrigaram a uma tal desesperação, e reduziram o reino a extrema ruina? Aqui vereis qual é o fructo das minas e o que fazem estes rios de ouro e prata trazidos de tão longe. Com as suas enchentes inundam a terra, opprimem os povos, arruinam as casas, destroem os reinos.

As causas naturaes d'estes effeitos são o luxo, a ostentação, a delicia, etc.

As causas naturaes d'estes effeitos tão lamentaveis não são ordinariamente outras, senão as mesmas que precederam no reinado de Salomão. E quaes foram estas? O luxo, a vaidade, a ostentação, a delicia, os palacios, as casas de prazer, as fabricas e machinas exquisitas, e outras cousas tão notaveis, como superfluas, que chamavam á côrte de Jerusalem os olhos do mundo, e vistas desmaiavam a admiração, como aconteceu á rainha Sabá. As baixellas todas eram de ouro (porque da prata não se fazia caso) as mezas e todas as outras alfayas, tambem de ouro, e o que se não podera crêr se o não referira a historia sagrada, até as lanças e escudos em grande numero de ouro. N'estes monstros da vaidade (que sempre é maior que o poder) se consumiam aquelles immensos thesouros; e onde não

chegavam os milhões das frotas, suppriam os tributos dos vassallos. Quando as frotas haviam de partir, uns concorriam com o prestimo de suas artes para os aprestos, outros com as contribuições das suas herdades para os bastimentos, outros com o dinheiro amoedado para os soldos, outros com as proprias pessoas, embarcando-se forçados a uma tão dilatada, tão nova e tão perigosa navegação. E quando as mesmas frotas voltavam carregadas de ouro e prata, nada d'isto era allivio ou remedio dos povos, senão para mais se encherem e incharem os que tinham mando sobre elles e para se excogitarem novas artes de esperdiçar e novas invenções de destruir. E se isto succedia no reinado e governo de Salomão, vêde se se pode esperar ou temer outro tanto quando não forem Salomões os que tenham o governo!

Auctoridade de Isaias, c. 2.

Dos futuros condicionaes e contingentes ninguem é sabedor, senão Deus e os seus prophetas. E assim não quero que me creais a mim, senão a Isaias que dizia: Vejo a terra toda cheia de ouro e prata, e são tantos e tão grandes os seus thesouros que não teem fim: *Repleta est terra argento et auro, et non est finis thesaurorum ejus.* Oh ditosa e bem afortunada terra! (direis) em que não haverá já pobreza, nem miseria; pois estando toda cheia, a todos abrangerá a riqueza; e não haverá quem não tenha com que remediar a sua necessidade! Assim parece verdadeiramente. Mas vejamos se vê mais alguma cousa o propheta, e se é isto mesmo que nós inferimos. Depois de vêr a terra cheia de ouro e prata o que mais vi, diz o propheta, foi que a mesma terra estava cheia de cavallos e que as suas carroças eram innumeraveis e que os homens adoravam as obras de suas mãos e faziam d'ellas idolos: *Et repleta est terra ejus equis et innumerabiles quadrigae ejus: et repleta terra ejus idolis: opus manuum suarum adoraverunt.* Eis-aqui os augmentos que havia de ter o nosso reino com os haveres que lhe promettiam as vossas minas. Encher-se-hia a terra de ouro e prata; mas esse ouro e prata, postoque naturalmente desce para baixo, havia de subir para cima. Não havia de chegar aos pequenos e pobres; mas todo se havia de abarcar e consumir nas mãos dos grandes e poderosos; porque, como bem disse o o outro, as magnetes attrahem o ferro e os magnates o ouro: e as obras pias em que esses thesouros se haviam de despender eram mais cavallos e mais carroças, e mais galas, e mais palacios e obras magnificas e ostentosas; e tambem haviam de ter parte n'elles os idolos baptizados que lá se adoram e que tantas vidas e fazendas teem destruido.

Texto notavel de David, ps. 16.

«Agora intendo a razão d'aquelle castigo de que falla David

no psalmo dezeseis»: *De absconditis tuis adimpletus est vénter eorum*: fartastes, Senhor, a sua fome com os encher dos vossos escondidos. Aquelles que o propheta chama os escondidos de Deus uns dos Sanctos Padres intenderam que significam castigos e outros que significam minas de ouro e prata: e uns e outros não discrepam, mas concordam admiravelmente na mesma differença de um e outro sentido: porque? Porque as minas, «como temos visto» quando Deus as descobre são castigos. E notae a mysteriosa propriedade com que este genero de castigos se chamam os escondidos de Deus. Porque Deus umas vezes castiga com castigos manifestos, e outras vezes com castigos escondidos. Os castigos manifestos são os que todos temem e reconhecem por castigos, como são as fomes, as pestes, as guerras, e as outras calamidades temporaes: os castigos escondidos e occultos, são aquelles que não se reputam, nem temem, como taes, antes se estimam e desejam como felicidades e boas fortunas; e d'este genero são as minas e seus descobrimentos. São castigos escondidos debaixo de apparencias contrarias; porque se appetecem, estimam e festejam enganosa e enganadamente; sendo certo que debaixo do preço e esplendor do ouro e prata se occultam e escondem grandes trabalhos, afflicções e miserias, com que a justiça divina por peccados quer castigar e açoitar as mesmas terras onde as veias d'estes metaes se descobrem. Deus tanto pode açoitar com varas de ferro, como com varas de ouro e de prata; antes estes açoites são muito mais pesados, quanto a prata e ouro pesa mais que o ferro. E se estes eram os proveitos com que se havia de adeantar o reino no descobrimento das vossas minas, á custa da vossa fazenda, do vosso trabalho, da vossa oppressão e do vosso captiveiro; vêde se foi grande favor e providencia do céu que se não descobrissem e se tanto no particular como no geral ia desencaminhada e errada a vossa esperança: *Nos autem sperabamus*.

Quaes as minas que hoje mostra a Egreja, qual o coração da terra onde o Senhor desceu.

VII. Desenganado assim e desvanecido o falso descobrimento das vossas minas, segue-se o verdadeiro «das mais preciosas que hoje vos mostra a Egreja» Promettendo Christo Redemptor nosso aos escribas e phariseus em lugar de um milagre do céu, que lhe pediam, outro milagre maior na terra, disse que assim como Jonas estivera tres dias e tres noites no ventre da baleia; assim elle havia de estar no coração da terra outros tantos dias e noites: que foram os que se contaram desde a tarde de sua sagrada morte até a manhã da sua gloriosa resurreição. Alguns dizem que se cumpriu esta promessa e prophecia na sepultura do Senhor. Mas esta interpretação parece insufficiente; porque, ainda que Christo na sepultura esteve debaixo da terra, não es-

teve no coração da terra: *De corde terrae.* O coração da terra não é juncto á superficie, onde estava o sepulchro, senão o meio e centro d'ella, e o logar mais interior e inferior onde o Senhor desceu e se deteve aquelles tres dias; e isso é o que cremos e significamos, quando dizemos, não só que foi sepultado, senão que desceu ao inferno. Mas a que fim desceu Christo ao inferno, estando já em estado glorioso a que naturalmente é devido o céu? Que foi buscar áquellas concavidades escuras e subterraneas onde nunca entrou o sol? Foi buscar e descobrir umas minas mais ricas, que toda a prata e todo o ouro; cujo preço e logar só elle conhecia, e nenhum homem nem anjo, senão elle, as podia descobrir.

E quaes as riquezas que tirou d'estas minas. Santos do antigo testamento.

A montanha onde começaram a romper-se estas minas («deixae que assim o diga») foi o monte Calvario; os instrumentos a cruz e os cravos; o sitio subterraneo, onde ellas estavam escondidas, o seio de Abrahão; e as riquezas que d'ellas tirou Christo depois de tantos trabalhos, as almas. Tirou a alma do mesmo Abrahão, que deu nome ao lugar. Tirou a alma de Abel, que foi a primeira que alli entrou. Tirou as almas de Adão e Eva, que por um appetite foram causa de que elles e seus filhos do paraiso da terra não fossem trasladados ao céu. Tirou as almas dos antigos patriarchas Seth, Noé, Isaac, Jacob, Joseph e Moysés, cuja lei, posto que foi disposição, não teve virtude para levar os homens á gloria, privilegio só da lei da graça. Tirou a alma de Job, que no mesmo tempo se salvou na lei da natureza; e tambem (segundo parece) as dos outros seus amigos que tinham a mesma fé do Deus verdadeiro. Tirou as almas do reis que foram justos e sanctos (muito menos porém em numero do que fossem as corôas), a alma de Ezechias, a de Josaphat, a de Manasses, a de David. E se tambem não foi com elle a de Salomão, vêde que desgraça! Tirou as almas dos prophetas Isaias, Jeremias, Ezechiel, Daniel e os demais; e com cada um d'elles, em triumpho, as almas que com suas pregações tinham livrado do inferno. E porque não fiquem fora as mulheres, tirou as almas de Sara, de Rebecca, de Rachel, a de Maria, irmã de Moysés, a de Esther, a de Ruth, a da casta Susanna, a da valente Judith: e com estas de mais conhecido nome, todas as outras que n'aquelle escuro deposito estavam esperando longamente a vinda do Messias.

E Sanctos do novo.

Das que lá entraram depois de Deus feito homem (se a historia do rico avarento não foi mais antiga) tirou o Senhor singularmente a alma do pobre Lazaro, de que só se faz menção no Evangelho, a qual levaram ao mesmo seio de Abrahão os anjos; ficando para sempre no inferno ardendo em fogo e em inveja a

alma do mesmo rico, cuja fortuna n'este mundo fôra tão invejada. Tambem foi notavel entre as almas d'esse tempo a de Simeão, aquelle velho venturoso que teve a Christo em seus braços e despedindo-se da vida foi o que lá levou as primeiras novas de que já ficava no mundo o Redemptor d'elle. E qual sería a festa que lhe fizeram as almas dos innocentes de Belem, os quaes o Senhor não livrou da espada de Herodes para agora as levar gloriosas comsigo? Finalmente sobre todo aquelle numerosissimo esquadrão avultaram com excesso entre todas as almas grandes, quatro maiores—a de S. João Baptista, a de S. Joaquim, a de Sanct'Anna e a do que mereceu ser chamado pae do mesmo Christo, o incomparavel S. José.

Como se verificou a prophecia de Isaias c. 45 ácerca dos thesouros escondidos

Estes foram os thesouros inestimaveis, que o Redemptor do mundo tirou d'aquellas suas minas, que em espaço de quatro mil annos, desde o principio do mesmo mundo, se foram multiplicando e crescendo sempre. Então se cumpriu a promessa que d'elles lhe tinha feito Deus por bocca de Isaias dizendo: que lhe daria os thesouros escondidos e mais secretos e encobertos de toda a terra, e quebraria para isso portas de bronze e fechaduras de ferro: *Portas aereas conteram et vectes ferreos confringam, et dabo tibi thesauros absconditos et arcana secretorum.* Bem sei que estas palavras foram dirigidas exteriormente a el-rei Cyro; mas é certo que o interior da prophecia fallava expressamente com Christo. Assim como o que tem deante de si a imagem de um sancto, parece que falla com a imagem, e falla com o sancto; assim Isaias fallando no exterior com Cyro que era figura e imagem de Christo, com o mesmo Christo é que fallava propriamente e de Christo prophetizava, e não de Cyro. Assim que aquelle principe a quem Deus prometteu o descobrimento das minas secretas e as riquezas dos thesouros mais occultos e escondidos, não era Cyro nem outro rei da terra, senão Christo, que desceu, como diz S. Paulo, ás partes mais inferiores da terra para descobrimento, liberdade e redempção d'aquellas almas tão preciosas como prezadas, que no seio de Abrahão, como em thesouro, se iam depositando por todos os seculos, não só escondidas e encerradas mas verdadeiramente captivas. *Ascendens in altum captivam duxit captivitatem. Quod autem ascendit quid est nisi quia et descendit primum in inferiores partes terrae.* E por que as mesmas almas não podiam sair d'aquelle logar subterraneo onde estavam prezas e aferrolhadas como em um carcere de bronze; por isso junctamente com a promessa d'estes thesouros e d'estas minas, assegurou Deus ao mesmo Christo, descobridor e conquistador d'ellas, que primeiro quebraria as portas de bronze e romperia as fechaduras de ferro: *Portas aereas conteram et ve-*

Ephes. 4.

ctes ferreos confringam, et dabo tibi thesauros absconditos et arcana secretorum. Assim commentam este logar litteralmente S. Jeronymo e Sancto Agostinho.

Preço d'estes thesouros avaliado por S. Pedro ep. 1 c. 1

Mas quem poderá declarar dignamente o preço d'estes thesouros e o valor d'estas minas? Só por comparação do ouro e prata, que o mundo tanto preza e estima nas outras, se póde de algum modo rastear; e assim o fez S. Pedro fallando d'aquellas almas e das nossas. Exhorta-nos S. Pedro a que conservemos puras as nossas almas com a obediencia dos preceitos divinos, que todos se encerram na caridade; e o motivo principal que para isso nos propõi é o preço e o valor das mesmas almas: *Scientes quod non corruptibilibus auro vel argento redempti estis, sed pretioso sanguine, quasi agni immaculati Christi.* Advertindo e considerando (díz o principe dos apostolos) que essas almas não foram compradas com ouro ou prata, senão com o precioso sangue do mesmo Filho de Deus. Não sei se reparais que não só diz S. Pedro o preço com que foram compradas as almas, senão tambem o preço com que não foram compradas. Não foram compradas, diz, com ouro, nem com prata, senão com o sangue de Christo. E não bastava dizer que foram compradas com o sangue de Christo unido á divindade e por isso de preço infinito? Bastava e sobejava. Mas como fallava com a baixeza e vileza dos homens, que, como filhos da terra, não sabem levantar os pensamentos da terra, e tanto presam e estimam o ouro e a prata, por isso ajunctou e ponderou que não foram compradas as almas com ouro nem com prata, senão com o preço infinito do sangue de Christo: para que acabem de intender e de crer todos os que teem fé, que são infinitamente mais preciosas as almas e infinitamente mais ricas as minas donde Christo as foi buscar debaixo da terra, que todo o ouro e toda a prata que se tira ou póde tirar das outras.

E por D. João II rei de Portugal.

Que bem o intendeu assim el-rei D. João o segundo, quando se descobriram as minas da costa d'Africa, que deram nome á mesma terra. Edificou-se alli o famoso castello de S. Jorge; mas, porque as despezas eram muitas e a terra doentia, poz-se em conselho d'estado se se largaria? E como muitos dos conselheiros votassem que sim, que responderia el-rei? Respondeu que de nenhum modo se largasse: Porque eu (diz) não mandei edificar aquelle castello tanto para a defensa e conservação das minas, quanto para a conversão das almas dos gentios; e basta-me a esperança da salvação de uma só d'aquellas almas para ter por bem empregadas todas essas despezas.

Quaes os verdadeiros thesouros do rio das Amazonas

VIII. Estas são, senhores meus, as minas de que Christo hoje subiu tão rico do centro da terra: estas as que hoje nos

mostra a Egreja como a maior conquista e o melhor descobrimento de quantos fez seu Esposo:» estas, e não outras, as minas do vosso Maranhão. Se Deus vos não deu as de ouro e prata, como esperaveis, ou vos fez mercê de que se não descobrissem para vos livrar de tantas desgraças, como ouvistes; contentae-vos de vos ter dotado e enriquecido d'aquellas que na sua estimação (que só é a certa e verdadeira) foram dignas de ser compradas com seu proprio sangue. Este grande rio, rei de todos os do mundo, que deu o nome á vossa cidade e a todo o estado, que ribeira tem na sua principal e maior corrente ou nas de seus tão dilatados braços, que em logar das areias de ouro, de que outros fabulosamente se jactam, não esteja rica d'estas perolas, que assim chamou Christo ás almas? Outros lhe chamam rio das Almazonas; mas eu lhe chamo rio das Almazinhas, não por serem menores, nem de menos preço, (pois todas custaram o mesmo); mas pelo desamparo e desprezo com que se estão perdendo, quando o ouro e a prata se deseja com tanta ancia, se procura com tanto cuidado e se busca com tanto empenho! Oh almas remidas com o sangue do Filho de Deus, que pouco conhecido é o vosso preço e que pouco sentida a vossa perda, digna só de se chorar com lagrimas de sangue! Mas os que tão pouco caso fazem da alma propria, como o farão das alheias?

Quem converte uma alma livra-a do inferno

Ora já que o Senhor do mundo nos descobriu estas minas e nos encareceu tanto o preço d'ellas e as poz tanto á flôr da terra, n'esta terra de que vos fez senhores para este mesmo fim, não as desprezeis. Vêde que injuria sería da fé e da caridade e do mesmo sangue de Christo, se descendo elle ao centro da terra a buscar almas, nós as deixassemos perder e ir ao inferno, quando as podemos salvar para si, para nós, e para o mesmo Christo, sem cavar nem romper montanhas. E para que se anime o nosso zelo n'este pequeno trabalho de tanto lucro, só quero que advirtamos todos, que fazendo-o assim «livraremos estas almas de um inferno muito mais profundo que o seio de Abrahão». É de fé que Christo desceu aos infernos: *Descendit ad inferos.* Tambem é de fé que ha dous infernos; um inferior e muito mais abaixo, onde estava o rico avarento; e outro superior e mais acima, onde estava Abrahão e Lazaro. D'este inferno superior tirou Christo todas as almas que lá estavam; mas do inferno inferior (ou Christo descesse lá presencialmente, ou não) não tirou alma alguma. E d'este inferno podemos nós «livrar», sem sair da terra onde Deus nos poz, tantos milhares de almas e fazer d'ellas um thesouro inestimavel, tanto mais rico e precioso, quanto mais val uma só alma que todo o ouro e prata e

todos os haveres do mundo. Ou cremos esta verdade, christãos, ou não a cremos. Se a não cremos, onde está a nossa fé, a nossa esperança e o nosso intendimento? Diga-se do nosso intendimento e da nossa fé o que hoje disse Christo aos discipulos desesperados: *O stulti et tardi corde ad credendum*. Mas se temos fé e juizo, como não ha de prevalecer a alegria, o gosto e a felicidade de Deus nos ter descoberto estas minas do céu, á falsa e mal intendida tristeza de não termos achado as da terra que n'ella buscavamos?

Imitar a S. Pedro, que, correndo ao sepulcro de Christo se alegrou por não achar o que buscava

Notou Sancto Agostinho uma cousa, digna do seu intendimento, que hoje succedeu a S. Pedro. Quando a Magdalena «na madrugada da Resurreição» não achou o corpo do Senhor que buscava na sepultura, veio a toda a diligencia dar conta a S. Pedro, o qual, não andando, senão correndo foi logo a certificar-se e vêr por seus olhos se era assim. E qual vos parece que sería o desejo que S. Pedro levava no coração? Sancto Agostinho diz: *Ad sepulcrum celeri cursu festinat, laetior rediturus si non inveniret quem quaerebat:* corria S. Pedro ao sepulcro, não com desejo de achar, senão de não achar, e para tornar da jornada muito mais alegre se não achasse o que buscava. Assim se alegra quem olha para as cousas com são juizo; e quem intende (como S. Pedro intendia) que ha casos em que a felicidade consiste não em se achar o que se busca ou deseja, mas em se não achar. Alegrem-se, pois, com S. Pedro os que estavam tristes por se não achar o que se buscou: e alegrem-se tambem e muito mais com os dous discipulos de Emmaús de acharem e de se lhes descobrir tanto mais do que esperavam. Elles esperavam um bem particular e temporal, que era a redempção politica do reino de Israel; e o que acharam sem o buscar foi a redempção espiritual e eterna do mundo, em que consistia a salvação das suas almas e a de todas.

Tractar da salvação das almas e sobretudo da propria.

Todas devemos desejar que se salvem e por todas havemos de offerecer nossos sacrificios e orações a Deus. Mas pois não podemos cooperar á salvação de todas, ao menos não faltemos a estas tão desamparadas; ás quaes, por mais vizinhas, é mais devedora a nossa caridade. Sobretudo tracte cada um com verdadeiro zelo christão da doutrina e salvação ao menos d'aquellas almas, que tem em sua casa, e muito particularmente da sua, de que muitos vivem tão esquecidos. Acabemos de intender e de nos desenganar quc só estes são os verdadeiros thesouros, e que não ha outros, posto que a nossa cegueira lhes dê este nome. Concedo-vos que se descobrissem as minas que desejaveis, e que esta vossa cidade estivesse lageada de barras de prata e coberta de telhas de ouro. Que importava

tudo isto á alma? Havia de levar alguma cousa d'estas comsigo? Havia-lhe de importar alguma cousa para a conta? Pois se tudo cá ha de ficar, porque não tomamos o conselho de Christo que tantas vezes nos disse que fizessemos o nosso thesouro no céu: *Thesaurizate vobis thesauros in cœlo?* E notae que disse: *Thesaurizate vobis:* enthesourae para vós: porque todos os outros thesouros são para os que cá ficam. Costumavam os antigos mandar enterrar os seus thesouros debaixo das suas sepulturas; e por isso diz Job que os que cavam thesouros, se alegram quando acham algum sepulcro: *Effodientes thesaurum gaudent vehementer cum invenerint sepulcrum.* E não é melhor que a alma ache os seus thesouros no céu e se alegre com elles, do que alegrarem-se outros com a vossa sepultura e com a vossa morte para se lograrem do que vós não podeis levar convosco? Ora tenhamos, tenhamos fé, e entristeçam-nos sómente nossos peccados; e alegre-nos sómente a esperança bem fundada da nossa salvação. E para que, até das minas que não achastes, tireis algum fructo; seja o primeiro a confusão de fazermos tantas diligencias pelos thesouros da terra, quando tão pouca fazemos pelos do céu, que hão de durar para sempre: e o segundo o exemplo e resolução de fazer ao menos outro tanto pela salvação da alma e graça de Deus; a qual nos promette o mesmo Deus que acharemos sem duvida, se assim a buscarmos: *Si quaesieris eam quasi pecuniam et sicut thesauros effoderis illam, tunc intelliges timorem Domini et scientiam Dei invenies.*

Prov. 2

(Ed. ant. tom. 4.º pag. 396, ed. mod. tom. 5.º pag. 231.)

SERMÃO DA SEGUNDA OITAVA DA PASCHOA *

PRÉGADO EM ROMA NA EGREJA DA CASA PROFESSA DA COMPANHIA DE JESUS: DIA EM QUE É OBRIGAÇÃO E COSTUME DE TODA A ITALIA PRÉGAR DA PAZ.

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—É um sermão muito digno do pulpito onde foi pregado, e em tempo em que vivia o nosso P. Paulo Segneri principe dos oradores italianos.

Stetit Jesus in medio discipulorum suorum et dixit eis: Pax vobis: et cum hoc dixisset, ostendit eis manus et pedes.

S. Luc. 24.

Christo e a pompa de Noé. *Gen.* 8

Depois da tempestade do diluvio, ainda navegava na arca o mundo já salvo, quando na ultima hora de uma tarde a pomba embaixadora de Noé lhe trouxe a primeira nova de paz em um ramo verde de oliveira: *Venit columba ad vesperam portans ramum olivae in ore suo.* Fallou Moysés em todas e cada uma d'estas palavras como propheta e como evangelista: «predisse o que havia de succeder, contando o que succedeu». Vêde parte por parte como se conforma a figura com o figurado e aquelle texto «do Genesis» com o do Evangelho. *Venit columba,* «disse o Genesis. *Stetit Jesus* diz o Evangelho. *Ad vesperam* notou o Genesis: *Cum sero esset* nota o Evangelho. *Portans in ore* continuou o Genesis: *Et dixit eis* continúa o Evangelho. *Ramum olivae* concluiu o Genesis: *Pax vobis* conclúi o Evangelho. Tal é, clausula por clausula, a concordancia dos dous textos: tanta a correspondencia da arca de Noé com o cenaculo, e da paz que annunciou a pomba com a paz de Christo.

E a paz que se deve prégar n'este dia.

Esta paz tão expressamente prophetizada por Moysés para que desde então se pregasse a todo o mundo, esta paz por que todos suspiram e que tão poucos alcançam, esta mesma paz será hoje o assumpto» do meu discurso. Todo elle se empregará em concordar estas duas palavras: *Pax vobis:* Paz a vós. A vós, «digo», que dentro da vossa cidade estais cercados de inimigos, como estavam os apostolos n'esta hora; a vós, que nem dentro da vossa casa e com as portas cerradas estais seguros; a vós, que den-

tro dos muros padeceis guerras civis, e dentro das vossas paredes discordias domesticas: a vós e a todos como vós, paz: *Pax vobis.*

O que é a paz. Definição de Sancto Agostinho.

Sancto Agostinho no livro dezenove da cidade de Deus, definindo a paz, diz assim: *Pax hominum est ordinata concordia:* a paz entre os homens não é outra cousa que uma concordia ordenada. Se não é ordenada e bem ordenada, ainda que seja concordia e grande concordia, não é paz. Porisso entre maus não póde haver paz: *Non est pax impiis.* E a ordem d'esta concordia em que consiste? Em duas cousas, diz Sancto Agostinho, uma da parte do superior para com os subditos, outra da parte dos subditos para com o superior: de maneira que na casa ou familia, que é uma republica pequena, e na republica, que é uma casa ou familia grande, toda a paz consiste em que o imperio do que manda e a sujeição dos que obedecem, elle ordenando e elles subordinados, estejam concordes: *Pax domus ordinata imperandi atque obediendi concordia cohabitantium: pax civitatis ordinata imperandi atque obediendi concordia civium.* Até aqui a doutrina fundamental de Sancto Agostinho; «a quem seguem» S. Thomás e todos os theologos.

Isai. 59

Para conseguir a paz é necessario da parte dos superiores egualdade; da parte dos inferiores paciencia. Assumpto do sermão.

Agora pergunto eu: E que será necessario de uma e da outra parte para que a ordem d'esta concordia se conserve, e com a ordem e a concordia se consiga a paz? Respondo com a mesma proporção, que são necessarias outras duas cousas: da parte do superior e do que manda, egualdade; da parte dos inferiores e dos que são mandados, paciencia. Sem egualdade de uma parte, e sem paciencia da outra, não se poderá conseguir nem conservar a paz. Vós que na familia ou na republica tendes o mando, se quereis paz, egualdade: vós que na familia ou na republica sois mandados e sujeitos, se quereis paz, paciencia. Tudo isto ensinou Christo hoje a seus discipulos que haviam de ser superiores e eram subditos: *Stetit in medio discipulorum: ostendit eis manus et pedes, et dixit eis: Pax vobis.* Christo posto no meio dos discipulos, Christo mostrando-lhes as chagas, Christo annunciando-lhes a paz; «eis ahi o prototypo da egualdade nos superiores, da paciencia nos subditos, da paz em todos». Esta paz assim declarada será a primeira e segunda parte do meu argumento. Comecemos pela egualdade e dêmos o primeiro logar aos que mandam.

Christo apparecendo no meio dos discipulos prototypo d'esta egualdade

II. *Stetit in medio discipulorum, et dixit eis: Pax vobis.* Appareceu Christo como mestre á sua eschola, como pae á sua familia, como principe ao seu reino: mas, como era principe de paz e mediator da paz, appareceu no meio: *Stetit in medio.* Com as palavras ensinou a paz, e com o logar e sitio que to-

mou ensinou o meio de a conseguir, que é a egualdade. Notae a maravilhosa e summa egualdade de Christo, posto em meio dos discipulos: *Stetit in medio discipulorum.* De uma parte estava Pedro, que o tinha negado, e não se retirou nem afastou de Pedro; e da outra parte estava João, que o tinha assistido, e não se chegou e poz mais perto de João. Guardar o meio entre a offensa e o amor, grande excesso de egualdade. Nem a offensa o obrigou ao retiro, nem o obsequio ao favor; mas amado e offendido, sempre egual e em meio de um e outro. Esta foi a egualdade quanto ao logar: e quanto ás acções? A mesma. No rosto, na alegria, nas palavras, na benevolencia, no esquecimento do passado, egual com todos e a todos. A todos offerece a paz: *Pax vobis:* a todos tira o temor: *Nolite timere:* a todos anima e consola: *Quid turbati estis?* a todos convida: *Habetis aliquid quod manducetur:* a todos regala: *Dedit eis reliquias:* a todos se entrega e franqueia tudo: *Palpate et videte;* mas parcialidade ou particularidade a nenhum. Pois, Senhor meu, ao menos para João que intrepidamente vos acompanhou na cruz; ao menos para João que morto vos levou á sepultura; ao menos para João que é o herdeiro de vosso amor, e o filho segundo de vossa Mãe, não haverá um pequeno signal de maior affecto? Não: porque o que Christo levava em si e comsigo e annunciava a todos os discipulos era a paz: *Pax vobis;* e sem egualdade, e egualdade com todos, não ha paz.

Pela mesma egualdade Salomão foi rei pacifico. *Ps.* 147

O rei, a côrte e o reino mais pacifico que nunca viu o mundo foi o de Salomão. O rei se chamava Salomão, que quer dizer *pacifico:* a côrte se chamava Jerusalem, que quer dizer *visão de paz:* o reino tinha por confins a mesma paz: *Qui posuit fines suos pacem.* E com que arte, com que industria, acquiriu e conservou Salomão para si, para a sua côrte e para o seu reino uma tão notavel e nunca vista paz? Com «a rectidão» ou egualdade: *Virga directionis virga regni tu.* O sceptro de Salomão era a vara da egualdade; e porque com esta vara da egualdade media egualmente a todos, por isso foi o seu reino entre todos os reinos, e a sua côrte entre todas as côrtes, e elle entre todos os reis o que gozou de mais alta e firme paz. Não havemos mister outro commentador, nem mais claro, nem de maior auctoridade, que o mesmo texto. Depois de dizer: *Virga directionis virga regni tu,* accrescenta: *Dilexisti justitiam et odisti iniquitatem.* Amava e abhorrecia Salomão; mas não tinha mais que um só amor e um só odio. E a quem o amor? á justiça, «ou egualdade»: *Dilexisti justitiam:* e a quem o odio? á desegualdade «ou injustiça»: *et odisti iniquitatem.* E um rei tão amante da justiça e tão abhorrecedor da «injustiça e por conseguinte com todos tão egual;»

necessariamente havia de ser o que foi: elle só e elle por antonomasia o Pacifico.

Esta foi a petição que David fez a Deus para seu filho Salomão. *Ps.* 71

Grandes outros dotes de rei e de reinar teve Salomão; mas vêde como só este foi o que o fez rei da paz. Renunciou David em Salomão o seu reino; e para que elle reinasse como filho de tal pae e successor de tal rei, appareceu-lhe Deus e disse-lhe que pedisse o que quizesse. Pediu Salomão sabedoria, e não só lhe deu Deus maior sabedoria que a de todos os homens; senão tambem maiores riquezas e maior potencia que a de todos os reis. É porém cousa digna de grande admiração que não contente David com tudo isto, ainda fez novo memorial a Deus e pediu mais para o rei seu filho. E que pediu? que lhe désse Deus justiça, e não outra senão tal que fosse similhante á do mesmo Deus: *Deus judicium tuum regi da et justitiam tuam filio regis*. Pois, David, vedes o vosso filho tão sabio, tão rico, tão poderoso, e com tantas qualidades verdadeiramente reaes; e ainda vos parece que não lhe bastam para dar boa conta do seu reinado? Sim: porque Salomão, segundo o significado do seu nome, e segundo o que d'elle está prophetizado, não só tem obrigação de ser bom rei, senão rei pacifico; e para ser pacifico não basta a sabedoria, nem a riqueza, nem a potencia, se lhe faltar a egualdade com todos: por isso peço a Deus que sobre estes dons lhe accrescente o de uma tal justiça, que seja similhante á sua: *Et justitiam tuam filio regis*. E qual é a justiça de Deus no governo universal do mundo? Uma egualdade summa sem excepção de pessoa nem differença de estado: *Qui solem suum oriri facit super bonos et malos, et pluit super justos et injustos*. Esta é a egualdade da justiça que David pedia para seu filho; accrescentando que o fim da sua petição era a paz que lhe estava promettida: *Suscipiant montes pacem populo et colles justitiam*. E porque Deus lhe concedeu o que pedia, logo prophetizou que tal seria a paz de Salomão em todo o tempo do seu reinado: *Orietur in diebus ejus justitia et abundantia pacis*. Aqui vereis, senhores, o engano d'este mundo. Todas as guerras d'este mundo se fazem a fim de conseguir a paz: *Pacis intentione geruntur et bella,* diz Sancto Agostinho. Á guerra se applica a sabedoria, na guerra se emprega a potencia, com a guerra se dispendem as riquezas e com a guerra se pretende a paz; mas é engano: *Viam pacis non cognoverunt*. A paz não se conquista com exercitos armados, conquista-se com a espada e balança da justiça. Divida a espada egualmente pelo meio o que partir, e ponham-se as partes ou as metades eguaes uma em uma balança e outra na outra; e debaixo d'esta egualdade se achará a justiça e n'este equilibrio a paz.

Matth. 5

Ps. 13

Tal foi o primeiro juizo de Salomão e a primeira sentença do rei pacifico. Assentado Salomão no throno real a primeira causa ou caso que lhe foi proposto, foi a contenda de duas mulheres sobre um menino, o qual cada uma d'ellas protestava que era seu filho. Não havia testimunhas, nem outra prova. E que faria o rei? O que eu acabo de dizer. Manda que o menino se parta pelo meio; e esta foi a egualdade da espada da justiça. Manda mais que as duas ametades uma se dê á uma mulher e outra a outra; e esta foi a egualdade das balanças. Oh admiravel jeroglyphico da justiça egual, e digno de o tomar por empreza o rei pacifico. Mas não parou aqui a decisão da causa. Descoberta com esta industria a verdade, não se partiu o menino, mas vivo e inteiro se deu á que era sua mãe; e n'estas duas partes da sentença de Salomão se manifestaram os dous effeitos da justiça particular ou universal que devem observar os reis. A justiça particular tem obrigação de dar a cada um o seu; e n'esta ordinariamente, se uma parte fica satisfeita, a outra fica queixosa. Porém a justiça universal e commum tem obrigação de ser egual com todos; e d'esta egualdade que a todos satisfaz e abraça nasce a verdadeira e constante paz. Em uma egual, em outra desegual Salomão, e em ambas justo: mas só na da egualdade rei pacifico.

O primeiro juizo de Salomão.

IV. Do exemplo do rei e da republica, que são as casas grandes, passemos ao do pae e da familia, que são os reinos pequenos. A maior casa que houve no mundo foi a de Jacob, e Jacob o maior pae de familias. N'esta casa e d'este pae nasceram doze filhos em que se crearam e cresceram os doze patriarchas, cabeças e fundadores dos doze tribus de Israel. Mas qual foi o estado d'esta grande familia em quanto os filhos, sendo tantos e de tão differentes edades, viveram na sujeição do mesmo pae? Elle era sancto, mas nem por isso elle e toda a familia deixaram de correr varia fortuna; já em bonança, já em tempestade; sendo a causa (que é mais) o mesmo piloto. Em quanto Jacob observou egualdade com todos, todos gozavam uma felicissima paz. O pae amava egualmente os filhos; e os irmãos entre si se amavam egualmente como irmãos. Ditoso pae! Ditosos filhos! Ditosos irmãos! E ditosa e bemaventurada familia, se este amor e esta paz durara! Mas não durou; e porque? Foi crescendo José, que era o filho da velhice; começou o pae a amal-o e favorecel-o mais que aos outros irmãos; e no mesmo poncto se mudou a scena. A paz se converteu em discordia, o amor em odio, a irmandade em inveja, e o mesmo sangue da natureza em sangue de crueldade e de vingança: *Videntes fratres ejus quod a patre plus cunctis filiis amaretur, oderant eum,*

A historia dos filhos de Jacob prova a mesma verdade nos reinos pequenos que são as familias.

Gen. 39.

nec poterant ei pacifice loqui. Notae o *plus amaretur* e o *nec poterant ei pacifice loqui.* Faltou a paz na familia, porque faltou a egualdade no pae. A egualdade conservava o amor e o amor conciliava a paz: a desegualdade excitou a inveja e a inveja causou a discordia.

A familia de Jacob perturbada por uma pequena desegualdade.

Agora entra a maior admiração. E qual foi esta desegualdade usada com José, e qual a demonstração d'este maior amor? Por ventura Jacob tirou aos outros filhos a sua benção para a dar a José? Não. Por ventura desherdou aos outros para que José fosse o unico herdeiro da casa? Não. Por ventura tractava aos outros como escravos ou creados e só a José como filho? Não. Qual foi logo a desegualdade que tanto perturbou e arruinou uma tão natural e tão fundada paz? Caso quasi incrivel! *Fecit ei tunicam polymitam*; porque fez Jacob a José uma tunica de melhor côr que aos outros irmãos. Não despojava o pae, nem despia aos outros para vestir a José: a todos provia, a todos vestia, e a todos com a decencia e nobreza devida ao seu estado. Mas porque a tunica de José era de côr mais vistosa, bastou a desegualdade d'aquella côr para que a inveja espedaçasse a concordia, para que a paz se convertesse em guerra, a irmandade em hostilidade, o amor em rancor, a benevolencia em vingança, a humanidade em fereza; e para que toda a casa se cobrisse de luctos, e o triste e infeliz pae desfeito em lagrimas visse pouco depois nas suas mãos aquella mesma tunica tincta de sangue, só porque a tingira de melhor côr. Tão perigosa e subtilmente, ainda dentro das mesmas paredes, depende da egualdade a paz.

E por outra maior a familia de Isaac. *Gen.* 29.

E se quando a desegualdade topa em materia tão leve, como no vaqueiro mais loução de um menino, tantos homens em uma conjuração tão escandalosa rompem os maiores respeitos da piedade, da razão e da natureza; que será, ou poderá ser, onde as desegualdades para levantar a uns e abater a outros não reparam na ruina da opinião, da honra, da nobreza, da fazenda, do remedio, e não só da esperança, que é a ultima anchora da vida, senão da mesma vida? Diga o mesmo Jacob o que experimentou na casa de seu pae, quando elle era filho e ametade de toda a familia. Contendiam elle e seu irmão Esaú, desde o ventre da mãe, sobre o morgado d'aquella casa, que era o de Abrahão e o maior que houve e havia de haver no mundo, e sendo a materia de tanto peso e de tanto preço, Isaac, que era o pae, inclinava para Esaú, e Rebecca, que era a mãe, para Jacob. Emfim prevaleceu a industria da mãe contra a vontade do pae; e que resultou d'esta desegualdade? Não só a paz da familia se converteu em guerra, mas em guerra tão perigosa, que

a mesma mãe, que tinha favorecido mais a um filho que a outro se viu reduzida ás angustias de perder em um dia a ambos: *Cur utroque orbabor filio in uno die?* É possivel que em um dia me hei de vêr orphã de ambos os filhos, um por morto e outro por homicida? Sim, senhora, que estes são os fructos que produz a desegualdade dos paes; quando, sendo eguaes em lhes haver dado o ser, o não são em os favorecer e amar. Vós mesma tirareis de vossos olhos esse Jacob que preferistes; e para lhe salvar a vida, o condemnareis ao desterro. E não só nas saudades, mas nos perigos da sua ausencia chegareis a tal estado que abhorreçais a propria vida: *Taedet me vitae meae.*

Nem o principe nem o pae é senhor da sua inclinação. O centro da terra e o centro das varias sociedades.

V. Senhores meus, vós que na familia ou na republica tendes o officio e a obrigação de as conservar em paz; egualdade: *Aequet amor quos aequavit natura,* diz Sancto Ambrosio. E se acaso com os exemplos de Jacob, de Isaac e de Rebecca me replicardes que inclinar mais a uns que a outros, ainda entre paes e filhos, é affecto natural; com os mesmos exemplos vos respondo, que tambem é natural seguir-se á desegualdade d'estas inclinações, a rotura da paz, e as discordias domesticas e civis. O verdadeiro e unico exemplo é só o de Christo hoje, como Mestre Rei, e como Mestre Pae: *Stetit in medio discipulorum.* Ouvi uma grande maxima politica e economica, tirada do mesmo texto. O principe é senhor da republica e o pae é senhor da casa: mas nem o principe, nem o pae é senhor da sua inclinação. Todos os corpos «na superficie da terra» propendem, carregam e inclinam para o centro da mesma terra; só o centro não inclina para parte alguma, porque está no meio. Grande documento da natureza para as inclinações das vontades dos superiores! Quereis levar após vós as inclinações de todos? Não vos inclineis a nenhum. A terra não tem nem pode ter mais que um centro, e em ser um só consiste toda a sua firmeza. Mas o mundo politico tem muitos centros, que são todos os que teem o mando e governo do mesmo mundo ou de suas partes: «e assim havendo» dentro d'este orbe politico muitos circulos maiores e menores, cada um tem o seu centro. Os circulos maiores são os reinos, e o centro do reino é o principe; os circulos menores são as cidades, e o centro da cidade é o magistrado: os circulos minimos são as familias, e o centro da familia é o pae. E que se segue d'aqui? Segue-se que para cada um d'estes centros se conservar dentro da sua esphera e para a conservar a ella em paz e concordia, é necessario que se ponha como verdadeiro centro no meio e se mantenha e sustente na indifferença d'este equilibrio sem inclinação a uma nem a outra parte.

O não inclinar nem para a direita nem para a esquerda. *Deut.* 17.

Aos reis de Israel dizia Deus fallando com cada um: *Nec declinabis ad dexteram neque ad sinixtram.* Eu vos fiz rei, eu vos fiz governador, eu vos fiz pae do meu povo: pelo que adverti que vos deveis portar de maneira que nem inclineis para uma parte, nem para outra; nem para a esquerda, nem para a direita. N'esta ultima palavra está a minha duvida: *Neque ad dexteram.* Que o principe não incline para a parte esquerda, que é a peor parte, bem está: mas para a direita, porque não? A parte direita não é a melhor? Sim: pois, porque não quer Deus que o principe se incline nem á melhor parte? Porque melhor é não inclinar, que inclinar ao melhor. Inclinar-se a uma parte qualquer que seja, é faltar ao equilibrio da egualdade e com a desegualdade perder a união, perder a paz, perder a concordia, perder e perturbar tudo. E assim sería na familia ou na republica se se movesse o centro, se se deixasse o meio e se se inclinasse a cabeça: *Stetit in medio.* No corpo natural bem se pode inclinar a cabeça sem movimento nem mudança do corpo: no corpo politico não pode. Inclinou-se uma cabeça «e mais» coroada? Seguir-se-hão divisões, inquietações, tumultos. «É um dictame da experiencia de todos os seculos.»

David o reduz á practica.

Ouçamos a David que maravilhosamente o reduz á practica: *Deus stetit in synagoga deorum: in medio autem Deus dijudicat.* Appareceu Deus no meio dos que governam o mundo para os julgar; e que lhes disse? O que eu acabo de dizer: *Usquequo judicatis iniquitatem et facies peccatorum sumitis?* Até quando haveis de julgar com desegualdade; até quando haveis de fazer excepção de pessoas, inclinando-vos mais a uma que a outra? *Nescierunt neque intellexerunt; movebuntur omnia fundamenta terrae.* Ora para que vejais quão ignorante e erradamente procedeis; olhae para as consequencias e effeitos d'esta vossa desegualdade. Seguir-se-hão d'ella inquietações, seguir-se-hão discordias, seguir-se-hão ruinas; e toda a terra perdida a firmeza do centro se revolverá de baixo para cima: *Movebuntur omnia fundamenta terrae.*

Vide Calmet in. ps. 81.

Foi Christo para os seus discipulos como o sol, todo para todos e todo para cada um.

VI. Pelo que, senhores, se quereis quietação, se quereis paz; egualdade; e egualdade recta e sem inclinação a nenhuma das partes, como a de Christo, hoje, posto em meio dos discipulos: *Stetit in medio discipulorum.* Os discipulos faziam a circumferencia, Christo estava no centro e as linhas do amor e do favor corriam com a mesma proporção, com a mesma medida e com a mesma egualdade tanto para cada um, como para todos; e tanto para todos, como para cada um. Por isso prophetizou Malachias que a justica e egualdade de Christo havia de ser como a egualdade e justiça do sol: *Orietur vobis sol justitiae.*

Malach. 4.

Em todo o creado se não podia achar melhor nem mais appropriada similhança. «O sol allumia e aquenta a cada um, como se fosse todo para elle.» Se sois um gran'senhor e olhardes para o sol, haveis de cuidar que é todo para o vosso palacio: se sois um religioso, que é todo para o vosso convento; se sois um artifice, que é todo para a vosa officina; se sois um pastor, que é todo para a vossa choupana; e nenhum ha ou tão grande ou tão pequeno, que não haja de ter para si, que o sol olha particularmente para a sua casa. Esta é a egualdade com que o sol nos allumia e aquenta: e a mesma observou Christo com seus discipulos, «de modo que» cada um d'elles cuidava que era o que melhor logar tinha na sua estimação e no seu agrado.

S. Fulgencio explica a contenda dos apostolos acerca da preferencia. *Luc.* 22.

Pouco antes do dia da sua paixão declarou o Senhor a seus discipulos que ia a Jerusalem a morrer: e no mesmo poncto: *Facta est contentio inter eos quis eorum videretur esse major.* Qual de nós é o maior? Não me admira a questão e ambição d'elles, porque ainda o Espirito Sancto não tinha descido sobre os apostolos. O que me assombra e faz pasmar é que cada um cuidasse e se persuadisse, que era ou podia ser elle o maior. Ao menos a promessa feita a S. Pedro em presença de todos, a todos era manifesta: como logo estava ainda a maioria em opiniões e cada um cuidava que fosse sua? Pedro ainda não tinha negado; que podia ser um bom motivo da exclusiva: que fundamento, pois, e que razão podia ter cada um para se oppôr a esta demanda: *Quis eorum videretur esse major?* A razão foi, diz S. Fulgencio, porque era tal a egualdade com que Christo tractava a todos os discipulos, era tão exacta e circumspecta a medida com que o Senhor repartia entre elles e temperava as demonstrações do seu affecto, que cada um se persuadia ser elle o que tinha o primeiro logar no conceito e estimação de seu Mestre. E bem se viu que esta confiança era «muito antiga e cada um a tinha bem arreigada no seu animo; porque em outra occasião levaram» a demanda ao tribunal do mesmo Christo: *Quis putas major est in regno coelorum?* Mas o Senhor não quiz sentenciar nem decidir a duvida e deixou ficar a cada um na sua opinião, para não faltar ao respeito da sua inalteravel egualdade, e para que a preferencia declarada de um não rompesse a paz e a concordia de todos. Assim o diz S. Fulgencio e confirma o seu dicto com uma excellente reflexão.

Math. 18.

Confirma a explicação com a resposta que Christo deu aos filhos de Zebedeu. *Math.* 20.

Pediram os dous filhos de Zebedeu as duas cadeiras, e respondeu Christo: *Non est meum dare vobis.* Perguntou Pedro ao mesmo Senhor: *Quid ergo erit nobis?* E respondeu: *Sedebitis super sedes duodecim judicantes duodecim tribus Israel.* E como assim? Replica argutamente o mesmo Sancto Padre: *Qui pro-*

misit duodecim thronos, duos thronos in suam non habet potestatem? Christo diz que não pode dar duas cadeiras, e dá doze cadeiras? Se pode dar doze, porque não pode dar duas? Por isso mesmo. Porque, sendo doze os discipulos dar a dous e não a dez, não era egualdade. Posso dar a todos, a dous não posso dar. E esta é a maior potencia do meu poder: ser impotente para fazer qualquer desegualdade; e porque? Por manter a concordia e a paz entre os meus discipulos, conclúi admiravelmente Fulgencio: *Respondet aequaliter et non separanter: Sedebitis super sedes duodecim: qui vult discipulos semper esse concordes*. Dando doze cadeiras contentava e concordava a todos doze: dando sómente duas, contentava a dous e descontentava e desconcordava a dez; e quiz observar inviolavelmente a egualdade para conservar inalteravelmente a paz e concordia: *Qui vult discipulos semper esse concordes*. Esta, pois, senhores, seja por ultimo documento a certa e inviolavel medida ou da vossa politica para a republica, ou da vossa economia para a familia: não o favor, mas «a egualdade.» O favor causa ciumes, causa invejas, causa odio e abhorrecimento: «só a egualdade, e egualdade que imita a» de Christo em meio de seus discipulos, nos pode dar paz: *Stetit in medio discipulorum et dixit eis: Pax vobis*.

A paciencia remedio da desegualdade para não perturbar a paz.

VI. Temos visto que para conseguir e conservar a paz, ou publica ou domestica, o meio mais facil e efficaz da parte dos superiores é a egualdade com todos, como a de Christo posto em meio dos discipulos: *Stetit Jesus in medio discipulorum*. Mas se acaso faltar esta egualdade (como talvez pode faltar não só injusta e desordenadamente senão por causas muito justas e justificadas) que remedio da parte dos subditos «de boa vontade» para não perderem e se conservarem em paz? O remedio não menos provado, posto que não tão facil, é a paciencia. Assim o ensinou e demonstrou o divino Mestre aos mesmos discipulos, quando annunciando-lhes a paz lhes mostrou as suas chagas: *Dixit eis: Pax vobis et ostendit eis manus et pedes*.

Christo redemptor prototypo de paciencia. *Isai. 59.*

Com as mesmas mãos e com os mesmos pés pregados na cruz viu Isaias a Christo, quando exclamou dizendo: *Disciplina pacis nostrae super Eum et livore Ejus sanati sumus*. N'estas palavras descobriu e manifestou o propheta um novo e segundo mysterio da paixão e chagas do Redemptor, atégora occulto e ignorado de muitos. Cuidamos que padeceu o Filho de Deus, pregado em uma cruz, só para nos salvar; e não foi um só o fim, nem um só o effeito de sua paixão, senão dous: um para nos sarar e outro para nos ensinar. Para nos sarar, porque o

preço das suas chagas foi o remedio da nossa saude: *Livore Ejus sanati sumus;* e para nos ensinar, porque o exemplo da sua paciencia foi a doutrina da nossa paz: *Disciplina pacis nostrae super Eum.* Notae o *super Eum.* De sorte que duas cousas tomou sobre si Christo, quando quiz ser cravado na cruz: a nossa saude e a nossa paz. A nossa saude porque com as suas chagas sarou as nossas: *Livore Ejus sanati sumus:* e a nossa paz; porque com o soffrimento das mesmas chagas nos ensinou que a paciencia é a verdadeira doutrina da paz, se a quizermos fazer nossa: *Disciplina pacis nostrae.* Quereis ouvir uma breve definição da paciencia? *Patientia est pacis scientia.* Por isso o propheta lhe chamou *disciplina pacis,* isto é doutrina da paz: e por isso o divino Mestre, quando disse aos discipulos: *Pax vobis,* lhes mostrou esta mesma sciencia, não só escripta e rubricada com o sangue das suas chagas; mas as mesmas chagas impressas e entalhadas nas mãos e nos pés: *Ostendit eis manus et pedes.*

Os subditos desarmados de paciencia na desegualdade justa ou injusta de seus superiores.

VIII. Sáia agora a desegualdade dos superiores, ou justa ou injusta, e vejamos que effeitos causa e póde causar na paz dos subditos. Se a desigualdade os achar desarmados da paciencia, não ha duvida que causará guerra e cruel guerra: mas se a paciencia os armar e fortalecer contra os golpes da mesma desegualdade nenhuma haverá tão forte que possa alterar e descompor n'elles a firme e segura paz.

Mysterio da Incarnação revelado aos anjos. Rebellião de Lucifer. *Hebr.* 2. *Apoc.* 12.

Para prova da primeira parte d'estes effeitos, tremenda e funestissima, ponhamo-nos dentro do céu e ás portas do paraiso e vel-os-hemos com horror. Revelou Deus aos anjos que se havia de fazer homem; e que movimentos vos parece que excitaria no conceito e estimação dos espiritos angelicos esta inopinada noticia? Por ventura romperam todos em louvores da bondade divina, cantando-lhe hymnos e celebrando com panegyricos um tão admiravel excesso de sua misericordia? Nada menos: antes parecendo-lhes excessiva desegualdade a muitos, logo começaram a revolver no pensamento, o que depois ponderou S. Paulo quando disse: *Nusquam angelos apprehendit, sed semen Abrahae apprehendit.* É possivel que em nenhuma parte das nossas jerarchias achou Deus outra natureza a que unir a sua divindade, senão á humana? É possivel que ha de deixar os anjos, os archanjos, as virtudes, as potestades, as dominações, os principados, os thronos, os cherubins e os seraphins; e que o homem feito de barro ha de ser Deus? Aqui foi a ira, o furor, a raiva. E como não tiveram paciencia para soffrer esta desegualdade, postoque a preferencia lhes não era devida, ella foi a que descompoz a quieta e innocente paz em que foram crea-

dos; ella a que metteu no empyreo e introduziu no mundo a primeira guerra: *Factum est praelium magnum in coelo;* e ella a que com ruina da terceira parte de todas as jerarchias deu principio ao inferno dentro no mesmo céu.

Deus acceita o sacrificio de Abel e não o de Caim. O que se seguiu. *Gen.* 4.

Mas passemos do céu á terra. Não havia na terra mais que dous homens, filhos ambos, e os primeiros filhos, do mesmo pae e da mesma mãe, Caim e Abel. Offereceram ambos sacrificio a Deus: Abel, que era pastor, das crias do seu rebanho; Caim, que cultivava a terra, dos fructos da sua lavoura; e até-qui viviam ambos n'aquella sincera paz e união natural que pedia o dobrado vinculo não só da humanidade, senão tambem da irmandade. Mas que succedeu? Diz o texto sagrado que poz Deus os olhos no sacrificio de Abel e não no sacrificio de Caim: *Respexit Dominus ad Abel et ad munera ejus; ad Cain vero et ad munera illius non respexit;* e foi tal a impaciencia e raiva que causou no animo de Caim esta desegualdade, que, trocada no mesmo poncto toda aquella paz e concordia natural em cruelissima guerra, sem temor do pae, sem reverencia da mãe, e sem respeito da irmandade, porque se não podia vingar em Deus, se vingou no mesmo irmão; e o seu sangue foi o primeiro que se derramou no mundo, e a sua morte innocente a primeira em que se executou a sentença fulminada contra a culpa do paraiso. Pois por um *respexit* ou *non respexit*, por um inclinar ou não inclinar de olhos se quebram todos os foros da razão e da natureza? Sim: para que conheçam, os que teem superiodade os grandes poderes e jurisdição da sua propria vista e com quanta cautela devem olhar em quem poem e de quem retiram os olhos. Se é tão impaciente e mal soffrida entre irmãos a differença de ser bem visto, ou não bem visto, como poderá haver paciencia, nem paz entre os extranhos e emulos, onde as desegualdades forem maiores? A que Deus usou com Caim e Abel é certo que foi justa e merecida, posto que se ignorem as verdadeiras causas. Mas não basta que as causas sejam justas e justissimas, onde entrevem a desegualdade publica e conhecida, para que a impaciencia dos subditos não seja a total destruição e ruina da paz.

Paciencia de Christo em conformar-se ás disposições de seu Pae.

Isto é o que faz a desegualdade tomada impacientemente: vejamos agora o que não desfaz se se acceita com paciencia. Tomada sem paciencia faz e é causa de guerras, e tão crueis, como as que vimos: acceitada com paciencia não desfaz, nem altera, nem descompõi a paz, antes a conserva mais gloriosa. E se aquelles exemplos foram de anjos e homens, este será de mais que homens e mais que anjos, e na maior desegualdade que nunca viu, nem verá o mundo. Qual foi a maior desegualdade que jámais obrou Deus, e qual a maior que commetteram os

homens? A maior desegualdade que obrou Deus «por um mysterio de misericordia e amor» foi dar seu Filho pela redempção do homem. Vender o Filho para resgatar o escravo! Condemnar a innocencia para absolver a culpa! Morrer o immortal para resuscitar o morto! Deixar quebrar os diamantes para reparar o barro! Emfim, padecer o Creador para que a creatura vil não padeça! Esta foi a maior desegualdade que obrou, nem podia obrar Deus. E a maior que commetteram os homens qual foi? Venderem esse mesmo Filho, tirarem a vida a esse mesmo Filho e pregarem esse mesmo Filho com cravos em uma cruz. Ainda teve outra circumstancia de maior desegualdade este mesmo excesso. Concorre Christo com Barabbás para ser, um condemnado, outro absolto: Barabbás, o ladrão, o sedicioso, o homicida, o mais insigne malfeitor de todos os que as enxovias de Jerusalem tinham em ferros; «Christo o innocentissimo, Christo a mesma innocencia, Christo o rei do céu e da terra, o obrador de tantos milagres, o bemfeitor universal do genero humano»; e sái por acclamação absolto Barabbás, e condemnado Christo. Oh barbara, oh deshumana, oh horrenda, oh sacrilega, oh infernal desegualdade. A de Deus mais que admiravel por excesso de misericordia «e amor», e a dos homens mais que abominavel por ultimo extremo de injustiça e crueldade! E sujeito ou opprimido d'estas duas desegualdades e levando-as ambas aos hombros debaixo de um madeiro infame; por ventura perdeu aquelle Homem, Deus e Homem, o titulo de Principe da paz, que lhe deram os prophetas: *Princeps pacis?* Por ventura descompoz a harmonia d'aquella paz que lhe cantaram os anjos no nascimento: *Et in terra pax hominibus?* Por ventura revogou ou fez litigiosa a paz que deixou em testamento a seus discipulos: *Pacem relinquo vobis, pacem meam do vobis?* Tão fóra esteve de se alterar no seu animo pela desegualdade do decreto de Deus a paz com Deus, ou pela desegualdade da sentença dos homens, a paz com os homens; que antes elle mesmo com os cravos com que lhe romperam as mãos e pés, rasgou os assignados da guerra e os pregou na sua cruz, como diz S. Paulo: *Delens quod adversus nos erat chirographum decreti, ipsum tulit de medio affigens illud cruci;* e com o sangue que manou de suas chagas, firmou as escripturas da paz; pacificando-nos com os homens na terra e com Deus no céu, como tambem diz o mesmo apostolo: *Pacificans per sanguinem crucis Ejus, sive quae in terris, sive quae in coelis sunt.* E por isso quando hoje annunciou a paz aos discipulos dizendo: *Pax vobis,* lhes mostrou junctamente as chagas, com cuja paciencia a tinha merecido e ganhado: *Ostendit eis manus et pedes.*

Isaic. 9.
Luc. 2.
Joan. 14.
Coloss. 1.

Os apostolos recebem a paz de Christo e soffrem perseguições.

IX. Já a segunda parte do meu argumento se dera por satisfeita com o que tem demonstrado atéqui, se contra esta mesma, que eu chamei demonstração, se não oppozera uma tal difficuldade, que mais parece implicancia que duvida. Quando Christo disse aos discipulos *Pax vobis*; é certo que não só lhes não annunciou a paz, mas tambem lh'a deu com effeito. Assim mesmo quando lhes mostrou as chagas, não só foi para que as vissem, senão tambem para que as imitassem, e soubessem que o meio de conseguirem a paz era a paciencia de similhantes injurias. Finalmente de uma e outra cousa se concluia que tambem elles haviam de ter os seus Annases, os seus Caiphases e os seus Pilatos na sua innocencia, que mandassem executar aquellas injustiça e crueldades. Tudo isto era o que dizia de palavra aquella paz e o que mostravam por obra aquellas chagas. E assim foi, porque S. Pedro teve contra si a Nero, Sanct'Iago a Herodes, S. João a Domiciano, e todos tiveram os seus tyrannos que a uns pregaram na cruz, a outros cortaram a cabeça, a outros despiram a pelle e a todos derramaram cruelmente o sangue, e com exquisitos tormentos tiraram a vida. Pois se o Divino Mestre nos pés, nas mãos, e nas chagas abertas a ferro, tocava a arma e publicava guerra a seus discipulos, como nas palavras brandas e amorosas lhes annuncia junctamente a paz: *Pax vobis*?

Na philosophia de Christo póde conservar-se a relação de uma parte, ainda que se perca da outra. Judas e o Prodigo. *Math.* 29. *Luc.* 15.

Apertemos mais a duvida para que, reduzida a todo o rigor da philosophia, fique mais clara. A paz é uma concordia reciproca e relativa; e tudo aquillo que é reciproco e relativo, em faltando e se perdendo de uma parte, necessariamente falta e se perde tambem da outra. Assim o ensina a philosophia e se demonstra facilmente com dous exemplos vulgares: o da amizade e o do parentesco. A amizade é amor mutuo e reciproco entre dous amigos; e se um d'elles só deixa de ser amigo, acabou-se a amizade. No parentesco o pae é reciprocamente relativo ao filho e o filho ao pae; e basta que falte só o pae, ou só o filho, para que a relação d'aquelle parentesco se acabe. Do mesmo modo a paz é concordia mutua, reciproca e relativa: logo se de uma parte está a guerra, parece que da outra não pode estar nem conservar-se a paz. Respondo, que assim é na philosophia de Aristoteles, mas na de Christo, não. Na philosophia de Christo póde estar e conservar-se a relação de uma parte, ainda que falte e se perca da outra. Provo com os mesmos exemplos. Entre Christo e Judas havia amizade, como entre o mesmo Senhor e os outros apostolos. Da parte de Judas faltou a amizade, e da parte de Christo? Não faltou. *Amice ad quid venisti?* Amigo lhe chama, quando já era inimigo; amigo,

quando era traidor; amigo quando lhe fazia tão cruel guerra. Não porque Judas n'aquelle tempo fosse amigo; mas porque Christo ainda o era: *Interioris amicitiae memor*, diz S. Bernardo. Vamos ao pae e ao filho. O filho Prodigo depois de perdido, estudando comsigo o que havia de allegar ao pae, dizia: *Pater peccavi in coelum et coram te, jam non sum dignus vocari filius tuus*. Pois, se o Prodigo conhecia e confessava que já não era filho, como chama comtudo pae ao pae? Porque da parte do filho se tinha perdido a relação e denominação de filho; mas da parte do pae não se perdeu, comtudo, a relação e denominação de pae. S. Pedro Chrysologo: *Ego perdidi quod filii est, tu quod patris est non amisisti*. Do mesmo modo digo que se pode conservar a paz de uma parte, posto que falte e se perca da outra. E no caso ainda mais apertado em que da parte opposta esteja a guerra, da nossa lhe pode responder a paz.

David tinha paz com aquelles que a não queriam. *Ps.* 119.

Quereis a prova evidente? Em duas palavras: *Cum his qui oderunt pacem eram pacificus*. Eu (diz David já em prophecia christão) eu tinha paz com aquelles que não queriam paz. E de que modo, rei sancto? De que modo conserva David a paz com aquelles que não queriam paz, senão guerra? Por meio da paciencia, como eu dizia: *Ita servatur pax, quando scilicet patienter mali sustinentur a bonis*, commenta Hugo cardial. Mas muito melhor declara o seu dicto o mesmo David: *Cum his qui oderunt pacem eram pacificus; cum loquebar illis, impugnabant me gratis*: Eu guardava paz com os que não queriam paz; porque quando me impugnavam, quando me faziam guerra, eu soffria com paciencia e não respondia á guerra com guerra, senão á guerra com paz. Que quer dizer propriamente *impugnabant me gratis*, impugnavam-me e faziam-me guerra de graça? Eu o direi. Quando um homem recebe alguma injuria de outro, e propõi vingar, não diz: Elle m'o pagará muito bem pago? Pois n'este de se pagar, ou não pagar, consiste o ser offendido de graça, ou não de graça: *gratis*. De maneira que quando a injuria recebida se vinga, não se recebe de graça; porque com uma injuria se paga a outra injuria. Porem quando a injuria recebida se soffre com paciencia e não se vinga, então se faz de graça; porque não se paga. E porque David não se vingava, nem tomava satisfação das hostilidades que lhe faziam seus inimigos, por isso diz que o impugnavam de graça: *Impugnabant me gratis*.

Vêde-o nos maiores inimigos e maiores perseguidores do mesmo David, que foram Saul e Absalão; um rei, outro filho de rei; dos quaes elle dizia pela mesma phrase: *Principes persecuti sunt me*. Da parte de Saul estava o odio, da parte de David o amor: da parte de Saul a tyrannia, da parte de David a

sujeição: da parte de Saul os aggravos, da parte de David o soffrimento; da parte de Saul a guerra, da parte de David a paz. Saul lhe invejava os applausos; David lhe accrescentava as victorias: Saul lhe remunerava os serviços com ingratidões; David lhe pagava as ingratidões com novos beneficios: Saul lhe atirava com a lança para o matar; David, tendo-o debaixo da lança, lhe perdoava a vida. Em fim a guerra de Saul impugnava sempre a paz de David com a perseguição; e a paz de David vencia sempre a guerra de Saul com a paciencia. Maior contraposição ainda e com maiores realces de energia em um proprio filho do mesmo David. Nasceu-lhe a David um filho ao qual elle poz por nome Absalão. E que quer dizer Absalão? Quer dizer: *Pax Patris*: a paz de seu pae. Gran'caso! Todos os que leram alguma cousa das Escripturas sagradas, sabem que os patriarchas e prophetas antigos, os nomes que punham a seus filhos, eram prophecias do que elles haviam de ser, e uma como breve historia das acções e successos da sua vida. Vejamos agora qual foi a de Absalão. Absalão se rebellou contra seu pae: Absalão conjurou contra elle todos os seus vassallos: Absalão lhe tirou a corôa da cabeça: Absalão com todo o poder de Israel, posto em campanha, lhe fez cruelissima guerra. Chame-se logo Absalão *Guerra* e não *Paz de seu pae*. Pois se David era propheta, como trocou a significação ao nome e os futuros á prophecia? Porque se da parte do filho estava a guerra, da parte do pae se conservava com tudo a paz; e tanto mais admiravel era a paz do bom pae, quanto mais abominavel a guerra do máu filho. A guerra do filho dizia aos seus soldados: Matae-me a David; e a paz de David dizia aos seus: Guardae-me a Absalão. A guerra de Absalão dizia: Para que reine Absalão, morra David. A paz de David dizia: Morra antes David, para que viva Absalão: *Fili mi Absalom, quis mihi tribuat ut ego moriar pro te?* Esta é a philosophia de Christo; e d'esta sorte por excesso de paciencia se conserva maravilhosamente de uma só parte a relação da paz, faltando da outra: *Cum his qui oderunt pacem eram pacificus*. Oh grande maravilha! Oh milagre estupendo da virtude christã sobre todas as leis e forças da natureza! De uma parte olhando a guerra torvamente para a paz, e de outra vendo e revendo-se a paz placidamente na guerra.

Differença da paz de Christo á paz do mundo. Joan. 14. Ezech. 13.

X. Tal e tão maravilhosa é a paz que Christo hoje deu aos discipulos de sua eschola: *Pax vobis* e esta é a emphase d'aquelle *Vobis*: a vós e não aos demais; a vós, que sois meus discipulos e sereis meus imitadores. E por isso quando lhes prometteu e deixou em testamento a mesma paz, lhes declarou com repetida expressão de differença que era a sua, e como sua, e

não como a do mundo: *Pacem relinquo vobis, pacem meam do vobis; non quomodo mundus dat, ego do vobis.* E se perguntarmos em que consiste esta differença de paz a paz e em que se distingue a paz de Christo da paz do mundo, Sancto Agostinho e S. Gregorio papa respondem geralmente que a paz do mundo é vã, a paz de Christo solida; a paz do mundo falsa, a paz de Christo verdadeira: a paz do mundo temporal e breve, a paz de Christo permanente e eterna. Mais diz o mesmo Christo. «Declara que elle deixa a paz que é sua, e não a que é do mundo»; porque a paz do mundo não é paz. É o de que arguiu Deus antigamente aos falsos prophetas: *Dicentes Pax, et non est pax*: dizem e enchem a bocca de paz e não ha tal paz no mundo. E se não, quem ha tão cego, que não veja o mesmo, hoje, em toda a parte? Dizem que ha paz nos reinos, e os vassallos não obedecem aos reis; e dizem que ha paz nas cidades, e os subditos não obedecem aos magistrados. Dizem que ha paz nas familias, e os filhos não obedecem aos paes. Dizem que ha paz nos particulares, e cada um tem dentro em si a maior e peior guerra. Havia de mandar a razão; e o racional não lhe obedece, porque n'elle e sobre ella domina o appetite. A paz de Christo é paz que se conserva no meio da guerra; a paz do mundo é guerra que se esconde debaixo da paz. Chama-se paz e é lisonja: chama-se paz e é dissimulação: chama-se paz e é dedependencia: chama-se paz e é mentira, quando não seja traição. É como a de Judas, que com beijo de paz entregou a Christo nas mãos de seus inimigos: é como a de Joab que com abraço de paz metteu o punhal pelo coração de Abner. Finalmente, por conclusão do que dissemos, a paz de Christo «é filha da paciencia e por isso é sempre paz; a paz do mundo como não tem com a paciencia algum parentesco, assim não se pode chamar paz.»

Jesus crucificado que annuncia de Roma a paz a todo o mundo.

Fuja pois e desappareça para sempre, e não se ouça mais entre os homens o nome chimerico e vão d'este engano universal; e ponhamos todos não só os olhos, mas os corações e as almas n'esta vera effigie da verdadeira, solida e eterna paz. Desde este logar, como cabeça do mundo, está Jesus crucificado bradando a todo elle, o que disse resuscitado a seus discipulos: *Pax vobis.* A vós ó gentios idolatras, que ainda me não conheceis por vosso creador: *Pax vobis.* A vós ó herejes, que chamando-vos christãos, negais e viveis desunidos de minha unica esposa: *Pax vobis.* A vós, ó catholicos, que contra o maior dos meus mandamentos vos estais desfazendo em guerra, como se não fôra melhor a paz que mil victorias: *Pax vobis.* E a vós, ó romanos, que sendo Roma a Jerusalem da lei da

graça, deve não só chamar-se, mas ser visão da paz na concordia, na união e no exemplo da perfeita caridade: *Pax vobis.* E se não bastam estas vozes e estes brados para vos persuadir a paz, bastem as chagas d'estas mãos e d'estes pés para vos render e para vos obrigar a ella na paciencia.

Benção de conclusão.

E Vós, Soberano Principe da paz, d'esse throno da vossa majestade e piedade concedei a todo este devotissimo e fidelissimo povo entre todos os do mundo mais particularmente vosso, a vossa paz. Paz com Deus, paz com nossos proximos, e paz com nós mesmos. Com esses tres cravos que vos pregaram na cruz e abriram em vós as preciossissimas chagas das mãos e dos pés, confirmae em nós estas tres pazes. Com o cravo da mão direita, a paz com Deus: com o cravo da mão esquerda, a paz com os proximos: e com o cravo de um e outro pé, a paz com nós mesmos, assim no corpo como na alma. E com este riquissimo e abundantissimo dom da vossa liberalissima misericordia nos lançae a todos uma inteira benção de paz formada com a vossa cruz. «*Benedictio Dei omnipotentis Patris et Filii et Spiritus Sancti.*»

(Ed. ant. tom. 6.° pag. 227, ed. mod. tom. 4, pag. 206.)

SERMÃO DA QUARTA DOMINGA DEPOIS DA PASCHOA *

COM COMMEMORAÇÃO DO SANCTISSIMO SACRAMENTO, PRÉGADO EM S. LUIZ DO MARANHÃO

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Tudo é substancia n'este largo sermão, bem digno pela materia e pelo estylo de ser prégado perante o auditorio mais grado e instruido. O assumpto não póde ser mais interessante, nem ha tractal-o com mais insinuação, zelo e doutrina. A commemoração do Sacramento que vai no fim póde-se tirar sem prejuizo do discurso; e só caberá bem, sendo esperada por estar o Sacramento exposto.

Vado ad eum qui me misit, et nemo ex vobis interrogat me: Quo vadis? Sed quia haec locutus sum vobis, tristitia implevit cor vestrum.

S. JOÃO, 16.

Jesus Christo declara aos discipulos que se ha-de apartar d'elles. Os discipulos entristecem-se: causa d'esta tristeza.

Instituindo Christo Senhor nosso o Sacramento de seu corpo e sangue na ultima ceia que celebrou com os seus discipulos, «fez, como é sabido», uma pratica paternal e amorosa, cheia de documentos e segredos altissimos, com que o Divino Mestre illustrou, mais que nunca, os intendimentos de toda a sua eschola; e lhes animou e fortaleceu os corações, para que perseverassem firmes na sua doutrina e amor. D'esta pratica é parte o evangelho que acabamos de ouvir; e d'este evangelho são tambem parte as palavras que propuz, poucas, mas muito notaveis. Entre as cousas que o Senhor dictou e revelou aos discipulos, foi que era chegada a hora em que se havia de apartar d'elles e partir d'este mundo. Já se vê quaes seriam os effeitos que causaria no animo de todos uma novidade tão grande e não esperada. Ficaram como attonitos e fóra de si e penetrados de uma tristeza tão profunda, que junctamente os emmudeceu a todos sem haver quem dissesse uma palavra. As saudades, o proprio desamparo, e em summa a força da tristeza parece que eram causa d'aquelle silencio; mas o Senhor, pelo contrario, lhes declarou que o silencio era a causa da tris-

teza: *Quia haec locutus sum vobis, tristitia implevit cor vestrum:* porque vos disse que me hei de apartar de vós, se encheram de tristeza os vossos corações; e a verdadeira causa d'essa mesma tristeza, que parece sem remedio, não é a minha ausencia, senão o vosso silencio: *Nemo ex vobis interrogat me: Quo vadis?* Nenhum de vós me pergunta para onde vou; e porisso estais tristes: que se vós me fizereis esta pergunta e eu vos respondera a ella, nenhum de vós se havia de entristecer.

Qual a arte de não estar triste.

Esta consequencia verdadeiramente admiravel, que parece enygmatica e difficultosa de intender, intenderam os discipulos com a luz que infundiu em suas almas o Mestre divino. E nós que faremos? Deixando os discipulos já consolados e animados, e applicando a mesma consequencia a nós, ella será a materia do meu discurso. Determino ensinar hoje a todo o homem em qualquer fortuna, uma arte muito certa, muito util, muito agradavel e muito breve, que é a arte de não estar triste. Se houvesse uma arte ou remedio universal que totalmente nos livrasse de tristezas, e que em nenhum caso houvessemos ou podessemos estar tristes, não sería muito para desejar e para todos a quererem apprender? Pois isso é o que hoje pretendo ensinar com a divina graça. Peçamol-a por intercessão da Cheia de graça: *Ave Maria.*

A tristeza é infermidade.

II. A infermidade mais universal que padece n'este mundo a fraqueza humana e não só a mais contraria á saude do corpo, senão tambem a mais perigosa para a salvação das almas, qual cuidais que será? É a tristeza.

A mais universal, porque é filha da culpa e este mundo todo é valle de lagrimas.

Primeiramente é infermidade universal de todos os homens e universal egualmente de todas as terras; porque nenhuma ha tão sádia e de ares tão benignos e puros, que esteja izenta d'este contagio, e nenhum homem ha tão bem acomplexionado de todos os humores, que quasi habitualmente não esteja sujeito aos tristes accidentes da melancholia. O primeiro e infallivel pronostico e tambem universal d'esta doença, quando ainda não sabemos dearticular vozes, é entrarmos n'este mundo todos chorando. Entramos todos chorando, diz Salomão, (mettendo-se tambem elle na conta), porque assim confessamos esta miseria natural, e começamos nos primeiros passos da vida a pagar este tributo á tristeza, a que havemos de estar sujeitos em toda ella. A tristeza (se buscarmos a razão d'este tributo) não é filha da natureza, senão da culpa. Do primeiro peccado do genero humano nasceu um tão negro e feiissimo monstro, e, como todos somos filhos de Adão, todos herdamos d'elle este triste patrimonio. Nenhum filho d'aquelle pae foi tão privilegiado da natureza, nem tão mimoso da fortuna, nem tão lisonjeado da vida, nem tão

esquecido da morte, que antes d'ella não padecesse muitas tristezas, que lhe fizessem desagradaveis essas felicidades. Este mundo em que vivemos todo é valle de lagrimas, nome com que o baptizou David, ainda para depois de christão: *In valle lacrimarum in loco quem posuit.* Em todo este valle ninguem póde melhorar ou altear de logar, ainda que o ponha onde quizer; e ninguem se póde izeutar da tristeza; porque todo o mundo é valle, e todo o valle é de lagrimas. Todos os montes que se levantaram e se vão levantando n'este valle, por altos e altissimos que sejam, não escapam do diluvio da tristeza. Os reis, os principes, os monarchas, os imperadores, os papas, por mais que o seu estado os tenha levantado tanto sobre os outros homens; nem por isso deixam de chegar lá os nublados e chuveiros continuos das tristezas. É verdade que as tristezas dos principes andam sobredouradas com os resplandores dos sceptros e das corôas; mas por isso mesmo são maiores e mais pesadas, porque são mais interiores. As tristezas que correm pelos olhos, não são as mais tristes; as que se affogam no coração e as que o affogam, essas são as mais sensiveis e penetrantes. Aquelles mesmos resplandores, que cá se admiram por fóra, são os relampagos das grandes tempestades que lá se occultam e devoram por dentro. Assim que a tristeza é um mal e infermidade universal de que ninguem escapa.

A mais contraria á saude. Diz o Espirito Sancto que a tristeza secca os ossos.

III. É tambem, como dizia, a doença mais contraria á saude dos corpos; porque, mais ou menos aguda, sempre é mortal. Não o hei-de provar com aphorismos de Hippocrates ou Galeno, mas com textos expressos todos do Espirito Sancto. No capitulo dezesepte dos Proverbios diz o Espirito Sancto por bocca de Salomão que a tristeza secca os ossos: *Spiritus tristis exsiccat ossa* Se dissera que murcha e secca a côr, a pelle, as veias, a carne, muito dizia; mas os ossos, que são as partes mais interiores, mais solidas, mais duras, mais fortes, com que se sustenta esta fabrica do edificio humano? Assim o diz a sabedoria d'aquelles olhos que penetram dentro em nós o que nós não podemos ver. De sorte que é a tristeza um gusano negro (á differença dos brancos que roem o bronze), o qual nos está comendo e carcomendo por dentro, e bebendo e seccando o humido d'aquellas raizes em que se sustenta o calor da vida, até que elle se apaga, e ella morre.

A tristeza apressa a morte.

Mas este *até que* quanto durará? Não muito tempo nem com passos vagarosos. Porque aquelle cavalleiro do Apocalypse que, montado sobre cavallo pallido, tinha por nome morte, esporeado da tristeza corre a toda a pressa. O mesmo Espirito Sancto o diz no capitulo trinta e oito do Ecclesiastico: *A tristitia festi-*

nat mors. Para uns homens parece que a morte vem a pé, para outros a cavallo; para uns andando, para outros correndo; porque uns morrem devagar, outros depressa: mas a «tesoira cruel» que sempre antes de tempo corta os fios á vida, é a tristeza. Vereis a um d'estes, quando ainda se conta no numero dos vivos, descorado, pallido, macilento, myrrado; as faces sumidas, os olhos encovados, as sobrancelhas caidas, a cabeça derrubada para a terra; e a estatura toda do corpo encurvada, acanhada, diminuida. E se elle se deixasse ver dentro da casa, ou sepultura, onde vive como incantado, vêl-o-hieis fugindo da gente e escondendo-se á luz, fechando as portas aos amigos e as janellas ao sol, com tedio e fastio universal a tudo o que visto, ouvido, ou imaginado, póde dar gosto. E estes effeitos tão deshumanos, cujos são e de que procedem? Sem duvida da melancholia venenosa, que a passos apressados leva o triste á morte: *A tristitia festinat mors*.

A tristeza diz Espirito Sancto que é todas as chagas. Explica-se. *Eccli*. 25.

Para prova d'esta funesta verdade, bastava um só e sobejavam os dous textos referidos do Espirito Sancto; mas sobre elles accrescentou a mesma Sabedoria o terceiro, tão admiravel e encarecido que, se não fôra da bocca divina, podera parecer incrivel: *Omnis plaga tristitia cordis est*. A tristeza do coração não é uma só chaga, ou uma só ferida, senão todas. Sendo chaga e ferida do coração, bastaria ser uma só para ser mortal: mas como no coração depositou a natureza todo o thesouro da vida, assim no mesmo coração descarregou a tristeza toda a aljava das suas settas. D'alli saem todos os espiritos vitaes que se repartem pelos membros do corpo; e d'alli, se o coração é triste, todos os venenos mortaes que os lastimam e ferem. Ferem a cabeça, e perturbando o cerebro lhe confundem o juizo; ferem os ouvidos, e lhe fazem dissonante a harmonia das vozes; ferem o gosto, e lhe tornam amargosa a doçura dos sabores; ferem os olhos, e lhe escurecem a vista; ferem a lingua, e lhe emmudecem a falla; ferem os braços, e os quebrantam; ferem as mãos e os pés, e os entorpecem; e ferindo, um por um, todos os membros do corpo, nenhum ha que não adoeça d'aquelle mal que maior molestia lhe póde causar e maior pena. Considerae-me «um homem como» um cadaver vivo; morto e insensivel para o gosto; vivo e sensitivo para a dôr, ferido e lastimado, chagado e lastimoso; cercado por todas as partes de penas, de molestias, de afflicções, de angustias, imaginando todo o mal e não admittindo pensamento de bem; abhorrecido de tudo e muito mais de si mesmo; sem allivio, sem consolação, sem remedio e sem esperança de o ter, nem animo ainda para o desejar: isto é um triste de coração. Os outros venenos,

em chegando ao coração, matam; mas este, como nasce e se cria no mesmo coração, vai mais devagar em matar, mas não póde tardar muito.

IV. Fosse embora tão contraria á vida e saude dos corpos a infermidade da tristeza: mas o peior mal é que a tristeza é egualmente nociva á salvação das almas. Este é o terceiro poncto d'este primeiro discurso e uma verdade pouco sabida, sendo a de maior importancia.

A tristeza nociva ás almas.

A tristeza, diz S. João Chrysostomo, é um cruel tormento da alma e similhante a um bicho venenoso, que dentro em nós não só mata os corpos, senão tambem as mesmas almas. Grande dizer! mas difficil, ao que parece. A morte do corpo consiste na separação com que a alma, que é a vida do corpo, se aparta do corpo; a morte da alma consiste na separação com que Deus, que é a vida da alma, se aparta da alma. A separação da alma com que morre o corpo, fal-a a febre ou a espada, a separação de Deus, com que morre a alma, fal-a só o peccado. Pois se só o peccado mata a alma, como póde a tristeza matar as almas? Por isso mesmo: porque sendo a morte da alma só o peccado, a disposição para o peccado mais apparelhada, mais prompta, mais efficaz, e mais proxima, é a tristeza. A grande tristeza, diz S. Basilio, costuma ser a auctora e causa dos peccados; porque esta tristissima e escurissima paixão afoga a alma; e assim como os que padecem vertigens na cabeça, caem, assim ella por falta de juizo e conselho faz que caiam os homens no peccado.

Mata as almas por que dispõi proximamente para o peccado, escurecendo o intendimento.

Pouco era para induzir a peccar que a tristeza escurecera só o intendimento, se a mesma escuridade não prendera e atara tambem a vontade. Das trevas, que foram a nona praga do Egyto, diz o texto sagrado, que não só cegavam a vista dos homens, mas que o prendiam e atavam de maneira que em quanto ellas duraram, nenhum se pôde mover nem bulir do logar onde estava: *Nemo vidit fratrem suum, nec movit se de loco in quo erat.* Caso verdadeiramente admiravel e exemplo prodigioso e horrendo do que póde a escuridade das trevas! Que fossem as trevas tão espessas que eclipsassem totalmente e escurecessem a luz do sol, bem se intende: mas se lhes faltava o sol, porque se não valiam do fogo, como os que vivem debaixo do pólo nos seis mezes que o não vêem? Porque nem elles tinham movimento para accender o fogo, nem o fogo tinha vigor para vencer as trevas. Assim o affirma a mesma Escriptura Sagrada no livro da Sabedoria, onde com exquisita elegancia pondera que das trevas formou Deus ou forjou uma cadeia com que os atar: *Una enim catena tenebrarum omnes erant*

E prendendo a vontade. As trevas do Egypto.

Ex. 10.

Sap. 17.

colligati. E diz mais o mesmo texto que, sendo tão insupportavel o tormento das trevas, ainda os egypcios padeciam outro n'aquella miseria mais pesado e intoleravel, que era soffrer-se cada um a si mesmo: *Ipsi ergo sibi erant graviores tenebris.*

Ib.

Os tristes são como os egypcios nas trevas. Auctoridade de S. Chrysostomo e S. Bernardo.

Tal é o estado de um triste, quando a força de sua mesma melancholia o mette no profundo e escurissimo abysmo da desconsolação. Assim como ao egypcio não lhe valia contra as suas trevas, nem a luz do sol, nem a do fogo; assim não lhe basta a um triste, nem o lume da fé, nem o lume da razão, para vencer as suas, que só lhe são palpaveis. E assim como o egypcio com aquella cadeia sem ferro, mais dura porém que o mesmo ferro, estava atado de pés e mãos; assim o triste, preso sem grilhões nem algemas á cadeia da sua propria tristeza (contando-lhe sempre os fuzis, a que não acha numero), nem tem pés para fugir, nem mãos para resistir ás tentações do demonio; e por isso está sempre exposto e quasi rendido ao peccado. Disse quasi rendido, e disse muito menos do que devêra; porque, se o demonio é o que tenta e vence, a força, ou fraqueza, que dá a victoria, é a da tristeza. Ouçamos outra vez a mais eloquente voz da Egreja catholica e feche-nos o discurso Chrysostomo com a mesma chave de ouro com que o abriu. A tristeza humana diz «elle» é mais poderosa que toda a acção diabolica; porque todos aquelles a quem commummente vence o demonio, por meio da tristeza os vence: tanto assim, que, se no mundo não houvera tristeza, a ninguem podera vencer, nem offender o demonio, E porque este testimunho tão notavel não pareça singular, o mesmo diz S. Bernardo, affirmando que entre todos os espiritos malignos o pessimo e mais nocivo é a tristeza: *Certe tristitia saecularis omnium malorum spirituum est pessimus.* De sorte que o demonio ajudado da tristeza não é um só demonio, senão dous; e a tristeza, peior e mais diabolica que o mesmo demonio.

Os tristes procurando o allivio da tristeza estão occasionados ás tentações do demonio. Exemplos da Escriptura.

E se me perguntardes como concorre a tristeza com o demonio para o peccado, posto que bem creio que o terá cada um experimentado em si, eu o direi facilmente. É muito natural aos tristes desejar o allivio e procurar o remedio á sua tristeza; e quando a triste alma chega a estes ponctos, então entra a tentação e o demonio; e os allivios e remedios que lhe offerece são taes como elle. Se a tristeza é por ambição e desejo de ser mais, persuade-lhe que não faça caso da lei de Deus, como a Adão e Eva, que por serem como Deus a quebraram. Se a tristeza é por pobreza, persuade-lhe que furte como Achan, soldado illustre, mas pobre, que furtou sacrilegamente a purpura e regra de ouro nos despojos de Jericó. Se a tristeza é por amor, persua-

de-lhe que vença por força e violencia o que não póde por vontade, como Amnon a Thamar sem reparar na dobrada infamia, em ambos egualmente sua. Se a tristeza é por appetite do superfluo, como a d'el-rei Achab, persuade-lhe que ao dominio universal da corôa accrescente a vinha de Naboth, e com testimunho falso jurado, se não houver outra causa. Se a tristeza é por affronta, persuade-lhe que a vingue, ainda que seja por traição, como a Absalão, que contra as obrigações do sangue e as leis da hospitalidade matou aleivosamente a Amnon. Se a tristeza é por inveja, persuade-lhe que derrube o invejado, posto que innocente e benemerito, como Aman valido d'el-rei Assuero, ao fidelissimo Mardocheu. Se a tristeza é por odio, como a de Saul a David, persuade-lhe que ingrato ás cordas da sua harpa com o ferro da propria lança o pregue a uma parede. Se a tristeza é por falta de saude, persuade-lhe que troque as receitas da medicina pelos feitiços da arte magica, como depois de Jeroboão fizeram todos os reis de Israel; aos quaes e ao mesmo reino sepultou Deus vivos; e esses são os ossos, já então seccos e myrrados, que viu Ezechiel, ha mais de dous mil annos. Infinita materia fôra, se houveramos de discorrer por todos os peccados com que o demonio, ajudado da tristeza, mata as almas. A Cain triste por se vêr menos favorecido, persuadiu-lhe o demonio que matasse a seu irmão; e matou-o. A Achitophel, triste porque Absalão não seguira o seu voto, persuadiu-lhe que se matasse a si mesmo; e matou-se. A Judas triste pelo que tinha feito contra seu Mestre, persuadiu-lhe que se enforcasse: mas antes que lhe impedisse a respiração o aperto do laço, a mesma tristeza, que não cabia dentro, lhe fez estalar o coração, e por isso rebentou pelo meio: *Crepuit medius.*

Por este modo a tristeza mata as almas e os corpos. E qual é o remedio?

V. Estes são os effeitos da tristeza (doença de que ninguem escapa n'esta vida, e muito mais os mais intendidos); e este que ultimamente declarei é o modo com que a mesma tristeza não só chega a matar os corpos, senão tambem as almas. Resta agora n'este segundo discurso menos melancholico tractar do remedio d'esta peste do genero humano e ensinar, como prometti, a arte de nunca estar triste.

Acha-se no texto que serve de thema.

Nas breves palavras que propuz temos uma e outra cousa; isto é a tristeza e mais o remedio: a tristeza *Quia haec locutus sum vobis, tristitia implevit cor vestrum*: o remedio *Nemo ex vobis interrogat me quo vadis*: porque vos disse que me ausento, encheu a tristeza os vossos corações, e nenhum de vós me pergunta para onde vou. Como se dissera o Senhor aos seus discipulos pela phrase das nossas escholas: A vossa tristeza tem duas causas: uma positiva e outra negativa; uma que intendeis

e outra não. Da minha parte dizer que me hei de apartar de vós: da vossa não me perguntardes para onde vou. «Explico.» Deu a tempestade com o navio á costa; e dizemos que se perdeu, porque lhe faltaram as amarras. Assim é n'este mesmo sentido: porque, ainda que a força dos ventos foi a causa do naufragio, se as amarras não faltaram, n'ellas teria o remedio e não se perdera. Da mesma sorte a causa ou motivo da tristeza dos discipulos era a ausencia do divino e tão amado Mestre; mas se elles tiveram feito a pergunta, em que não advertiram, n'ella teriam os seus corações o remedio da mesma tristeza: *Tristitia implevit cor vestrum et nemo ex vobis interrogat me quo vadis?*

O remedio é perguntar ao corpo e á alma para onde vão?

Eccl. 12.

N'estas duas palavras *quo vadis* (accomodando-as a nós «e com direito, porque, como se referem a Christo nosso exemplar, para onde elle vai, nós tambem devemos ir e iremos se o seguirmos») n'esta pergunta tão breve, e n'esta unica maxima ou preceito, consiste toda a arte, que prometti, de nunca estar triste. Homem triste, se a tristeza te não tirou ainda o uso da razão, pergunta-te a ti mesmo para onde vás: *Quo vadis*? E esta consideração, em qualquer caso ou estado da vida, por triste que seja, não só te servirá de consolação, de allivio e de remedio: mas te livrará para sempre de toda a tristeza. Isto é o que digo. E isto supposto, saibamos agora para onde imos todos e cada um de nós? Sendo cousa muito sabida, posto que em parte a vemos, e em parte não, o Espirito Sancto nol-a mandou advertir por bocca de Salomão no capitulo doze do Ecclesiastes: *Revertatur pulvis in terram suam unde erat, et spiritus redeat ad Deum, qui dedit illum*. O homem, posto que seja um, é composto de duas partes muito diversas — alma e corpo; o caminho que fazem estas duas partes é tornar cada uma para d'onde veio: o corpo, que veio da terra, torne para a terra e para a sepultura: a alma, que veio de Deus torne para Deus e para o céu. Pergunte agora o homem a seu corpo: Corpo meu, para onde vás? *Quo vadis?* Pergunte o homem á sua alma: Alma minha, para onde vás? *Quo vadis?* E como o corpo com a evidencia dos olhos ha de responder que vai para a sepultura; e a alma com a certeza da fé ha de confessar que vai para o céu; á luz d'este conhecimento, tão claro e tão forte, não haverá nuvem de tristeza tão espessa e tão escura, que totalmente se não desfaça e desvaneça. Não dissemos ha pouco no primeiro discurso que a tristeza não só atormenta e mata o corpo, senão tambem a alma? Pois este é o antidoto invencivel, que o corpo e a alma tem contra aquelle veneno duas vezes mortal; e esta a arte facil e breve, com que o homem se livrará infallivelmente de toda a

tristeza; só com perguntar ao mesmo corpo e á mesma alma, para onde vão: *Quo vadis?*

Quem olha para a sepultura não se deixa entristecer pela perda dos bens temporaes. Occasião em que os egypcios entregaram aos hebreus quanto possuiam de preço

VI. Não só tenho proposto, senão tambem dividido este segundo discurso, como o primeiro, em duas partes, uma pertencente ao corpo, outra á alma. E começando pelo corpo, um homem que se pergunta a si mesmo para onde vai e vê que com os passos do tempo, que nunca pára, vai sempre caminhando para a sepultura, ou já deixa detraz das costas, ou mette debaixo dos pés tudo o que costuma entristecer aos que isto não consideram. Na sepultura, para onde caminhamos, o que depois se ha de enterrar é o proprio corpo; e o que desde logo fica sepultado é tudo o que n'este mundo póde causar tristeza. Oh quantas lagrimas se choram e quantas lamentações se ouvem; porque não ha quem ponha os olhos n'este caminho inevitavel! A uns come por dentro a tristeza, porque se vêem pobres: a outros roi a inveja, porque poem ou lhes leva os olhos a abundancia dos ricos; e se uns e outros tiveram juizo e se perguntaram para onde vão, tão pouco haviam de chorar uns o que lhes falta, como estimar os outros o que lhes sobeja. Vêde quão poderosas são contra estes dous affectos as sepulturas alheias, quanto mais a propria. Na ultima praga do Egypto disse Deus a Moysés que elle daria tal graça ao seu povo com os mesmos egypcios, que toda a prata e ouro, e joias e vestidos preciosos que tivessem, lhe fiariam; e d'esta sorte sairiam d'aquelle captiveiro ricos com os despojos dos mesmos, de quem eram escravos. Cumpriu-se esta divina promessa com tanta ponctualidade e largueza, que não houve em todo o Egypto quem repugnasse a entregar aos seus escravos e escravas quanto possuiam de preço, sem reparar no que tão facilmente se podia presumir de uma gente de que elles tanto se temiam. Não eram estes egypcios os que, para mais opprimir e dominar os hebreus, hontem lhes negavam as palhas que lhes pediam para seu serviço? Pois como agora não duvidam em lhes metter nas mãos a sua prata, o seu ouro e quanto teem de rico e precioso? Notae, diz excellentemente Lyrano, o tempo e occasião em que isto succedeu; e achareis a causa de uma tão notavel desattenção. N'aquella occasião não havia casa em todo o Egypto em que não houvesse algum morto; e como todos estavam attentos a sepultar os seus defunctos, esta attenção das sepulturas lhes tirou de tal maneira a das proprias riquezas, que ninguem reparou no ouro, na prata e no demais; deixando levar tudo, sem cautela, aos domesticos inimigos, que lh'o não haviam de restituir.

Baixellas e galas, comer e vestir. Fim do rico que abusou d'isto.

Se bem considerarmos as causas (que lhes não quero cha-

mar razões); por que os queixosos da sua fortuna vivem tristes e se lhes faz triste a vida, acharemos que principalmente são não poderem gozar os dous mais saborosos fructos das mesmas riquezas de que os egypcios ficaram despojados. E quaes foram estas? As suas baixellas, e as suas joias e galas: *Vasa aurea et argentea, et vestes.* As baixellas pertenciam á meza, as galas ao vestido; estes são os dous excessos em que a parte irracional do homem, que é o corpo, ou regala o appetite proprio por dentro, ou se ostenta aos olhos alheios por fóra. O comer e o vestir são duas cousas, sem as quaes se não póde viver; em que teem grande batalha no homem a moderação do necessario e a intemperança do superfluo. D'esta intemperança em um e outro appetite foi famoso exemplo (ou escandalo) n'este mundo aquelle rico, a quem se não sabe o nome, por ser indigno de o ter, do qual diz o Evangelho que o seu trajo eram purpuras e holandas, e a sua mesa perpetuos e esplendidos banquetes. O mesmo Evangelho diz que, depois d'esta vida tão regalada nas delicias do tacto como do gosto, foi sepultado no inferno o mesmo rico: *Sepultus est dives in inferno.* Mas se elle tivera juizo, não lhe era necessario para se moderar em um e outro appetite ir buscar a sepultura ao centro da terra; bastam as dos que ella recebe com septe pés de cumprimento e cobre com quatro de alto.

Exod. 3.

Luc. 16.

Caminhando Jacob da sua patria para Mesopotamia, no meio d'esta peregrinação fez um voto particular a Deus, para que sua providencia se dignasse de o assistir, dando-lhe nomeadamente pão para comer e panno para vestir: *Panem ad vescendum et vestimentum ad induendum.* Por certo que nem da parte de Deus, nem da sua parece se devera contentar Jacob com tão pouco. Da parte de Deus não; porque era tão favorecedor d'aquella familia, que se chamava Deus de seu avô, Deus de seu pae e Deus seu: *Deus Abraham, Deus Isaac, Deus Jacob.* E da parte do mesmo Jacob tambem não; porque a mesa e guarda-roupa de seu pae era muito nobre; e bem lembrado estava elle que as pelles de que sua mãe lhe cortou as luvas eram de duas crias, as mais mimosas do monte, para um só guisado, e as roupas com que fez a figura de seu irmão, não pouco preciosas: *Vestibus Esau valde bonis.* Pois se Jacob estava costumado a viver com tão differente largueza em uma e outra commodidade e tinha a Deus com as mãos abertas; porque se contenta com tão pouco? Porque n'aquella peregrinação caminhava com a sepultura deante dos olhos. Offendido Esaú de lhe ter Jacob furtado a benção, resolveu-se a lhe tirar a vida: *Occidam Jacob fratrem meum.* Por isso lhe aconselhou a mãe que fugisse; e esta sua peregri-

Jacob na sua peregrinação foi moderado nos desejos por ter a morte deante dos olhos.

Gen. 28.

Exod. 3.

Gen. 27.

nação verdadeiramente era fugida, porque Esaú o não matasse. Supposto, pois, que fugia, parecerá que deixava a morte e a sepultura detraz das costas; mas o certo é que ninguem a levou nunca mais deante dos olhos; e um homem com a morte e sepultura deante dos olhos, não é muito que nem a pedir nem a desejar se atrevesse mais que o necessario e preciso para viver, ou para não morrer. A fome e o frio, com o medo e apprehensão dos passos que levava, se lhe moderaram, compozeram e accommodaram de tal sorte, que a fome para comer se contentava com pão sêcco, e o frio para se cobrir com panno de qualquer estofa.

Tendo o que baste para sustentar o corpo devemos estar contentes.

Parece-me que ou Jacob n'este caso se revestiu propheticamente do espirito de S. Paulo, ou S. Paulo tantos seculos depois historica e exemplarmente de Jacob: *Habentes alimenta et quibus tegamur, his contenti sumus.* Com que tenhamos o que baste para sustentar e cobrir o corpo, teremos tambem o que basta para estar contentes, escreve o Apostolo a Timotheo. E S. Jeronymo, commentando este texto e contrapondo a largueza e abundancia dos ricos á estreiteza e moderação dos pobres no mesmo vestir e comer, philosopha assim elegantemente: *Grandis exultatio cum parvo contentus fueris, mundum habere sub pedibus, et propter quae divitiae comparantur, vilibus mutare cibis et crassiore tunica compensare.* Não cuidem as galas e gulas dos ricos, diz o doutor maximo, que carecem os pobres do que elles gozam; porque tudo o que elles alardeiam com largueza no seu muito, logram compensado os pobres, e abbreviado no seu pouco: os ricos e vãos nas galas; elles no vestido grosseiro; os ricos e vãos nos regalos; elles no mantimento vil. E que se segue d'aqui? Segue-se que o contentamento e alegria que a riqueza e vaidade pretende, só a pobreza sisuda o alcança, e muito maior: *Grandis exultatio, cum parvo contentus fueris, mundum habere sub pedibus.* Deixo de ponderar estas ultimas palavras: só digo que, para quem caminha para a sepultura, levar o mundo debaixo dos pés, mais é triumpho que enterro, posto que mal banqueteado e mal vestido.

I *Ad Tim.* 6.

A lembrança da morte faz desprezar as galas. Exemplo practico.

VII. E porque atégora fallamos com estes dous appetites junctos, persuadindo-os a que se contentem com o seu pouco: ouçamos tambem cada um de por si; pois são de tão differente natureza, que se não podem sujeitar á mesma razão, nem domar com o mesmo freio. Ao que póde entristecer o corpo por se vêr menos nobremente trajado, que diremos? De novo, nada: porque nos não havemos de divertir do nosso caminho: mas que se lembre bem do *Quo vadis.* Adoeceram na vossa terra, ou um mancebo tão prezado da gentileza, como Absalão, ou uma dama

de tão celebrada formosura, como Rachel; e chegados ambos á ultima desconfiança da vida, na primeira clausula do testamento, depois da protestação da fé, diz cada um que seu corpo seja sepultado no habito de S. Francisco. Isto que pelo costume se não extranha, verdadeiramente é digno de grande admiração. Não ereis vós (um e outra) os que tanto vos prezaveis das galas, os que gastaveis as telas, os que inventaveis os bordados, os que empregaveis em uma joia quanto tinheis e talvez o que não tinheis? Pois como agora vos mandais vestir com tanta differença e vos contentais com um habito de burel e esse remendado? Porque agora imos para a sepultura. *Agora* dizem, e dizem o que cuidavam; porque d'antes não sabiam para onde iam. Oh miseria! Oh cegueira! Oh engano da vaidade e ignorancia humana! Cuidamos que só imos para a sepultura quando em hombros alheios somos levados a ella; e não acabamos de intender que desde a hora em que nascemos começamos este mesmo caminho. Se a um recem-nascido quando sai do ventre da mãe lhe perguntassemos: *Quo vadis*? menino, que agora entrastes no mundo, para onde ides? É sem duvida que, se elle tivesse já uso de razão e falla para responder, responderia com as palavras de Job: *De utero ad tumulum*: desde a hora do meu nascimento vou caminhando para a sepultura; e estas faixas são a minha primeira mortalha. Desenganemo-nos os mortaes que todo este que chamamos curso da vida não é outra cousa senão o enterro de cada um: por signal que quanto mais pompa, mais cruzes.

Job 10.

Exemplos historicos de Saladino e Carlos V.

Pois se estas hão de ser as galas da ultima jornada da vida, porque nos não contentaremos que sejam menos vãs as de toda ella? Gloriam-se tanto das galas os perdidos por esta vaidade; e esta gloria ha de descer com elles á sepultura? Não. Pois porque nos ha de levar tanto após si o que cá ha de ficar; e não nos acommodaremos desde logo ao que só havemos de levar comnosco? Aquelle grande Soldão do Egypto, o famoso Saladino, estando para morrer mandou levar por todo o exercito a mortalha em que havia de ser sepultado, na ponta de uma lança, com um pregão que dizia:—De tudo quanto acquiriu Saladino, isto é o que só ha de levar d'este mundo. Ditosos os soldados que então se resolvessem a despir a cota e militar debaixo d'aquella bandeira! O imperador Carlos v, anticipando o mesmo desengano, trazia sempre comsigo a sua mortalha. Por isso tomou aquella valente resolução, maior que todas as suas victorias, de se sepultar em Juste, e acabar a vida antes da morte. Melhor o fazem ainda os que todos os dias, quando se vestem, de tal modo se compõem do pé até á cabeça

com o espelho da sepultura deante dos olhos, como se o vestido fôra a mortalha, com que hão de ser levados a ella. Este é o trajo dos desertos e claustros religiosos, em que, todos os que professamos servir a Deus, o mesmo habito que vestimos é a mortalha em que havemos de ser sepultados. O mundo errado julga este trajo por triste: mas nós em confiança d'elle nunca tristes, e sempre contentes: *Quasi tristes, semper autem gaudentes.*

2 Ad Cor. 6

A mesma lembrança faz desprezar os regalos. A mesa de S. Paulo eremita.

VIII. Se a consideração da sepultura e a nossa pergunta *Quo vadis?* é tão efficaz para persuadir sem tristeza a forçosa pobreza das roupas; para a fazer toleravel na mais sensivel da mesa não é menor a sua efficacia. Queixa-se da sua fortuna o pobre; porque, sendo tão liberal com os ricos, com elle seja tão avara, que apenas para comer lhe conceda com o suor do seu rosto um pedaço de pão. E eu antes de passar ao vosso remedio, não só quero reparar no pão, senão no mesmo pedaço que o faz queixoso e triste. Perto de cem annos havia que o primeiro ermitão S. Paulo vivia em uma cova, quando n'ella o visitou o grande Antonio, a quem nós para significar a sua mesma grandeza chamamos Antão. Depois de se saudarem sós, chegou um corvo com um pão nos bicos e o poz entre os dous. Admirou-se o hospede; e o habitador da cova lhe disse: Has de saber, irmão Antonio, que de muitos annos a esta parte, depois que me foram desfallecendo as primeiras forças, por esse corvo me manda Deus todos os dias meio pão; e agora porque somos dous, dobrou o Senhor a ração a seus servos; e por isso nos mandou o pão inteiro. Quem não pasmará que este jantar para os dous maiores homens que Deus tinha no mundo fosse mandado da sua mesa? É possivel que a providencia, a grandeza, a magnificencia de Deus a Paulo sustenta cada dia com meio pão; e a Paulo e Antonio com um pão? E é possivel que um homem com fé não estime e se glorie muito de que ás duas ametades de pão de Paulo e Antonio se ajuncte tambem o pedaço do seu, sendo elle em tal companhia o terceiro convidado de Deus? Não ha duvida que se és christão, nunca a tua ambição e cubiça podia aspirar a maior fortuna que esta, a que te tem levantado a tua propria pobreza, egualando-se não aos principes das cento e dezasepte provincias no banquete de Assuero; mas aos dous maiores amigos e favorecidos que tem no mundo o Supremo Senhor de todo elle. Vê agora quão enganosa é a tua tristeza e tu quão enganadamente queixoso da tua fortuna.

Os que correm muito vão mais depressa para a sepultura.

Mas porque não cuides que te quero consolar por outro caminho, responde-me para onde vás? *Quo vadis?* Vás para a

sepultura? Sim: e todos os mais ricos e abundantes do mundo para onde vão? Para a sepultura tambem. Dá pois muitas graças á estreiteza da tua mesa e ao teu pouco pão; porque, sendo certo que todos hão de chegar á sepultura sem nenhum remedio, só tu por comer menos chegarás á sepultura mais tarde, e só tu por comer menos serás n'ella menos comido. A natureza fez o comer para o viver; e a gula fez o comer muito para o viver pouco. O dia dos banquetes «quantas vezes é» a vespera do dia da morte! Das intemperanças do comer, por mais que o tempere a gula, nascem as cruezas; das cruezas a confusão e discordia dos humores; dos humores discordes e descompostos as doenças; e das doenças a morte. Supposto, pois, que todos havemos de morrer e todos imos para a sepultura, o maior favor que Deus póde conceder a um mortal é que morra e chegue lá mais tarde. E este é o primeiro privilegio dos pobres, a quem a providencia divina quanto nega de abundancia e regalo tanto accrescenta de vida.

Auctoridade da Escriptura e de Sancto Agostinho. Usar dos alimentos como das medicinas.

Ouçam os abundantes e regalados o que sobre isto ensina a verdade d'aquelle Senhor que o é da vida e da morte: *Omnis potentatus vita brevis*. Outra versão em logar de *vita* lê *via;* e tudo é o mesmo: porque a vida que vivemos é a via com que caminhamos para a sepultura e o termo do nosso *quo vadis*. Qual é logo a razão, porque a vida e a via dos poderosos e ricos é breve e faz Deus esta differença entre os ricos e os pobres? Porque os ricos e poderosos dão muita materia á gula; os pobres, ainda que queiram, não podem. Sancto Agostinho dava graças a Deus por lhe haver ensinado que usasse dos alimentos como das medicinas: *Hoc me docuisti, ut quemadmodum ad medicamenta, sic ad alimenta smpturus accederem.* De sorte que aquillo sem que não podemos viver, é o mesmo que nos mata, tomado sem medida. E como o alimento tomado sem medida é o veneno da vida e com medida é o medicamento d'ella; esta é a desgraça não conhecida dos ricos, e a ventura tambem mal intendida dos pobres. A vida e a via de uns e outros egualmente caminha para o mesmo termo, que é a sepultura; mas os passos não são eguaes. Porque como a abundancia e gula dos ricos é o seu veneno, e a tristeza e abstinencia dos pobres o seu medicamento; os ricos chegam á sepultura primeiro e mais depressa, e os pobres mais devagar e mais tarde.

Eccl. 10.

Conf. 31.

A gula ceva as aves para que as comam os homens, e ceva os homens para que os comam os bichos.

E depois de chegados uns e outros á sepultura teem tambem dentro d'ella alguma differença? Sim: e muito grande, que é o segundo privilegio dos pobres. A gula assim como ceva as aves para que as comam os homens, assim ceva os homens para

que os comam os bichos. Miseravel condição da nossa carne, comer para ser comida! Por isso diz um proverbio dos hebreus: *Qui multiplicat carnes, multiplicat vermes.* Os corpos dos ricos cheios e anafados são o banquete dos bichos: os dos pobres, seccos e postos nos ossos, são o seu jejum. Que bem se viu isto n'aquelle em que o pobre Lazaro e o rico avarento foram á sepultura! O rico em sepulcro de marmores banqueteando esplendidamente os bichos, como elle costumava comsigo: e o pobre, que nem as migalhas que lhe caíam da meza tinha para se sustentar, sepultado na terra nua; mas não tendo a mesma terra que comer n'elle. Diz S. Paulo aos Corinthios: *Esca ventri, et venter escis;* o comer para o ventre e o ventre para o comer. S. Paulo não dizia trocados; qual é logo o sentido e commento d'estas palavras que o parecem? Os regalos exquisitos trazidos de tão longe com tantos perigos, comprados com tanto preço, guizados com tantos artificios são para o ventre do homem: *esca ventri;* e esse ventre assim regalado, assim mimoso, assim custoso, para quem é? Para o comerem os bichos: *venter escis.* Até no manná, que caía do céu, o superfluo que excedia o preciso, se convertia em bichos: e este é o paradeiro das superfluidades dos ricos. Considere, pois, o rico e o pobre para onde vái: *Quo vadis?* Para que o rico modere a sua abundancia, e o pobre se componha com a sua moderação. E porque o pobre e o rico (e o rico mais apressadamente que o pobre) todos imos parar alli, lamentem-se os ricos da sua riqueza e das suas galas e regalos: sejam os pobres os contentes e elles os tristes: e paguem com a tristeza a fraqueza de seus corações.

I Ad Cor. 6.

IX. Já perguntámos ao corpo para onde ia? E nos respondeu por bocca do Espirito Sancto, que para a sepultura. Agora faremos á alma a mesma pergunta; e responderá por bocca do mesmo Oraculo Divino, como tambem vimos, que vai para o céu. Pois assim como o corpo achou remedio da sua tristeza no seu *quo vadis,* assim e muito melhor achará a alma o remedio das suas no seu, quanto vai do céu á terra.

A alma vai para o céu. Remedio das tristezas da alma.

«Fallando comsigo mesmo o sancto propheta David no psalmo quarenta e dous, perguntou»: Porque ando eu triste, quando me affligem meus inimigos: *Quare tristis incedo dum affligit me inimicus?* Notavel modo de perguntar! Se perguntais porque andais triste e dizeis que vos affligem vossos inimigos, isto é dar a causa e pedil-a. Que maior e mais justa causa de andar um homem triste, que vêr-se affligir de seus inimigos, e mais quando não merece a inimizade nem a afflicção? David era um homem de tão bom coração, que o comparou Deus

David, triste e perseguido por seus inimigos, desterrou a tristeza recorrendo á luz divina.

com o seu. E tendo tantas outras virtudes, nenhuma era mais eminente n'elle que a mansidão: *Memento, Domine, David et omnis mansuetudinis ejus*. Com tudo ninguem padeceu mais crueis odios e perseguições, e ninguem teve mais e maiores inimigos. O primeiro e mais principal era Saul, com que vinha a ter contra si o rei e toda a côrte. O mesmo David diz que eram tantos os seus inimigos, que com elle não ser facil de derrubar com a multidão, o tinham mettido debaixo dos pés. Diz que eram tão injustos, que prevalecendo violentamente contra a sua justiça lhe faziam pagar o que não devia; que eram tão traidores, que os mesmos que tinham obrigação de o defender se uniam em conselhos para o destruir; que eram tão raivosos, que como cães damnados não só o mordiam, mas lhe quebravam os ossos; que eram por uma parte tão pertinazes, que de pela manhã á noite o estavam calumniando, e por outra tão fingidos, que em presença o louvavam e voltando as costas juravam contra elle. Finalmente que eram tão astutos, tão duros, tão fechados na sua impiedade, e tão soberbos, que chegaram a lhe pôr de cerco a propria alma. Todas estas causas, tantas e tão fortes, tinha David para andar triste; nem elle as ignorava ou eram outras. E que faria, não como rei e como politico, senão como propheta e como sancto, para desterrar a tristeza? O que fez immediatamente no verso seguinte, foi recorrer a Deus, pedindo-lhe o soccorresse n'aquella perplexidade com a sua luz e com a sua verdade: *Emitte lucem tuam et veritatem tuam:* com sua luz, que o allumiasse no profundissimo e escurissimo abysmo da tristeza em que estava; e com sua verdade, que desfizesse as falsidades e calumnias com que seus inimigos o perseguiram. Assim orou, e assim o soccorreu Deus promptissimamente com a luz e verdade que pedia; mas não com remedio que o livrasse das perseguições, senão com outro mais alto e sublime, que o livrou da tristeza que ellas lhe causavam. E qual foi? O mesmo David o diz tambem immediatamente no mesmo verso: *Ipsa me deduxerunt et adduxerunt in montem sanctum tuum et in tabernacula tua*. A mesma luz e verdade, Senhor, que vos pedi me guiaram e levaram a que levantasse os olhos e os posesse no vosso monte sancto, que é o céu, e n'essa côrte bemaventurada, onde tendes as vossas moradas eternas. Oh luz e verdade divina! A causa de andarmos tristes nos trabalhos, nas perseguições, e nas outras miserias ou naturaes ou violentas d'esta vida, é porque somos cegos e não vemos esta luz; é porque somos ignorantes e não conhecemos esta verdade. Como se dissera Deus a David: Dizes que andas triste? Pois olha para esses mesmos teus pas-

Ps. 131.
Ib. 55.
Ib. 68.
Ib. 70.
Ib. 41.
Ib. 101.
Ib. 16.
Ib. 42.

sos, que tu dizes observam teus inimigos para te calumniarem: olha para esses mesmos teus passos; conhece que com elles vás caminhando para o céu (e a tanto mais largas jornadas, quanto os trabalhos e perseguições forem maiores); e logo pizarás as mesmas tristezas que te molestam e affligem, e as metterás debaixo dos pés. Assim o conheceu e experimentou o já não triste David, mas animado e contente; e com as mesmas palavras que d'antes, mas com muito differente energia, tornou logo no mesmo psalmo a perguntar á sua alma: *Quare tristis es anima mea?* E bem, alma minha, depois d'esta nova luz e d'esta nova verdade estarás ainda triste? Não sabes que as tempestades em pôpa levam mais depressa ao porto? Se o teu porto é o céu, caminhando para lá que te póde entristecer na terra? Por ventura o tempo, que lá se chama eternidade? Os trabalhos, que lá se medem com o descanço? As penas, que lá se convertem em glorias? As perseguições, que lá são palmas? As calumnias, que lá são corôas? As linguas maldizentes dos homens, que lá são louvores da bocca de Deus? *Quare, quare tristis es anima mea?*

X. As almas tristes, umas perturba a sua tristeza por dentro; outras afflige a mesma tristeza por fóra. E toda a causa do que padecem é, porque são mudas e cegas. Uma alma muda não se pergunta a si mesma para onde vai: *Quo vadis?* E cega não olha para o norte, sempre seguro e firme, que desde o céu lhe guia os passos na terra. Eis aqui porque ha tantas almas desconsoladas e tristes; eis aqui porque andam tantos corações rebentando de melancholia: *Tristitia implevit cor vestrum.* Intendam essas almas que são almas, e que o fim para que foram creadas e para onde caminham, é o céu; e logo as não poderá entristecer qualquer fortuna da terra, por mais adversa e temerosa que seja, e mais triste que pareça. A maior e mais penetrante tristeza que padeceu alguma alma jámais, foi a de Christo, Redemptor nosso, no Horto, tão penetrante e tão terrivel que lhe fez suar sangue, e bastaria a lhe tirar a vida: *Tristis est anima mea usque ad mortem.* O remedio milagroso que teve esta tristeza foi mandar Deus do céu um anjo que viesse consolar e confortar a seu Filho, que para nosso exemplo permittiu que os affectos naturaes obrassem ou executassem em sua humanidade sacratissima tudo o que podem nas outras. Desceu o anjo, prostrou-se de joelhos ante o acatamento do seu quanto mais angustiado, mais veneravel Monarcha; resuscitou-lhe o animo, confortou-lhe o desmaio, desterrou-lhe do coração a tristeza: mas com que razões ou motivos? Sancto Thomás glosa a palavra *Confortans* com estas: *Proposito sibi gaudio*

As almas tristes padecem, porque são mudas e cegas. A tristeza de Christo no Horto que remedio teve.

Matth. 26.

aeternae vitae pro praemio, que foram trasladadas da penna de S. Paulo; onde se deve muito notar a propriedade theologica d'aquelle termo *Proposito sibi:* porque, como doutamente commenta Caietano, o anjo só podia confortar a Christo propondo. E verdadeiramente a revelação d'este segredo, não só era necessaria, mas de summa consolação e remedio para todos os que com grandes causas ou se vêem tentados da tristeza ou já vencidos. Aquelle Homem, cuja alma estava com tal excesso triste que bastaria para lhe tirar a vida, com o temor e apprehensão terrivel dos tormentos, dôres e affrontas que do Horto ao Calvario lhe estavam apparelhadas, não só era homem, mas Deus. E que razões e motivos podia excogitar o intendimento de um anjo para confortar e consolar a tristeza de um Homem-Deus, e para esse Homem com a sabedoria e intendimento de Deus se persuadir e deixar convencer d'ellas? Foram, ou foi só, diz S. Paulo, a consideração dos premios do céu tão vivamente representada, como só podia fazer quem descia d'elle. Estava o Senhor inclinado sobre a terra; rogou-lhe humildemente quizesse levantar os olhos ao céu e detel-os um pouco na mesma vista. Sobre aquelle pavimento de estrellas, ó Principe do firmamento, «lhe diria» então o anjo, se levanta o immenso palacio de vosso Pae; «lembrae-vos» que no logar mais eminente d'elle vos está já apparelhado o throno, em que haveis de estar assentado á sua dextra: que dos tormentos que agora vos causam tanto horror, a cada momento de penas succederá uma eternidade de glorias; que a cruz será o famoso tropheu com que no dia do juizo saireis triumphante a julgar o mundo; dos espinhos da cabeça se vos tecerá a nova corôa imperial de Redemptor dos homens e Monarcha universal de homens e anjos; dos cravos que vos abrirem as mãos e rasgarem os pés, se formarão as cadeias que renderão e trarão a elles a adoração de todas as gentes; na grande brecha com que o golpe da lança vos penetrará o peito, se desafogará o immenso amor do vosso coração. Mais ia a dizer o anjo, quando o Senhor já em pé, não só com passos animosos, mas com semblante alegre e forte ia a receber o encontro das cohortes armadas de seus inimigos.

Auctoridade de S. Paulo.

Com nenhum outro encarecimento se viu nunca o céu tão acreditado, nem a força do argumento *Quo vadis* tão encarecida. O caminho do Horto até o Calvario era o mais repugnante á natureza humana, posto que unida á divina; o mais aspero, o mais cruel, o mais horrendo, o mais intoleravel. O mais aspero pela delicadeza do Sujeito; o mais cruel pela fereza dos inimigos; o mais horrendo pelo rigor dos tormen-

tos; o mais intoleravel pela infamia das injurias e affrontas. Mas com o céu á vista tudo facilitou a consideração sómente do glorioso fim do mesmo caminho. Ponderemos as palavras do apostolo: *Qui proposito sibi gaudio, sustinuit crucem confusione contempta.* O que o anjo representou á sagrada humanidade agonizante e tristissima foram os gostos que em logar dos tormentos, e a exaltação e honras que, em logar das affrontas, no céu lhe estavam apparelhadas por premio; e este foi todo o apparato da pompa da paixão, e os presuppostos valentes e animosos com que o Senhor de noite e de dia por passos e estancias, tão lastimosas e tragicas, desde o Horto chegou ao Calvario até expirar n'elle. Olhemos para o Filho de Deus caminhando com a cruz ás costas; e não só o veja o nosso espanto e a nossa piedade por fóra, mas muito mais a nossa fé por dentro. Deante dos olhos levava a bemaventurança do ceu; *Proposito sibi gaudio:* debaixo dos pés pizava os desprezos e as affrontas; *Confusione contempta:* sobre os hombros sustentava o peso e tormento da cruz; *Sustinuit crucem.*

Ad Heb. 12.

XI. Este é o modo e esta a arte, ó almas, com que no meio dos maiores desgostos e trabalhos da vida podeis viver sem tristeza. Pergunte-se cada uma *Quo vadis?* e respondendo que vai para o céu, logo como encantada por estas duas palavras fugirá e desapparecerá a tristeza. E se houver alguma alma tão mimosa que diga e cuide que tambem se póde ir ao céu sem padecer, respondo que se engana: e porque? Porque quem fez o céu fez tambem o caminho para elle. E qual é o caminho que elle fez? O do padecer, o dos trabalhos, o das adversidades, o das molestias, o das tribulações. Assim o mandou o mesmo Deus publicar a todo o mundo pelos seus apostolos com um pregão universal que diz assim: *Per multas tribulationes oportet vos intrare in regnum Dei.* Quem quer ir ao céu e ao reino de Deus, saiba que não póde entrar lá senão por muitas tribulações. Aquelle *vos* é clausula universal que a ninguem exceptua. Viu S. João no Apocalypse os que já tinham chegado ao céu, vestidos todos de gloria e com palmas nas mãos. E como um dos bemaventurados lhe perguntasse se sabia quem eram aquelles e donde vinham: respondeu o sancto que não sabia. Então o que lhe tinha feito a pergunta só para lhe ensinar a resposta: Pois has de saber, lhe disse, que estes são os que vieram da grande tribulação: *Hi sunt qui venerunt de tribulatione magna.* E os que vieram da grande tribulação, estes são os que só viu S. João no céu. Lá no céu não se pergunta se veem dos godos como em Hispanha; ou dos Borbões, como em França; ou dos Austriacos, como em Allemanha; mas se veem ou não veem da

Quem fez o céu, fez tambem o caminho para elle, que é o do padecer. Visão de S. João no Apocalipse.

Act. 14.

Apoc. 7.

grande tribulação. Se não veem da grande tribulação, ainda que sejam reis ou imperadores, não lhes abre S. Pedro as portas do céu: mas se veem da grande tribulação, ainda que sejam vís, ainda que sejam escravos, ainda que sejam os mais pobres e miseraveis do mundo, ainda que se lhes não saiba o appellido, nem o nome, todos teem as portas e entradas do céu francas e abertas; porque assim o diz a lei universal que a todos comprehende e a ninguem exceptua: *Per multas tribulationes oportet nos intrare in regnum Dei.* Isto quer dizer *oportet*, é necessario, é forçoso, é preciso, é infallivel e sem remedio. Quando os dous discipulos na manhã da resurreição iam tristes e desesperados para Emmaús, depois de os reprehender o Senhor de ignorantes, tardos de coração e incredulos, concluiu dizendo: *Nonne haec oportuit pati Christum et ita intrare in gloriam suam?* Por ventura não foi necessario, não foi forçoso, não foi preciso que Christo padecesse para assim entrar na sua gloria? Foi necessario, por que elle quiz; foi forçoso, porque elle o decretou; foi preciso, porque intendeu que assim importava a elle e a nós: a elle para sua maior honra e a nós para nosso irrefragavel exemplo. Pois se ao Filho de Deus e Senhor da gloria, para entrar na sua gloria, *in gloriam suam*, importou e foi preciso o padecer tanto; nós, cuja não é a gloria, antes a perdemos tantas vezes, porque queremos ir e entrar a ella sem padecer? Se este é o caminho que Deus fez para seu Filho, porque havemos nós de presumir que poderemos ir ao céu por outro!

Luc. 24.

O caminho do céu e o do inferno.

Oh quem me dera saber descrever este caminho e qual elle é. «A eterna verdade nos diz» que é muito estreito, semeado de abrolhos e cercado de agudos espinhos; que é talhado de altissimas barrocas e precipicios, donde se vai o lume dos olhos; que umas vezes tem descidas medonhas a profundissimos valles em que é facil escorregar sem remedio, e outras se levanta em serranias altissimas e de aspereza intractavel, onde é necessario subir com os pés e mais com as mãos. E que fazem os que se vêem lá em cima e descobrem o mundo? Vêem n'elle outra estrada muito larga e n'ella muitos homens e mulheres vestidos de galas; muitas carroças douradas e liteiras de varias côres, muitas festas, muitos banquetes, muitos passatempos, comedias, musicas, danças, emfim tudo prazer, tudo contentamento, tudo alegria. E muitos com saudades, ou inveja, ou desejos de viver contentes e alegres se passam tambem áquella estrada; não intendendo que os que por ella caminham são os propria e verdadeiramente tristes, porque estão e caminham sem freio pela estrada do inferno e da perdição. Oh se cada uma d'aquellas cegas e miseraveis almas se perguntasse: *Quo vadis?* Como lhe

respondderia a fé e a razão: *Cogitavi vias meas et converti pedes meos in testimonia tua.* Alma desencaminhada, alma perdida, volta, volta. Torna ao caminho estreito, se o deixastes; deixa o largo e da perdição em quanto tens tempo, e não tenhas medo ao padecer, pois é muito mais o que lá padecem sem Deus; sendo certo que na hora da morte, que não ha de tardar muito, te has de arrepender, sem remedio, de não ter padecido com Christo. Mas como nas estradas do mesmo caminho não só ha ladrões que roubam e ferem como os do caminho de Jericó; senão feras bravas e leões que andam rondando, que são os demonios; quem uma vez deixou o caminho do céu, tarde ou difficultosamente torna a elle. Pelo contrario, oh que alegria, que contentamento será o dos venturosos que finalmente chegarem a entrar pelas portas d'aquelle reino bemaventurado! Se é tão grande a alegria dos navegantes, quando tendo escapado das tempestades e dos cossarios, ouvem dizer, Terra terra; que alegria será a dos que agora padecem, quando ouçam dizer, Céu céu?

Ps. 118.

XII. Predestinados eram para o céu aquelles mesmos discipulos que hoje estavam tristes, quando o divino Mestre lhes disse: *Nemo ex vobis interrogat me, Quo vadis?* E para o mesmo Senhor os ensinar a padecer e não ter medo aos trabalhos que costumam ser mais sensiveis á natureza ou fraqueza humana, declarou-lhes o grande preço e valor que teem no céu estas mesmas cousas de que todos tanto fogem na terra; e por fim d'aquelle famoso sermão em que tomou por thema *Beati pauperes*, voltando-se particularmente para os mesmos discipulos, lhes disse assim: Então sereis ditosos e bemaventurados, discipulos meus, quando os homens vos tiverem odio e vos perseguirem; quando vos disserem injurias e affrontas; quando fugirem de vós e vos lançarem de si; quando até o vosso nome fôr d'elles abhorrecido e abominado. Mas quando tudo isto padecerdes por amor de mim, não vos deveis entristecer, senão alegrar e triumphar de prazer, porque o premio que de tudo haveis de receber no céu, é muito copioso: *Gaudete et exultate, quoniam merces vestra copiosa est in coelo.* Sendo pois de tanto preço os trabalhos, as pobrezas, as perseguições, as affrontas, e as outras penalidades d'esta vida ou naturaes ou violentas: e sendo os homens tão cubiçosos, diligentes e industriosos em grangear e augmentar mais e mais os proprios interesses; qual é a razão de estarem tão mal reputadas entre elles as mercadorias d'este genero e os avanços d'ellas? A razão não a póde haver, mas a sem-razão e o engano, é porque não lhes conhecem o valor, nem lhes sabem dar o preço. Avaliam-nas como gentios,

Qual a razão de estarem entre nós tão mal reputados os padecimentos.

Matth. 5.

e não como christãos; ou para fallar mais ao certo, avaliam-nas como quem lhes faz a conta na terra e não faz conta de que vai para o céu.

Nãose considerar o que estas mercadorias valem do céu.

A primeira regra ou A-B-C da mercancia é passar as cousas da terra, onde as ha e valem pouco, para onde as não ha e valem muito. Se vissemos que um mercante de Lisboa embarcando-se a commerciar nas nossas conquistas, para Angola carregasse de marfim, para a India de canella, e para o Brazil de assucar, não o teriamos por louco e lhe perguntariamos: *Quo vadis?* Homem nescio, tu sabes para onde vás, ou que levas? Pois essa mesma ignorancia e loucura é a de todos, ou quasi todos, os que se chamam christãos, n'este mundo. Se lhe perguntarmos para onde vão, dizem que para o céu. E se olharmos para os seus cuidados e para os seus empregos e para as suas carregações, compedindo todos em quem mais ha de carregar e sobrecarregar; acharemos que todo o seu cabedal empenham n'aquellas mercadorias que nenhum preço nem valor teem no céu. Cá custam muito e lá não valem nada. O ouro e a prata não teem lá valor, porque lá é a patria das riquezas: os gostos e passatempos lá não teem valor, porque lá é a patria das delicias: as sedas e os brocados lá não teem valor, porque lá todos vestem de gloria: os regalos e os sabores exquisitos lá não teem valor, porque lá os perpetuos banquetes são a vista de Deus. Que cousas são logo aquellas que no céu teem grande valor e grande preço? São aquellas que lá não ha. Os trabalhos, as pobrezas, as fomes, as sedes, as perseguições, os odios, as injurias, as affrontas, as calumnias, os falsos testemunhos; e todas as outras miserias ou violencias que n'este mundo se padecem, estas são as que no céu só teem valia; porque no céu todos são impassiveis. Cá é a terra do trabalho e da paciencia; lá é o porto do descanço e a patria da impassibilidade. Olhae, olhae bem para o interior d'esse céu e vêde o que lá só apparece e resplandece levado cá da terra. A cruz de Pedro e André, as grelhas de Lourenço, as settas de Sebastião, as pedras de Estevão, as navalhas de Catharina, as fogueiras de Tecla, as torquezes de Apollonia, os olhos nas mãos de Luzia. E como estas são as mercadorias que só teem valor e preço no céu, vêde se os que mais carregados e sobrecarregados se vêem d'estas felicissimas drogas, tanto mais preciosas quanto mais pesadas; vêde se têem razão de se entristecer, ou de se alegrar e de saltar de prazer: *Gaudete et exultate, quoniam merces vestra copiosa est in coelo.*

N'ellas empregou Christo todo o seu cabedal, como mercador divino.

Estas são as mercancias dos que negoceiam da terra para o céu. E do céu para a terra haverá tambem algum mercador e

algum commercio? Sim e muito mais admiravel. O mercador não é menos que o mesmo Deus, o qual se fez homem para trazer do céu á terra o que cá não havia, e levar da terra o que lá não ha: e este foi o commercio. Assim o canta a Egreja: *O admirabile commercium! Creator generis humani animatum corpus sumens, largitus est nobis suam deitatem.* As mercadorias e drogas em que empregou todo o seu cabedal e toda a sua vida foram as que não havia no céu, nem elle em quanto Deus e sem carne passivel podia grangear na terra. Em Bethlem grangeou a pobreza, o frio, o desamparo, hospede dos brutos e sem agasalho entre os homens. Antes do Egypto grangeou as perseguições e tyrannias de Herodes, e no Egypto os desterros. Em Nazareth e em vida de José grangeou a sujeição e obediencia a um official com nome de pae seu, que não era. Depois da sua morte grangeou o succeder-lhe na mesma officina, ganhando o pão para sua mãe e para si com o suor de seu rosto. Antes de sahir ou fugir da patria grangeou o abhorrecimento e desprezo dos seus naturaes e dos que eram seu sangue, que devendo-se prezar se desprezavam d'elle. Nas peregrinações de Galilea e Judea grangeou fazel-as sempre a pé, e muitas vezes descalço, exposto ao sol e ás chuvas, sem casa propria nem alheia, podendo invejar dos bichos da terra as covas e das aves o repouso dos ninhos, sem ter onde reclinar a cabeça. No povoado grangeou mendigar quotidianamente o comer, e talvez pedindo um pucaro de agua, não só a quem lh'o negou, mas lhe extranhou o pedil-a. Finalmente entrado na côrte de Jerusalem e réu da sua propria sabedoria e milagres, grangeou os odios e invejas dos escribas e phariseus, e o decreto de morte fulminado pelos principes dos sacerdotes contra sua innocencia. E n'aquelle dia e noite fatal que «por assim dizer» foi o da feira geral e franca do seu commercio; no Horto grangeou as agonias e as prisões, no palacio de Annás as bofetadas, no de Caiphás as blasphemias, no de Herodes os desprezos, no pretorio de Pilatos as accusações, os falsos testimunhos, os açoites, a corôa de espinhos e «em» remate de tudo a morte de cruz entre ladrões no Calvario. Isto é o que a mesma pessoa de Christo, como mercador veio grangear do céu á terra, e por isso o que levou da terra para o céu foram sómente as chagas; e como o commercio consiste em dar e receber, tudo foi, porque a nós deu-nos a sua divindade e de nós recebeu as mesmas chagas. Em summa de tudo o que fica dicto, esta mesma e não outra havia de ser a resposta do Divino Mestre, se os discipulos lhe perguntassem: *Quo vadis?* Mas elles, porque não fizeram a pergunta, fica-

ram tristes; e nós pelo contrario porque ouvimos na resposta os grandes interesses do premio que nos espera no céu, por muitos que sejam os trabalhos e molestias do caminho, não devemos estar tristes, senão muito alegres.

O Sacramento do altar viatico não só da alma, senão tambem do corpo, infinitamente melhor que o pão dado a Elias.

XIII. E para que acabemos por onde começámos e tornemos á mesa d'onde saimos; se a alma, que vai para o céu, e o corpo, que vai para a sepultura, me perguntarem pelo viatico com que se hão de sustentar em um e outro caminho, este é aquelle pão que o mesmo mercador do céu trouxe á terra e eu reservei para este logar. O Sanctissimo Sacramento do altar é o pão que desceu do céu: *Hic est panis qui de coelo descendit;* (*Joan.* 6.) e este pão não só é viatico para a alma senão tambem para o corpo. Ouvi o que diz o mesmo Senhor: *Qui manducat hunc panem, vivet in aeternum, et ego resuscitabo eum in novissimo die.* (*Ib.* 55.) Quem come este pão, viverá eternamente e eu o resuscitarei no ultimo dia. É viatico para o corpo que caminha para a sepultura, porque na mesma sepultura o ha de resuscitar; e é viatico para a alma que caminha para o céu, porque a alma em se apartando do corpo ha de viver no céu eternamente. Quando Elias pediu á sua alma que o deixasse morrer: *Petivit animae suae ut moreretur;* (3 *Reg.* 19.) appareceu-lhe um anjo, que lhe deu a comer um pão, dizendo que ainda tinha muito que caminhar: *Grandis tibi restat via.* D'esta palavra *via* se deriva o nome de viatico; mas o nosso muito melhor que o de Elias. Se Elias houvesse de morrer como os outros sanctos d'aquelle tempo, a sua alma não havia de ir logo ao ceu, senão ao seio de Abrahão; e porque ainda está vivo, não ha de ir ao céu senão no fim do mundo. Assim o viatico de Elias era como o do nosso corpo, que não ha de ir ao céu, senão quando resuscitar. Porém o viatico da nossa alma, por virtude do Sanctissimo Sacramento, não é como o de Elias, porque logo em se apartando a alma do corpo vai gozar de Deus no céu. Oh bemaventurados trabalhos que tão depressa nos hão de levar ao descanço! Oh bemaventuradas pobrezas que tão depressa nos hão de levar á corôa! Oh bemaventuradas penas que tão depressa nos hão de levar á gloria!

(Ed. ant. tom. 7.º pag. 375, ed mod. tom. 5 pag. 54.)

SERMÃO DA ASCENSÃO DE CHRISTO SENHOR NOSSO ***

PRÉGADO EM LISBOA NA PAROCHIAL DE S. JULIÃO COM O SANCTISSIMO EXPOSTO

Observação do compilador.—Tudo n'este sermão é digno de seu alto assumpto: as imagens mimosas e formosissimas, os pensamentos de um primor delicado e sublime, o estylo por vezes lyrico e sempre tão suave que rescende um não sei quê de celestial.

Et Dominus quidem Jesus, postquam loquutus est eis, assumptus est in coelum et sedet a dextris Dei.
S. Marc. 16.

Causa admiração que a Egreja celébre com festas a despedida do seu Divino Esposo.

Admirada e «muito mais» admiravel vejo hoje a Egreja catholica. Admirada do que ella admira em Christo; e «muito mais» admiravel no que nós devemos admirar n'ella. Admira-se a Egreja n'este dia de ver tornar para o céu aquelle mesmo Senhor que, por amor dos que cá ficamos, veio á terra. E «muito mais» devemos nós admirar na mesma Egreja, que ella no dia d'este apartamento celébre com glorias e festas uma despedida tão custosa e uma tão saudosa ausencia. Basta, Egreja sancta, amante e discreta, que estas são as correspondencias do vosso amor e estas as resoluções do vosso juizo? Tudo o que vejo e ouço em vós hoje, não só me parece alheio, senão contrario ás obrigações d'este dia. O que vejo são os altares ricamente paramentados, as paredes vestidas de ouro e seda, o pavimento juncado de flôres, e até o tecto chovendo rosas. O que ouço são continuos repiques das vossas torres, musicas de vozes e ruido de instrumentos nos vossos coros, com tanta novidade na harmonia das solfas, como nos pensamentos das lettras: tudo em fim demonstrações de applauso, de alegria, de festa. E quem poderia crer nem imaginar que assim solemnizasse o vosso amor a despedida, a partida, a ausencia do seu tão singularmente Amante como unicamente Amado? Vai-se Christo, e vós alegre? Parte-se o vosso Esposo, e vós com galas? Ausenta-se

o vosso Deus, e vós cantando? Assim se pagam as finezas de trinta e tres annos, e tão depressa se esquecem os desvellos de uma eternidade inteira? Não celebrava assim estas ausencias David, quando vós éreis Synagoga, e muito menos a Magdalena, depois que fostes Egreja. David chorava e dizia: *Fuerunt mihi lacrimae meae panes die ac nocte, dum dicitur mihi quotidie: Ubi est Deus tuus?* A Magdalena tambem chorava «allegando por motivo de suas lagrimas»: *Tulerunt Dominum meum.* Pois se a ausencia que hoje faz Christo é tão incapaz de todo allivio; se as circumstancias d'esta despedida mais aggravam a causa da dôr e do sentimento; se mais magoam os corações, se mais enternecem as saudades, sem consolação nem allivio ao amor; como a Esposa tão amada e tão amante, triste, deixada e solitaria, em vez de se derreter em lagrimas, se desfaz em festas; e quando se deveria metter e enterrar em uma cova do mesmo monte Olivete, se mostra em publico ao mundo todo, convidando-o a que lhe dêem os parabens, e celebra e solemniza com tantos extremos de alegria o que devera lamentar e chorar com os maiores excessos e demonstrações de tristezas?

Ps. 41. — *Joan. 70.*

Comtudo n'estas festas lhe mostra um amor mais fino e mais sincero.

Esta é a minha admiração, com que me parece «muito mais» admiravel e mais digna de nós admirarmos a Egreja n'este mesmo dia, do que ella se admirou e teve sempre por admiravel, entre todas as acções de seu divino Esposo, esta de sua Ascensão: *Per admirabilem ascensionem tuam.* «Mas» que sería se eu dissesse que o amor da Egreja para com Christo n'este mesmo dia, sem embargo de não chorar sua ausencia, é «mais fino porque» a não chora; e sem embargo de a festejar com tantos excessos, é «mais sincero porque assim» a festeja? Pois isto mesmo é o que digo «e será o thema do sermão».

A admiração filha da ignorancia e mãe da sciencia.

Dizem os philosophos que a admiração é filha da ignorancia e mãe da sciencia. Filha da ignorancia, porque ninguem se admira, senão das cousas que ignora, principalmente se são grandes; e mãe da sciencia, porque admirados os homens das mesmas cousas que ignoram, inquirem e investigam as causas d'ellas até as alcançar; e isto é o que se chama sciencia. «É o nosso caso». Como filha da ignorancia, a admiração nos ensinou a perguntar; como mãe da sciencia, «ella mesma nos ensinará» a responder. Mas como o céu hoje com o Auctor da graça nos levou todos os thesouros d'ella, bem podemos esperar que «por mediação da Cheia de graça» nos não falte com o muito que havemos mister para propôr e satisfazer dignamente a tão grande admiração. *Ave Maria.*

A despedida de Christo não chorada como a de S. Paulo. *Act. 20.*

II. Caso notavel «da historia evangelica d'este dia» é, que n'aquelle monte e n'aquella hora, em que se representava o

«drama» da mais lastimosa despedida, se não visse uma lagrima; e que o amor «soffresse o apartamento de todo o seu bem» com os olhos enxutos. Não ha palavra que mais lastime e magôe o coração na despedida dos que se amam, que um nunca mais. Se a despedida é para se tornarem a ver, o apartamento é soffrivel; mas apartar-se de mim quem amo mais que a mim, para nunca mais o ver; este não ver mais, é a maior dôr dos olhos e a que os desfecha e desfaz em rios de lagrimas. Quando S. Paulo se despediu dos ephésios, declarando-lhes que aquella seria a ultima vez que se veriam, diz o texto sagrado, que entre todos se levantou um pranto desfeito; e que a principal causa da sua dôr era, porque nunca mais o haviam de ver: *Dolentes maxime in verbo quod dixerat: quoniam amplius: faciem ejus non essent visuri.* Pois se esta consideração ou desengano, de que não haviam de vêr mais a Paulo era a causa da maior dôr dos seus discipulos e de que todos chorassem em pranto desfeito, sem haver nem um só que podesse reprimir as lagrimas n'aquella ultima despedida; como n'esta de Christo se não viu uma só lagrima em todos os seus discipulos que o amavam sem comparação tanto mais que a S. Paulo os seus? A razão é a que se tira do mesmo texto: *Cumque intuerentur in coelum euntem illum.* Não se viu nos discipulos de Christo uma lagrima, senão todos com os olhos enxutos, porque olhavam para Elle e para o céu, aonde subia; e não para si e para a terra, onde os deixava. A nuvem lh'o tirou dos olhos; mas aos mesmos olhos, que n'ella como em carro triumphal o viam subir ao céu para se assentar á dextra do Padre no throno da sua gloria, esse mesmo céu, esse mesmo throno, essa mesma gloria lhes suspendia as lagrimas: para que trocadas em jubilos de alegria não chorassem o que perdiam, mas só se lembrassem e festejassem o que Elle ia lograr.

Razão d'este facto segundo a doutrina de Christo. *Joan. 14.*

A razão d'esta philosophia tirada das entranhas do verdadeiro e fino amor só podia ser do mesmo Mestre divino; e assim foi. Tendo annunciado o Senhor, depois da ultima ceia, aos discipulos que se havia de partir d'este mundo e vendo-os tão tristes com aquella não esperada nova, como ella merecia, extranhou-lhes a tristeza, com estas palavras: *Si diligeretis me, gauderetis utique, quia vado ad Patrem.* Ah discipulos meus, que vejo que me não amais! Se vós me amáreis, vós vos alegrarieis muito, porque vou para meu Padre. «Aqui reparo». Se Christo vira aos discipulos alegres em sua despedida e lhes dissera: Bem parece que me não amais, pois vos alegrais quando me parto; esta é a consequencia que dos olhos enxutos em similhantes occasiões costuma colher o juizo humano, ainda sem outros signaes de alegria.

Mas, vendo os discipulos tristes, dizer-lhes o Senhor: Bem se vê que me não amais, pois vos entristeceis quando me vou? «É razoavel dizer?» Sim, porque «n'este caso os discipulos» só consideravam quem se ia, e não para onde. Christo Senhor nosso, posto que em quanto Deus era egual ao Padre, em quanto homem era menor, como Elle mesmo disse: *Quia Pater major me est*. E como o Senhor em quanto homem se ia assentar á dextra do Padre, entristecerem-se os discipulos com a sua ausencia, considerando a perda e orphandade em que ficavam, era effeito de amor proprio com que se amavam a si. Porém alegrarem-se na mesma ausencia, considerando a nova gloria e majestade de seu Mestre e Senhor, era affecto de amor verdadeiro e fino, com que o amavam a elle. Por isso a tristeza e lagrimas que chorassem n'aquella occasião, eram offensa do amor; e a alegria e lagrimas que não chorassem, fineza.

A Egreja fez por seu Esposo o que seu Esposo fez por ella. Jacob figura de Christo.

III. «E esta foi a doutrina que a Egreja apprendeu não só das palavras senão tambem dos exemplos de seu divino Esposo. Notae. Fez hoje a Egreja por seu divino Esposo o que o seu divino Esposo fez por ella. Um dos motivos «porque a Egreja chama o mysterio da Ascensão de Christo singularmente admiravel é, porque sendo tão grandes e admiraveis as cousas que o mesmo Senhor obrou por amor «d'ella», muito mais admiravel caso é que no fim a deixasse e se fosse para o céu. Declaro-me com um exemplo. O amor e as finezas de Jacob «pela sua» Rachel foram as mais encarecidas e admiraveis que temos não nas fabulas ou historias humanas, senão na Escriptura Sagrada. Admiravel Jacob nos extremos com que a desejou e procurou por esposa. Admiravel no que serviu e tornou a servir por ella: admiravel nos enganos e injurias que padeceu n'esta conquista; admiravel nos muitos annos que esperou; e mais admiravel nos poucos dias que lhe pareciam: admiravel em a comprar e pagar o que não devia e em dez vezes se lhe trocar o preço: admiravel no «consorcio enganoso» de Lia, que não foi o menos pesado a que se sujeitou: admiravel no que trabalhou, no que vigiou, no que soffreu, no que perseverou. Em summa admiravel no que tão constante, tão incansavel, tão ardente, tão extremada e tão extremosamente amou. Agora pergunto: E se, depois de todos estes extremos e finezas tão admiraveis, Jacob se apartasse da mesma Rachel, e se tirasse a si e a ella de seus olhos, e se tornasse para sua patria e para casa de seu pae, deixando-a triste, só, desconsolada e viuva do seu mesmo Jacob em vida, não seria esta acção e resolução mais admiravel e digna de maior espanto que todas as outras? Claro está que sim. Pois isto é o que podia considerar a Egreja n'esta segunda

jornada e não imaginado apartamento de seu divino Esposo. Que importa, «parece podia ella dizer», que importa que deixasse o céu por amor de mim, se agora me deixa a mim por amor do céu? Lembro-me de quanto lhe custei em toda a vida: quantos desterros, quantas peregrinações, quantos trabalhos, quantos desvellos, quantos enganos, quantas ingratidões, quantas injurias, quantas tristezas, penas e dôres padeceu por meu amor. Mas em fim parece que se cançou de tão trabalhoso amor, pois se vai descançar á sua patria, assentado ao lado de seu Pae. É verdade que n'aquelle altar tenho guardada uma prenda em que seu amor me deixou a memoria de todas as maravilhas que fez por mim. Mas se, quando me deixou a memoria, me levou a presença, que direi? Se não foi arrependimento das mesmas finezas, esquecimento parece de mim e d'ellas. Como diz tudo o que foi com o que hoje vejo? Do monte Olivete se partiu, tirando-se de meus olhos com uma nuvem, como se não fôra o mesmo que n'outro monte deu por mim o sangue e a vida. Oh Olivete! Oh Calvario! Mas que importa que então me visse tão amada no Calvario, se agora me vejo deixada no Olivete?

Alegra-se a Egreja porque seu Esposo lhe mostra na despedida maior fineza de amor. *Joan.* 16.

«Assim parece que a Egreja podia dizer: mas não o disse assim; e porque? Porque lh'o impediu não sómente o seu amor para com o Esposo, se não tambem o amor do Esposo para com ella. Bem sabia a Egreja que o apartamento de seu Esposo não era» mudança, senão maior amor e maior fineza: *Expedit vobis ut ego vadam,* «lhe declarara o mesmo Esposo no Cenaculo»: aparto-me de vós e vou-me para o céu, porque a vós vos importa que eu me vá. De sorte que n'aquella hora reinavam e se combatiam no coração de Christo dous poderosissimos affectos: o seu «gosto» e a nossa conveniencia. O seu «gosto» instava que ficasse, e a nossa conveniencia requeria que se fosse; e orando por ambas as partes toda a sabedoria divina e toda a eloquencia humana, o mesmo Christo como Deus e como Homem sentenciou com tal resolução a controversia, que muito apezar de seu «gosto» prevaleceu a nossa conveniencia. *Expedit vobis ut ego vadam.*

Christo procura sempre o que convem á sua Esposa.

Joan. 11.

O mesmo Christo antes da sua Ascensão disse por sua sagrada bocca «estas palavras», como por bocca de Caiphás (o qual por ser pontifice fallava propheticamente) tinha tambem dicto antes de sua morte «aquell'outras»: *Expedit vobis ut unus moriatur homo:* «mostrando que a nossa conveniencia tambem dirigia seus passos na vida gloriosa, como os dirigira na vida mortal». Em um *Expedit vobis* se continha a importancia de Christo morrer por nós: em outro *Expedit vobis* se declarava a importancia de o mesmo Christo se apartar de nós.

A importancia de morrer por nós, como fez na sua Paixão; a importancia de se apartar de nós, como fez na sua Ascensão. E em um e outro caso de tal maneira prevaleceu no coração de Christo a conveniencia dos homens, que quando a conveniencia pedia que morresse não duvidou padecer a morte; e quando á mesma conveniencia importava que se ausentasse, tambem se sujeitou a soffrer a ausencia. E que mais podia fazer aquelle amorosissimo coração, com a nossa conveniencia deante dos olhos que «violentar tanto» o seu mesmo amor, para ser piedoso comnosco? Só um intendimento tão allumiado, como o de S. Paulo, pôde penetrar a profundidade d'este segredo: *Magnum est pietatis sacramentum, quod manifestatum est in carne, assumptum est in gloria.* Grande segredo foi da piedade (diz o Apostolo) que tendo Christo manifestado aos homens tudo o que obrou por elles depois que tomou nossa carne, no fim os deixasse e se fosse para a gloria. «Parecia aversão e foi maior piedade, parecia desamor e foi maior fineza».

1 *Ad Tim.* 3.

Seu amor na Ascensão triumpha de tudo e até de si mesmo. S. Bernardo.

Quando o Verbo divino, só para nos vir buscar, se vestiu de nossa carne, o amor triumphou de Deus, diz S. Bernardo: *Triumphat de Deo amor;* mas quando o mesmo Verbo, depois de se manifestar na mesma carne, tornou para o céu, o amor triumphou «de si mesmo, sacrificando o seu gosto ao bem e conveniencia da Egreja; e assim de tudo triumphou». Este foi o mysterio e a energia que ainda não ponderámos, porque, nomeando S. Marcos na sua historia oitenta e septe vezes o nome de Jesus, só no dia da Ascensão lhe accrescenta o sobrenome ou antenome de Senhor Jesus: *Et Dominus quidem Jesus postquam locutus est, assumptus est in coelum.* E porque só hoje Senhor, e não antes? Porque «só hoje o seu amor triumphou de tudo e com tão glorioso triumpho subiu ao céu: *Et Dominus quidem Jesus, postquam locutus est, assumptus est in coelum*».

Marc. 16.

Por isso os evangelistas não dizem que subiu ao céu, mas que foi levado. *Marc.* 16, *Luc.* 24, *Act.* 1.

Subiu ao céu? Não digo bem. Subir é acção, e todos os movimentos do nosso amoroso Peregrino n'esta sua jornada foram passivos. Assim o notáram concordemente os evangelistas, com energia digna de toda a ponderação: S. Marcos: *Assumptus est:* S. Lucas: *Elevatus est;* e n'outro logar: *Ferebatur.* Uma cousa é ir, outra ser levado. Ir significa vontade: ser levado argúi repugnancia, violencia, força. Pois se o corpo glorioso de Christo pelo dote da agilidade não tinha peso e podia voar e subir direito ao céu; que impedimento ou força contraria era aquella que o abatia? É certo que não era nem podia ser o peso do corpo; mas era o peso do amor. *Amor meus, pondus meum: illo feror, quocunque feror:* o meu peso, dizia sancto Agostinho,

é o meu amor: para qualquer parte que sou levado, este peso é o que me leva. Comparae agora o *ferebatur* do evangelista com este *feror*. Já levado o Senhor para o céu, já levado para a terra; e quem assim o trazia ou levava era o peso do seu amor: *Illo ferebatur, quocunque ferebatur*. Oh que indecisa e duvidosa parece que estava a mesma Ascensão n'este passo! A agilidade do dote o elevava para o céu, o peso do amor o levava para a terra; e suspenso n'esta affectuosa indifferença, ou indifferente n'esta affectuosa suspensão, nem acabava de se apartar, nem continuava a subir.

Por isso mesmo o encobriu uma nuvem e os anjos mandaram aos apostolos que se retirassem. *Act. 1.*

Tão admirados os anjos d'esta tardança, quão desejosos estavam de que o Senhor se apressasse a ser recebido no triumpho que ás portas do céu o estava aguardando, vieram a intender que os olhos dos discipulos, que ficavam no monte, eram as rémoras que detinham e não deixavam subir o Divino Mestre. Diz o propheta Abacuc que o sol se levantou e a lua estava parada: *Elevatus est sol et luna stetit*. Esta maravilha nunca vista se viu no dia e hora da Ascensão. O sol é Christo; a lua é a Egreja, sua esposa. O sol levantou-se, porque começou Christo a subir: a lua esteve parada, porque assim estavam parados no monte os discipulos de que então se compunha todo o corpo da mesma Egreja. E que fizeram os anjos para desfazer esta suspensão? Inventaram um novo eclipse, não em que a terra eclipsasse a lua, ou a lua eclipsasse o sol; mas em que uma nuvem atravessada entre «outro» sol e «outra» lua, tirasse ao Senhor dos olhos dos discipulos: *Et nubes suscepit eum ab oculis eorum*. Mas como a Esposa constante e os discipulos sem se mover, não só perseverassem no mesmo logar, antes seguissem e acompanhassem com os olhos o seu amado Senhor, posto que encoberto com a nuvem: *Cumque intuerentur in coelum euntem illum;* então mais empenhados os anjos, desceram dous d'elles ao monte, extranhando muito aos discipulos que ainda estivessem olhando: *Viri galilaei, quid statis aspicientes in coelum?* Tudo hoje é digno de admiração; e estas palavras tanto como o demais. Se estes anjos não foram anjos bons, não extranhava eu o que elles tanto extranham. Estes homens, cujos olhos e cujo olhar se extranha e reprehende, para onde olham? Para o céu: *Aspicientes in coelum*. Para quem olham? Para Christo: *Cumque intuerentur euntem illum*. Pois é possivel que os anjos bons e sanctos extranhem e reprehendam estes olhos e este olhar? «Deixo ao commentadores mais doutas soluções: eu digo que os anjos» tinham experimentado e estavam vendo que os olhos dos discipulos eram as cadeias que prendiam ao Senhor, e o seu olhar o que o não deixava subir: «e como esta

era a causa» dos vagares e rodeios com que o Senhor, saindo d'este unico porto das suas saudades, não acabava de tomar a derrota do céu em direitura; por isso, a nuvem e os anjos com dobrada força o apartaram dos olhos dos discipulos, ou os obrigaram a se apartar d'elle: *Quid statis aspicientes in coelum?* Despegaram as remoras, soltaram-se as cadeias; e logo pôde o Senhor subir e voar ao céu.

A Egreja chama a ascensão admiravel á preferencia dos outros mysterios.

IV. Cousa é muito digna de ponderação que entre todos os mysterios sagrados da vida, da morte, e da resurreição de Christo a Egreja catholica, allumiada pelo Espirito Sancto, só ao mysterio da Ascensão dê o nome de admiravel: *Per admirabilem ascensionem tuam.* Verdadeiramente que contra a singularidade d'este elogio parece que se poderam oppor e ainda queixar efficazmente os outros mysterios do mesmo Senhor. O ultimo foi o de sua gloriosa Ascensão; e os demais poderam formar a opposição, ou a queixa, começando desde o primeiro. Se a Egreja chamara admiravel ao mysterio da Encarnação; quem haveria, que crendo que desceu Deus do céu á terra, crendo que a natureza divina se uniu á humana, crendo que concebeu uma virgem, e coube em suas entranhas O que não cabe no mundo, nem em mil mundos; quem haveria, digo, que mudo e assombrado ineffavelmente não adorasse a fé de tão estupenda novidade com a mais profunda admiração? Se a Egreja chamara admiravel o mysterio do Nascimento, tambem era não só crivel, mas evidente a demonstração d'este titulo; porque era ver com os olhos o sem-principio nascido, o eterno determinado a tempo, o immenso reduzido a logar e o logar um presepio; e logo tanta majestade em um throno de palhas, que deante d'elle se tributem thesouros, se arrastem purpuras, se abatam corôas, e não só o sirvam reis, mas estrellas e anjos. Deixo os dous mysterios do templo, já presentado e resgatado, já ensinando os doutores. Deixo as glorias do Thabor. Deixo as resurreições dos mortos. Deixo o pisar os mares e imperar os ventos. Deixo aquelle excesso de profunda admiração, em que a minha se esmorece, de estar serrando com José, ou acepilhando um madeiro, com sujeição de tantos annos, aquelle mesmo artifice, que com uma só palavra fabricou este mundo. Finalmente se a Egreja chamasse admiravel o mysterio da Paixão e Morte de Christo, que admiração desde o Horto até o Calvario se não converteria em pasmo, vendo, entre os eclypses do sol e tremores da terra, a alegria triste, a riqueza despida, a formosura afeiada, a omnipotencia presa, a justiça condemnada, a vida morta, Deus vencido, e só o amor com que nos veio resgatar triumphante? E que comparação tem não só com um d'esses mysterios, se-

não com todos junctos, o de ver subir a Christo ao céu, para só a esta subida dar o nome de admiravel?

Perdoae-me Senhor, que não foi esquecimento, senão respeito, não trazer á comparação esse sacrosancto mysterio, em que descestes do céu, mas não subis. Descestes por amor de nós: *Hic est panis qui de coelo descendit;* e não subis, para estar sempre comnosco: *Ecce ego vobiscum sum.* Tudo o que soube inventar a vossa sabedoria, tudo o que póde executar a vossa omnipotencia, e tudo o que soube e póde afinar vosso amor, n'esse circulo breve e immenso está compendiado. Que comparação tem logo o mysterio da vossa subida ao céu, com que nos deixais, com o mysterio d'esse Sacramento com que nos deixastes? Uma só similhança teve o mysterio da Ascensão com o do Sacramento. Quando Christo começou a subir, viram-no os apostolos levantar pelo ar; e diz o texto sagrado, que entre elles e o Senhor se atravessou uma nuvem que lh'o tirou dos olhos: *Et nubes suscepit eum ab oculis eorum.* Assim, pois, como aos apostolos no mysterio da Ascensão lhes tirou a Christo dos olhos uma nuvem, assim a nós no mysterio do Sacramento nol-o tira tambem dos olhos outra nuvem, que é a dos accidentes que o encobrem. Mas se a fé rasgar essa nuvem, e o lume da mesma fé nos mostrar o que se passa lá dentro, claramente veremos quanta differença vai de admiravel a admiravel em um e outro mysterio. No mysterio do Sacramento tudo é admiravel; porque tudo alli são milagres. Milagre o encerrar-se alli todo Christo em quanto Deus e em quanto homem; e maior milagre em quanto homem, em razão do corpo, que foi o que primeiramente se consagrou: *Hoc est corpus meum.* Milagre em estar todo em todo e todo em qualquer parte: milagre em estar o mesmo em diversos logares, tão innumeraveis como differentes: milagre em se conservarem os accidentes, contra a sua propria natureza, sem sujeito que os sustente: milagre em as duas qualidades do corpo e do pão se admittirem e abraçarem junctas, sem uma lançar fóra a outra: milagre, em fim, em todos estes e infinitos milagres se obrarem em um instante por virtude de quatro palavras sómente. Pois se no mysterio do Sacramento ha tantos milagres, como a Egreja, quasi esquecida d'este e de todos os outros mysterios tão maravilhosos de Christo, só ao da Ascensão dá o nome e a antonomasia de admiravel: *Per admirabilem ascensionem tuam?*

Este titulo parece que sobre todos o merecia a Eucharistia.

Joan. 6.

Matth. 27.

A solução que a mim me occorre d'este tão notavel como difficultoso elogio é, que chama a Egreja singularmente admiravel o mysterio da Ascensão de Christo, porque «n'este mysterio o seu Esposo triumphou de tudo, até de seu amor e gosto

Mas é na Ascensão que se mostra Christo senhor de tudo e até de seu amor.

Prov. 8.

tão sabido de conversar com os homens: *Deliciae meae esse cum filiis hominum.* Por isso ficou extatica sobre o Olivete admirando com os olhos enxutos este glorioso triumpho; e quando os anjos baixaram do céu a despertal-a do seu extasi de amor, ella desceu do monte não chorando, mas supplicando a seu Esposo, a quem vira em tanta gloria: *Per admirabilem ascensionem tuam.*»

Por isso a Egreja festeja tanto a partida do Esposo.

IV. Satisfeitas assim e tão finamente convencidas as razões que a Egreja tinha para chorar as suas saudades, d'ellas se segue com egualmente amorosa consequencia que as não havia de calar com o silencio, que sóe encobrir ou dissimular a tristeza, mas publicar a sua alegria com repiques, cantal-a com musicas, ostental-a com galas e solemnizal-a com festas; «celebrando o triumpho, a gloria, a felicidade de seu Esposo e sacrificando-lhe ella tambem o gosto que levava em estar sempre com Elle.

Como Labão disse que queria festejar a partida de Jacob.

Fez a Egreja com sinceridade de affecto na Ascensão de Christo o que fingidamente disse Labão que queria fazer na despedida de Jacob.» Saiu Jacob de casa de Labão occultamente, levando comsigo para a sua patria o premio dos primeiros quatorze annos, que era Rachel e Lia, e tudo o mais que ganhara nos seis seguintes; quando sabendo o caso Labão, o foi alcançar ao caminho e lhe fallou d'esta maneira: *Cur, ignorante me, fugere voluisti, nec indicare mihi ut prosequerer te cum gaudio et canticis et tympanis et citharis?* Se vos quereis ir da minha casa não seria bem, Jacob, que o soubera eu; porque quando vos partireis, vos despedisse com festas, com musicas e com todas as demonstrações publicas de alegria? Assim o disse Labão, que não era nescio. E verdadeiramente que este genero de comprimento não é facil de intender. Se dissera que se queria despedir de Jacob para lhe dar os ultimos abraços, para desafogar primeiro as saudades, para chorar muito com elle já que se ia, isto é o que pedia o parentesco, o amor e ainda a urbanidade. Mas para haver musicas, para haver festas, para haver todas as demonstrações de alegria e gosto na sua despedida? Não é isto o que se costuma: mas esteve muito bem considerado ou fingido; porque assim o pedia a razão nas circumstancias presentes. Esta jornada de Jacob era de grande gosto e utilidade sua. Havia vinte annos que vivia peregrino em Mesopotamia; agora tornava para a sua patria. Viera solitario e pobre, com o seu baculo na mão; agora tornava rico e com numerosa familia. Viera a tomar estado, em que é tão duvidoso o acerto e levava comsigo a Rachel e Lia suas esposas, insignes uma na formosura, outra na fecundidade. Final-

Gen. 31.

mente tornava para casa de seu pae, para a presença dos seus e para gozar descançado por toda a vida o fructo de seus compridos trabalhos. E como esta partida era tão conveniente a Jacob e para tanto bem séu, e em Labão concorriam tantas razões de o amar ou m. strar que o amava; por isso discretamente lhe disse que o havia de acompanhar e celebrar a sua despedida não com lagrimas, senão com festas, posto que muito a sentisse; porque o verdadeiro e desinteressado amor, entre os que se partem ou ficam, mais attende ás felicidades de quem se parte, para alegrar, que ás saudades de quem fica, para enternecer.

Jacob que torna á sua patria, figura de Christo que volta ao céu.

Isto é o que fez ou dissimulou com fingido amor Labão, pintando com falsas, mas propheticas côres, aquella formosa figura que hoje se descobriu á realidade. E isto é o que faz com primorosa e verdadeira fineza na despedida de seu divino Jacob a Egreja sancta. Havia trinta e tres annos que Christo andava peregrino de sua patria, e tornava hoje triumphante a ella. Descera do céu, vestido de nossa humanidade, só, e com o baculo da sua cruz na mão; e agora tornava acompanhado de tão numerosa familia, quantos eram os padres e sanctos do Limbo, cujas almas eram as suas Lias e as suas Racheis. Tinha feito nos valles d'este mundo vida de pastor, e tornava rico e glorioso para casa de seu Pae, para gozar eternamente n'ella o fructo dos immensos trabalhos que padecera; e como a Egreja considerou que as felicidades a que subiu o seu Esposo eram tão avantajadas, ainda que as causas de sua dôr e sentimento não fossem menores, achou que era mais conforme ás obrigações de sua fidelidade e amor alegrar-se com elle, que entristecer-se comsigo. Por isso troca as tristezas em alegrias, as saudades em jubilos, as lagrimas em festas e as lamentações ou endechas em canticos.

A Ascensão prophetizada no livro dos cantares c. 8.

V. Mas ouçamos em logar de Labão á mesma Esposa, e em vez de Jacob ao mesmo Christo. No ultimo capitulo e nos ultimos dous versos da amorosa historia dos cantares de Salomão, descreve elle a ultima despedida do Esposo e da Esposa: isto é de Christo e sua Egreja, que são os dous interlocutores ou figuras principaes d'aquelle dialogo pastoril. E que se diriam n'aquella occasião os dous maiores amantes, Elle divino e ella mais que humana? O Esposo disse-lhe que cantasse de modo que elle e todos os amigos de ambos (que são os fieis) a ouvissem: *Amici auscultant, fac me audire vocem tuam.* Obedeceu a Esposa: cantou; e o que disse foi rogar ao Esposo que se partisse com toda a pressa para os montes de Bether: *Heu fuge, dilecte mi, assimilare capreae hinnuloque cervorum super mon-*

Text. hebr. *tes Bether*. O *Bether* ou *Bethel* quer dizer Casa de Deus, qual é o céu, para onde o Esposo então subia. E haverá alguem que em tal occasião podesse esperar nem imaginar taes palavras tanto da parte do Esposo, que se partia, como da Esposa, que ficava? Basta, Esposo e Amante divino, que vos partis e deixais a vossa Esposa e lhe dizeis que cante? Basta, Esposa sancta, cuja sanctidade consiste no mesmo amor, que quando o vosso Esposo se parte e se ausenta de vós, lhe rogaïs que acabe de se despedir e que se vá com toda a pressa? Este é o amor? Estas são as finezas? Estes são os extremos das saudades? E estes os esmorecimentos mortaes na despedida não de uma, senão de duas almas? Agora é que tinham melhor logar os desmaios da Esposa e o dizer que o não havia de largar: *Tenui eum, nec dimittam*. Mas elle dizer-lhe que cante, quando havia de chorar; e ella dizer-lhe que se apresse, quando lhe havia de pedir os momentos que n'outro tempo lhe pareciam eternidades? Sim, sim, sim. Não fôra Christo o que era, nem a Esposa o que devia ser, se fallaram d'outra sorte. Que tinha Christo dicto aos discipulos antes d'esta hora? *Si diligeretis me, gauderetis utique quia ad Patrem vado*: se vós me amasseis, vós vos alegrarieis muito com a minha ida, porque vou para meu Padre. Assim devia ser, e assim foi. Porque a Esposa se devia alegrar com a sua ida, por isso lhe diz o Esposo que cante, como hoje faz a Egreja; e porque a Esposa amava muito ao Esposo, por isso lhe diz que vá, e não chora, mas festeja a sua partida.

Cant. 3.

A Egreja e Eva em razão contraria.

Gen. 3.

Esta foi a admiravel correspondencia com que ambos os amantes n'este dia se competiram e pagaram, sendo a mesma ausencia em ambos a pedra de toque, em que um e outro amor não só qualificou, mas egualou seus quilates. E como? Elle comprando as nossas conveniencias com se ausentar de nós, e nós estimando mais as suas glorias, posto que ficassemos ausentes d'elle. Elle na valentia da sua resolução obrou como quem era Filho de Deus, e nós na nossa como se não foramos filhos de Adão. Comeu Eva (vêde como se prova o que digo por um exemplo contrario) comeu Eva a fructa vedada, e diz o Texto que deu tambem d'ella a Adão para que comesse: *Deditque viro suo, qui comedit*. Que comesse Eva, não me admira: era mulher; e o seu appetite, a sua ambição, e, quando não houvera outro motivo, a sua curiosidade lhe póde servir de alguma desculpa. Mas sendo a pena da prohibição tão grave e comminada a ambos, que fim ou que pensamento podia ter Eva em querer que tambem comesse Adão? Descobriu-o profundamente sancto Ambrosio. Diz que quiz Eva

fazer a Adão complice no delicto para o fazer companheiro no desterro, como verdadeiramente succedeu: *Excludendam se esse cognoscens, consortio viri, quem diligebat, noluit defraudari.* Depois que Eva quebrou o preceito, cega do seu peccado e cega tambem do amor do esposo, fez este discurso: Supposto que eu comi do fructo vedado no paraiso, quando menos ha-me de desterrar Deus do mesmo paraiso, e Adão, supposto que não comeu, não ha de ser desterrado; d'onde se segue que havemos de ficar divididos e ausentes, elle no paraiso e eu no desterro. Pois que remedio? Diz Eva: Darei d'esta maçã a Adão para que coma; comendo, offender-se-ha Deus egualmente: offendido Deus, desterral-o-ha tambem a elle do paraizo; desterrado, iremos junctos para onde nos lançarem: e d'esta maneira ficará remediada a sua ausencia e as minhas saudades; porque antes quero Adão no desterro commigo, que no paraiso sem mim. Eis aqui como amava Eva, aquella que foi tirada do lado de Adão. Mas não ama assim a Egreja, que foi tirada do lado de Christo. Aquelles dictames são os do amor proprio; estes os verdadeiros do amor verdadeiro. Bem conhece a Egreja, que, indo-se seu Esposo para o céu, fica ella só e peregrina na terra: mas, como o ama a Elle mais que a si mesma, troca as palavras de Eva e diz d'esta maneira: *Heu fuge, dilecte mi.* Esposo e amado meu ide-vos. Bem vejo que fico ausente e desterrada: mas vivei vós glorioso com vosso Padre no céu; que eu antes vos quero no paraiso sem mim, que no desterro commigo. No desterro era-me allivio a vossa presença, na ausencia ser-me-ha allivio a vossa gloria, e muito maior allivio. Em quanto estaveis commigo na terra, padecia as minhas penas e mais as vossas. Agora que estais no céu, posto que sem mim, nem as minhas venho a padecer; porque basta a consideração das vossas glorias para ser a suspensão das minhas penas.

Conclusão.

Não temos logo que nos admirar, nem de que os apostolos na despedida de Christo nenhuma demonstração fizessem de sentimento, nem de que a Egreja n'este dia, em que a mesma despedida se representa, a celébre com festas; porque quando as ausencias são para gloria de quem se parte, ninguem as sente melhor que quem mais se alegra.

Nós tambem nos devemos preparar para a nossa ascensão. *Ps.* 83.

VI. Alegre-se, pois, todo o fiel christão e ponha os olhos no céu, para que foi creado pelo nascimento e chamado pelo baptismo. Lembre-se que este mesmo Senhor, que hoje subiu, quando desceu nos veio buscar; e que, se partiu primeiro, não foi para nos deixar senão para ir deante. Hoje foi o dia da sua Ascensão; e por mais que dure esta vida, não tardará muito o dia da nossa. Lembremo-nos d'este dia e preparemo-nos tam-

bem para a nossa ascensão. Diz David que todo o homem que tem fé e prudencia prepara e dispõi a sua ascensão n'este valle de lagrimas: *Ascensiones in corde suo disposuit in valle lacrimarum in loco quem posuit.* O valle é muito fundo, o monte é muito alto; e não se póde lá subir sem muita prevenção. Pergunte-se cada um, no caso em que agora se lhe acabasse a vida, se se acha disposto para subir ou para descer. Jacob vendo uma escada lançada do céu á terra e olhando para cima disse: *Terribilis est locus iste.* Oh que terrivel, oh que temeroso logar é este! E que seria se olhasse tambem para baixo? Mas deixemos esta tremenda consideração, que não é para dia tão alegre. Se o valle em que se prepara e dispõi a nossa ascensão é valle de lagrimas, não choremos a Ascensão de Christo que tanto nos deve alegrar; mas choremos o perigo em que fica a nossa. Oh vicios, oh vaidades, oh invejas, oh odios, oh vinganças, oh ambições, oh cubiças, oh torpezas, pelas quaes se está desprezando na terra e vendendo publicamente o céu, comprado com o preço infinito do sangue do Filho de Deus e das chagas que subindo nos está mostrando do mesmo céu! Ah Senhor! quem bem se vira n'esses divinos espelhos, e logo voltara os olhos cheios de confusão á terra e os fixara n'aquelles sagrados vestigios, que nas pedras do Olivete, menos duras que os nossos corações, nos deixastes impressos para que nos animemos a seguir vossos passos: *Ut sequamini vestigia ejus!*

Gen. 28.

I. Petr. 2.

Porque deixou Christo as pégadas impressas nas pedras do Olivete.

Conta Clemente Alexandrino que era fineza n'aquelle tempo, usada dos espiritos mais generosos e que mais se prezavam de amar, trazer entalhadas nas solas do calçado as tenções ou saudações do seu amor para que, em qualquer parte onde fixassem os passos, ficasse impresso e estampado por modo de sinete o quanto e a quem amavam. Em todos os passos de sua vida podéra o soberano Amante dos homens deixar escriptos á nossa memoria estes caracteres expressos e estampas visiveis de seu amor: mas guardou esta fineza para o ultimo passo em que se partia e apartava de nós, não formada na terra movediça, senão esculpida em uma pedra dura e firme, e não com a figura do calçado, mas dos mesmos sagrados pés; e para que? Para que intendessemos os homens, que devemos seguir os seus passos: *Ut sequamini vestigia ejus.* No mesmo logar se edificou depois um precioso templo, cujas abobadas por nenhuma arte ou força se poderam jámais cerrar, querendo o sempre amoroso Redemptor que aquelle caminho por onde subiu ao céu nos ficasse perpetuamente aberto.

Como e quando devemos subir com Elle.

Eph. 4.

Que nos detem, logo, ou que nos prende para que não subamos todos? Esta é a hora de se romperem as cadeias, que

não são mais que umas teias de aranha, com que nos embaraça o mundo, com que nos enreda a carne e com que nos captiva o demonio. E se a mesma hora foi aquella em que o soberano Triumphador de todos estes inimigos levou o mesmo captiveiro rendido e maniatado no seu triumpho: *Christus ascendens in altum captivam duxit captivitatem; dedit dona hominibus;* desatados e livres já dos mesmos inimigos e cada um de si mesmo, que é o maior inimigo, mettamos debaixo dos pés a terra e tudo quanto acaba com o tempo; e com os olhos postos no céu e na eternidade peçamos ao liberalissimo Senhor, que entre os dons que então repartiu aos homens, nos communique agora os da sua graça e perseverança n'ella; para que no dia das nossas ascensões, que não póde tardar muito, subamos em seguimento seu a assistir e adorar o throno da gloria, em que está assentado á dextra do Padre: *Ascendit in coelum, et sedet a dextris Dei.*

(Ed. ant. tom. 7.º pag. 1, ed. mod. tom. 3.º pag. 305.)

SERMÃO DO SANCTISSIMO SACRAMENTO **

EM DIA DO CORPO DE DEUS, PRÉGADO NA EGREJA E CONVENTO DA INCARNAÇÃO

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Este doutissimo sermão, que é um compendio theologico do tractado da Eucharistia, póde-se considerar como fundamento dos demais que se seguem, em louvor do Sacramento. Vê-se n'elles quão inexhaurivel é a eloquencia do grande orador; pois fallando do mesmo argumento em tempos e logares diversos discorre com idéas e argumentações quasi sempre novas; de sorte que um sermão não se parece com outro e não se sabe qual seria mais primoroso.

Hic est panis qui de coelo descendit.
S. JOÃO, 6.

No thema do sermão ha o mysterio do Sacramento e o da Incarnação.

Celebra hoje esta egreja o que celebram todas; mas nenhuma com tanta obrigação, nenhuma com tanta propriedade. Nas outras é a solemnidade propria do dia; n'esta é do dia e do logar. Andam tão ligados entre si estes dous soberanos mysterios, Incarnação e Sacramento, que a mesma sabedoria e eloquencia divina, para prégar as grandezas do Sacramento, se valeu das excellencias da Incarnação: *Hic est panis qui de coelo descendit:* este é o pão, diz Christo, que desceu do céu. Mas quando desceu do céu este pão? Não no dia em que se instituiu o mysterio do Sacramento, senão no dia em que se obrou o da Incarnação. Assim o confessamos todos com os joelhos em terra: *Descendit de coelis, et incarnatus est.* De maneira que, no mesmo texto do thema, temos dous dias e dous mysterios. O dia e o mysterio do Sacramento: *Hic est panis;* e o dia e o mysterio da Incarnação: *Qui de coelo descendit:* o dia e o mysterio do Sacramento conforme a celebridade, e o dia e mysterio da Incarnação conforme o logar.

Na Incarnação desce Deus a tomar as condições de corpo; no Sacramento sobe seu corpo a participar os attributos de Deus.

Havendo, pois, de ser o sermão (como é bem que seja) não só do Corpo de Deus «sacramentado, senão tambem do Corpo de Deus incarnado», digo, que o dia da Incarnação e o dia do Sacramento, ambos são dias do Corpo de Deus; porque no dia da Incarnação desceu Deus a tomar as condições de Corpo; e

no dia do Sacramento subiu o mesmo Corpo a participar dos attributos de Deus. Isto é o que determino prégar hoje; mas ainda não acertei a o dizer com os termos grandes que pede a majestade da materia. Para que eu a saiba e me saiba declarar melhor, recorramos á fonte da graça, que está presente. *Ave Maria.*

O Verbo eterno exinanido na Incarnação.

Philip. 2.

II. *Hic est panis qui de coelo descendit.* O apostolo S. Paulo fallando da segunda parte d'este texto, isto é, de quando o Verbo Divino desceu do céu a vestir-se de nossa carne, diz estas notaveis palavras: *Cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se aequalem Dei, sed semetipsum exinavivit formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus et habitu inventus ut homo.* Quer dizer: Sendo o Eterno Verbo egual ao Padre em tudo, e não podendo deixar de o ser, fazendo-se porém homem e similhante em tudo aos outros homens, de tal maneira encolheu e sumiu em si mesmo os attributos de sua divindade e grandeza, que não se viam nem appareciam n'elle depois de incarnado mais que os vazios da mesma divindade. Esta é a propria e rigorosa significação d'aquelle *Exinanivit semetipsum;* e assim foi. Era o Verbo pela Divindade espirito; e pela Incarnação teve corpo. Era pela Divindade immenso; e pela Incarnação ficou limitado. Era pela Divindade eterno; e pela Incarnação ficou temporal. Era pela Divindade infinito; e pela Incarnação ficou finito. Era pela Divindade invisivel; e pela Incarnação viam-no os olhos. Era pela Divindade immortal e impassivel; e pela Incarnação já padecia e estava sujeito á morte. Não são grandes vazios da Divindade estes? Tão grandes e tão profundos, que só a comprehensão de Paulo os póde de alguma maneira sondar: *Exinanivit semetipsum.* Mas aguarde trinta e tres annos a mesma Divindade incarnada; e sairá com egual ou maior milagre ao mundo o Sacramento do altar. Para que? Para que os vazios da Divindade na Incarnação se tornassem «por modo ineffavel» a encher no Sacramento. Agora acertei a me declarar. Assim como pela Incarnação a Divindade de Christo se despiu dos attributos de Deus, e se vestiu das propriedades de corpo; assim o mesmo Corpo de Christo pelo Sacramento se despiu das propriedades de corpo e se vestiu dos attributos de Deus. E este foi o modo mais que admiravel com que os vazios da divindade na Incarnação se encheram e restauraram pelo Sacramento. Ora vêde.

Enche no Sacramento os vazios de sua divindade.

Pela Incarnação (como diziamos) Deus, que era espiritual, ficou corporeo com partes distinctas e extensas: pelo Sacramento, Christo, que era e é corporeo, ficou espiritual, todo em todo e todo em qualquer parte «das especies consagradas». Pela Incarna-

ção Deus, que era immenso, ficou limitado a um só logar: pelo Sacramento, Christo, que era limitado, está em todos os logares do mundo, «onde existe sacramentado». Pela Incarnação, Deus, que era eterno, ficou temporal; e assim nasceu, viveu e morreu em tempo: pelo Sacramento, Christo, que era temporal, se tornou a eternizar sem termo nem limite na duração. Pela Incarnação, Deus, que era infinito, ficou finito, como o são ambas as partes da humanidade: pelo Sacramento, Christo, que era finito, está infinitamente multiplicado. Pela Incarnação, Deus, que era invisivel, ficou visivel, e assim o viam os homens: pelo Sacramento, Christo, que era visivel, ficou invisivel, porque nem o vimos nem o podemos vêr. Pela Incarnação finalmente, Deus, que era immortal e impassivel, ficou mortal e passivel, e padeceu e morreu pelos homens: pelo Sacramento, Christo, que era mortal e passivel, ficou impassivel e immortal; porque no estado e vida de sacramentado é incapaz de padecer nem morrer. E que é cada differença d'estas e muito mais todas junctas, senão estarem hoje cheios no Corpo de Deus pelo Sacramento os vazios com que no mesmo Corpo se occultou a Divindade pela Incarnação, e ser o corpo de Christo sacramentado «por esta participação dos attributos divinos com mais propriedade» Corpo de Deus?

No mesmo Sacramento está impresso o sinete da divindade.

Joan. 6.

Prégando o mesmo Christo aos que tinha sustentado com o milagre dos cinco pães, alli começou a revelar o mysterio do Sacramento, exhortando-os a que comessem de outro melhor pão que elle lhes daria, o qual era o pão de vida não temporal mas eterna; e para que não duvidassem da virtude d'este maravilhoso pão, accrescentou que Deus tinha impresso n'elle o seu sigillo, ou sinete: *Hunc enim Pater signavit Deus.* A palavra *signavit* val o mesmo que *sigillavit*, e assim se lê no texto original. Saibamos agora: e qual foi a figura ou imagem que estava aberta n'este sinete? Todos os sanctos Padres concordam em que era a figura e imagem da divindade; e essa força tem o nome de Deus accrescentado ao de Padre: *Hunc Pater signavit Deus:* modo de fallar, em Christo, singular n'esta occasião. Mas se Christo falla de si em quanto homem e em quanto sacramentado; porque prova os poderes d'esta virtude com o sinete da divindade que Deus imprimiu n'elle? Não se podéra melhor confirmar o altissimo pensamento em que estamos. Aquella hostia, em que a nossa fé crê e adora o Corpo de Christo, é o pão maravilhoso em que Deus imprimiu o seu sinete; e como n'este sinete estava aberta a imagem e figura da Divindade com seus attributos, tambem na mesma hostia ficou impressa a similhança d'elles e por isso se acham no Sa-

cramento. Ainda falta a maior propriedade e energia da metaphora do sinete, de que usou o Senhor, para que melhor intendessemos todo o mysterio. O que no sinete está cavado e vazio, é o que na materia em que se imprime fica relevado e cheio; e assim ficaram cheios no Sacramento os vazios da Incarnação: *Exinanivit semetipsum: Hunc Pater sigillavit Deus.* Na Incarnação os attributos divinos vazios e no Sacramento cheios: na Incarnação sumidos e no Sacramento relevados.

Attributos da divindade participados ao Sacramento.

III. Por este modo ficou o Corpo de Christo no Sacramento revestido dos attributos divinos e com maior propriedade Corpo de Deus. «E bastava esta prova geral para desempenho do assumpto». Mas porque todas estas maravilhas do seu Corpo divinizado foram ordenadas por Christo para remedio e proveito, de tal maneira as irei provando, «parte por parte e attributo por attributo», que junctamente mostrarei como o mesmo Sacramento nol-as communica todas a nós. Elle se digne de me ajudar e assistir com nova graça em materia tão alta e tão difficultosa.

1.º A espiritualidade. Explicação do cap. 6.º de S. João.

A primeira propriedade tão natural da divindade como alheia do corpo, que é ser Deus espirito, assim como foi o primeiro vazio com que o mesmo Deus se exinaniu na Incarnação; assim é tambem o primeiro attributo com que Christo o restaurou e encheu no Sacramento, no qual está seu Corpo sacramentado sem occupar logar e com todas as condições de espirito. Assim o ensina a fé; e para o provar com a Escriptura é necessario que nos engolfemos em um pégo sem fundo, qual é o capitulo sexto de S. João, em que já começamos a entrar. Por occasião do milagre referido dos cinco pães, que é o principio d'este capitulo, falla Christo, na maior parte de todo elle, do pão que desceu do céu, o Sanctissimo Sacramento do altar. Uma véz diz: *Nisi manducaveritis carnem Filii hominis et biberitis ejus sanguinem, non habebitis vitam in vobis:* Se não comerdes a minha carne e beberdes o meu sangue, não tereis vida. Outra vez mais brevemente: *Qui manducat me, ipse vivet propter me:* quem me comer a mim, viverá por mim. E além d'estes dous logares do mesmo capitulo, n'elle promette outras muitas vezes e por muitos modos, a todos os que o comerem, a mesma vida. Mas não se póde encarecer o grande abalo, perturbação e escandalo, que esta doutrina causou, não só nos ouvintes de fóra, senão nos mesmos discipulos da eschola de Christo, muitos dos quaes só por este poncto se sairam d'ella. Quando ouviam ao Senhor, que lhe haviam de comer a carne e beber o sangue, parecia-lhes cousa horrenda e barbara: quando ouviam por outra phrase, que o haviam de comer a elle, o que não signifi-

cava parte do mesmo Corpo de Christo, senão todo inteiro, parecia-lhes impossivel, que um homem houvesse de metter dentro de si a outro; e quando em um e outro caso ouviam que aquella carne e aquelle corpo lhes havia de dar vida, parecia-lhes que este effeito era contra toda a razão natural: porque o que dá vida ao homem não é a carne, nem o corpo, senão o espirito; como se viu no espirito que Deus infundiu no barro de Adão, e na vida que a alma dá aos nossos corpos, a qual em faltando, não vivem. Até aqui a murmuração, a duvida e o escandalo dos ouvintes: vamos agora á resposta do divino Mestre.

Resolução das difficuldades.

O que Christo respondeu, foram estas palavras: *Hoc vos scandalizat? Si ergo videritis Filium hominis ascendentem ubi erat prius? Spiritus est qui vivificat; caro non prodest quidquam*: isto vos escandaliza? Que seria se me visseis subir ao céu d'onde desci? E quanto ás duvidas do que me ouvistes, o que vos digo é, que o espirito é o que dá a vida; que a carne nenhuma cousa aproveita. Pois se Christo fallava de sua carne, e da mesma dizia que havia de dar vida aos que a comessem; como agora diz que a carne nenhuma cousa aproveita, e que o espirito é o que dá a vida? «A resposta mais facil para resolver todas as difficuldades» é, que o Corpo de Christo no Sacramento não está com as condições naturaes de corpo, senão com as sobrenaturaes e milagrosas de espirito: e por isso n'este logar chamou o Senhor espirito á sua propria carne. E como a carne de Christo no Sacramento, não deixando de ser carne, é carne com todas as condições de espirito; nem a carne comida d'este modo podia causar horror, que era a primeira duvida: nem o corpo do mesmo modo podia ter impedimento para todo e inteiro entrar em outro corpo, que era a segunda: nem era contra a razão natural, senão muito conforme a ella, que sendo espirito vivificasse e désse vida, que era a terceira. E d'esta sorte, desfeitas todas as difficuldades, se fica verificando com summa propriedade e com adequada resposta a todas as objecções a sentença de Christo: *Spiritus est qui vivificat; caro non prodest quidquam*: porque a carne não obra alli como carne o que só como carne não podia; mas obra como espirito, e como carne espiritualizada, o que é proprio do espirito. E d'aqui fica declarada a grande e exacta correspondencia com que este primeiro vazio da Incarnação se restaurou com o primeiro cheio do Sacramento. Porque na Incarnação a divindade do Verbo se vestiu da corporeidade da carne; e no Sacramento a carne de Christo se vestiu da incorporeidade do espirito. A phrase particular de que usam os sanctos no mysterio da Incarnação é chamar a

Deus incorporado; e da mesma usa a Egreja cantando na festa da Epiphania: *Ducem salutis coelitus incorporatum gignere*. Pois, assim como na Incarnação se contrahiu o vacuo da Divindade pelo incorporado, assim no Sacramento restaurou e encheu o Corpo de Christo o mesmo vacuo pelo incorporeo.

O Corpo de Christo nos communica a sua espiritualidade Texto e exemplo de S. Bernardo.

D'esta maneira encheu Christo no Sacramento o primeiro vazio da Divindade na Incarnação, espiritualizando o seu corpo, e fazendo-o espirito, assim como Deus que é espirito se tinha feito corpo. Mas esta admiravel transformação não só a obra Christo em seu Corpo sacramentado, senão tambem, como prometti, por meio do mesmo Corpo sacramentado nol-a communica a nós. Porque o Corpo de Christo assim como está no Sacramento transformado em si, assim está tambem transformado para nós: em si, transformado em espirito, para caber sem extensão debaixo das especies que o cobrem; e para nós transformado em espirito, para caber sem a mesma extensão dentro dos corpos dos que o commungam: em si, transformado de corpo em espirito; e em nós, transformando-nos de corporaes em espirituaes. Expressamente S. Bernardo: *Transformatur manducans in naturam cibi; corpus enim Christi manducare nihil est aliud, quam corpus Christi effici*. E porque seria cousa muito dilatada confirmar a verdade d'estes maravilhosos effeitos com os exemplos d'elle; baste por prova o mesmo S. Bernardo, que não só o disse, mas o experimentou em si mesmo, vivendo em corpo, por virtude do mesmo Corpo «divino», como se não tivera corpo; andando vestido de carne, como se fôra espirito, «seguindo assim o conselho de S. Paulo»: *Si spiritu vivimus, spiritu et ambulemus*.

Gal. 5.

2.º A immensidade de Deus communicada ao Sacramento.

IV. O segundo vazio da Divindade é a immensidade divina, a qual pelo mysterio da Incarnação se limitou a um só logar, qual era o que occupava a sagrada Humanidade. Houve herejes que, intendendo este mysterio ás avessas, tiveram para si que pela união hypostatica a Humanidade se fizera immensa e estava, como Deus, em toda a parte; e por isso foram chamados ubiquitarios. Mas não foi a Humanidade a que pela união com o Verbo se extendeu á immensidade divina, senão a immensidade divina a que pela communicação dos idiomas se estreitou á limitação humana; sendo verdadeiro dizer que Deus foi concebido em Nazareth, que nasceu em Bethlem, que prégou em tal parte e tal logar da Judéa e Galiléa, e morreu em Jerusalem. D'esta immensidade, porém, de que Deus se despiu pela Incarnação, se revestiu outra vez pelo Sacramento, no qual o Corpo de Christo, ou reproduzido, ou multiplicando as presenças, sendo um só e o mesmo, está ao mesmo tempo em todas as partes do mundo.

No mesmo mundo e na mesma hora em que Christo instituiu o Sacramento se estava vendo para confirmação da nossa fé um milagre natural d'esta mesma multiplicação das suas presenças. A hora em que Christo instituiu o Sacramento era já a primeira ou segunda da noite: *In qua nocte tradebatur*. E que é o que vêem então os nossos olhos n'este hemispherio? Vêem que ausentando-se o sol de nós, por uma presença sua de que nos priva, se nos deixa multiplicado em tantas presenças, quanto é o numero «d'aquelles luminosos globos que se movem em roda do sol» e cada um d'elles não é outra cousa senão um espelho do mesmo sol, em que elle, sendo um só, «quando ausente de nós» se nos torna a fazer presente. Isto mesmo é o que fez o nosso divino sol, Christo, sacramentando seu sacratissimo Corpo. Ausentou-se de nós segundo a presença natural, mas por esta mesma presença se deixou comnosco em tantas outras, quantos são os logares e altares de todo o mundo, em que verdadeira e realmente, sendo um só e o mesmo, está multiplicado no Sacramento. Vêde a propriedade com que assim o escreveu o propheta Malachias.

O que representavam os planetas na hora da instituição do Sacramento.

Queixava-se Deus de os filhos de Israel, á imitação de Caim, sacrificarem e offerecerem em seus altares, não o melhor e mais precioso, como era decente, senão o peior e mais vil; e os confunde com estas notaveis palavras: *Non est mihi voluntas in vobis, et munus non suscipiam de manu vestra: ab ortu enim solis usque ad occasum magnum est nomen meum in gentibus; et in omni loco sacrificatur et offertur nomini meo oblatio munda.* Desenganae-vos que não quero vossos sacrificios, nem acceitarei vossas offertas; e porque não cuideis que me farão falta, sabei, para confusão vossa e da vossa Jerusalem em que só tenho templo e sou conhecido, que virá tempo, em que desde o oriente até o poente, em todos os logares do mundo e entre todas as gentes, se offerecerá e sacrificará a meu nome, não muitos sacrificios e impuros, como os vossos, senão um, purissimo e sanctissimo. E que sacrificio é este? Posto que todos os sanctos padres e doutores dizem que é o sanctissmo Sacramento da Eucharistia, não temos necessidade de sua auctoridade; porque assim o tem definido (e é de fé) o sagrado concilio Tridentino. Só accrescento que a palavra hebréa que responde a *oblatio munda* significa uma offerta particular, chamada *mincha*, a qual se fazia, como as nossas hostias, da flôr da farinha, e no Levitico se chama sacrificio. Este sacrificio, pois, a que não falta a propriedade das especies de pão, é o sacrificio do Corpo de Christo sacramentado; o qual enchendo o vazio da immensidade divina, encolhida e escondida na Incar-

Explicação do texto de Malachias c. 1.

nação, se extende immensamente desde o oriente ao occaso por todas as partes e logares do mundo: *Ab ortu enim solis usque ad occasum in omni loco sacrificatur et offertur nomini meo oblatio munda.*

Como podemos participar do attributo da immensidade.

Assim multiplicou Christo as suas presenças e assim devemos nós multiplicar as nossas para assistir ao divinissimo Sacramento em toda a parte. O nosso corpo não é capaz naturalmente d'esta multiplicação ou immensidade: mas a nossa alma sim e a nossa memoria; a qual só nos pediu o mesmo Senhor na instituição d'este mysterio. *Ubicunque fuerit corpus, illuc congregabuntur et aquilae.* Em toda a parte, diz Christo, onde estiver o corpo, alli voarão e concorrerão as aguias. E que corpo e que aguias são estas? O corpo, responde sancto Ambrosio, é o Corpo do mesmo Christo no Sacramento; e as aguias são as almas de sublime e levantado espirito, que com as azas do pensamento e do affecto o assistem, adoram e veneram em todas as partes do mundo: *Est corpus de quo dictum est: Caro mea vere et cibus: circa hoc corpus sunt aquilae, quae alis circumstant spiritualibus.* Este é o modo com que as nossas almas, pelo pensamento e memoria immensas, hão de assistir, adorar e louvar sempre ao mesmo Senhor em todo logar, como David exhortava á sua que o fizesse: *In omni loco dominationis ejus benedic, anima mea, Domino.*

Ambr. in Luc. 17.

3.º A eternidade communicada ao Sacramento. Sacerdocio eterno de Christo.

Ps. 109.

V. O terceiro vazio da Divindade na Incarnação foi o da sua eternidade, fazendo-se temporal, nascendo e vivendo em tempo o que era eterno. Mas desde a mesma eternidade jurou Deus de dar a seu Filho incarnado uma tal prerogativa, com que podesse maravilhosamente encher este grande vazio, que foi o sacerdocio eterno segundo a ordem de Melchisedech: *Juravit Dominus et non poenitebit eum, tu es sacerdos in aeternum secundum ordinem Melchisedech.* Chama-se o sacerdocio de Christo, sacerdocio segundo a ordem de Melchisedech, não quanto á dignidade, como se Melchisedech (que foi sacerdote da lei da natureza) o instituisse, mas quanto á similhança da victima e materia do sacrificio; porque não sacrificava cordeiros, como Abel, nem outras rezes ou aves, como Abrahão, senão pão e vinho, que é a materia do sacrificio da lei da graça e Sacramento de Christo: *Melchisedech proferens panem et vinum; erat enim sacerdos Dei altissimi.* E chama-se sacerdocio eterno; porque não acabou, como o sacerdocio de Arão. No sacerdocio de Arão acabou o sacerdocio e acabava o sacerdote. Acabou o sacerdocio, porque se acabou aquella lei; a qual necessariamente ha de acabar, quando o sacerdocio acaba, como doutamente define o apostolo S. Paulo: *Translato enim sacerdotio, necesse est ut et legis translatio fiat.* E acabava

Gen. 14.

Hebr. 7.

o sacerdote; porque morrendo um sacerdote, lhe succedia outro, como succedeu a Arão seu filho Eleazaro, e a Eleazaro os demais: o que não foi, nem podia ser na pessoa immortal de Christo, como notou o mesmo S. Paulo: *Et alii quidem plures facti sunt sacerdotes, idcirco quod morte prohiberentur permanere; hic autem, eo quod maneat in aeternum, sempiternum habet sacerdotium.*

Não é eterno na oblação mas na consummação.

Mas posto que o sacerdocio de Christo seja eterno, e eterno o mesmo sacerdote Christo, parece que se não segue que o vazio da eternidade do Verbo na Incarnação se supprisse ou enchesse no Sacramento: porque o Sacramento não é, nem ha de ser eterno; e só dura e ha de durar até o fim do mundo e acabar junctamente com elle. Depois do fim do mundo só ha de haver céu e inferno: os do inferno não são capazes de sacrificio, nem de Sacramento; os do céu não hão mister um, nem outro. Não hão mister o sacrificio, porque são justos e já não podem crescer na graça: nem hão mister o Sacramento, porque a presença de Christo que criam e veneravam encoberta e invisivel, lá a teem descoberta aos olhos e a gozam manifesta. Logo se o sacrificio e sacramento do altar não ha de durar mais que este mundo, e ha de ter fim com elle, segue-se que não é eterno. Esta mesma duvida excitou S. Thomás na questão vinte e duas da terceira parte; e responde que no sacrificio se devem considerar duas cousas, a oblação e a consummação: a oblação, em que se offerece o sacrificio, e a consummação, em que se consegue o fim e se logram os effeitos d'elle. A oblação pertence a este mundo e a consummação ao outro. Por isso S. Paulo chamou a Christo: *Pontifex futurorum bonorum:* Pontifice e sacerdote dos bens futuros; porque os bens futuros, que são os que se gozam e hão de gozar no céu, são os que Christo nos mereceu pelo seu sacrificio. E posto que a oblação n'este mundo fosse temporal e em tempo, a consummação no céu ha de durar por toda a eternidade; e por isso é eterna, como disse o mesmo S. Paulo: *Una oblatione consummavit in sempiternum sanctificatos*

S. Thom. p. 3 q. 22. a. 5.

Ad Hebr. 19. Ibid. 10.

Figura d'esta differença que se acha no Levitico c. 6.

No Levitico temos uma excellente figura d'esta differença e d'esta ordem no dia chamado das Expiações. Mandava Deus que o summo sacerdote não entrasse no *Sancta sanctorum* sem primeiro fóra d'elle offerecer o sacrificio que no mesmo logar dispõi a lei. E por que razão, ou com que mysterio o sacrificio se havia de offerecer primeiro e fóra do *Sancta sanctorum*, e não depois e dentro n'elle? Porque o summo sacerdote significava a Christo, o *Sancta sanctorum* o céu, o sacrificio o da morte de Christo na cruz ou no altar, onde se representa a

mesma morte; e este sacrificio não se havia de offerecer depois, senão antes, nem no *Sancta sanctorum*, senão fóra d'elle. Não depois, isto é, na eternidade; senão antes e em tempo, em quanto dura o mundo. Nem no *Sancta sanctorum*, isto é, no céu; senão fóra d'elle e na terra. Assim foi quanto á oblação, e assim ha de ser, quanto á consummação não de outro, senão do mesmo sacrificio. Foi quanto á oblação; porque na terra offereceu Christo o sacrificio da cruz, como hoje offerece o do altar e offerecerá até o fim do mundo. E ha de ser quanto á consummação; porque no céu ha de consummar Christo o mesmo sacrificio, communicando-nos os effeitos d'elle, que consistem na vista clara de Deus por toda a eternidade; e por isso o sacerdote e o sacrificio, um e outro eterno.

O Sacramento nos restitúi a vida eterna que nos tirou Adão.

Provado assim por modo «não menos certo que mysterioso» como o Corpo de Christo sacramentado logra e logrará para sempre o attributo de eterno; só resta mostrar como o mesmo Corpo, que por amor de nós se sacramentou, communica aos que o commungam a mesma eternidade. Esta é a segunda obrigação e a mais difficultosa que acompanha todos os nossos assumptos: mas n'este carece de toda a difficuldade pela asseveração tão clara e tão expressa com que o mesmo Senhor nos certificou d'esta verdade, dizendo: *Qui manducat hunc panem vivet in aeternum.* Mal cuidou Adão, que nunca elle, nem seus filhos, ouvissem tal oraculo, quando viu o caminho da arvore da vida defendido por um cherubim com uma espada de fogo, só para impedir totalmente que, comendo d'aquelle fructo, não vivesse eternamente. O cherubim deixou a sua estancia, e embainhou ou apagou a sua espada na mesma hora ditosissima em que o soberano Restaurador das ruinas de Adão instituiu o sanctissimo Sacramento; porque então cessou o fim d'aquella prohibição e d'aquella guarda. A guarda e a prohibição era para que o homem, comendo. não vivesse eternamente: *Ne sumat de ligno vitae et vivat in aeternum.* E como Christo instituindo o Sacramento deu faculdade a todos os filhos de Adão, para que comendo vivessem eternamente, então apagou o cherubim a espada e deixou a sua estancia; e não só ficou franqueado o caminho da arvore da vida, senão a mesma arvore transplantada por todo o mundo; para que todos os que, pelo que comeu o mesmo Adão, ficámos condemnados á morte, não de outro modo, senão tambem comendo vivamos eternamente: *Qui manducat hunc panem, vivet in aeternum.*

Gen. 3.

4.º A immortalidade e impassibilidade communicada ao Sacramento.

VI. Muito me dilatei em encher estes primeiros tres vazios da Divindade; e porque ainda nos restam quatro, será força, quanto fôr possivel, reduzil-os a maior brevidade. O quarto é

a infinidade que se fez finita, o quinto a invisibilidade que se fez visivel; o sexto e o septimo a immortalidade feita mortal e a impassibilidade passivel. «Começaremos por estes dous ultimos» e por serem tão connexos tractaremos d'elles junctamente. Digo, pois, que se na Incarnação a immortalidade divina, do modo que podia ser, se fez mortal e a impassibilidade passivel; o Corpo de Christo no Sacramento de tal sorte suppriu e encheu estes dous vazios da Divindade, que sendo naturalmente corpo mortal ficou immortal, e sendo naturalmente passivel ficou impassivel.

Isaac figura de Christo Sacramentado porque não morreu no sacrificio.

Com serem tantas as figuras do Sanctissimo Sacramento que se lêem e o precederam na Sagrada Escriptura, a primeira que propõi a Egreja é a do sacrificio de Isaac: *In figuris praesignatur, cum Isaac immolatur*. Mas se bem se considera a historia tão sabida do mesmo Isaac, parece que se não pôde representar n'ella o Sacramento, porque verdadeiramente não foi sacrificio. Mandou Deus a Abrahão que lhe sacrificasse seu filho Isaac; e quando já a victima estava sobre o altar, a espada desembainhada, e entre o golpe e a garganta do filho só havia dous dedos de distancia, teve Deus mão no braço do pae. Logo assim o golpe como o sacrificio, tudo ficou no ar. E o mesmo Deus o provou; porque alli e no mesmo instante appareceu atado um cordeiro, no qual Abrahão acabou de executar o golpe; e este foi o que morreu, e foi sacrificado. Pois se o cordeiro foi o morto e Isaac ficou vivo, como foi Isaac figura do sacrificio de Christo? Por isso mesmo e com a maior propriedade que se podia imaginar. Christo não foi uma só vez sacrificado, senão duas: uma vez na cruz, outra vez no Sacramento; e primeiro no Sacramento e depois na cruz, assim como primeiro foi sacrificado Isaac e depois o cordeiro. O cordeiro morreu e padeceu: porque foi figura do sacrificio da cruz, no qual o corpo natural de Christo, como mortal e passivel, padeceu e morreu. Porém Isaac foi figura do sacrificio do altar; e por isso, sendo sacrificado, não morreu nem padeceu: porque o Corpo de Christo no Sacramento está immortal e impassivel. Excellentemente Ruperto: *Christus immolatur et tamen impassibilis permanet et vivus: quemadmodum illic Isaac immolatus et tamen gladio non est attactus*. Se em Isaac se executara o golpe e morrera, seria figura do sacrificio da cruz, em que o corpo natural de Christo padeceu e morreu; mas porque posto sobre o altar não padeceu nem morreu, por isso foi figura do sacrificio do altar, em que o mesmo corpo sacramentado se conserva immortal e impassivel: *Impassibilis permanet et vivus*.

O Cordeiro que S. João viu estar em pé como morto era figura de Christo no Sacramento. Vid. Cornel. h. l.

No capitulo quinto do apocalypse viu S. João uma cousa no-

tavel; foi um throno de grande majestade, cercado de toda a côrte do céu, e sobre elle um Cordeiro em pé, mas como morto: *Agnum stantem tanquam occisum.* Este cordeiro, não jazendo como morto, senão em pé como vivo, é o Cordeiro de Deus que tira os peccados do mundo, Christo Redemptor nosso; mas é Christo e o mesmo Christo, não em outro estado e de qualquer outro modo, senão em quanto sacramentado. Assim o intendem commummente os interpretes deste logar; e as mesmas palavras do Texto o declaram com grande propriedade; porque não diz que o Cordeiro estava morto como vivo, senão vivo como morto: *Stantem tanquam occisum.* Isto é o que crêmos propria e distinctamente, e o que nos ensina a fé no mysterio do Sacramento. A palavra *tanquam* significa representação e não realidade; e o mesmo Christo sacramentado, que na realidade está no Sacramento tão vivo como no céu, no mesmo Sacramento, por «simples» representação, está tão morto como na cruz. Por isso as palavras da consagração na hostia poem o corpo como dividido do sangue, e no calix o sangue como dividido do corpo, tudo em significação da morte, na qual (e de nenhum modo sem ella) se aperfeiçôa e consumma o sacrificio. E por isso tambem em forma e com o nome de cordeiro, porque desde o cordeiro de Abel na lei da natureza, se sacrificava tambem na lei escripta em figura de cordeiro o mesmo Christo, «*Agnus qui occisus est ab origine mundi.* Mas porque o sacrificio da Eucharistia ha de ser sem derramamento de sangue, por isso o Cordeiro que padeceu e morreu na cruz, não pode nem padecer nem morrer na Eucharistia; e isto foi o que viu S. João: *Agnum stantem tanquam occisum.*» Bem se encheu e suppriu logo n'esta immortalidade e impassibilidade do Corpo de Christo sacramentado a immortalidade e impassibilidade divina, de que o Verbo na Incarnação se tinha exinanido.

Apoc. 13.

O Sacramento dá a immortalidade que o demonio prometteu mentirosamente.

E que estes dous effeitos de immortal e impassivel se nos communiquem a nós no Sacramento, um dos principaes motivos da sua instituição o prova quanto á immortalidade. Assim como Deus feito homem quiz morrer na arvore da cruz para se vingar do demonio, que com outra arvore tinha enganado aos primeiros homens, assim traçou com sua infinita sabedoria e omnipotencia que nós o «recebessemos por manjar» no Sacramento, para continuar e consummar a mesma vingança, fazendo verdadeiras nelle as duas mentiras, com que o mesmo demonio falsamente tinha acreditado a virtude daquella fructa. O que o demonio prometteu a Eva foi, que, se comessem da fructa da arvore vedada, não só não morreriam, mas ficariam como deuses. Ah sim, demonio, diz Christo; pois isso mesmo que tu

mentindo fingiste, farei eu verdadeiro; e inventarei um tal genero de manjar, que comendo-o os homens, não só fiquem endeusados, senão tambem immortaes. Assim o fez a seu tempo o mesmo Senhor; e assim declarou que esse fôra o seu intento quando tão expressamente disse: *Hic est panis de coelo descendens, ut siquis ex ipso manducaverit, non moriatur.* De sorte que não ha duvida em que o Corpo de Christo commungado em quanto no Sacramento está immortal e impassivel, d'estes dous soberanos attributos nos communica o primeiro, que é a immortalidade.

Como produz a impassibilidade? *Ps.* 22.

Sobre o segundo, porém, que é o da impassibilidade, se recorrermos á experiencia, a mesma experiencia parece que o faz difficultoso. De todas as historias ecclesiasticas consta que no tempo dos Neros e Dioclecianos, quando os christãos eram tirados dos carceres, ou para adorar os idolos, ou para padecer exquisitissimos tormentos; lembrados da sentença de David: *Parasti in conspectu meo mensam adversus eos qui tribulant me;* primeiro se armavam com o Sanctissimo Sacramento. Assim armados entravam em tão perigosas batalhas, assim pelejavam, assim venciam; mas com tão differentes modos de vencer, que a mesma victoria parece que punha em duvida a fortaleza e virtude das armas. Uns martyres caminhavam sobre os espinhos como sobre flores; outros a cada passo que davam, lhes brotavam dos pés encravados tantas fontes de sangue, quantos eram os espinhos. Uns lançados com pedras ao pescoço no mar, respiravam debaixo das ondas e saíam vivos ás praias; outros morriam afogados. Uns vestidos de laminas ardentes ou mettidos nas fornalhas, não lhes fazia mal o fogo; outros ardiam e ficavam desfeitos em cinza. Uns expostos no amphitheatro aos leões e tigres, eram reverenciados das feras; outros despedaçados e comidos da sua voracidade e fereza. Uns extendidos nos eculeos, nas catastas, nas grelhas, riam-se dos tyrannos; outros invocavam o nome de Deus, por quem padeciam, com o qual na bocca exhalavam constantemente a vida. Pois, se todos pelejavam armados com o mesmo Santissimo Sacramento; como a uns communicava o impassivel Corpo de Christo a sua impassibilidade, não consentindo que padecessem; e a outros não, deixando-os padecer?

Fazendo impassiveis ou pela impassibilidade ou pela paciencia. S. Pedro Veronense. S. João Chrys.

Respondo que a uns e a outros fazia o divinissimo Sacramento impassiveis, mas com differente milagre: a uns impassiveis pela impassibilidade, a outros impassiveis pela paciencia. S. Pedro Veronense poz em questão se se ha de chamar impassivel a fortaleza que padece tão constantemente, como se não padecera: *Incertum est utrum impassibilis judicetur, cum ali-*

quid passa, quasi nihil passa sit inveniatur. Porém S. João Chrysostomo sobre as palavras de S. Paulo: *Omnia suffert:* não duvida, mas, como proposição certa e evidente, affirma que, o que assim soffre e padece, já tem passado de homem passivel á impassibilidade dos anjos. Assim que ou por impassibilidade, fazendo que não padeçam, ou por paciencia tão forte e invencivel, como se não padeceram, faz o Corpo de Christo sacramentado impassiveis aos que o comem.

A infinidade communicada ao Sacramento.

VII. «Restam finalmente os dous vazios da infinidade e da invisibilidade, e provado o primeiro, passo sem demora á applicação de ambos; porque a prova do segundo a dão (e mais do que não quizeramos) os nossos olhos, que debalde buscam debaixo d'aquellas especies sacramentaes não já os resplandores da divindade, mas sequer os attractivos da humanidade». Grandissimo vazio da divindade do Verbo na Incarnação é, a infinidade com que, sendo por natureza infinito, se fez finito. Mas tambem o Corpo de Christo no sacramento suppriu e encheu admiravelmente este vazio: porque estando o Corpo de Christo todo em toda a hostia e todo em qualquer parte d'ella, e sendo potencialmente na mesma hostia tantas as partes que, por mais que se dividam, sempre se podem dividir mais e mais sem fim, bem se segue, como conclúi «S. Thomás que Christo está na hostia actualmente uma vez; potencialmente infinitas vezes»: *Esse Christum in hostia semel in actu, infinities in potentia.* E posto que esta verdade a não alcancem os sentidos antes se enganem n'ella, em um mesmo exemplo fez Christo que a provasse o gosto, que a apalpassem as mãos e que a vissem os olhos.

A multiplicação do pão no deserto figura do mesmo Sacramento. S. Hilario, S. Paulino, S. Thomás.

Deu o mesmo Senhor de comer a cinco mil homens (afóra a outra multidão de mulheres e de meninos, porque o seguiam as familias inteiras) com cinco pães sómente, os quaes cresceram de sorte, que, depois de satisfeitos todos, recolheram os apostolos das sobras doze alcofas. Mas de que modo cresceu tanto este pão, sendo tão pouco? *Fragmentis fragmenta succedunt et fallunt semper per fracta frangentes:* cresceu tanto aquella quantidade de pão, sendo tão pequena, diz sancto Hilario; porque quanto mais e mais se dividia, tanto mais e mais se multiplicava. Tomou Christo o pão em suas sagradas mãos; partiu-o; e quanto mais o partia, tanto mais crescia nas mãos de Christo. Deu-o Christo aos apostolos; e quanto os apostolos mais o partiam, tanto mais crescia nas mãos dos apostolos. Davam-no os apostolos aos paes; partiam-no os paes, e tanto mais crescia nas mãos dos homens. Davam-no os paes ás mães; partiam-no as mães, e tanto mais crescia nas mãos das mulhe-

res. Davam-no as mães aos filhos; partiam-no os filhos, e tanto mais crescia nas mãos dos meninos. D'esta maneira partiam todos, e comeram todos; e porque o pão, quanto mais e mais se partia, tanto mais e mais se multiplicava, por isso sendo tão pouco, sobejou tanto; e se o numero da gente fosse maior, sobejaria muito mais. Em outra occasião e em outro deserto deu o mesmo Christo de comer a quatro mil homens com septe pães; e recolhendo-se tambem as sobras, foram as alcofas que se encheram «não mais de septe», posto que os que comeram eram menos e os pães eram mais. E que pretendeu Christo Senhor nosso com esta evidencia tão sensivel aos olhos, ás mãos e ao gosto? Egregiamente S. Paulino: *Populos quinque panibus Christus implevit, esurientes fidem carnaliter satians, spiritualiter irrigans.* O milagre dos cinco pães foi o prologo com que o divino Mestre quiz dispor os animos dos homens para a fé do sacramento de seu Corpo, do qual tractou n'aquella occasião tão largamente, que tudo o que ensina a Egreja, e o mesmo evangelho que hoje canta, é uma só parte d'aquella doutrina. Por isso fez o Senhor que o pão, sendo tão pouco, sensivel e palpavelmente crescesse sempre mais e mais entre as mãos dos mesmos que o partiam; para que não duvidassem crer que em tão pequena quantidade como a de uma hostia se podia comprehender toda a grandeza sem fim de um infinito; e que não só finita, senão infinitamente estava n'ella seu Corpo. Esta é a infinidade de que diz S. Thomás: *Esse Christum in hostia semel in actu, infinities in potentia;* porque estando todo Christo em toda a hostia e todo em qualquer parte, se estas actualmente se dividirem, estará tambem actualmente em todas e sempre mais e mais sem fim, porque o não tem.

4 Distinc. 10 q. 1. a. 9. Explic. a Suar. in 3 p. Distinc. 48. Sec. 1.

Como é infinito o manjar, assim foi infinita a fome. O Ecclesiastico e S. Gregorio.

Sendo, pois, esta manifesta infinidade a com que o Corpo de Christo no Sacramento suppriu a infinidade do Verbo escondida na Incarnação, só resta saber (o que não parece facil) como nos communica Christo no sacramento a infinidade? Digo que nos communica tambem a nós a mesma infinidade de seu Corpo, fazendo que, assim como é infinito o manjar que nos dá a comer, seja tambem infinita a fome, ou nós infinitos na fome, com que o comemos. O manjar potencialmente infinito e a fome tambem infinita potencialmente. Texto expresso do Espirito Sancto no capitulo vinte e quatro do Ecclesiastico: *Qui edunt me, adhuc esurient, et qui bibunt me, adhuc sitient.* Christo na hostia dá a comer seu corpo e no calix dá a beber seu sangue; mas o mesmo corpo causa tal fome aos que o comem e o mesmo sangue tal sede aos que o bebem, que os que o comem, quanto mais e mais o comem, tanto mais e mais desejam comer: *Qui*

edunt me, adhuc esurient; e os que o bebem, quanto mais e mais o bebem, tanto mais e mais o desejam beber: *Et qui bibunt me, adhuc sitient.* Não sería o divino Sacramento manjar do céu, se se não causára estes effeitos tão contrarios aos da terra. Nos manjares da terra (diz S. Gregório) á fome succede o comer, ao comer a fartura e á fartura o fastio: porém nos do céu, posto que tambem á fome succede o comer e ao comer a fartura, á fartura não succede o fastio, senão outra vez a fome: *In illis appetitus saturitatem, saturitas fastidium generat; in istis appetitus saturitatem, saturitas appetitum parit.* O milagre do deserto teve fim, porque sobejou o pão, e faltou a fome. Sobejou o pão: *Superaverunt fragmenta;* faltou a fome: *Saturati sunt.* Mas no milagre do Sacramento, nem a fome, nem o pão, nem os que o comem podem chegar jámais a ter fim, nem deixar de participar por este modo a infinidade que o Corpo de Christo tem no Sacramento. No seu altar mandava Deus que sempre ardesse fogo; e porque? Porque o fogo nunca diz básta; e como a materia do altár era inconsumptivel e o fogo que d'ella se sustentava insaciavel; nem o insaciavel do que comia, nem o inconsumptivel do que se dava a comer, podiam deixar de ser perpetuos. Este era o mysterio que depois se verificou no Sacramento do altar, assim quanto ao corpo como ao sangue de Christo: porque sendo os que o comem insaturavelmente famintos e os que o bebem insaciavelmente sequiosos; nem aos que comem póde faltar jámais a fome, nem aos que bebem, a sede: *Qui edunt me, adhuc esurient, et qui bibunt me, adhuc sitient.*

Joan. 6.
Marc. 8.
Lev. 6.
Prov. 30.

6.º A invisibilidade communicada ao Sacramento. Não ha mister prova, porque a dão os olhos.

VIII. Finalmente o ultimo attributo de que o Verbo se despiu, vestindo-se de nossa carne, foi a invisibilidade divina, fazendo-se de invisivel visivel. Mas se o Verbo, vestindo-se de corpo humano e manifestando-se a nossos olhos, de invisivel se fez visivel; o mesmo corpo, para recuperar a invisibilidade perdida na Incarnação, depois de visivel e visto, encobrindo-se outra vez aos nossos olhos, se tornou a fazer invisivel no Sacramento. Esta primeira parte do nosso assumpto não ha mister prova; porque «não ha cousa mais certa aos nossos mesmos sentidos que esta invisibilidade de Christo no Sacramento, pela qual o não vemos; e comtudo» o cremos e adoramos presente, mais firmemente que se o viramos. Mas a segunda parte do mesmo assumpto, em que até agora mostrámos que as mesmas propriedades da divindade exinanida, não só as recupera em si Christo sacramentado, mas tambem nol-as communica a nós; como se póde verificar ou provar no attributo da invisibilidade? Se fôra n'outro logar, sería difficultoso; n'este em que estamos é evidente.

Fallando a Esposa sancta de Christo sacramentado diz que está encuberto e invisivel detrás d'aquella parede dos accidentes: *En ipse stat post parietem nostrum.* Assim intendem este logar commummente os interpretes. Olhae agora para aquella parede e para estas paredes. Detrás d'aquella parede está o Esposo; dentro d'estas paredes estão as esposas: alli o Esposo invisivel, aqui as esposas tambem invisiveis. Que maior e mais estreita invisibilidade, que aquella que não por um dia, nem por muitos, senão para sempre se negou e se escondeu aos olhos do mundo? Tal é a invisibilidade de Christo no Sacramento; e tal a das Esposas do mesmo Christo. Esta é a grande energia com que a Esposa chamou parede áquelles accidentes: *Post parietem nostrum.* Podera-lhe chamar céu, podera-lhe chamar nuvem. No templo de Jerusalem o que fazia invisivel o propiciatorio, em que estava figurado Christo, era o véu que cobria o *Sancta sanctorum.* No monte Olivete, o que tambem tirou dos olhos dos discipulos ao mesmo Christo subindo ao céu, foi uma nuvem. Pois se os accidentes d'aquella hostia são os que nos tiram aos olhos e nos fazem invisivel o Esposo sacramentado, porque lhe não chama a Esposa véu ou nuvem, senão parede? Porque o véu póde-se correr e a nuvem póde-se mudar, porém a parede é impedimento firme, immovel e immudavel. E este é o modo e encerramento perpetuo com que n'aquella parede e n'estas paredes o Esposo e as esposas estão para sempre escondidas aos olhos humanos.

A invisibilidade que é devida á parede do Esposo e ás paredes das Esposas. *Cant. 2.*

O propheta Isaias fallando com Christo no Sacramento diz: *Vere tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator:* verdadeiramente, Senhor, vós sois Deus escondido e salvador. E fallando do mysterio da Incarnação, diz que a escondida conceberá: *Ecce abscondita concipiet.* Assim se lê no original hebreu, em cuja lingua *escondida* e *virgem* tem o mesmo significado. Christo Deus escondido no Sacramento, e as virgens consagradas a Christo, escondidas na Incarnação. Nem é maravilha que debaixo d'este sagrado nome já então fosse exemplar a Virgem das virgens ás que depois a haviam de seguir: *Adducentur regi virgines post eam.* E pois estamos no ultimo attributo da divindade recuperado por Christo no Sacramento e communicado a estes generosos espiritos, que por seu amor em corpo se fizeram invisiveis, que lhes posso eu dizer por fim senão o que lhes diz S. Paulo: *Mortui estis et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo?* Estais mortos, diz o Apostolo; e não diz demasiado; porque uma vida encerrada entre quatro paredes, nem vista nem visivel, que outro nome lhe vem mais proprio que o de morta ou sepultada? Assim encareceu Job o estado da sua se-

Deus escondido no Sacramento e as virgens escondidas no convento da Incarnação. *Isai. 45.* *Ibid. 7.*

Ps. 44.

Col. 3.

Job. 7.

pultura, não tanto pelo enterrado quanto pelo invisivel: *Nec aspiciet me visus hominis:* nem me verão jámais os olhos dos homens.

Como ellas estão escondidas com Christo, assim hão de apparecer com o mesmo Christo.

Mas posto que esta vossa vida por escondida e invisivel pareça aos outros morta e sepultada, considerae vós, para vossa consolação, onde está escondida e com quem: escondida com Christo e escondida em Deus: *Et vita vestra abscondita est cum Christo in Deo.* Está escondida com Christo, porque tambem Christo está escondido no Sacramento; e está escondida em Deus, porque quanto mais retirada dos olhos humanos, tanto mais se não tiram nunca d'ella os olhos divinos. E sendo esta tão grande consolação, ainda é maior a com que conclúi S. Paulo: *Cum Christus apparuerit vita vestra, tunc et vos apparebitis cum ipso in gloria.* Christo que agora é a vossa vida e alli está, como vós, invisivel e escondido, virá aquelle dia ultimo, em que ha de apparecer e ser visto de todo o mundo; e então tambem vós haveis de apparecer, e verão os olhos a que agora vos negais, quão precioso é e quão agradavel aos divinos, que só vos vêem, o invisivel d'esta vossa clausura; porque assim como agora imitastes a Christo na sua invisibilidade, assim elle visivelmente nos olhos de todo o mundo vos ha de coroar com a sua mesma gloria: *Et vos apparebitis cum ipso in gloria.*

Col. 3.

O Corpo de Christo enche os vazios da nossa necessidade. Eliseu enche os vasos da viuva e José os saccos de seus irmãos. S. Thomás de Valença.

IX. Bem acabava aqui o sermão; mas, em dia e solemnidade tão universal, obrigação é precisa que digamos uma palavra para todos. Se o Corpo de Christo no Sacramento enche os vazios da Divindade, quanto mais encherá os da nossa necessidade? Tudo Deus creou vazio, mas logo encheu tudo. Vazia creou a terra: *Terra autem erat inanis et vacua;* mas logo a encheu por dentro de thesouros e por fóra de plantas e animaes. Vazio creou o céu; mas logo o encheu por dentro de jerarchias e por fóra de sol, lua e estrellas. Vazio creou o mar e o ar; mas logo encheu o ar de tanta variedade de aves e o mar de tão infinita multidão de peixes. Vazios creou aos primeiros homens, como vasos de barro; mas logo os encheu de justiça original e de tantos outros dotes e graças. Tão natural é á divina bondade, que foi, é e será sempre a mesma, encher os vazios de suas creaturas; e assim encherá os da nossa necessidade e pobreza, muito melhor que o oleo de Eliseu, por muitos que sejam: *Vasa vacua non pauca.* Quando os irmãos de José foram buscar pão ao Egypto, todos levavam os saccos vazios, e todos os trouxeram cheios e n'elles juncto o preço; porque este divino pão, que n'aquelle se representava, era pão de graça. E depois que Deus pelo beneficio da Incarnação se

fez irmão nosso, não seria tão bom irmão como José, se recorrendo aos celleiros de sua liberalidade, que no mesmo pão estão encerrados, nos não despachasse cheios e ricos de tudo o que a nossa necessidade lhe presentasse vazio. Chegae, chegae (diz S. Thomás arcebispo de Valença) chegae, não a esta fonte, senão a este oceano immenso de graças, que a todos está exposto, a todos deseja, a todos chama, a todos espera; e por maiores e de maior fundo que sejam os vazios de vossa necessidade, cada um encherá os seus até não poder levar mais: *Oceanus est gratiarum immensus, vas suum quisque ad summum replet.*

Os homens, porém, nem de graça querem os bens do céu.

Mas é tanta (de que me queixarei?) é tanta a fraqueza da nossa fé e tão pouca a estimação que fazemos dos bens do céu, que nem de graça os queremos. Ouvi o que diz a similhantes almas até um poeta gentio: *O curvas animas hominum et coelestium inanes!* Oh almas dos homens, tão brutas e irracionaes como as dos brutos: *curvas*, porque sempre andais encurvadas e inclinadas para a terra e por isso vazias dos bens do céu, *et coelestium inanes*. Por mais que uma alma fosse senhora de toda a terra, e desde a terra ao céu senhora de todo o mundo, sempre ficaria vazia, porque só Deus a pode encher. E tendo nós a Deus tão perto, quantas almas ha indignas d'este nome, que se não chegam a elle, senão por força e a mais não poder de anno em anno? Elle chamou-se pão de cada dia para que todos os dias o comessemos, como faziam os primeiros christãos; e somos chegados a tempo em que se tem por grande christandade e devoção commungar todos os mezes. Que bem competem aos que nem isto fazem, as palavras de Job! *Sic et ego habui menses vacuos:* devendo ser os dias cheios, até os mezes são vazios. Passa-se um mez e outro mez; passa-se um jubileu e outro jubileu; e nem a importancia da graça, nem a conveniencia das graças, (como se não houvera fé, nem outra vida; como se não houvera inferno nem purgatorio) nos permittem os vicios, de que estão cheias as nossas almas, que por meio da contrição e confissão as presentemos áquella sagrada meza vazias.

Devemos encher a alma de graça, para que não seja vazia de boas obras.

Vazias assim dos peccados as nossas almas, (se somos christãos, ou d'aqui por deante o queremos ser) o que deve procurar cada um de nós com verdadeira resolução, são duas cousas: a primeira encher a alma com a graça, para que não esteja vazia; a segunda, encher a graça com obras christãs, para que perseveremos na mesma graça. Qual é a razão, ou defeito, por que os que se confessam e commungam e se poem em graça de Deus, não perseveram na graça muitos dias, e talvez no mesmo dia a perdem? A razão e o defeito é porque, ainda que enchemos a

alma com a graça, não enchemos a graça com as obras, sem as quaes ella não póde permanecer. Consideremos e pesemos bem o que diz S. Paulo de si e o que nos aconselha a nós. O que nos aconselha o Apostolo, que foi ao céu e tornou, é, que não tenhamos a graça vazia: *Ne in vacuum gratiam Dei recipiatis;* e o que nos diz de si, é, que a graça que recebeu de Deus, nunca a teve vazia, e por isso permaneceu sempre n'ella: *Gratia ejus in me vacua non fuit, sed gratia ejus semper in me manet.* Se a graça em nós nunca estiver vazia, como em S. Paulo, tambem será em nós, como n'elle, sempre permanente.

Os vazios que occupavam os vicios, enchel-os com virtudes contrarias.

E se me perguntais, como estará a graça sempre cheia e nunca vazia? Respondo, que enchendo os vazios que na alma occupavam os vicios, primeiro com os actos e depois com os habitos das virtudes contrarias. Em logar da soberba entre em nossas almas a humildade; em logar da intemperança entre a pureza; em logar da inveja a caridade; em logar da ira a mansidão; em logar da gula a sobriedade; em logar da ambição o desprezo do mundo; em logar da vingança o perdão das injurias; em logar do odio o amor do proximo, ainda que seja o maior inimigo: finalmente, em uma palavra, por mais que a natureza corrupta e mal habituada repugne, que o alto e leve desça, e o baixo e pesado suba: porque desta maneira nos conformaremos com todo o exemplar do nosso assumpto, imitando a Deus na Incarnação que desceu a tomar condições de corpo, e a Christo no Sacramento, cujo Corpo subiu a participar os attributos de Deus; os quaes nós tambem gozaremos eternamente na mesa da gloria por graça do mesmo pão que para nós subirmos desceu do céu: *Hic est panis qui de coelo descendit.*

(Ed. ant. tom. 5.º, pag. 231, ed. mod. tom. 6.º, pag. 216.)

SERMÃO DAS QUARENTA HORAS **

PRÉGADO EM LISBOA NA IGREJA DE S. ROQUE, NO ANNO DE 1642

Observação do compiladôr.—Distingue-se este sermão por imagens oratorias, grandiosas e sublimes, e pelo modo eloquente com que explica a instituição das Quarenta Horas para o tempo de entrudo.

Quis mihi det te, fratrem meum, sugentem ubera matris meae, ut inveniam te foris et deosculer te; et jam me nemo despiciat.
Cant. 8.

As palavras do thema segundo os commentos dos Sanctos Padres e do tempo, melhor interprete das prophecias.

Que occultos são os mysterios da Escriptura divina; e que grande doutor é o tempo! Não ha melhor interprete das prophecias, que o successo das cousas prophetizadas; nem ha discurso mais certo para alcançar o que se não intende, que o progresso dos annos. As palavras que propuz são dos famosos canticos de Salomão, em que nenhuma ha que não esteja «embebida» de grandes mysterios. Todos os sanctos padres e doutores sagrados as intendem conformemente de Christo Redemptor nosso e de sua esposa, mas «com alguma differença» nos sentidos. Sancto Ambrosio, sancto Athanasio e S. Gregorio Papa, reconhecem n'ella o mysterio altissimo da incarnação do Verbo, na qual o Filho de Deus, vestindo-se da natureza humana, aparentou comnosco e se fez irmão nosso: *Quis mihi det te fratrem meum.* S. João Chrysostomo, depois de incarnado o mesmo Senhor, o reconhece já nascido e aos peitos virginaes de sua sanctissima Mãe (sua e nossa): *Sugentem ubera matris meae.* Theodoreto, Aponio e Ruperto, não com menos propriedade das mesmas palavras, depois de incarnado e nascido, o adoraram no altar, sacramentado para alimento suavissimo das almas pelas mesmas portas do sentido do gosto: *Et deosculer te.* Aqui pararam e não disseram mais os expositores antigos; sendo sem duvida que se alcançaram a viver na nossa edade, descobriram com a experiencia e com a vista o que nós esta-

mos vendo n'este grande theatro, «e declararam mais extensamente o mesmo texto de Salomão». Não só desejava a Esposa (quando ainda não tinha outro ser que o prophetico e figurativo), não só desejava a Egreja então vêr a seu Esposo sacramentado; mas a respeito da sua presença sacramental como causa considerava n'ella tres effeitos particulares tão maravilhosos como novos. O primeiro vêr o mesmo Sacramento exposto e manifesto, e que saisse fóra dos sacrarios d'onde está encerrado para que ella lhe possa fazer demonstração mais solemne de affecto: *Inveniam te foris, et deosculer te.* O segundo obter que apparecendo em publico o Esposo ninguem mais desprezasse a Esposa: *Et jam me nemo despiciat.* O terceiro, suspirar e desejar ardentemente que acabasse já de vir ao mundo o auctor d'essa grande obra e duvidar quem seria: *Quis mihi det?* Este é o fundamento, e este assim dividido será o argumento do que pretendo dizer.

A memoria da instituição das 40 horas e os effeitos que se seguiram.

Para prova e evidencia de tantas cousas junctas e tão maravilhosas, nem da parte do prégador eram necessarios discursos, nem da parte dos ouvintes intendimento: os olhos e a memoria bastavam. Lembre-se a memoria do que foi e do que viu no tempo passado: abram-se os olhos ao que é e ao que vêem no presente; e esta só lembrança, e esta só vista bastará para que conheçamos e demos graças a Deus pela differença tão notavel de tempo a tempo. Agora me podéra eu descer do pulpito; e só com esta advertencia deixar á memoria e aos olhos a consonancia e dissonancia de tudo o que melhor se póde considerar que dizer. Ponha-se n'este formoso theatro a memoria defronte da vista, e a vista defronte da memoria; e na contraposição d'estes dous espelhos se verá a consonancia maravilhosa do thema, isto é da prophecia com o prophetizado; e a dissonancia ainda mais admiravel dos tempos, isto é do passado com o presente. O passado tão descomposto, o presente tão modesto; o passado tão disforme, o presente tão reformado; o passado tão abominavel, o presente tão louvavel; o passado tão gentilico, o presente tão christão; o passado tão impio, o presente tão sancto. Assim que a memoria e a vista me desobrigavam de quanto posso dizer.

Razão do assumpto.

Mas porque a sensibilidade fraca da nossa natureza não percebe os discursos e consequencias do silencio, nem os encarecimentos mudos da admiração, que é a mais eloquente rhetorica; sendo forçoso que eu haja de fallar; para que diga alguma cousa digna do que a memoria admira na vista e do que a vista quasi não póde crêr á memoria, recorramos á Fonte e á Mãe da graça, para que com ella nos assistam. *Ave Maria.*

II. *Quis mihi det?* Assim como na entrada do templo de Salomão estava edificado um portico do mesmo nome, logar tambem sagrado, no qual primeiro se entrava e d'elle e por elle no templo; ou (para que usemos de melhor e mais alto exemplo) assim como no sacrosanto sacrificio do Corpo de Christo, antes de o sacerdote subir ao altár, pára primeiro na entrada e considera aonde ha de entrar com as palavras de David: *Introibo ad altare Dei*, e com profunda inclinação, batendo nos peitos, confessa a propria indignidade para tão soberanos mysterios, e este rito e sagrada cerimonia se chama o introito da missa; assim antes de entrar no sancto tempo da quaresma (que é o templo da penitencia e o sacrificio em que não só se representa o da nossa redempção, mas nós tambem sacrificamos os nossos corpos ao jejum e ás outras mortificações e penalidades dos sentidos) assim, digo, ordenou a Egreja antigamente, para que esta entrada não fosse subita e sem a devida preparação, que nos dias antecedentes aos quarenta dias seguintes, os altares se vestissem de lucto, no canto ecclesiastico cessassem as alleluias; e tudo quanto se visse e ouvisse nos officios divinos, fossem prégões e ensaios da mesma quaresma; os quaes como tão religiosos e pios se chamavam o introito ou entrada sancta: *Sanctus introitus.*

A entrada do templo de Salomão, a da missa e a da quaresma. *Ps.* 42.

Durou esta observancia e costume verdadeiramente christão por muitos annos em que florescia a Egreja. Mas em fim prevaleceram contra elle e contra ella os abusos e profanidades gentilicas, com tal excesso que as intemperanças dos jogos furiosos de Baccho, chamados por isso *bacchanalia*, se passaram para estes mesmos dias. E porque Luso filho do mesmo Baccho foi «(como alguns dizem)» o que deu o nome á nossa Lusitania, n'ella, como posse hereditaria, não lançaram menores raizes. Chegou a tanto o desprezo da mesma christandade entre os christãos n'estes dias, qual S. Pedro Chrysologo, arcepisbo de Ravenna, o descreve dos gentios de sua diocese, no primeiro dia do anno. Diz que inventou o demonio aquelles que elle chama portentos de impiedade e doidice; e a que fim? Ouçamos as palavras do mesmo sancto, que parece fallava de nós e comnosco: *Ut ridiculum de religione componeret, ut in sacrilegium verteret sanctitatem, ut de honore Dei Deo pararet injuriam.* Tudo o que a Egreja tinha instituido n'estes dias, era religião, era sanctidade, era honra de Deus; e estava tão trocado e profanado tudo, que, o que era honra de Deus, se tinha convertido em injurias do mesmo Deus: *Ut de honore Dei Deo pararet injuriam:* o que era sanctidade se tinha transformado em sacrilegios: *Ut in sacrilegium verteret sanctitatem:* e do que

S. Pedro Chrysologo e o tempo do entrudo.

era religião se tinha composto o ridiculo: *Ut ridiculum de religione componeret.* E que ridiculo foi esse, composto do que era religião? Foi o nome que todos sabemos; mas não sei se reparavamos na composição d'elle. Estes dias pelas obras religiosas e pias com que n'elles se preparavam os christãos para entrar no tempo sancto da quaresma chamavam-se, como dissemos, *Sanctus introitus;* e os mesmos christãos depravados, por desprezo e por materia de riso, tinham composto do mesmo nome outro tão ridiculo, que em logar de lhe chamarem *Sanctus introitus* lhe chamavam *Sancto entrudo.* Não me atrevera a nomear d'este logar tal indecencia, se não fôra tanto do nosso caso e do que logo hei de dizer sobre ella.

Reforma que a Companhia introduziu com a devoção das 40 horas.

E que faria a Egreja catholica assim desprezada e affrontada no meio de tantos escandalos, tão continuos, tão publicos e tão alheios da modestia, compostura, temperança e sobriedade christã? Chorava, gemia e suspirava pelo remedio: *Quis mihi det?* Mas não havia quem lh'o désse. Passavam uns pontifices e outros pontifices; e desprezavam-se suas censuras. Passavam uns reis e outros reis, e desobedeciam-se seus decretos. Nasciam e cresciam umas e outras religiões e seus sanctissimos patriarchas; e posto que todos prégavam com celestial espirito e zelo contra estas impiedades, ellas não só não admittiam cura; mas, como convertidas em natureza, se reputavam incuraveis. Porém como a providencia divina para maior ostentação de sua omnipotencia se préza de obrar as cousas maiores por meio dos instrumentos mais pequenos; assim como, para derrubar o gigante philisteu, escolheu entre os filhos de Jessé o ultimo e de menor edade, que foi David, o qual armado só do nome do Deus de Israel, como elle mesmo lhe disse, lhe cortou a cabeça e a levou em triumpho; assim entre todas as sagradas religiões escolheu Deus a de menor edade, a minima Companhia de Jesus para, em virtude do mesmo nome sanctissimo, derrubar, degollar e triumphar d'este monstro composto de todos os vicios, tão abominavel em si, como na composição de seu nome.

Como foi perseguida esta devoção e como triumphou das perseguições.

Começou a christandade a dar-se o parabem d'este novo e admiravel invento: mas soffrendo mal a emulação que fosse auctora e inventora d'ella, uma religião tão nova, houve quem calumniasse satyricamente esta mesma solemnidade das quarenta horas, dizendo com mordacidade discreta, senão fôra impia, que os padres da Companhia, porque não tinham sanctos a quem festejar, festejavam o *Sancto entrudo.* Verdadeiramente, Senhor, a constellação com que nascestes sacramentado n'este mundo foi de que nunca vos houvessem de faltar traidores; «pois vos sacramentastes na mesma noite da traição» e com

prophecia de que vos haviam de entregar. «O caso é que» quanto á primeira parte da calumnia já a Companhia por mercê de Deus tem sanctos a que tambem festeja: já os seus altares estão bastantemente auctorizados de sanctos confessores; e os seus martyres são tantos que não cabem nos altares. E quanto ao ridiculo da segunda parte, *Ut ridiculum de religione componeret*, saiba o juizo onde se forjou esta mal limada agudeza, que quando a Companhia não viera ao mundo mais que para lhe dar esta volta, sería bem empregado o seu instituto; e quando o espirito e zelo, de que Deus por sua bondade a dotou, não tivera obrado outra cousa grande, bastava este só milagre que estamos vendo para a canonizar por sancta. Mas antes que passemos a esta demonstração que será a corôa do nosso discurso, sigamos por sua mesma ordem as palavras do thema.

Sentido directo e immediato do thema e outro sentido mediato e indirecto.

III. Só vimos quem foi o inventor: *Quis mihi det?* Segue-se agora a traça, o artificio e a efficacia do invento: *Ut inveniam te foris et deosculer te.* O invento foi diz a mesma Egreja que o mesmo Christo sacramentado que n'estes dias tinha razão para se ausentar de nós apparecesse em publico e desencerrado do interior do sacrario, onde estava occulto, saisse fóra «para que ella lhe podesse apresentar as homenagens de seu amor e veneração. Não nego que o sentido directo e immediato das palavras de Salomão se refere a Christo na sua dobrada geração temporal e eterna, exprimindo ao Salvador dos homens em quanto se nos mostra no seio da sua Mãe terrestre e no seio de seu Pae celestial, para ser o objecto do nosso amor e de nossa veneração. Mas este sentido não exclúi, antes é razão de outro indirecto e mediato a que se dedica a presente solemnidade.

Duas supposições que fundam o segundo sentido. Corpo natural e corpo mystico de Christo.

Para intelligencia d'esta verdade» é necessario suppor duas cousas, uma que sabem todos os doutores, outra que poucos teem advertido. A primeira, é que Christo Senhor nosso tem dous corpos, um natural outro mystico e ambos verdadeiros. O natural é o que nasceu no presepio e morreu na cruz. O mystico é a congregação universal de todos os fieis, por outro nome a Egreja, cuja cabeça é o mesmo Christo e os fieis somos os membros. Esta proposição é de fé, expressa em muitos logares de S. Paulo: *Vos autem estis corpus Christi et membra de membro:* em outro logar: *Quia membra sumus corporis eius.* A segunda cousa, tambem certa e de poucos advertida, é que o corpo natural de Christo foi figura do seu corpo mystico; de tal sorte que as acções de sua vida eram prophecias dos successos futuros da sua Egreja. As acções de Christo Senhor nosso no tempo em que viveu n'este mundo demonstravam sómente

1 Cor. 12.
Eph. 5.

o que eram e o que obravam; mas para os tempos futuros da sua Egreja, em que entram os nossos, significavam o que então havia de ser e o que o mesmo Senhor havia de obrar n'ella. Assim se colhe de outro texto do mesmo S. Paulo no qual diz que a edade do corpo mystico de Christo, que é a Egreja, se ha de medir pela edade do corpo natural do mesmo Christo, e que n'ella ha de ter o seu complemento. Isso querem dizer aquellas palavras: *In mensuram aetatis plenitudinis Christi;* e n'este sentido as declarou litteralmente o eminentissimo cardial Guzano, auctor não só sapientissimo, mas extatico, em tractado particular d'esta materia, escripto ha perto de trezentos annos. Isto supposto torne agora a nossa questão.

Ibid. 4.

Sancto Ambrosio explica o thema em um e outro sentido. *De instit. Virg. c. 1.*

O grande doutor da Egreja sancto Ambrosio interpretando as palavras do nosso thema: *Quis mihi det ut inveniam te foris et desculer te,* diz: *Foris factus est qui intus erat. Vide illum intus, quando legis quod in sinu est patris: agnosce illum foris quando vos quaesivit ut redimat:* O Filho de Deus que estava dentro saiu fóra. E onde estava dentro, quando saiu fóra? Estava o Verbo divino dentro, quando estava occulto no sacrario do seio do Padre; e saiu fóra, quando vestido de nossa carne para nos salvar nos veio buscar ao mundo. Vai por deante o mesmo Ambrosio: *Foris sibi factus est, ut mihi intus esset:* saiu fóra de si para estar dentro em mim. «Dera o sentido immediato e directo das palavras: dá agora o mediato e indirecto.» O fim das saidas, «diz elle» foram e são as entradas. Já fóra, já dentro, é o mesmo Christo, mas com effeitos sempre mais maravilhosos, ou incarnado, ou commungado, ou desencerrado, ou exposto. «E quando é que Christo sái mais fóra de si para estar dentro em mim, senão quando sái d'aquelle sacrario para que eu, adorando-o, o receba na communhão? Faz pelo mysterio da eucharistia no seu corpo mystico o que fez no seu corpo natural pelo mysterio da incarnação; e fazia no seu corpo natural pelo mysterio da encarnação, o que havia de fazer no corpo mystico pelo mysterio da eucharestia. Sirva de exemplo o logar onde quiz nascer, quando a primeira vez se nos mostrou no regaço da sua Mãe sanctissima: *Fratrem meum sugentem ubera matris meae.*»

O mysterio de Belem e o da Eucharistia.

Nasceu Christo em Belem e não dentro senão fóra da mesma cidade: *Non erat ei locus in diversorio.* Mas por que razão em Belem, e por que razão não dentro senão fóra? Quanto á primeira parte sancto Agostinho, S. Gregorio papa, S. Bernardo, e todos os sanctos commummente, dizem que quiz o Senhor nascer em Belem, porque Belem quer dizer *Domus panis,* casa de pão: em prophecia que debaixo de especies de pão ha-

via de tornar á nascer outra vez, como nasceu, «na ultima ceia» e nasce todos os dias por virtude das palavras da consagração no Sanctissimo Sacramento do altar. Elle foi o mysterio de nascer em Belem. E o mysterio de nascer não dentro senão fóra da mesma *casa de pão* era prophecia tambem que viria tempo em que debaixo das mesmas especies lhe seria necessario sair fóra, como desejava a Esposa, *Et inveniam te foris;* afim, como ella tambem diz, porque, saindo assim em publico, conseguiria a presença de sua Majestade o respeito que os homens tinham perdido á sua Egreja: *Et jam me nemo despiciat.*

A devoção das 40 horas muda os costumes de Lisboa.

Vistes o que cada dia acontece nos povos e cidades principalmente grandes, levantar-se entre homens sediciosos uma briga ou arruido subito, que na campanha se podéra chamar batalha? Todos puxam pelas armas, e são armas tudo o que de mais perto se offerece ás mãos; chovem os golpes, voam as pedras, uns ferem, outros caem; todos correm e accodem sem saber a quem, ou contra quem, nem a causa; uns incitados do odio e da ira; outros sem ira nem odio; tudo é grita, tudo desordem, tudo confusão. No meio, porém, d'este tumulto popular se apparece uma personagem de grande auctoridade e respeito, no mesmo poncto abatem todos as armas, embainham as espadas, aparta-se sem outra violencia a briga e não ha quem se mova. Tal aconteceu (diz o poeta) n'aquella tempestade do mar, tanto que appareceu o deus «fabuloso das aguas»; e muito melhor direi eu: tal é o que se viu nas nossas tempestades da terra tão furiosas, tanto que appareceu no meio d'ellas o Deus verdadeiro «exposto no Sacramento». Que era Lisboa, que era o mundo n'estes dias, senão um mar tempestuoso e uma tormenta desfeita? Soltava-se a gula, desenfreava-se a ira, libertava-se a injustiça, desbaratava-se o siso. E com estes quatro ventos tão soltos e furiosos que ondas se não levantavam, entre os homens, de affrontas e injurias mal soffridas! Que naufragios não fazia a compostura e urbanidade politica, a modestia e caridade christã, e a mesma vida, sem causa, nas brigas, nos insultos, nas feridas, nas mortes, sendo os instrumentos d'esse destroço a agua, o fogo, o ferro, as pedras e tudo o que podia inventar a loucura e occorrer ao furor. E quem imaginava que toda esta tempestade havia de serenar uma nuvem «milagrosa», da qual mais naturalmente se podia esperar ou temer raios? Mas assim a serenou com o silencio e attenção que vemos: porque n'aquella nuvem appareceu o Senhor do mar e dos ventos: *Qualis est hic, quia venti et mare obediunt ei?*

Matth. 8.

A tempestade do mar Tiberiades e a do entrudo em Lisboa.

V. Já n'estas ultimas palavras tenho feito christã a comparação fabulosa. Pela travessa do mar de Tiberiades navegava Christo

com os apostolos, quando se levantou uma tal tempestade que elles, com serem creados no mar, se deram por perdidos. O Senhor no mesmo tempo dormia: *Ipse vero dormiebat*. Espertaram-no a grandes vozes dizendo: *Salva nos perimus*. E que faria e diria aquella vigilante providencia, que ainda quando «parece dormir», não dorme? Aos apostolos reprehendeu-os de pouca fé, *modicae fidei;* ao vento mandou-lhe que parasse; ao mar que se não bulisse: e no mesmo poncto, o que era furiosa tempestade, ficou a mais socegada bonança: *Imperavit ventis et mari, et facta est tranquillitas magna*. Em tudo foram similhantes aquelle caso e o nosso; porém no nosso maior é a tempestade, maior o milagre e maior a fé. Maior a tempestade; porque a d'aquelle dia levantaram-na os mares e os ventos, que sempre obedecem a seu Creador; e a d'estes dias levantava-a o appetite, a paixão e o livre alvedrio humano, cuja rebeldia só póde resistir a Deus e dizer-lhe na cara: Não quero. Maior o milagre; porque lá foi necessario espertar Christo do somno; levantar-se, apparecer visivel aos dous elementos, reprehendel-os, como diz S. Lucas: *Increpavit;* e mandou-lhes com imperio que se socegassem: *Imperavit ventis*. Porém cá sem apparecer nem se mostrar visivel, sem fallar, sem reprehender, sem mandar, e sem acordar do somno, sendo tantos os elementos alterados, quantos são os homens, todos socegaram em um momento e se pozeram na paz que vemos. E disse sem espertar do somno; porque o somno não é outra cousa que uma doce prisão de todos os sentidos do corpo. E tal é o estado do Corpo de Christo no Sacramento por força do modo Sacramental; e posto que o Senhor alli nos está vendo sempre em quanto Deus e com os olhos da alma em quanto homem; os do corpo não só lh'os vendou o nosso amor, mas lhe embargou junctamente de todos os outros sentidos o uso. Finalmente foi maior a fé: porque a fé dos apostolos n'aquelle tempo era muito fraca: *Modicae fidei*. Muito fraca, porque cuidaram que Christo podia menos dormindo que accordado: muito fraca, porque bastando a vontade do Senhor sómente para o milagre, foram necessarias todas aquellas acções exteriores e visiveis para que elles cressem que a obediencia dos ventos era effeito do seu imperio; e por isso lhes tornou a dizer então: *Ubi est fides vestra?* Em summa muito fraca, porque, como affirma expressamente entre os padres antigos S. João Chrisostomo e entre os expositores mais graves Dionysio Carthusiano, os apostolos n'aquelle tempo ainda não criam a divindade de Christo. E quando «os primeiros» apostolos na tempestade de Tiberiades tiveram tão pouca fé, a fé dos «novos» apostolos (nome que a Companhia de Jesus deve a

Luc. 8.

tugal) foi tão grande, tão animosa, tão firme, que, sendo a tempestade maior que o mar e tão immensa como o mundo todo, creram e suppozeram com evidencia, que para o mesmo Senhor a socegar em um momento não era necessario accordar, nem levantar-se, nem fallar, nem mandar, nem mostrar-se visivel, nem correr aquella cortina «das especies sacramentaes»; mas debaixo e coberto d'ella saír sómente fóra. Este sim que foi o maior triumpho do sacramento do Corpo de Christo; e se póde dizer com razão que permittiu Deus esta grande tempestade só para estabelecer a fé do mesmo Sacramento.

Porque á multiplicação dos pães se seguiu a tempestade do mar de Tiberiades.

Depois do famoso milagre da multiplicação dos pães no deserto, seguiu-se immediatamente o milagre da tempestade que padeceu a barca de S. Pedro, a qual o mesmo Christo socegou com sua presença. E porque não se podesse cuidar que a consequencia d'estes dous milagres succederia acaso, notam os evangelistas, que obrando o primeiro milagre em terra logo o Senhor dispoz o segundo, que havia de obrar no mar, obrigando os discipulos por força a que se embarcassem: *Et statim coegit discipulos suos ascendere navim;* diz um evangelista; e outro: *Et statim compulit discipulos ascendere in naviculam.* Notem-se as duas palavras *coegit et compulit*, que ambas significam a resistencia dos discipulos, o empenho do Mestre, e ser a viagem forçada. Qual foi logo a razão, ou o mysterio, por que ordenou o Senhor que ao milagre de multiplicar os pães succedesse immediatamente, *statim*, o de applacar a tempestade? Admiravelmente o descobriu S. Marcos: *Cessavit ventus, et plus magis intra se stupebant: non enim intellexerunt de panibus.* Tanto que viram cessar a tempestade, pasmaram muito mais todos; e pasmaram, porque não tinham intendido o milagre dos pães. De sorte que ordenou o Senhor que ao milagre da multiplicação dos pães succedesse immediatamente o da tempestade socegada com a sua presença, para que o testemunho do segundo milagre confirmasse a verdade do primeiro; e a evidencia da tempestade applacada, que viam, lhes ensinasse o mysterio dos pães multiplicados, que não intenderam: *Non enim intellexerunt de panibus.* Ora vêde.

Marc. 6.

Matth. 14.

Marc. 6.

O milagre dos pães multiplicados primeiro ensaio do Sacramento. Confirma-o a tempestade.

O milagre dos pães multiplicados foi o primeiro ensaio ou a primeira prova do Sacramento; porque, assim como Christo multiplicou o pão e com elle multiplicado sustentou tantos mil homens, assim debaixo das especies do pão havia de multiplicar o Sacramento do seu corpo, que no mesmo Sacramento está multiplicado em todas as partes do mundo. Tanto assim que sobre aquelle mesmo milagre, como consta do cap. 6.º de S. João, assentou Christo toda a fé e doutrina do que elle en-

sinou, e nós cremos, do Sanctissimo Sacramento do altar. Sobre aquelle milagre disse: *Hic est panis qui de coelo descendit*. Sobre aquelle milagre disse: *Caro mea vere est cibus*. Sobre aquelle milagre disse: *Qui manducat hunc panem, vivet in aeternum*. E como os discipulos não intenderam os mysterios occultos do pão multiplicado; por isso o Senhor ajunctou logo ao milagre do pão multiplicado o da tempestade socegada só com a sua presença, para que a experiencia manifesta do milagre, que viam, os instruisse e confirmasse na fé do que não intenderam: *Cessavit ventus, et plus magis intra se stupebant: non enim intellexerunt de panibus*.

Os mesmos herejes o estão vendo em Lisboa.

Mas com quem fallarei eu agora? Passo da terra ao mar e fallo comvosco, ó navegantes d'essas náos septentrionaes, que de todos os portos do norte vos achais agora no de Lisboa. Muitos de vós enganados por Calvino, por Beza, por Zuinglio e pelos outros herejes negais a fé e a verdade da presença de Christo no Sacramento. E que vos direi eu para vos convencer? Lembrae-vos do que vistes n'este mesmo emporio e n'estes mesmos dias; e abri os olhos ao que agora podéis vêr. Lembrae-vos da tempestade que n'estes dias vistes em Lisboa, maior que todas as que experimentastes no mar, e por medo da qual vos não atrevieis a sair em terra; e se algum saía, ou tornava ferido, ou não tornava. E vendo agora a tempestade convertida em tão estupenda bonança, toda aquella guerra em paz, todo aquelle tumulto em silencio, todas aquellas doidices em siso, e toda aquella confusão e perturbação das ruas e praças em piedade, em devoção, em culto divino nas egrejas; com a vista defronte da memoria e os effeitos á vista da causa, d'este segundo e tão estupendo milagre não podeis negar a fé e verdade do primeiro. Obriga-vos, pois, a conhecer e confessar, apezar da heresia e do inferno, que dentro d'aquelle circulo breve e debaixo d'aquelles accidentes que parecem de pão, está realmente presente o verdadeiro e todo poderoso Deus; pois só a sua omnipotencia podia obrar uma tão prodigiosa mudança, sem outro instrumento ou meio natural e humano mais que abrirem-se as portas ao sacrario, onde o divinissimo Sacramento estava encerrado e sair fóra, «accudindo aos desejos da Egreja catholica sua amantissima esposa: *Quis mihi det, ut inveniam te foris et deosculer te; et jam me nemo despiciat?*»

E assim alcançou a Egreja que ninguem a desprezasse. Mysterio das injurias feitas a Christo antes de morrer e dos obsequios depois da morte.

V. E verdadeiramente «que (deixados os herejes) a Egreja catholica alcançou com subida gloria o que se promettia d'este novo e milagroso invento;» e era que ninguem depois d'elle a desprezaria: *Et jam me nemo despiciat*. Mostremos «mais claramente» este milagre e fechemos todo o discurso com uma chave,

se eu me não engano, de ouro. Pregado Christo na cruz era tão deshumano o odio de seus inimigos que ainda alli lhe multiplicavam as dôres, as injurias, as affrontas, e, com varias illusões e allusões ao que tinha dicto em vida, as blasphemias. Blasphemaram-no os escribas e phariseus; blasphemavam-no os principes dos sacerdotes; blasphemavam-no os soldados que lhe jogaram as vestiduras; blasphemavam-no todos os que assistiam no Calvario e até os que passavam longe lhe não perdoavam as blasphemias: *Praetereuntes blasphemabant eum*. Espirou em fim o Senhor mais depressa do que se imaginava. Quiz-se assegurar um soldado de que estava morto, abrindo-lhe o peito com a lança; saiu da ferida sangue e agua; e desde o mesmo poncto se trocaram as cousas de sorte que aos opprobrios succederam obsequios, ás affrontas honras, ás injurias e blasphemias venerações não imaginadas. Esta foi a mudança subita; e tão digna que o mesmo evangelista a notou, e quiz que todos a advertissem. Acabava de narrar o acto cruel da lançada; e logo accrescenta com ponderação emphatica, *Post haec autem:* porém depois d'isto.... E depois d'isto que foi? Tudo o contrario do que d'antes tinha sido. Antes de agora os discipulos publicos e conhecidos fugiram; *Post haec autem:* porém agora os discipulos que eram occultos se publicaram e declararam descobertamente pela sua parte e em serviço de seu Mestre e Senhor. Até agora não havia quem se atrevesse a fallar por elle uma palavra, nem a lhe dar uma sede de agua; *Post haec autem,;* porém agora *audacter* animosamente e sem temor entraram pelo pretorio de Pilatos a demandar o sagrado corpo para lhe dar honorifica sepultura. Até agora tinha mandado Pilatos que para morrer mais depressa lhe quebrassem os ossos, como aos outros dous crucificados; *Post haec autem,* porém agora o mesmo Pilatos não só concedeu liberalmente o que era vedado a todos os que morriam por justiça, mas fez doação do corpo defuncto, como diz S. Marcos, *Donavit corpus Joseph;* para que se lhe fizessem as exequias e honras publicas, succedendo á desnudez as hollandas, ás feridas os balsamos e aromas, e á pobreza e desamparo o culto, a veneração e a pompa funeral: *Sicut mos est judaeis sepelire*.

Matth. 27.

Marc. 15.
Joan. 19.

Dous discipulos ou creados fieis, José e Nicodemus, foram os ministros d'estas finezas; e n'elles se representaram todos os estados e n'ellas todas as virtudes christãs que vemos e já não admiramos n'este famoso concurso, tudo notado pelos quatro evangelistas. Concorreram os principes: «Nicodemus era» *Princeps judeorum*. Concorreram os conselhos: «José de Arimathéa» *non consenserat consilio eorum*. Concorreram os doutores e let-

Nos dous discipulos que o sepultaram é venerado por todas as ordens de pessoas.
Joan. 3.
Luc. 23.
Marc. 15.

trados: Nicodemus era *magister in Israel.* Concorreu a nobreza e milicia: José de Arimathéa era *nobilis decurio:* finalmente concorreu «em ambos» a bondade e justiça, concorreu a riqueza, concorreu a liberalidade, concorreu em tudo o asseio, o primor, o preço, a decencia, a novidade, não havendo cousa que houvesse tido outro uso ou servisse a outrem, a mortalha nova e a sepultura nova.

Esta mudança foi devida ao sacramento do sangue que lhe saiu do lado.

Ao nosso poncto agora. Supposto que esta mudança tão notavel de affrontas e desprezos de Christo com obsequios e venerações do mesmo Christo se seguiu immediatamente ao golpe da lança, *Post haec autem*, que segredo, que mysterio, ou que effeito obrou aquella lançada para que d'ella resultasse uma tão prodigiosa mudança? Por ventura foi a chaga do lado que se abriu no peito do Senhor? Não foi «tancto» a chaga que se abriu, como foi o que por ella logo saiu: *Continuo exivit sanguis et aqua.* Ora vêde. Todos os sanctos padres sem excepção alguma dizem que assim como do lado de Adão dormindo tirou Deus a costa de que formou a Eva, assim do lado de Christo morto sairam os sacramentos de que formou sua esposa a Egreja. Mas entre estes mesmos sacramentos houve uma grande differença; porque os outros sacramentos sairam do lado de Christo symbolicamente e só em representação; porém o Sanctissimo Sacramento do altar saiu em realidade. O que saiu foi sangue e agua; e aquelle sangue é realmente o mesmo sangue que adoramos no calix; e o calix usual em que Christo o consagrou e nós o consagramos tambem levou e leva junctamente agoa. E como aberto o lado de Christo saiu fóra o Sanctissimo Sacramento; *Exivit sanguis et aqua;* por isso no mesmo poncto as affrontas e desprezos de Christo cessaram e se converteram em obsequios e venerações; que é o que a Esposa esperava e dizia: *Ut inveniam te foris, et iam me nemo despiciat.*

Por isso não diz o evangelista que o lado foi ferido, senão que foi aberto. Sancto Agostinho.

Notou n'este caso Sancto Agostinho que não disse o evangelista que o soldado feriu o lado, senão que o abriu: *Non dixit percussit aut vulneravit, sed aperuit.* E disse *aperuit* com grande mysterio, accordo e advertencia, como accrescenta o mesmo sancto, *Vigilanti verbo;* porque no sacrario do peito de Christo estava encerrado o Divinissimo Sacramento; e tanto que as portas do mesmo sacrario se abriram com o ferro da lança que foi a chave, assim como no mesmo poncto saiu fóra não em figura senão em realidade e em sua propria substancia o Sacramento; assim no mesmo poncto em que elle saiu, se seguiram as maravilhas de tão prodigiosa mudança: *Post haec autem.*

Este Sacramento reformou a Egreja. Ruperto. Lib. 2 *de op. Spir. S.* c. 19.

D'este modo o tinha eu imaginado não sem grande dôr de não ter quem me confirmasse a novidade do pensamento, quando

fui achar, que ha perto de seiscentos annos o tinha escripto Ruperto Abbade, o mais douto e agudo expositor do seu tempo, por estas expressas palavras: *De patefacto Christi latere sanguinis et aquae sacramentum productum est: exinde statim ecclesia reformata.* Todas as palavras dizem o que eu quero dizer, o que tenho dicto e o que diz o texto. A Egreja até agora n'estes dias estava não só desforme, mas em muitos dos seus membros quasi que eu digo informe: desforme porque tinha perdido a sua formosura; e informe porque parecia «nos procedimentos d'elles» mais gentilica que christã e por isso era desprezada». Mas tanto que viu fóra o Divinissimo Sacramento, o vel-o fóra foi o mesmo que ficar ella tão outra, tão mudada, tão differente do que pouco antes era, e tão reformada e transformada no que d'antes tinha sido, como a vemos; «e por isso tem toda a razão de dar-se o parabem, porque tirou a seus inimigos todo o pretexto de desprezal-a: *Et exinde statim Ecclesia reformata: Et iam me nemo despiciat.*»

VI. Ainda não está esgotado o mysterio do sangue e agua. Assim como Ruperto e outros doutores pela união da agua elementar que se consagra no calix (qual foi a que saíu do lado) suppõi n'ella e no sangue um só sacramento, que é o da Eucharistia; assim outros, porque esses dous sagrados licores saíram divididos e distinctos, um primeiro, e outro depois, na agua reconhecem o sacramento do baptismo e no sangue o Sanctissimo do altar. Não acaso, senão com altissimo conselho (diz S. João Chrysostomo) brotaram do peito aberto de Christo duas fontes, uma de agua e outra de sangue, como sabem todos os christãos: pela agua que é materia do sacramento do baptismo somos todos regenerados, e pelo sangue que é a do Sacramento do altar sustentados. O mesmo diz S. Jeronymo, S. Cyrillo Alexandrino, e Tertulliano em mais breves palavras: *Ut qui aqua se lavassen, etiam sanguinem potassent.* Mas d'esta mesma sentença tão recebida resulta uma bem fundada duvida. Primeiro é o sacramento do baptismo que o do altar: assim o acaba de dizer Tertulliano: assim o notou o mesmo S. Chrysostomo: *Nam prius aqua diluimur, postea mysterio dedicamur*: assim o significou a figura do Velho Testamento; porque primeiro chovia do céu o orvalho em significação do baptismo, e depois caía do mesmo céu o manná em representação do Divino Sacramento. Logo do mesmo modo e pela mesma ordem primeiro havia de saír do lado de Christo a agua e depois o sangue. Pois por que razão saíu primeiro o sangue, e depois a agua: *Exivit sanguis et aqua?*

O Sangue e agua que saiu do lado de Christo segundo o commento dos Sanctos Padres.

Porque saiu o Sangue primeiro que a agua. S. Thomás 3 p. q. 65. art. 3, q. 69 art. 1.

«Porque na Egreja, como nota o doutor angelico, tudo mediata ou immediatamente se refere á Eucharistia e d'ella recebe força e vigor; tudo, a saber, a prégação, os sacramentos, a liturgia e a jerarchia; e como a eucharistia é a fonte d'onde manam todos os outros, por isso foi o sangue que saindo primeiro trouxe a agua e não foi a agua que trouxe o sangue». Boa é esta razão e a verdadeira pela qual «se explica a razão por» que a mudança tão notavel que estamos vendo «é devida á Eucharistia. Porém a que acho no psalmo 22 tem mais profundo mysterio»: *Calix meus inebrians, quam praeclarus est*: o meu calix, diz aquelle Senhor Sacramentado, oh quão insigne, oh quão excellente, oh quão admiravel é! Em que? Quem se atrevera ao pronunciar se o mesmo Christo o não dissera? E' insigne, é excellente, é admiravel e particularmente milagroso em embriagar «de meu amor.» Assim é.

As divinas embriaguezes do calix de Christo. O Psalmo 22 no commento dos Sanctos Padres.

Todos os sanctos padres celebram os admiraveis effeitos d'este divino calix não com outro nome, senão o de embriaguez. S. Cypriano: *Calix Domini viventes inebriat, ut sobrios faciat, et mentem ad spiritualem sapientiam dirigat*. Sancto Ambrosio: *Haec ebrietas sobrios facit, haec ebrietas gratiae non temulentia est*. S. Bernardo: *Illa ebrietas vero non mero ingurgitans, non madens vino, sed ardens Deo*. Querem dizer estes sanctos, que a embriaguez do calix divino, chamando-lhe todos embriaguez, é similhante, mas contraria á do calix profano. A do calix profano de sisudos faz loucos; a do calix divino de loucos faz sisudos. A do profano de sobrios faz intemperantes; a do divino de intemperantes, sobrios. A do profano, de modestos, furiosos; a do divino, de furiosos, modestos. A do profano, de pacificos, discordes e bellicosos; a do divino, de discordes e inquietos, pacificos. A do profano, de pios, impios; a do divino, de impios, espirituaes e devotos. A do profano, de racionaes, brutos; a do divino, de feras, homens. A do profano, de catholicos, atheus; a do divino, de gentios, christãos. A do profano, de livres, escravos do gosto, do appetite, da paixão; a do divino, de escravos, senhores de todas as paixões da sua alma e de si mesmos. Emfim a do profano é causa de todas as profanidades e escandalos que se lembra a memoria; a do divino, de toda a piedade, religião e exemplo mais celestial que da terra, mais angelico que humano, que estão vendo os olhos. Estas são as divinas embriaguezes do calix de Christo; que por isso se não affronta, mas preza muito de lhe chamar seu: *Calix meus inebrians*.

As mudanças que este calix causou na Egreja.

O que o mesmo Senhor accrescenta a estas palavras é o que as faz não só admiraveis, mas estupendas: *Calix meus*

inebrians quam praeclarus est! Este meu calix, cuja embriaguez causa tal mudança nos intendimentos e juizos humanos, oh quão claro é e mais que claro: *Quam praeclarus est!* É admiração do mesmo Christo sacramentado. Como se dissera: Sendo tanta a escuridade, não de um, nem de muitos homens, senão das cidades inteiras e do mundo todo envolto e revolto nas trevas da ignorancia, da doidice, da confusão, da cegueira, do desatino; que apparecendo o meu Sacramento, como o sol na noite mais escura, mais tempestuosa e mais horrenda, subitamente a esclarecesse, amanhecendo aos homens convertidos em brutos e feras o lume da razão, é maravilha, é milagre, que causa «necessariamente» admiração e espanto. E como o mundo nas profanidades d'estes dias se tinha desbaptizado e feito gentio e por virtude do Sacramento do «meu sangue» se havia de tornar a rebaptizar e fazer outra vez christão, «por isso o sangue se apressou tanto a sair do meu lado e agora me causa nos seus effeitos tão agradavel admiração: *Calix meus inebrians quam praeclarus est!* É o commento de Ruperto: *De patefacto Christi latere sanguinis et aquae sacramentum productum est, et exinde statim Ecclesia reformata.*» E isto é o que experimentou a Egreja n'estes dias, primeiro fataes e depois prodigiosos, em duas mudanças notaveis. No principio da sua instituição eram tão pios, espirituaes e devotos os christãos e tão sagrados estes dias, que por serem a entrada d'aquelles quarenta a que a mesma Egreja chama *Dies salutis*, se chamaram elles, como vimos, o introito sancto, *Sanctus introitus.* Mas foi tal a mudança e descaimento d'este tão sancto e perfeito estado, que imitando os mesmos christãos as festas e liberdades do mais livre e insano deus dos gentios, se não distinguiam d'elles mais que no nome; conservando só o da fé morta nos costumes e no abysmo de taes profanidades verdadeiramente sepultada. A segunda mudança foi depois de muitas centenas de annos resuscitar do profundo d'aquella miseria á felicidade da piedade christã e á consonancia d'este sancto nome a que a vemos restituida. E se alguem me perguntar; qual d'estas duas mudanças foi mais admiravel se a da morte, ou a da resurreição; se a da sanctidade ao extremo dos vicios, ou a dos vicios á antiga virtude e sanctidade, digo que na mesma morte e na mesma resurreição temos a resposta. Assim como a morte não é digna de admiração alguma, assim o degenerar a sanctidade em vicios não tem que admirar: porque a propria inclinação e peso da natureza corrupta leva o homem ao peior e o precipita, sem parar, aos abysmos mais profundos de toda a maldade. E tal foi aquella primeira e pas-

sada mudança. Porém a segunda e presente, assim como a resurreição á natureza é impossivel, e á omnipotencia um dos maiores milagres; assim a virtude e sanctidade, depois de perdida e por muitos tempos morta e sepultada, tornar outra vez a reviver, surgir e restituir-se á formosura do seu primeiro e florescente estado é uma cousa tão difficultosa, tão ardua e digna de toda a admiração e espanto «como depois da corrupção da morte é o milagre da resurreição.»

As nossas cidades e a Babylonia do Apocalypse, c. 12.

VII. E para que os mesmos olhos, que se admiram, vejam «ainda mais claramente o prodigio d'esta mudança, entre por ultimo» no theatro a mesma profanidade «que foi vencida e subjugada neste triumpho do calix do Senhor: *Calix tuus inebrians quam praeclarus est.*» Viu S. João no seu Apocalypse uma mulher tão ornada nos vestidos, como desordenada na vida, a qual tinha na mão um calix de ouro cheio de todas as abominações e torpezas: *Habens poculum aureum in manu sua plenum abominatione et immunditia.* Com este calix convidou e provocou a todos os habitadores da terra a que bebessem. Beberam; e pela efficacia da bebida perderam todos o juizo: *Et inebriati sunt, qui habitant terram, de vino Babylonis.* Chamava-se aquella mulher *Babylon,* Babylonia; e foi tal a embriaguez dos que beberam o seu calix, como verte com discreta propriedade o texto arabico, que todos ficaram babyloniados: *Biberunt omnes populi et babyloniati sunt.* As cidades babylonizadas: e ficou Jerusalem uma Babylonia, Roma outra Babylonia, Lisboa outra Babylonia; e em cada cidade tantas Babylonias, quantos eram os habitadores d'ellas; trocada toda a ordem em confusão, que isso quer dizer Babylonia: trocado todo o juizo em insania, toda a paz em discordia, toda a quietação em tumulto, toda a urbanidade em descortezia e affrontas.

Como caiu esta Babylonia prostrada aos pés de Christo no Sacramento. *Apoc. 14. Isai. 21.*

Emfim tudo em toda aquella perturbação indigna do tracto não só christão, mas humano, de que se lembra com horror hoje a nossa memoria. Esta era a deplorada miseria e o estado mais que miseravel, a que tinha reduzido todo o mundo o calix profano da mão de Babylonia. Senão quando apparece Christo n'aquelle throno, como o viu David, com o calix divino cheio de toda a sanctidade e pureza: e que succedeu no mesmo momento? Os anjos clamaram a vozes: *Cecidit, cecidit Babylon:* caiu, caiu Babylonia, porque caiu vencida, prostrada e convertida aos pés de Christo; «e por isso admirado o mesmo Rei da gloria d'este seu triumpho repete em melhor sentido as palavras que disse antigamente d'aquella soberba corte dos assyrios:» *Babylon dilecta mea, posita est mihi in miraculum.* Tú, ó Babylonia, que d'antes eras louca e agora sisu-

da; d'antes impia e agora pia; d'antes profana agora religiosa; d'antes gentilica, agora verdadeiramente christã: tu que d'antes eras tão abhorrecida de mim e agora és a minha amada, *dilecta mea*, tanto me admiro de te vêr tão mudada, tão convertida, tão outra, que não havendo para minha sabedoria cousa maravilhosa, tu para mim es um milagre; *Posita es mihi in miraculum.*

Parabem á Egreja pela instituição das Quarenta horas.

«Este, senhores, foi o beneficio que trouxe á Egreja a instituição das Quarenta horas.» Que resta, pois, senão que demos o parabem á Egreja catholica e as graças ao Divinissimo Sacramento? Parabem vos seja, Egreja sempre sancta e hoje mais sancta; parabem vos seja o verdes tão felizmente cumpridos os vossos anciosos desejos. Desejaveis que se acabassem os vossos desprezos: *Et jam me nemo despiciat*; e os mesmos que não ouviam vossas exhortações nem observavam vossos preceitos como deviam, aqui os tendes todos n'este nobilissimo e innumeravel concurso obedientes e rendidos com toda a veneração e culto que vos é devido. Desejaveis que houvesse alguem que inventasse algum novo e efficaz remedio com que curar aquellas tão inveteradas chagas, que tanto vos affligiam: *Quis mihi det?* E n'esta minima Companhia, d'onde menos se podia esperar, e n'esta casa, donde já se vai derivando a outras, o achastes efficacissimo. Desejaveis que depois do mysterio da incarnação o mesmo Deus sacramentado saisse fóra do encerramento dos seus sacrarios: *Ut inveniam te foris*, para que entrassem em si os que tão fóra de si andavam; e aqui os tendes prostrados deante d'aquelle já triumphante throno, exposto o mesmo Sacramento aos obsequios dos que d'antes se retirava por não soffrer presente as suas injurias. Bemdicta e louvada seja Senhor, a vossa sabedoria; que ella foi inventora de tão soberano remedio. Bemdicta e louvada seja a vossa omnipotencia, que só ella o podia facilitar. Bemdicta e louvada seja a vossa providencia, que o guardou para nossos tempos. Bemdicta e louvada seja a vossa justiça, que assim levantou o castigo, de que nós eramos os réus e os executores. Bemdicta e louvada seja a vossa bondade. Bemdicta e louvada seja a vossa misericordia. Bemdicta e louvada seja a vossa divindade e humanidade; e para dizer em uma palavra o que se resume em todas: Bemdicto e louvado seja o Sanctissimo Sacramento.

(Ed. ant. tom. 11.º pag. 171, ed. mod. tom. 8.º pag. 353.)

SERMÃO DO SANCTISSIMO SACRAMENTO **

PRÉGADO NO REAL CONVENTO DA ESPERANÇA EM LISBOA NO ANNO DE 1669.

Observação do compilador.—Lá vai outro nobilissimo panegyrico do Sacramento; cujo assumpto é ingenhosamente tirado do logar onde foi prégado. Note-se muito a argumentação.

Hic est panis qui de coelo descendit.
S. Joan, 6.

Parece que no Sacramento está satisfeita a fé e a caridade, mas não a esperança.

Que satisfeita está hoje a fé, e que satisfeita a caridade! Só a esperança parece que não está, nem póde estar satisfeita. Está satisfeita a fé; porque se vê sublimada a crêr a verdade do mais alto, do mais profundo e do mais escondido mysterio: *Caro mea vere est cibus.* (Joan. 6.) Está satisfeita a caridade, porque se vê abraçada intimamente com Deus no laço da mais estreita e da mais amorosa união e da mais reciproca: *In me manet et ego in illo.* (Ibid.) Só a esperança parece que não está, nem póde estar satisfeita no Divinissimo Sacramento; porque se lhe nega o que deseja; porque se lhe encobre o que suspira; porque se lhe retira o que segue; e porque na mesma presença se lhe ausenta o que espera. Está Deus alli para a fé; está Deus alli para a caridade; e só para a esperança não está alli. Está alli para a fé; porque o objecto da fé é Deus crido: está alli para a caridade; porque o objecto da caridade é Deus amado; e não está alli para a esperança; porque o objecto da esperança, como ensina S. Paulo, é Deus visto. A Deus invisivel póde-o crer a fé; a Deus invisivel póde-o abraçar a caridade; a Deus invisivel não o póde lograr a esperança. Se o objecto da esperança é Deus visto, e a essencia do Sacramento é Deus não visto, nem visivel (porque isso se chama Sacramento); como estará a esperança satisfeita n'este desvio, contente n'este desengano e socegada n'este impossivel? Firme sim, constante sim, animosa e anciosa sim: mas satisfeita, contente e socegada, não fôra a es-

perança, se assim estivera. Pois por certo. Senhor, não é a vossa condição tão esquiva, nem o vosso coração tão pouco humano, que o não obriguem desejos, que o não solicitem ancias, que o não penetrem suspiros, que o não enterneçam saudades. E se este é o ser e o exercicio contrario da esperança; como se esqueceu tanto d'ella vossa providencia n'este mysterio, que parece vos sacramentastes sómente para accrescentar novos pezares a seus desejos e um perpetuo martyrio a suas ancias?

E comtudo está satisfeita tambem a esperança. Prova-se.

A satisfação d'estas queixas será hoje a materia do nosso discurso: para que o nome e circumstancia do logar dê novidade á celebridade do dia, verá a esperança queixosa os extremos de fineza que deve a Christo sacramentado; e nós veremos sem queixa do mesmo Sacramento que, posto que se chame mysterio da fé «e milagre da caridade», encerra «eguaes» mysterios «e milagres» da esperança. *Ave Maria.*

No céu não ha esperança; por isso o Sacramento é pão que desceu do ceu.

II. *Hic est panis qui de coelo descendit.* Este é o pão que desceu do céu. E porque desceu do céu este pão? Só para exercicio da fé, só para augmento da caridade? Não: digo que desceu do céu o pão do céu «tambem» para satisfação da esperança. Ora vêde. Perguntam os theologos, se ha esperança no céu; e resolvem todos com Sancto Thomás, que nem no céu, nem no inferno ha esperança, A razão é, porque o bem que fôr objecto da esperança, ha de ter estas duas condições: ser possivel e ser futuro: possivel, porque o impossivel não se deseja: futuro, porque o presente não se espera. E como o summo bem que é o objecto da esperança sobrenatural no inferno já não é possivel, e no céu já não é futuro; por isso nem no céu nem no inferno póde haver esperança. A esperança ou no céu, ou no inferno, sempre se perde: no céu pela vista de Deus; no inferno pela desesperação da mesma vista. Succede-lhe á alma com a esperança o que a Moyses com a terra da Promissão e ás virgens prudentes com as companheiras. Moyses levou á terra de Promissão os israelitas, mas não entrou lá: as virgens prudentes entraram no céu, mas as companheiras ainda que chegaram á porta ficáram de fóra. A mais fiel companheira da alma é a esperança: porém é tal a ventura da alma e tal a sorte da esperanca, que quando a alma se lhe abrem as portas do céu, á esperança fecham-se: a alma entra, a esperança fica de fóra. E como a esperança não podia subir, nem entrar no céu; que fez Deus para satisfazer á esperança? Desceu e saiu do céu em disfarces de pão: *Hic est panis qui de coelo descendit*: para que a esperança que o não podia gozar da parte de dentro o gozasse da parte de fóra.

Levado o propheta Ezechiel em espirito, desde Babylonia, onde estava captivo, á cidade e templo de Jerusalem, mostrou-lhe um anjo o sanctuario com a porta fechada; e disse-lhe que fóra d'aquella porta assim fechada se assentaria o principe á meza para comer o pão na presença do Senhor: *Porta haec clausa erit; princeps ipse sedebit in ea: ut comedat panem coram Domino*. Entram agora os expositores sagrados a declarar este enigma e dizem que «em sentido anagogico» o sanctuario é o céu e o principe Christo; e por conseguinte a meza o altar, e o pão o Sanctissimo Sacramento. Mas se o sanctuario é o céu, e o principe o Principe do céu, e o pão o Pão do céu; porque está a porta do céu fechada, e se diz que ha de estar sempre fechada, e o principe e a meza não dentro, senão fóra da porta? Verdadeiramente que se não podera pintar com maior propriedade de circumstancias tudo o que queremos provar. A meza do Sanctissimo Sacramento, em que assiste realmente o Principe da gloria foi instituida para os homens, não no estado da patria, senão no estado da esperança; e como a esperança não póde entrar as portas do céu para dentro, por isso se poz a meza de portas a fóra. Andou Christo tão fino com a esperança, que, porque ella não podia entrar no céu para se assentar á meza da bemaventurança, poz outra meza e fez outra bemaventurança fóra do céu, só para que a esperança a lograsse. Ouçamos a David.

Visão de Ezechiel c. 4 foi figura do Sacramento. Vide Corn. a Lap. l. c.

No psalmo trinta e tres convida David a todos os fieis para a meza dos pães da proposição da lei da graça, como notam no mesmo logar os padres gregos «e com elles Sancto Agostinho»; e diz assim: *Gustate et videte quoniam suavis est Dominus:* comei e vêde quão suave é o Senhor. Não diz, Comei e vêde quão suave é o pão; senão, Comei e vêde quão suave é o Senhor; porque o Senhor é o pão que alli se come. E dictas estas palavras, exclama: *Beatus vir qui sperat in eo*: oh bemaventurados homens que esperam n'elle! N'esta exclamação e n'esta consequencia reparo. Supposto que David nos convida a comer «aquelle pão que é Deus» e gozar n'elle a suavidade do mesmo Deus; parece que havia de inferir e exclamar: Oh bemaventurados os que o comem! E não, Bemaventurados os que esperam n'elle! Na bemaventurança do céu que consiste em vêr a Deus, são bemaventurados os que o vêem: logo tambem na bemaventurança da terra que consiste em «receber a Deus por comida», são bemaventurados os que o «recebem». Assim é. Pois, porque não diz David aqui: Bemaventurados os que comem; senão, Bemaventurados os que esperam? Porque não só quiz o propheta revelar o mysterio, senão tambem declarar o

Os paes de proposição no ps. 33. Vide Calmet

motivo. Nas primeiras, *Gustate et videte quoniam suavis est Dominus*, revelou o mysterio, que é o Sacramento: nas segundas palavras, *Beatus vir qui sperat in eo*, declarou o motivo que é a esperança. E com razão exclamou David, admirado mais ainda do motivo que do mysterio: porque não póde haver fineza digna de maior admiração, que tendo Deus feito uma bemaventurança universal para premio e satisfação de todas as virtudes, para premio e satisfação da esperança fizesse outra bemaventurança particular. Para todas as outras virtudes uma bemaventurança no céu; para a esperança outra bemaventurança na terra: para todos uma bemaventurança futura; para a esperança outra bemaventurança presente: para todos uma bemaventurança que consiste em Deus «claramente visto; para a esperança outra bemaventurança que consiste em Deus «recebido sacramentalmente»: *Beatus vir qui sperat in eo.*

Texto mais notavel de S. Lucas c. 12 interpretado por Sancto Agostinho.

III. Mas para que me detenho eu em referir prophecias de David e visões de Ezechiel, se tenho o testemunho do mesmo auctor do Sacramento, o Senhor que está presente? No capitulo doze de S. Lucas, chama Christo bemaventurados a certos servos seus: *Beati sunt servi illi;* e como se a bemaventurança que lhes promette fosse incrivel, confirma a mesma promessa com juramento, dizendo: *Amen dico vobis, quod praecingit se et faciet illos discumbere et transiens ministrabit illis:* de verdade vos digo, que o senhor se cingirá e os fará assentar á meza e elle em pessoa os servirá a ella. E que banquete é este em que Deus se communica, não permanentemente, senão de passagem e com a immensidade de sua grandeza, não dilatada senão abbreviada e cingida? Sancto Agostinho como aguia de aguda vista diz que é o banquete do Sanctissimo Sacramento. Bastava que esta exposição fosse de Agostinho para nós a venerarmos e recebermos; mas porque o sancto a não provou, eu a provo; e não só a demonstrarei com a propriedade do mysterio, senão tambem com a mesma instituição d'elle.

Prova-se esta interpretação. *Joan. 13.*

Que diz o Texto? *Praecinget se*, que Christo se cingirá? Isso fez Christo antes da instituição do Sacramento: *Praecinxit se*. Que mais diz? Que elle o administrará em sua propria Pessoa, *Ministrabit illis?* Isso fez Christo na ceia: *Fregit deditque discipulis suis*. Que mais? Que o fará em transito, *Transiens?* Assim foi: *Sciens quia venit hora eius ut transeat ex hoc mundo ad Patrem;* e a mesma festa que então celebrou Christo se chamava: *Phase, idest, transitus Domini.* E se confirma tudo com o texto da mesma parabola: *Quando revertatur a nuptiis:* porque se instituiu o Sacramento, quando Christo, depois de ter vindo a celebrar as vodas com a natureza humana, tornava outra vez para o céu.

Exod. 12.

Luc. 12.

Isto quanto á historia e no modo e tempo e circumstancias da instituição. E quanto ao mysterio não póde haver propriedade mais natural. Porque «o cingir-se de Christo significa que» no Sacramento tem abbreviado e estreitado sua grandeza e reduzido não só ao circulo de uma hostia, senão a qualquer parte d'ella. «O transito denota que» o Sacramento é viatico de caminhantes, em que sómente se nos dá Christo em quanto dura a peregrinação e passagem d'esta vida. E finalmente «é Christo que o administra»; porque ainda que o sacerdote pronuncia as palavras da consagração, Christo é o principal ministro do sacrificio e do Sacramento, como dizem todos os padres e concilios. Bem se prova logo a sentença de Sancto Agostinho e bem se demonstra que a meza e bemaventurança que o Senhor promette n'este logar é a meza e bemaventurança do Sacramento.

Deu Christo aos servos que esperavam, mais do que podiam esperar.

Mas a quem se fez esta promessa, a quem se prometteu este premio, e por que merecimentos? Gran' caso! Não se prometteu a outros, senão aos que esperam «e pelos» merecimentos da esperança. O mesmo texto o diz: *Et vos similes hominibus expectantibus Dominum suum*. Sêde similhantes, diz Christo, aos servos que esperam por seu Senhor; e se assim o fizerdes, o mesmo Senhor vos porá á sua meza e vos servirá a ella, dando-se a si mesmo. Oh admiravel fineza de Christo! Oh singular privilegio da virtude da esperança! Porque deu aos que esperam na terra o que elles não esperavam nem podiam esperar. Esperavam os povos, ou podiam esperar que seu Senhor lhes pozesse e os pozesse á meza? Não: e isso é o que elle faz: *Faciet illos discumbere*. Esperavam ou podiam esperar que elle por sua propria Pessoa os servisse? Não; e elle é o que os serve: *Et transiens ministrabit illis*. Esperavam ou podiam esperar que se lhes désse a comer a si mesmo? Muito menos. Só esperavam e podiam esperar que se lhes désse a vêr no céu: mas elle antecipando o tempo e satisfazendo o desejo da esperança sobre a mesma esperança, para que o podessem comer na terra, desce do céu transubstanciado no pão: *Hic est panis qui de coelo descendit*.

Luc. 12.

Consagra o seu Corpo á meza dos discipulos de Emmaús para remedio da esperança. Vide *Corn. a Lap.*

IV. Provado assim o que digo com a visão de Ezechiel, com a prophecia de David e com a parabola do mesmo Christo, se alguem ainda deseja o exemplo da experiencia, tambem este nos não falta. Apparece Christo em trajos de peregrino aos dous discipulos que na manhã da ressurreição caminhavam para Emmaús; e assentado á meza para que o conhecessem, parte o pão e consagra-se n'elle: *Et cognoverunt eum in fractione panis*. Não sei se reparais não só no admiravel, senão muito mais

no singular d'este caso. A outros muitos appareceu o Senhor e se deu a conhecer n'este mesmo dia; mas a nenhum com similhante favor, nem com tão extrordinario modo. Appareceu á Magdalena, appareceu ás outras Marias, appareceu a S. Pedro, appareceu a todos os discipulos junctos, e comeu com elles; e tendo aqui a mesma occasião o Senhor de consagrar o pão e repetir o mysterio do Sacramento, não o fez; parecendo superflua a presença sacramental, onde a natural estava com elles. Depois que todos passaram a Galiléa appareceu e comeu o Senhor com os discipulos muitas vezes; e sendo a meza como muitos querem, a de sua Mãe Sanctissima, tambem alli não consagrou o seu Corpo. Pois que merecimento concorreu nos dous discipulos de Emmaús; ou que maior razão teve Christo, para se lhe dar a elles sacramentado e não aos demais? Lembraevos do que diziam; e logo vereis, o que foi. O que diziam estes discipulos, dando a causa da sua tristeza, é que esperavam desconfiados: *Nos autem sperabamus;* e como a sua esperança ia tão enfraquecida e quasi desmaiada; com que lhe havia de acudir o Senhor, senão com o alimento da esperança, que é o Sacramento? Remedio foi logo «principalmente» e não favor; necessidade e não excesso. E notae que esta foi a primeira vez que o pão natural se consagrou em Corpo de Christo depois de instituido o Sacramento na ceia; para que desde logo se «começasse a conseguir» o fim por que se instituira. Como o fim particular da instituição do Sacramento foi alentar e alimentar n'esta vida a nossa esperança; por isso o mesmo Senhor que tinha instituido o remedio, quiz tambem ser o primeiro que nos mostrasse a sua efficacia na primeira infermidade que necessitava d'elle.

Por isso logo desappareceu.

E para que se não duvide que o remedio da esperança foi a maior razão d'esta differença, diz o evangelista, que no mesmo poncto em que o Senhor partiu e consagrou o pão, se fez junctamente invisivel e se escondeu aos olhos dos dous discipulos: *Et ipse evanuit ab oculis eorum.* Mas se o fim d'esta consagração foi para que os dous discipulos o conhecessem; porque desapparece no mesmo poncto e se esconde a seus olhos? Encobrir-se para se manifestar? Esconder-se para se dar a conhecer? Sim; e não podia ser de outro modo. Porque sendo mysterio do Sacramento e remedio da esperança, nem a esperança remediada póde vêr, nem o Senhor sacramentado póde ser visto. Se o sacramentado fosse visto, deixava de ser sacramento; se a esperança o visse deixava de ser esperança; e porque verdadeiramente era sacramento e sacramento para remedio da esperança: por isso foi não só conveniente, mas ne-

cessario que o Senhór se escondesse a seus olhos: *Et ipse evanuit ab oculis eorum.* Isto é o que succedeu n'aquelle grande dia; e isto é que todos estes oito dias tivemos presente: Christo alentando e alimentando, não desmaios, mas saudades da esperança: escondido, porém, o Senhor e encoberto a nossos olhos: *Et ipse evanuit ab oculis eorum.* Porque nem a esperança fôra esperança, nem o Sacramento Sacramento, se assim não fôra. Goza pois a esperança por meio do Sacramento na terra o que não podia gozar no céu; e Deus por meio do Sacramento desce do céu para que a esperança o possa gozar na terra: *Hic est panis qui de coelo descendit.*

V. É tanto assim verdade, que só em quanto durar a esperança ha de durar o Sacramento; e tanto que acabar a esperança, tambem o Sacramento se ha de acabar. O Sacramento do altar ha de durar sómente até o fim do mundo, conforme a promessa de Christo: *Ecce ego vobiscum sum usque ad consummationem saeculi.* E depois do mundo porque não? Christo não é sacerdote eterno? Sim é; e sacerdote eterno, não segundo a ordem de Arão que sacrificava cordeiros, senão segundo a ordem de Melchisedech que sacrificou em pão e vinho. Pois se o sacerdote é eterno, por que não será tambem eterno o sacrificio e o sacramento? Porque o sacrificio foi instituido para propiciação do peccado e o sacramento para satisfação da esperança. E assim como no fim do mundo ha de cessar o sacrificio, porque ha de ter fim o peccado; assim no fim do mundo ha de cessar o Sacramento, porque ha de ter fim a esperança. Agora intendereis o mysterio do manná, quando se acabou e porque.

Dura o Sacramento em quanto dura a esperança.

Matth. 28.

Em quanto os filhos de Israel caminhavam para a terra da Promissão, chovia-lhes o manná todos os dias. Chegaram finalmente á terra desejada, começaram a comer os fructos della; e diz o texto sagrado que no mesmo poncto cessou o manná: *Defecit manna, postquam cemederunt de frugibus terrae; nec usi sunt ultra cibo illo filii Israel.* De maneira que em quanto os filhos de Israel iam peregrinando pelo deserto com os desejos e esperanças de chegar á patria promettida, sustentavam-se de manná; porém, depois que chegaram ao fim de suas esperanças, teve tambem fim o manná. E que manná é este, senão o Sanctissimo Sacramento? Sabeis diz Ruperto, porque cessou o manná, quando os filhos de Israel entraram na terra de Promissão? Foi porque tambem ha de cessar o Sacramento quando nós entrarmos na bemaventurança da gloria: *Ubi in sua specie videbitur Deus, iam non in istis speciebus, sed in propria substancia videndo manducabimus panem angelorum.* Todos

Como durou o manná no deserto.
Jos. 5.

n'esta vida somos peregrinos d'aquella patria bemaventurada: os que foram adeante, já chegaram; nós imos caminhando agora; e assim caminharão depois os que nos succederem, todos com esperança de a gozar. No fim do mundo estarão recolhidos á patria todos os predestinados; e quando todos chegarem ao fim da sua esperança e a mesma esperança tiver fim, tambem terá fim o manná, tambem terá fim o Sacramento. Se a esperança houvera de durar eternamente, tambem o Sacramento sería eterno: mas como a esperança ha de parar com a roda do tempo e do mundo, tambem o Sacramento ha de durar sómente até ao fim do mundo: *Usque ad consummationem saeculi*. Tão vinculado deixou Christo o Pão do céu ao morgado da esperança!

Mutua correspondencia que ha entre o Sacramento e a esperança. *Rom.* 8.

E se alguem me perguntar a razão natural d'esta mutua correspondencia e connexão, como necessaria, do Sacramento com a esperança e da esperança com o Sacramento, assim na duração, como no fim; na natureza da mesma esperança e do mesmo Sacramento a acharemos. A esperança é um affecto que suspirando sempre por vêr, vive de não vêr e morre com a vista. É theologia de S. Paulo fallando da mesma esperança de que nós tractamos: *Spes quae videtur non est spes: nam quod videt quis, quid sperat?* A esperança que chegou a vêr o summo bem esperado, já não é esperança: porque quem espera, ainda não vê e quem vê já não espera. Esta é a natureza da esperança. E a do Sacramento qual é? É a presença da humanidade e divindade de Christo, encoberta debaixo d'aquelle véu, o qual de tal maneira a faz invizivel, que se se podesse ou deixasse vêr, já não sería Sacramento. E como a esperança sendo desejo de vêr a Deus, já não sería esperança se o visse; e o Sacramento tendo dentro em si a Deus, já não sería Sacramento se o deixasse vêr; d'aqui vem ser a connexão que ha entre a esperança e o Sacramento e a duração de um e outro, que quando Deus franquear a sua vista a todos os que o esperam (o que será no fim do mundo) necessariamente se ha de acabar a esperança e mais o Sacramento: a esperança porque já veremos a Deus, o Sacramento porque já Deus não será invizivel.

A noite da esperança é qual o dia da gloria.

As estrellas vivem de noite e morrem de dia: o mesmo nos succederá n'esta noite da esperança, quando amanhecer o dia da gloria. Não debalde instituiu Christo o divino Sacramento de noite; quando por uma presença que nos levou da vista nos deixou muitas a fé. Mette-se o sol no occidente; escurece-se o mundo com as sombras da noite: mas se olharmos para o céu veremos o sol multiplicado em tantos soes menores quantos

são «os planetas» em que elle substitúe a sua ausencia e não se retrata, mas vive. Assim se ausentou Christo de nós, deixando-se abreviado sim no Sacramento, mas multiplicado em tantas presenças, quantas são as hostias consagradas em que o adoramos e temos realmente comnosco. N'esta ausencia, pois, e n'esta noite escura da esperança, em que não vemos a Deus, que outra cousa é a Egreja com o divino Sacramento multiplicado em todas as partes do mundo, senão um sol estrellado, esperando nós como Job a que amanheça: *Post tenebras spero lucem?* Mas assim como com o mesmo nascimento do sol a noite acaba e as estrellas desapparecem; assim com a mesma vista clara de Deus, o Sacramento ha de desapparecer e a esperança acabar.

Job. 17.

Quando Christo expirou na cruz, rasgou-se o véu do templo, com que estava coberto o *Sancta Sanctorum* em signal que então se abriram as portas da gloria até alli fechadas; e no mesmo poncto se acabaram em Jerusalem e no Limbo duas cousas notaveis; em Jerusalem os sacrificios da lei velha, no Limbo as esperanças dos patriarchas. Da mesma maneira, quando este mundo se acabar, entrarão no céu todos os predestinados a gozar a vista clara de Deus; e no mesmo poncto se acabará o sacrificio e Sacramento da lei da graça e a esperança de todos os que professamos a mesma lei. E este será o ultimo testemunho e a prova então evidente, como agora certa, que para satisfação da mesma esperança tinha descido do céu aquelle pão: *Hic est panis qui de coelo descendit.*

Rasgando-se o véu do templo ficam satisfeitas as esperanças dos patriarchas do Limbo.

VI. Mas se a esperança é um affecto que sempre anhela a ver o Summo Bem que deseja; como póde o Sacramento, e Deus invisivel nelle, ser a satisfação da esperança? Este é o ultimo mysterio e o mais escuro poncto do nosso discurso, para cuja intelligencia será necessario desentranhar mais interiormente e fazer uma exacta anatomia da esperança. É questão celebre entre os theologos, se a esperança reside no intendimento ou na vontade. Os mais defendem, que é acto de vontade; os menos, que é acto de intendimento: mas a opinião mais provavel, e para mim sem duvida, é que a esperança comprehende ambas as potencias, firmando-se com um pé no intendimento e com outro na vontade. Por isso a esperança se chama anchora, nome que lhe deu S. Paulo: *Ad tenendam propositam spem quam sicut anchoram habemus animae tutam ac firmam.* E assim como a anchora para estar segura ha de prender de uma e da outra parte; assim a esperança para se firmar bem na alma, não só ha de estar fundada em uma das potencias, senão em ambas junctamente.

Como é que Deus invisivel no Sacramento póde ser a satisfação da esperança; e porque S. Paulo a chama anchora. Hebr. 6.

A esperança é um composto de desejo e confiança.

É a esperança um composto de desejo e confiança: com a vontade deseja, e com o intendimento confia. Se desejara sem confiança de alcançar, seria sómente desejo; mas como deseja e confia junctamente, por isso é esperança. D'aqui se segue, que para a esperança estar inteiramente satisfeita, parte da satisfação ha de pertencer ao desejo e parte á confiança: ao desejo para o allivio; á confiança para o seguro; e tudo isto tem a esperança no Sacramento. Tem seguro para a confiança, porque o Sacramento è penhor: tem allivio para o desejo, porque o mesmo Sacramento é posse: penhor, em quanto o temos fechado n'aquella custodia; posse, em quanto dentro do peito o temos em nós e comnosco. Está dicto tudo; vamos á prova por partes.

No Sacramento tem o seguro da confiança, porque è penhor da gloria figurado na capa do Elias.

Tem primeiramente a esperança no Sacramento o seguro da confiança; porque é penhor da mesma gloria que espera, como nos ensina a Egreja: *Et futurae gloriae nobis pignus datur.* Mas quem pediu jámais, nem deu, nem ainda imaginou tal gosto de penhor? Quando Elias se houve de partir para o céu, pediu-lhe Eliseu o seu espirito dobrado; e como Elias lh'o não podia logo dar, prometteu-lh'o, e deixou-lhe em penhor a sua capa. Diogo Hostiense reconheceu n'esta capa e n'este penhor o mysterio do Sacramento, em que Christo se nos encobre com a capa dos accidentes. Mas quanto vai de capa a capa e de penhor a penhor! Elias deixou a capa e levou a pessoa; e quando se ausenta a pessoa, não é bastante penhor a capa. Christo deixou-nos em penhor a capa e mais a Pessoa; a capa nos accidentes e a Pessoa na substancia. Póde haver mais seguro penhor? Só um penhor houve no mundo, quasi similhante a este, mas muito desegual.

E em Simão que ficou juncto de José em penhor de Benjamin.

Quando José viu a seus irmãos no Egypto, faltava n'aquelle numero Benjamin, que era sobre todos o que mais amava; e desejando com grandes ancias vel-o, prometteram os irmãos que lh'o trariam. Não se deu comtudo por satisfeita a confiança de José com esta promessa; vieram a partido, que em penhor de Benjamin ficasse Simão preso e debaixo de chave; e assim se fez. Agora pergunto: Qual esperança podia estar mais satisfeita, e qual confiança mais segura; a de José, ou a nossa? Já me arrependo de o ter perguntado; porque é aggravo de tão soberano penhor. A confiança de José muito segura podia estar; porque tinha em custodia e debaixo de chave, um irmão em penhor de outro irmão; mas os seguros da nossa confiança são incomparavelmente muito mais firmes; porque o penhor da promessa (de que tambem temos as chaves) é o mesmo Promettido. A esperança de José estava muito confiada, porque o penhor de

Benjamin era Simão; a nossa esperança está muito mais segura, porque em penhor de Benjamin tem o mesmo Benjamin. Que espera a nossa esperança? Vêr a Deus? Pois em penhor de vêr a Deus temos debaixo da chave ao mesmo Deus, e em forma de pão e sustento nosso para maior firmeza. Se Deus se dá a comer, não se dará a vêr? Se Deus faz de si prato, não fará de si espelho? Segura está a confiança.

E tem a esperança no Sacramento allivio do desejo, porque n'elle possue a Deus de algum modo mais que no céu

E se por parte da confiança está tão satisfeita a esperança no penhor, por parte do desejo não deve estar menos satisfeita no allivio. S. Thomás chamou ao divinissimo Sacramento allivio singular: *Solatium singulare*. E porque é singular este allivio? Discretamente, por certo: porque nas outras esperanças e nos outros desejos, o allivio sempre é menor que o bem desejado; aqui o mesmo Bem desejado é «de alguma maneira» menor que o que se nos dá por allivio. Qual é o bem que a esperança deseja? A vista de Deus no céu. Qual é o allivio que dá Christo a essa esperança? O Sacramento do altar na terra. Logo «não se póde negar que de alguma maneira» é maior o bem que se nos dá por allivio do desejo, que o mesmo Bem desejado: porque «ainda que a visão beatifica pelas disposições do sujeito seja mais efficaz do que o Sacramento para lhe imprimir a similhança de Deus; com tudo da parte do objecto» mais se dá Deus a quem communga do que se communica no céu a quem o vê. Os bemaventurados no céu vêem a Deus, mas não o comprehendem: de maneira que lhes communica Deus o que vêem; mas o que não comprehendem, não lh'o communica. Porém no mysterio do Sacramento o que o bemaventurado vê e o que o bemaventurado não comprehende, tudo recebe quem communga. Diremos logo que a communhão é comprehensão de Deus? Por este modo não me cançara muito em o dizer; mas quero que o diga Sancto Epiphanio.

Como o ventre virginal de Maria comprehendeu o incomprehensivel. Sancto Epiphanio.

Concebeu a Deus a Virgem Maria (que na maior solemnidade do Filho não era bem que nos faltasse a Mãe, e mais em sua casa), concebeu a Deus a Virgem Maria em suas purissimas entranhas; e admirado da grandeza e profundidade do mysterio, exclamou assim Sancto Epiphanio — Oh ventre virginal maior que o céu, pois verdadeiramente comprehendeste em ti o que no céu é incomprehensivel! — Note-se muito a palavra *Verdadeiramente*: não só comprehendido de qualquer modo, senão verdadeiramente comprehendido. Mas saibamos: a Virgem Senhora nossa no céu comprehende a Deus? Não; porque ainda que o lume da gloria da Senhora e a visão beatifica com que vê a Deus excede em supremissimo gráu á de todos os bemaventurados; comtudo não comprehende a Deus; porque Deus

por sua infinita perfeição e essencia é incomprehensivel a todo o conhecimento creado. Pois se a Mãe de Deus não comprehende a Deus no céu, quando o vê; como diz Epiphanio que o comprehendeu quando o concebeu e trouxe em suas entranhas? Fallou o grande padre como tão grande theologo. Para comprehender a Deus é necessario vêl-o todo e totalmente: *Totum et totaliter*: assim o definem as tres maiores escholas de theologia, S. Thomás, Scoto, Soares. E como os bemaventurados (entrando tambem n'este numero a Virgem Maria) ainda que vêem a todo Deus não o vêem totalmente; por isso não o comprehendem. Agora pergunto: E quando a Virgem Maria concebeu e trouxe a Deus em suas entranhas teve-o n'ella todo e totalmente? Sim; pois por isso diz Sancto Epiphanio que o comprehendeu verdadeiramente, não por comprehensão intellectual, senão por comprehensão corporal; ao modo que S. Paulo disse da humanidade de Christo: *In quo inhabitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter.*

Col. 2.

E como nós o comprehendemos no Sacramento. Soares.

Isto proposto, diga-me agora a nossa fé: Deus no Sacramento está menos inteiramente do que esteve nas entranhas de sua Mãe? Não por certo: todo e totalmente nas entranhas de Maria; todo e totalmente no Sacramento. Pois se Maria, porque teve a Deus todo e totalmente no peito o comprehendeu; quem o communga e o recebe todo e totalmente no Sacramento, porque o não comprehende? É verdade que o peito de Maria é sem comparação mais capaz, sem comparação mais puro e sem comparação mais digno: mas, como douta e gravemente notou o padre Soares «com exemplo tirado da astronomia do seu tempo», a esphera do sol que é a quarta, tanto a comprehende o quinto céu, como o oitavo, ainda que o oitavo seja maior e esteja matizado de innumeraveis estrellas e o quinto não. E se Deus no Sacramento se comprehende e no céu não se comprehende; se Deus no Sacramento se dá todo e totalmente ao peito dos que o commungam, e no céu se dá todo, mas não totalmente aos olhos dos que o vêem; vêde se tem a esperança mais no allivio do que espera no desejo. Satisfeita está logo a esperança e mais que satisfeita tanto pela parte da confiança no seguro, como pela parte do desejo no allivio; pois para um tem o penhor e para outro a posse do pão que desceu do céu: *Hic est panis qui de coelo descendit.*

Pôr sua esperança em Deus e não nos homens. Ps. 72. Ibid. 45.

VII. Estas são (voltemos agora sobre nós) estas são as finezas soberanas com que Deus no Sacramento satisfaz a nossa esperança: mas não sei se esta esperança é reciproca. A nossa esperança está satisfeita de Deus; o que importa é que Deus esteja tambem satisfeito da nossa esperança. E como será isto? A

unica e verdadeira satisfação que a nossa esperança póde dar a Deus é pôr-se toda n'elle. Se não esperamos só em Deus e de Deus, que esperamos, e em quem esperamos? Esperou David em Saul como rei, esperou em Jonathas como amigo, esperou em Absalão como filho; e todas estas esperanças ou lhe mentiram, ou lhe faltaram; porque eram esperanças postas em homens. Por isto tomou David duas resoluções, ambas dignas de quem elle era, como homem e como propheta: como homem, de esperar só em Deus: *Mihi autem adhaerere Deo bonum est: ponere in Domino Deo spem meam*; como propheta, de prégar a todo o homem, que ninguem ponha a sua esperança e confiança em homens por grandes que sejam ou pareçam: *Nolite confidere in principibus in filiis hominum, in quibus non est salus*. Para prova d'este desengano não quero outra consideração mais que a do nosso texto: *Hic est panis qui de coelo descendit*. Quem bem considerar estas palavras pelo direito e pelo avesso, verá que só Deus é merecedor de que se ponham n'elle todas as esperanças, e que todo o homem é indigno de que outro homem espere n'elle.

1.º Porque Deus desceu do céu para nós subirmos e os homens nos derrubam para elles subir.

Primeiramente diz o nosso texto que desceu Deus: *Descendit*. E d'onde desceu? *De coelo*: desceu do céu, desceu da gloria, desceu do throno altissimo e immenso de sua majestade; e não só desceu uma vez na incarnação para nos remir; mas desce infinitas vezes todos os dias no Sacramento para nos alimentar, para nos remediar, para nos enriquecer, para nos divinizar. Que homem ha que desça um degráu de sua auctoridade, ou de sua conveniencia, ou de sua vaidade por amor de outro homem? Deus desce para vos levantar, e os homens derrubam-vos para subir. Que homem ha que não derrube, se póde, o que está mais acima, para fazer d'elle degráu á sua fortuna? Se fordes como Abner, tereis um amigo como Joab, que com um abraço vos tire a vida para succeder no vosso officio. Se fordes como Mephiboseth, tereis um creado como Ciba, que vos levante um falso testemunho para herdar a vossa fazenda. Se fordes como Esaú, tereis um irmão como Jacob, que com engano vos furte a benção, para entrar no vosso morgado. Se fordes como David, tereis um filho como Absalão, que rebelle contra vos os vassallos, para pôr na cabeça a vossa corôa. E se podesseis ser como Christo, não vos faltaria um discipulo como Judas, que vos vendesse pelo menor interesse, vos entregasse nas mãos de vossos inimigos, e vos pozesse em uma cruz. D'este homem disse o mesmo Christo: *Homo pacis meae in quo speravi, magnificavit super me supplantationem*: o homem em quem eu esperei, me fez a maior traição. Esperae lá

e fiae-vos de homens, com quem não val a obrigação, nem a amizade, nem o sangue, nem a mesma fé para vel-a guardarem. Só vos não fazem mal em quanto não esperam algum bem da vossa ruina. O primeiro e melhor homem deu com todo o genero humano atravez só por subir onde não podia; e ainda elle e nós estiveramos caidos, se Deus para nos levantar não descera: *Descendit.*

2.° Porque Deus se faz pão para nos sustentar e os homens fazem de nós pão para nos comer. *Rom.* 14.

E como desceu? Em pão: *Panis qui de coelo descendit.* Deus fez-se pão para nos sustentar; e os homens fazem de vós pão para vos comer. Não sou eu que o digo. Quando Josué e Caleb foram por espias á terra dos cananeus, as novas que trouxeram e as alviçaras que pediram aos seus, foi que os podiam comer como pão: *Sicut panem eos possumus devorare.* Assim o disseram; e assim o fizeram os hebreus. Comeram-lhes as fazendas, comeram-lhes as cidades, comeram-lhes as liberdades, comeram-lhes as vidas. Mas emfim eram diversas nações e inimigos contra inimigos. O peior é que na mesma nação, no mesmo povo e talvez na mesma familia, se comem os povos uns aos outros. Este é o pão usual, e esta é a queixa de Deus por David: *Qui devorant plebem meam sicut escam panis:* O meu povo a quem eu me dei em pão, vejo que m'o comem como pão. Nota aqui Genebrardo que falla o propheta dos grandes e dos poderosos: *Loquitur de magnatibus.* Os pequenos não comem, nem podem comer os grandes; os grandes porque podem, são os que comem os pequenos. Por isso os povos estão tão despovoados e tão comidos e os comedores tão cheios e tão fartos.

Ps. 13.

O Sacramento da bondade divina e o da maldade humana.

Parece que competia a potencia e maldade humana com a omnipotencia e bondade divina a fazer outro sacramento ás avessas do seu. O Todo-poderoso converteu a substancia do pão em substancia de carne e sangue, para que comessemos seu Corpo: Os todo-poderosos convertem a substancia da carne e sangue do povo em substancia de pão para o comerem a elles. Ouçam os que isso padecem a Job para que peçam a Deus similhante paciencia: *Quare persequimini me sicut Deus et carnibus meis saturamini?* Porque me perseguis como Deus e vos fartais da minha carne? E quem eram esses perseguidores para que melhor conheçamos o que são os homens? Eram os mais obrigados a Job; eram os de quem elle mais se fiava, eram os da sua familia e da sua casa: *Dixerunt viri tabernaculi mei: Quis det de carnibus ejus ut saturemur?* Eis aqui o que chegam a fazer os homens, para que vejais o que se póde esperar d'elles; e se está mais bem posta a esperança em Quem se vos dá a comer, ou em quem vos come.

Job. 19.

Ibid. 31

A conclusão seja a que tomou o propheta Jeremias em uma e outra consideração: *Maledictus homo qui confidit in homine:* maldicto seja o homem que confia em homens: *Benedictus vir qui confidit in Domino*: bemaventurado o homem que confia em Deus. No dia do ultimo desengano a uns se dirá: *Ite maledicti;* e estes serão os loucos que pozeram a sua esperança nos homens. A outros pelo contrario se dirá: *Venite benedicti*; e estes serão os sisudos e bemaventurados que pozeram a sua esperança em Deus.

Conclusão de Jeremias. c. 17.

Não me parece que haverá nenhum homem tão enganado comsigo e com os homens, que, em quanto póde escolher, não escolha antes a sorte dos que esperam em Deus e só em Deus. Então verão, que se Deus fez uma bemaventurança n'esta vida para a esperança, ainda tem guardada outra bemaventurança na outra vida para os que nelle esperam: *Expectantes beatam spem et adventum gloriae magni Dei*. A gloria de Deus no céu é gloria de Deus grande; porque lá se nos mostrará a grandeza e majestade de Deus em toda a largueza infinita de sua immensidade. «Mas não é tal» a gloria de Deus no Sacramento; porque no Sacramento estreitou, encolheu e abbreviou Deus a sua grandeza a tão pequena esphera como a d'aquella hostia. Cá encolhida e abbreviada para poder caber e entrar em nós: lá dilatada e extendida para que, não podendo caber em nós, nós entremos n'ella: *Intra in gaudium Domino tui*. Quem haverá logo, que, podendo ser bemaventurado n'esta vida e na outra só com esperar em Deus, não espere só n'elle? Esperemos só em Deus renunciando de uma vez e para sempre ás esperanças de todas as creaturas; e em quanto não subirmos ao céu a gozar a bemaventurança que nos espera, goze a nossa esperança a bemaventurança que tem presente no Pão que desceu do céu: *Hic est panis qui de coelo descendit*.

A gloria de Deus encolhida no Sacramento para a esperança e dilatada no céu para o gozo.

Tit. 2.

(Ed. ant. tom. 3.º pag. 1, ed. mod. tom. 5.º pag. 211.)

PRIMEIRO SERMÃO DO SANCTISSIMO SACRAMENTO *[1]

PRÉGADO EM SANCTA ENGRACIA, NO ANNO DE 1642.

Observação do compilador.—**Não menos util que ingenhoso é o assumpto d'este sermão, que não é dos mais eloquentes; mas nem por isso deixa de ser admiravel e digno do grande orador.**

Hic est panis qui de coelo descendit.
S. João, 6.

A Eucharistia é o pão que desceu do céu.

Este é o pão que desceu do céu, diz Christo Senhor nosso por S. João, affirmando a real e verdadeira presença de seu corpo Sanctissimo debaixo das especies sacramentaes. Assim o intende a Egreja, assim o confirmam as Escripturas, assim o definem os concilios, assim o cremos firmemente os fieis catholicos: mas n'este logar e n'estas circumstancias, na memoria do atrevimento sacrilego, na consideração da ousadia heretica, que hoje gloriosamente detestamos, quasi parece que não é este o pão que desceu do céu.

Porém, considerado o caso da ousadia heretica quasi parece que não é.

Duas cousas teve este caso, ou duas circumstancias considero n'elle; uma da parte de Deus, outra da parte dos homens, as quaes ambas vistas a pouco lume de fé parece que deixam duvidosa a verdade d'este Sacramento. Que podessem chegar homens por summa irreverencia a pôr mãos injuriosas n'aquella hostia consagrada e que creamos que está alli Deus —Deus, deante cujo acatamento as potestades do céu, as columnas do firmamento tremem! Deus, cuja omnipotente majestade os mesmos animaes brutos, dobrando os joelhos irracionaes, adoram! Deus, cuja infinita grandeza até as creaturas insensiveis, dentro na incapacidade do seu ser, confessam mudas e reconhecem sujeitas!? E que aos ministros hereticos de tanta maldade nem lhes pasmassem os braços sacrilegos, como

ao impio Jeroboão, quando levantou a mão para o propheta?! Nem chovesse sobre elles raios e diluvios de fogo o céu, como sobre os soldados atrevidos que intentaram prender a Elias?! Nem a terra indignada se abrisse em boccas vingativas e os tragasse vivos, como a Dathan e Abiron?! Nem caissem subita e temerosamente mortos, como Ananias e Saphira aos pés de Pedro?! Nem apparecessem feitos pedaços n'esta egreja, como amanheceu o idolo Dagon á vista da arca do testamento?! Que tenham tanto atrevimento os homens e que seja Deus a quem offendem?! Que tenha tanto soffrimento o offendido e que seja Deus a quem offendem?! Suspendem tanto a admiração e são tão grandes circumstancias estas, que não só deixam pasmado o juizo que as considera, senão que vistas com olhos humanos, parece que mettem em escrupulos a a mesma fé e querem fique duvidosa a verdade divina d'este Sacramento.

Comtudo o mesmo caso não destroe mas confirma o mysterio da Eucharistia.

Por parte d'esta verdade e em defensa da fé catholica d'este mysterio, determino sair hoje a campo, ou seja contra os erros da heresia, ou seja contra a fraqueza do intendimento humano. E para que a victoria da fé fique mais gloriosa vencendo a seus inimigos com suas proprias armas, satisfarei ás admirações do intendimento com os mesmos motivos d'ellas, e socegarei os escrupulos da razão pelos mesmos fundamentos de que se levantam, «mostrando que o mesmo atrevimento dos herejes e o mesmo soffrimento de Deus não destroem mas confirmam a presença real de Jesus Christo no Sacramento.» N'este sentido verificarei as palavras do thêma, não tomadas absolutamente, senão trazidas em particular e applicadas ás circumstancias do caso: *Hic est panis qui de coelo descendit. Hic est*; contra o qual se mostram tão atrevidos os homens offendendo-o com injurias: *Hic est*, no qual se mostrou tão soffrido Deus não os castigando com prodigios: *Hic est panis qui de coelo descendit*: este mesmo é o verdadeiro pão que desceu do céu, Christo Deus e Redemptor nosso; «e por isso o sacrilego attentado para cujo desaggravo concorrestes a este templo com tanta devoção, não contraria, mas declara melhor» a verdade do mysterio que adoramos. Esta é a materia em que havemos de fallar «com a graça do Espirito Sancto, pedindo-a por intercessão da Cheia de graça» *Ave Maria*.

Duas circumstancias d'este caso: o atrevimento dos herejes e a paciencia de Christo.

II, *Hic est panis qui de coelo descendit*. Do atrevimento dos homens e do soffrimento de Deus, que são duas circumstancias d'este caso, prometti confirmar a fé do Sanctissimo Sacramento que adoramos e as consequencias em que me fundo são estas. Prova-se do atrevimento humano; porque a infidelidade

dos herejes «para nós» é argumento da nossa fé: Prova-se do soffrimento divino, porque «para o christão» a paciencia de Christo é argumento da sua presença. «Fallo a Christãos catholicos e não a infieis ou herejes: por isso digo que n'este caso o atrevimento humano e o soffrimento divino confirmam não a elles (que isso fôra presuppor o que se deve provar), mas sim aos catholicos, na fé da presença real de Jesus Christo Sacramentado.» Vamos primeiro ao caso.

O sacrilegio de Judas. *Joan.* 13. *Luc.* 22.

Consagrou Christo seu corpo na ceia, deu o pão consagrado a todos os discipulos para que o commungassem; e fallando o evangelista de Judas disse assim: *Cum accepisset ille buccellam, exivit continuo. Cum ergo exisset, dixit Jesus: Nunc clarificatus est Filius hominis.* Tanto que Judas recebeu o boccado de pão, levantou-se logo da mesa e saiu do cenaculo; e no poncto em que saiu, disse Christo: Agora começam as minhas glorias, agora será manifesta a fé da minha Divindade, agora serei conhecido no mundo e reverenciado por Filho de Deus. Este é o verdadeiro sentido das palavras: *Nunc clarificatus est Filius hominis;* e assim as declaram conformemente todos os sagrados interpretes. Mas antes que ponderemos a consequencia admiravel d'este texto, é necessario saber como se houve Judas com o Sacramento, quando a elle chegou. Christo Senhor nosso não commungou aos discipulos, applicando á bocca de cada um o Sacramento, como agora fazemos; mas, como eram todos sacerdotes, ou alli os consagrava por taes; deu-lhes o Pão sacramentado, para que elles o repartissem entre si. Assim o diz o texto de S. Lucas: *Accipite et dividite inter vos.* Chegou-lhe, pois, ás mãos de Judas a parte que lhe coube do Pão consagrado; e agora pergunto eu: Que fez Judas d'esta sua parte? Commungou-a, ou não a commungou? É a opinião de Theophylacto e de muitos doutores d'aquelle tompo, que Judas, ainda que recebeu nas mãos o Sacramento, que o não metteu na bocca nem o commungou. E dizem que a isto alludiu Christo, quando, dando o calix aos discipulos, accrescentou aquella palavra *omnes*: *Bibite ex eo omnes*: bebei todos: porque («como notam os mesmos doutores») não tinham comido todos: os onze sim; Judas não. Supposto, pois, que Judas tomou nas mãos, como os demais, o Sacramento e o não commungou como os demais, que fez d'elle? Diga-o Theophylacto com suas mesmas palavras —Judas ainda que tomou na mão o Pão consagrado que Christo deu a todos, não o comeu nem o commungou como os demais, senão levou-o comsigo furtado e escondido para o mostrar aos judeus e arguir e condemnar a seu Mestre, dizendo que aquelle pão affirmava elle que era o seu Corpo—Este foi

«segundo Theophylacto» o fim e o intento com que Judas saiu do cenaculo, não com o Sanctissimo Sacramento commungado, senão roubado, como no caso presente, não o levando dentro no peito senão nas mãos: *Cum accepisset buccellam, exivit continuo.*

E a declaração da divindade de Christo.

«Mas ou Judas roubasse o Corpo sacramentado de Christo, ou, como é opinião commum, o commungasse sacrilegamente», a consequencia de Christo á vista d'este sacrilegio e d'esta impiedade foi: *Nunc clarificatus est Filius hominis.* Agora serei conhecido, agora serei honrado, agora serei crido, agora serei glorificado. Ha mais notavel consequencia? Quando Judas «o affronta no Sanctissimo Sacramento, quando Judas commette o maior sacrilegio, e o mais aleivoso desacato», então diz Christo que está a opinião da sua fé mais gloriosa e as glorias da divindade mais declaradas: *Nunc clarificatus est Filius hominis?* Se dissera que então ficavam escurecidas, mais coherente fallava: mas affirmar que mais declaradas? Sim: porque ainda que os atrevimentos e infidelidades dos homens se ordenam a escurecer e infamar as glorias da fé de Christo, por esse mesmo caminho fica ella mais declarada e mais acreditada. Quanto a auctoridade do mysterio perde de respeito «perante os incredulos», tanto a verdade da fé ganha de auctoridade «para com os fieis». Encontram-se nos «incredulos ou» herejes com uma gloriosa implicação seus intentos e nossa fé: porque quanto por elles menos crida, tanto para com todos «os fieis» mais acreditada. Ouçamos a Origenes, cujas palavras, se eu acerto a ponderal-as, são valente testimunha d'esta verdade.

Auctoridade de Origenes.

Post evenientia ex prodigiis necnon ex transfiguratione praeconia, initium glorificandi Filii hominis fuit exitus Judae. Depois de confirmada a fé de Christo (diz Origenes) com o testemunho dos milagres e com o testemunho da transfiguração, quando Judas saiu do cenaculo então a deu o Senhor por verdadeiramente acreditada. Grande dizer «e dignissimo de reparo! Com o testemunho dos milagres e com o testemunho da transfiguração» tinha Christo fundado e confirmado a fé de sua divindade, quando Judas saiu da ceia: com o testimunho dos milagres nos ultimos tres annos da vida, em que obrou tantos, como sabemos; com o testimunho da transfiguração, em que foi ouvida claramente a voz do Padre que dizia: Este é meu filho amado, em que muito me agradei: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi complacui.* «Porém» em quanto lhe faltava o testimunho «da traição de Judas e manifestação de sua infinita paciencia» achou Christo que não estava cabalmente acreditada sua fé; e depois d'isso sim: *Nunc clarificatus est Filius*

Matth. 3.

hominis. «Tão efficazmente veem os mesmos sacrilegios dos inimigos do Salvador a provar a verdade da sua fé.» *Nunc clarificatus est Filius hominis. Initium glorificandi Filii hominis fuit exitus Judae.*

O erro dos herejes prova a verdade da fé catholica.

III. Agora entram as particulares demonstrações «da primeira e segunda parte do assumpto.» Os homens negam a presença real de Christo no Sacramento? Logo «para os catholicos confirmam esta verdade.» Christo soffreu com a maior paciencia sem resistir a tão sacrilego atrevimento? Logo «manifesta aos fieis cada vez mais a sua presença.» Começando pela primeira, parece cousa difficultosa e ainda impossivel que o erro e infidelidade com que os herejes negam o mysterio da fé catholica seja argumento certo e consequencia infallivel da mesma fé. Toda a razão formal e motivo da nossa fé é a auctoridade divina. Deus disse-o: logo é verdade. Mas que tambem seja motivo de crer os mysterios da fé a auctoridade ou asseveração contraria? E que se infira por boa consequencia, o hereje nega-o; logo é verdade? «Aos olhos d'aquelles que os reconhecem por herejes,» sim. E a razão em que se funda esta consequencia é, porque andam os eixos do lume da razão tão incontrados nos intendimentos dos herejes, que crêem pelos motivos de negar e negam pelos motivos de crer. Texto expresso de Christo Redemptor nosso.

Diz Christo que os judeus não lhe criam porque lhes dizia a verdade. *Joan.* 8.

Fez Christo aquella celebre pergunta aos judeus: *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Se vos digo a verdade porque me não credes? Não responderam á questão os perguntados: mas o Senhor lhes respondeu no mesmo capitulo por estas palavras: *Ego autem si veritatem dico, non creditis mihi.* Sabeis, incredulos, porque me não credes? E porque eu vos digo a verdade. Clara sentença, mas difficultosa. A causa formal objectiva (como fallam os philosophos) ou a razão e motivo porque damos credito ás cousas, é o ser e verdade d'ellas. Assim o dicta o lume natural, e o obra a experiencia de cada um. Pois se a verdade das cousas è a razão e o motivo, por que os intendimentos racionaes se persuadem a crêr; como diz Christo, que os judeus o não criam, porque lhes dizia a verdade: *Si veritatem dico vobis non creditis mihi?* A verdade que é razão de crêr, póde ser razão de não crêr? Nos intendimentos dos herejes, sim. Anda tão perturbado o lume racional nos intendimentos dos herejes e os dictames do discurso tão encontrados com as consequencias da razão, que creem pelos motivos por que haviam de negar, e negam pelos motivos por que haviam de crer. E como o motivo de crer é a verdade e o motivo de negar é a mentira, por isso crêem a mentira só por que é mentira, e negam a verdade só porque é verdade: *Ego*

autem si veritatem dico vobis non creditis mihi: não é sentido imaginado, senão germano e litteral do texto. Assim o intende com Sancto Agostinho e S. Chrysostomo, aquelle grande commentador dos evangelistas, e na minha opinião o mais litteral e mais polido do nosso seculo, o doutissimo Maldonado: *Mihi ideo non creditis* (diz elle) *quia ego non mendacium sicut pater vester diabolus, sed veritatem loquor: si enim mendacium loquerer, crederetis utique mihi, assueti credere diaboli mendaciis: sed ob hoc ipsum mihi non creditis, ob quod maxime credere deberetis, quia veritatem nimirum vobis dico.* Notem-se muito estas ultimas palavras, nas quaes se diz claramente que a razão formal de crer, é nos herejes razão de negar: *Ob hoc ipsum mihi non creditis ob quod maxime credere deberetis.*

Foi adorado o bezerro porque conhecidamente não era Deus. *Exod.* 32.

Posto que as palavras e oraculos da bocca de Christo são maiores que todo outro testemunho ou exemplo humano; para que nós intendamos melhor e mais claramente o texto referido, o quero confirmar com dous famosos casos, um do Velho, outro do Novo Testamento. Sairam os filhos de Israel do Egypto com tantos e tão portentosos milagres como sabemos, chegaram aos desertos do monte Sinai tres meses depois: sobe Moyses ao monte a receber de Deus a lei; e porque se deteve quarenta dias, cançados de esperar os que agora se não cançam depois de mil e seiscentos annos, pediram a Arão que lhes fizesse um Deus a quem seguissem; pois de seu irmão Moyses não sabiam o que era feito. Deteve-se Arão alguns dias: instaram fortemente; pede emfim as arrecadas de ouro suas e de suas mulheres e filhos (segundo o uso da nação n'aquelle tempo), as quaes derretidas e fundidas, saiu a imagem de um bezerro; e posta esta sobre um altar, com prégão publico por todos os arraiaes, se lhe dedicou solemnidade para o dia seguinte, dizendo que aquelles eram os deuses que tinham libertado o povo do captiveiro do Egypto: *Hi sunt dii tui Israel, qui te eduxerunt de terra Aegypti.* Até aqui parece isto fabula ou farça: o que se segue é, que verdadeiramente adoraram o bezerro e que lhe offereceram sacrificios, e com jogos e festas o celebraram. Se o não dissera assim a Escriptura Sagrada, ninguem podera crêr tal loucura de homens com juizo. Dizei-me: quando saistes libertados da terra do Egypto, e quando foi feito este deus, a quem vós chamais deuses? O bezerro com quatro pés e duas pontas na testa foi fundido hontem: do Egypto (como consta do mesmo texto) ha mais de quatorze mezes que saistes. Pois como póde este deus, ou como poderam estes deuses que ainda não eram, libertar-vos do Egypto tantos mezes antes? Não eram e poderam libertar? Não eram e poderam fa-

zer tantos milagres? Aquelle ouro de que foram fundidas estas divindades não o trazieis pendurado das vossas orelhas todo este tempo? Pois como antes de ter fórma nem figura, nem vida, nem sentido, nem ser, poderam obrar o que credes? Póde haver mais clara e manifesta implicação? Não póde. E se vós tivereis uso de razão, ao pregoeiro e ao que mandou apregoar esta nova divindade havieis de queimar no mesmo fogo em que ella foi fundida. Mas isto mesmo é serdes vós, como então começastes a ser, herejes da verdadeira fé. Negastes a verdade, e crestes a mais clara e manifesta mentira: porque é natural instincto do vosso intendimento crer pelos motivos de negar e negar pelos motivos de crêr.

E a João Baptista quizeram-no reconhecer por Messias, porque o não era.

O caso do Testamento Novo ainda em certo modo é mais notavel. Mandou o senado de Jerusalem embaixadores a S. João Baptista no deserto, pedindo-lhe que declarasse se era elle o Messias esperado e promettido na lei: porque estavam apparelhados para o adorar e reconhecer. Foi esta embaixada dos ministros da synagoga muito acertada no tempo, mas muito errada na pessoa. Foi acertada no tempo, porque cerradas as hebdomadas de Daniel, e traspassado o sceptro de Judá aos aos romanos, segundo a verdade das prophecias era certo que estava o Messias no mundo; e foi errada na pessoa, porque esta embaixada havia de ir dirigida a Christo e não ao Baptista; como as mesmas prophecias, que eram mais vulgares entre os hebreus o gritavam claramente. A prophecia de Jacob dizia que o Messias havia de ser do tribu de Judá, o Baptista do tribu de Leví. A prophecia de Micheas dizia que o Messias havia de nascer em Bethlem, e o Baptista nasceu nas montanhas da Judéa. A prophecia de Isaias dizia que o Messias havia de dar pés a mancos, vista a cegos, falla a mudos, etc.; Christo fez infinitos milagres d'este genero, e o Baptista nenhum; *Joannes nullum signum fecit.* Pois se todas as razões dictavam que Christo era o verdadeiro Messias e nenhuma estava por parte do Baptista; porque se resolvem estes homens a crer e adorar o Baptista, e não querem reconhecer antes negam a Christo? Porque? Por isso mesmo. Negavam a Christo, porque tinham motivos de o crer; e criam no Baptista, porque tinham motivos de o negar. Eram aquelles de quem diz o propheta: *Erraverunt ab utero, loquutisunt falsa;* e quem erra por natureza não acerta por «lume de» razão. Se os intendimentos d'estes homens se governavam humana e desapaixonadamente pelos dictames da razão crendo e negando, creram em Christo e não creram no Baptista. Mas como elles eram infieis e como taes procediam cega e irracionalmente, crendo pelos motivos de negar e ne-

Ps. 57.

gando pelos motivos de crer, por isso encontraram aqui a resolução com os motivos: e ao Baptista a quem tinham razão de negar, criam; e a Christo a quem tinham razão de crer, negavam.

Assim os erros da perfidia heretica são argumentos da fé.

E porque os herejes (fechemos agora o nosso argomento) porque os herejes negam pelos motivos de crer e crêem pelos motivos de negar, bem se segue que é maior credito de nossa fé ser negada por elles, que ser crida. Por isso Christo Senhor nosso mandou callar ao demonio, quando lhe chamava Filho de Deus: porque ha pessoas que affrontam com os louvores, como com as injurias acreditam. Tal foi a de Nero, de quem disse Tertulliano que não podia ter maior abono a sanctidade da nossa fé, que ser perseguida por tão máu homem; *Tali dedicatione damnationis nostrae etiam glariamur: qui enim scit illam intelligere, patet non nisi aliquod grande bonum a Nerone damnatum*. São as palavras de Tertulliano merecedoras de virem a tempo que nos poderamos deter em as ponderar. Assim que os erros da perfidia heretica são os argumentos da fé catholica: os sollecismos da sua infedilidade são syllogismos da nossa verdade. D'aqui se intenderá a energia com que S. João Evangelista referiu no caso acima a resposta que o Baptista deu aos embaixadores de Jerusalem: *Confessus est et non negavit; et confessus est, quia non sum ego Christus:* confessou o Baptista e não negou; e confessou que não era elle Christo. Pergunto: Não bastava dizer que confessou? Para que accrescenta que confessou e não negou? É sem duvida pelo que imos dizendo. Porque os sacerdotes e levitas que offereciam a divindade ao Baptista: «eram pessoas que negavam pelos motivos de crer e criam pelos motivos de negar; por isso quiz o evangelista mostrar com que horror e indignação o Sancto Precursor repelliu tão blasphema proposta.»

A divindade de Christo não só tesiimunharam-na as luzes, mas tambem as trevas. S. Pedro Damião

Não se escandalize logo a fé por se ver negada por herejes no maior de seus mysterios: antes se glorie na memoria e na presença, vendo-se confirmada com dobrados testimunhos: com o dos herejes sacrilegos que injuriosamente a negaram, e com a dos fieis catholicos que tão firme, tão devota e tão gloriosamente a confessam. Notou S. Pedro Damião advertidamente que em abono da divindade de Christo não só testemunharam as luzes, mas tambem as trevas: *Habuit testimonium lucis et habuit testimonium tenebrarum. Habuit testimonium lucis; quia claritas stellae illustravit Magos: habuit testimonium tenebrarum, quia in morte ejus tenebrae factae sunt super universam faciem terrae.* Testemunharam pela fé de Christo em seu nascimento as luzes, em sua morte as trevas: as luzes guiando

aos Magos; as trevas escurecendo com universal eclipse o mundo: mas ainda que com tão differentes effeitos umas allumiavam, outras escureciam, todas conformemente testimunhavam. Tão «evidente» testimunho deram as trevas com seus eclipses, como as luzes com seus resplendores. O mesmo digo do Sanctissimo Sacramento n'esta casa: *Habuit testimonium lucis et habuit testimonium tenebrarum.* Aqui teve Christo o testemunho das luzes, e aqui teve o testemunho das trevas. As trevas da heresia escureceram, as luzes da nobreza illustraram: que cada uma havia de obrar como quem era: mas tão «evidente» testemunho deram as trevas escurecendo, como dão as luzes illustrando. Grande testemunho é da presença de Christo que a confesse a maior nobreza da terra; mas não é menor testemunho d'essa verdade que a negue a maior cegueira do mundo. As luzes no nascimento arrastaram as purpuras dos reis: mas as trevas na morte persuadiram os intendimentos dos philosophos; e assim como d'aquellas trevas naturaes collegiu o Areopagita que era Deus o que padecia; assim d'estas trevas hereticas devemos collegir nós, que é Deus o que offenderam: *Hic est panis qui de coelo descendit.*

A paciencia de Christo prova a verdade da nossa fé. Oza por tocar na arca com pouco respeito foi castigado, e o ministro que esbofeteou a Christo, não: porque assim!

IV. O segundo argumento d'esta verdade de nossa fé era o soffrimento divino, porque a paciencia de Christo no Sacramento é «aos nossos olhos» prova de sua presença. Soffreu Christo que os herejes puzessem as mãos n'aquella hostia e não os castigou? «Reconheçamos a infinita paciencia do nosso Redemptor» alli presente. Caminhava em uma carroça a arca do Testamento para a cidade de David; e como em um mau passo estivesse a perigo de cair, accudiu o sacerdote Oza para a sustentar: mas apenas tinha aplicado a mão, quando caiu em terra subitamente, e d'alli o levaram para a sepultura. Isto se refere no sexto capitulo do segundo livro dos reis. E se da historia do Testamento Velho passarmos á do Novo, acharemos no capitulo dezoito de S. João que um ministro do pontifice levantou sacrilego a mão para Christo; e imprimindo-a com furia no sagrado rosto, ficou vivo e sem castigo. Notavel desegualdade! Se porque se atreve a pôr a mão na arca morre Oza; como fica o ministro infame com vida, depois de tão horrendo atrevimento? Todo o respeito que se devia e se dava á arca do Testamento, não era por ser figura do Verbo incarnado? Pois se as injurias feitas ao retrato assim se castigam, como se não castigam tambem as injurias feitas á Pessoa? Porque cá era a Pessoa: lá era o retrato. Na arca do Testamento estava Deus por presença figurativa: na humanidade de Christo estava Deus por presença real e verdadeira; e onde tinha mais verda-

deira presença, ahi havia de dar maiores mostras de paciencia. Não pôde soffrer acenos a arca, porque não tinha de Deus mais que a figura: pôde soffrer injurias em seu rosto Christo, porque tinha de Deus a realidade. Oh Senhor, que bem mostrais que debaixo d'esses accidentes de pão está vossa real e verdadeira presença! Os herejes obraram como quem são; vós obrastes como quem sois: os homens negaram-vos; vós não vos negastes. Consagraram os hebreus divindade á similhança bruta de um bezerro: teve impulsos Deus de castigar tão grande atrevimento, assolando-os a todos, como mereciam: mas deixou-se vencer a ira divina das orações de Moyses: não os castigou. Poz os olhos n'esta acção S. Paulino, como os podera pôr no caso presente; e vendo os offensores na terra, sem castigo, e Deus no céu, offendido sem vingança; depois de larga admiração resolvou-se assim: *Deum homines negaverunt; et Deus se ipsum non negavit*: o caso é que os homens negaram a Deus; mas Deus não se negou a si: os homens negaram o Deus, porque idolatraram: Deus não se negou a si, porque os soffreu. Cuidaria alguem que se portou Deus n'aquella occasião menos cuidadoso dos foros da sua honra, menos zeloso dos pundonores de sua divindade. Mas não foi assim, diz S. Paulino: não levar da espada contra os homens foi defender e accudir por sua honra poderosamente; porque na paciencia com que os soffreu refutou a falsidade com que o negaram. Vós dizeis que não sou Deus? Pois hei de mostrar que o sou: hei vos de soffrer: *Deum homines negaverunt, et Deus se ipsum non negavit*. E senão, pergunto; e responda-me o intendimento mais escrupuloso: Se quando os sacrilegos chegarem a pôr a mão na hostia fizera Christo algum portentoso milagre ou derrubando-os per terra ou enterrando-os vivos, não disseramos que era argumento grande de sua divindade e presença? Sim: pois tanto «vos» mostrou Christo a verdade do seu ser e de sua presença em se deixar maltractar, como se castigára severa e prodigiosamente os que assim o tractaram.

Christo com o mesmo *Eu sou* derruba aos seus inimigos e entrega-se nas mãos d'elles. *Joan*. 18.

Vieram os judeus prender a Christo Redemptor nosso ao Horto. Perguntou-lhes o Senhor a quem buscavam; e como dissessem que a Jesus Nazareno, respondeu *Ego sum*: Eu sou; e foi tão poderosa esta palavra que no mesmo instante cairam por terra todos os soldados: *Abierunt retrorsum*. Não desistiram com este desengano os perfidos ministros (que não sabe escarmentar a infedelidade). Vendo-os resolutos, tornou o Senhor a lhes perguntar quem buscavam; e como respondessem que a Jesus Nazareno, disse o Senhor: *Dixi vobis quia ego sum*: já vos disse que eu sou: e dizendo isto lhe pozeram as

mãos e o prenderam: *Cohors ergo et ministri comprehenderunt Jesum et ligaverunt eum.* O que aqui pondero e o em que muito reparo é, que com um *Ego sum* derrubou Christo a seus inimigos, e com um *Ego sum* lhes deu licença para que pozessem n'elle as mãos sacrilegas. Se a palavra *Eu sou* foi tão poderosa que derrubou um exercito de soldados, porque toma Christo por meio de se entregar e de se deixar prender a mesma palavra *Eu sou*? A razão é, porque quiz ensinar Christo áquelles herejes, que tanto mostrava ser elle em os soffrer, como mostrava ser elle em os derrubar. Não cuideis herejes que fique monoscabada a verdade do meu ser na temeridade de vossos atrevimentos: porque Eu sou quando vos derrubo, e Eu sou quando vos soffro. Quando dou comvosco por terra, *Eu sou;* quando vos dou licença para que me punhais as mãos, tambem *Eu sou*: porque «assim como aos infieis» provo a verdade de meu ser com os milagres de minha omnipotencia, «assim a confirmo aos fieis com» as permissões de minha paciencia. *Ego sum* nos milagres de minha omnipotencia: *Et abierunt retrorsum*: *Ego sum* nos extremos de minha paciencia: *Et manus injecerunt in Jesum.*

Mostra mais a sua divindade na fortaleza de soffrido que na grandeza de todo poderoso. Por isso provocado a descer da cruz, não quiz. *Matth.* 27.

V. Antes se entre a omnipotencia e paciencia quizermos fazer comparação, mais mostrou Christo que o é na fortaleza de soffrido, que na grandeza de todo poderoso. Estava Christo pregado na cruz: chegaram os judeus, e fizeram-lhe partido: *Si Filius Dei es descende de cruce:* Eia, Senhor, venhamos a concerto: se sois Filho de Deus, como dizeis, descei d'essa cruz, e crêremos que o sois. Quando isto li, pareceu-me qué o Senhor acceitasse logo o partido: mas eu leio que não lhes respondeu palavra, e se deixou estar crucificado. Pois, se Christo não pretendia outra cousa mais que a fé dos homens, e os homens queriam crer, se se descesse da cruz; porque se não desceu? Deixou de descer Christo da cruz, não por não querer dar motivos de fé aos homens, senão porque lhes quiz dar os mais qualificados. O Senhor estava padecendo na cruz; elles queriam que descesse d'ella; e era menor prova de sua divindade o descer que o padecer. Admiravelmente S. Athanasio: Não quiz o Senhor descer para que cressem n'elle; mas para que cressem n'elle deixou-se padecer: porque muito mais provava ser Filho de Deus padecendo do que descendo.—Descendo mostrava-se sobrenaturalmente poderoso: padecendo mostrava-se sobrenaturalmente soffrido; e mais de divindade eram os milagres de sua paciencia, que os milagres de sua omnipotencia. Mal argumenta logo a infidelidade em duvidar da presença de Christo no Sacramento «e mal se escandaliza a nossa fé

«pelo ver tão soffrido em suas injurias: porque antes da sua paciencia «se confirma evidentemente a prova de» sua presença.

As palavras da instituição do Sacramento commentadas.

Hoc est corpus meum: Este é meu corpo, disse Christo na instituição do Sanctissimo Sacramento estando com pão nas mãos; e sendo uma cousa tão nova e tão difficultosa com que o provou? Ouvi as palavras seguintes «que são ao mesmo tempo prova e explicação do que elle diz:» *Hoc est corpus meum quod pro vobis tradetur*: este é o meu corpo que por vós ha de ser entregue. «Declara a seus discipulos que o pão consagrado não é simples figura de seu corpo divino, como estão blasphemando os calvinistas, senão o mesmo seu corpo que ha de ser crucificado; e com esta mesma crucifixão prova a sua presenca real; não sendo outra cousa o mysterio do Sacramento, que continuação do mysterio da cruz. Como se dissera o amorissimo Redemptor dos homens: Discipulos amados, chega finalmente o tempo em que o meu corpo ha de ser entregue pela redempção do genero humano; e assim hei de deixar este mundo. Mas como separar-me-hei de vós? Ah não m'o consente este coração que vos ama tanto. Nos thesouros da minha infinita sabedoria achei uma traça de amor para junctamente ir e ficar, deixar o mundo e não abandonar-vos. Seja embora a cruz o fim da minha vida visivel entre os mortaes: será a instituição d'este Sacramento o principio da invisivel na qual ficarei convosco até a consummação dos seculos. Aqui estarei escondido debaixo das especies sacramentaes para governar a minha Egreja e offerecer por vosso ministerio o sacrificio incruento do pão e do vinho que pertence ao meu eterno sacerdocio segundo a ordem de Melchisedech. Bem sei os crueis desacatos que n'este mysterio de amor hei de receber dos homens ingratos. Bem conheço quantos hão de seguir as pégadas sacrilegas do discipulo prevaricador. Mas nem por isso deixarei de ficar comvosco. Eis o tempo em que do Horto, dos tribunaes, do calvario apprenderá a minha humanidade a soffrer visivelmente aquellas affrontas sem numero que se lhe hão de continuar na sua vida sacramental: *Hoc est corpus meum quod pro vobis tradetur*. E assim foi que o pacientissimo Salvador» allegou as injurias futuras que os judeus haviam de fazer em seu corpo «visivel, para provar» que o deixava invisivel no Sacramento. A evidencia com que padeceu, diz S. Cyrillo, fez prova da inevidencia com que se deixou: para que intendamos que se não encontra a magnanimidade de sua paciencia com a verdade de sua presença, antes de uma se infere outra: *Hic est panis qui de coelo descendit*.

1. Cor. 11.

Diz a Egreja que Christo mostra a sua omnipotencia sobretudo com perdoar.

VI. Este sois, Senhor, este sois: este é o summo de vossa

grandeza, este é o summo de vossa majestade, este é o summo de vosso poder. Pouco conhece a omnipotencia de vossa divindade, quem a não reconhece e adora mais descuberta e manifesta na vossa paciencia. Podeis desfazer, podeis destruir, podeis assolar, podeis anniquilar o mundo em castigo e vingança de vossas offensas; e parecendo que este é todo o vosso poder, ainda podeis mais; e que? Podeis perdoar, podeis não castigar, nem vingar essas offensas. Assim o crê e canta vossa mesma Egreja: *Qui omnipotentiam tuam parcendo maxime et miserando manifestas:* Vós sois (diz) aquella omnipotente divindade que em perdoar e não castigar, em soffrer e não vingar, ostenta mais o summo poder de sua omnipotencia. Muito nos peza de que houvesse entre nós tão pouca fé que se atrevesse a offender vossa occulta Majestade debaixo da sombra d'esses accidentes invisivel. Porém nós que invisivel e sem a vermos a crêmos tão claramente, como se a viramos, em distinguir o castigo da satisfação, imitamos, quanto nos é possivel, os primores soberanos de vossa justiça. Assim como castigastes a infidelidade de Adão com a sentença de morte, assim castigou esta o zelo vigilantissimo de Portugal com a morte mais severa. Mas porque Adão e um sujeito de barro não podia satisfazer á infinita Majestade de Deus offendido, assim como mandou Deus seu proprio Filho para que elle em Pessoa satisfizesse por aquella culpa, assim o fez e faz n'estes tres dias Lisboa no modo que lhe é possivel. Os reis, os principes, a primeira e mais illustre nobreza são as deidades cá da terra: essas tendes, Senhor, prostradas deante d'esse throno, todos com o nome de perpetuos escravos d'esse sacrosanto mysterio; para que vossa mesma Majestade offendida se digne de acceitar a sua fé, a sua adoração e o seu profundissimo conhecimento e obsequio em satisfação e desaggravo d'esta offensa.

(Ed. ant. tom. 13.° pag. 295, ed. mod. tom. 11.° pag. 249).

SEGUNDO SERMÃO DO SANCTISSIMO SACRAMENTO ***

PRÉGADO EM SANCTA ENGRACIA NO ANNO DE 1645

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—O sermão que se segue é polemico-panegyrico, e quanto á fórma um dos mais originaes do nosso facundissimo orador. Note-se muito a variedade e poesia d'estas formas sobre tudo para os sermões panegyricos.

Caro mea vere est cibus et sanguis meus vere est potus.
S. JOÃO, 6.

Só o Sacramento da Eucharistia é ratificado por Christo com o adverbio *Vere*. Porque?

Todos os mysterios da fé, todos os sacramentos da Egreja são verdadeiros mysterios e verdadeiros sacramentos. Comtudo se attentamente lermos todos os evangelistas, se attentamente advertirmos todas as palavras de Christo, acharemos que nenhum outro mysterio em nenhum outro sacramento, senão no da Eucharistia, ratificou o Senhor com aquella palavra *Vere*, verdadeiramente. Instituiu Christo o sacramento da penitencia, e disse: *Quorum remiseritis peccata remittuntur eis;* a quem perdoardes os peccados, serão perdoados; e não disse *Vere*, verdadeiramente perdoados. Instituiu o sacramento do baptismo, e disse: *Qui crediderit et baptizatus fuerit, salvus erit:* quem crer e fôr baptizado, será salvo: mas não disse *Vere* verdadeiramente salvo. Pois se nos outros mysterios, se nos outros sacramentos não expressou o soberano Senhor, nem ratificou a verdade de seus effeitos; no sacramento de seu corpo e sangue, porque a confirma com tão particular expressão? Porque a ratifica uma e outra vez, *Caro mea vere est cibus, sanguis meus vere est potus?* Nas maiores alturas sempre são mais occasionados os precipicios; e como o mysterio da Eucharistia é o mais alto de todos os mysterios, como o sacramento do corpo e sangue de Christo é o mais levantado de todos os sacramentos, previu o Senhor que havia de achar n'elle a fraqueza e descobrir a malicia maiores occa-

siões de o duvidar. Haviam-no de duvidar os sentidos, e haviam-no de duvidar as potencias. Havia-o de duvidar a sciencia, e havia-o de duvidar a ignorancia. Havia-o de duvidar o escrupulo, e havia-o de duvidar a curiosidade; e onde estava mais occasionada a duvida, era bem que ficasse mais expressa e mais ratificada a verdade. Por isso ratificou a verdade de seu corpo debaixo das especies da hostia: *Caro mea vere est cibus:* Por isso ratificou a verdade de seu sangue debaixo das especies do calix: *Et sangnis meus vere est potus.*

Soltam-se as duvidas do judeu, do hereje, do gentio, do incredulo, do catholico.

Supposta esta intelligencia que não é menos que do concilio Tridentino, e supposta a occasião d'esta solemnidade, instituida para desaggravar a verdade d'este soberano mysterio, vendo-me eu hoje n'este verdadeiramente grande theatro da fé determino sustentar contra todos os inimigos d'ella a verdade infallivel d'aquelle, *Vere est cibus, vere est potus.* Estas duas conclusões de Christo havemos de defender hoje com sua graça. O mysterio da Eucharistia chama-se mysterio da fé por antonomasia: *Hic calix sanguinis mei novi et aeterni testamenti, mysterium fidei.* Sairão, pois, a argumentar contra a verdade d'este mysterio da fé não só os inimigos declarados d'ella, mas todos os que por qualquer via a podem difficultar; e «são o judeu, o hereje, o gentio, o incredulo, o catholico». E para que a victoria seja mais gloriosa, vencendo a cada um com suas proprias armas, ao judeo responderá a razão com as escripturas do testamento velho, ao hereje com o evangelho, ao gentio «com a analogia das suas mesmas fabulas, ao incredulo com os exemplos da natureza, ao catholico com os merecimentos de seu zelo e devoção». Temos a materia. Para que seja á gloria de nossa sancta fé e honra do Divinissimo Sacramento, peçamos áquella Senhora que deu a Deus a carne e sangue de que se instituiu este mysterio, e não é menos interessada na victoria de seus inimigos, nos alcance a luz, o esforço e a graça que para tão nova batalha havemos mister. *Ave Maria.*

O judeu convence-se com o milagre da multiplicação dos pães. Joan. 6.

II. *Caro mea vere est cibus et sanguis meus vere est potus.* O primeiro inimigo que temos em campo contra a verdade d'aquelle sacrosancto mysterio é o judeu. Judaica perfidia foi, como se crê, a que deu causa á dôr e occasião á gloria d'este grande dia. Mas para convencer o judeu e o sujeitar á fé do mysterio da Eucharistia não ha mister a razão as nossas escripturas; bastam-lhe as suas mesmas. A primeira e maior duvida que tiveram os judeus contra a verdade d'este sacramento foi a possibilidade d'elle: *Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum?* Como póde elle (diziam) dar-nos a comer a sua carne? Não é possivel. E Christo que lhe respondeu? *Nisi manducaveritis car-*

nem Filii hominis et biberitis eius sanguinem non habebitis vitam in vobis: se não comerdes a minha carne e beberdes o meu sangue não tereis vida. Senhor, com licença de vossa sabedoria divina; a questão dos judeos era duvidarem da possibilidade d'este mysterio; e as duvidas postas em presença do mestre soltam-se com a explicação e não com o castigo. Se estes homens duvidam da possibilidade do mysterio, dizei-lhes como é possivel e declarae-lhes o modo com que póde ser; e ficarão satisfeitos. Pois porque seguiu Christo n'este caso outro caminho tão differente; e em logar de lhes dar a explicação os ameaçou de castigo? A razão foi «porque as duvidas dos judeus depois que tinham sido testemunhas do milagre da multiplicação dos pães não procediam de ignorancia, mas de obstinação». Diz o texto que os judeus litigavam uns contra os outros sobre o caso: *Litigabant ergo judaei.* Se litigavam, logo uns diziam que sim, outros que não. Os que diziam que sim, davam razões para ser possivel: os que diziam que não, davam razões para o não ser; e eram tão efficazes as razões dos que diziam que sim, que não teve Christo necessidade de dar as suas: por isso accudiu á pertinacia com o castigo e não á duvida com a explicação. Tres cousas concorriam n'esta demanda: a duvida do mysterio, a malicia dos que o negavam e a razão dos que o defendiam; e quando Christo parece que havia de accudir á duvida com a explicação, accudiu á malicia com o castigo: porque os argumentos dos que negavam o mysterio já estavam convencidos na razão dos que o defendiam.

Vide Corn. a Lap.

E senão desçamos em particular aos impossiveis que n'este mysterio reconhece, ou se lhe representam ao judeu: *Quomodo potest?* O Sacramento da Eucharistia por antonomasia é mysterio do Testamento Novo: *Hic calix novum testamentum est in meo sanguine:* mas de tal modo é mysterio novo e do Testamento Novo, que todas as suas difficuldades se creram e se tiraram no Velho. Grande difficuldade é d'este mysterio que o pão se converta em corpo de Christo e o vinho em seu sangue; mas se o judeu crê nas suas escripturas que a mulher de Loth se converteu em estatua; se crê que a vara de Moysés se converteu em serpente; se crê que o rio Nilo se converteu em sangue; que razão tem para não crêr que o pão se converte em corpo de Christo? Grande difficuldade é n'este mysterio que receba tanto o que commungou toda a hostia, como o que recebeu uma pequena parte: mas se o judeu crê que, quando seus paes iam colher o manná ao campo, os que colhiam muito e os que colhiam pouco, todos se achavam egualmente com a mesma medida; que razão tem para não crêr que assim os que re-

E muito mais com tantos outros milagres do Testamento velho.
1 Cor. 11.
Gen. 29.
Exod. 16.
Jos. 10.
Ps. 110.

cebem parte, como os que recebem toda a hostia, commungam todo Christo? Grande difficuldade é n'este mysterio que todas as maravilhas d'elle se obram com quatro palavras, e que esteja Deus sujeito e como obediente ás do sacerdote: mas se o judeu crê que a tres palavras de Josué obedeceu Deus e parou o sol, e que por não crêr Moysés que bastavam palavras para converter a penha em fonte, foi condemnado a não entrar na terra de Promissão, que razão tem para não crêr que bastam as palavras do sacerdote para que Christo desça e o pão se mude? Finalmente muitos dos que crêem e adoram este soberano mysterio são hebreus da mesma nação verdadeiramente convertidos á fé: o mesmo auctor e instituidor d'elle Christo Redemptor e Senhor nosso «segundo a carne» era hebreu: os primeiros que o adoraram creram e commungaram (que foram os apostolos e discipulos) eram tambem hebreus e esses mesmos hebreus foram os primeiros sacerdotes que o consagraram e os primeiros prégadores que o levaram, promulgaram, fundaram e estabeleceram por todo o mundo. Pois «se o Instituidor, se os primeiros propagadores e adoradores d'este mysterio foram da sua nação e Deus não sómente não os castigou, como castigou os hebreus idolatras e adoradores do bezerro, senão os protegeu e até n'esta terra os coroou de gloria; que razão teem os judeus para não imitar o exemplo de tantos da sua nação?» De maneira, judeu, que com as tuas mesmas escripturas, com o teu mesmo intendimento «com os mesmos exemplos de tua casa» te está convencendo a razão a mesma verdade que negas e os mesmos impossiveis ou difficuldades que finges. O que creste nas tuas escripturas, é o que aqui te manda crêr a fé; só com esta differença que aqui te manda crêr por juncto os milagres que lá creste repartidos. O propheta o disse: *Memoriam fecit mirabilium suorum, escam dedit timentibus se:* fez memoria Deus das suas maravilhas no pão que deu a comer aos que o temem. De sorte que a memoria é nova; mas as maravilhas são antigas: lá estavam divididas; aqui estão compendiadas. «Confessa, pois, convencido de tantas maravilhas da tua mesma historia, que se não é impossivel a presença real de Christo no Sacramento fel-a effectiva a omnipotencia de Quem disse»: *Caro mea vere est cibus et sanguis meus vere est potus.*

Confuta-se o hereje analyzando as palavras da instituição da Eucharistia.

III. O hereje, como inimigo domestico, argumenta com o evangelho e das palavras de Christo forma armas contra o mesmo Christo. Crê e pretende provar que, o que está debaixo das especies sacramentaes, é verdadeira substancia do pão, e argúi d'esta maneira: Christo no evangelho chama muitas vezes pão

a este mysterio: *Hic est panis qui de coelo descendit: qui manducat hunc panem, vivet in aeternum.* Christo chama-lhe pão? Logo é pão, diz o hereje. Responde a razão facilmente «que o mesmo Christo ensina que esse pão é seu corpo: *Hoc est corpus meum:* e que a seu corpo dá o nome de pão, porque é sustento das nossas almas para estas viverem eternamente: *Qui manducat hunc panem, vivet in aeternum.* E declarando a Verdade Eterna que este pão é seu corpo, como se atreverá a negal-o a perfidia humana?» Mas d'aqui mesmo insta e argumenta o hereje; que assim como Christo chamou pão á hostia sem ser pão; assim lhe podia chamar seu corpo, sem ser seu corpo. Não podia, diz a razão; e d'ahi mesmo o prova e convence admiravelmente. A hostia póde-se chamar pão sem ser pão; porque foi e parece pão: mas não se póde chamar corpo de Christo sem ser corpo de Christo, porque nem o foi nem o parece. De um de tres modos se póde chamar a hostia corpo de Christo; ou porque o é, ou porque o foi, ou porque o parece. Porque o parece, não; porque aquella hostia depois de consagrada, não parece corpo de Christo. Porque o foi; não; porque aquella hostia antes de consagrada não foi corpo de Christo. Logo se se chama corpo de Christo, é porque verdadeiramente o é; e porque não fica outro verdadeiro sentido em que as palavras de Christo se possam verificar.

Joan. 6.

Contra: replíca ainda o hereje obstinadamente. Christo na Escriptura chama-se pedra, chama-se cordeiro, chama-se vide. Chama-se pedra, porque assim o disse S. Paulo: *Bibebant de consequente eos petra: petra autem erat Christus.* Chama-se cordeiro; porque assim o disse S. João Baptista: *Ecce agnus Dei, ecce qui tollit peccata mundi.* Chama-se vide; porque o mesmo Christo o disse fallando de si: *Ego sum vitis vos palmites.* E comtudo nem Christo foi pedra, nem parece pedra, nem é pedra: nem foi cordeiro, nem parece cordeiro, nem é cordeiro: nem foi vide, nem parece vide, nem é vide. Logo «(conclúi o hereje)» bem se póde chamar Corpo de Christo sem ser corpo de Christo, assim como se chama pedra, cordeiro e vide, sem ser vide, cordeiro, nem pedra. Bemdicta seja, Senhor, a vossa sabedoria e providencia que contra toda a pertinacia e astucia de tão obstinados inimigos de nossa fé deixastes armada vossa Egreja e defendida a verdade d'esse soberano mysterio com uma só palavra: *Vere,* verdadeiramente. Entre o sentido verdadeiro e o metaphorico ha esta differença, que o sentido metaphorico significa sómente similhança; o verdadeiro significa realidade. E para tirar toda esta equivocação e qualquer outra duvida, o mesmo instituidor do Sacramento, Christo, declarou e repetiu uma e

O adverbio *Vere* responde a todas as suas difficuldades. 1 *Cor.* 10. *Joan.* 1. *Ibid.* 15. *Vide Corn. a Lap.*

outra vez que o sentido em que fallava, assim de seu corpo como de seu sangue não era metaphorico, senão verdadeiro. «O argumento de que se tracta no capitulo citado de S. João é sua sanctissima humanidade da qual diz o divino Mestre que é pão do céu mais propria e verdadeiramente que o manná dos hebreus; e conclúi que para ter a vida eterna é necessario comer a sua carne e beber o seu sangue, porque a sua carne verdadeiramente é comida e o seu sangue verdadeiramente é bebida: *Quia caro mea vere est cibus et sanguis meus vere est potus*. Não declara o modo sacramental com que verdadeira e não metaphoricamente se póde comer a sua carne e beber o seu sangue sem aquelle horror que aos ouvintes causavam as suas palavras: porém assegura que a comida de seu corpo e a bebida de seu sangue não hão de ser metaphoricas, mas reaes. Ha alguma asseveração d'esta natureza nos textos que allegam os herejes?» Se eu dissera a Lutero e Calvino que eram homens, claro está que haviam de intender que fallava em sentido verdadeiro; porque ainda que foram dous monstros tão irracionaes eram compostos de alma e corpo. Mas se eu lhes dissera que eram duas serpentes venenosas, que eram dous lobos do rebanho de Christo, que eram duas pestes do mundo e da Egreja, tambem haviam de intender que fallava em sentido metaphorico. Pois a mesma differença vai do texto de Christo a estes textos mal interpretados que elles allegam contra a verdade do Sacramento. Chama S. Paulo a Christo Pedra, porque assim como da pedra do deserto de que elle fallava brotou a fonte perenne de que bebia o povo de Deus, assim de Christo manaram e manam as fontes da graça de que se alimenta o povo christão. Chama o Baptista a Christo cordeiro; porque assim como na lei antiga se sacrificavam cordeiros para aplacar a Deus offendido, assim Christo figurado n'elles se sacrificou na cruz pelos peccados do mundo. E chama-se finalmente o mesmo Christo vide; porque assim como a vara cortada ou separada da vide não pode dar fructo; assim os que se separam de Christo e da sua Egreja, como os herejes, não podem fazer obra boa nem meritoria. D'este modo é Christo pedra, é cordeiro, é vide, não em sentido verdadeiro, senão no metaphorico. Porém quando o mesmo Senhor falla de seu corpo e de seu sangue; como o corpo e o sangue de sua sagrada humanidade, era verdadeiro corpo e verdadeiro sangue, e não metaphorico, tambem o sentido em que falla não póde ser metaphorico, senão verdadeiro.

O mysterio do Calvario explica o do Cenaculo.

E senão respondam-me estes dous heresiarcas e digam-me se o corpo de Christo que foi immolado na cruz e o sangue que foi derramado no Calvario era verdadeiro corpo e verdadeiro san-

gue de Christo? Ambos elles confessam que sim. Pois esse mesmo corpo que foi immolado na cruz é o que nos deu Christo a comer na hostia, e por isso disse: *Hoc est corpus meum quod pro vobis tradetur.* E esse mesmo sangue que foi derramado no Calvario é o que nos deu a beber no calix; e por isso disse: *Hic est calix sanguinis mei qui pro vobis effundetur.* Emmudeça logo o hereje, tape a bocca impia e blasphema, e creia e confesse com as mãos atadas a verdade d'aquelle *Vere: Caro mea vere est cibus, sanguis meus vere est potus.*

As difficuldades que póde propor o gentio.

IV. Ao gentio tambem lhe parece impossivel este mysterio e a maior difficuldade que acha n'elle são as mesmas palavras de Christo, «que vamos declarando». Como é possivel, diz o gentio, que seja Deus quem diz que lhe comam a carne e lhe bebem o sangue? E como podem ser homens os que comem a carne e bebem o sangue a seu proprio Deus? Pareceu tão forçoso este argumento e tão deshumana esta acção a Averroes, commentador de Aristoteles, que só por não ser de uma lei em que era obrigado a comer seu Deus, não quiz ser christão, e se deixou morrer gentio.

Refutadas por Tertulliano. *Apolog. c. 21 et 22.*

Aos argumentos dos gentios prometteu a razão que responderia com «as analogias» das suas fabulas; e porque não pareça pouco solido este modo de responder, ouçamos primeiro a Tertulliano argumentando contra a gentilidade. Tertulliano no seu Apologetico, disse, que as fabulas dos gentios faziam criveis os mysterios dos christãos. Parece proposição difficultosa; porque as fabulas dos gentios são mentiras, são fingimentos; os mysterios dos christãos são verdades infalliveis: como logo póde ser que a mentira accrescente credito á verdade? O mesmo Tertulliano se explicou com o juizo que costuma: *Fideliora sunt nostra, magisque credenda, quorum imagines quoque fidem invenerunt.* As fabulas dos gentios, se bem se consideram, são umas similhanças, são umas imagens ou imaginações dos mysterios dos christãos; e se os gentios deram fé ao arremedado sómente dos mysterios, porque a não hão de dar ao verdadeiro d'elles? Se creram e adoraram os retratos «ainda que tão desfigurados» porque hão de duvidar a crença e negar a adoração aos originaes?

A idolatria semeia a credibilidade e a fé colhe a crença.

Com a sua mesma idolatria está convencendo a razão aos gentios para que não possam negar a fé; porque nenhuma cousa lhes propôi tão difficultosa de crer a fé, que elles a não tenham já concedido e confessado nas suas fabulas. D'aqui se intenderá a razão e providencia altissima que Deus teve para permittir a idolatria no mundo. E qual foi? Para que a mesma idolatria abrisse o caminho á fé e facilitasse ao intendimento dos homens

a crença de tão altos mysterios, como os que tinha guardado para a lei da graça. A porta da fé é a credibilidade, como dizem os theologos; porque antes de uma cousa ser crida ha de julgar o intendimento que é crivel; e isto é o que fez a idolatria no mundo, vindo deante da fé. A idolatria semeou a credibilidade, e a fé colheu a crença; a idolatria com as fabulas começou a fazer os gentios credulos, e a fé com os mysterios acabou de fazer crentes. Como a fé é crença de cousas verdadeiras e difficultosas, a idolatria facilitou o difficultoso e logo a fé introduziu o verdadeiro. As repugnancias que tem a fé é o grande, o arduo, o escuro e o sobrenatural dos mysterios, crer o que não vejo e confessar o que não intendo; e estas repugnancias já a idolatria as tinha vencido nas fabulas, quando a fé as convenceu nos mysterios.

Quem crê as fabulas mais facilmente crerá as verdades da fé.

Supposta esta verdade ficam mui faceis de crêr aos gentios quaesquer difficuldades que se lhe representam no sacramento do altar; porque tudo o que nós cremos n'este mysterio creram elles primeiro nas suas fabulas. Se os gentios creram que no pão comiam um Deus e no vinho outro; no pão a Ceres e no vinho a Baccho; que difficuldade lhes fica para crerem que debaixo das especies do pão comemos a carne e debaixo das especies do vinho bebemos o sangue do nosso Deus? Se comessemos a carne e sangue em propria especie, seria horror da natureza: mas debaixo das especies alheias, tão naturaes, como as de pão e vinho, nenhum horror faz nem póde fazer, ainda a quem tenha a vista tão mimosa e o gosto tão achacado, como Averroes.

Os impossiveis do mysterio eucharistico e os da mythologia.

Em todos os outros impossiveis, que se representam ao gentio n'este mysterio, corre o mesmo. Parece impossivel n'este mysterio que a substancia do pão passe a ser Corpo de Christo; parece impossivel que a qualidade do corpo e a qualidade do pão occupem um só logar na mesma hostia: parece impossivel que o mesmo manjar cause morte e cause vida; parece impossivel que o mesmo Christo esteja junctamente no céu e mais na terra; parece impossivel que desça Deus cada dia á terra para se unir com o homem e o levar ao céu; e parece finalmente impossivel que o homem comendo se transforme, com um boccado, de homem em Deus. «Mas cheia está de impossiveis a mythologia dos gentios de todas as nações; gregos, latinos, egypcios, persas, assyrios, chinas, japões e indianos; e se as suas fabulas, que não foram e não podiam ser confirmadas com milagres, foram cridas sem alguma difficuldade; que difficuldade póde ter o gentio para crer os mysterios do Sacramento, confirmados com milagres sem numero?»

Argumentação de David e S. Pedro.

Louva David os mysterios da lei escripta; e encarece-os por comparação ás fabulas dos gentios. *Narraverunt mihi iniqui fabulationes, sed non ut lex tua.* Louva S. Pedro os mysterios da lei da graça; e encarece-os por comparação ás fabulas da mesma gentilidade: *Non enim doctas fabulas secuti notum facimus vobis virtutem et praescientiam Jesu Christi.* Notavel comparação! Se David e Pedro querem encarecer os divinos mysterios da fé por comparação á gentilidade; porque os não comparam com as historias dos gentios, senão com as suas fabulas? A profissão da historia é dizer verdade; e as historias dos gentios tiveram feitos heròicos e casos famosissimos, como se vê nas dos gregos e dos romanos. Pois porque comparam David e Pedro os mysterios sagrados não ás historias, senão ás fabulas? Porque as historias contam o que os homens fizeram, e as fabulas contam o que os homens fingiram; e vencer Deus aos homens no que poderam fazer não é argumento de sua grandeza: mas vencer Deus aos homens no que souberam fingir, esse é o louvor cabal de seu poder. Que chegassem as obras de sua omnipotencia, onde chegaram os fingimentos de nossa imaginação?! Que chegasse a omnipotencia divina obrando, onde chegou a imaginação humana fingindo? Grande poder! Grande sabedoria! Grande Deus! Isto é o que adoramos e confessamos n'aquelle mysterio. As fabulas dos gentios foram imaginações fingidas das maravilhas d'aquelle mysterio; e as maravilhas d'aquelle mysterio são existencias verdadeiras de suas fabulas. Pois se as creram na imaginação, porque as hão de negar na realidade? Confesse logo o gentio convencido da razão, a verdade manifesta d'aquelle *vere* das palavras do Salvador: *Caro mea vere est cibus et sangnis meus vere est potus.*

O incredulo sophista convencido com os mesmos argumentos que tirou da natureza. Tertulliano.

V. «O incredulo principalmente se é sophista» que é gente tão cega pela presumpção como os que até agora vimos pela infidelidade, cuida que tem fortissimos argumentos contra este mysterio; e diz que não póde ser verdadeiro por muitos principios. Primeiro: porque as naturezas e substancias das cousas são immudaveis: logo o que era substancia de pão não se póde converter em substancia de Christo. Segundo: porque o todo é maior que a parte: logo se todo Christo está em toda a hostia, todo Christo não póde estar em qualquer parte d'ella. Terceiro: porque o intendimento deve julgar conforme as especies dos sentidos, que são as portas de todo o conhecimento humano: os sentidos cheiram, gostam e apalpam pão: logo pão é, e não Corpo de Christo, o que está n'aquella hostia. Com a natureza argumenta «o incredulo sophista»; e com a mesma natureza o ha de convencer a razão: porque, com a fé ser sobrenatural, a melhor ou mais facil mestra da fé é a natureza. Os prophetas que

foram os que prégaram e ensinaram os mysterios da fé aos homens, não os mandou Deus ao mundo no tempo da lei da natureza, senão no tempo que se seguiu depois d'ella, que foi o da escripta; e porque? Douta e avisadamente Tertulliano: *Praemisit tibi naturam magistram, submissurus et prophetiam, quo facilius crederes prophetiae discipulus naturae.* Deu Deus primeiro aos homens por mestra a natureza, havendo-lhes de dar depois a prophecia; porque as obras da natureza são rudimentos dos mysterios da graça; e muito mais facilmente apprenderiam os homens o que se lhes ensinasse na eschola da fé, tendo sido primeiro discipulos da natureza. Se queres ser mestre na fé, faze-te discipulo da natureza: porque os exemplos da natureza te «ajudarão muitissimo para» desatares as difficuldades da fé. Ouça, pois, o incredulo, discipulo da natureza por mais graduado que seja n'ella; e verá como lhe desfaz a razão com os principios da mesma eschola todos os argumentos que tem contra a fé d'aquelle mysterio.

O pão que se converte em carne na nutrição do corpo humano.

A' primeira difficuldade responde a razão que não tem a philosophia que se espantar de lhe dizer a fé, que a substancia do pão se converte na substancia do corpo, e a substancia do vinho na substancia do sangue de Christo; porque este milagre vemos sensivelmente cada dia na nutrição natural do corpo humano. Na nutrição natural do corpo humano a substancia do pão e do vinho nao se converte na substancia da carne e sangue? Pois se a natureza é poderosa para converter pão e vinho em carne e sangue em espaço de oito horas; porque não será poderosa a graça a converter pão e vinho em substancia de carne e sangue em menos tempo? Para confessar este milagre não é necessario crer que a graça é mais poderosa que a natureza; basta conceder que é mais apressada. O que a natureza faz devagar; porque o não faz a graça um pouco mais depressa?

O milagre das vodas de Caná e o do deserto. (*Joan.* 2. *Matth.* 14.) Sancto Agostinho *Tract.* 24 *in Joan.*

Os dous milagres celebres que Christo fez em pão e vinho foram o das vodas de Caná e o do deserto. Nas vodas converteu a agua em vinho; no deserto com cinco pães deu de comer a cinco mil homens. Um reparo a ambos os casos. Para Christo dar pão no deserto não tinha necessidade de se aproveitar dos cinco pães: para Christo dar vinho nas vodas não tinha necessidade de que as jarras se enchessem de agua. Pois, porque não quiz dar vinho, senão convertido de agua? Porque não quiz dar pão, senão multiplicado de pães? A razão foi, diz Sancto Agostinho, porque quiz que nos exemplos da natureza se facilitasse a fé das suas maravilhas. Na multiplicação dos pães fez o que faz a terra: na conversão do vinho fez o que fazem as vides. Na multiplicação dos pães fez o que faz a terra; porque

a terra, semeam-lhe pouco pão, e dá muito. Na conversão do vinho fez o que fazem as vides; porque as vides, a agua que chove do céu convertem-na em vinho. Isto fez Christo no deserto: isto fez Christo nas vodas. No deserto de pouco pão fez muito; nas vodas de agua fez vinho. Mas se Christo fez o que faz a terra; se Christo fez o que fazem as vides, em que esteve o milagre? Esteve o milagre em que Christo fez em um instante o que a terra e as vides fazem em seis mezes. Oh que boa doutrina esta, se fôra hoje o seu dia! De maneira que «uma das cousas que» distinguem as obras de Deus em quanto auctor sobrenatural, das obras da natureza, é a pressa ou o vagar com que se fazem. Milagres feitos devagar são obras da natureza: obras da natureza feitas depressa são milagres. Isto é o que passa no nosso mysterio. Converter pão e vinho em carne e sangue; assim como o faz Christo no Sacramento, assim o faz a natureza na nutrição: mas com esta differença que a natureza fal-o em muitas horas, e Christo em um instante. Pois, «incredulo,» o que a natureza faz devagar o auctor da natureza e da graça porque o não fará depressa?

A alma que está toda em todo o corpo humano e toda em qualquer parte.

O impossivel de estar todo em todo e todo em qualquer parte, tambem o descrerá o «incredulo»; e confessará facilmente que é possivel, se tornar a eschola da natureza. «Mas como? Examinando a si mesmo. A sua alma não está toda em todo o seu corpo e toda em qualquer parte d'elle? Pois do mesmo modo está o corpo e o sangue de Christo no Sacramento. E se elle replicar que esta é propriedade da nossa alma como substancia espiritual; eu tambem lhe responderei que ainda mais é propriedade do corpo e do sangue de Christo como substancia unida hypo- staticamente com a divindade. Negará o incredulo que Deus possa dar a uma substancia n'elle divinizada propriedade espiritual?

As cores do arco celeste.

Finalmente que o incredulo» não haja de crer aos olhos, ainda que lhe digam constantemente que alli está pão; a mesma natureza lh'o ensina com um notavel exemplo. Na iris, ou arco celeste, todos os nossos olhos jurarão que estão vendo variedade de côres; e comtudo ensina a verdadeira philosophia que n'aquelle arco não ha côres, senão luz e agua. Pois se a philosophia ensina que não ha côr onde os olhos estão vendo côr, que muito que ensine a fé que não ha pão onde os olhos parece que vêem pão? Por isso dizia David fallando de seus olhos uma cousa muito digna de reparar, em que ninguem repara: *Revela oculos meos, et considerabo mirabilia tua.* Senhor, «tirae o véu» dos meus olhos; e considerarei vossas maravilhas. Para intender as maravilhas de Deus é necessario que «Deus tire dos nos-

sos olhos o véu que nos impede a vista. E qual é este véu? O engano natural dos sentidos. Porque» se a vista se engana nas obras da natureza; nas que são sobre a natureza como se não ha de enganar? E se em um arco de luz e nuvem assim erram e desatinam os olhos; que credito se lhes ha de dar «no mysterio da Eucharistia»? Emende logo «o incredulo» a vista com o discurso; e confesse, ensinado da natureza e convencido da razão, a verdade indubitavel d'aquelle *vere*: *Caro mea vere est cibus et sanguis meus vere est potus.*

Queixas do catholico porque no Sacramento não póde ver o rosto de Christo.

VI. * «O catholico finalmente» não por falta de fé, mas por excesso de amor e mais queixoso dos accidentes que duvidoso da substancia, por parte do seu affecto argúi assim com o mesmo Christo. A minha fé com os olhos fechados crê firmemente, Senhor, que estais no Sacramento, mas o meu amor não póde intender nem penetrar como seja possivel esta verdade. Se partindo-vos da terra quizestes ficar na terra, foi para satisfação do vosso amor e para allivio do nosso, para credito de vossas finezas e para remedio de nossas saudades. Assim o disse aquelle grande interprete dos segredos de vosso coração n'este mysterio: *De sua contristatis absentia solatium singulare reliquit.* Pois se ficastes para nossa consolação, como vos encobris a nossos olhos? Se foi amor o ficar, como póde ser amor o ficar d'esse modo? Ficar e ficar encuberto antes é martyrio do desejo, que allivio da saudade. Por certo que não eram esses antigamente os estylos do vosso amor, nem da sua paciencia: *En ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras et prospiciens per cancellos.* Havia sim entre vós e a alma querida uma parede: mas com a parede ser sua havia n'ella uma gelozia por onde a vieis e por onde vos via. Para não podermos ver vossa divindade é nossa a parede d'este corpo: mas para não vermos vossa humanidade vossa é a parede d'esses accidentes. Pois se os impedimentos e estorvos da vista são vossos e vosso amor é omnipotente, como quereis que creia o meu amor uma tão grande implicação do vosso, como é amar-me tanto e não vos deixardes ver? A fé o crê muito a seu pezar:

S. Thom. Opusc. 57.

Cant. 2.

* *Nota do compilador.* Os adversarios que confuta o orador no sermão original não são cinco mas septe; achando-se entre elles tambem o politico e o diabo; cujas argumentações em parte supprimi-as como improprias, em parte lhes dei outro gyro. Comtudo não quero deixar uma chistosa observação do genio vierense tão apropriada aos nossos dias que parece mandada fazer de encommenda=Agora se seguia (diz elle) o politico: mas fique para o fim, e entre em seu logar o diabo, que talvez não seria desacertada a troca. Tempos houve em que os demonios fallavam e o mundo os ouvia; mas depois que ouviu os politicos ainda é peior mundo como estamos vendo com os nossos olhos.

mas o amor não o soffre nem o alcança, nem o póde deixar de ter por impossivel.

Assim o argúi amorosamente queixosa a devoção «do catholico»: mas tem facil e mui inteira resposta a sua piedade. A um affecto amoroso da alma responde a razão com outro affecto mais amoroso de Christo, que maior amor é em Christo o não se deixar vêr, do que na devoção o desejar vel-o. Ainda que Christo se não deixa vêr de nós, é certo que se deixou comnosco: mas deixou-se de maneira que o não possamos vêr, «porque não buscou a satisfação de seu amor.» O fim para que Christo se deixou no Sacramento foi para que os homens o amassemos «agora com merecimento na vida presente e depois com gozo na eternidade. Mas que merecimento tivera o nosso amor, se a sua infinita amabilidade não ficasse encoberta com as especies eucharisticas? Acaso os que no céu o vêem descobertamente teem algum merecimenio no seu amor? Não o teem, nem podem ter. Pois para que nós na terra o tivessemos, se quiz o amorosissimo Senhor» deixar em disfarce de desejado, e não em trajos de visto: descoberto para os olhos, não; encoberto sim, para as saudades «e merecimentos da nossa devoção: mostrando-nos que é fineza, e não implicação de amor, deixar-se invisivel n'aquelle mysterio, sendo para nosso maior bem.

Semrazão d'estas queixas.

Mas respondida e satisfeita a devoção do catholico, levanta-se a argumentar o seu zelo». e do mesmo caso que deu occasião a esta solemnidade infere que o Principe da gloria, Christo, que o Rei dos homens e dos anjos, que o Monarcha universal do céu e da terra «não devia» deixar tão mal guardada sua auctoridade e tão pouco defendido seu respeito, como é força que o esteja, cercado só de uns accidentes de pão. Os principes de nenhuma cousa são nem devem ser mais zelosos, que de sua auctoridade. Como logo é possivel que Christo deixasse tão arriscada e exposta a Majestade Divina de sua pessoa a caír nas mãos infieis e sacrilegas de seus inimigos, como publicam as memorias d'este dia e a occasião e o nome d'estes desaggravos?

Outras do seu zelo.

Aos outros argumentos respondi pela razão com o que estudei: a este respondo com o que vejo. Onde se conquistam venerações, não se perde auctoridade. Estes são os dictames de Deus; esta foi sempre a sua razão de estado. Permittiu o que choramos para conseguir o que vemos. Que maior exaltação da fé, que maior confusão da heresia, que maior honra de Christo! Tanto rende a Deus uma offensa, quando é a christandade a que a sente e a nobreza a que a desaggrava! As majestades e altezas do mundo, os grandes, os titulos, os prelados, as reli-

Refutadas com a presente solemnidade.

giões, todos prostrados por terra, todos servindo de joelhos, todos confessando por escravos humildes e adorando como a Supremo Senhor aquella Soberana Majestade sempre veneravel e sempre veneranda; mas muito mais quando «desaggravada com demonstrações de tanta piedade.»

Consequencias das affrontas da cruz. *Joan.* 12.

Dizia este mesmo Senhor (que sempre é o mesmo e sempre se parece comsigo): *Si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad me ipsum:* quando eu fôr levantado da terra em uma cruz hei de trazer tudo a mim. A affronta da cruz foi a maior que padeceu nem podia padecer Christo a mãos da infidelidade e temeridade humana. Mas as consequencias d'essa affronta, diz o Senhor que haviam de ser as suas maiores glorias, trazendo tudo a si. Assim o mostrou e vai ainda mostrando o comprimento d'esta prophecia pelo discurso dos tempos na fé universal do mundo, quasi tudo já trazido ao conhecimento, obediencia e veneração de Christo.

José e Nicodemus e a nobreza de Portugal. *Marc.* 15. *Joan.* 3.

Mas se quizermos apertar mais a significação e energia d'aquelle *Si exaltatus fuero a terra,* nos obsequios de José e Nicodemus veremos que «se começou» a verificar o *Omnia traham ad me ipsum.* José como notou S. Marcos era nobre: *Nobilis decurio;* Nicodemus, como notou S. João, era principe: *Princeps judaeorum*; e como Christo desde a sua cruz havia de trazer a si a nobreza e os principes, por isso «começou a» trazer a si *tudo,* porque os principes e a nobreza «trazem com o seu exemplo» o tudo dos reinos. Escolheu Christo aos nobres e senhores para que o tirassem do affrontoso supplicio e fizessem as honras a seu corpo; porque honrar o corpo de Christo affrontado é acção que anda avinculada á nobreza. E quando assim trouxe a si a nobreza, diz que havia de trazer a si tudo. Bem se cumpriu esta promessa então; mas muito melhor cumprida a vemos agora. Tudo o que ha em Portugal, «ou com o affecto ou com a realidade» aqui o tem Christo a seus pés.

Tertuliano, a egreja de Sancta Engracia e a liberalidade d'el-rei.

Que fez este dia tão solemne e esta egreja tão celebre; senão uma injuria de Christo? Quando o soldado infiel deu a lançada a Christo, sairam do lado ferido todos os sacramentos; e disse judiciosamente Tertulliano que de uma injuria do Corpo de Christo se formou toda a Egreja: *Ut de injuria lateris Christi tota formaretur Ecclesia.* O que Tertulliano disse da Egreja universal podêmos nós dizer d'esta material: Que se fundou esta nova egreja de uma injuria do corpo de Christo. «Mas peço licença a nobreza illustrissima de Portugal para fazer um reparo.» Vemos levantados os fundamentos d'este nova egreja muito nobres, muito sumptuosos, muito magnificos e muito conformes aos animos generosos de seus illustres fundadores: mas sente

muito a piedade christã e portugueza vêr a fabrica parada ha tantos annos. Quando no interrompido ou ameaçado d'esta obra se podera presumir descuido, assás desculpado, ficava com a variedade e estreiteza dos tempos. Mas quanto esta estreiteza é mais publica e conhecida, tanto maior louvor merece o novo e presente zelo com que se tracta de levar a fabrica por deante e não parar até se pôr em sua perfeição; sendo o primeiro exemplo o de sua majestade, que Deus nos guarde; cuja real liberalidade quer ter uma grande parte n'esta obra como em todas as de piedade.

São as egrejas as melhores fortificações dos reinos.

Os tempos parece que estão pedindo que se edifiquem antes muros e castellos que templos; mas esse privilegio teem nomeadamente os templos do Sanctissimo Sacramento, que são as melhores fortificações dos reinos. Edifique-se, leve-se por deante esta fabrica: que ella será os mais fortes muros de Lisboa, ella será a mais inexpugnavel fortaleza de Portugal. E acabaremos de conhecer a razão de estado de Deus, que, quando se expõi a cair nas mãos de seus inimigos, é para mais nos defender dos nossos, e para fundar sobre suas injurias o edificio de suas glorias. «Em conclusão» apprendamos e confessemos na politica d'este altissimo conselho de Christo, a verdade secretissima e sacratissima «das suas palavras, que S. Pedro chamou palavras de vida eterna:» *Caro vea vere est cibus, et sanguis meus vere est potus.*

Oração a Jesus Christo Sacramentado

VII. Divinissimo Sacramento, real e verdadeiro corpo de Christo, Deus encoberto debaixo de substancia de carne, Homem encoberto debaixo de accidentes de pão: com toda a nossa sciencia, com toda a nossa piedade, com todos os nossos affectos e com todos os nossos interesses, com tudo o que sabemos, o que amamos, o que esperamos, obedientes á fé e guiados pela razão, ás escuras e com luz, profundamente prostrados ante a Majestade tremenda de vosso divino e humano acatamento, cremos, professamos e adoramos] a verdade infallivel de vossa real presença debaixo da cortina sem substancia d'estes accidentes visiveis. E com confiança, Senhor, da clemencia com que nos soffre vosso amor e da benignidade com que acceita a tibieza de nossos obsequios, nos offerecemos, nos dedicamos, nos entregamos todos a elle em perpetua obrigação de o servir como escravos, posto que indignissimos, d'esse soberano sacramento. Augmentae, Senhor, pela grandeza de vossa misericordia esta familia vossa; e pois que o judeu obstinado, o hereje cego, o gentio ignorante e o «incredulo orgulhoso, não sabem nem querem orar por si, «nós os catholicos» oramos e pedimos por elles a vós, Soberano Pastor, que de todos haveis de fazer

um rebanho. «Vencei, Senhor, com o poder da vossa graça, e convencei o orgulho do incredulo,» ensinae a ignorancia do gentio, allumiae a cegueira do hereje, abrandae a obstinação do judeu. E para que a maldade e astucia do demonio tentador os não engane, chegue já a execução da vossa justiça; e acabe o mundo de vêr atada sua rebeldia n'aquellas cadeias e fechada n'aquelle carcere que, ha tantos annos, lhe está ameaçado e promettido: para d'esta maneira «unidos todos os intendimentos e todos os corações dos homens com a mesma fé e com a mesma caridade na concordia da mesma religião, cantemos os vossos louvores, e com Pedro, que ainda vive nos seus successores, confessemos serem palavras de vida eterna aquellas com que nos ensinais a vossa real presença no Sacramento: *Caro mea vere est cibus, et sanguis meus vere est potus.*»

(Ed. ant. tom. 1.° col. 143, ed. mod. tom. 2.° pag. 136.)

TERCEIRO SERMÃO
DO SANCTISSIMO SACRAMEMTO *

PRÉGADO EM SANCTA ENGRACIA NO ANNO DE 1662

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Nobilissimo assumpto é o d'este sermão, mirando a reconciliar entre si os animos da nobreza dividida pelas desordens da côrte d'el-rei D. Affonso. É um dos melhores e dos que mais podem servir de modelo.

Qui manducat meam carnem et bibit meum sanguinem, in me manet, et ego in illo.
S. JOÃO, 6.

O SS. Sacramento aggravado e satisfeito, queixoso e agradecido, offendido e obrigado.

Aggravado e satisfeito, queixoso e agradecido, offendido e obrigado considera o meu sentimento n'este dia e n'este logar a vossa encoberta majestade, Todo-poderoso Senhor. Aggravado e satisfeito; mas como satisfeito, se aggravado? Queixoso e agradecido; mas como agradecido, se queixoso? Offendido e obrigado; mas como obrigado, se offendido? No mesmo dia, no mesmo logar, no mesmo mysterio, na mesma pessoa de Christo, como podem caber junctas obrigação e offensa, agradecimento e queixa, satisfação e aggravo? Eu direi como; e isto é o que venho dizer. Ouça-me a nobreza illustrissima de Portugal, porque com ella é o caso. Para que ainda por esta circumstancia cresça e se suspenda mais a nossa admiração, está Christo n'aquelle soberano mysterio obrigado junctamente e offendido, agradecido junctamente e queixoso, satisfeito junctamente e aggravado, porque a mesma piedade portugueza que celebrou os seus desaggravos hoje, nem hoje cessa de multiplicar os seus aggravos. N'aquelle altar e n'esta meza logra e padece Christo os dous extremos d'esta tão notavel differença. N'aquelle altar em quanto Sacramento, n'esta meza em quanto Communhão; n'aquelle altar em quanto o adoramos; n'esta meza em quanto o recebemos.

O primeiro emquanto Communhão, o segundo em quanto Sacramento.

O sagrado mysterio da Eucharistia, no sentido em que o meu

discurso o distingue, ou se póde considerar em quanto Sacramento precisamente que faz presente a Christo, ou em quanto Communhão. Em quanto Sacramento foi instituido para o Senhor estar comnosco; em quanto Communhão foi instituido para estar em nós. Em quanto Sacramento, para residir nos nossos altares; em quanto Communhão, para entrar nos nossos corações. D'aqui se segue que a Communhão foi um *non plus ultra* do Sacramento. No Sacramento chegou o amor a tirar a Christo do céu e pol-o em nossos altares para que ahi o adorassemos como mysterio da fé; na Communhão passou o amor a tirar a Christo dos altares e mettel-o em nossos corações para que ahi o abraçassemos como mysterio da caridade. Estes são os dous effeitos maravilhosos que para mais e mais nos obrigar obra Christo no mysterio da Eucharistia; e estas são as duas considerações em que junctamente está recebendo de nós alli desaggravos e aqui aggravos. Desaggravado em quanto o adoramos em nossos altares; aggravado em quanto o recebemos em nossos corações: desaggravado em quanto está comnosco; aggravado em quanto está em nós: desaggravado em quanto mysterio da fé; aggravado em quanto mysterio da caridade: desaggravado em fim em quanto não commungado, e aggravado em quanto Communhão.

A nobreza de Portugal desaggrava a Christo no Sacramento.

Tenho dicto mas não me tenho declarado. O modo (verdadeiramente digno de seus auctores) com que a nobreza illustrissima de Portugal desaggrava em publicas demonstrações aquelle divino mysterio em quanto Sacramento, não é necessario que eu o repita aos ouvidos, e mais quando os olhos o estão lendo em tão elegante escriptura. Este paraiso da vista tresladado do céu á terra, esta grandeza, esta riqueza, esta majestade, este culto exterior verdadeiramente divino, de que Deus sempre se agradou tanto ainda antes de ter corpo; esta assistencia das majestades e altezas, esta frequencia de tudo o illustre e grande da côrte de Portugal, estas adorações e estes obsequios, este zelo e esta piedade, esta fé e este amor, este nome e este instituto de escravos, estes tuzões lançados ao peito como ferretes dos corações; tudo isto são desaggravos e satisfações gloriosas d'aquelle sacrosancto mysterio contra a perfidia, contra a cegueira, contra a obstinação, contra o atrevimento, contra o desatino heretico.

Mas com a sua discordia offende-o na Communhão.

Mas se Christo n'este dia e n'este logar é tão honrado e tão desaggravado em quanto Sacramento; como póde estar offendido e aggravado em quanto Communhão? Melhor fôra não se poder dizer como; mas é lastima que se possa dizer e é força que se diga. Côrte nobilissima de Portugal, fallemos claro. A

vossa fé e a vossa piedade é a que desaggrava a verdade d'aquelle mysterio em quanto Sacramento; e a vossa desunião e a vossa discordia é a que aggrava o mesmo mysterio e a mesma verdade em quanto Communhão. Vamos ao evangelho.

II. *Qui manducat meam carnem et bibit meum sanguinem in me manet et ego in illo.* Quem come o meu corpo e bebe o meu sangue, diz Christo, está em mim e eu estou n'elle. Se perguntarmos aos interpretes o intendimento d'estas palavras, todos respondem que significam uma união real e verdadeira com que por meio da Communhão ficamos unidos a Christo. Isto dizem os expositores e os theologos commummente. Mas eu, com licença sua, tenho para mim que n'este mysterio não ha só uma união, senão duas e essas mui differentes: uma união com que Christo nos quiz unir comsigo e outra união com que nos quiz unir comnosco. O effeito da primeira união é estarmos unidos com Christo; o effeito da segunda união é estarmos unidos entre nós. Ponderemos o nosso texto: *Qui manducat meam carnem et bibit meum sanguinem,* quem come o meu corpo e bebe o meu sangue, *in me manet et ego in illo,* está em mim e eu n'elle. Reparo muito n'esta duplicação de termos, *Elle em mim e eu n'elle.* Para explicar a união que ha entre Christo e o que communga bastava dizer *ego in illo:* «porque o effeito immediato da Communhão é estar Christo na pessoa que commungou. Pois porque accrescenta *In me manet*?» Para significar as duas uniões que obra aquelle mysterio: uma união immediata com que nos unimos com Christo e outra união mediata com que, mediante Christo, nos unimos entre nós. Notae os termos d'estas uniões e vereis como são distinctas. Uma união se termina de nós em Christo *In me manet:* e outra união se termina de Christo a nós: *Et ego in illo.* Pela união que se termina de Christo a nós, fica Christo unido «immediatamente» comnosco. Pela união que se termina de nós a Christo, ficamos nós «immediatamente, isto é, mediante Christo,» unidos entre nós. Mais claro. Pela união que se termina de Christo a nós fica Christo unido a cada um de nós e como dividido de si. Pela união que se termina de nós a Christo ficamos todos unidos com Christo e «formando com elle um só corpo ficamos» todos unidos entre nós.

Pela Communhão Christo está em nós e nós estamos em Christo; e todos formamos com elle um só corpo. *Joan. 6.*

Esta ultima proposição é toda a difficuldade e toda a novidade d'este assumpto: dizer que por meio da união sacramental com que na Communhão nos unimos a Christo, ficamos não só unidos com elle senão tambem unidos entre nós. E como esta verdade grande é a pedra fundamental de todo o discurso, «ainda que está bastantemente indicada nas palavras do thema que declarei, brevemente, antes que cheguemos ao nosso poncto»

Provas tiradas

mostral-a-hei com o exemplo, proval-a-hei com a escriptura, confirmal-a-hei com os sanctos e até os mesmos accidentes do Sacramento e o mesmo nome de Communhão nos servirão de prova.

1.º Da etymologia da palavra *Communhão.*

Começando por esta ultima, pergunto que quer dizer Communhão? O nome Communhão *Communio* não é inventado por homens, senão imposto por Deus e tirado das Escripturas sagradas em muitos logares do Testamento Novo. E que quer dizer *Communio?* «Segundo a etymologia quer dizer acção de participar em commum.» De maneira que dando Christo nome á Communhão não lhe poz o nome da união particular que temos com elle, senão da união commum que causa entre nós «a participação de seu corpo divino.» A união que cada um de nós tem com Christo no Sacramento é união particular: a união que mediante Christo temos todos entre nós é união commum; e esta união commum, como effeito principal e ultimadamente pretendido por Christo é a que dá o ser e o nome de Communhão, *Communio.* Mas como póde ser que da união particular nasça a união commum? Como póde ser que por ficar cada um de nós unido com Christo fiquemos todos tambem unidos entre nós? Agora entra o exemplo.

2.º Do exemplo da vide. *Joan.* 15.

E' proloquio dos philosophos que quando dous extremos distinctos se unem a um terceiro, ficam tambem unidos entre si. Dous ramos de uma grande arvore são muito distinctos e muito distantes: mas porque se unem ao mesmo tronco ficam tambem unidos um com o outro. E' o exemplo de que usou Christo na mesma meza em que acabava de commungar aos discipulos: *Ego sum vitis, vos palmites:* Eu sou a vide e vós os ramos; e assim como os ramos pela união que teem com a vide ficam muito unidos entre si, assim os que commungamos o Corpo de Christo pela união que temos com Christo ficamos unidos entre nós. Parece-vos humilde comparação esta? Ora remontae o pensamento sobre as nuvens, sobre os céus, sobre as estrellas, sobre os anjos; e ouvi a similhança incomparavel e incomprehensivel com que o mesmo Christo se declara ou se communica com seu Padre. A primeira comparação foi de homem a homens, e a segunda é de Deus a Deus.

E da união da SS. Trindade. *Joan.* 17.

Na sobremeza da instituição do Sanctissimo Sacramento fez Christo oração ao Padre Eterno: *Pater sancte serva eos, ut sint unum sicut et nos unum sumus:* Eterno Pae, encommendo debaixo de vossa divina protecção os homens de quem n'esta hora me aparto; e o que vos peço para elles, é que sejam todos unidos entre si, como nós o somos entre nós: *Ut sint unum, sicut nos unum sumus.* Só por esta comparação deviamos infinito amor

e eterno agradecimento a Christo. Mas ella é tão alta e tão sublime. que só o Padre, com quem o Filho fallava a podia comprehender. Pede Christo ao Padre que sejam os homens uma só cousa, *Ut sint unum*; e parece que pede um impossivel. Como póde ser que tantos homens, que são cousas tão diversas e tão distantes sejam uma só, *Ut sint unum?* Só no mysterio da Eucharistia se podera conseguir esta possibilidade; e só no mysterio da Trindade se podera achar esta similhança. A maior maravilha do mysterio da Trindade é haver n'elle multidão e unidade, muitas pessoas e uma essencia. E o que faz no mysterio da Trindade a unidade, faz «proporcionadamente» no mysterio da Eucharistia a união. A Pessoa do Padre é distincta do Filho e do Espirito Sancto. A Pessoa do Filho é distincta do Espirito Sancto e do Padre; a Pessoa do Espirito Sancto é distincta do Padre e do Filho; e comtudo são um só Deus. Porque? Porque se unem todas (não fallo bem) porque se identificam todas em uma só essencia. Identifica-se o Padre com a essencia divina, o Filho com a essencia divina, o Espirito Sancto com a essencia divina; e como a divina essencia é uma só e unissima, como lhe chamou S. Bernardo; ainda que as tres Pessoas sejam realmente distinctas, podem ser e são uma só divindade, podem ser e são Deus. O mesmo «proporcionadamente» passa no mysterio soberano da Eucharistia, chamando-se aqui união o que lá se chama unidade. Chegam todos os homens áquella sagrada meza: eu commungo, uno-me com Christo: vós commungais, uni-vos com Christo, o outro communga, une-se com Christo; e por meio d'esta união com Christo ficamos unidos tambem entre nós: *Ut sint unum sicut et nos unum sumus.*

3.º Da auctoridade de S. Paulo. 1. *Cor.* 10.

Quereis escriptura mais clara? Texto de S. Paulo expresso na primeira epistola aos Corinthios: *Unum corpus multi sumus, omnes qui de uno pane et de uno calice participamus.* Não se podera declarar mais breve e mais maravilhosamente o effeito, a causa e todo o mysterio. Somos muitos um só corpo, diz a maior trombeta da verdade S. Paulo: *Unus corpus multi sumus.* E estes muitos quem são, glorioso apostolo? São todos os homens? Não. São todos os christãos? Não. Pois quem são logo? São todos aquelles que comemos um pão e bebemos um calix, todos aquelles que commungamos: *Omnes qui de uno pane et de uno calice participamus.* Vêde a consequencia do Apostolo, se é em termos a nossa. Como o pão é um, *de uno pane;* e e com o calix é um, *de uno calice*; infere e conclúi a theologia de Paulo, que tambem os que participamos e nos unimos a este um, por necessaria consequencia havemos de ficar unidos: *Unum*

corpus multi sumus, qui de uno pane et de uno calice participamus.

4.° E dos sanctos Cyrillo Alexandrino e Agostinho.

Sanctos que confirmem a verdade d'este pensamento não temos mais que dous, mas de grande antiguidade e auctoridade em ambas as Egrejas. Da egreja grega S. Cyrillo Alexandrino, da latina o maior lume de uma e outra Sancto Agostinho: *Et si multi sumus* (diz S. Cyrillo) *unum tamen in eo sumus, omnes enim uno participamus.* E Sancto Agostinho: *Quia igitur corpus Christi sumus qui corpus Christi accipimus, non solum capiti per dilectionem, sed etiam cum membris nostris invicem uniri debemus.* Não me detenho, nem é necessario, em romancear as palavras d'estes grandes padres; porque o mesmo que elles resumiram em tão poucas é o que até agora dissemos em mais dilatado discurso.

5.° Da materia das mesmas especies de pão e de vinho.

Por conclusão de todo elle ouçamos o ultimo testemunho que prometti dos mesmos accidentes sacramentaes. Consagrou Christo seu corpo e sangue debaixo de accidentes de pão e vinho. E porque mais escolheu o Senhor esta materia vulgar para tão soberano Sacramento, que alguma outra de quantas tinha creado? Sem duvida para que os mesmos accidentes visiveis (que é o que só n'aquelle Sacramento occultissimo percebem os sentidos) nos estivessem prégando e apregoando por fóra os effeitos maravilhosos que lá se obram por dentro. Não reparais (diz Sancto Agostinho) que a materia da hostia e a do calix, a materia que cobre o corpo e a que disfarça o sangue, uma e outra é composta de cousas que sendo primeiro muitas, se fazem uma? O pão, materia do corpo, que foi antes e que é depois, senão muitos grãos de trigo unidos e amassados em uma hostia? O vinho, materia do calix, que foi antes e que é depois, senão muitos cachos e muitos bagos esprimidos e unidos em um licor? E porque ou para que? Para que n'aquellas paredes de fóra vejam os olhos o que crê a fé por dentro; e para que aquella obra exterior da natureza seja testimunha visivel e manifesto da virtude interior e occulta da graça. Assim como os accidentes sacramentaes são composição de muitas cousas unidas em uma, assim o effeito do Sacramento é união de muitos homens unidos entre si. Este é o mysterio d'aquelles accidentes sagrados, e este o documento divino que a fé nos está prégando e ensinando n'elles. Mas não é pensamento ou consideração só minha (diz Agostinho) senão tradição recebida dos antigos padres da Egreja, que mais chegados ás fontes da verdade beberam d'ellas primeiro; e depois nos descobriram este segredo: *Propterea* (são palavras do grande doutor) *sicut etiam ante nos hoc intellexerant homines Dei, Dominus noster Jesus*

Christus corpus et sanguinem suum in eis rebus commendavit quae ad unum aliquid rediguntur ex multis. Namque aliud in unum ex multis granis conficitur, aliud in unum ex multis acinis confluit. De sorte, como diziamos, que o mysterio do Sacramento em quanto Communhão visto ao lume da fé, visto ao lume da razão e visto ainda ao lume dos olhos, não só é união de Christo aos que commungam, senão tambem, mediante o mesmo Christo, união dos que commungam entre si: *In me manet et ego in illo.*

Como offende a Chisto a discordia dos que commungam.

III. Sendo, pois, o fim de Christo n'aquelle Sacramento ou n'aquella officina de amor não só unir-se comnosco, senão unir-nos entre nós; sendo o fim de Christo em se nos dar a comer ou a commungar, introduzir-se nos nossos corações para os concordar e unir entre si; e sendo o mesmo Christo não só o mediatorio, senão tambem o meio d'esta união, vêde se tem justas causas de estar queixoso, de estar offendido e de estar aggravado. Tanta communhão e tão pouca união? Oh que aggravo, oh que offensa, oh que affronta tão publica e tão injuriosa de Christo commungado! Os herejes fizeram um aggravo áquelle Senhor; e nós que professamos seus desaggravos, atrevo-me a dizer que lhe fazemos outro egual. Grande aggravo foi o que commetteram n'este logar os herejes contra Christo sacramentado. Mas não é menor o aggravo que commettem os mesmos que o veem desaggravar; porque não só é aggravo senão tambem «uma especie de heresia. Uma especie de heresia»? Sim e ninguem se offenda da palavra; porque não é minha senão do mesmo aggravado, Christo, por bocca do maior interprete do Sacramento, S. Paulo.

Esta discordia é uma especie de heresia. 1. Cor. 11.

Concorriam os corinthios a commungar junctos como nós commungamos; e havia entre elles discordias e dissenções, posto que não tão pesadas, como as nossas. Soube S. Paulo o que passava; diz-lhes assim por escripto: *Convenientibus vobis in ecclesiam audio scissuras esse inter vos, et ex parte credo; nam oportet haereses esse:* quando vindes commungar ouço que ha desuniões entre vós, e em parte o creio; porque é força que haja heresias. Notaveis consequencias são hoje as de S. Paulo. De maneira que, porque é força que haja heresias, crê S. Paulo que ha desuniões entre os que commungam? E porque ha desuniões entre os que communham, d'ahi infere que é força haver heresias? Divinamente o apostolo: porque ha heresia que é peccado contra a fé e heresia que é peccado contra a caridade; ha heresia que nega a verdade com a palavra e ha heresia que nega-a com a obra; ha heresias que se dizem e heresias que se fazem; e tal é esta dos que commungam e an-

dam desunidos. Os herejes obstinados dizem que o Sacramento não é Sacramento; e os catholicos desunidos fazem que a Communhão não seja Communhão. O mesmo apostolo o disse assim continuando o discurso: *Convenientibus vobis in unum jam non est dominicam coenam manducare:* Commungar como vós commungais «(commenta Cornelio a Lapide)» commungados e desunidos, isso não é commungar: *Non est dominicam coenam manducare.* Julgae agora se é especie de heresia a vossa desunião; e em certo modo «não menos» damnosa e menos cruel que a dos mesmos herejes. Os herejes dizem *não é*; e nós fazemos *que não seja.* Os herejes são blasphemadores d'aquelle mysterio e nós destruidores d'elle. Os herejes negam-lhe a essencia, nós dismentimos-lhes a virtude. Oh que desgraça nossa! Oh que injuria d'aquelle soberano mysterio! Muito a pezar dos herejes ha e ha de haver sempre Sacramento: mas muito a pezar de Christo nós fazemos que já não haja Communhão: *Convenientibus vobis in unum jam non est dominicam coenam manducare.*

Os catholicos do Sacramento e os herejes da Communhão.

Por «amor» e reverencia de nossa fé e de nossa piedade que ponderemos e sintamos bem aquelle *jam non est.* A heresia é contradictoria do Sacramento, a desunião é contractoria da Communhão: *Audio scissuras esse inter vos et ex parte credo: nam oportet haereses esse.* E porque diz S. Paulo «a respeito da desunião dos catholicos» que a cria em parte e não em todo: *Et ex parte credo?* Porque os corinthios verdadeiramente eram como nós somos hoje: muita fé, muita piedade, muito zelo, muita reverencia ao mysterio da Eucharistia. Mas como S. Paulo por uma parte os via tão devotos e por outra tão desunidos: por uma parte tão amigos da Communhão, e por outra tão inimigos da união: por uma parte com o Sacramento no peito (e ao peito) e por outra com o odio nos corações; não acabava de deliberar S. Paulo se eram os corinthios inteiramente catholicos, ou se tinham parte de herejes; e por seu modo tudo eram. Eram catholicos do Sacramento e herejes da Communhão. E isto é o que nós somos: catholicos no que professamos, e herejes no que fazemos: catholicos de bocca para com Deus, e herejes de coração para com os homens; catholicos da fé, e herejes da caridade; acabamos de comer o corpo de Christo no Sacramento, e logo partimos a nos comer uns a outros; acabamos de commungar o sangue de Christo, e alli mesmo desejamos beber o sangue aos que alli comnosco o commungaram. Vêde se está bem justificada a queixa, se está bem provada a offensa, se está bem conhecido, posto que nunca assás ponderado, este segundo e novo aggravo. Assim se quebraram na dureza de nossos peitos as mais fortes e finas settas do amor de Christo.

Assim se mallogrou na resistencia de nossas vontades e na rebeldia obstinada de nossas desuniões o maior invento de sua sabedoria e o maior empenho de seu poder. E este fim teve aquelle prodigioso desejo com que traçou o amoroso Senhor unir-nos a si para nos unir entre nós: *In me manet et ego in illo.*

Remedio da discordia é a união.

IV. Temos demostrado o aggravo: mas quem se atreverá a persuadir o remedio? Desaggravamos o aggravo alheio; e quem ha de desaggravar o nosso? Desaggravamos o aggravo heretico; e e quem ha de desaggravar o catholico? Desaggravamos o aggravo do Sacramento; e quem ha de desaggravar o aggravo da Communhão? Como homens, como christãos e como illustres, corre por conta da nobreza de Portugal esta nova satisfação e desaggravo: e estes mesmos tres respeitos nos descobrem tres motivos d'elle. Onde a desunião é o aggravo, o desaggravo não pode ser outro senão a união. Tres motivos, pois, de união nos descobrem os mesmos tres respeitos que concorrem n'esta congregação illustrissima. Motivo de união como christãos, motivo de união como homens, motivo de união como illustres. Como christãos o motivo da fé: como homens o motivo da conveniencia; como illustres o motivo da honra. Do motivo da fé como christãos não direi palavra, porque se o não convenceu o discurso passado, não vejo meio de o persuadir. Os dous motivos da conveniencia e da honra são os que agora quizera apertar. Atégora me ouvistes como christãos; dae-me agora attenção como homens e como illustres.

Pede-a o pundonor da nobreza. Abrahão divide em um sacrificio os animaes terrestres e não as aves. Razão que dá Sancto Ambrosio. *Gen. 15.*

V. *Qui manducat meam carnem et bibit meum sanguinem.* Assim como as duas clausulas das palavras que já ponderamos nos deram as duas uniões; assim as presentes, que tambem são duas. nos hão de dar os dous motivos; o da conveniencia e o da honra; a conveniencia da conservação e o pundonor da nobreza. Começando por esta segunda a que sempre é devido o primeiro logar, o sangue com que Christo nos ennobrece no Sacramento, não só é meio da união que pretende, senão motivo mui forte para nos unir; porque não ha cousa mais contraria á verdadeira nobreza que a desunião: *Qui bibit meum sanguinem in me manet.* Fez Abrahão um sacrificio a Deus em que offereceu certo numero de aves e outro de animaes terrestres; e diz o texto sagrado que dividiu os animaes, e que não dividiu as aves: *Tollens universa haec divisit ea per medium; aves autem non divisit.* Pois se o sacrificio era o mesmo, consagrado ao mesmo Deus e offerecido pelo mesmo sacerdote, supposto que se dividem os animaes, as aves tambem porque se não dividem? Sabeis porque? (Diz Sancto Ambrosio): Porque as aves eram de melhor elemento e de melhor nascimento. Na creação

do mundo os animaes nasceram da terra e ficaram na terra; as aves nasceram da agua e passaram á região do ar. E como os animaes terrestres eram de baixo nascimento e de baixo elemento, admittiam divisão: porém as aves que eram de nascimento claro e de elemento sublime, achou Abrahão que era contra a sua natural nobreza o dividil-as: *Aves non divisit*. Nobreza nobilissima de Portugal, alli está o verdadeiro sacrificio de Abrahão. Será bem que n'este sacrificio veja o mundo as aves divididas? Antes de vir ao sacrificio podem as aves fazer bandos; antes de vir ao sacrificio podem as aves estar divididas: mas depois de offerecidas áquelle altar, já não admittem divisão: *Aves autem non divisit.*

A estatua de Nabuco ferida nos pés de barro, porque? *Dan.* 2.

E porque não pareça esta união reverencia do sacrificio e não qualidade natural da mesma natureza, saiamos do templo ás praças e ainda da fé ao gentilismo. A estatua de Nabuchodonosor de pés á cabeça era composta d'aquella variedade de metaes que todos sabemos. A cabeça de ouro, o peito de prata, o ventre de bronze, do ventre aos pés de ferro, os pés de ferro e de barro. E nota o texto sagrado que o ferro e o barro dos pés não estavam unidos: *Sicut ferrum non potest misceri testae, etc.* De maneira que o ouro estava com a prata, e a prata estava unida com o bronze; mas o barro dos pés não estava unido com o ferro. Olhae por onde rendeu a estatua: olhae onde estava a desunião; nos pés e no barro. A parte mais baixa da estatua eram os pés, a materia mais vil dos metaes era o ferro e o barro; e onde estava a maior baixeza e a maior vileza, alli se achou a desunião. Pelo contrario o mais alto da estatua era a cabeça e o peito; o mais illustre dos metaes, era o ouro e a prata; e o que na estatua era o mais alto e o mais illustre, isso era o que estava unido. Á cabeça e ao peito, ao ouro e a prata não lhes faltavam seus altibaixos em que poder tropeçar a desunião. Mas como a cabeça e o peito, o ouro e a prata eram o mais alto e o mais illustre, todos se compunham entre si, todos estavam unidos.

A desunião é sempre vil de nascimento.

Ora eu tive curiosidade de averiguar o nascimento á desunião; e consultando não os vossos nobiliarios, senão os livros da verdade, achei nas Escripturas sagradas que não ha desunião que não seja vil de nascimento, ou de um, ou de dous, ou de tres, ou de todos os quatro costados. Toda a desunião quanta ha no mundo, e muito mais nas côrtes, ou nasce do vicio vil da inveja, ou do vicio vil da vingança. Para que venha a prova mais em seu logar, vejamol-o em quatro irmandades illustres, que todas se prezavam muito de seus nascimentos. Houve desunião entre Caim e Abel; e nasceu a desunião da inveja de Caim. Houve desunião entre Esaú e Jacob; e nasceu

a desunião da ambição de Esaú. Houve desunião entre Absalão e Amnon, e nasceu a desunião da vingança de Absalão. Houve a desunião entre o filho Prodigo e o outro filho; e nasceu a desunião da cubiça do Prodigo. Se se examinar bem o nascimento de qualquer desunião honrada, achar-se ha, que não ha desunião que não nasça de alguma d'estas vilezas; se se examinar melhor, achar-se-ha que não ha desunião que não nasça de todas quatro. Todas teem (e senão diga-o a consciencia de cada um) todas teem sua parte de ambição, sua parte de cubiça, sua parte de inveja e sua parte de vingança. E desunião que nasce de quatro vilezas, como pode deixar de ser vil e vilissima? Nobreza e desunida não é possivel: porque em sendo desunião logo é vileza.

Póde estar da parte de um e não de outro; mas sempre segue o mais vil.

Só vejo que poderá replicar alguma advertencia critica, que bem póde um homem estar desunido sem ser culpado na desunião. Depois que houve desunião entre Caim e Abel, bem póde Caim ser o desunido e Abel o innocente; porque póde a desunião estar da parte de Caim e não da parte de Abel. Concedo tudo. Ainda que a desunião não póde ser senão entre dous, a culpa da desunião bem póde ser de um só: mas o culpado n'esse caso ha de ser quem eu tenho dicto. Entre os unidos sempre a união está da parte do mais nobre; e entre os desunidos sempre a desunião está da parte do mais vil. O ferro e o barro dos pés da estatua estavam desunidos; e de que parte esteve a desunião? É certo que esteve da parte do barro que era o mais vil. Provo: porque o ferro na mesma estatua estava unido com o bronze: logo a falta de união não ficava por parte do ferro, senão pela do barro. Se entre o ferro e o barro havia quebra, claro está que o barro era e não o ferro o que havia de quebrar. A união assim como todas as outras cousas, sempre quebra pelo mais fraco; e quem é sempre o mais farco, senão o mais vil? De sorte que entre os desunidos sempre a desunião está da parte do menos nobre.

Quem tem mais brio e nobreza hade ser o primeiro que procure a união, imitando a Christo.

Bem creio que a causa de se não comporem muitas inimizades e de se não unirem muitas desuniões, é aquella desconfiança ou aquelle pundonor de nenhum querer ser o primeiro que concorra para a união. Oh que errados e que mal intendidos brios! O mais nobre, o mais illustre, o mais principe, o de sangue mais real ha de ser o primeiro que concorra, que procure, que deseje, que sollicite, que concerte a união: *Quis sicut Deus?* Fidalguia endeusada de Portugal, quem como Deus? Havia desunião entre Deus e o homem; e qual foi o que sollicitou a união? Não foi o homem, senão Deus. Elle foi o que desceu do céu; elle foi o que cortou pela majestade; elle foi o que abraçou os homens e o que se lançou a seus pés com estupendo

exemplo, só por se unir com elles e os fazer seus amigos. Lembremo-nos que depois que commungamos, somos sangue de Deus. Se o sangue de vossos avós fizer alguma repugnancia a esta união, o sangue de Deus que é o mais honrado, vos inclinará e levará logo a ella. Este sangue com que Christo nos ennobreceu no Sacramento não só é sangue seu absolutamente, senão sangue seu em quanto derramado: *Qui pro vobis et pro multis effundetur.* E para que derramou Christo este sangue? Só para afogar desuniões e para matar inimizades e as tirar do mundo: *Interficiens inimicitias in semetipso,* diz S. Paulo: que matou Christo as inimizades em si mesmo. Os homens matam os inimigos: Christo matou as inimizades; e matou-as em si mesmo: *In semetipso;* porque como as inimizades e os odios estão em nossos corações, dentro em nós mesmos se hão de matar. Ora em reverencia do sangue de Christo, que n'este poncto cada um de nós mate todas as inimizades no seu coração. Morram, morram as inimizades, morram as desuniões, e só viva a paz, a amizade, a concordia e aquella tão desejada união que Christo pretendeu entre nós, quando nos ennobreceu com seu sangue: *Qui bibit meum sanguinem in me manet.*

Matth. 26. *Eph. 2.* Vide *Corn. a Lap.*

Não ha cousa mais contraria á conservação que a desunião e discordia.

VI. Passando á segunda consideração, que era a da conveniencia, digo da mesma maneira que o corpo ou carne com que Christo nos sustenta no Sacramento não só é meio para a união que deseja entre nós, senão motivo egualmente forte e ainda mais efficaz para nos unir: *Qui mandacat meam carnem in me manet;* e porque? Porque não ha cousa mais alheia da conservação, nem mais contraria a ella, que a desunião. Quem se não póde sustentar nem conservar desunido, porque se não ha de unir? Deus me dê sua graça para declarar este poncto, como eu o intendo e como elle ha mister; pois não é só de muita, senão de toda a importancia.

Exemplos nas obras da natureza, da arte e da graça.

As obras da natureza e as da arte todas se conservam e permanecem na união; e todas na desunião se desfazem, se destroem e se acabam. Esta machina tão bem composta do mundo, com ser obra de braço omnipotente; que é o que a sustenta e a conserva, senão a perpetua e constante união de suas partes? Não vemos o cuidado vigilantissimo com que a natureza anda sempre em vella sobre este poncto principal de sua conservação? Ha «pelo menos» seis mil annos que dura o universo sem se sentir nem vêr n'elle o menor signal de desunião; e por isso dura tanto. E quando finalmente chegar seu fim, a falta ou a rotura d'esta união será o ultimo paroxismo de que ha de morrer o mundo. Este foi o pensamento profundo do gran-principe da Egreja, S. Pedro, o qual chamou ao fim do mundo desunião

do universo; e para dizer qua todas as cousas se hão de acabar, disse que todas se hão de desunir: *Cum igitur haec omnia dissolvenda sint.* Toda a vida, ainda das cousas que não têem vida, não é mais que união. Uma união de pedras é edificio: uma união de taboas é navio: uma união de homens é exercito. E sem esta união tudo perde o nome e mais o ser. O edificio sem união é ruina; o navio sem união é naufragio: um exercito sem união é despojo. Até o homem cuja vida consiste na união de alma e corpo, com união é homem sem união é cadaver. A maior obra da sabedoria e da omnipotencia divina, que foi o composto ineffavel de Christo consistia em duas uniões: uma união entre o corpo e a alma; e outra união entre a Humanidade e o Verbo. Quando perdeu a primeira união, «Christo morreu»: se perdera a segunda, deixava de ser Deus e todo o genero humano morrera de morte eterna. O' Deus! O' homens! que só a vossa união vos ha de conservar e só a vossa desunião vos póde perder!

2 Petr. 3.

Por isso perdem-se a estatua de Nabuco e tudo o que ella figurava.

Perdeu-se a nossa estatua de Nabaco (que bem lhe podemos chamar nossa, pois nos servimos tanto d'ella): vejamos quem a perdeu. Estava ella em pé, robusta ufana e soberba, promettendo-se duração eterna na riqueza, na formosura e na dureza dos metaes de que era composta. Arranca-se uma pedra do monte, toca-lhe nos pés de repente; e no mesmo poncto caiu a estatua, desappareceram os metaes, e não ficaram d'ella e d'elles mais que o logar e as cinzas. Notavel caso, mas mais notavel o tiro. Sei eu que a pedra de David foi direita á cabeça do gigante. Pois se a pedra do gigante tirou á cabeça, a da estatua porque tira aos pés? Não vos lembra que nos pés da estatua estava a desunião entre o barro e o ferro? Pois por isso o tiro se encaminhou aos pés, e não a outra parte: porque onde havia a desunião, alli estava certa a ruina. Nos corpos inteiros e unidos como era o gigante, o melhor tiro é á cabeça: mas em corpos onde ha desunião, como era o da estatua, o mais seguro tiro é ao desunido, ainda que sejam os pés. E adverti que não são necessarias muitas desuniões para uma total ruina. Unido estava o ouro, unida estava a prata, unido estava o bronze e ainda o mesmo ferro estava unido; mas bastou uma desunião para dar com tudo em terra. Faça cada um muito escrupulo da sua desunião; porque póde ser que d'ella depende, ou a ruina, ou a conservação da estatua. Cuida a providencia politica, que os reinos se conservam com ferro e com bronze e sobre tudo com ouro e com prata; e é engano. O que sustenta e conserva os reinos é a união. Muito ferro e muito bronze, muito ouro e muita prata tinha a estatua: mas porque lhe faltou a união,

não lhe serviram de mais todos esses metaes bellicos e riccos, que de accrescentar maior peso para a caída. Ainda não tenho dicto a maior admiração. O ouro e a cabeça significava o imperio dos assyrios; a prata, o peito e os braços significavam o imperio dos persas: o bronze da cintura até o joelho significava o imperio dos gregos: o ferro do joelho até os pés significava o imperio dos romanos; e bastou uma só desunião para derribar e desfazer quatro imperios dos mais valentes, dos mais poderosos, dos mais sabios e dos mais bem governados homens do mundo. Se quatro imperios com uma só desunião se arruinam e acabam; um reino e não muito grande, dividido em muitas desuniões, que se póde temer d'elle?

Quão occasionado principio derrubou aquella estatua

Ainda falta que ponderar; e é a corôa de tudo. A pedra que fez aquelle tiro fatal, com que de um golpe obrou tamanho estrago, que mão e que impulso foi que a tirou? Ninguem poz a mão na pedra, ella per si se despegou, caíu e rodou do monte e desfez o que desfez. Aqui vereis quão facil é a ruina e quão apparelhada está onde ha desunião. Para derrubar um reino e muitos reinos, onde ha desunião, não são necessarias baterias, não são necessarios canhões, não são necessarios trabucos, não são necessarias balas nem polvora: basta uma pedra: *Lapis*. Para derrubar um reino e muitos reinos, onde falta união não são necessarios exercitos, não são necessarias campanhas, não são necessarias batalhas, não são necessarios cavallos, não são necessarios homens, nem um homem, nem um braço, nem uma mão: *Sine manibus*. Nós temos muito boas mãos e o sabem muito bem nossos competidores: mas se não tivermos união, nem elles haverão mister mãos para nós, nem a nós nos hão de valer as nossas.

A desunião é a maior ruina de Portugal.

Pois se na união está o remedio e na desunião a ruina, porque nos não aconselharemos com o nossa mesma desunião para nos unirmos? Será bem que nos demos a nós as batalhas para que nossos inimigos logrem as victorias? Não sabemos que a nossa desunião é a maior victoria que lhe podemos dar, como a nossa união a maior guerra que lhe podemos fazer? *Pax nostra bellum illi est:* disse lá Tertulliano. Que importa que nos cancemos em fechar as cidades de muros, se a brecha está aberta nos corações? Que importa (outra vez) que fortifiquemos e muremos as cidades, se dentro dos muros e dentro da maior cidade temos a mais arriscada guerra e o mais perigoso inimigo? Não basta que para conquistar Portugal convoque Castella todas as nações; tambem nós nos havemos de armar contra nós? Que todas as nações da Europa se alistem contra Portugal, oh que gloria! Mas que na guerra de Portugal se vejam

tambem portuguezes contra portuguezes, oh que desgraça, por lhe não chamar outro nome! Que aggravo, pergunto, e que offensa nos fez Portugal, ou que nos tem desmerecido a patria? Será justo que possa mais comnosco o odio particular que o amor publico? Será justo que por levantar uma casa e abaixar outra queiramos assolar todo o reino? Póde haver resolução mais mal intendida que lançar a pique o navio em que vou embarcado, só porque meu inimigo se afogue?

Um reino desunido será assolado (*Luc.* 11) Só Christo no Sacramento póde remediar este mal.

Pois estae certos que todo o reino desunido será assolado: *Omne regnum in se ipsum divisum desolabitur.* E se alguem cuida que sendo assolado o reino, póde a sua casa ficar em pé, engana-se muito enganado. E se não veja o que continúa Christo: *Et domus super domum cadet:* o reino dividido será assolado, e umas casas cairão sobre outras casas. Notae bem. Se umas casas hão de caír sobre as outras, segue-se que as mais altas hão de caír primeiro. Das casas mais humildes será a oppressão; mas das mais altas ha de ser a ruina. Pois se a ruina universal do reino, se a particular da casa de cada um, não tem outro reparo, nem outra resistencia, nem outra conservação segura mais que a da nossa união, porque nos não uniremos todos? Oh quem podera examinar este porquê? Os porquês d'esta desunião nenhuma cousa valem, nenhuma cousa montam, nenhuma cousa pesam; e as consequencias d'ella montam tudo, pesam tudo e levam tudo. Senhor, para vós só appello. Espero na efficacia d'aquelle divino mysterio, Sacramento de amor e de união, que de tal maneira ha de assistir á força d'estas razões e com tal força ha de unir a resistencia de nossas vontades, domando a rebeldia de nossos animos, quebrando a dureza de nossos affectos e allumiando a cegueira e vaidade de nossos juizos, que hoje (n'este grande dia) havemos de saír de sua presença todos unidos com Christo e todos unidos entre nós. Áquelle Senhor havemos de dever nossa conservação, nossa defensa e nossa victoria; porque a elle havemos de dever nossa união: *In me manet et ego in illo.*

Se os portuguezes mal unidos venceram; bem unidos que farão?

VIII. Mas porque não pareça a algum menos confiado que prometto e fio dos poderes da união mais do que d'ella se deve esperar, quero conceder liberalmente tudo o que presumem contra nossa conservação assim os inimigos, como os neutraes; uns discorrendo com a vontade, outros com o intendimento. Não metto n'este numero os nossos; porque d'esses nenhum ha que receie ou suspeite que podemos ser vencidos ou conquistados. E verdadeiramente elles teem razão na experiencia, na qual se reforça ainda mais o meu argumento. Se mal unidos fizemos tanto, bem unidos que faremos? Se mal unidos temos sido tão

duros e tão impenetraveis, bem unidos e inteiros, quem nos romperá ou quem nos resistirá? Mas tornemos aos que menos nos conhecem e discorrem de fóra. Quando Portugal tão inopinadamente se restituiu á sua liberdade, fizeram juizo sobre nossa conservação todos os politicos da Europa; uns a julgaram por arriscada e duvidosa; outros (e não eram poucos) por temeraria e impossivel. Assim o blasonam ainda hoje e o espalham pelo mundo nossos competidores; e segundo a fé d'esta voz, ou d'este sonido, obram tambem ainda em nosso despeito os adoradores d'aquella potencia. Já os poderam ter desenganado vinte e dous annos de conservação e vinte e dous de victorias. Se medem a monarchia de que nos separamos, como gigante, contem-lhe bem os golpes da cabeça, e verão que Portugal é David. Mas quando a nossa conservação (como elles cuidam ou dizem sem o cuidar) fôra empreza verdadeiramente impossivel, ainda digo e torno a dizer que na nossa união estava segura; porque ella fazia possivel esse impossivel e ainda outros maiores.

A desunião destruiu a immensa torre de Babel. Gen. 11,

Antes que os homens depois do diluvio se dividissem a povoar o mundo, tomaram uma resolução notavel, e se a não referira a Escriptura, totalmente incrivel: *Venite faciamus nobis civitatem et turrim cujus culmen pertingat ad coelum; et celebremus nomen nostrum antequam dividamur*. Antes que nos dividamos (diziam) deixemos celebre o nosso nome; e fabriquemos uma cidade e uma torre cuja altura chegue ao céu e cujas ameias vão topetar com as estrellas. Não sei se reparastes no termo *Antequam dividamur*, antes que nos dividamos. Bem sabiam elles já (com saberem por outra via tão pouco) que depois de divididos não podiam fazer cousa grande, nem merecedora de nome. Tomada a resolução, mãos á obra: começaram a edificar a torre. Diz o texto que desceu Deus a vêr o que intentavam os filhos de Adão, e que disse (devia de ser aos anjos que o acompanhavam) estas palavras: *Unus est populus et unum labium omnibus, nec desistent e cogitationibus suis, donec eas opere compleant. Venite igitur, descendamus et confundamus ibi linguam eorum*. Estes homens (diz Deus) estão unidos e todos fallam pela mesma lingua: não hão de desistir do que começaram até não levarem a obra ao cabo: pelo que importa dividil-os e confundir-lhes as linguas: vamos logo a fazel-o assim. Ó poderes, ó prodigios da união! Vêde bem que cousa são homens unidos. De maneira que se fôra possivel alguma força ou potencia no mundo que désse receio e cuidado a Deus, essa força e esse poder havia de ser o de homens unidos; e se dentro dos muros de diamante do céu se podessem temer assaltos e combates de fóra, só de homens unidos e que fallassem todos pela mesma lingua

se poderam temer. Finalmente querendo o mesmo Deus estorvar e resistir intentos de homens unidos, não tomou outro meio, nem teve outra traça mais prompta com que o fazer senão os desunir.

Que o mesmo não aconteça a Portugal.

Valorosos portuguezes, já que com tanta resolução e ventura começastes a edificar esta torre, não permittais que a vossa desunião a faça Babel. A nossa empreza é grande, foi arriscada, será trabalhosa, mas não é impossivel. Porém quando fôra uma, e muitas vezes impossivel, haja em nós união que todos esses impossiveis ficarão vencidos. Todo o fundamento da opinião dos nossos emulos e todo o Achilles da sua teima é a desigualdade da nossa competencia. Contam mais legoas nas suas terras, contam mais cidades nos seus reinos, contam e fazem muito por contar mais soldados nos seus exercitos; e dizem que a fortuna e a victoria sempre se põi da parte dos mais mosqueteiros; posto que ella não o faz assim, ao menos nos nossos campos. As victorias dos portuguezes nunca se alcançaram por arithmetica, sempre vencemos poucos a muitos. Mas quando ás nossas batalhas lhes importava ser a tantos por tantos, com a vantagem só da nossa união podemos egualar e exceder largamente o numero dos nossos inimigos. Desunidos somos menos, unidos seremos muitos mais; e porque? Porque assim como é natureza da união de muitos fazer um; assim é milagre da união de poucos fazer muitos.

A união faz de muitos um só. 1. Reg. 11.

IX. Finalmente atando o fim de todo o discurso com o principio acabo com dizer ou lembrar que esta ultima maravilha da união suppõi necessariamente a primeira, assim como as propriedades suppõi a natureza. A natureza da união é unir, a propriedade multiplicar; e para que a união faça de poucos muitos é necessario que de muitos e de todos faça primeiro um só. Quando el-rei Saul convocou todas suas gentes para a defensa da cidade de Jabéz cercada pelos amonitas, ajunctaram-se de Israel e Judá trezentos e trinta mil homens. E nota o texto sagrado que accudiram todos tão unidos, como se fôra um só: *Egressi sunt quasi vir unus; fueruntque filiorum Israel trecenta millia; virorum autem Juda triginta millia.* Não somos, nem havemos mister trezentos mil homens para a defensa do nosso reino: mas se formos unidos como um só, *quasi vir unus*, seremos muitos mais do que somos e muitos mais do que havemos mister.

Esta união a faz o Sacramento e a não fazia o manná.

E esta é com toda a propriedade a união que Christo sacramentado pretende de nós, e a que obram nos corações que lhe não resistem os poderes soberanos d'aquelle sacrosancto mysterio. Não só quer Christo de nós qualquer união, senão uma

união tão estreita, tão forte, tão inteira e tão unida que da união passe a ser unidade. Assim o estão clamando as palavras do nosso texto: *Qui manducat meam carnem et bibit meum sanguinem, in me manet et ego in illo.* O fim para que Christo se dá a commungar a todos é para que todos os que o commungarem se unam em um só. O manná que comiam os filhos de Israel não era um só em todos, senão diverso para cada um d'elles; e como os mannás comidos eram muitos, ficavam tambem muitos os que o comiam. Dava-lhes o manná os sabores, porque os tinha; mas não lhes dava, nem lhes podia dar a unidade, porque a não tinha. Porém o Corpo de Christo a quem commungamos, como é um só e o mesmo em todos os que o commungam, a mesma unidade que tem e conserva comido, communica a todos os que o comem. E assim todos por mais e mais que sejam, ficam não já muitos, senão um só.

Os aúnados pela Communhão.

Com esta união, nobreza illustrissima de Portugal, com esta união tão unida e tão uma, ficarão gloriosamente satisfeitas as justas queixas d'aquelle segundo, posto que não pretendido, aggravo. E o mesmo aggravado Senhor ficará tão servido e tão obrigado em quanto o commungamos n'esta meza, quão satisfeito e quão agradecido nos está em quanto o veneramos n'aquelle altar. Com esta união tão unida e tão uma ficaremos todos não só unidos, senão aúnados com Christo entre nós e comnosco: unidos pela união e aúnados pela unidade: *Qui manducat meam carnem et bibit meum sanguinem, in me manet et ego in illo.*

Pede-se esta união a Christo Sacramentado.

E vós, Senhor, (que não quero exhortar aos homens, senão orar-vos e pedir-vos a vós) vós, Senhor, que n'esse throno ardente de vosso mais subido amor todo sois unidade e todo união; vós que em todas as vossas obras mostrastes a efficacia e suavidade de vossa omnipotencia em unir os extremos de maior difficuldade e resistencia; vós que nas obras da creação unistes extremos tão oppostos, como corpo e espirito; vós que nas obras da redempção unistes extremos tão distantes, como homem e Deus; vós que nas obras da justificação unistes extremos tão desproporcionados, como natureza e graça; com a graça, com a efficacia e com a suavidade d'esse omnipotente mysterio vencei as repugnancias de nossos affectos, abrandae a dureza de nossos corações, dobrae a resistencia de nossas vontades e quebrantae a rebellião de nossos vãos e mal intendidos juizos. Domae, abatei, sujeitae e ponde rendido a vossos pés tudo aquillo que póde impedir a verdadeira concordia e união d'este reino todo vosso; para que unidos o defendamos, unidos o conservemos, unidos logremos n'elle os augmentos e felicidades que lhe tendes promettido; e unidos finalmente vos sir-

vamos e recebamos de tal modo n'esse soberano mysterio, que conservando sempre inteira e perfeita unidade em vós e comnosco na terra, perpetuamente vos louvemos em união de graça e no céu eternamente vos gozemos em união de gloria. *Ad quam etc.*

(Ed. ant. tom. 7.°, pag. 93, ed. mod. tom. 7.°, pag. 261.)

SERMÃO DO SANCTISSIMO SACRAMENTO ***

EXPOSTO NA EGREJA DE S. LOURENÇO IN DAMASO NOS DIAS DO CARNAVAL. EM ROMA ANNO DE 1674.

TRADUZIDO DO ITALIANO

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR:—O sermão é muito figurado a modo de panegirico, ainda que o assumpto é moral. Estylo eloquente, pensamentos sublimes, imagens encantadoras.

Tentat vos Dominus, Deus vester, ut palam fiat, utrum diligatis eum an non.
DEUT. 13.

Deus tenta o nosso amor.

Maior espectaculo, ó Roma, vês estes dias tu nas tuas praças, palacios e templos, d'aquelle que viste antigamente no teu barbaro amphitheatro, quando os novos professores do christianismo eram deitados ás féras. Alli com tormentos e mortes se provava a fé; aqui entre jogos e passatempos se prova o amor. Maior espectaculo «vê o teu» Tibre nas margens soberbamente habitadas das suas ribeiras d'aquelle que viu antigamente «nas saidas das catacumbas. Então eram os gentios que tentavam a tua constancia, agora é o mesmo Deus que tenta a tua fidelidade.» *Tentat vos Dominus, Deus vester, ut palam fiat, utrum diligatis eum an non.*

E tenta-o no Sacramento.

Terriveis dias são estes e terrivel concurso de tempo, senhores meus. Porque cuidais que sái Deus de seus sacrarios? Porque cuidais que se põi Deus em publico n'estes dias, senão para provar e descobrir tentando quaes são os seus amigos? N'estes dias, quando os homens com tão extranhos disfarces se cobrem a cara, descob e-se Deus no Sacramento para provar o nosso amor «e fidelidade». Esta é a propriedade natural das palavras que propuz, e esta será a materia não menos propria do meu discurso. Deus tentador, Roma tentada: os que amam ou não amam a Deus, publicamente conhecidos.

Os ponctos são tres; mas eu por brevidade os reduzirei a um só; e comecemos.

A tentação de Deus arma e escudo contra a tentação do mundo.

II. *Tentat vos Dominus:* Deus nos tenta? Estupenda e temerosa palavra e ao parecer indigna e indecente! Mas não é ainda esta a minha maior admiração. Deus tentador e tentador no Sacramento? Aqui está a difficuldade aqui o assombro. O Sanctissimo Sacramento do altar não é o peito forte com que Deus nos arma contra todas as tentações? Aquella hostia consagrada não é o escudo dobrado, humano e divino junctamente, com que se defende a Egreja? E que nos atrevamos a dizer sem escandalo da piedade que o toma Deus por instrumento de nos tentar? *Tentat vos Dominus?* N'estes dias sim. «Tenta Deus n'estes dias e tenta o mundo; mas Deus tenta para nos coroar; o mundo tenta para nos perder. A tentação de Deus é arma e defeza contra a tentação do mundo; mas nem por isso deixa de ser tentação. Vede-o no manná, figura do Sacramento.»

Tenta-nos Deus como tentou os hebreus no deserto. *Exod. 16.*

Tumultuou o povo no deserto contra Moyses, e foi «causa do tumulto uma queixa tão indigna como irracional:» *Utinam mortui essemus in Egypto, quando sedebamus super ollas carnium.* Egypto, memorias da gentilidade, gosto e appetite depravado, intemperanças de gula, emfim carne! E que fez Deus então para apagar a rebellião e moderar a desordem d'este appetite bruto? *Dixit Dominus ad Moysen: Ego pluam vobis panes de coelo.* Moysés, não é bem que o meu povo se lembre do Egypto e d'aquillo que tinha e o deleitava quando vivia entre gentios: eu lhe darei pão do céu. De maneira que a primeira origem do manná e a primeira instituição do Sacramento em figura, foi para apartar e descarnar os homens dos appetites e costumes que chamais carnavalescos, e para desarraigar do seu povo as memorias e reliquias da gentilidade, quaes são as que ainda se conservam entre os christãos n'estes dias. Bem. E teve mais algum outro fim Deus em dar o manná ao povo? Sim: o que eu digo. Não só lhe deu o manná pára o livrar d'aquelle vicio, senão tambem para o tentar. Ouvi o que ajunctou Deus ás palavras referidas: *Ego pluam vobis panes de coelo: egrediatur populus et colligat, ut tentem eum utrum ambulet in lege mea an non.* Eu darei o manná ao povo: elle sairá a o recolher; e eu com isto o tentarei, se obedece a minha lei ou não. Este foi o segundo fim, porque deu Deus o manná. O primeiro para remedio; o segundo para tentação: o primeiro para apartar o povo dos costumes profanos; o segundo para tentar e provar o mesmo povo, se obedecia e amava a Deus, ou não: que é em proprios termos o fim e sentido das nossas palavras: *Tentat vos Dominus Deus vester, ut*

palam fiat utrum diligatis eum, an non. Mas em que consiste a energia d'esta tentação, o exame d'esta duvida e a averiguação d'esta prova? Consiste em se conhecer e constar publicamente, se póde mais em nós a fé que a vista; e se deixamos o gosto do que se vê pelo amor do que se não vê. Tornemos ao deserto e prosigamos a mesma historia.

Porque tiveram os hebreus fastio do manná? *Num.* 21. *Sap.* 16.

Depois de alguns dias, que não foram muitos, tornou aquelle povo mal acostumado e rebelde a cair na mesma tentação. Lembravam-se, como d'antes, dos comeres profanos do Egypto e das grosserias vis que lá tinham por «mimo e» regalo, e diziam com grande abhorrecimento que o manná os enfastiava: *Anima nostra nauseat super cibo isto*. Este é um dos logares da Escriptura mais difficultosos de intender. Porque o manná, como consta do mesmo texto sagrado, continha em si os sabores de todos os manjares. «*Panem de coelo praestitisti eis omne delectamentum in se habentem et omnis saporis suavitatem*, diz a Sabedoria.» Pois se o manná continha todos os sabores, como podia causar fastio? Aquelle fastio não era por demasiada fartura, nem por falta de fome ou vontade de comer, porque no mesmo tempo suspiravam pelas olhas do Egypto. Logo se o manná, não só de prato a prato, mas de boccado a boccado podia variar os sabores, e os hebreus quando comiam se assentavam sempre a uma meza mais abundante e exquisitamente provida que a de Pharaó, e tinham n'ella junctos os sabores de quanto nada no mar, vôa no ar e pasce ou nasce na terra; como não tiravam o fastio de um sabor com a mudança ou variedade do outro? E se alguem disser que a delicadeza de manjares tão preciosos não era para o padár grosseiro e servil de uma gente pouco antes escrava, d'onde vinha dizerem elles: *In mentem nobis veniunt cucumeres et pepones porrique et caepae et allia*: os sabores d'estas verduras rusticas e de quaesquer outras baixezas villans e grosseiras, tambem se continham no mesmo manná. Como logo lhes causava, nem podia causar fastio? Os doutos terão lido muitas soluções d'esta grande duvida; mas eu cuido que vos hei de dar a litteral e verdadeira. Digo que o fastio do manná não estava no gosto, estava nos olhos. O que gostavam os hebreus era tudo quanto queriam; mas o que viam era sómente manna. Manná ao jantar, manná á ceia, manná hoje, manná amanhã, sempre manná. E como toda a variedade era para o gosto, e para os olhos não havia variedade, nem differença, os olhos eram os que se enfastiavam. Não é exposição minha, senão confissão sua. Elles o dizem no mesmo texto: *Nihil aliud respiciunt oculi nostri nisi man*: os nossos olhos não vêem outra cousa mais que manná.

Num. 11.

E como não viam mais que manná, por isso o não podiam ver, por isso se enfastiavam d'elle e tornavam com os desejos ao Egypto.

E porque teem os christãos fastio da Eucharistia.

Ó divino manná e verdadeiro pão do céu! Cremos e confessamos que estão encerrados debaixo d'esses accidentes todos os gostos e delicias da alma: mas *Nihil respiciunt oculi nostri, nisi man.* Esta foi a tentação, antigamente, com que Deus tentou o povo israelitico no manná: esta é hoje a tentação com que tenta o povo catholico no Sacramento. Os hebreus, excepto Moysés e os poucos que o seguiam; os christãos, excepto outro Moysés e os poucos que o seguem, todos vemos rendidos á tentação; porque todos gostam mais das mezas profanas e abominaveis do Egypto, que d'aquelle pão do céu. «O motivo» d'esta sem razão tão grande em uns e outros é a mesma: nos hebreus, porque não viam mais que manná; nos christãos porque não vemos mais que aquelles accidentes brancos: *Nihil respiciunt oculi nostri nisi man.* Ó fraqueza da fé! Ó cegueira e tyrannia dos olhos humanos! Tenta Deus «(como diziamos)» n'estes dias e tenta o mundo; e uma e outra tentação põi o laço nos olhos; mas a de Deus nos olhos fechados, a do mundo nos olhos abertos. Deus tenta com a sua presença encoberta, o mundo tenta com as suas representações publicas. E como aquellas representações se vêem, e esta presença não se póde vêr, em vez de triumphar a fortaleza da fé contra os appetites e enganos da vista, triumpha a tyrannia da vista contra as obrigações da fé. Se Christo, como está presente, corresse aquella cortina que o encobre, subitamente se veria n'esta egreja a transfiguração do Thabor, e toda a cidade de Pedro diria com o mesmo Pedro: *Bonum est nos hic esse.* Mas Christo não quer vencer o mundo com armas eguaes. Põi-se em campo contra elle, invisivel a nossos olhos; porque vem a fazer prova de nossa fé e do nosso amor: *Ut palam fiat utrum diligatis eum an non.*

Matth. 17.

S. Pedro querendo ficar no Thabor e tendo horror ao Calvario não dá prova de fineza no seu amor.

III. Notavel caso é que, quando S. Pedro disse: *Bonum est nos hic esse,* digam os evangelistas que estava fóra de si: *Nesciens quid diceret.* Quer estar sempre com Christo e está fóra de si? Antes dissera eu que nunca esteve mais em si, que quando quiz estar sempre com Christo. Pois porque mereceu uma tal censura o fervor e amor de Pedro? Porque «ainda rude na eschola da perfeição, julgava (como pouco antes dera a intender, quando o Salvador revelou claramente aos discipulos a sua futura Paixão e Morte de cruz) que a maior prova de amor era estar com Christo descoberto entre os resplandores do Thabor, não com Christo encoberto entre as hu-

miliações do Calvario.» A prova da verdadeira fé e a fineza do verdadeiro amor não é seguir ao sol, quando elle se deixa ver claro e formoso com toda a pompa de seus raios, senão quando se nega aos olhos escondido e encoberto das nuvens. Vêde-o «em um» espelho da natureza.

O heliotropio, seguindo o sol ainda encoberto de nuvens é symbolo d'esta fineza.

Aquella flor a que o gyro do sol deu o nome, chamada dos gregos heliotrópio, immovel e com perpetuo movimento jámais deixa de seguir e acompanhar o seu amado planeta. Quando o sol nasce, se lhe inclina e o sauda; quando sóbe, se levanta com elle; quando está no zenith, o contempla direita; quando desce se torna a dobrar; e quando finalmente chega ao occaso, com nova e profunda inclinação se despede d'elle. Grande milagre da natureza! Grande fineza de amor! Mas onde está o mais fino d'esta fineza? Descobriu e ponderou-o Plinio com uma reflexão admiravel «n'estes termos:» Maravilha é e fineza prodigiosa que aquella flor amante do sol, sem se poder mover de um logar, o siga sempre em roda, acompanhando seu curso. Mas o mais maravilhoso d'esta maravilha e o mais fino d'esta fineza é que não só segue e acompanha o sol quando se lhe mostra claro e resplandecente, senão quando se esconde e se cobre de nuvens. *Heliotropii miraculum saepius diximus cum sole se circumagentis etiam nubilo die. Tantus sideris amor est.* Mas passemos da eschola da natureza á da graça, e vejamos se ha n'ella alguma flor similhante.

Exemplo de Moysés.

Desejou Moysés ver a Deus; e pediu-lhe que lhe mostrasse seu rosto: *Ostende mihi faciem tuam.* Foi-lhe respondido que não era possivel n'esta vida: *Non videbit me homo, et vivet.* E que vos parece que faria Moysés com este desengano? Não o disse elle na sua historia; mas disse-o por elle S. Paulo com altissima ponderação: *Invisibilem tamquam videns sustinuit.* Desenganado Moysés de poder ver a Deus, foi tal a sua fineza, que fazia não o vendo, o que havia de fazer se o vira. Que havia de fazer Moysés se vira a Deus? Havia de estar sempre com os olhos fixos n'elle, sem jámais se apartar de sua vista e de sua presença. Pois isso que havia de fazer, se o vira, isto mesmo fazia não o vendo: *Invisibilem tamquam videns sustinuit.* Assim provou Moysés o seu amor; e assim prova Deus n'estes dias e quer que provemos o nosso. Mostra-se-nos o Sol divino encoberto com aquella nuvem que o faz invisivel, para provar se póde tanto em nós a fé como a vista, e se o assistimos e acompanhamos, não o vendo, como se o viramos. Os que assim o fizeram, bem podem tomar por divisa de seu amor a fineza natural do heliotrópio e a sobrenatural de Moysés. E será o corpo e alma da empreza egualmente discreta: o corpo

um heliotrópio voltado ao sol coberto de nuvens; e a alma a lettra de S. Paulo: *Invisibilem tanquam videns.*

Porque se pinta o amor despido e vendado.

Não cuide que ama a Christo quem não antepõi sua presença invisivel a tudo quanto se vê e póde ver no mundo. Lá vos chamam a ver, aqui a não ver; porque a prova do verdadeiro amor não está em amar vendo, senão em amar sem ver. O mesmo mundo o confessa. Toda a gala do amor qual é? Vós o pintais nú como a verdade; e assim ha de ser o amor. Qual é logo a sua gala? Toda a gala do amor é a sua venda. Vendado e despido; porque quando não tem uso dos olhos então se descobre o amor.

Os seraphins que viu Isaias e os adoradores do Sacramento *Isai.* 6.

Viu Isaias aquelles seraphins que assistiam a Deus e não viam a Deus, porque com a interposição das azas cobriam os olhos proprios e a face do mesmo Deus. Mas porque assistiam a Deus sem o ver? Os seraphins são aquelles espiritos ardentes a quem o amor de Deus deu o nome; porque entre todas as jerarchias e sobre todas amam a Deus mais que todos. E porque a circumstancia de amar e assistir a Deus sem o ver é a maior prova, a maior fineza e o gráu mais alto e mais sublime a que póde subir ou voar o amor, por isso aquelles seraphins «estavam assistindo e amando a Deus» com os olhos vendados. Senhores meus, todos os que concorreis a esta egreja a adorar e acompanhar a Christo Sacramentado n'aquelle throno, assistis a Deus? Sim. Vedes a Deus? Não. Pois «além dos» seraphins do céu, ha seraphins da terra que dão gloria a Deus sem o ver. «Antes com maior propriedade os seraphins da terra.» Perdoae-me seraphins do céu. Vós lá assistis e amais: «cobris os olhos para não vêr, mas podeis vêr e vêdes.» Cá assistimos, amamos e não vemos «nem podemos ver. É este o maior merecimento do nosso amor.» Amar sem ver a Deus é gloria que não ha, nem houve, nem haverá nunca no céu: é só propria da terra: *Plena est omnis terra gloria ejus.* No céu dá Deus gloria aos bemaventurados; na terra vós que o assistis, dais gloria a Deus. Deus no céu dá gloria aos bemaventurados, porque deixando-se ver e amar, faz aos bemaventurados gloriosos. Vós na terra dais gloria a Deus; porque amando-o sem o ver, vós o glorificais. No céu Deus é o glorificador e os bemaventurados os glorificados: na terra vós sois os glorificadores e Deus o glorificado e glorioso: *Plena est omnis terra gloria ejus.* Tanto vai de amar vendo a amar sem ver.

Christo para nos tentar no Sacramento encobre a sua majestade e belleza. Vide *Calmet in ps.* 44.

E porque o intento de Christo n'estes dias é tentar e provar o nosso amor; por isso se presenta á nossa fé e não aos nossos olhos, não vestido de majestade e gloria, senão armado de invisibilidade. Aquelle grande guerreiro David aconselhava «pro-

pheticamente a Christo» se queria render e trazer tudo a si, que se armasse de sua formosura e que a belleza de seu rosto fosse a sua espada: *Accingere gladio tuo super femur tuum, potentissime. Specie tua et pulchritudine tua intende, prospere procede et regna*. Mas assim como David não acceitou as armas de Saul, assim Christo não acceitou estas armas de David. E quando o mundo para vos levar após si faz publico e pomposo theatro, aos olhos, de tudo o que o ingenho e novidade póde inventar agradavel e deleitoso; elle pelo contrario debaixo d'aquelles disfarces esconde todos os thesouros de sua formosura; confiando de nossa fé e de nosso amor que invisivel será adorado, que não visto, assistido, e que escondido e encuberto será descubertamente amado: *Tentat vos Dominus Deus vester; ut palam fiat utrum diligatis eum an non.*

Como no tempo do carnaval devemos responder a esta prova do nosso amor.

IV. Esta é, senhores, a «prova» com que Deus nos tenta, digna da generosidade e grandeza e do coração amoroso de tão soberano «Senhor». Agora tóca a nós «resolver»: ou ser da multidão vulgar dos que por summa fraqueza e indignidade seguem o mundo, ou ser do numero generoso e verdadeiramente christão dos que deixando ao mundo as suas loucuras seguem e assistem a Christo e professam publicamente n'estes dias ser do partido dos que o amam. Toda a victoria está entre um sim e um não: ou amar, ou não amar. Atégora *Utrum diligatis eum an non* é problema: vós o haveis de resolver e os vossos olhos. De boa vontade o disputara eu largamente por uma e outra parte. Mas porque a brevidade do tempo não m'o permitte; eu vol-o proporei já disputado e resoluto na Escriptura e prodigiosamente representado nas ribeiras do Jordão. «Estae commigo.»

As aguas do Jordão perante a Arca e o povo de Roma perante o Sacramento.

Entrou no Jordão a arca do testamento e subitamente as aguas do rio se dividiram em duas partes ou em duas parcialidades. A parte superior como extatica e attonita á presença da arca tornou atras e parou; e assim esteve immovel. A parte inferior deixando-se levar da inclinação natural e impeto da corrente não parou o correu ao mar. Esta é a famosa historia que todos os annos n'estes dias se representa em Roma. A arca do testamento na qual se encerrava toda a grandeza e majestade de Deus, é o divinissimo Sacramento: o Jordão «que em hebreu quer dizer» rio do juizo é a cidade do Tybre que tambem tem suas correntes e suas divisões. A parte superior que reverente parou á presença da arca, são aquelles que assistem e acompanham a este Senhor. A parte inferior que se retirou e correu ao mar são os que o deixam e desacompanham e se vão com a corrente onde os chama o mundo. Jordão parado, Jordão fugitivo que

divisão é esta e que resolução tão diversa? Tu que paras, porque paras? E tu que foges, de quem foges? Se a causa é a mesma, o rio o mesmo e a natureza de uma e outra parte é a mesma, porque são os movimentos tão contrarios?

Como se explica no ps. 113 o parar das aguas da parte superior do rio.

Responde David pela parte do Jordão superior e parado; e diz que parou cortez e obsequioso, porque reconheceu e reverenciou na arca a presença do Deus de Jacob: *Et tu Jordanis quia conversus es retrorsum? A facie Domini; a facie Dei Jacob.* Chamava-se a arca face de Deus pela particular assistencia com que Deus invisivelmente residia n'ella. Mas se bastava dizer que parou o Jordão: *A facie Dei;* porque accrescentou nomeadamente o propheta que esse Deus era o Deus de Jacob; «senão» para differençar o Deus verdadeiro, qual era o de Jacob, dos deuses falsos e fabulosos que em diversas figuras adoravam n'aquelle tempo os gentios? Verdadeiramente, senhores, que quem não pára aqui a reverenciar e assistir áquella divina arca, ou não crê que está alli o Deus verdadeiro, ou tem outros deuses falsos e torpes a quem mais ama e adora. Nota n'este passo a Glossa que não disse o propheta: *A facie Dei Israel,* senão *A facie Dei Jacob.* Este patriarcha tinha dous nomes: o de Jacob, que lhe puzeram os homens, e o de Israel, que lhe deu Deus. Pois porque se não chama Deus n'este caso, Deus de Israel, senão Deus de Jacob? Com grande mysterio. Jacob quer dizer o luctador: Israel quer dizer o que vê a Deus. E como Deus estava invisivelmente na arca e o Jordão parou a Deus invisível, por isso Deus se não chama aqui Deus do que vê a Deus, porque foi reverenciado e não visto. Chama-se, porém, com segundo mysterio e com maior energia, *Deus do luctador,* porque o Jordão resistindo ao peso das aguas e refreando o impeto da corrente, luctou fortemente contra a inclinação precipitosa da propria natureza e a venceu gloriosamente. De maneira que se ajunctaram n'este milagre do Jordão as duas circumstancias que necessariamente concorrem nos que assistem a Christo Sacramentado n'estes dias. A primeira luctar como Jacob e vencer o impeto da inclinação natural que os leva a seguir a corrente. A segunda parar e assistir aqui immovelmente a Deus; mas não a Deus visto, como Deus de Israel, senão a Deus invisivel como a Deus de Jacob.

Como se explica o precipitar das aguas da parte inferior.

Assim respondeu David pela parte superior do Jordão que parou e reverenciou a arca. Mas que «direi eu da» parte inferior que correu ao mar e lhe voltou as costas? Rio precipitado e infeliz, que te deixaste arrebatar da furia da corrente e fugiste da presenca da arca do Senhor, dize-me de que foges tu e porque? Que mal te tem feito aquelle Senhor para fugires

d'elle? De um Deus que te busca, de um Deus que vem em Pessoa a sanctificar-te; de um Deus que, sendo tu dos amorrheus, te quer fazer seu; de um Deus que te quer livrar da servidão da gentilidade, de um Deus que se mette todo dentro de ti mesmo; d'esse Deus tão amoroso foges tu? Dize-me, assim eu te veja tornar atrás, que fructo, que proveito, que interesse tens em deixar e te apartar de Deus? Se te move o costume inveterado da tua corrente, não vês tu que é melhor e mais são conselho emendar os costumes maus antes de chegar ao mar onde tu caminhas? Se te leva o impeto e inclinação natural, não vês que a outra parte de ti mesmo, sendo da mesma natureza «tornou atrás»? Se ella não seguiu o teu exemplo, porque não imitarás tu o seu? Se o não fazes por virtude, ao menos o deves fazer por honra e reputação. Não vês que aquelle Jordão que teve mão de si e parou á presença da arca, quanto mais está parado tanto mais cresce e se exalta? Não vês que elle é o milagroso, o admirado, o reverenciado, o louvado, o chamado sancto? Que é logo o que te leva? Que é o que vas vazar aonde tão arrebatadamente caminhas?

«A resposta é» tanto para admirar e extranhar, que apenas se póde dizer sem indecencia. Mas não é muito que se diga, pois se vê. Aquelle mar aonde foi parar a parte do Jordão que não parou «deante da arca» é o que nós hoje chamamos *mar morto;* porque é esteril de pescado e de toda a cousa vivente: *In mare solititudinis, quod nunc vocatur mortuum, descenderunt aquae usquequo omnino deficerent.* Pois para correr «a este mar» se ha de deixar a presença e reverencia da arca? Tudo o que vai vêr e ouvir o passatempo e gosto vão d'estes dias, que outras cousas são, senão graças, chistes, motes, facecias, bufonerias, metamorphoses de trajos, equivocos de pessoas, transfigurações dos sexos e das especies, machinas jogosas, invenções ridiculas, emfim quanto sabe excogitar o ingenho, a subtileza e a ociosidade para mover o riso; tudo frivolidades estereis e indignas da severidade do christianismo. «Para isto se vêem cheias as praças, as ruas, os balcões, os theatros: todos a rir e tudo para rir. E que sendo em summa tão leve e tão ridicula a tentação, triumphe comtudo o mundo de nós e pareça que triumphe do mesmo Deus? Senhor, Senhor, quasi estava para vos representar a minha dôr, que seria maior decencia de vossa Divina Auctoridade retirar-vos ao *Sancta Sanctorum* de vossos sacrarios, que apparecer em publico n'estes dias. Riam-se os homens do que vêem e do que fazem; mas não pareça que se riem de vós; pois fazem tão pouca conta da vossa presença. Saibam porém os que assim deixam a Deus e o trocam por tão

Esta segunda explicação apenas se póde referir sem indecencia. *Jós.* 3.

vil preço que lá está guardado um *Vae* da divina justiça para este riso: *Vae vobis qui ridetis, quia plorabitis.*

Luc. 6.

Difficuldade de renunciar aos passatempos do carnaval.

V. Esta é, senhores, a representação que vos prometti do problema *Utrum diligatis eum an non* disputado na historia do Jordão e resoluto diversamente por ambas as partes: uma que parou riverente á presença da arca: outra que voltou as costas e correu ao mar. Veja agora cada um qual d'estas partes se resolve a seguir. Tal é a controversia, ó christão, que tu has de decidir n'este poncto: se amas verdadeiramente a Deus «has de sacrificar-lhe a frivolidade d'estes passatempos que são tão indignas do nome christão». O céu por parte de Deus, a terra por parte do mundo, esperam suspensos a tua resolução: tu és o juiz; dá a sentença: que dizes? Sim ou não? «Darás a Deus esta prova de teu amor?» Oh como me parece estar vendo «o teu coração que quizera e não quizera» Tal é a fraqueza de nossa fé, tal a covardia de nossos corações. Emfim este anno será como os demais. Vós, Senhor, sereis o deixado, e o mundo o buscado e o seguido. Vós estareis aqui quasi só; e Roma no *Corso* e nos theatros.

S. Jeronymo exhorta Roma a mostrar-se digna de seu nome.
Contra Jovinian.

Roma, eu não tenho auctoridade, nem confiança, nem lingua para te dizer n'este caso o que sinto: mas ouve tu o que te diz com egual auctoridade e eloquencia o teu doutor maximo, Jeronymo. No mesmo tempo em que S. Damaso edificava esta mesma egreja em que estamos, escreveu S. Jeronymo a Roma, a qual então andava em grande parte enganada com as larguezas e delicias que approvava o impio Joviniano, mais conformes aos idolatras de Jove de quem elle tinha o nome, que aos adoradores de Christo; e diz assim o grande padre: *Urbs potens, urbs orbis domina, urbs apostoli voce laudata, interpretare tuum vocabulum.* Cidade potentissima, cidade dominadora e senhora do mundo, cidade louvada pelo oraculo de Paulo, comtigo fallo; e não te digo outra cousa senão que interprétes o teu nome. *Roma aut fortitudinis nomen est apud graecos, aut celsitudinis juxta hebraeos. Serva quod diceris: virtus te excelsam faciat, non voluptas humilem.* O grego quando diz Roma quer dizer a forte: o hebreu quando diz Roma quer dizer a excelsa: o christão (accrescentamos nós) quando diz Roma quer dizer «no sentido mais proprio que lhe deu o Apostolo Pedro, a cidade» sancta. E será bem que Roma, a forte, não resista a uma tentação tão leve? Será bem que Roma, a excelsa, se abala a uma indecencia tão ridicula? Será bem que Roma, a sancta, deixe a fonte da sanctidade por seguir a corrente da vaidade? Rir-se-ha e mofará o grego: rir-se-ha e zombará o hebreu: chorará e envergonhar-se-ha o christão. Pelo que, Roma minha, *Serva quod*

diceris, diz Jeronymo. Se te chamas Roma, sê Roma, sê forte, sê excelsa, sê sancta.

E vós, senhores romanos, generosos filhos d'esta aguia, lembrae-vos das palavras que a vós em primeiro logar e a todos que reconhecem por mãe e cabeça esta sancta cidade, disse com confiança de vossa piedade o Senhor que está presente: *Ubicumque fuerit corpus, illic congregabuntur et aquilae*. Aonde estiver meu corpo, alli correrão as aguias. *Corpus in altari, aquilae vos estis*, diz Sancto Ambrosio. Não se tenha por aguia legitima e verdadeira a que aqui não vier fazer prova da agudeza de sua vista e da fineza de seu amor. A aguia natural prova os seus verdadeiros filhos aos raios do sol descoberto: a aguia divina prova os seus nas sombras do sol escondido. Com esta nobilissima circumstancia sacrifiquem os vossos olhos a Deus tudo o que n'estes dias deixarem de ver. Se assim o fizerdes, como de vossa generosidade e piedade se deve esperar concluir-se-ha que se o não vêr a Deus que temos presente é tentação com que elle vos tenta, *Tentat vos Dominus Deus vester*, não o vêr e amal-o, não o vêr e assistil-o, não o ver e acompanhal-o sempre é prova manifesta e publica de vosso amor: *Ut palam fiat, utrum diligatis eum, an non.*

A aguia romana e seus verdadeiros filhos.
Corn. a Lap. in c. 24 Matth.

(Ed. ánt. tom. 1.° col. 559, ed. mod. tom. 3.° pag. 141)

I. SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DO ADVENTO

PRÉGADO NA CAPELLA REAL. NO ANNO DE 1650.

Observação do compilador.—O Sermão é verdadeiramente temeroso como pede o assumpto. Ha n'elle rasgos que são o non plus ultra da eloquencia.

Tunc videbunt Filium Hominis venientem in nubibus caeli cum potestate magna et majestate.

S. Luc. c. 22.

Quão efficaz é a memoria do dia do juizo.

Abrasado finalmente o mundo e consumido pela violencia do fogo tudo o que a soberba dos homens e o esquecimento d'este dia levantou e edificou na terra; quando já não se verão n'este formoso e dilatado mappa, senão umas poucas cinzas, reliquias de sua grandeza e desengano de nossa vaidade; soará no ar uma trombeta espantosa; e obedecendo aos imperios d'aquella voz o céu, o inferno, o purgatorio, o limbo, o mar, a terra; abrir-se-hão em um momento as sepulturas e apparecerão no mundo os mortos, vivos. Parece-vos muito, senhores, que a voz de uma trombeta haja de achar obediencia nos mortos? Ora reparae em outro milagre maior, e não vos parecerá grande este. Entrae pelos desertos do Egypto, da Thebaida, da Palestina; penetrae o mais interior e retirado d'aquellas soledades; que é o que vêdes? N'aquella cova vereis mettido um Hilarião, n'aquella outra um Macario, aqui um Paulo, alli um Jeronymo, acolá um Arsenio; da outra parte uma Maria Egypciaca, uma Thais, uma Pelagia, uma Theodora. Homens, mulheres, que é isto? Quem vos trouxe a este estado? quem vos antecipou a morte? quem vos amortalhou n'esses cilicios? quem vos enterrou em vida? quem vos metteu n'essas sepulturas? quem? Responderá por todos S. Jeronymo. *Semper mihi videtur insonare tuba illa terribilis: Surgite mortui, evenite ad judicium.* Sabeis

quem nos vestiu d'estas mortalhas? Sabeis quem nos fechou n'estas sepulturas? A lembrança d'aquella trombeta temerosa que ha de soar no ultimo dia: Levantae-vos mortos e vinde a juizo. Pois se a voz d'esta trombeta só imaginada (pesae bem a consequencia), se a voz d'esta trombeta só imaginada, bastou para enterrar os vivos, que muito que, quando soar verdadeiramente, seja poderosa para desenterrar os mortos? O meu espanto, senhores, não é esse. O que me espanta e que deve assombrar a todos, é que haja de bastar esta trombeta para então resuscitar os mortos, e que não baste para espertar os mortaes. Virá o dia final; e então sentirá nossa insensibilidade sem remedio o que agora podéra sentir com proveito. Quanto melhor fôra chorar agora e arrepender agora, como faziam aquelles e aquellas penitentes do ermo, do que chorar e arrepender depois, quando para as lagrimas não ha de haver misericordia, nem para os arrependimentos perdão. Agora vivemos como queremos. e ainda mal, porque depois havemos de resuscitar como não quizeramos!

Tracta-se no sermão de umas circumstancias do mesmo juizo que mais respeitam aos ouvintes.

«Tractando, pois, d'esta tremenda verdade; não vos peço attenção; porque os factos estrondosos» ou a suppõem ou a conciliam por si mesmos. Tambem passo em silencio a narração portentosa dos signaes que precederão ao juizo; porque esta parte do evangelho pertence «mais» aos que hão de ser vivos n'aquelle tempo, «do que» a nós; e o dia de hoje é muito de tractar cada um só do que lhe pertence: «Nem pretendo fallar da sentença que necessariamente se ha de seguir ao mesmo juizo; porque esta sentença é materia mais de meditação que de discurso. Só invoco o auxilio da divina graça para considerar com proveito das nossas almas umas circumstancias que mais respeitam ao nosso estado.»

Como se vive assim se resuscita.

II. Grandes cousas e lastimosamente grandes haverá que vêr e considerar n'aquelle acto da resurreição universal. Mas entre todas as considerações a que me parece mais propria d'este logar e mais digna de sentimento é esta. E quanta gente bem nascida se verá n'aquelle dia mal resuscitada! Entre a resurreição natural e sobrenatural ha uma grande differença: que na resurreição natural cada um resuscita como nasce, na resurreição sobrenatural cada um resuscita como morre. Na resurreição natural nasce Pedro e resuscita Pedro: na resurreição sobrenatural nasce pescador e resuscita principe. Oh que grande consolação esta para aquelles a quem não alcançou a fortuna dos altos nascimentos! Bem me parecia a mim que não podia faltar Deus a dar uma grande consolação no dia do juizo á desegualdade com que nascem os homens sendo todos da mesma natureza. Não

se faz aggravo na desigualdade do nascer a quem se deu a eleição de, resus citar. A resurreição é um segundo nascimento com alvedrio.

Notae agora: *Statutum est hominibus semel mori.* Quiz Deus que morressemos uma só vez e que nascessemos duas: porque como o morrer bem dependia do nosso alvedrio, bastava uma só morte; mas como o nascer bem não estava na nossa mão eram necessarios dous nascimentos para que podessemos emendar no segundo tudo o que nos faltasse no primeiro. Bem podera Deus fazer que nascessem os homens todos eguaes: mas ordenou sua providencia que houvesse no mundo esta mal soffrida desegualdade, para que a mesma dôr do primeiro nascimento nos excitasse á melhoria do segundo. Homens humildes e desprezados do povo, boa nova. Se a natureza ou a fortuna foi escassa comvosco no nascimento, sabei que ainda haveis de nascer outra vez e tão honradamente como quizerdes. Então emendareis a natureza, então vos vingareis da fortuna.

Ha uma só morte e dois nascimentos.

Que maior vingança da fortuna que as mudanças tão notaveis que se verão n'aquelle dia! Virão n'aquelle dia as almas do grande e do sequeno buscar seus corpos á sepultura e talvez á mesma egreja; e que succedeaá pela maior parte? O pequeno achará seus ossos em um adro, sem pedra, nem lettreiro, e resuscitará tão illustre como as estrellas. O grande pelo contrario achará seu corpo embalsamado em caixas de porfido, aos hombros de leões ou elephantes de marmore, com soberbos e magnificos epitaphios; e resuscitará mais vil que a mesma vileza. Oh que metamorphose tão triste! mas que verdadeira! Vêde se ha de dar Deus boa satisfação aos homens da desegualdade com que hoje nascem. O ser bem nascido, que é uma vaidade que se acaba com a vida, é verdade que a não poz Deus na nossa mão: mas o ser bem resuscitado, que é aquella nobreza que ha de durar por toda a eternidade, essa deixou Deus ao alvedrio de cada um. No nascimento somos filhos de nossos paes: na resurroição seremos filhos de nossas obras. E que seja mal resuscitado por culpa sua, quem foi bem nascido sem merecimento seu, lastima grande! Resuscitar bem sobre haver nascido mal é emendar a fortuna: resuscitar mal sobre haver nascido bem é peior que degenerar da natureza. Que resuscite bem David sobre nascer de José, grande gloria do um filho de um pastor! Mas que resuscite mal Absalão sobre nascer de David, grande affronta do filho de um rei! Se os homens se prezam tanto de ser bem nascidos, como fazem tão pouco caso de ser bem resuscitados? Nenhuma cousa trazem na bocca os grandes mais ordinariamente que as obrigações com que nasceram; e

A resurreição, que é o segundo nascimento, póde infamar o primeiro.

aposto eu que mui poucos sabem quaes são estas obrigações. Nascer bem é obrigação de resuscitar melhor. Se Deus puzera na mão do homem o nascer; quem houvera por bom que fosse que não se fizesse muito melhor? Pois este é o caso em que estamos. Se havemos de tornar a nascer, porque não trabalharemos muito por nascer muito honradamente?

No valle de Josaphat hão de caber todos os homens.

III. Unidas as almas aos corpos e restituidos os homens á sua antiga inteireza, os bem resuscitados alegres, os mal resuscitados tristes, começarão a caminhar todos para o logar do juizo. Será aquella a vez primeira em que o genero humano se verá a si mesmo: porque se ajunctarão alli os que são, os que foram, os que hão de ser, e todos pararão no valle de Josaphat. Mas vejo que me estão perguntando: Como é possivel que uma multidão tão excessiva como a de todo o genero humano, os homens que se continuaram desde o principio até agora e os que se irão multiplicando successivamente até o fim do mundo; como é possivel que aquelle numero innumeravel, aquella multidão quasi infinita, caiba em um valle? Primeiramente digo que «é muito possivel, porque os seus estados e condições serão muito diversas.

Como caberão os bons? Pelo dote da agilidade. *Corn. a Lap. in cap. 1 ad Thess. c. 4.*

O Apostolo, consolando aos Thessalonicenses e confirmando-os na fé, dizia: Lembrae-vos que depois da imperiosa voz do archanjo que com a sua trombeta chamará a juizo todo o genero humano, o Senhor baixará dos céus; e nós resuscitando com os nossos irmãos lhe iremos ao encontro, arrebatados nos ares sobre as nuvens, e assim estaremos para sempre em sua companhia: *Simul rapiemur cum illis in nubibus obviam Christo in aera, et sic semper cum Domino erimus*, Da maneira que, segundo a doutrina do Apostolo, o logar dos bons que hão de ir ao encontro de Christo, não será no fundo do valle de Josaphat, senão no ar: *rapiemur in nubibus in aera:* vêde se lhes póde faltar o espaço.

E pelo dote da subtileza. *1 Cor. 15.*

Mas ainda que ficassem todos no valle, «digo que os bons poderão alli caber em muito pouco logar; porque terão o dote da subtileza. Entre os quatro dotes gloriosos ha um que se chama subtileza, o qual communica tal propriedade aos corpos dos bemaventurados, que todos quantos se hão de achar no dia do juizo, podem caber n'este logar onde eu estou sem me tirarem d'elle, «porque se tornarão corpos espirituaes: *Resurget corpus spiritale:* diz o mesmo apostolo. No estado e na condição da vida presente nem os bons nem os maus podem ter este dote» por isso cá no mundo não ha logar que dure, nem logar que baste. Muito é que Jacob e Esaú não coubessem em uma casa. Mais é que Loth e Abrahão não coubessem em uma cidade. Muito mais é que Saul e David não coubessem em um reino.

Mas o que excede toda a admiração é que Cain e Abel não coubessem em todo o mundo, «e que a inveja do primeiro chegasse a não deixar logar para o outro.» Se é certo que com a morte se acaba a inveja, facilmente caberemos todos no dia do juizo: os bons pelo dote da subtileza; os maus, porque ainda que são tantos, e hoje tão grandes e tão inchados, n'aquelle dia hão de estar todos muito pequeninos.

Os maus estarão no valle do Josaphat encolhidos como os animaes na arca de Noé. *Luc.* 3.

Que no tempo do diluvio coubessem na arca de Noé todos os animaes do mundo em suas especies, crê-o a fé, porque o diz a Escriptura: mas não o comprehende o intendimento, porque o não alcança a razão. Como póde ser que coubessem em tão pequeno logar tantos animaes, tão grandes e tão ferozes? O leão, para quem toda a Lybia era pouca campanha; a aguia, para quem todo o ar era pouca esphera; o touro, que não cabia na praça; o tigre, que não cabia no bosque; o elephante, que não cabia em si mesmo. Que todos estes animaes e tantos outros de egual fereza e grandeza coubessem junctos em uma arca tão pequena? Sim, cabiam todos; porque, ainda que a arca era pequena, a tempestade era grande. Alagava Deus n'aquelle tempo a terra com diluvio universal, que foi a maior calamidade que padeceu o mundo; e nos tempos dos grandes trabalhos e calamidades até o instincto faz encolher os animaes, quanto mais a razão aos homens. Caberão os homens no valle de Josaphat, assim como couberam os animaes na arca: *Sicut fuit in diebus Noe, sic erit in consummatione saeculi.* Diz o Texto que só com os signaes do fim do mundo hão de andar todos os homens seccos e mirrados: *Arescentibus hominibus prae timore.* Se aos homens os ha de apertar tanto o receio, quanto os estreitará o juizo?! Oh como nos encolheremos todos n'aquelle dia! Oh como estarão pequenos alli os maiores gigantes! A maior maravilha do dia do juizo não é haver de caber todo o mundo em todo o valle de Josaphat; a maravilha maior será que caberão então em uma pequena parte do valle muitos que não cabiam em todo o mundo. Um Nabuchodonosor, um Alexandre Magno, um Julio Cesar, para quem era estreita a redondeza da terra, caberão alli em um cantinho: porque não ha cousa que occupe menos logar, que um caido. A terra em comparação do céu é um poncto: o centro em comparação da terra é outro poncto, e Lucifer, que levantado, como sabemos, não cabia no céu, caido cabe no centro da terra. Ah Luciferes do mundo! Aquelles que, levantados nas azas da prosperidade humana, em nenhum logar cabeis hoje; caidos e derribados n'aquelle dia cabereis em muito pouco logar. Estaremos todos alli encolhidos e sumidos dentro em nós mesmos, cuidando na conta que ha-

vemos de dar a Deus; e quando não houvesse outra razão, só essa bastava para não faltar logar a ninguem. Dêem os homens em cuidar na conta que hão de dar a Deus; e eu vos prometto que sobejem logares. O que importa é que o logar seja bom; que, quanto é logar, valle de Josaphat haverá para todos. [1]

Os anjos apartam os maus dos bons.

IV. Presente emfim no valle todo o genero humano, correr-se-hão as cortinas do céu; e apparecerá o Supremo Juiz sobre um throno de resplandecentes nuvens, acompanhado de todas as jerarchias dos anjos e muito mais da sua propria majestade. A primeira cousa que fará, será mandar apartar os maus dos bons; e os ministros desta execução serão os anjos: *Exibunt*

[1] *Nota do Compilador.*—Deixei correr uns trocados do verbo *caber* por serem muito nobres e chegados ao sentido proprio da palavra. Trocados d'esta natureza não só se acham em qualquer auctore de bom gosto, mas ainda na Escriptura: como quando o Divino Mestre cita as palavras de Isaias: *Videntes videbitis et non videbitis* (Matth. 22): onde é claro que o segundo *videbitis* não se toma no sentido do primeiro. Ha, porém, no sermão original do auctor outros trocados do mesmo verbo, os quaes, ainda que pintam ao vivo o luxo da sua e da nossa sociedade, supprimi os, porque abatem a nobreza da sua eloquencia pela demasia da pilhèria em sermão tão sério. Comtudo não quero devel-os ao leitor. Eis o que diz— N'isto de logares vai grande engano: cabe n'elles muito mais do que nos parece. E senão passemos a um exemplo moral e vejamol-o em qualquer logar da republica. O dia é do juizo, seja o logar de um julgador.

Antigamente em um logar d'estes que é o que cabia? Cabia o doutor com seus textos e umas poucas postillas, muito usadas e por isso muito honradas. Cabia mais uma mula mal pensada, se a casa estava muito longe do Limoeiro. Cabiam os filhos honestamente vestidos; mas a pé e com a arte debaixo do braço. Cabia a mulher com poucas joias; e ás creadas se passavam da unidade, não chegavam ao plural dos gregos. Isto é o que cabia n'aquelle logar antigamente; e feitas boas contas, parece que não podia caber mais. Andaram os annos: o logar não cresceu; e tem mostrado a experiencia, que é muito mais em comparação o que cabe no mesmo logar. Primeiramente cabem umas casas ou paços, que os não tinham tão grandes os condes do outro tempo. Cabe uma livraria de estado, tamanha como a vaticana e talvez com os livros tão fechados como esta os tem. Cabe um coche com quatro mulas, cabem pagens, cabem lacaios, cabem escudeirôs: cabe a mulher em quarto apartado, com donas, com áias e com todos os outros arremedos da fidalguia: cabem os filhos com cavallos e creados, e talvez com o jogo e com outras mocidades de preço: cabem as filhas maiores com dotes e casamentos de mais de marca, as segundas nos mosteiros com grossas tenças: cabem tapeçarias, cabem baixellas, cabem commendas, cabem beneficios, cabem moios de renda; e sobre tudo cabem umas mãos muito lavadas e uma consciencia muito pura; e infinitas outras cousas, que só na memoria e no intendimento não cabem. Não é isto assim? Lá n'essas terras por onde eu agora andei, assim é. Pois se tudo isto cabe em um logar tão pequeno; que grande serviço fazemos nós á fé em crer que caberemos todos no valle de Josaphat? Havemos de caber todos; e se vierem outros tantos mais, para todos ha de haver valle e milagre.

angeli et separabunt malos de medio justorum. Para se entender melhor esta separação, havemos de suppor que antes d'ella não hão de estar os homens alli junctos confusamente; mas para maior grandeza e distincção do acto hão de estar repartidos todos por seus estados. A uma parte hão de estar «os principes ecclesiasticos e pastores das almas; a outra os monarchas e principes seculares;» a outra os religiosos e assim dos demais estados do mundo. Separados todos por esta ordem, conforme o logar que tiveram n'esta vida, então se começará a segunda separação, segundo o estado que hão de ter na outra e que ha de durar para sempre.

Os maus prelados.

Sairão pois os anjos; vêde que suspensão e que tremor será o dos corações dos homens n'aquella hora! Sairão os anjos e irão primeiramente ao logar dos «principes e pastores ecclesiasticos», *et separabunt malos de medio justorum*. Lá vai aquelle porque não deu esmolas: aquelle, porque enriqueceu os parentes com o patrimonio de Christo: aquelle, porque tendo uma «egreja por» esposa, procurou outra melhor dotada: aquelle, porque faltou com o pasto da doutrina ás suas ovelhas: aquelle, porque proveu as egrejas nos que não tinham mais merecimento que o de serem seus creados: aquelle, porque na sua diocese morreram tantas almas sem sacramentos: aquelle por não residir: aquelle por simonias: aquelle por irregularidades: aquelle por falta do exemplo da vida; e tambem algum por falta da sciencia necessaria, empregando o tempo e o estudo em divertimentos, ou da corte e não de prelado, ou do campo e não de pastor. Valha-me Deus! que confusão tão grande! Mas que alegres e que satisfeitos estarão n'este passo um S. Bernardino da Sena, um S. Boaventura, um S. Domingos, um S. Bernardo e muitos outros varões sanctos e sisudos, que quando lhes offereceram as mitras, não quizeram subir á altura da dignidade, porque reconheceram a do precipicio. Pelo contrario que taes levarão os corações aquelles miseraveis condemnados? Quantas vezes dirão dentro em si mesmos e a vozes: Maldicto seja o dia em que nos elegeram, e maldicto quem nos elegeu: maldicto seja o dia em que nos confirmaram, e maldicto quem nos confirmou. Se um homem mal póde dar conta de sua alma; como a dará boa de tantas? Se este peso deu em terra com os maiores Athlantes da Egreja; quem não temerá e fugirá d'elle?

Quão perigosa dignidade é o bispado.

Grande desconsolação é hoje para as egrejas de Portugal não terem bispos; mas póde ser que no dia do juizo seja grande consolação para os bispos de Portugal não chegarem a ter egrejas. De um sacerdote que não quiz acceitar um bispado, conta S. Jeronimo, que apparecendo depois da morte a um seu tio

religioso, que assim lh'o aconselhara, lhe disse estas palavras: Dou-vos, padre, muitas graças, porque me persuadistes que não acceitasse aquelle bispado; porque sabereis que hoje havia eu de ser do numero dos condemnados, se então fôra do numero dos bispos. Oh quantos, sem saberem o que fazem, debaixo do nome lustroso de uma mitra, andam feitos pretendentes de sua condemnação! A este e a muitos outros que não quizeram acceitar bispados, revelou Deus que se haviam de condemnar se chegassem a ser bispos. E quem vos disse a vós, que estaveis previlegiado d'esta condicional? De chegardes a ser bispo, póde ser que não dependa a salvação de outras almas; e de não chegardes a o ser, póde ser que dependa a salvação vossa. O mais seguro é encolher os hombros e deixar governar a Deus.

Os maus religiosos e sua maior desventura.

Do logar dos bispos passarão os anjos ao logar dos religiosos; e entrando n'aquella multidão infinita das ordens regulares, sem embargo de resplandecerem n'ellas como soes as maiores sanctidades do mundo, comtudo haverá muito que separar. Começarão por Judas, *Et separabunt malos de medio iustorum*. Não o digo por me tocar: mas por todas as razões me parece, que será este o mais triste espectaculo do dia do juizo. Que vão os homens ao inferno pelo caminho do inferno, desgraça é, mas não é maravilha: porém ir ao inferno pelo caminho do céu, é a maior de todas as miserias. Que o rico avarento, vestindo purpuras e hollanda e gastando a vida em banquetes, seja sepultado nos fogos eternos, por seu preço leva o inverno: mas que o religioso, amortalhado em um sacco, com os seus jejuns, com as suas penitencias, com a sua clausura, com a sua vontade sujeita a outrem, por ter os olhos nas migalhas do mundo, vá passar nas mesmas penas? Brava desaventura! O secular distrahido, que lhe não veio nunca á memoria a conta que havia de dar a Deus, que a não dê boa e se perca, não podia parar n'outra cousa o seu descuido: mas que o mesmo religioso que por estes pulpitos vos vem prégar o juizo, possa ser e haja de ser um dos condemnados d'aquelle dia? Triste estado é o nosso, se nos não salvamos. Mas d'aqui podeis vós tambem inferir que se isto se passa no porto, que será no pégo? Se nós (fallo dos melhores que eu), se nós sobre tanto meditar na outra vida nos podemos perder; o vosso descuido e o vosso esquecimento onde vos ha de levar? Se as Cartuxas, se os Bussacos, se as Arrabidas hão de tremer no dia do juizo, as côrtes e a vossa côrte em que estado se achará?

Os maus reis e quão numerosos.

Em todos os estados da côrte haverá mais que separar, que em nenhuns outros. Mas deixando por agora os demais, em que

cada um se póde prégar a si mesmo; chegarão finalmente os anjos ao logar dos reis. Não se verão alli sitiaes, nem outros apparatos de majestade: mas todos sós e acompanhados sómente de suas obras estarão em pé como reos. Conhecer-se-hão distinctamente quaes foram os reis de cada reino: quaes os de Hungria, quaes os de França, quaes os de Inglaterra, quaes os de Castella, quaes os de Portugal. E d'esta maneira irão os anjos tirando de cada coroa aquelles que foram maus reis: *Et separabunt malos de medio justorum*. Espero eu em Deus que n'este dia ha de ser o nosso reino singular entre os do mundo; e que só d'elle não hão de achar os anjos que apartar. Se eu estudara só pelo meu desejo e pela minha esperança, assim o havia de crêr: mas quando leio as Escripturas, acho muito que duvidar. Dos reis, como dos outros homens, nós não sabemos quaes se salvam, nem quaes se perdem. Só uma nação houve antigamente da qual nos consta do texto sagrado, quantos foram os reis que se salvaram e quantos os que se perderam. Tremo de o dizer; mas é bom que se saiba distinctamente. No povo hebreu, em tempo que era povo de Deus houve tres reinos. O primeiro foi o reino das doze tribus: teve tres reis e durou cento e vinte annos. O segundo foi o reino de Judá, teve vinte reis, e durou trezentos e noventa e quatro annos. O terceiro foi o reino de Israel, teve dezenove reis, e durou duzentos e quarenta e dous annos. Saibamos agora quantos reis foram os que se salvaram e quantos os que se perderam n'estes reinos.

Quantos reis se perderam no povo hebreu.

No reino das doze tribus de tres reis perdeu-se Saul, salvou-se David, de Salomão não se sabe. No reino de Judá de vinte réis, salvaram-se cinco, perderam-se treze, de dois é incerto. No reino de Israel nem estas tão pequenas excepções teve a desgraça: foram os réis dezenove, e todos os dezenove se condemnaram. No dia do juizo não se poderá cumprir n'este reino o *Separabunt malos de medio justorum*: chegarão os anjos alli, não terão que separar, levarão a todos. Oh desgraçados sceptros! Oh desgraçados paes! Oh desgraçada descendencia! Desde Jeroboão a Oseas dezenove reis coroados, dezenove reis condemnados.

Quantos meios tinham para se salvar. Aviso aos reis christãos.

Pois por certo que não foi por falta de doutrina, nem de auxilios. Tinham esses reis conhecimento do verdadeiro Deus; tinham templo, tinham sacerdotes, tinham sacrificios, viam milagres, ouviam prophecias, recebiam favores do céu; e quando era necessario não lhes faltavam tambem castigos; e nada d'isto bastou. Muito arriscada cousa deve ser o reinar: pois em tantos tempos e em tantos reis se salvam ou tão poucos ou ne-

nhum. Julguem lá agora os principes quaes serão as causas d'isto: que Deus não é injusto. Examinem muito escrupulosamente suas consciencias e olhem a quem as communicam. Considerem muito de vagar as suas obrigações que são muito mais estreitas do que ordinariamente cuidam: inquiram muito de pruposito sobre os damnos publicos e particulares de seus vassallos; e vejam, pondo de parte todo o affecto, se suas acções, ou suas omissões, pódem ser a causa. Presuadam-se que hão de apparecer, como qualquer outro homem deante do tribunal da Justiça Divina, onde se lhes ha de pedir rigorosissima conta, dia por dia e hora por hora de quanto fizeram e de quanto deixaram de fazer. Cuide finalmente e pese, como convem, cada um dos principes, quão grande desaventura e confusão sua será n'aquelle cadafalso universal do dia do juizo, se depois de tanta majestade e adoração n'esta vida, vier um anjo e o tomar pela mão e o tirar para sempre do numero dos que se hão de salvar: *Separabunt malos de medio justorum.* Por este modo se irá continuando a separação dos maus em todos os estados do mundo; e n'aquelles em que «pela» razão do sangue e do amor é mais natural a união, será mais lastimoso o apartamento. Verdadeiramente todas as outras circumstancias d'aquelle acto terão muito de rigorosas, esta parecerá cruel. Apartar-se-hão alli os paes dos filhos, os irmãos dos irmãos, as mulheres dos maridos, os amigos dos amigos e apartar-se-hão para nunca mais os que se amavam n'esta vida e os que tinham tantas razões para se amarem tambem na outra. Para nunca mais! Oh que lastimosa palavra! Se apartar-se de uma terra para outra terra com a esperança de se tornar a vêr causa tanta dôr nos que se amam; se apartar-se d'esta vida para outra vida, com probabilidade de se verem eternamente, é um transe tão rigoroso; que dôr será apartarem-se para nunca mais com certeza de não se verem em quanto Deus fôr Deus, aquelles a que a natureza e o amor tinham feito quasi a mesma cousa?! Certo que tem assás duro coração, quem só pelo não metter n'estes apertos não ama a Deus com todo elle.

Processo de cada um.

V. Feita a separação dos maus e bons e socegados os prantos d'aquelle ultimo apartamento, que serão tão grandes como a multidão e tão lastimosos como a causa; posto todo o juizo em silencio e suspensão, começará a se fazer exame das culpas.

Que miudo ha de ser.

N'este passo me havia eu de descer do pulpito e subir a elle, quem? Não um anjo, não um propheta, não um apostolo; mas algum dos condemnados do inferno. Só quem foi julgado por Deus, só quem assistiu ao rigor d'aquelle tribunal tremendo, só quem viu o exame inexcrutavel com que alli se penetram e

se apuram as consciencias; só quem viu a anatomia tão miuda, tão exquisita que alli se faz do menor peccado e da menor circumstancia, só quem viu a subtileza não imaginada com que alli se pesam atomos, se medem instantes, se partem indivisiveis; só este, e nem ainda este bastantemente, poderá declarar o que n'aquelle dia ha de ser.

É impossivel declarar esta miudeza.

Muitas vezes me resolvi a deixar totalmente este poncto; contentando-me com confessar que não sei nem me atrevo a fallar n'elle; porque ninguem possa dizer no dia do juizo que eu o enganei. Mas como a materia é tão importante e a principal obrigação d'este dia; já que não se póde dizer tudo nem parte, ao menos quizera que Deus me ajudasse a vos metter hoje dous escrupulos que me parecem os mais necessarios ao auditorio a quem fallo. Peccados de omissão e peccados de consequencia, estes são os dous escrupulos que vos quizera hoje advertir e intimar da parte de Deus.

Os peccados de omissão causa da condemnação dos reprobos. *Matth.* 25.

VI. Sabei christãos, sabei principes, sabei ministros que se vos ha de pedir estreita conta do que fizestes; mas muito mais estreita do que deixastes de fazer. As culpas com que se condemnam os reus são as que se conteem nos relatorios das sentenças. Lêde agora o relatorio da sentença do dia do juizo, e notae o que diz: Ide maldictos ao fogo eterno; e porque? *Non dedistis mihi manducare, non dedistis mihi potum, non collegistis me, non cooperuistis me, non visitastis me*: cinco cargos e todos omissões: Porque não destes de comer, porque não destes de beber, porque não recolhestes, porque não visitastes porque não vestistes. Em summa que os peccados que ultimamente hão de levar os condemnados ao inferno são os peccados de omissão. Não se espantem os doutos de uma proposisão tão universal como esta, porque assim é verdadeira em todo o rigor da theologia. O ultimo peccado e a ultima disposição, porque se hão de condemnar os prescitos e a impenitencia final; e, a impenitencia final é peccado de omissão.

São os mais perigosos de todos os peccados

Vêde que cousas são as omissões, e não vos espantareis do que digo. Por uma omissão perde-se uma inspiração; por uma inspiração perde-se um auxilio; por um auxilio perde-se uma contrição; por uma contrição perde-se uma alma: dae conta a Deus de uma alma por uma omissão. Desçamos a exemplos mais publicos. Por uma omissão perde-se uma maré, por uma maré perde-se uma viagem, por uma viagem perde-se uma armada, por uma armada perde-se um estado: dae conta a Deus de uma India, dae conta a Deus de um Brazil por uma omissão. Por uma omissão perde-se um aviso, por aviso perde-se uma occasição, por uma occasião perde-se um negocio; por um negocio per-

de-se um reino: dae contas a Deus de tantas casas, de tantas vidas, de tantas fazendas, de tantas honras por uma omissão. Oh que arriscada salvação! Oh que arriscado officio é o dos principes e dos ministros! Está o principe, está o ministro divertido sem fazer má obra, sem dizer má palavra, sem ter mau nem bom pensamento; e talvez n'aquella mesma hora por culpa de uma omissão está commettendo maiores damnos, maiores estragos, maiores destruições que os maiores malfeitores. O salteador na charneca com um tiro mata um homem: o principe e o ministro com uma omissão mata de um golpe uma monarchia. Estes são os escrupulos de que se não faz caso; por isso são as omissões os mais perigosos de todos os peccados.

E os menos conhecidos e menos emendados. Caso de Elias.

A omissão é o peccado que com mais facilidade se commette e com mais difficuldade se conhece; e o que facilmente se commette e difficultosamente se conhece, raramente se emenda. A omissão é um peccado em que ainda os muito escrupulosos vivem muito arriscados. Estava o propheta Elias em um deserto mettido em uma cova: apparece-lhe Deus e lhe diz: *Quid hic agis Elias?* E bem Elias vós aqui? Aqui, Senhor: pois aonde estou eu? Não estou retirado do mundo? Não estou sepultado em vida? E que faço eu? Não me estou disciplinando? Não estou jejuando? Não estou contemplando e orando a Deus? Assim era. Pois se Elias estava fazendo penitencia em uma cova como o reprehende Deus e lh'o estranha tanto? Porque ainda que eram boas obras as que fazia, eram melhores as que deixava de fazer. O que fazia era devoção: o que deixava de fazer era obrigação. Tinha Deus feito Elias propheta do povo de Israel: tinha-lhe dado officio publico; e estar Elias no deserto quando havia de andar na côrte; estar mettido em uma cova quando havia de apparecer na praça; estar contemplando no céu, quando havia de estar contemplando a terra, era muito grande culpa. A razão é facil; porque no que fazia Elias salvava a sua alma; no que deixava de fazer perdiam-se muitas. Não digo bem: no que fazia Elias parecia que salvava a sua alma, no que deixava de fazer perdia a sua e as dos outros; as dos outros, porque faltava á doutrina, a sua porque faltava á obrigação. É muito bom exemplo este para a côrte e para os ministros que tomam a occupação por escusa da salvação. Dizem que não tractam de suas almas, porque se não podem retirar. Retirado estava Elias e perdia-se: mandam-no vir para a côrte, para que se salve. Não deixe o ministro de fazer o que tem de obrigação; e póde ser que se salve melhor em um conselho, que em um deserto. Tome por disciplina a diligencia,

tome por cilicio o zelo, tome por contemplação o cuidado e tome por abstinencia o não tomar; e elle se salvará. Mas porque se perdem tantos? Os menos maus perdem-se pelo que fazem: os peiores perdem-se pelo que deixam de fazer; por omissões, por negligencias, por descuidos, por desattenções, por divertimentos, por vagares, por dilações, por eternidades.

Peccados do tempo.

Uma das cousas de que se devem accusar e fazer grande escrupulo os ministros é dos peccados do tempo. Porque fizeram no mez que vem o que se ha de fazer no passado: porque fizeram ámanhã o que se havia de fazer hoje: porque fizeram depois, o que se havia de fazer agora: porque fizeram logo, o que se havia de fazer já. Tão delicadas como isto hão de ser as consciencias dos que governam em materias de momento. O ministro que não faz grande escrupulo de momentos, não anda em bom estado: a fazenda póde-se restituir: a fama, ainda que mal, tambem se restitúi: o tempo não tem restituição alguma. E a que mandamento pertencem estes peccados do tempo? Pertencem ao septimo: porque ao septimo mandamento pertencem os damnos que se fazem ao proximo e á republica; e a uma republica não se lhe póde fazer maior damno que furtar-lhe instantes. Ah omissões! Ah vagares ladrões do tempo! Mas porque na Ordenação não ha pena contro estes delinquentes, por isso a sentença do dia do juizo ha de cair principalmente sobre as omissões.

Peccados de consequencia na justiça commutativa. Restituição de Zacheo. *Luc.* 19.

VII. Peccados de consequencia é o segundo escrupulo. Ha uns peccados que acabam em si mesmos; ha outros que depois de acabados ainda duram em suas consequencias. Oh que terrivel conta será esta! Converteu Christo Senhor Nosso a Zacheo, que era um mercante rico; e as resoluções de sua conversão foram estas: Senhor eu dou ametade de meus bens aos pobres e da outra ametade pagarei quatro vezes em dobro tudo o que houver tomado: *Ecce dimidium bonorum meorum do pauperibus et siquid aliquem defraudavi reddo quadruplum.* Aqui reparo. As leis da justa restituição mandam que se pague o alheio em tanta quantidade como se tomou. Pois porque quer Zacheo que da sua fazenda se paguem e se accrescentem tres tantos mais? Se para a restituição basta uma parte, as outras tres a que fim se dão? Eu o direi: dão-se uma parte para satisfação do peccado, as outras tres para satisfação das consequencias. Entrou Zacheo em exame escrupuloso de sua consciencia sobre o que tinha roubado; e fez estas contas: Se eu não roubara a fulano tivera elle a sua fazenda: se á tivera não perdera o que perdeu, acquirira o que não acquiriu, não padecera o que padeceu. Ah sim! Pois para que a minha satisfação não

seja inferior á minha culpa dê-se a cada um quatro vezes tanto como lhe eu houver defraudado. Eis-aqui o que fez Zacheo «para ficar certo da satisfação de seus roubos. «E que se seguiu d'aqui? *Hodie salus huic domui facta est:* hoje se poz em estado de salvação esta casa. E se a casa de Zacheo para se pôr «com certeza» em estado de salvação, paga tres vezes mais do que tomou; que «certeza de salvação pódem ter» tantas casas de Portugal onde se deve tanto e se gasta tanto e se esperdiça tanto, e nenhuma cousa se paga? Ora o caso é que muita gente deve de se condemnar: porque na vida poucos pagam, na hora da morte os mais escrupulosos mandam pagar o capital, das consequencias nem na vida, nem na morte não ha quem faça caso.

Peccados de consequencia na justiça distributiva e vendicativa.

E se isto passa na justiça commutativa onde emfim ha numero, ha peso e ha medida; que será na distributiva e na vendicativa? Se isto lhe succede á justiça na mão das balanças, que será na mão da espada? Quaes serão as consequencias de um voto injusto em um tribunal? Quaes serão as consequencias de um voto apaixonado em um conselho? Ajude-me Deus a saber-vol-as representar, pois é materia tão occulta e de tanta importancia. Consulta-se em um conselho o logar de um governador, de um general, de um ministro superior da fazenda ou da justiça; e que succede? Vota o conselheiro no parente, porque é parente; vota no amigo, porque é amigo; vota no recommendado, porque é recommendado; e os mais dignos e os mais benemeritos, porque não teem amizade, nem parentesco, nem valia, ficam fóra. Acontece isto muitas vezes? Queira Deus que alguma vez deixe de ser assim! Agora quizera eu perguntar ao conselheiro que deu este voto e que o assignou, se lhe remordeu a consciencia ou soube o que fazia? Homem cego, homem precipitado, sabes o que fazes? Sabes o que firmas? que ainda que o peccado que commetteste contra o juramento de teu cargo seja um só, as consequencias que d'elle se seguem, são infinitas e maiores que o mesmo peccado? Sabes que com essa penna te escreves réo de todos os males que fizer, que consentir e que não estorvar esse homem indigno por quem votaste e de todos os que se seguirem d'elle? Oh grande miseria! Miseravel é a republica onde ha taes votos, miseraveis os póvos onde se mandam ministros feitos por taes eleições; mas os conselheiros que n'elles votaram, são os mais miseraveis de todos: os outros levam o proveito, elles ficam com os encargos. Ide commigo.

Responsabilidade de um voto.

Se o que elegestes furta (não o ponhamos em condicional, porque claro está que ha de furtar); furta o que elegestes; e furta por si e por todos os seus, como costumam os similhan-

tes, e Deus ha-vos de pedir a conta a vós; porque o vosso voto foi causa de todos aquelles roubos. Opprime o que elegestes, os pobres; choram as viuvas, padecem os orphãos, clamam os innocentes; e Deus vos ha de condemnar a vós; porque o vosso voto foi a causa de todas aquellas oppressões de todas aquellas tyrannias. Matam-se os homens no governo dos que elegestes, arruinam-se as casas, deshonram-se as familias, vive-se como em Turquia, e vós o haveis d› pagar; porque o vosso voto foi causa de todos aquelles homicidios, de todas aquellas affrontas, de todos aquelles escandalos. Quebram-se as immunidades da Egreja, maltractam-se os ministros do Evangelho, impedem-se as conversões da gentilidade para a propagação da fé; e vós haveis de penar por isso eternamente; porque o vosso voto foi a causa de todos aquelles sacrilegios, de todas aquellas impiedades e da perda irreparavel de tantos milhares de almas. Estas são as consequencias da parte do indigno que elegestes. E da parte dos benemeritos que deixastes de fóra quaes serão? Ficarem os mesmos benemeritos sem o premio devido a seus serviços; ficarem seus filhos e netos sem remedio e sem honra, depois de seus paes e avós lh'a terem ganhado com o sangue, porque vós lh'a tiraste; ficar a republica mal servida, os bons escandalizados, os principes murmurados, o governo odiado, o mesmo conselho, em que assistis ou presidis, infamado, o merecimento sem esperança. o premio sem justiça, o descontentamento com desculpa, Deus offendido, o rei enganado, a patria destruida. São pesadas e pesadissimas consequencias estas? Pois todas ellas nascem d'aquelle voto ou d'aquella eleição de que vós por ventura ficastes sem escrupulo. e de que recebestes as graças (e talvez a propina) com muita alegria. Dir-me-heis que não advertistes taes cousas. Boa escusa para um conselheiro sabio! Se o não advertistes, peccastes, porque o devêreis advertir. «Não vos póde escusar a falta de advertencia ou a ignorancia em materia que devieis advertir e não podieis ignorar».

Os clamores do sangue de Abel e dos que haviam de nascer d'elle.

Matou Cain a Abel e «dizendo a Escriptura *Vox sanguinis fratris clamat ad me;* o paraphraste caldaico lê mais temerosamente: *Vox sanguinis generationum, quæ futuræ erant de fratre tuo, clamat ad me:* querendo dizer que bradava contra Cain o sangue de todos os homens que haviam de nascer de Abel e não nasceram por causa do crime de Cain e este sangue pedia a Deus vingança;» porque matando Cain e arrancando da terra a arvore de que aquelles homens haviam de nascer, o mesmo damno lhes fez, que se os matara. E se os possiveis teem sangue e vozes que clamam ao céu; que clamores serão os do ver-

dadeiro sangue derramado de verdadeiras veias? Que vozes serão as de verdadeiras lagrimas choradas de verdadeiros olhos? Que gemidos serão os de verdadeira dôr saidos de verdadeiros corações? Que serão as viúdezes, as orphandades, os desamparos? Que serão as oppressões, as destruições, as tyrannias? E que serão as consequencias de tudo isto multiplicadas em tantas pessoas, continuadas em tantas edades e propagadas em tantas descendencias ou futuras, ou possiveis, até o fim do mundo? Ha quem faça escrupulo d'isto?

Que difficultosa é a salvação dos que governam. S. Chrysostomo.

Agora intendereis com quanta razão disse S. João Chrisostomo: *Miror an fieri possit, ut aliquis ex rectoribus salvetur.* É uma das mais notaveis sentenças que se acham escriptas nos sanctos padres. Admiro-me (diz o grande Chrysostomo) e cheio de espanto considero commigo, se será possivel que algum dos que governam se salve. Esta proposição e a supposição em que elle se funda, está julgada commummente por hyperbole e encarecimento rhetorico. «E eu quero que assim seja.» Mas como os que governam, pelas obrigações de seus mesmos officios e pelas omissões que n'elles commettem e pelos damnos que por varios modos causam a tantos, os quaes damnos não param alli, mas se continuam e multiplicam em suas consequencias, teem tão difficultosa a salvação; «muito receio que na proposição de Chrysostomo haja menos hyperbole e menos encarecimento do que se julga.

A sentença é mais para meditação que para discurso. Qual ha de ser.

VIII. Depois da conta seguir-se-ha a sentença, que será justissima, inexoravel, sem appellação. Mas esta parte do juizo final é materia como já avisei desde o principio mais de meditação que de discurso. Deixo, pois, á vossa consideração o desenlace d'aquelle assombroso drama do valle de Josaphat.» Pedida e tomada a conta a todo o genero humano, olhará o Senhor para a mão direita e com o rosto cheio de gloria e alegria dirá aos bons: *Venite benedicti Patris mei possidete paratum vobis regnum a constitutione mundi.* Vinde, bemdictos de meu Pae e possui o reino que vos está apparelhado desd'o principio do mundo. Quem serão os venturosos sobre que ha de cair esta ditosa sentença? Bemdicto seja Deus que todos que estamos presentes o podemos ser se quizermos. Como se darão por bem empregados todos os trabalhos da vida; e quão verdadeiramente parecerá então jugo suave a lei de Christo que hoje julgamos por difficultosa e pesada! Mas ainda mal porque muitos dos que aqui estamos... não me atrevo ao dizer; intendei-o vós: *Arcta via est quae ducit ad vitam et pauci sunt qui inveniunt eam.* Voltando-se depois o Senhor (não digo bem) não se voltando o Senhor para a mão esquerda; com rosto severo e não compassivo (o que me não

Matth. 25.

Ibid. 7.

atrevera eu a crer, se o não disseram as Escripturas) dirá d'esta maneira para os maus: *Discedite a me maledicti, in ignem æternum, qui paratus est diabolo et angelis eius*: ide, maldictos, ao fogo eterno, que estava apparelhado, não para vós, senão para o demonio e seus anjos: mas já que assim o quizestes, ide. Abriu-se a terra, cairam todos; tornou-se a cerrar para toda a eternidade.—Eternidade! eternidade! eternidade!

(Ed. ant. tom. 3.º pag. 146, ed. mod. tom. 2.º pag. 169)

II. SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DO ADVENTO **

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1652

Observação do compilador.—É dos mais extensos, mais practicos e ricos de doutrina; e em varios ponctos não é menos grandiloquo que o precedente.

Amen dico vobis non praeteribit generatio haec donec omnia fiant.

S. Luc. cap. 21

Muitas cousas sabemos do juizo universal e duas ignoramos.

Muitas cousas sabemos d'este grande dia, todas grandes e temerosas; e duas só ignoramos. Sabemos que antes do dia do juizo o sol, que soía fazer o dia, se ha de escurecer e esconder totalmente com o mais horrendo e assombroso ecclipse, que nunca viram os mortaes. Sabemos que a lua, não por interposição da terra, mas contra toda a ordem da natureza se ha de mostrar entre as trevas medonhamente desfigurada e toda coberta de sangue. Sabemos que as estrellas desencaixadas dos orbes celestes hão de cair; e como no mundo inferior não teem onde caber, lá hão de estalar a pedaços com horrivel estrondo e exhalar-se em vapores ardentes. Sabemos que o mar ha de saír furiosamente de si e atroar os ouvidos attonitos com pavorosos roncos e levantando ondas immensas até ás nuvens, já não hão de bater como d'antes as praias, mas sorver inteiras as ilhas e afogar os montes. Sabemos que depois d'estes tristissimos signaes a que o evangelho chama principios das dôres, entre trovões, relampagos e raios, ha de chover um diluvio de fogo, com que se ha de accender o ar, seccar o mar e abrasar a terra; e que n'esta universal confusão de fumo e labaredas ha de arder e consumir-se em todos os tres elementos tudo o que até então respirava e vivia n'elles. Sabemos que assim hão de acabar os homens, e que assim ha de acabar com

elles tudo o que a sua ambição e vaidade fabricou com tantas vidas e seculos; e que este ha de ser o fim do nosso mundo, lastimoso mas não lastimavel, porque já não haverá quem se lastime d'elle. N'este vastissimo deserto, e n'este profundissimo silencio de tudo o que foi, sabemos que se ouvirá em um e outro hemispherio o som de uma trombeta, á cuja voz portentosa se levantarão d'aquelle sepulchro universal todos os mortos vivos; mas não sairão na mesma, senão em muito diversas figuras; porque cada um trará no semblante o retrato da sua fortuna. Tornado a povoar assim o mundo com todos os que hoje são, com todos os que foram e com todos os que hão de ser, sabemos que de repente se ha de abrir no céu uma grande porta; e que a primeira cousa que todos verão saír por ella, cercada de resplandores bastantes a escurecer o sol, será a mesma sagrada cruz, em que o Redemptor do mundo padeceu, reservada só ella do incendio e reunida de todas as partes da christandade onde esteve dividida e adorada. Sabemos que a esta celestial bandeira seguirão, repartidos em nove numerosissimos exercitos, todas as jerarchias dos anjos; e que signaladamente se divisarão entre elles os que tiverem por officio guardar os homens, uns com rosto alegre, outros severo, segundo o feliz ou infeliz estado d'aquelles a quem guardaram. Sabemos que por fim d'este infinito e pomposissimo acompanhamento, apparecerá em throno majestoso de luzidissimas nuvens o supremo e universal Juiz, Christo Jesus, a cuja vista se abaterão prostrados com profundissimo acatamento, toda a multidão immensa do genero humano resuscitado, adorando agora com bem differentes affectos, uns a majestade que crêram e serviram, outros a que não quizeram crêr, outros a que não quizeram servir. Parado em proporcionada distancia o tremendo consistorio e assentados de um e outro lado, como assessores os doze apostolos; sabemos que sairão d'elle como ministros inferiores de justiça muitos anjos em fórma visivel, os quaes entrando por aquella immensidade de homens (já despidos e desenganados todos dos falsos respeitos que se lhes guardavam na vida) sem confusão nem resistencia os apartarão uns dos outros; e os bons e ditosos serão collocados á mão direita, e os maus e malaventurados postos á esquerda. De uma parte estará a esperança alentando e da outra o receio tremendo; e no meio d'esta suspensão e terror (de que até os mesmos anjos se não darão por seguros) sabemos que em um momento se abrirão os processos, e ficarão manifestas e patentes as vidas de todos, sem haver obra, palavra, omissão, nem pensamento, por mais secreto e occulto, que alli não seja publico: vendo todos as con-

sciencias de todos, todos a de cada um e cada um a sua. Sabemos que convencidos d'esta evidencia, ninguem haverá que replique, ninguem que embargue, ninguem que appelle, nem para a Mãe de misericordia, nem para a misericordia do Filho e suas chagas; porque havendo-se dado a mesma misericordia tantos annos, aquelle dia tantas vezes prégado e não temido, será todo de justiça. Sabemos finalmente, que pronunciada a sentença por aquella mesma sacratissima bocca, que tantas vezes nos exhortou á penitencia dos peccados, que tanto tempo nos esperou pela emenda e nos esteve rogando com o perdão; sabemos, digo, que os da mão direita com o mesmo e maior apparato (porque já as almas bemaventuradas irão revestidas de seus corpos gloriosos) marcharão em triumpho para o céu, dando-se mil parabens e vivas; e os miseraveis condemnados, lançando sobre si infinitas maldições e vendo sem remedio o que por sua culpa perderam, abrindo-se de repente a terra, cairão precipitadas no inferno; e tornando-se outra vez a cerrar, ficarão sepultados e ardendo n'elle para em quanto Deus fôr Deus.

Estas cousas que ignoramos são o assumpto do sermão.

Estas são as grandes cousas que sabemos se hão de vêr n'aquelle grande e temeroso dia: todas certas e infalliveis; porque todas, sem affectação nem hyperbole, são tiradas das sagradas Escripturas no sentido natural, proprio e litteral d'ellas. Mas entre estas cousas, tão sabidas e tão prégadas n'este dia, ha outras duas, como dizia ao principio, as quaes ignoramos. E que duas cousas ignoradas são ellas? São tambem grandes? São tambem temerosas? São tambem importantes e de que dependa a felicidade ou infelicidade eterna, a salvação ou condemnação dos que vivemos? Agora o vereis. A primeira cousa que ignoramos é quando ha de ser o dia do juizo: a segunda quaes de vós se hão de vér á direita e quaes á esquerda. Estas duas cousas tão ignoradas quero que leveis hoje sabidas «quanto é possivel. Dir-vos-hei quando será o dia do juizo; e d'esta primeira resposta deduzindo e largamente explicando uma consequencia não menos inesperada que proveitosa, abrirei o caminho para a segunda, na qual vos indicarei quaes no dia do juizo» se hão de vêr á mão direita, e quaes á esquerda. A materia é tão grande e tão importante, que por si mesma se recommenda e não é necessario pedir attenção; graça sim a Deus e muita graça, para que as nossas almas se deixem penetrar d'estes raios de luz e tirem d'elles um ultimo desengano de que tanto necessita a nossa cegueira.

Quando acabará o mundo? Será no fim da conjuncção maior?

II. *Amen dico vobis non praeteribit generatio haec donec omnia fiant.* A questão do dia do juizo e fim do mundo póde-se

excitar de dous modos e em dous sentidos: ou mais largamente quanto aos annos, ou mais estreita e determinadamente quanto ao dia. Quanto aos annos ha varias e mui diversas opiniões. Alguns teem para si que se ha de acabar o mundo no anno da conjuncção maior ou perfeitamente maxima: isto é, quando os orbes celestes depois de acabarem inteiramente seu curso, tornarem outra vez a ficar no mesmo posto, composição e assento em que foram creados. O fundamento é, porque não parece conveniente, nem conforme á providencia do auctor da natureza, que fabricasse esta tão grande maquina com tantos e tão diversos e tão concertados movimentos para ficar parada no meio da carreira e não dar sequer uma volta ou passeio inteiro em que se visse e lograsse a consonancia e symmetria de sua admiravel architectura: sendo certo que toda foi creada para louvor e gloria do Supremo Artifice. E segundo esta sentença e seus auctores ainda restam de vida e duração ao mundo muitos milhares de annos.

Será no fim de oito mil annos? *Habac.* 3.

A segunda opinião prova, ou quer provar, que o curso do mundo desde o dia de sua creação até o do juizo ha de ser de oito mil annos completos. Funda-se n'aquelle logar do propheta Habacuc em que diz, que Deus se havia de manifestar aos homens no meio dos annos: *In medio annorum notum facies*. E constando segundo a mais verdadeira e exacta chronologia que o mysterio da incarnação do Verbo em que Deus se manifestou aos homens foi quatro mil annos depois da creação «do primeiro pae», segue-se que do anno do nascimento de Christo a outros quatro mil ha de ser o fim do mundo.

É opinião mais commum que no fim de seis. *Ps.* 89.

A terceira e communissima sentença é, que assim como o mundo foi creado em seis dias, ha de durar sómente seis mil annos, conforme aquella regra de que mil annos para com Deus são um dia: *Mille anni ante oculos tuos tamquam dies*. E assim como ao sexto dia da creação se seguiu o septimo, em que diz a Escriptura que descançou Deus de tudo o que tinha obrado e depois d'este dia não se conta outro: assim ao sexto millenario da duração do mundo se ha de seguir o septimo sem fim ao descanço da eternidade. Este modo de dizer se tem commummente por tradição antiquissima, continuada desde o principio do mesmo mundo. E verdadeiramente assim o demonstra a conspiração com que vêmos concordes no mesmo parecer os mais doutos homens não só dos Padres gregos e latinos, mas ainda dos hebreus e dos gentios; como são entre os padres gregos Sancto Hyppolito, S. Justino, Sancto Ireneo, S. Cyrillo, S. Cherysostomo: entre os padres latinos Tertulliano, Lactancio, S. Jronymo, Sancto Agostinho, Sancto Hil ario: entre os hebreus

Rabbi Isaac, Rabbi Elias e Rabbi Moysés Gerundense: entre os gentios Hydaspes, Mercurio Trismegisto, e as Sybillas.

Accrescenta-se ao peso de tanta auctoridade ser conforme este numero á distribuição natural da providencia divina; pois sabemos que a lei da natureza durou dous mil annos; a escripta outros dous mil; e parece que segundo a proporção e correspondencia das mesmas leis deve durar a da graça outro tanto tempo. Por estes e outros fundamentos, muitos e graves auctores, como Bellarmino, Genebrardo, Fevardencio, Pico Mirandulano, Bongo, Cornelio e outros, teem esta sentença por mui provavel; e como tal a seguem. Na supposição d'ella e de que o mundo não ha de durar mais que seis mil annos «não está longe o fim do mundo»; e d'aqui podem inferir os que hoje edificam tão magnificamente em todas as côrtes, Roma, Paris, e na nossa Lisboa, que tudo isto que fazem e em que tanto se cançam é ir ajunctando lenha para o fogo do dia do juizo. Oh se houvesse alguns que se persuadissem d'isto! Que pouco cuidado lhe dariam outros futuros que tão pouco importam e que pouco se cançariam a si e aos principes em requerer commendas e rendas para muitas vidas! Mas passando do anno ao dia, ainda o desengano é mais breve e mais certo e mais para persuadir o desprezo de tudo.

A natural disposição da Providencia confirma esta opinião.

Christo Senhor nosso disse a seus discipulos que o segredo d'aquelle dia é reservado só ao Padre; e que nem os anjos no céu o sabem, nem Elle o sabia em fôro que o podesse revelar: *De die autem illa et hora nemo scit, neque angeli in coelo, neque Filius nisi Pater*. Comtudo eu não me arrependo nem me desdigo do que prometti. Prometti de vos dizer quando ha de ser o dia do juizo; e quando cuidais que ha de ser? Não vos quero ter suspensos. E' hoje, foi hontem, ha de ser amanhã, e não amanhece nem anoitece dia, que não seja certamente o dia do juizo. Que cousa é o dia do juizo? E' um dia em que se ha de acabar o mundo; é um dia em que Christo nos ha de vir julgar: é um dia em que havemos de dar conta de toda a nossa vida; e em que os bons hão de ir para o céu e os máus para o inferno. Não é esta a essencia e substancia do dia do juizo? Sim. Pois isto é o que se faz hoje, o que se fez hontem, o que se ha de fazer ámanhã e todos os dias. Acaba-se o mundo todos os dias; porque para quem morre acabou-se o mundo. Vêm Christo a julgar todos os dias; porque no poncto em que cada um expira logo o vem julgar e julga não outrem senão o mesmo Christo. Toma-se cônta e estreitissima conta de toda a vida todos os dias; porque no dia da morte e no mesmo instante d'ella se toma e dá esta conta. Finalmente vão os bons

Como se póde saber o dia do juizo. *Matth.* 24.

para o céu e os máus para o inferno todos os dias; porque todos os dias os que morrem ou são absoltos e vão para o céu, ou são condemnados e vão para o inferno.

O que diz o Evangelho d'esta dominga

III. Vamos agora ao Evangelho e vejamos como este mesmo juizo e na mesma fórma em que o tenho declarado é o que hoje nos préga Christo. Tinha Christo Senhor nosso prégado o mesmo evangelho que ouvistes; tinha annunciado a seus discipulos os signaes tremendos que hão de preceder ao juizo e o poder e a majestade com que o mesmo Senhor ha de vir em pessoa a julgar o mundo; e conclúi com as palavras que tomei por thema: *Amen dico vobis quia non praeteribit generatio haec, donec omnia fiant:* de verdade vos prometto e affirmo que não ha de passar a presente geração sem que tudo o que vos tenho dicto se cumpra. Este é um dos difficultosos logares de toda a historia evangelica. Uma geração em phrase da Escriptura quer dizer uma edade ou um seculo; porque o mais que chega a durar a vida humana são cem annos. N'este sentido diz o Ecclesiastes pelas mesmas palavras do nosso texto: *Generatio praeterit, generatio advenit.* E o mesmo Deus com maior distincção e declaração revelando o tempo do captiveiro do Egypto: *Affligent eos quadrigentis annis; generatione autem quarta revertentur huc.* D'onde consta com evidencia que uma geração é um seculo ou cem annos: pois quatrocentos annos no texto citado são quatro gerações. Isto supposto vem a dizer Christo por conclusão do que acabava de ensinar e revelar ácerca do dia do juizo que tudo se havia de cumprir n'aquelle mesmo seculo e dentro d'aquelles cem annos. Aqui está a difficuldade. D'aquelle tempo para cá tem passado tantos seculos e o dia do juizo ainda não chegou. Pois como diz o Senhor e com tão particular asseveração, que tudo se havia de cumprir dentro do mesmo seculo, que então corria; e que se não havia de acabar aquelle seculo sem que viesse o dia do juizo: *Non praeteribit generatio haec donec omnia fiant?* Assim o disse e o affirmou a Verdade Eterna; e assim se cumpriu n'aquelle seculo e cumprirá nos seguintes. Como as vidas e edades geralmente, não passam de cem annos, «raro é achar» quem não acabe com a vida dentro do mesmo seculo a que pertence e não seja julgado no tribunal de Christo e tenha o seu dia do juizo no mesmo seculo. Os que morrem hoje, tem o dia do juizo hoje: os que morreram hontem, tiveram o seu dia do juizo hontem: os que morrerem ámanhã e d'aqui a vinte annos, ámanhã ou d'aqui a vinte annos terão o seu dia do juizo: mas sempre dentro do mesmo seculo e da mesma edade ou geração: *Non praeteribit generatio haec donec omnia fiant.*

Eccl. 1.

Gen. 15.

«Tal é, se me não engano,» a exposição adequada genuina e litteral d'este logar tão difficultoso do evangelho. «E se confirma com a auctoridade de S. Matheus o qual refere que» n'este mesmo discurso applicou o Senhor ao dia da morte tudo o que tinha dicto do juizo, exhortando aos mesmos apostolos com que fallava que se apparelhassem para elle. E como todos os apostolos haviam de morrer e morreram no mesmo seculo, por isso muito accomodatamente a elles disse o mesmo Senhor que dentro d'aquelle seculo se havia de cumprir tudo: *Non praeteribit generatio haec, donec omnia fiant.*

Confirma-se com a auctoridade de S. Matheus, c. 4.

Não faltará, porém, quem replique e parece com bom fundamento: Christo Senhor nosso tinha dicto que antes do juizo havia de haver signaes no sol, na lua e nas estrellas; que havia de vir a julgar em throno de majestade e que assim o haviam de ver; e n'aquelle seculo, nem nos seguintes, não se viu cousa alguma d'isto. «Logo, como podia ser este o sentido da prophecia?» Aqui vereis qual é o tudo do dia do juizo; e que é o que Christo chama tudo: *Donec omnia fiant.* O tudo do dia de juizo é a conta da vida que o mesmo Christo ha de tomar: é a sentença que ha de dar segundo os merecimentos d'ella: é o céu ou inferno para sempre, a que cada um ha de ser julgado: o demais são accidentes e apparatos do juizo universal e não a substancia do mesmo juizo, a qual se não distingue dos juizos particulares. D'esta substancia e d'este tudo do juizo universal é que fallou o Senhor na sua conclusão; e porque esta substancia e este tudo se não distingue dos juizos particulares, que se fazem na morte; por isso disse que tudo se havia de cumprir dentro d'aquelle seculo, como verdadeiramente se cumpriu. E se quizermos reparar na propriedade das palavras *Donec omnia fiant,* ainda acharemos n'ellas mais particular energia. Porque no dia do juizo final não se ha de fazer cousa alguma de novo quanto á substancia, senão declarar sómente o que está feito. Os juizos particulares que se fizeram na morte, esses mesmos são os que se hão de publicar no juizo universal. O juizo não se faz quando se publica a sentença, mas quando se dá: logo no dia da morte é que propriamente se faz o juizo; e tudo isto que se faz agora e não depois, é o que o Senhor diz que se havia de fazer dentro d'aquelle seculo: *Non praeteribit generatio haec, donec omnia fiant.*

Christo falla da substancia do dia do juizo e não dos accidentes.

Para tirar toda a duvida ouçamos ao mesmo Christo em caso muito mais apertado e que a podia fazer maior. No capitulo de S. João falla o Senhor do dia do juizo final com maiores e mais intrinsecas circumstancias; porque faz menção da resurreição universal dos mortos e da sentença tambem universal dos

O mesmo Christo o explica em S. João. Commento de S. Jeronymo. *In Joel.* 2.

bons e dos máus segundo o merecimento de suas obras; e declarando o mesmo Senhor quando ha de ser este tempo, diz que ha de vir e que agora é: *Venit hora et nunc est.* Póde haver proposição mais encontrada? Ha de vir o dia de juizo e já agora é? Se o dia do juizo estava tão longe, se depois de tantos seculos ainda não veio e se ainda não sabemos quando ha de ser aquelle dia ou aquella hora; como diz o oraculo de Christo que já é: *Venit hora et nunc est?* Admiravel e litteralmente S. Jeronymo; e se eu lhe pedira o commento não o pudera escrever com mais ajustadas palavras: *Quia quod in die judicii futurum est omnibus, singulis in die mortis completur.* Diz o Senhor que o dia do juizo ha de vir e que já é; porque ainda que o dia do juizo ha de ser depois e muito depois, o dia da morte é já agora: e o que se ha de cumprir em todos no dia do juizo, cumpre-se em cada um no dia da morte. E não obsta que no juizo universal haja de haver outras circumstancias muito notaveis que não ha no juizo particular do dia da morte. Por isso havendo referido Christo n'este mesmo texto essas circumstancias, affirma comtudo absolutamente que já agora é o que ha de ser então; porque falla o Senhor (como eu dizia) da substancia do juizo, que no final e no particular é a mesma, e não dos accidentes apparatos e circumstancias em que o final será muito diverso.

Commento de Sancto Agostinho.

Mas accrescentemos á auctoridade de S. Jeronymo a de Sancto Agostinho, que na interpretação das Escripturas são as duas maiores. Movido d'estas mesmas circumstancias Esychio bispo de Jerusalem e da difficuldade de outros textos do Evangelho, em que parece se encontram ou equivocam as cousas do juizo futuro com as do presente; e não se satisfazendo da solução que elle lhes dava, consultou a Sancto Agostinho. E que responderia aquelle grande doutor da Egreja? A verdade entre todos os que a alcançam é a mesma. Respondeu Sancto Agostinho o mesmo que tinha dicto S. Jeronymo, mas com palavras e termos muito proprios de Agostinho: *Tunc unicuique venit dies ille, cum venit ei dies ut talis hinc exeat qualis judicandus est illo die.* Avisa (diz Agostinho) e acautela Christo a todos para o dia do juizo; porque a todos ha de vir o dia do juizo, quando a cada um vier aquelle dia, no qual sairá d'este mundo tal qual ha de ser julgado no ultimo dia. No ultimo dia, que é do juizo, cada um ha de ser julgado tal qual fôr julgado no dia da morte: logo no dia da morte vem a cada um o dia do juizo. Ainda se explica no mesmo logar o mesmo Sancto Agostinho por outros termos mais claros e egualménte seus: *In quo quemque statu invenerit suus novissimus dies, in hoc eum compre-*

hendit mundi novissimus dies: quoniam qualis in die isto quisque moritur, talis in die ille jubicabitur. Affirma Christo, diz outra vez Agostinho, que o que ha de ser no dia do juizo, tambem ha de ser agora e já agora é: porque haveis de advertir que o novissimo do juizo se divide em dous novissimos: o novissimo do mundo, que é o ultimo dia do mundo, e o novissimo da vida, que é o ultimo dia da vida; e qual fôr este primeiro novissimo, tal ha de ser o segundo: logo já é o que ha de ser: porque não ha de ser outra cousa, senão o que é. Se o juizo do ultimo dia do mundo houvera de ser diverso do juizo do ultimo dia da vida, então eram propriamente dous juizos, um futuro, outro presente; mas como são verdadeiramente um só juizo dividido ou multiplicado em dous dias, feito em um e repetido no outro; mais propriamente é já agora no dia em que se faz, do que ha de ser no dia em que se repete. Por isso diz a Summa Verdade, que ha de vir e que já é: *Venit hora et nunc est.*

Falso conceito que ordinariamente fazemos do juizo.

De maneira, senhores, que o conceito que ordinariamente fazemos do dia do juizo é muito enganoso e muito errado. Consideramos o dia de juizo como uma cousa medonha e espantosa, mas que está lá muito longe, como as serpes nas areias da Libya, ou os crocodilos no Nilo; e por isso nos não faz medo. Não é assim: o dia do juizo não está longe: está tão perto, como o dia de amanhã e como o dia de hoje, e como esta mesma hora em que estamos: *Venit hora et nunc est.* O valle de Josaphat não está só em Jerusalem, nem entre o monte Sion e o Olivete; está em Lisboa, está n'este mesmo logar e em todos os do mundo. Se vos tomar a morte no mar ou na campanha, ou na vossa cama; o mar, a campanha, a vossa cama é o valle de Josaphat; e esse dia qualquer que fôr é o vosso dia do juizo ou mais cedo ou mais tarde, mas dentro d'este mesmo seculo em que nascemos: *Non praeteribit generatio haec, donec omnia fiant.*

Terrivel consequencia do primeiro poncto

IV. Temos visto quando ha de ser o dia do juizo; e como é hoje, ámanhã e todos os dias; porque o juizo que se faz no dia da morte é o mesmo e não outro que o juizo final. Agora descendo ás circumstancias de um o outro juizo; se acaso vos parece que as do juizo final são mais espantosas e horriveis, digo que tambem n'este conceito vos enganais; «e esta é aquella consequencia de que vos fallei.» Muito mais rigorosas, muito mais terriveis e muito mais para temer são as circumstancias do dia de juizo de agora, do que hão de ser as do que vulgarmente se chama dia do juizo.

No dia da morte se acaba para cada qual o mundo como no dia do juizo

Primeiramente o que faz grande horror na consideração do

novissimo do juizo é que n'aquelle dia se ha de acabar este mundo a que estamos tão pegados; e não cuidamos nem advertimos que tambem no dia da morte se acaba o mundo. Que importa que o mundo se acabe para mim ou para todos? Que importa que o mundo se acabe para mim ou para elle?

S. Paulo diz que o mundo é como um theatro. 1. For. 7.

S. Paulo descrevendo este mundo, para nos desaffeiçoar de suas vaidades diz, que é como um theatro em que as figuras cada uma entra a representar o seu papel e passa. Não diz o Apostolo que passa o mundo, senão as figuras; porque as figuras vão-se e o theatro fica. Allude á sentença do Espirito Sancto: *Generatio praeterit et generatio advenit, terra autem in aeternum stat.* Uns nascem, outros morrem; uns veem a este mundo, outros saem; e o mundo como theatro d'estas representações sempre está no mesmo logar e não se move. Comtudo S. João na sua primeira epistola diz, que não só nós os amadores do mundo somos os que passamos; senão que tambem o mesmo mundo passa: *Et mundus transit et concupiscentia eius.* Pois se o mundo sempre está e permanece firme e ainda que nós passamos, elle não se move; como diz S. João que tambem o mundo passa? Não passa o mundo para si, mas passa para nós. Tanto que nós passamos d'esta vida, tambem elle passou; tanto que nós acabamos, tambem elle acaba. Para os que cá ficam dura e permanece; para nós acabou junctamente comnosco. E se não, perguntae aos que morreram. Se ha para elles mundo, ou alguma cousa do mundo? Se navegavam acabou-se para elles o mar. Se lavravam, acabou-se a terra. Se negociavam, acabaram-se os tractos. Se militavam, acabaram-se as guerras. Se estudavam acabaram-se os livros. Se governavam o secular ou ecclesiastico, acabaram-se as varas, os tribunaes, as coroas, as mitras, as purpuras, as thiaras: tudo se acabou n'aquelle momento. Nem para os reis, nem para os papas, que foram senhores do mundo, ha já mundo; porque como elles acabaram e passaram, tambem o mundo acabou e passou para elles.

Eccl. 1.

1. Joan. 2.

O systema copernicano é um exemplo para declarar esta verdade.

Copernico insigne mathematico e astronomo que inventou o systema mais satisfactorio do mundo, demonstrou que não era o sol o que se movia e rodeava a terra, senão que esta mesma terra em que vivemos, sem nós o sentirmos, é a que se move e anda sempre á roda. De sorte que quando a terra dá meia volta, então descobre o sol e dizemos que nasce; e quando acaba de dar a outra meia volta, então lhe desapparece o sol e dizemos que se põi. E a maravilha d'este invento é que na supposição d'elle corre todo o governo do universo e as proporções dos astros e medidas dos tempos com a mesma pon-

ctualidade e certeza com que se tinham observado e estabelecido na supposição contraria. «Os nossos olhos nos dizem que é o sol o que se move; e a sciencia nos demonstra, que a que se move, é a terra; mas a conclusão é a mesma.» Ou o sol se ponha para nós ou nós para elle, os effeitos são os mesmos. «D'este modo» ou no dia de juizo o occaso seja do mundo, ou no dia da morte seja meu; ou o mundo então acabe para todos, ou eu agora acabe para o mundo, tudo vem a ser o mesmo; porque tudo acaba. Assim como o mundo hoje ainda não é para os que hão de nascer; porque elles ainda não são; assim o mesmo mundo já não é para nós quando morremos, porque já não somos. D'aqui se segue com evidencia que tambem hoje, amanhã e cada dia é o fim do mundo: «é o primeiro fim em que o mundo acaba para o homem antes que venha o segundo em que o mundo acabe em si mesmo.»

As circumstancias da morte são mais para temer que as do juizo universal; 1.º porque no fim da vida o mundo só acaba para quem morrer. Seneca.

Agora vêde com a mesma evidencia quanto mais para temer e quanto mais para desconsolar é este primeiro fim do mundo no dia da morte, do que ha de ser o segundo no dia do juizo. Disse «um antigo philosopho» que é grande consolação acabar junctamente com o mundo: *Solatium grande cum universo una rapi*. Disse «aquelle sabio» mais do que intendeu; porque não teve conhecimento do dia do juizo. Mas em que consiste esta consolação? Consiste em que no dia do juizo se o mundo acaba para mim, acaba tambem para todos. No mal que è de todos perde-se a comparação; e onde não ha comparação, não ha miseria: *Nemo miser nisi comparatus*. Na morte d'agora não è assim. Acaba-se o mundo para mim; mas para os outros não acaba. Aquelles morrem, quando já ninguem pode viver: eu morro e deixo os outros vivendo. Isto é padecer a morte propria e mais a vida alheia. No dia do juizo não se ha de levar esta dôr; porque ninguem se poderá queixar de se lhe acabar o mundo e a vida, quando egualmente se ha de acabar para todos, ainda para os que nascerem no mesmo dia. Então diz S. João no Apocalypse que se ha de ouvir a voz de um anjo o qual diga e apregoe, Que se acabou o tempo para sempre: *Quia tempus non erit amplius*. O tempo não é outra cousa senão a duração do mundo. Assim como o tempo começou com o mundo, assim ha de acabar com elle. E acabar um homem o seu mundo quando se acaba o mundo. acabar os seus dias quando se acaba o tempo, como póde ser materia de sentimento, quando era o mais a que podia esperar o desejo? E isto é o que succederá aos que acabarem a vida no dia do juizo. Mas que se acabe o mundo, o tempo e os dias para mim, quando ha mundo, tempo e annos para os outros? Esta é uma

grande differença de dôr com que agora acaba o mundo para nós, ou nós para elle. Vamos a outra.

2.° Porque os bens que cá se deixam ficam para os que sobrevivem

Uma das grandes penas com que Deus ameaçava pelo propheta Amós os ricos e poderosos d'aquelle tempo (como podera tambem ameaçar os do nosso) era que edificavam palacios e casas de prazer para delicia, mas que não as haviam de lograr. Esta razão de mágua corre egualmente em um e outro fim do mundo. Assim os que morrerém então, como os que morrem agora, nenhuma cousa hão de lograr do que com tanto gosto e gasto, e com tanto esquecimento do fim da vida, trabalham, ajunctam, e edificam para ella. Mas esta mesma mágoa ha de ser muito menor para os do dia do Juizo. Aquelle rico do Evangelho que fazia conta de viver muitos annos e morreu na mesma noite, perguntou-lhe a voz do céu: E tudo isto que ajunctaste de quem ha de ser? Os que acabarem com o mundo no dia do juizo estão livres d'esta pena: porque não hão de ter a dôr de que outros logrem o que elles trabalharam, diz o propheta Isaias, e o conta por uma grande felicidade: *Non aedificabunt et alius habitabit, non plantabunt et alius metet.* Mas esta não a podem ter os que morrem em quanto dura o mundo; e tanto menos, quanto mais tiverem d'elle. Perguntae a essas casas, a essas quintas, a essas herdades prezadas; perguntae a essas salas e galerias douradas, a esses jardins, a essas estatuas, a essas fontes, a essas alamedas e bosques artificiaes; perguntae-lhes de quem foram e de quem hão de ser? Isto é o que succede aos que acabam o seu mundo antes que o mundo acabe. Sabem o que deixam, mas não sabem para quem: ou para o prodigo que o ha dissipar; ou para o extranho, que o não ha de agradecer; ou para o poderoso, que com violencia o ha de occupar, ou para o inimigo, que com o vosso ha de triumphar e crescer; ou para um pleito eterno, com que tudo se ha de consumir. Quanto mais estimariam os que assim acabam que se sepultasse com elles tudo o que possuiam, como se ha de sepultar com os do dia do juizo.

Isai. 65.

3.° Porque agora a morte é apartamento.

1. *Reg.* 15.

Mais. Um dos maiores rigores que tem a morte é ser apartamento: apartamento e despedida geral de todos os que amaveis e vos amavam. Assim o ponderou el-rey Agaz, vendo-se condemnado á morte pelo propheta Samuel: *Siccine separas, amara mors?* É possivel morte amarga, que assim me apartas? Assim. Apartava-o da mulher, dos filhos, dos vassallos, dos amigos e de tudo o que mais amava, ou de que era amado na vida; e a este apartamento chamou com razão a maior amargura da morte. A morte no dia do juizo não tem esta amargura, nem esta dôr; porque ainda que seja morte, não é aparta-

mento. Todos então hão de ir junctos sem ter de quem levar saudades, nem a quem as deixar. O dia do juizo, diz Christo que ha de ser como o diluvio de Noé. E considerou discretamente Sancto Agostinho que n'aquella desgraça geral do diluvio morriam os homens com uma consolação, que era não deixar n'este mundo quem os chorasse. Esta mesma consolação hão de ter no dia do juizo todos os que então morrerem. Porém os que morrem agora, não só teem a desconsolação contraria, mas muitas vezes dobrada. Apartam-se dos amigos e dos inimigos; e não só deixam depois de si quem chore sua morte, senão tambem quem se alegre com ella, que não é menor sentimento.

4.º Pelos encargos da vida que agora não acabam com a morte. *Ps.* 118.

Finalmente que no dia do juizo ha-se de acabar a vida com o mundo, mas com o mesmo mundo se hão de acabar tambem os encargos da vida: porém no dia da morte acaba-se o mundo para a vida, mas não se acaba para os encargos. Os encargos da vida que mais inquietam e affligem na morte, hão-se de acabar com o mundo; porque então não ha de haver requerimentos de acredores, nem satisfação de creados, nem accomodamento de filhos, nem disposição de casa, nem dividas, nem restituições, nem nomeações de herdeiros e testamenteiros, nem codicillos, nem mandas ou demandas (tantas quantas são as clausulas) nem sepultura, nem funeraes, nem tantas pertubações e embaraços que primeiro afogam a alma do que elle sáia do corpo. Tudo isto e infinitas outras cousas de afflicção, de molestia, de escrupulo e de risco da salvação concorrem e se atravessam na hora da morte. Mas nenhuma d'ellas ha de haver no dia do juizo: porque todos acabam com o mundo que totalmente acaba; e não como agora que acaba para a vida e não para os encargos d'ella. Vêde se é mais trabalhoso e mais estreito este dia. Por isso dizia David: *Omnis consummationis vidi finem: latum mandatum tuum nimis*: olhei, Senhor, para o dia em que se ha de acabar o mundo, e então me pareceu a vossa lei muito larga: porque todas as estreitezas, apertos e angustias, em que agora nos põi a lei de Deus na hora da morte, no dia do juizo em que tudo acaba com o mundo, tambem ellas cessam e se acabam.

As circumstancias da vinda do Juiz são mais temerosas na morte. Ha tres adventos.

V. E se é mais para desconsolar e temer o modo com que o mundo se acaba agora para cada um, do que o fim com que no dia do juizo se ha de acabar para todos; tambem da parte do modo e circumstancias com que Christo agora nos vem julgar é muito mais temeroso e tremendo o dia da morte, do que ha de ser o dia do juizo. Para intendimento d'esta grande verdade que por mal considerada o não parece, havemos de saber que os adventos de Christo não são dous, como ordinariamente se

cuida, senão tres. O primeiro advento é o que hoje começa a celebrar a Egreja, no qual veio o Filho de Deus a remir o mundo; e começou no dia da incarnação. O segundo advento é o que tambem hoje préga o Evangelho, no qual ha de vir a julgar o mesmo mundo; e ha de ser no dia de juizo. E estes são os dous adventos dos quaes sómente faz menção o symbolo, quando diz: *Et iterum venturus est*; porque são geraes e visiveis. O terceiro advento é particular e invisivel no qual vem o mesmo Christo julgar na hora da morte a cada um de nós; e este juizo se faz no instante em que a alma se aparta do corpo. E porque esta doutrina ou nome de terceiro advento não faça novidade (como já fez) ouçamos a Escriptura.

Auctoridade de Sanct-Iago e de S. Paulo.

O apostolo Sanct'Iago no capitulo quinto da sua epistola exhortando os christãos d'aquelle tempo a se absterem de pleitos em que sempre se offende a caridade, diz assim: Não vos queixeis, irmãos, uns dos outros; e se em alguma cousa vos sentis aggravados, não vos demandeis em juizo; porque o advento do Senhor é chegado, e o juiz está á porta: *Quoniam adventus Domini appropinquavit... ecce Judex ante januam assistit.* (*Jacob. 5.*) Que advento é logo este não futuro, senão presente, de que falla Sanct'-Iago? É o terceiro advento que eu dizia. Todos os dias e todas as horas morrem e podem morrer os homens e todos os dias e todas as horas está o juizo á porta: *Ecce Judex ante januam assistit.* Do mesmo juizo e do mesmo advento falla S. Paulo quando diz: Vem chegando o tempo da minha morte: já me está apparelhada a coroa merecida, a qual me ha de dar n'aquelle mesmo dia o Senhor como justo Juiz. E só a vós, Paulo, ha de dar essa coroa o justo Juiz no dia da morte? Não: *Non solum autem mihi sed et his qui diligunt adventum ejus*: (*2. Timoth. 4.*) não só a mim, senão a todos os que amam o seu advento. De sorte que alem dos dous adventos geraes, um em que veio remir, outro em que ha de vir julgar a todos, tem Christo nosso Senhor outro terceiro advento em que no dia da morte vem julgar a cada um.

A vinda de Jesus Christo no juizo particular

Sobre o modo d'este advento ou d'esta vinda teem para si graves auctores, e entre elles Soares, que vem Christo julgar-nos na hora da morte, não por presença e assistencia real de sua propria pessoa, como ha de ser no juizo universal, mas só por modo intellectual em fórma que intenda claramente o que morre, que está julgado e julgado por Christo. (*Suar. tom. 2 in 3 p. disp. 52 sec. 2.*) Outros com o Papa Innocencio III, seguem o contrario; e dizem que na morte de cada um o vem Christo a julgar real e presencialmente no mesmo logar onde morre. (*Inn. lib. 2 de contemp. mundi.*) Este segundo modo de dizer, posto que não é uma definição dogmatica, não se pode negar,

que» é muito mais verisimil por ser mais conforme ás Escripturas sagradas, as quaes se devem intender no sentido e propriedade natural que significam as palavras, «quando não ha razao em contrario»; e o vir propriamente é vir em pessoa. Mas de qualquer modo que o Senhor venha, as circumstancias com que vem julgar na hora da morte é sem duvida (como dizia) que são muito mais temerosas e tremendas que as do dia do juizo. As circumstancias que fazem horrendo o dia do juizo são a escuridade total que então ha de succeder do sol, o sanguinolento da lua, a ruina das estrellas, os bramidos do mar e toda aquella discordia e estrago da natureza, com que se ha de confundir o universo. Porem todas estas cousas verdadeiramente grandes e espantosas e nunca vistas, ainda que na primeira apprehensão parecem muito mais para temer que as circumstancias do juizo particular, bem consideradas em si mesmas e em seus effeitos e fins, «são menos temerosas que as do juizo particular.» Porque os assombros e terrores do juizo universal são signaes e avisos para os homens; e o juizo particular a que nada d'isso precede, é juizo sem aviso, juizo sem signal.

Deus armado de arco e settas (*Ps.* 7.) Mysterio d'esta allegoria. *Ps.* 59, *ibid.* 44.

Pinta o propheta David a Deus armado de arco e de settas; e as settas não só embebidas já no arco, senão hervadas de venenos mortaes e abrasadas em fogo: *Arcum suum tetendit et paravit illum, et in eo paravit vasa mortis, sagittas suas ardentibus effecit.* E que é o que faz ou intenta Deus assim armado e com as settas já postas no arco? Umas vezes quer livrar os seus amigos, outras quer derrubar e destruir a seus inimigos. Se quer livrar amigos, bate primeiro com as settas no arco e dá signal: se quer destruir os inimigos, dispara sem dar o signal e executa o golpe; e antes de elles o sentirem se veem caidos aos seus pés. Uma e outra cousa disse o mesmo David admiravelmente: *Dedisti metuentibus te significationem ut fugiant a facie arcus et liberentur dilecti tui:* «assim Deus que está propicio livra os seus amigos. *Sagittae tuae populi sub te cadent in corda inimicorum regis:* assim Deus que está irado, derruba e destroe a seus inimigos.» De maneira que a demonstração de Deus estar propicio ou irado, de querer salvar ou não salvar é dar signal primeiro ou não dar signal.

Applicação.

Os do juizo universal não podem deixar de estar muito prevenidos e com grandes disposições para a salvação: porque hão de morrer avisados de todos aquelles signaes do sol, da lua, do mar e de todos os elementos. Porém nós como morremos? O sol está muito claro, o céu sem nuvem, a lua como uma prata, o mar como leite; e no meio d'esta serenidade do mundo e

nossa, dá a morte sobre nós e põi-nos a juizo. Quando estiverem mais descuidados e se derem por mais seguros (diz S. Paulo) então virá sobre elles a morte repentinamente. Todos os homens ou quasi todos (ainda que nós o não imaginemos assim) morrem de repente. Cuidamos que só morrem de repente aquelles que subitamente caem mortos, aquelles que matou o raio, a bala, a estocada, o desastre, a postema que rebentou, o boccado que se atravessou na garganta, a apoplexia, a peste, o terremoto, o naufragio e tantos outros accidentes, ou naturaes, ou violentos, ou casuaes, a que anda exposta a vida humana, e nos deveram trazer em perpetuo temor. Estes só cuidamos que morrem de repente; e é engano. Todos os que morrem, quando o não cuidavam, morrem de repente. Os que morrem por via natural, uns morrem de velhice, outros de infermidade; e que velho ha tão decrepito, que não cuide que ainda ha de viver alguns annos? E que infermo tão desconfiado, que não cuide que ha de escapar da doença, como outros escaparam por mais aguda que seja? Os maiores e mais poderosos são os mais infelizes e os mais enganados n'esta parte: porque não se lhes dá o desengano, senão a tempo em que já não ha tempo; e quando as que deveram ser prevenções para o juizo, já não são prevenções. Oh quanto mais ditosos são os que hão de morrer e acabar com o mundo no dia do juizo. Aquelles hão de vêr os signaes no céu muito antes da morte: cá tambem se ouvem os signaes na parochia, mas depois que morrestes.

1. *Thessal.* 5.

Aos signaes do juizo universal é mais facil preparar-se para a morte.

Bem poderá Deus ordenar que no mesmo dia e na mesma hora em que hão de apparecer aquelles signaes tremendos, se executasse tambem o juizo. Mas tem decretado sua misericordiosa providencia que entre os signaes e o dia do juizo haja mais dias e mais tempo, no qual os homens que então viverem se preparem para a conta que se ha de tomar. E esta é outra e mui consideravel circumstancia em que o juizo particular agora é mais horrendo e formidavel para cada um, do que será então para todos o juizo universal! No juizo universal tomará Deus conta, mas dará tempo; no juizo particular toma conta e não dá tempo: porque primeiro toma o tempo e depois a conta. Um dos textos mais notaveis da Escriptura Sagrada é dizer Deus que, como tomar tempo, então ha de julgar os homens e ver se são justos ou injustos: *Cum accepero tempus, ego justitias judicabo.*

Ps. 47.

Como é que Deus toma o tempo. *Luc.* 16.

Deus para julgar não ha mister tempo; porque todos as nossas obras, palavras e pensamentos desde sua eternidade lhe são e foram sempre presentes. Pois que tempo é este que Deus toma, quando ha de julgar os homens, e como o toma? O tempo que

Deus toma é o que muitos haviam mister na morte para ajustar suas contas; e o modo, com que Deus toma este temqo, é, não lh'o dando, ou privando-os d'elle por seus justos juizos, quando lhes vem tomar conta na hora em que menos cuidam: *Qua hora non putatis*. Assim commenta o texto Lorino e pudera citar a S. Boaventura, cuja é esta interpretação tão subtil como verdadeira. Quando Deus pede conta e dá tempo, ainda os que tem más contas, as pódem dar boas; como aconteceu áquelle rendeiro do Evangelho, a quem o pae de familias disse: *Redde rationem villicationis tuae*; e como teve tempo em cuidar o que faria, achou traças de as ajustar. Porém, quando Deus toma conta e toma junctamente tempo, então é muito difficultoso dar boa conta, então nenhum que viveu mal a póde dar boa. E isto é o que succede geralmente aos que morrem agora.

Explica-o o mesmo Christo. *Matth.* 24 *et Luc.* 12.

Aos que hão de morrer no dia do juizo avisa Christo no nosso Evangelho com esta comparação: quando vedes que nas arvores começam a arrebentar e brotar os fructos, conheceis que o verão está perto. Pois da mesma maneira quando virdes os signaes que vos tenho dicto, sabeis que está perto o dia do juizo. De sorte que entre os signaes do dia do juizo e o mesmo dia ha de dar Christo de espaço «pelo menos» quanto vai da primavera ao verão, ou do verão ao estio e dos fructos verdes aos maduros. E a nós quando na morte nos vem julgar, quanto espaço nos dá ou permette o mesmo Christo? O que deu aos servos da parabola, quando lhes mandou que esperassem por sua vinda. Haveis de estar sempre esperando com as tochas accesas nas mãos: *Lucernae ardentes in manibus vestris et vos similes hominibus expectantibus Dominum suum*. E não bastará, Senhor, que as tochas estejam prevenidas e o lume apparelhado, se não accesas? Não bastará que estejam arrimadas e promptas, senão já nas mãos? Não, diz Christo: hão de estar accesas, porque não vos prommetto o espaço que é necessario para as accender; e hão de estar nas mãos; porque vos não seguro o momento que é necessario para as tomar. Tanto vai d'aquelle vir a este vir, e d'aquelle juizo a este juizo. Lá se ha de esperar «quando menos» o tempo que basta para os fructos verdes ammadurecerem: cá não se espera por fructos maduros, nem ainda verdes, porque se cortam as flores ainda antes de estarem abertas.

Abalo salutar que devem fazer os signaes do fim do mundo. Exemplo dos ninivitas.

Esta differença de signaes que então ha de haver e agora não ha, é que faz a differença dos effeitos muito mais para temer no juizo de cada dia que no fim do mundo. Que effeitos ha de causar nos homens a vista d'aquelles signaes? Os que tiverem fé diz o Evangelista que andarão attonitos e mirrados

com o temor e expectação do que ha de ser no dia do juizo. Attonitos, porque ninguem ha de ter advertencia, nem coração para cuidar n'outra cousa: mirrados, pela extrema abstinencia ou inedia, com que hão de passar aquelles dias mais rigorosa que a dos ninivitas. Tudo ha de ser orar, chorar, bater nos peitos, fazer penitencia, pedir misericordia e apparelhar para a conta: não havendo homem capaz d'este nome, que se haja de lembrar então do que foi, nem do que é, senão do que ha de ser e do que está para vir. Parece-vos, christãos, que farão bem estes homens n'aquelle caso e que terão justa causa de o fazer? Ninguem haverá que o negue, se é que tem fé. E nós que a temos, porque não fazemos o mesmo ou alguma parte d'isto? Direis que aquelles homens pelos signaes do céu saberão certamente que está perto o dia do juizo. E sabe algum de nós que o seu dia do juizo está mais longe? Não sabemos todos com a mesma certeza que o nosso dia do juizo póde estar ainda mais perto, e que póde ser ámanhã, ou hoje n'esta mesma hora em que Christo está julgando muitos milhares de homens? Aos ninivitas que eram gentios e ao seu rei que era Sardanapalo, tão máu rei e tão máu homem, como todos sabem, deu Deus de prazo quarenta dias: *Adhuc quadraginta dies:* e assim o rei como toda a côrte no mesmo poncto sem esperar mais, se converteram com tão extraordinaria penitencia. Que seria se Deus lhes não segurasse nem um só dia? Pois este é o nosso caso, este é o estado em que nos achamos todos e cada um; «e esta a ultima razão e a mais forte que faz o primeiro fim do mundo mais para temer que o segundo.» Se soubesseis que vos não restava de vida mais que um mez, havieis de chorar; e rides e andais alegres e contentes podendo ser que vos não reste um dia inteiro!

Exemplo contrario de Balthasar.

Quem dissera a el-rei Balthasar, quando com tanta festa e alegria estava brindando aos seus idolos nos proprios vasos sagrados de ouro e prata que Nabuchodonosor seu pae tinha roubado ao templo de Jerusalem, quem lhe dissera, que a mesma noite d'aquella ceia fatal era a ultima da sua vida e da sua corôa? N'este banquete em que eram mil os convidados, diz o Texto que cada um bebia conforme a sua edade. Porém a morte que não guarda esta ordem nem conta os annos, sendo poucos os de Balthasar e o primeiro de seu reinado, lhe appareceu de repente com a balança do juizo na mão; e na mesma noite executou a sentença e lhe tirou a vida. Isto é o que succedeu aquella noite; e isto é o que succede cada dia sem haver quem se desengane. Somos peiores que aquelles incredulos dos quaes refere Christo Senhor Nosso, que á vista dos

signaes do dia do juizo, todos os seus cuidados hão de ser banquetes, festas, fabricas e edificios, como se os alicerces da terra estivessem muito seguros, quando já as abobadas do céu estarão caindo a pedaços: *Stellae cadent de coelo*. Sancto Agostinho diz que tudo isto causará n'aquelles loucos a falta de fé: e eu não sei o que diga da nossa, nem do nosso intendimento. «É tal a nossa desgraça que, embora professemos a fé catholica crendo tudo o que ensina a Sancta Egreja, vivemos como se não creramos que a cada instante podemos morrer e ser julgados! Não será esta a circumstancia mais tremenda da nossa morte?

Necessidade do temor de Deus.

Oh! se agora Deus trespassara os nossos corações com o seu sancto temor, com aquelle temor que é o principio da sabedoria! Como logo sentiriamos que o primeiro fim do mundo, é muito mais temeroso que o segundo. Então cuidariamos, conforme o Apostolo recommenda aos philippenses, com temor e tremor na nossa salvação, lembrando-nos que todo o logar póde ser para nós valle Josaphat menos sabido, mas não menos tremendo.»

Ad philipp. 2

Quaes hão de ficar á direita e quaes á esquerda.

VI. D'este largo discurso e da resolução d'elle se póde colher facilmente a segunda resposta que vos prometti, e mostrar quaes hão de ser no dia do juizo os que hão de ficar á mão direita e quaes á esquerda. E para que este poncto tão importante se intenda com maior clareza, vejamos primeiro quantos hão de ser e depois veremos quaes.

Numero dos que se salvam. *Matth.* 24 *Id.* 25

Os theologos disputam quanto ao numero dos que se salvam e fazem duas distincções: uma considerando e comprehendendo todos os homens do mundo, fieis e infieis: outra separando sómente os fieis e catholicos. Na primeira consideração é certo que o numero dos que se condemnam é incomparavelmente maior. «Diz-se» que no dia em que morreu S. Bernardo morreram sessenta mil e só quatro se salvaram: «n'este numero supponho eu não se contariam os infantes: mas em todo o caso não se póde negar que a proporção causa horror e espanto.» Dos catholicos, segundo muitos textos da Escriptura, parece que commummente se salvam a metade. De dous um: *Unus assumetur et alter relinquetur*. De dez cinco: *Quinque ex eis erant fatuae et quinque prudentes*. Esta é a mais provavel e mais bem fundada sentença; e se confirma efficazmente do texto proximamente allegado. Na parabola das dez virgens fallava Christo Senhor nosso propria e litteralmente do dia do juizo; e não do juizo de todos, senão particularmente dos catholicos. Por isso saíram todas com alampadas accesas, em que é significado o lume da fé; e porque fé sem obras não basta para a salvação; por isso tambem aquellas a que faltou o oleo ficaram fóra do

céu; e só entraram as que o levavam prevenido. Mas se o intento de Christo era acautelar-nos aos catholicos e metter-nos um grande temor do dia do juizo, como consta de toda a parabola; porque não introduziu n'ella o Senhor que de dez se salvasse só uma ou duas e se condemnassem oito ou nove; senão que se salvaram cinco e se condemnaram cinco? A razão verdadeira é, porque só Christo Senhor nosso conhece o numero dos que se hão de salvar; e posto que para o seu intento e para o nosso temor servia mais diminuir o numero dos que se salvam; segundo porém a sua presciencia e a verdade da sua doutrina não o podia alterar nem diminuir. Diz pois que de dez se salvariam cinco e se perderiam cinco: porque das almas catholicas de quem fallava a metade commummente são as que se salvam e a metade as que se perdem. Conforme esta doutrina, que é de muitos sanctos (e não a mais estreita, senão larga e favoravel) se eu prégara hoje em outro auditorio, dissera que a metade dos ouvintes pertenciam á mão direita e a metade á esquerda. Consideração verdadeiramente tristissima e tremenda; que de homens christãos, catholicos, alumiados com a fé, creados com o leite da Egreja e assistidos com tantos sacramentos e auxilios, se salve só a metade! Que de dez homens que crêem em Christo, e por quem morreu Christo, se percam cinco! Que de cento se condemnem cincoenta! Que de mil vão arder eternamente no inferno quinhentos!? Mas se olharmos para a pouca christandade e pouco temor de Deus com que se vive, antes deveramos dar graças á divina misericordia, que admirar-nos d'esta justiça.

Porém os grandes e poderosos que se salvam são poucos. Sap. 6.

Isto era o que eu havia de dizer, se prégara, como digo, em outro auditorio: mas porque o dia é de desenganos e o auditorio presente tão diverso; não cuidem, nem se persuadam os que me ouvem que esta regra é geral para todos, posto que sejam e se chamem catholicos. Assim como n'esta vida ha grande differença dos grandes e poderosos aos que o não são; assim ha de haver no dia do juizo. Elles teem hoje a mão direita: mas como o mundo então ha de dar uma tão grande volta, muito é de temer que fiquem muitos á esquerda. Dos outros salvar-se-ha ametade; e dos grandes e poderosos quantos? Salvar-se-ha a terça parte? Salvar-se-ha a decima? Praza á divina misericordia que assim seja! O que só digo (e não me atrevera a dizer, se não fôra oraculo expresso e sentença infallivel da Suprema Verdade) o que só digo é, que serão muito poucos e muito raros e por grande maravilha. Ouçam os grandes e poderosos não a outrem senão ao mesmo Deus no capitulo sexto da Sabedoria: *Praebete aurem vos qui continetis multitudines,*

quoniam data est a Domino potestas vobis. Vós principes, vós ministros que tendes debaixo do vosso mando os povos; vós a quem o Senhor deu esse poder para mandar e governar a republica, dae-me ouvidos. E que hão de ouvir a Deus os que tão mal ouvem aos homens? Um pregão do dia do juizo muito mais portentoso e temeroso, que o que ha de chamar a elle os mortos: *Judicium durissimum iis qui praesunt fiet: exiguo enim conceditur misericordia: potentes autem potenter tormenta patientur.* O juizo com que Deus ha de julgar aos que mandam e governam ha de ser um juizo durissimo: porque aos pequenos conceder-se-ha misericordia; porém os grandes e poderosos serão poderosamente atormentados. Eis aqui em que hão de vir a parar os poderes, que tanto se desejam, que tanto se anhelam, que tanto se estimam, que tanto se invejam. Os poderosos agora não temem outro poder; porque elles podem tudo; porém, quando vier o juizo durissimo, então verão se ha quem póde mais que elles.

Porque?

Mas se esse poder é dado por Deus aos poderosos; como é causa de que os poderosos se condemnem e sejam poderosamente atormentados? Não é o poder a causa, mas a occasião. Ordinariamente tantos são os peccados como as occasiões: quanto mais e maiores occasiões, tanto mais e maiores peccados; e não ha maior nem mais terrivel occasião que o poder. Tentação e poder? Tentado e poderoso? Tudo quanto tenta e intenta o demonio em um poderoso, tudo leva ao cabo, ou seja nos peccados de homem, ou nos de ministro. Nos peccados de homem se se ajuncta o poder com o appetite, não ha honra, não ha honestidade, não ha estado, nem ainda profissão por sagrada que seja que se não emprehenda, que se não conquiste, que se não sujeite, que se não descomponha. E nos peccados de ministro se o poder se ajuncta com a ambição, com a soberba, com o odio, com a vingança, com a inveja, com o respeito, com a adulação; não ha lei humana nem divina, que se não atropelle; não ha merecimento, que se não aniquile; não ha incapacidade, que se não levante; não ha pobreza, nem miseria, nem lagrimas, que se não accrescentem; não ha injustiça, que se não approve; não ha violencia, não ha crueldade, não ha tyrannia, que se não execute. E como estes são os abusos, os excessos e as durezas do poder; justissimo é que o juizo do Omnipotente seja durissimo; e que os poderosos, pois assim são poderosos, sejam poderosamente atormentados.

Ha excepção, mas esta confirma a regra. *Eccles.* 31.

Eu não nego que esta regra possa ter suas excepções. Nem a mesma Sabedoria divina o nega; antes concede, aponcta e louva muito a excepção: mas ella é tal que confirma mais à mesma

regra. Ouvi outra vez a mesma Sabedoria fallando n'este mesmo caso no capitulo trinta e um do Ecclesiastico. Poderoso que póde quebrar as leis sem ninguem lhe ir á mão, nem pedir conta; e não as quebrou; poderoso que póde viver mal e fazer com liberdade o que lhe pede o seu appetite, e não o fez; que homem é este para que o canonizemos? Porque fez milagres na sua vida: *Beatus dives qui inventus est sine macula. Qui potuit transgredi et non est transgressus, facere mala et non fecit: quis est hic et laudabimus eum? Fecit enim mirabilia in vita sua.* Não fallo nos milagres d'estes poderosos; porque d'estes estão cheias as certidões juradas, e o que peior é, as historias impressas. Se os ouvirmos e lhes tomarmos o depoimento, todos são rectissimos e sanctissimos: não ha n'elles paixão, nem interesse, nem vingança, nem má vontade; senão zelo, justiça, piedade, amor do bem commum e todas as virtudes de um ministro christão e perfeito. Mas o tribunal divino que se não governa pelo que elles dizem, senão pelo que fazem, e estes são os autos por onde se ha de julgar, vêde e ponderae bem o que diz: *Quis est hic,* quem é este? Não diz: Quem são estes? Não falla de muitos, nem de alguns, senão de um só e unicamente; e porque? Porque poderoso que possa quebrar as leis e as não quebre; poderoso que possa viver mal e fazer mal e o não faça; esse tal, se acaso no mundo se acha algum, é um; e esse um não ordinariamente nem sempre, senão por milagre. Assim o diz «emphaticamente» e pondera Deus que sabe tudo; e bastava saber o que todos sabem. E como são tão poucos e tão raros os grandes e poderosos que façam o que devem; devendo não só dar conta das suas almas e das suas vidas, senão tambem e muito estreita de todas aquellas que teem debaixo do seu governo, ou do seu dominio, vêde se serão muitos os que no dia do juizo se achem á mão direita.

A vida do homem é como uma arvore que ha de ser cortada. (*Eccles.* 11.) S. Bernardo.

VII. Mas porque esta regra não é para todos os estados, nem para todas as pessoas; concluamos com uma universal que comprehenda a todos e pela qual possa conhecer cada um o logar que ha de ter no dia do juizo. Christo Senhor nosso deu hoje signaes para conhecer ao longe o dia do juizo: bem será que saibamos nós tambem algum signal por onde possamos conhecer o logar que n'elle havemos de ter; e que seja hoje; pois o nosso juizo está muito perto. Para esta demonstração temos um famoso texto da mesma Sabedoria divina, tantas vezes allegada n'este poncto: porque em materia tão grave e tão solida não convem, nem se requer, menor auctoridade. No capitulo onze do Ecclesiastes diz assim: *Si ceciderit lignum ad austrum aut ad aquilonem; in quocumque loco ceciderit, ibi erit.* Se a arvore

caír para a parte austral, ou para a parte aquilonar, no logar onde caír, ahi ficará para sempre. Esta arvore é cada um de nós: cái ou ha de caír na hora da morte; e para onde caír n'aquelle momento, ahi ha de ficar para sempre; porque d'aquelle momento depende a eternidade. Sendo porém quatro as partes universaes do mundo para onde póde caír uma arvore, o Norte que é o Aquilo, o Sul que é o Austro, o Leste que é o Levante, o Oeste que é o Poente; faz menção o texto sómente da parte austral que é a direita do mundo e da parte aquilonar que é a esquerda: porque o homem só póde caír por uma d'estas duas partes; ou para a mão direita com os que se salvam, ou para a esquerda com os que se condemnam. Mas como poderá o homem adivinhar este grande segredo? Como poderá conhecer desde agora o logar que ha de ter no dia do juizo; e se ha de ficar á mão direita ou á esquerda? Tambem d'isto quiz a Providencia divina que tivessemos um signal muito claro e muito certo; e este é o mysterio com que o Espirito Sancto o reduziu á similhança da arvore quando cái. Uma arvore antes de se cortar não se conhece muito facil e muito naturalmente para que parte ha de caír? Pois assim o póde conhecer cada um de si dentro em si mesmo. E se não intendeis ainda e me perguntais o modo, ouvi-o da bocca de S. Bernardo, o qual com grande propriedade e clareza o ensina por estas palavras: *Quo casura sit arbor, si scire volueris, ramos eius attende: unde maior est copia ramorum et ponderosior, inde casuram ne dubites.* Se quereis saber para onde ha de cair a arvore, quando fôr cortada, olhae para ella e vêde para onde inclina com o peso dos ramos. Se inclina para a parte direita, para a parte direita ha de caír; e pelo contrario se o peso a tem dobrado para a esquerda, da mesma maneira ha de cair para a esquerda; e uma e outra cousa é sem duvida. Olhe agora cada um e olhe bem para a sua alma, para a sua vida e para as suas obras; que estas são os ramos da arvore. Se vir que são de fé, de piedade, de temor de Deus, de obediencia a seus preceitos, de religião, de oração, de mortificação das proprias paixões, de verdade, de justiça, de caridade, em fim de pureza de consciencia, de frequencia de Sacramentos e das outras virtudes e obrigações de christão, intenda que, perseverando, ha de cair sem duvida para a mão direita. Mas se as obras pelo contrario são de liberdade de soltura de vida, de ambição, de cobiça, de soberba, de inveja, de odio, de vingança, de sensualidade, de esquecimento de Deus e da salvação; sem uma muito resoluta e verdadeira emenda e perseverança n'ella; intenda da mesma maneira que a arvore ha de caír para a mão esquerda, e que tem certa a condemnação.

A arvore cairá para onde pende.

Dir-me-heis, ou dir-vos-ha o demonio, que entre a arvore e o homem ha uma grande differença: porque a arvore, depois que está robusta e crescida não se póde dobrar; mas o homem, que é arvore com alvedrio e uso de razão, ainda que agora esteja tão inclinada com o peso dos vicios para a mão esquerda, em qualquer hora que se quizer voltar para a direita com o arrependimento dos peccados e emenda d'elles, o póde fazer. Assim é, ou assim poderá ser alguma vez; e assim o ensinou o mesmo S. Bernardo, accrescentando ás palavras referidas, *si tamen fuerit tunc excisa*. Mas no dia do juizo veremos que todos os catholicos que estão no inferno, os levou lá esta mesma confiança ou tentação.

Por isso S. Pedro nos exhorta a fazer boas obras (2 *Petr.* 1) Commento de Corn. a Lap.

S. Pedro, fallando da incerteza da salvação e do modo com que não só a poderemos conhecer, mas fazer certa, diz estas notaveis sentenças no primeiro capitulo da sua segunda epistola: *Quapropter, fratres, magis satagite, ut per bona opera certam vestram vocationem et electionem faciatis. Haec cuim facientes non peccabitis aliquando. Sic enim abundanter ministrabitur vobis introitus in aeternum regnum Domini nostri et Salvatoris Jesu Christi.* Se duvidais, christãos (diz S. Pedro), e estais incertos de vossa salvação, applicae-vos com todo o cuidado a fazer boas obras e logo a fareis certa. A palavra *certam* no original grego em que escreveu S. Pedro ainda tem mais apertada significação; porque quer dizer: Tão certa, firme e segura que se não possa mudar. O mesmo principe dos apostolos dá immediatamente a razão: *Haec enim facientes non peccabitis aliquando:* porque fazendo boas obras com o cuidado e diligencia que digo, jámais caireis em peccado grave. D'onde se seguirá que certamente se vos abrirão com largueza as portas do céu e entrareis a gozar o reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Christo: *Sic enim abundanter ministrabitur vobis introitus in aeternum regnum Domini nostri et Salvatoris Jesu Christi*. Commentando este texto o Padre Cornelio a Lapide (auctor doutissimo e eruditissimo, e que nas sagradas escripturas busca sempre o sentido genuino e solido) depois de disputar theologicamente a materia, reduz á fórma syllogistica toda a sentença do Apostolo e diz assim: Aquelle que se conserva sem peccado, sem duvida faz certa a sua salvação: aquelle que se emprega com diligencia em boas obras, conservar-se-ha sem peccado: logo aquelle que se empregar assim em boas obras faz certa a sua salvação. A menor ou segunda proposição d'este syllogismo, como verdadeiramente é notavel, assim parece tambem difficultosa, se não fôra revelação canonica e definição expressa de S. Pedro, com a clausula mais universal

que póde ser: *Haec enim facientes non peccabitis aliquando.* Eu bem sei que as boas obras só podem merecer *de congruo* a perseverança e graça final. Mas esta mesma congruencia, a qual tem o effeito dependente da acceitação e vontade divina, depois de S. Pedro declarar que o dicto effeito é certo, fica fóra de toda a duvida e contingencia.

Doutrina de S. Thomás.

S. Thomás no articulo oitavo da questão 23 diz assim: *Unde praedestinatus conandum est ad bene operandum et orandum, quia per huiusmodi praedestinationis effectus certitudinaliter implctur.* Tinha dicto que na ordem da predestinação divina se conhecem tambem as nossas boas obras por meio das quaes se alcança a salvação e sem as quaes se não póde alcançar; e conclúi que todos se devem applicar com toda a efficacia ao exercicio das dictas boas obras, porque por ellas conseguirão o effeito e fim da predestinação; e isto não em duvida senão *certitudinaliter*, com toda a certeza. Digo com toda, porque o doutor angelico não limita nem distingue gráu, ou qualidade d'ella. Mas porque alguns de seus interpretes querem que falle sómente de certeza moral, que é o que commummente e quasi sempre succede; esta, quando menos, é a certeza com que cada um póde conhecer hoje o logar da mão direita ou esquerda, que ha de ter no dia do juizo. E porque em negocio de salvar ou não salvar não é necessaria maior certeza para o justo receio e cuidado de cada um, tambem esta deve parecer bastante a todos para o desempenho da minha promessa.

Vasq. Disp. 92.

Conclusão. O machado posto ás raizes da arvore. *Luc. 3.*

O que resta é que cada um olhe attentamente e com a devida consideração para a arvore da sua vida; e que examine e veja sem engano do amor proprio, se os ramos das suas obras pesam para a mão direita ou para a esquerda: *Ad austrum aut ad aquilonem.* E para que esta vista seja tão clara e certa, como quem vê de muito perto e não de longe, só lembro por fim a todos o que a todos prégava S. João Baptista: *Jam securis ad radicem arboris posita est:* para qualquer parte que a arvore penda e qualquer que ella seja, já o machado está posto ás raizes. Cada dia e cada hora é um golpe que a morte está dando á vida. E reparem os que a fazem tão delicada, que para derrubar as arvores grossas, são necessarios muitos golpes, para as delgadas basta um. Christo Senhor e Redemptor nosso, que tanto deseja e tanto fez e padeceu por nossa salvação, nos desenganou hoje, que o nosso juizo não ha de passar de cem annos: *Non praeteribit generatio haec, donec omnia fiant.* Mas advirtamos que não nos promette que havemos de chegar a esses cem annos, nem aos noventa, nem aos oitenta, nem a dez, nem a um, nem a meio; antes nos avisa que o dia póde ser este dia e

a hora esta hora. O mesmo Senhor por sua misericordia nol-a conceda a todos tão feliz que todos n'aquelle dia nos achemos á sua mão direita e nos leve comsigo a gozar d'aquella gloria que se não alcança senão por boas obras, ajudadas da sua graça. Amem.

(Ed. ant. tom. 2.° pag. 423, ed. mod. tom. 4.°, pag. 318.)

III SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DO ADVENTO **

Observação do compilador — O sermão está dividido em duas partes. A primeira contém um resumo eloquentissimo de historia universal, que o orador soube com modo maravilhoso tornar util ao seu assumpto. A segunda não menos eloquente é ainda mais evangélica, tractando directamente da conta terribilissima que no dia do juizo devemos dar a Christo Senhor nosso. Todo o sermão é um dos melhores.

Caelum et terra transibunt: verba autem mea non transibunt.

S. Luc. c. 31.

Tudo passa para a vida e nada passa para a conta.

Passará o céu e a terra; mas o que dizem as minhas palavras não passará. Com esta notavel e não usada sentença conconclúi Christo Redemptor nosso a narração do evangelho que acabamos de ouvir. Diz que ha de vir julgar e pedir conta ao mundo no ultimo dia d'elle; e porque, antes de o mundo ser julgado, ha de ser abrasado primeiro e convertido em cinzas: sobre o incendio que a ha de consumir cái a primeira parte da conclusão: *Caelum et terra transibunt*: e sobre a conta que depois promette ha de tomar a todo o genero humano cái a segunda: *Verba autem mea non transibunt.* Estes são os dous maiores intentos que no theatro universal do juizo verão n'aquelle dia homens e anjos. Alli se verá o principio do mundo juncto com o seu fim; e o fim do mundo juncto com o seu principio: o principio com o fim em tudo o que passou, e o fim com o principio em tudo o que não ha de passar. Parece difficultosa esta união em tanta distancia de seculos: mas esse é e será um dos maiores milagres d'aquelle dia; porque tudo o que passou e deixou de ser e desappareceu com o tempo, como se não tivera passado ou tornára a ser de novo, ha de apparecer com a conta. Se olharmos para todas as cousas, quantas houve, ha e ha de haver no mundo, então veremos que todas passaram, *transibunt*: mas se olharmos para essas mesmas cousas,

as quaes como resuscitadas com o genero humano, hão de ser citadas com elle para apparecer em juizo, então veremos tambem e com maior assombro que nenhuma d'ellas passou: *Non transibunt*. Estas duas verdades, pois, cuja fé o mesmo supremo Juiz com tanta expressão nos ratifica; estes dous desenganos, a que tão mal nos persuadimos os mortaes em quanto vivemos; e estas duas considerações do que passou e do que não ha de passar, serão hoje os dous pólos ou ponctos do meu discurso. No primeiro veremos que tudo passa para a vida, no segundo que nada passa para a conta. Em dia tão grande não póde o sermão ser muito breve. Aos ouvintes não peço attenção, mas paciencia. Deus, a quem tomó por testemunha de que procurei não lhe dar conta do que hoje disser, se sirva de nos assistir a todos com sua graça em materia que tanto toca a todos.

Tudo passa para a vida, verdade evidente e comtudo difficultosa de persuadir.

II. Tudo passa para a vida e nada passa para a conta. A verdade e desengano de que tudo passa para a vida, posto que seja por uma parte tão evidente, que parece não ha mister prova, é por outra tão difficultosa, que nenhuma evidencia basta para persuadil-a. Lêde os philosophos, lêde os prophetas, lêde os apostolos, lêde os sanctos padres; vereis como todos empregaram a penna, e não uma senão muitas vezes, e com todas as forças da eloquencia, na declaração d'este desengano, posto que por si mesmo tão claro.

Passaram os tempos primitivos.

Considerae-me o mundo desde seus principios e vêl-o-heis sempre com nova figura no theatro, apparecendo e desapparecendo junctamente; porque sempre passando. A primeira scena d'este theatro foi o paraiso terrèal, no qual appareceu o mundo vestido de immortalidade e cercado de delicias. Mas quanto durou esta apparencia? Extendeu Eva o braço á fructa vedada; e no brevissimo espaço em que o bocado fatal passou pela garganta do homem, passou tambem com elle o mundo do estado da innocencia ao da culpa, da immortalidade á morte, da patria ao desterro, das flores ás espinhas, do descanço aos trabalhos e da felicidade summa ao summo da infelicidade e miseria. Oh miseravel mundo, que se paráras assim e te contentáras com comer o teu pão com o suor do teu rosto, fôras menos miseravel! Mas não serias mundo, se de uma miseria grande não passasses sempre e por tua natural inclinação a outra maior. Os homens n'aquella primeira infancia do mundo todos vestiam de pelles, todos eram de uma côr, todos fallavam a mesma lingua, todos guardavam a mesma lei. Mas não foi muito o tempo em que se conservaram na harmonia d'esta natural irmandade. Logo variaram e mudaram as côres com a diversidade das terras e climas e com a mistura do sangue, posto que todo ver-

melho. Logo variaram e mudaram as leis não com as de Platão, Solon ou Lycurgo; mas com as do mais imperioso e violento legislador, que é o proprio alvedrio. Tudo mudaram e tudo se mudou, porque tudo passa.

Passou a era dos gigantes. Gen. 6.

As vidas n'aquelle principio costumavam ser de septe, de oito, de nove centos, e quasi de mil annos; e que brevemente se acabou este bom costume! Então o viver muitos seculos era natureza, hoje chegar, não a um seculo, mas perto d'elle, é milagre. Tardaram em passar até Noé, e tambem passaram. Com aquellas vidas não só cresciam os annos, senão tambem os corpos; e dos filhos de Deus que eram os descendentes de Seth, e dos filhos dos homens, que eram os descendentes de Caim, nasceram os gigantes, de quem diz a Escriptura: *Erant gigantes super terram.* Alguns ossos que ainda duram d'estes, que o o mesmo texto sagrado chama varões famosos, demonstram pela symmetria humana que não podiam ter menos de vinte e mais covados. E ainda na historia das batalhas de David temos memoria de outros quatro, posto que de muito menor estatura. Mas, emfim, acabou a era dos gigantes; porque tudo n'esta vida e mais depressa o que é grande, acaba e passa.

Passaram todas as monarchias da historia antiga.

Diminuidos os homens nos corpos e nas edades, quando tinham a morte mais perto da vista (quem tal crêra?) então cresceram mais na ambição e soberba, e sendo todos eguaes e livres por natureza houve alguns que entraram no pensamento de se fazer senhores dos outros por violencia; e o conseguiram. O primeiro que se atreveu a pôr corôa na cabeca foi Nembroth, que tambem com o nome de Nino ou Belo deu principio aos quatro imperios e monarchias do mundo. O primeiro foi o dos assyrios e chaldeus; e onde está o imperio chaldaico? O segundo foi o dos persas; e onde está o imperio persiano? O terceiro foi o dos gregos; e onde está o imperio grego? O quarto, e o maior de todos foi o dos romanos; e onde está o imperio romano? Se alguma cousa permanece d'este, é só o nome: todos passaram, porque tudo passa.

Passaram os oraculos da idolatria.

III. Em quanto passaram estes quatro imperios, que foi a terceira, quarta, quinta e sexta edade do mundo, entrando tambem pela septima, quem haverá que possa comprehender quanto passou no mesmo mundo? Quando começou o primeiro imperio, então começou tambem a idolatria, digno castigo do céu; que pois os homens se fizeram adorar, chegassem os mesmos a adorar paus e pedras. Os reis, porém, que eram ou tinham sido os idolatras, canonizados depois pela adulação e lisonja, ou na vida, ou depois da morte, vinham tambem elles a ser idolos. Assim, pois, passaram os idolos e tambem passaram os oracu-

los com que n'elles respondia'o pae da mentira: porque ao som da verdade do evangelho todos emmudeceram.

Passou a gloria militar das nações antigas.

Então começaram as guerras. E que direi dos exercitos innumeraveis, das batalhas campaes e maritimas, das victorias e tropheus de umas nações e da ruina, abatimento e servidão de outras, tão varia e alternada sempre? Só digo que assim a gloria e alegria dos vencedores, como a dôr e affronta dos vencidos, tudo passou, porque tudo passa. O exercito de Xerxes, que foi o maior que viu o mundo, constava de cinco mil naus e cinco milhões de combatentes; e porque de uma e outra parte fez continente o Hellesponto e cavou e fez navegavel o monte Atho, disse d'elle Marco Tullio que caminhava os mares a pé e navegava os montes. Mas todo aquelle immenso e formidavel apparato, que visto fez tremer o mar e a terra, tão brevemente passou e desappareceu sendo desbaratado e vencido, que só ficou d'elle este dicto. O mesmo Themistocles, que com muito desegual poder o desfez e poz em fugida, tambem passou, como na Grecia e fóra d'ella passaram todos os famosos capitães e suas victorias. Passou Pyrrho, passou Mithridates, passou Philippe de Macedonia; passaram Heitor e Achilles, passaram Annibal e Scipião, passaram Pompeu e Julio Cesar, passou o grande Alexandre, nome singular e sem parelha; e «assim» todos passaram, porque tudo passa.

Passaram os triumphos romanos tão celebres na historia

A maior ostentação de grandeza e majestade, que se viu no mundo, e uma das tres que Sancto Agostinho desejava ver, foi a pompa e magnificencia dos triumphos romanos. Entravam por uma das portas da cidade, n'aquelle tempo vastissima, encaminhados longamente ao Capitolio: precediam os soldados vencedores com acclamações: seguiam-se representadas ao natural as cidades vencidas, as montanhas inaccessiveis escaladas; os rios caudalosos vadeados com pontes; as fortalezas e armas dos inimigos e as machinas com que foram expugnadas: em grande numero de carros os despojos e riquezas e tudo o raro e admiravel das regiões novamente sujeitas: depois de tudo isto a multidão dos captivos, e talvez os mesmos reis maniatados; e por fim em carroça de ouro e pedraria tirada por elephantes, tigres ou leões domados, o famoso triumphador, ouvindo a espaços aquelle glorioso e temeroso pregão: *Memento te esse mortalem*. Em quanto esta grande procissão (que assim lhe chama Seneca) caminhava, estavam as ruas, as praças, as janellas, os palanques, que para este fim se faziam, cobertos de infinita gente, todos a ver. Mas onde agora estão os vencedores, os vencidos, os triumphadores e pregoeiros, os que viam e os que eram vistos? «Todos passaram, porque tudo passa».

Passaram as letras e artes do mundo grego-romano.

Costumam as letras seguir as armas; porque tudo leva após si o maior poder; e assim floreceram variamente e em diversas partes no tempo d'estes imperios todas as sciencias e artes. Floreceu a philosophia, floreceu a mathematica, floreceu a oratoria, floreceu a poetica, floreceu a historia, floreceu a architectura, floreceu a pintura, floreceu a estatuaria: mas assim como as flores se murcham e se seccam, assim passaram todos os auctores mais celebrados das mesmas sciencias e artes. Na estatuaria passou Phidias e Lysippo; na pintura passou Timantes e Apelles; na architectura passou Meliagenes e Democrates; na historia Thucidides e Livio; na poetica Homero e Virgilio; na eloquencia Demosthenes e Tullio; na mathematica Euclides e Archimedes; na philosophia Platão e Aristoteles; e por juncto em todas as sciencias passaram os septe sabios da Grecia, porque ou juncto ou dividido tudo passa.

E seus jogos e espectaculos.

Nenhuma coisa e mais propria d'esta consideração em que imos que os jogos e espectaculos publicos que os homens inventaram a titulo de passatempo, como se o mesmo tempo não passára mais velozmente que tudo quanto passa. Os mais celebres e famosos foram os olympicos, em que de cinco em cinco annos concorria todo o mundo a uma cidade do mesmo nome ou a levar ou a ver quem levava uma corôa de louro. Por estes jogos mais que pelo curso do sol se contavam e distinguiam os annos. Em outros jogos, que se chamaram seculares, porque se celebravam uma vez de seculo em seculo, dizia o pregão publico que convidava para elles: Vinde vêr os jogos que ninguem viu, nem ha de tornar a ver. E com este desengano da vida passada e desesperação da futura, os iam todos ver; e se chamavam jogos. Mas nenhuns eram mais indignos dos olhos humanos e piedade natural, que os gladiatorios. Saía toda Roma ao amphitheatro, a que? A ver, a festejar como se matavam homens: caiam uns e sobrevinham outros, sem estar o posto vago um só momento, acclamando a cabeça do mundo com applausos mais carniceiros que crueis, assim no dar como no receber das feridas, tanto a intrepidez dos mortos como a furia dos matadores. Mas, emfim, assim estes passatempos tão deshumanos como os outros desappareceram da terra «porque tudo passa».

Passaram as septe maravilhas do mundo.

Agora quizera eu perguntar ao mundo, se como me enche a memoria de tantas cousas, que todas passaram, me mostrará alguma aos olhos que não passasse? Ás septe fabricas a que a fama deu o nome de maravilhas, acrescentaram alguns como oitava o amphitheatro romano. Mas a maravilha oitava ou nona é que todas estas maravilhas, que pareciam eternas, passaram.

Deixando, pois, o amphitheatro, de que só se vêem as ruinas, as pyramides do Egypto cairam, os muros de Babylonia arrazaram-se, o colosso de Rhodes desfez-se, o mausoleu de Caria sepultou-se, a torre de Faro sumiu-se, o templo de Diana Ephesina ardeu, o simulacro de Jupiter Olympico, como simulacro, desvaneceu-se em si mesmo.

E as metropoles mais famosas.

Tem mais que dizer ou oppôr o mundo? Só póde appellar para as mais fortes e bem fundadas cidades, côrtes e metropoles dos mais poderosos imperios: argumento verdadeiramente de grande boato antes de se lhe tomar o peso. Ninive, côrte de Nino, foi a maior cidade do mundo: andava-se de porta a porta não menos que em tres dias de caminho; edificada de proposito que nenhuma outra a egualasse, como não egualou: mas onde está essa Ninive? Ecbátanis, côrte de Arfaxad, e cidade que o texto sagrado chamava potentissima era cercada de septe ordens de muros, todos de pedras quadradas, cada uma de vinte e septe palmos por todas as faces e as portas com a prodigiosa altura de cem covados: mas onde está essa Ecbátanis? Susa, côrte de Assuero, e metropole de cento e vinte septe provincias, cujo palacio representava um céu estrellado, fundado sobre columnas de ouro e pedras preciosas, e cujos muros eram de marmores brancos e jaspes de differentes côres. Bem se deixa ver quão forte e inexpugnavel sería; pois defendia tão grande monarcha, dominava tantos reinos e guardava tantos thesouros. Mas onde está essa Susa? Se houvesse de fazer a mesma pergunta ás ruinas de Thebas, de Memphis, de Bactra, de Carthago, de Corintho, de Sebaste e da mais conhecida de todas, Jerusalem, necessario sería dar volta a toda a redondeza da terra. De Troya disse o poeta: *Jam seges ubi Troia fuit;* e o mesmo podemos dizer das planicies, valles e montes d'onde se levantavam ás nuvens aquelles vastissimos corpos de casas, muralhas, e torres. De umas se não sabem os logares onde estiveram; de outras se lavram, semeiam e plantam os mesmos logares sem mais vestigios de haverem sido que os que encontram os arados quando rompem a terra: para que os homens compostos de carne e sangue se não queixem da vida; pois tambem as pedras morrem; e para que ninguem se atreva a negar que tudo quanto houve, passou; e tudo quanto é, passa.

Ovidius.

Passou toda a historia do povo judaico.

Mas não é justo que n'esta passagem de tudo o que passou no tempo dos quatro imperios profanos do mundo, passemos nós em silencio aquella republica sagrada, que alcançou a todos quatro; e por ser fundada por Deus parece tinha direito a não passar. Nasceu a republica hebrea no captiveiro do Egypto; e quem então lhe levantasse figura, facilmente lhe podia pro-

gnosticar os captiveiros e transmigrações, com que foi arrancada da patria. Uma vez captiva por Salmanazar, em que passou desterrada aos assyrios: outra vez captiva por Nabucodonosor, em que passou desterrada aos babylonios: a terceira e ultima vez captiva por Tito e Vespasiano, em que passou desterrada a todas as terras e nações do mundo. Começou com o famoso triumvirato de Abrahão, Isaac e Jacob, tantas vezes nomeado e honrado por bocca do mesmo Deus: mas nem por isso deixaram de passar todos tres. Succedeu-lhes José, o que sonhou as suas felicidades e as adorações de seu pae e irmãos; posto que todas passaram como se fôra sonho. Teve o mesmo povo tres estados de governo: o dos juizes, o dos reis, o dos capitães; e se bem subindo e descendo as varas se trocaram com os sceptros e os sceptros com os bastões; nenhum d'aquelles estados foi estavel, todos passaram. Nos juizes passou a espada de Gedeão, o arado de Sangar e a queixada de Sansão. Nos reis passou a valentia de David, a sabedoria de Salomão e a piedade e religião de Josias. Nos capitães passou o braço invencivel de Judas Maccabeu, vencedor de tantas batalhas, passou a façanha immortal de Eleazaro, que mettendo-se debaixo do elephante morreu sob os destroços do inimigo; e passou mais glorioso que todos o honrado e zeloso testamento do velho Matathias, digno de ser escripto em bronzes. E porque não fiquem totalmente em silencio as heroinas da mesma nação; quatro houve n'ellas insignes na formosura: Sara, Rachel, Esther e Judith, todas porém fataes a quem as amou: Sara a um peregrino com perigos; Rachel a um pastor com trabalhos; Esther a um rei com desgostos; e Judith a um general com a morte. Este acabou miseravelmente a vida; mas as formosuras antes de se acabarem as vidas, já tinham passado. Floreceram no mesmo povo, alem de outros, egualmente verdadeiros, dezeseis prophetas canonicos; quatro maiores e doze menores: mas em espaço de tres seculos os maiores e menores, desde Oseas a Malachias todos passaram. Passaram os milagres da vara, passaram os da serpente de metal, passaram os de Elias e Eliseu; e porque só faltava passar a lei de Moysés e o sacerdocio de Arão; a lei e o sacerdocio tambem passaram, porque tudo passa.

IV. A razão d'este curso ou precipicio geral não é uma só, senão duas: uma contraria a toda a estabilidade e outra repugnante ao mesmo ser. E quaes são? O tempo, e antes do tempo o nada. Todas as cousas se revolvem naturalmente e vão buscar com todo o peso e impeto da natureza o principio d'onde nasceram. O homem, porque é formado da terra, ainda que seja com dispendio da propria vida e summa repugnancia da

Tudo passa porque vai buscar o nada d'onde saiu. *Ps.* 57.

vontade, sempre vai buscar a terra e só descança na sepultura. Os rios esquecidos da doçura das suas aguas, posto que as do mar sejam amargosas, como todos nasceram do mar, todos vão buscar o mesmo mar, e só n'elle se desaffogam e param como em seu centro. Assim todas as cousas d'este mundo por grandes e estaveis que pareçam, tirou-as com o mesmo mundo do não ser ao ser; e como Deus as creou do nada, todas correm precipitadamente e sem que ninguem as possa ter mão ao mesmo nada de que foram creadas. Vistes o torrente formado da tempestade subita, como se despenha impetuoso e com ruido; e tanto que cessou a chuva, tambem elle se seccou e sumiu subitamente e tornou a ser o nada que d'antes era? Pois assim é tudo e somos todos, diz David: *Ad nihilum devenient, tanquam aqua decurrens.* Sonhastes no ultimo quarto da noite, quando as representações da phantasia são menos confusas, que possuieis grandes riquezas, que gozaveis grandes delicias e que estaveis levantado a grandes dignidades; e quando depois acordastes, vistes com os olhos abertos que tudo era nada? Pois assim passam a ser nada em um abrir de olhos todas as apparencias d'este mundo, diz o mesmo propheta: *Velut somnium surgentium, Domine, imaginem ipsorum ad nihilum rediges.* De sorte que a razão mais natural e mais forte, porque todas as cousas passam, é o nada. Passam, porque vão caminhando para o nada d'onde sairam; e passam tambem porque voam com o tempo, «que é a outra razão não menos digna de reparo».

E porque o tempo muda tudo, passando os reinos de uma parte para outra.

Que cousa mais veloz, mais fugitiva, e mais instavel que o tempo? Tão instavel que nenhum poder, nem ainda o divino, o póde parar. E como o tempo não tem nem pode ter consistencia alguma, e todas as cousas desde seu principio nasceram juntamente com o tempo; por isso nem elle, nem ellas podem parar um momento; mas com perpetuo moto e revolução insuperavel passar e ir passando sempre. Daniel revelando a Nabucodonosor a intelligencia da sua estatua, disse que Deus muda os tempos e as edades, e conforme ellas passa os reinos de uma para outra: *Ipse mutat tempora et aetates, transfert regna et constituit.* Assim passou o reino do mesmo Nabuco para a Persia; o dos persas para a Grecia; o dos gregos para Roma; e o dos romanos para tantos outros, quantos hoje corôam outras cabeças, as quaes se devem lembrar d'aquella infallivel sentença: *Regnum a gente in gentem transfertur propter injustitias.* O nosso reino, não sendo no sitio original dos maiores, quantas vezes passou a outras gentes? Passou aos suevos, passou aos alanos, passou aos carthaginezes, passou aos romanos, passou aos arabes e sarracenos; e dentro da mesma Hespanha tambem passou e tornou a passar.

E se grandes reinos e imperios não são estaveis e passam; que serão as cidades particulares para que não é necessario que a roda da fortuna dê toda a volta? Não fallo d'aquellas que acabaram como de morte subita, abrasadas até á ultima cinza no incendio de uma noite, como Troya e Lugduno. Só fallo das que por seus passos contados vieram de um dominio a outro dominio «e mudaram com as mudanças do tempo». E quantas vezes as pombas de Babylonia, quantas os leões de Jerusalem, quantas as aguias de Roma e de Constantinopla viram sobre suas muralhas outras bandeiras? O maior theatro de Marte no nosso seculo e por ventura que em nenhum outro, foram as guerras belgicas; e na grande provincia de Hollanda, excepta Dorth, por isso chamada a virgem, nenhuma cidade houve que não fosse conquistada e alternasse o dominio. Que direi dos confins sempre incertos e tão frequentemente mudados de Hespanha com França: de França com Germania; de Germania com a Turquia; e da Turquia com a Italia? Annos ha que a antiga Creta, hoje Candia, sem ser das ilhas errantes do archipelago, tem posto em duvida o mundo para onde ha de ir, e se ha de reconhecer as cruzes ou as meias luas.

E muito mais as cidades.

E quanto ás casas, membros menores de que se compõem innumeravelmente as cidades; quem poderá comprehender o inextrincavel labyrintho, com que, á maneira de peixes no mar, se andam sempre movendo e passando de um para outro dono? Ouçamos a familiar evidencia com que o grande juizo de Sancto Agostinho demonstra esta perpetua instabilidade. Introduz um rico, jactancioso de ser senhor de sua casa; e pergunta-lhe o Sancto assim: Esta casa de que vos jactais ser senhor, porque é vossa?—Porque a herdei de meu pae.—E vosso pae de quem a houve?—De meu avô.—E de quem a houve vosso avô?—De meu bisavô.—E vosso bisavô de quem?—Do meu tresavô.—Já não tendes mais palavras com que proseguir de quem mais foi que passou essa casa que chamais vossa. Pois assim como ella passou e vossos antepassados passaram por ella, assim ella e vós tambem haveis de passar: *Pater tuus hic eam dimisit; transivit per illam, sic et tu transibis*. Por este modo sem firmeza nem estabilidade alguma estão sempre passando n'este mundo as casas, as quintas, as herdades, os morgados: uns porque os faz passar a morte, outros porque os manda passar a justiça, outros porque os obriga a necessidade dos que os vendem, outros porque a força e poder os rouba e senhorea por violencia: em summa que não ha pedra, nem telha, nem planta, nem raiz, nem palmo de terra que não esteja sempre passando, porque tudo passa.

E as casas particulares. Observação de Sancto Agostinho. *In ps.* 122.

E mais que tudo com o tempo passa o homem. Como o declara Sancto Ambrosio *in ps.* 1.

E vendo o homem com os olhos abertos como tudo passa, só nós vivemos como se não passáramos. Declarou esta verdade tão mal advertida, com uma similhança muito propria Sancto Ambrosio elegantemente. Todos imos embarcados na mesma nau, que é a vida, e todos navegamos com o mesmo vento, que é o tempo; e assim como na nau uns governam o leme, outros maream as velas; uns vigiam, outros dormem; uns passeiam, outros estão assentados; uns cantam, outros jogam, outros comem, outros nenhuma cousa fazem e todos egualmente caminham ao mesmo porto; assim nós, ainda que não pareça, insensivelmente imos passando sempre e avizinhando-se cada um a seu fim: porque, conclúi Ambrosio, tu dormes e o tempo anda: *Tu dormis et tempus ambulat.* Disse pouco em dizer que o tempo anda; porque corre, vôa: mas advertiu bem em notar que nós dormimos; porque tendo os olhos abertos para ver que tudo passa, só para considerar que nós tambem passamos parece que os temos fechados.

Quantas vezes morre todo o homem. 1 *Cor.* 15. *Isai.* 38.

Considerando este continuo passar do homem, diziam os sabios da Grecia que todo o homem que chega a ser velho morre seis vezes; e como? Passando da infancia á puericia, morre a infancia: passando da puericia á adolescencia, morre a puericia; passando da adolescencia á juventude, morre a adolescencia: passando da juventude á edade de varão, morre a juventude; passando da edade de varão á velhice, morre a edade de varão: finalmente passando de viver por tanta continuação e successão de mortes, com a ultima que só chamamos morte, morre a velhice. Assim o consideravam aquelles sabios, mais larga e menos sabiamente do que deveram: aos quaes por isso emenda S. Paulo dizendo que morria todos os dias: *Quotidie morior.* Se o sol que sempre é o mesmo, todos os dias tem um novo nascimento e um novo occaso, quanto mais o homem por sua natural inconstancia tão mudavel, que nenhum é hoje o que foi hontem, nem ha de ser a manhã o que é hoje! Desenganemo-nos, pois, todos, e diga, ou diga-se cada um com el-rei Ezechias: *De mane usque ad vesperam finies me.* E seja a ultimo conclusão d'este largo discurso que então definiremos bem e conheceremos o que é esta vida e este mundo, quando intendermos que não só estamos n'elle em perpetua passagem, mas em perpetuo passamento. Assim passamos todos e assim passa tudo para a vida, desengano verdadeiramente não só triste mas tristissimo; se este superlativo e outros de maior horror, não foram mais devidos ao que depois de tudo passar se segue.

Que nada passe para a conta é a mais terrivel consideração.

V. Depois da vida segue-se a conta; e sendo a conta que se

ha de dar, de tudo o que passou; tristissima e terribilissima consideração é, que, passando tudo para a vida, nada passe para a conta. O que faz e ha de fazer difficultosa a conta são os peccados da vida e de toda a vida. E que confusão será n'aquelle dia tão cheio de horror e assombro olhar para a vida e para os peccados de toda ella; e ver que a vida passou e os peccados não passaram.

D'este passar e não passar não só temos os documentos da Escriptura, mas grandes e manifestos exemplos da natureza. Christo Redemptor e Juiz universal nosso, comparou o dia do juizo a uma rede lançada no mar: *Sagenae missae in mare.* O mar é este mundo: a rede é a comprehensão da sciencia e justiça divina; os que n'ella andam nadando já presos, ou com maior ou menor largueza, são todos os homens. E assim como na rede, quando a malha é muito estreita, só a agua póde passar e nenhuma outra cousa; assim passa sómente por ella a vida; e tudo o mais, que são os peccados, fica dentro e nada passa. Oh! quão apertada e estreita é esta malha da rede de Deus e quão facil de passar ainda por ella a vida, que como agua sempre está passando: *Omnes morimur et quasi aqua delabimur.*

O juizo universal comparado a uma rede lançada no mar

Matth. 13.

2. *Reg.* 14.

O mesmo Christo comparou este passar e não passar ao crivo quando disse a seus discipulos: *Satanas expetivit vos ut cribraret sicut triticum.* Assim como no crivo (diz S. João Chrysostomo commentando estas palavras), assim como no crivo dando uma e muitas voltas, passa o grão e só fica a palha, assim n'este mundo com a volta que dão os dias e os annos, passa a vida e os gostos d'ella, e no fim e para o fim só fica o peccado.

O passar e não passar comparado ao crivo

Não podia Job faltar a ennobrecer este mesmo assumpto, como tão proprio das suas experiencias, com alguma similhança que mais ainda nol-o declare. Diz que observou Deus todos os seus caminhos e considerou as pégadas dos seus pés: *Observasti omnes semitas meas et vestigia pedum meorum considerasti.* E porque considera Deus não os passos, senão as pégadas? Porque os passos passam, as pégadas ficam: os passos pertencem á vida que passou, as pégadas á conta que não passou. Mas que differentemente não passa Deus pelo que nós tão facilmente passamos! Nós deixamos as pégadas detrás das costas, e Deus tem-nas sempre deante dos olhos, com que as nota e observa. As pégadas para nós apagam-se, como formadas em pó; para Deus não se apagam, como gravadas em diamante. Tal é a consideração dos peccados, que na nossa memoria logo se perde e na sua sciencia sempre está presente. Os septen-

E ás pégadas e raizes.

Job. 13.

ta em logar de pégadas trasladaram raizes; porque as pégadas ficam como raizes fundas e firmes, que sempre permanecem «posto que» escondidas. Assim Deus tem guardados invisivelmente todos os nossos peccados, os quaes no dia da conta rebentarão como raizes e brotarão nos castigos que pertencem á natureza de cada um. Isto é o que tanto cuidado dava a Job.

Os thesouros da ira de Deus dos quaes falla S. Paulo. *Rom.* 2.

O apostolo S. Paulo, prégando contra os que abusam da paciencia e benignidade de Deus e em vez de se aproveitarem do espaço que lhes dá para a penitencia, gastam a vida em accumular peccados sobre peccados.—Não vês, diz, ó homem, que desprezas as riquezas do soffrimento e longanimidade divina, e que pelo contrario, segundo a dureza do teu coração, enthesouras para ti a ira e vingança que te espera no dia do juizo? —De maneira que peccar sobre peccar chama S. Paulo enthesourar: porque ainda que a vida e os dias em que peccamos passam, os peccados que n'elles commettemos não passam, mas ficam depositados nos thesouros da ira divina. Falla o apostolo por bocca do mesmo Deus, o qual diz no Deuteronomio: *Nonne haec condita sunt apud me et signata in thesauris meis? Mea est ultio et ego retribuam in tempore.* Estes thesouros, pois, que agora estão cerrados, se abrirão a seu tempo e se descobrirão para a conta no dia do juizo. Considerae-me um homem rico e que tem mais rendas cada anno do que ha mister para se sustentar; que faz esse homem? Uma parte do que tem, gasta, e outra parte enthesoura. Pois isto é o que fazemos todos. Todos gastamos e todos enthesouramos. Todos gastamos o que passa e todos enthesouramos o que não passa: o que gastamos é o da vida; o que enthesouramos é o da conta.

Deut. 32.

O que passa para a vida é o que não passa para a conta.

Infinita materia sería se agora houvessemos de reduzir á practica uma e outra parte d'esta demonstração e pol-as ambas em theatro. Mas por isso nos de tivemos tanto no primeiro poncto do nosso discurso. Não vimos n'elle desde o principio do mundo como tudo se passou? Não vimos como todos os que em tantos seculos viveram, passaram? Pois esse tudo que então passou para a vida, inclúi o nada que não passou para a conta; e esses todos que então morreram e agora estão sepultados, são os que resuscitados n'este mesmo dia hão de apparecer vivos deante do tribunal divino para dar essa conta estreitissima de quanto fizeram.

O livro da vida e os livros da conta vistos no Apocalypse, c. 20.

N'este tribunal viu S. João assentado sobre um throno de admiravel majestade o supremo Juiz e com aspecto tão terrivel que affirma fugiu d'elle o céu e a terra: *Et vidi thronum magnum candidum et sedentem super eum a cujus conspectu fugit terra et coelum.* Diz mais que viu a todos os mortos grandes e

pequenos em pé como reos deante do mesmo throno: *Et vidi mortuos magnos et pusillos stantes in conspectu throni.* E finalmente conclúi que então appareceram e se abriram um livro e muitos livros; e que pelo que estava escripto n'estes livros foram julgados todos; cada um conforme suas obras: *Et libri aperti sunt: et alius liber apertus est, qui est vitae; et judicati sunt mortui in his quae scripta sunt in libris secundum opera ipsorum.* D'esta distincção que o evangelista faz de livro a livros se vê claramente que o livro era da vida: *Liber qui est vitae;* e que os livros eram da conta, porque pelos livros eram julgados os mortos: *Et judicati sunt mortui ex his quae scripta sunt in libris.* Assim intendem litteralmente estes textos, como soam, Beda e outros Padres. Assim que postos á vista no tremendo tribunal de uma parte o livro e da outra os livros, então se verão junctos e concordes as duas combinações do nosso assumpto: no livro, como tudo passa para a vida; nos livros como nada passa para a conta.

E que escreveu Aquelle a quem nada escapa.

VI. Este nada do que dizemos que nada passa para a conta é o que agora havemos de examinar; «e o que fez temer e tremer ainda os maiores sanctos. Diz o Extatico de Patmos que foram todos julgados pelo que estava scripto nos livros da conta cada um conforme suas obras. E quem foi que escreveu esta conta? Aquelle a quem nada escapa, e a quem o interior da nossa alma é sem comparação, mais aberto que a nós mesmos.»

Mostrou Christo na ultima ceia que conhecia aos apostolos mais do que elles a si mesmos. *Matth.* 6.

Quando Christo na meza da ultima ceia revelou aos apostolos que um d'elles o havia de entregar, diz o evangelista que todos ficaram muito tristes com tal noticia; e cada um começou a perguntar: *Numquid ego sum Domine?* Por ventura, Senhor, sou eu esse? Pedro, André, João e os demais, excepto Judas, bem sabiam cada um de si que não era traidor, nem tal cousa lhe passava pelo pensamento. Pois, porque se não deixam estar muito seguros na boa fé de sua lealdade; mas pondo em duvida o de que não duvidavam, pergunta cada um a Christo se elle é o traidor? Porque ainda que a propria consciencia os não accusava; todos intendiam que sabía Christo mais de cada um d'elles, do que elles de si. Elles conheciam-se como homens, Christo conhecia-os como Deus. Esse foi o erro e engano de S. Pedro que estava á mesma meza. Pedro disse que, se fosse necessario, daria a vida por Christo: Christo pelo contrario disse que tres vezes o havia de negar n'aquella noite. E porque foi esta a verdade? Porque Pedro fallou pelo que ignorava de si e Christo pelo que conhecia d'elle. «Pois na conta que devemos dar no valle de Josaphat conformar-se-ha o Juiz Eterno com o

conhecimento e juizo seu e não com o conhecimento e juizo nosso, vêde se ha de ser rigorosa! Vêde se ha innocencia que possa n'aquelle tribunal estar segura! Vêde se tinha razão S. Paulo de dizer que não se dava por justificado, ainda que nada havia na sua consciencia de que ella o accusasse: porque, emfim, o juiz não havia de ser elle, senão Deus: *Nihil mihi conscius sum; sed non in hoc justificatus sum: qui autem judicat me, Dominus est.*

1. Cor. 4.

Não desculpará a ignorancia que não fôr invencivel: como não desculpou os judeus do deicidio.

E não desculpará a ignorancia? «É verdade que Deus sabe de nós o que nós ignoramos; mas essa mesma ignorancia não nos livrará da culpa que não conhecemos como tal?» Sem vontade não ha culpa, sem conhecimento não ha vontade: como logo póde ser peccado e castigado como peccado, o que eu não conheço? Bem tinha decifrado esta theologia o auctor do nosso proverbio: Quem ignorantemente pecca, ignorantemente vai ao inferno. Uma só ignorancia escapa do peccado que é a invencivel. Mal esta poucas vezes se acha. Os demais «peccam pela mesma ignorancia; pois se não conhecem o peccado, é por não querer conhecel-o.» Não peccaram gravissimamente os judeus na morte de Christo? E comtudo S. Pedro diz que elle e os seus principes o fizeram ignorantemente; e o mesmo Christo allegou por elles esta mesma ignorancia e pediu para elles o perdão. Se a ignorancia os livrara do peccado, que necessidade tinham de perdão? Isto mesmo é o que se vê hoje entre os que conhecem e adoram a Christo; e não por acontecimento raro, senão commummente; nem só nas vidas, senão tambem nas mortes. Quantos peccados vemos e quão grandes, nem emendados na vida, nem confessados na morte, os quaes não só Deus, mas todo o mundo está conhecendo; e só os mesmos que os commettem os não conhecem! Não os conhecem, porque a largueza e relaxação da vida escurece a consciencia e cega a alma. Não os conhecem, porque o amor proprio sempre escusa e aligeira o que nos condemna. Não os conhecem, porque os interesses e conveniencias d'este mundo trazem comsigo o esquecimento do outro. Não os conhecem, porque os não querem examinar nem consultar com quem deviam. Não os conhecem finalmente, porque com ignorancia affectada os não querem conhecer para os não emendar: *Noluit intelligere ut bene ageret.* «Pois não será justo que Deus castigue no dia do juizo os peccados que se não conheceram, porque foram sepultados nas trevas d'esta maliciosa ignorancia? É por isso que n'aquelle dia tudo ha de sair á luz.» Porque o mesmo Juiz universal, como diz S. Paulo, com os resplandores de sua presença allumiará as consciencias de todos os homens e descobrirá manifestamente a cada um

Ps. 35.

tudo o que n'ellas estava escondido e ás escuras: *Quoadusque veniat Dominus qui illuminabit abscondita tenebrarum*. Por meio d'esta luz desenganadas então e assombradas as mesmas consciencias do muito que verão sair debaixo do nada que não viam ou não quizeram vêr, nenhuma terá que extranhar, nem replicar á sentença, ainda que seja de eterna condemnação; e todos dirão convencidos: *Justus es, Domine, et rectum judicium tuum*.

I's 118.

Oh que grande mercê de Deus fôra se hoje que estamos na representação do mesmo dia do juizo, o mesmo Soberano Juiz nos communicara um raio d'aquella luz para que viramos agora o que então havemos de vêr. e com os peccados conhecidos nos presentaramos antes ao tribunal de sua misericordia que depois ao de sua justiça! Mas bemdicta seja a bondade do mesmo Senhor que não só nos deixou communicado na sua doutrina um raio d'aquella luz, senão tres, se nós lhes não cerramos os olhos. Sendo a materia de tudo o que passou para a vida e não ha de passar para a conta tão immensa á capacidade humana; só a Divina Sabedoria a poderá comprehender; e assim fez Christo Senhor nosso, reduzindo-a e repartindo-a em tres parabolas nas quaes nos ensinou em summa toda a conta que nos ha de pedir e de quê. A primeira parabola é dos officios, a segunda dos talentos, a terceira das dividas. Est smesmo numero e ordem seguiremos para maior distincção e careza.

Tres parabolas com que Christo ensinou a conta que nos hade pedir como juiz.

VII. Quanto aos officios diz a primeira parabola (que é a do villico) que houve um homem rico o qual deu a superintendencia das suas herdades a um creado com nome de administrador d'ellas; e porque não teve boa informação de seus procedimentos o chamou á sua presença e lh pediu conta dizendo: Dae conta da vossa administração; porque desde esta hora estais excluido d'ella. Esta circumstancia de dar conta ultima e não se poder emendar, é uma das mais rigorosas do dia do juizo. Vindo, pois, ao sentido da parabola o homem rico é Deus: as suas herdades são as egrejas e as provincias: os administradores são os ministros ecclesiasticos e seculares. A todos estes, pois, ha de pedir Deus estreita conta, não só quanto ás pessoas, senão tambem e muito mais quanto aos officios. Quanto á pessoa ha de dar cada um conta de si; e quanto aos officios ha de dar a mesma conta de todos aquelles que governou e lhe foram sujeitos. De sorte que o governador ha de dar conta de toda a provincia e o parocho de toda a freguezia, o magistrado de toda a cidade e o cabeça de toda a familia. Oh se os homens souberam o peso que tomam sobre si quando com tanta ancia e negociação pretendem e procuram os officios ou seculares ou ecclesiasticos, como é certo que haviam de fugir e benzer-se

A primeira do Villico, quanto aos officios de cada um. Que difficultoso é dar boa conta das almas alheias.

d'elles! Mas os não procuram pelo peso senão pela dignidade, pela honra, pela estimação e, mais que tudo hoje pelo interesse. Porém quando no dia do juizo se lhes tomar a conta pelo peso, então verão onde os leva a balança. Se é tão difficultoso dar boa conta da alma propria que é uma, quão difficil e quão impossivel será dál-a boa de tantas mil? Vêdes quantas almas ha n'esta cidade, quantas n'esta provincia, quantas em todo o reino? Pois sabei, se o ignorais ou não advertis, que de todas hão de dar conta a Deus os que governam a cidade, a provincia, o reino: porque assim como sobre todos e cada um tem poder e mando, assim em todos e cada um são obrigados a lhes fazer guardar as leis não só humanas, senão tambem divinas. Não é isto encarecimento meu, senão doutrina solida e de fé pronunciada por bocca de S. Paulo: *Obedite praepositis vestris et subjacete eis; ipsi enim pervigilant quasi rationem pro animabus vestris reddituri.* Obedecei, diz o Apostolo, a vossos superiores e sêde-lhes muito sujeitos; porque a sua obrigação é zelar e vigiar sobre as vossas vidas, como aquelles que hão de dar conta a Deus das vossas almas. Vêde quanto maior é a sujeição dos superiores que a dos subditos. Quantos são os subditos que estão sujeitos ao superior, tantas são as almas de que está sujeito o superior a dar conta a Deus. De modo que todos os homicidios, todos os adulterios, todos os furtos, todos os sacrilegios e mais peccados que os vassallos commettem na vida e reinado de um rei e as ovelhas e subditos na vida e governo de um prelado, todos estes peccados se lançam logo e escrevem no livro de Deus debaixo do titulo do tal rei e debaixo do titulo do tal prelado, para lhes pedir conta no dia do juizo.

Hebr. 13.

Conta que deve dar um rei.

Ponhamos agora este rei e depois poremos tambem este prelado deante de tribunal divino; e vejamos que respondem a estes cargos. O rei é a cabeça dos vassallos; e quem ha de dar conta dos membros, senão a cabeça? O rei é a alma do reino; e quem ha de dar conta do corpo, senão a alma? Pedirá, pois, conta Deus a qualquer rei, não digo dos peccados seus e da pessoa, senão dos alheios e do officio. E que responderá já não rei mas réo? Parece que poderá dizer: Eu, Senhor, bem conhecia que era obrigado a evitar os peccados dos meus vassallos, quanto me fosse possivel: mas a minha côrte era grande, o meu reino dilatado, a minha monarchia extendida pela Africa, pela Asia e pela America; e como eu não podia estar em tantas partes e tão distantes, na côrte tinha provido os tribunaes de presidentes e conselheiros; no reino de ministros de justiça e lettras; nas conquistas de vice-reis e governadores, instruidos de regimentos muito justos e approvados. E isto é tudo o que

fiz e pude fazer. Tambem poderá metter n'esta conta o seu proprio palacio e aquelles de que se servia mais familiar e interiormente. Mas sobre todos cái a replica. E esses que elegestes (dirá Deus), porque os elegestes? Não foram alguns por affeição, outros por intercessão, outros por adulação e outros por «má» e apaixonada informação? E os que ficaram de fóra com mais conhecido merecimento, porque os excluistes? Mas dado que todos fossem eleitos com os olhos em mim e justamente; depois que na administração de seus officios conhecestes que não procediam como eram obrigados; porque os não removestes logo, porque os dissimulastes, e, o peior é, porque os despachastes de novo e com mais auctorizados postos? Se o que assolou uma provincia o deixastes continuar na mesma assolação; e depois o promovestes a outro governo maior; como não fostes cumplice das suas injustiças e das culpas que elle, em vez de remediar, accrescentou com as suas e com o exemplo d'ellas? Se as suas tyrannias vos foram manifestas, como as deixastes sem castigo e os damnos dos offendidos sem restituição? Quantas lagrimas de orphãos, quantos gemidos de viuvas, quantos clamores de pobres chegavam ao céu no vosso reinado; quando para supprir superfluidades vãs e doações inofficiosas, vossos ministros (por isso premiados e louvados) com impiedade mais que deshumana, não os despojavam, mas despiam! Isto é o que poderá replicar Deus, emmudecendo e não tendo que responder o triste rei. E qual será a sua sentença? No dia do juizo se ouvirá. O certo é que David rei sancto antes de peccador, e depois de peccador, exemplo de penitencia, o de que pedia perdão a Deus, era dos peccados occultos e dos alheios: *Ab occultis meis munda me et ab alienis parce servo tuo.* Mas os peccados occultos n'aquelle dia serão manifestos; e dos alheios por ter sido rei, se lhe pedirá tão estreita conta, como dos proprios.

Ps. 18.

Entre agora o prelado a dar conta e a ouvir em estatua o processo que depois da resurreição lhe será notificado em carne. Oh que espectaculo será apparecer descoroado da mitra e despido dos paramentos pontificaes deante da majestade de Christo Jesus, aquelle a quem o mesmo Senhor auctorizou com o nome e poderes de seu representante, e cuja humana e divina pessoa representou n'esta terra. *O pastor et idolum*, lhe dirá Christo: tu que foste pastor no nome, e como idolo te contentaste com a adoração exterior que não merecias, dá conta. Não t'a peço das miserias occultas, senão das publicas e escandalosas de tuas mal guardadas e desprezadas ovelhas. Eram miseraveis no temporal, e não trataste de remediar suas pobrezas; e eram

Conta que Deus pedirá a um prelado.

Zacch. 11.

muito mais miseraveis no espiritual, e não cuidaste de curar nem de preservar seus peccados. Se as rendas, que com tanta cubiça recolhias e com tanta avareza guardavas, eram o meu patrimonio que eu acquirí, não menos que com o meu sangue; porque o não distribuiste aos meus verdadeiros acredores que são os pobres? Porque o despendeste em carroças, creados e cavallos regalados, estando elles morrendo de fome; e em vestir as tuas paredes de ouro e seda, andando elles despidos e tremendo de frio? Se o zelo de teus ministros visitava as vidas dos pequeninos, tractando mais de se aproveitar das condemnações, que de lhes emendar as consciencias; os peccados monstruosos dos grandes, que tão soberba e escandalosamente viviam na face do mundo, como os deixaste triumphar com perpetua immunidade, como se foram superiores ás leis da minha Egreja?

Não poderá este allegar desculpa.

Confesso, Senhor, responderá o prelado, que em uma e outra cousa faltei, mas não sem causa. O que despendi com minha casa e pessoa foi para satisfazer aos olhos do vulgo, que só se leva d'estes exteriores, e para conservar a auctoridade do officio e veneração da dignidade. E se contra os peccados dos grandes me não atrevi, foi porque os seus poderes são inexpugnaveis; e julguei por menos inconveniente não entrar com elles em batalha, que com affronta e desprezo das mesmas leis da Egreja, ficar no fim da peleja vencido. E finalmente, Senhor, em uma e outra omissão segui o exemplo universal, e o que usam n'este officio os que com mais poderosas armas e com maiores jurisdicções que a minha, costumam em toda a parte fazer o mesmo. Ó ignorante, ó covarde, replicará Christo: tão ignorante e covarde, como se não tiveras lido as Escripturas, nem os canones e exemplos da mesma Egreja. Por ventura Pedro e Paulo e os outros apostolos que me imitaram a mim, e os seus verdadeiros successores que os imitaram a elles conciliavam a auctoridade das pessoas e do officio ainda entre os gentios com apparatos «de fasto? E não foi esse mesmo fasto occasião de tantas murmurações de teu povo e de tantos desacatos á tua dignidade?» E quanto á covardia de te não atreveres com os grandes, tendo a teu lado a espada de Pedro «e ouvindo as promessas de que eu não te faltaria com os auxilios da minha graça;» contra quem se atrevia David, que foi o exemplar dos meus pastores? Entre as feras tomava-se com os leões e entre os homens com os gigantes. Que fera mais fera que a imperatriz Eudoxia; e vê como a não temeu Chrysostomo. E que leão mais coroado que o imperador Theodosio; e vê como o humilhou e poz a seus pés Ambrosio! Finalmente se não se-

guiste o valor d'estes, senão o que chamas costume dos outros, agora verás em ti e n'elles, que se elles o costumam fazer assim, eu tambem costumo mandar ao inferno os que assim o fazem. Isto baste, quanto á conta dos officios; e tomem exemplo os ministros seculares na conta do rei e os ecclesiasticos na do prelado.

2.ª conta. Parabola dos talentos. *Luc.* 19.

VIII. Quanto á conta dos talentos, esta temos na parabola dos creados a quem o rei encommendou differentes cabedaes para quo negociassem com elles em quanto fazia certa jornada: *Negotiamini dum venio.* O rei é Christo: a jornada foi a de sua subida ao céu; e a tornada ha de ser no dia do juizo, em que ha de pedir conta a cada um do que negociou com os talentos que lhe deu e do que lucrou e ganhou com elles. Os talentos são os meios assim universaes como particulares, com que a Providencia divina assiste a todos os homens e a cada um para a sua salvação e perfeição; e os avanços ou ganancias são o augmento das virtudes, merecimentos e graça que no exercicio, agencia e industria, com que se applicam os mesmos meios, alcançam os que não são negligentes. Quão exacta, pois, haja de ser esta conta e quão rigorosa para os que usarem mal do talento, na mesma historia o temos. Os creados a quem o rei fiou os talentos eram tres: ao primeiro entregou cinco; o qual grangeou outros cinco: ao segundo entregou dous; o qual grangeou outros dous; e ambos foram louvados: ao terceiro deu um talento; o qual elle enterrou; e posto que na conta o offereceu outra vez e restituiu inteiro; porque não tinha negociado com elle nem acquirido cousa alguma, o Senhor não só o lançou fóra de sua casa e o mandou privar do talento; mas o pronunciou por máu criado: *Serve nequam*: que foi a sentença de sua condemnação. E se quem na conta torna a entregar o talento que Deus lhe deu inteiro e sem defraudo se condemna; que será dos que o desbaratam e perdem e talvez o convertem contra si e contra o mesmo Deus.

Não só são talentos os dons da natureza e os gratis dados da graça, senão tambem as privações d'elles.

Para intelligencia d'esta gravissima e perigosa materia havemos de suppôr o que não se cuida; e é, que não só são talentos os dotes de natureza, os bens de fortuna e os dons particulares da graça, senão tambem os contrarios ou privações de tudo isto. Não só é talento a formosura, senão tambem a fealdade: não só as grandes forças, senão a fraqueza: não só o agudo intendimento, senão o rude: não só a perfeita vista, senão a cegueira: não só a saude, senão a infermidade: não só a larga vida, senão a breve. Do mesmo modo nos bens que chamam de fortuna, não só é bem o illustre nascimento, senão o humilde; não só as dignidades altas, senão o logar e officio abatido: não só as riquezas, senão a pobreza: não só o descanço, senão

os trabalhos: não só os successos prosperos, senão os adversos: não só os mandos, senão o ser mandado: não só as victorias e triumphos, senão o ser vencido. Finalmente nos dons da graça que se chamam gratisdados, não só é graça o dom das linguas, mas o não saber fallar ou ser mudo: não só o das lettras e sciencias, senão o da ignorancia: não só o do conselho e discrição, senão o de não ter nem poder dar voto: não só o da ostentação e boato dos milagres, senão o de não ser em cousa alguma maravilhoso, mas totalmente desconhecido e desprezado. A razão d'esta verdade interior e providencia verdadeiramente divina, é, porque todas estas cousas, posto que entre si contrarias, pódem ser meios que egualmente nos levem á salvação e promovam á virtude; principalmente sendo distribuidos e dispensados por Deus e applicado conforme ao genio de cada um: que por isso diz o Texto que foram dados os talentos· *Unicuique secundum propriam virtutem*. Assim que tanto se podia aproveitar Rachel da sua formosura, como Lia da sua deformidade: tanto Achitophel de seu intendimento, como Nabal da sua rudeza: tanto Mathusalem dos seus novecentos annos, como o moço de Naim dos seus vinte: tanto Arão da soltura e eloquencia da sua lingua, como Moysés do impedimento da sua: tanto S. Pedro dos seus milagres, como o Baptista de nunca fazer milagre. D'aqui se segue que tanta conta ha de pedir Deus ao rico da sua riqueza, como ao pobre da sua pobreza: tanto ao são da sua saude, como ao doente da sua infermidade: tanta ao honrado da sua estimação, como ao affrontado da sua injuria; e tanta a todos do que deu a uns, como do que negou a outros: porque se o rico póde grangear com o seu talento por meio da esmola, o pobre póde com o seu por meio da paciencia, e assim dos demais. Antes é certo que entre as cousas que se chamam prosperas ou adversas, mais efficazes são para o merecimento as que mortificam a natureza, que as que lisongeam o appetite; e mais seguras para a salvação as que pesam e carregam para a humildade, que as que elevam e desvanecem para a soberba. D'esta maneira devemos acceitar como da mão de Deus e contentar-nos com o talento ou talentos que elle foi servido dar-nos: ou sejam como os cinco, ou como os dous ou como um sómente. Quando o rei distribuiu os talentos aos creados, não lémos que algum d'elles se descontentasse da repartição. Se os que Deus deu aos outros, são maiores que os vossos, elles terão mais e vós menos de que dar conta ao mesmo Deus. Mas sómos como os que lançam nas rendas dos reis; que só olham para o que recebem de presente e não para a conta que hão de dar de futuro.

Admiravel foi n'este genero a variedade e repartição de fortunas com que Jacob (digamol-o assim) fadou a seus filhos, quando na hora da morte lhes lançou a benção. Usou de nomes de differentes animaes; e a Judas chamou leão, a Dan serpente, a Benjamim lobo, a Nephtali cervo, a Issachar jumento! Os animaes todos teem suas inclinações instinctos e propriedades; e todos suas como virtudes ou vicios naturaes: o leão generoso, a serpente astuta, o lobo voraz, o cervo ligeiro, o jumento soffredor do trabalho; e debaixo d'estas metaphoras significava Jacob aos filhos os talentos de cada um e o uso d'elles e quaes haviam de ser as acções e successos de suas vidas e descendencias. E sendo assim que estes irmãos soffreram tão mal ao mesmo pae fazer uma tunica a um d'elles de melhor estofa, que por isso a quizeram tingir em seu proprio sangue; como agora nenhum d'elles se queixa de os vestir de tão differentes pelles e pellos, e de lhes dar ou chamar tão differantes nomes e de tão differente nobreza, quanto vai de lobo a cervo, de serpente a leão e de leão a jumento? Porque na differença da tunica obrava Jacob como pae em seu nome: na differença e repartição dos talentos fallava como propheta em nome de Deus; e como a repartição era feita por Deus e os talentos dados por elle, posto que fossem tão diversos na estimação e credito, quanto vai do imperio á servidão e do leão ao jumento, todos abaixando a cabeça se contentaram e conformaram com a sua sorte e nenhum houve que abrisse a bocca para se queixar, ou mettesse os olhos debaixo das sobrancelhas para mostrar descontentamento. E que dirão a isto os que tantas vezes deixaram a religião e a mesma fé por não terem humildade nem paciencia para soffrer que se lhes antepozessem os que não podiam egualar no talento! Todo o talento é arriscado a o perder, ou não dar boa conta d'elle a presumpção humana: os maiores pela soberba, os menores pela inveja e os minimos pela desesperação e pusillanimidade. Mas quem poderá curar a cegueira e contentar a inveja dos que se vêem excedidos? Saul porque ouviu (vede a quem!) porque ouviu que as chacotas lhe preferiam a David, tantas vezes e por tantos modos o quiz matar; e por isso perdeu a coroa.

Como é que os filhos de Jacob ficaram satisfeitos com as benções que receberam de seu pae, ainda que tão differentes.

IX. A conta das dividas é a que só nos resta ultima maior e mais difficultosa de todas. Esta se contem na parabola do outro rei, o qual fez o que muitos não fazem, que é tomar conta aos creados da sua casa: *Voluit rationem ponere cum servis suis.* Do que logo se segue no principio das contas se mostra bem que este chamado rei seria o mais poderoso e rico monarcha de quantos houve ou não houve no mundo; porque o primeiro

3.ª Conta. Parabola do creado que devia dez mil talentos. *Matth.* 18.

creado foi convencido de que era devedor á fazenda ou erario real de cento e vinte milhões de ouro. Tanto veem a montar os que o Texto chama *decem millia talenta;* porque fallando Christo com os hebreus e na lingua hebraica, tambem o computo e valor da divida se ha de intender de talentos, não gregos, senão hebraicos. Mas como era possivel que um creado devesse a seu rei cento e vinte milhões? Respondo, que quando a parabola dissera dez mil vezes outros tantos, ainda diria muito menos do que queria significar. Porque este rei é Deus, e esta divida, é a dos beneficios que Deus tem feito ao homem; e como o menor beneficio divino por si mesmo ou por seu auctor é de valor infinito, não ha numero em toda a arithmetica, nem preço em todas as creaturas com que se possa comparar, quanto mais egualar.

Eloquente declaração de Sancto Agostinho. O que devemos ao poder de Christo.

Sancto Agostinho para representar mais clara e mais patentemente esta conta introduz ao mesmo Christo fazendo-nos por sua propria pessoa os cargos do que lhe devemos, como fará no dia do juizo *Quid est quod debui ultra facere vineae meae et non feci?* Que cousa ha que eu devesse fazer-te, ó homem, ou devesse fazer por ti, que não tenha feito? De nada te era devedor; e como se o fôra de quanto tenho, de quanto posso e de quanto sou, tudo empreguei, e despendi comtigo. Creei-te quando não eras, tirando-te dos abysmos do não ser ao ser; dei-te um corpo formado com minhas mãos o mais perfeito; dei-te uma alma tirada de minhas entranhas e feita á minha imagem e similhança; ornei e habilitei um e outro com as mais excellentes potencias e os mais nobres sentidos para que fossem os instrumentos com que me servisses e amasses; e tu, ingrato, que fizeste? Dá conta dos cuidados, pensamentos e maquinas do teu intendimento; das lembranças e esquecimentos da tua memoria, dos desejos e affeições da tua vontade. Dá conta de todos os passos de teus pés, de todas as obras de tuas mãos, de todas as vistas de teus olhos, de todas as attenções de teus ouvidos, de todas as palavras de tua lingua e de tudo o mais que tu sabes e não cabe em palavras. Depois de creado que seria de ti, se eu com o mesmo poder e providencia te não conservara? De repente perderias o ser e tornarias ao nada d'onde saiste. Para tua conservação te dei não só o necessario, senão o superabundante e tanta immensidade de creaturas no céu e na terra, todas sujeitas a ti e occupadas em teu serviço. Dei-te um anjo que de dia e de noite, velando e dormindo te assistisse e guardasse, como sempre assistiu e guardou. Agora te revelo os perigos secretos e occultos de que foste livre por seu meio; e tu lembra-te dos publicos e manifestos que experimen-

taste e viste. Quantos pereceram em outros muito menores! Quantos mais moços que tu acabaram de mortes desastradas e repentinas sem tempo nem logar de arrependimento e emenda que eu sempre te concedi! Dá, pois, conta da vida, dá conta da saude, dá conta dos annos, dá conta dos dias, dá conta das horas; sendo mui poucas e contadas as que não empregaste em me offender.

O que devemos ao seu amor.

Até agora te referi as dividas exteriores do poder: agora me responderás ás interiores e pessoaes do amor e do muito que fiz e padeci por ti. Por ti, depois de te fazer á minha imagem e similhança, me fiz á tua, fazendo-me homem: por ti vivi trinta annos sujeitos á obediencia de um official, ajudando o trabalho de suas mãos com as minhas e acompanhando o suor de seu rosto com o meu: por ti e para ti sai ao mundo a prégar o reino do céu: por ti nas peregrinações de toda a Judéa e Galiléa sempre a pé e muitas vezes descalço, padeci fomes, sedes, pobrezas, sem ter logar de descanço, nem onde reclinar a cabeça: por ti suei sangue, por ti fui preso, por ti affrontado, por ti esbofeteado, por ti cuspido, por ti açoitado, por ti escarnecido, por ti coroado de espinhos, por ti, emfim, crucificado entre ladrões, aberto em quatro fontes de sangue, atormentado e affligido de angustias e agonias mortaes e ainda depois de morto atravessado o coração com uma lança. De tudo isto pedi por ti perdão a Deus, e o pago que tu me deste, foi não me perdoar, tornando-me a crucificar tantas vezes, quantas gravemente peccaste. Se as gotas de sangue que derramei por ti tiveram conto, nem á divida de uma só me puderas responder, ainda que padeceras por mim mil mortes: mas os milhares e os milhões foram das vezes que pizaste o meu sangue, sacrificando o infinito valor e merecimento d'elle aos idolos do teu appetite.

Divida da vocação á fé.

Ainda em certo modo é maior divida a de que agora te pedirei conta, que é a da vocação. Reservei o saires á luz d'este mundo para o tempo da lei da graça, chamei-te á fé antes de me poderes ouvir, anticipou-se o meu amor ao teu uso da razão e fiz-te meu amigo pelo baptismo. Com o leite e doutrina da Egreja te dei o verdadeiro conhecimento de mim, beneficio que por meus justos juizos em quatro e cinco mil annos não concedi a tantos e de que ainda nos taes dias careceram muitos. Não tiveste juizo nem consideração para ponderar e pasmar de que, tendo a minha justiça razões para condemnar um gentio, que me não conheceu, as tivesse minha misericordia para perdoar a um christão, que conhecendo-me tanto me offendia! Caiste e tornei-te a chamar e dar mão para que te levantasses; le-

vantado tornaste a reincidir uma e tantas vezes; e eu, posto que tão repetidamente offendido e com tão continuadas experiencias da pouca firmeza de teus propositos e falsidade de tuas promessas, não cessei de te offerecer de novo meus braços e te receber sempre com elles abertos; até que infiel, rebelde e obstinado, cerrando totalmente os ouvidos a minhas vozes, te deixaste jazer no profundo letargo da impenitencia final. Dá agora conta de tantas inspirações minhas, de tantos conselhos dos confessores e amigos, de tantas vozes e ameaças dos prégadores: que ou não querias ouvir ou ouvias por curiosidade e ceremonia.

Divida dos sacramentos.

Septe fontes de graça deixei na minha Egreja (que é o beneficio da justificação) para que n'elles se lavassem as almas de seus peccados e com ellas se regassem e crescessem as virtudes. Em uma te facilitei em tal fórma o remedio para todas as culpas, que só com as confessar te prometti o perdão, que tu não quizeste acceitar, fugindo da benignidade d'aquelle sacramento como rigoroso e amando mais as mesmas culpas que estimando o perdão. Em outra te dei a comer minha carne e a beber meu sangue e junctamente os thesouros infinitos de toda a minha divindade em penhor da gloria e bemaventurança eterna que foi o altissimo fim para que te criei. Desprezaste o fim, não quizeste usar dos meios; e porque escolhestes antes estar para sempre sem mim no inferno que commigo no céu: tua é, não minha a sentença: «Vae» com os outros malaventurados: *Ite maledicti in ignem aeternum.*

Conclusão terribilissima da conta; e observação do mesmo Sancto Agostinho. Hom. 42.

X. Aqui virão a parar todos os que tão descuidados vivem de dar boas contas n'aquelle dia. Oh dia de ira! Oh dia de furor! Oh dia de vingança! Oh dia de amargura! Oh dia de calamidade! Oh dia de miseria! Oh dia sobre toda a comprehensão terrivel! Assim lhe chamam com horror os clamores dos prophetas pela estreitissima conta que n'elle se nos ha de pedir a todos. E se tudo passa para a vida e nada passa para a conta; que cegueira e que insania é a dos que todos seus cuidados empregam no que passa, sem memoria nem cuidado do que não ha de passar? Póde caber em intendimento com juizo maior loucura, que trabalhar de dia e de noite um homem e cançar-se, e desvelar-se, e matar-se pelo que passa com a vida e ha de deixar com a morte; e não ser o seu unico cuidado e desvelo tractar do que só ha de levar comsigo e do que só lhe ha de pedir conta? Ouçam estes loucos novamente a Sancto Agostinho. Peccas ó homem por amor do dinheiro? E cá ha de ficar o dinheiro. Peccas por amor da herdade? E cá ha de ficar a herdade. Peccas por amor da mulher? E cá ha de ficar a mu-

liber. Mas havendo de ficar cá tudo aquillo por que peccaste, o que só has de levar comtigo é o peccado: *Quidquid est propter quod peccas, hic dimittis; et ipsum peccatum quod committis, tecum portas.* Toda a materia dos peccados cá ha de ficar, porque passou com a vida; e só o peccado ha de ir comnosco, porque não passou para a conta.

Practica dos reprobos no inferno. *Sap.* 5.

Parece-nos que para desenganar a quem tem fé, basta a evidencia d'estes dous ponctos. O que só quizera alcançar de Deus e pedir aos que me ouviram, é, que tomem este desengano em quanto vivem n'este mundo e não o guardem para a outra vida. Descreve o Espirito Sancto no livro da sabedoria uma practica que tiveram entre si no inferno os que lá foram depois de ter gastado a vida em tudo o que passa com a mesma vida. O certo é (diziam) que erramos o caminho e que andamos ás escuras e que em tantos dias quantos vivemos nunca nos amanheceu a luz do sol. Que nos aproveitaram a soberba, a gloria vã das honras do mundo? De que nos serviu a jactancia das riquezas? E os gostos, delicias e passatempos em que ellas se consomem, de que nos aproveitaram? Todas estas cousas passaram como a sombra: todas passaram como o correio que sempre caminha e não pára: todas passaram como a setta despedida do arco ao logar destinado; que dividindo o ar, o qual logo se cerra e une, não se póde conhecer por onde passou. Agora agora conhecemos bem no inferno e não achamos comparação com que bastantemente declarar a summa velocidade com que todas as cousas passaram e com a mesma pressa passámos nós; porque apenas nascidos logo deixamos de ser; e sem deixar signal algum de virtude em nossos proprios vicios nos consumimos. Isto conferiam entre si n'aquella triste e tarde desenganada conversação os miseraveis condemnados; os quaes para maior dôr levantando os olhos ao céu e vendo lá gloriosos e triumphantes os que tractaram mais da estreiteza da conta, que da largueza da vida, com vozes que lhes saiam do interior angustiado e com arrependimento e gemidos, que já não aproveitavam, diziam entre si comsigo: Aquelles são os de que nós zombámos, rindonos dos seus escrupulos de consciencia e das penitencias e rigores com que mortificavam seus corpos; quando nós só tractavamos de regalar os nossos e satisfazer nossos appetites; e agora vêmos que elles foram os prudentes e sisudos, e nós os loucos e insensatos; pois elles pondo os olhos no fim e no premio de que nós não fizemos caso, estão gozando da gloria entre os sanctos, como nós padecendo as penas entre os condemnados. Taes são as cousas que disseram (conclúi o Espirito Sancto) e taes os discursos que fizeram no inferno os maus

quando lá se viram. Vejamos agora e consideremos bem os que por misericordia de Deus ainda temos tempo e vida, se é melhor aproveitar d'este desengano n'este mundo ou guardal-o para a outra vida; e se folgaremos no dia da conta de ter imitado os prudentes, que eternamente hão de gozar a vista de Deus no céu; ou de ter acompanhado os loucos e insensatos que hão de padecer as penas do inferno por toda a eternidade.

(Ed. ant. tom. 5.º, pag. 1, ed. mod. tom. 1, pag. 140.)

SERMÃO DA SEGUNDA DOMINGA DO ADVENTO **

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—O sermão é um dos mais ingenhosos e elegantes na ordem e elocução. Desde a primeira palavra até á ultima arrebata o leitor ao passo que o faz envergonhar de seus juizos temerarios e injustos. A materia é muito do genio do orador.

Joannes in vinculis.
MATTH. C. 11

Hade haver outro juizo e outro mundo. Prova-se com a razão.

Que ha de haver outro juizo e outro mundo, nos ensinou a Egreja catholica o domingo passado com a fé: o mesmo artigo, se me não engano, nos prova hoje com a razão. Diz o evangelista S. Mattheus que o Baptista, aquelle grande sancto, aquelle grande precursor de Christo, por mandado de Herodes, aquelle mau homem e aquelle mau rei, está hoje em prisões: *Joannes in vinculis*. O Baptista em prisões? Logo ha de haver outro juizo e outro mundo. Provo a consequencia. Porque se ha Deus, é justo: se é justo ha de dar premio a bons e castigo a máus: no juizo d'este mundo vemos os máus como Herodes, levantados, os bons, como o Baptista opprimidos: segue-se logo que ha de haver outro juizo e outro mundo: outro juizo em que se emendem estas desegualdades e injustiças; outro mundo, em que os bons tenham o premio de seus merecimentos e os máus o castigo de suas culpas. Oh que altos são os segredos da divina providencia! Os nossos proprios vicios faz que sejam testemunhas da nossa fé. Um dos principaes fundamentos da nossa fé é a immortalidade das almas; e a nossa injustiça é a mais evidente prova da nossa immortalidade. Se os homens não foram injustos, podera-se duvidar se eram immortaes: mas permitte Deus que haja injustiças no mundo para que a innocencia tenha corôa e a immortalidade prova. Quem póde

duvidar da immortalidade da outra vida, se vê n'esta a maldade de Herodes levantada ao throno e a innocencia do Baptista posta em prisões: *Joannes in vinculis?*

Differença do juizo de Deus ao juizo dos homens.

Mas assim como as prisões do Baptista confirmam a doutrina que préguei no sermão passado, assim tambem «nos mostram a differença que vai do juizo de Deus ao dos homens. Que terrivel é o juizo de Deus! E que terrivel é tambem o juizo dos homens! Porém o juizo de Deus é terrivel por ser justo e filho da verdade; o juizo dos homens é terrivel por ser injusto e parto da mentira. Não ha duvida que pela sua injustiça ha de ser terrivel aquelle juizo em que até a innocencia do Baptista sái condemnada! Mas declaremos esta verdade descendo a razões particulares.

Deus julga fundado no intendimento, e os homens fundados na vontade.

II. A primeira razão d'esta injustiça e da differença que ha entre o juizo de Deus e o dos homens,» é que Deus julga «fundado» no intendimento, os homens julgam «fundados» na vontade. Quem julga «fundado no» intendimento, póde julgar bem e póde julgar mal: quem julga «fundado na» vontade, nunca póde julgar bem e é sempre injusto. A razão é muito clara: porque quem julga «fundado no» intendimento, se intende mal julga mal, se intende bem julga bem: porém quem julga «fundado na» vontade, ou queira mal ou queira bem, sempre julga mal: se quer mal julga como apaixonado, se quer bem julga como cego. Ou cegueira ou paixão, vêde como julgará a vontade com taes adjunctos. No juizo divino não é assim: julga só o intendimento e tal intendimento.

O officio de julgar dado ao Filho e não ao Espirito Sancto Joan. 5.

Declarando o mesmo Christo Senhor nosso os poderes supremos de Juíz universal do mundo, diz que o Pae deu todo o juizo ao Filho: *Pater omne judicium dedit Filio*. Pergunto; e porque o não deu o Padre ao Espirito Sancto? Para um juizo perfeito requerem-se tres cousas; sciencia para examinar, justiça para julgar, poder para executar. Pois se a pessoa do Filho e a do Espirito Sancto teem a mesma sabedoria, a mesma justiça, a mesma omnipotencia; por que razão dá o Padre Eterno o officio de julgar ao Filho e não ao Espirito Sancto? A razão moral e altissima é esta: porque o Espirito Sancto procede por acto de vontade e o Filho é gerado por acto de intendimento; e o julgar (ainda que seja Deus o que julga) pertence ao intendimento e não á vontade. Ao Espirito Sancto que procede por vontade deu-lhe o Padre o despacho das mercês: *Dator munerum;* ao Filho que se produz por intendimento, deu-lhe o juizo das culpas: *Omne judicium dedit Filio*: porque o dar, para que se agradeça, ha de proceder da vontade; e o condemnar para que se não erre, ha-o de regular o intendimento. De ma-

neira que em Deus a vontade e o intendimento teem repartido os officios: o intendimento julga e a vontade dá. Nos homens não passa assim: o intendimento está deposto de seu officio; a vontade serve ambos: a vontade é que dá, a vontade é que julga. A queixa de ser a vontade a que dá, deixemol-a aos cubiçosos e aos pretendentes; a semrazão de ser a vontade a que julga é a que faz terrivel o juizo humano «e radicalmente injusto».

Abono da luz creada no juizo de Deus e desabono da increada no juizo dos homens. *Joan.* 3.

Todos sabem que quando a primeira vez appareceu a luz deante do juizo de Deus saiu d'elle com grandes approvações: *Fiat lux et facta est lux, et vidit Deus lux quod esset bona.* Com estas abonações do juizo de Deus para a «luz creada» entrou a luz «increada que é a luz da verdade» ao juizo dos homens; e como vos parece que sairia d'elle? Está registrado no capitulo terceiro de S. João; e foi necessario que o mesmo Christo o dissesse para que nós o cressemos: *Venit lux in mundum et dilexerunt homines magis tenebras quam lucem.* Veio a luz ao mundo e os homens antepozeram as trevas á luz. Ha tal sem razão! Ha tal cegueira! Ha tal maldade! Quem houvera de crêr de juizos racionaes uma sentença tão barbara como esta, se o não affirmara o mesmo Christo? Ha cousa mais formosa, ha cousa mais util, ha cousa no mundo mais necessaria que a luz «da verdade»? Pelo contrario ha cousa mais feia, ha cousa mais horrenda, ha cousa mais inutil, ha cousa mais cheia de inconvenientes que as trevas «da ignorancia»? Não são estas trevas, «mais que as trevas da noite», a capa dos latrocinios, as terceiras dos adulterios, as cumplices e as consentidoras dos maiores insultos, das maiores enormidades que se commettem no mundo? Pois como é possivel que homens com olhos e com intendimento antepozessem as trevas á luz? As mesmas palavras evangelicas deram razão: *Dilexerunt magis*, julgou «n'elles» a vontade e não o intendimento; e onde a vontade é juiz taes como estas são as sentenças. Que havia de fazer uma cega senão condemnar a luz? Amaram mais: eis aqui todo o juizo dos homens: amaram mais ou amaram menos. Se amaram, ainda que seja as trevas, as trevas hão de ser melhores que a luz. Se não amaram ainda que seja a luz, a luz ha de ser peior que as trevas. Vêde que segurança póde ter o merecimento ou que immunidade a innocencia em tal juizo. O summo merecimento e summa innocencia o diga.

A sentença de Pilatos contra Christo e a de Herodes contra o Baptista.

Presentado Christo ante Pilatos tirou elle as testimunhas, examinou as accusações e declarou a Christo por innocente: Eu nenhuma cousa acho n'este homem. D'ahi a pouco levaram a Christo ao Calvario, pregaram-no em uma cruz, e pozeram n'el-

la, diz o Texto, a sua causa escripta. Pois se Pilatos não achou causa em Christo, como lhe pozeram a causa escripta na cruz? Aqui vereis quanto vai do juizo do intendimento ao da vontade. Depois que Pilatos declarou a innocencia de Christo, devolveu as accusações ao juizo da vontade dos principes dos sacerdotes: *Jesus vero tradidit voluntati eorum*; e como Christo foi julgado no juizo da vontade, logo lhe acharam causa para o crucificar. No juizo do intendimento ainda que era o intendimento de Pilatos, não se achou causa; no juizo da vontade ainda que era o julgado de Christo, achou-se-lhe causa. E porque acha mais a vontade sendo cega, que o intendimento sendo lynce? Porque o intendimento acha o que ha; a vontade acha o que quer. Conforme a vontade quer, assim acha. Se a vontade quer favorecer, achará merecimento em Barrabbás; se a vontade quer condemnar achará culpa em Christo. «Oh! quantas vezes torna a dar o mundo esta sentença! Quantas vezes veem a juizo a luz e as trevas, e sái condemnada a luz, porque julgou-a não o intendimento, senão a vontade!» Que culpas tinha o Baptista contra Herodes para o metter em prisões? Mas tinha contra si a vontade que era a maior culpa de todas. Bem intendia Herodes que era innocente o Baptista... mas não quero ir por aqui... Ou Herodes intendia que era innocente o Baptista ou não o intendia. Se o não intendia, vêde a cegueira da vontade que o fazia intender contra a razão: se o intendia vêde a tyrannia da vontade que o fazia obrar contra o que intendia. De uma maneira ou de outra sempre o Baptista tinha certos as prisões «e nos mostrava» a injustiça terrivel do juizo humano»: *Joannes in vinculis*.

No juizo de Deus basta o testimunho da propria consciencia; no dos homens não basta.

III. «A segunda razão d'esta injustiça e da differença do juizo de Deus ao dos homens, é que» no juizo de Deus geralmente basta só o testemunho da propria consciencia, no dos homens a propria consciencia não val testemunha. Vêde que grande fidalguia do juizo de Deus «e que terrivel injustiça do juizo dos homens.» Appareceis deante do tribunal divino: accusem-vos vossas proprias obras, accusem-vos o céu, a terra, o mundo todo; se a vossa consciencia vos não accusa, estais-vos rindo de todos. No juizo dos homens não é assim. Tereis a consciencia mais innocente que a de Abel, mais pura que a de José, mais justificada que a de S. João Baptista: mas se tiverdes contra vós um Caim invejoso, um Putiphar mal informado, ou um Herodes injusto, ha de prevalecer a inveja contra a innocencia, a calumnia contra a verdade, a tyrannia contra a justiça; e por mais que vos esteja saltando e bradando dentro do peito a consciencia, não vos hão de valer seus clamores. Que maior des-

canço e que maior segurança que trazer um homem sempre comsigo no seu coração a sua defeza? Accusais-me, condemnais-me, infamais-me: queireis mil testemunhas? Pois ellas estão aqui: *Bona conscientia mille testes.* Mas como a consciencia no juizo humano não val testemunha, quem leva a calumnia nas obras, que importa que tenha as defezas no coração?

A maior defeza e justificação, que Christo teve da sua innocencia, foi o depoimento de Pilatos, quando pedindo a agua lavou as mãos e pronunciou que elle era innocente no sangue d'aquelle justo. Reparou n'esta agua e n'este sangue S. Cyrillo Jerosolymitano; e disse com opinião singular que aquella agua e aquelle sangue que saiu do lado de Christo na cruz faziam allusão a esta agua e a este sangue. A agua significava a agua com que Pilatos lavou as mãos: o sangue significava o sangue que o mesmo Pilatos declarou por justo e os accusadores tomaram sobre si: *Sanguis ejus super nos:* de maneira que assim como cá o réo ou homiziado traz no seio os papeis da sua defeza, assim Christo metteu no coração aquella agua e aquelle sangue em que consistiam os testemunhos authenticos de sua innocencia. Ora vêde agora sair a Christo do pretorio de Pilatos acompanhado de grande tropel de justiças; e vereis na representação d'aquella tragedia o que cada dia acontece no mundo. O innocente caminhava para o supplicio; o pregão dizia as culpas, o coração levava as defezas. As culpas do pregão eram falsas, as defezas do coração eram verdadeiras: mas como o coração no mundo não val testemunha, morreu crucificada a Innocencia. Quantos treslados d'este processo se formam cada dia no juizo humano! Por isso os innocentes padecem e os culpados triumpham. Quem mais innocente que José? E quem mais culpado que a Egypcia? Mas a culpada mostrava os indicios na capa e o innocente tinha as defezas no coração: por isso ella triumpha e elle padece. Morre emfim Christo na cruz, abre-lhe uma lança o peito, fica o coração patente; e então sairam em publico as suas defezas: *Exivit sanguis et aqua.* Pois agora depois de Christo morto? Sim, agora: que essa é a differença que ha de um juizo a outro juizo. No juizo depois da morte, que é o juizo de Deus, então valem as defezas do coração; no juizo d'esta vida, que é juizo dos homens, nenhuma valia tem. Oh desgraçada sorte do coração humano! Poder ser julgado dos homens para a culpa e não valer testemunha para a defeza! «Que terrivel é a injustiça do juizo humano!» Se assim é, que muito que «condemne a innocencia de João» : *Joannes vinculis*?

Exemplo de Christo que vai ao Calvario. *Matth.* 27. *Joan.* 19.

IV. «A terceira razão da injustiça do juizo humano e da jus-

No juizo de Deus as nossas boas obras defendem-nos, no dos homens nos condemnam.

tiça do divino, é que no juizo divino as nossas obras defendem-nos, no juizo humano» o maior inimigo que temos são as nossas obras bôas. Demos revista a alguns exemplares do juizo humano; e constar-nos-ha d'esta verdade. O primeiro condemnado que houve no juizo dos homens foi Abel; e por que culpa? Porque o seu sacrificio agradou mais a Deus do que o de Caim. Ha tal crime como este? Se Abel fôra como Caim elle tivera os seus dias mais bem logrados. Não ha maior delicto ao mundo que o ser melhor. Ao menos eu a quem amara das telhas abaixo antes lhe desejara um grande delicto, que um grande merecimento. Um grande delicto muitas vezes achou piedade, um grande merecimento nunca lhe faltou a inveja. Bem se vê hoje no mundo: os delictos com carta de seguro, os merecimentos homiziados. Vamos a outro exemplar. Saul condemnou tantas vezes á morte a David; e chegou a lhe tirar elle mesmo ás lançadas; e por que crimes? Porque se cantava nas ruas de Jerusalem que David era mais valente que Saul: *Percussit Saul mille, David autem decem millia.* Este premio tirou David de matar um gigante com a funda. Mais venturosos haviam de ser os tiros, se não deram tamanho estalo. Ao gigante derrubou a pedra e a David o sonido. Vamos ao terceiro exemplar... Mas para que é ir mais longe se temos o maior exemplo de todos no Evangelho?

1. *Reg.* 28.

Christo condemnado por causa dos seus milagres. *Joan.* 11, 12.

Mandou o Baptista do carcere dous discipulos seus que fossem perguntar a Christo se era elle o Messias. Suspendeu o Senhor a resposta; porque havia ao redor grande multidão de infermos que esperavam; e depois de os sarar milagrosamente, voltou-se para os embaixadores do Baptista e disse-lhes assim: Ide, dizei a João o que ouvistes e vistes: os cegos vêem, os mancos andam, os mortos resuscitam; e bemaventurado o que se não escandalizar em mim. Aqui eu reparo. E que tinha feito Christo para se escandalizarem os homens? Se Christo arrancara olhos e fizera cegos; se cortara pés e fizera mancos; se tirara vidas e matara homens; então tinham razão de se escandalizar de Christo. Mas por causa de sarar, de remediar, de resuscitar? Sim: porque não ha cousa de que mais se escandalizem os homens que de haver quem faça milagres. Antigamente escandalizavam os peccados e edificavam as virtudes: hoje as virtudes escandalizam e queira Deus que os peccados não edifiquem. Deus vos livre de vossas boas obras e muito mais das grandes! Os peccados soffremol-os facilmente; os milagres não os podemos soffrer: e porque? Porque os peccados são offensas de Deus e os milagres são offensa nossa. Bem seguro eu que havia mais de quatro infermos em Jerusalem que não qui-

zeram sér sarados, só porque Christo não fosse o milagroso. Não atirara Saul a lança contra David que lhe tirara a infermidade, se lhe não doera mais o milagre do que lhe agradava a saude. Oh quanto mais seguro é ir «agora» com peccados ao juizo de Deus, que com milagres ao juizo dos homens! Em Deus ha misericordia, na inveja não ha perdão. Que levou a Magdalena ao juizo de Christo? Peccados; e como saiu? Perdoada. Que levou Christo ao juizo dos homens? Milagres; e como saiu? Condemnado: *Quia hic homo multa signa facit.* Ainda dizia mais o processo de Christo; que era tal, que ia todo o mundo após elle: *Ecce totus mundus post eum vadit.* Se disseram que elle ia após o mundo, condemnassem-no muito embora. Mas porque o mundo ia após elle? Eis ahi quaes são os crimes do juizo dos homens. Se fôrdes após o mundo, ninguem vos ha de condemnar. Se o mundo fôr após vós, não vos ha de valer sagrado. Que disse hoje Christo do Baptista? Que despovoavam as cidades para o buscar, para o vêr: que não era cana verde, que se movesse com o vento: que não era homem de côrte, que vestisse sedas, senão cilicios: que era mais que propheta: finalmente que era anjo. Ah sim! Meu sancto Precursor, e vós tendes cinco culpas tão grandes como estas e tão provadas?! Máu pleito levais ao juizo dos homens. A vós vos tirarão dos olhos e dos ouvidos do mundo, a vós vos fecharão em um carcere: *Joannes in vinculis.*

Deus julga o que conhece: os homens o que não conhecem.

V. «A quarta razão da differença que vai do juizo de Deus ao dos homens, é, que» Deus julga o que conhece e os homens julgam o que não conhecem; pois até os pensamentos julgam e condemnam. Ha tal temeridade de juizo? Que julgue o homem as obras que vê, que julgue os palavras que ouve, seja embora: mas que queira julgar os pensamentos, onde não chega com algum sentido do corpo, nem com alguma potencia da alma! Esta é uma das mais graves razões, por que o juizo dos homens é «tão injusto.» Deus julga os pensamentos, mas conhece-os; o homem não póde conhecer os pensamentos e julga-os.

Ainda os mais probos commettem esta injustiça.

Dir-me-heis que os homens julgam os pensamentos pelas obras; e que pelas obras que se vêem, bem se pódem julgar os pensamentos que se não vêem. Se assim fôra, não eram tanto para temer os juizos dos homens; mas vêde quanto ao contrario das obras julgam ainda os melhores homens os pensamentos. Estava Anna, mãe de Samuel, orando no templo com os affectos e effeitos que costumam os affligidos. E que juizo vos parece que faria o summo sacerdote Heli d'esta oração? Julgou que era intemperança; e que os movimentos que fazia Anna com a bocca, tinham a causa na mesma bocca e não no coração las-

timado d'onde saiam. Veio Naaman Syro á terra de Judea para que o propheta Eliseu o curasse da lepra. E que juizo faria el-rei Ezechias d'esta jornada de Naaman? Julgou que era mandado cautelosamente por seu rei, porque tornando-se sem a saude que viera buscar, tomasse d'ahi occasião de queixa, e da queixa passasse ao rompimento de guerra e lhe viesse conquistar o reino. Lançou-se Aman aos pés da rainha Esther pedindo que lhe valesse contra a indignação d'el-rei, de cuja graça se via tão inopinadamente caido. E que juizo faria Assuero d'esta acção de Aman? Julgou-a tanto contra toda a razão e contra o decoro que a si mesmo se devia, que em nenhum pensamento póde caber o pensamento que lhe veio; nem ha palavras com que se possa explicar sem dissonancia: *Etiam reginam vult opprimere, me praesente, in domo mea.* Eis aqui como interpretam os homens as acções; e como julgam por ellas os pensamentos. Anna orava a Deus; e a sua oração foi julgada por intemperança. Naaman buscava a saude; e a sua confiança foi julgada por hostilidade. Aman pedia perdão; e o seu arrependimento foi julgado por sacrilegio. Nem chorar o arrependido, nem curar-se o infermo, nem orar o necessitado. está izento de ser mal julgado dos homens. Anna pedia remedio da sua esterilidade a Deus: Naaman pedia remedio da sua infermidade a Eliseu; Aman pedia remedio da sua infelicidade a Esther; e nem a Esther o ser rainha, nem a Eliseu o ser sancto, nem ao mesmo Deus o ser Deus, lhes valeu aos miseraveis para que escapassem. Nem com os reis. nem com os sanctos, nem com Deus se póde tractar sem ser mal julgado dos homens. Tão injusto é o juizo humano em interpretar as intenções! Tão atrevido e tão temerario é em julgar pelas obras os pensamentos!

Esth. 9.

Que tyrannia é querer julgar os pensamentos

Julgar mal uma obra bôa, grande maldade é: mas julgar ou bem ou mal um pensamento que não póde ser conhecido, ainda é maior tyrannia. Se não conheces, nem pódes conhecer o pensamento, como te atreves, homem, a julgal-o? É tão reservado a só Deus o juizo dos pensamentos, que nem de toda a Egreja catholica fiou Deus o julgar um pensamento: *Ecclesia non judicat de interno.* E o que Deus não fia dos pontifices, o que Deus não fia dos concilios, o que não fia de toda a Egreja que é julgar meus pensamentos, isto faz o juizo de qualquer homem. Parece-vos muito isto? Parece-vos muito que homens julguem pensamentos e condemnem só por pensamentos? Ora aguardae que ainda não disse nada. E quantas vezes vos julgaram e condemnaram os homens pelo que nunca vos passou pelo pensamento?

Eis aqui outra maior differença dos dous juizos. Deus julga e condemna por pensamentos; os homens julgam e condemnam pelo que nunca passou pelo pensamento. Passou-lhe alguma hora pelo pensamento a José atrever-se á honra de seu Senhor? Passou-lhe alguma hora pelo pensamedto a Daniel querer machinar contra o imperio dos Assyrios? Passou-lhe alguma hora pelo pensamento a Christo (que tambem n'isto quiz dar-nos exemplo) querer fazer-se rei temporal, de que tantas vezes fugira? E comtudo José por se atrever a honra de seu senhor está em um carcere; Daniel por machinar contra o imperio está no lago dos leões; Christo por se querer fazer rei está posto em uma cruz. «Que injustiça!» Para Deus condemnar por pensamentos é necessario que haja pensamento, que seja máu e que se consinta. Para o homem condemnar do mesmo modo não é necessario que se consinta, nem que seja máu, nem que haja pensamento. Póde-se imaginar maior rigor, maior injustiça e maior crueldade do que esta? Eu cuidava que não: mas ainda passa adeante a subtileza e a crueldade do juizo dos homens. Não só vos condemnam os homens pelo que não vos passou pelo pensamento a vós; mas condemnam-vos pelo que nem lhes passou pelo pensamento a elles. Mais claro. Não só vos condemnam os homens pelo que vós nunca imaginastes, mas condemnam-vos pelo que nem elles imaginam de vós.

E julgar o que nunca passou pelo pensamento.

Chegaram os irmãos de José ao Egypto: appareceram deante d'elle; e depois que disseram quem eram e a que vinham, seccou-se José mui ao de ministro e com aspecto severo disse: Vão presos estes homens. Presos nós, senhor vice-rei? (replicaram elles tremendo) e porque? Sois espias: vindes a explorar os reinos de Pharaó, meu senhor. As palavras não eram dictas; e já os dez irmãos estavam com os pés e as mãos em outros tantos grilhões e algemas. Pergunto agora: Estes homens imaginaram alguma hora de vir ser espias ao Egypto e explorar os reinos de Pharaó? Claro está que nunca tal imaginaram. Eram uns pobres lavradores, que vinham fugindo á fome, comprando quatro grãos de trigo para manter a vida e deitar á terra. Pergunto mais: E José imaginava d'elles que fossem espias e exploradores? Ainda isto é mais claro e mais certo. Nunca tal imaginou José; porque conhecia muito bem que eram os filhos de Jacob, seu pae. Pois se estes homens nunca imaginaram em ser espias e se José nunca lhe passou pela imaginação que o fossem, como os manda prender? É possivel que hão de estar uns innocentes arrastando cadêias em uma masmorra pelo que nem elles imaginaram, nem imaginou d'elles quem alli os metteu? Assim passa. Na historia de José era aquelle rigor fingido:

E pelo que nem aos que julgam mal lhes passou pelo pensamento. Varios exemplos da Escriptura.

mas ainda mal, porque tantas tragedias se representam no mundo em que as mesmas injustiças são verdadeiras. Diga-o a de Naboth em Samaria e a de Susanna em Babylonia. Por ventura imaginava Jezabel que Naboth blasphemara o nome de Deus e d'el-rei? Não imaginava tal cousa; e comtudo Jezabel fez condemnar a Naboth pelo que nem elle imaginou nunca, nem ella imaginava d'elle. Por ventura os juizes da Babylònia imaginaram de Susanna que violara a fé que devia a Joaquim no crime de que a accusavam? Não lhes passou tal pela imaginação; e comtudo foi condemnada e levada ao supplicio Susanna pelo que nem ella imaginou nem imaginaram d'ella os mesmos que a condemnaram. Quantas vezes julgais, condemnais, infamais e destruis um innocente pelo que nem elle imaginou, nem vós imaginais d'elle? Sabeis de certo que não fez o crime e infamail-o e accusail-o e condemnail-o como se o fizera. Se condemnar por culpas duvidosas é injustiça, condemnar por innocencia conhecida que tyrannia será? A que usa o juizo dos homens com o Baptista: *Joannes in vinculis.*

Deus julga no fim e os homens não esperam pelo fim para julgar.

VI. A quinta razão da differença que acho entre o juizo de Deus e o juizo dos homens é que Deus não julga senão no fim, os homens não esperam pelo fim para julgar. Gran rigor «e injustiça!» Semeou zizania o inimigo na seára do pae de familias; e que aconteceu? Véde a differença do Senhor aos creados. Os creados muito fervorosos disseram: Senhor quereis que vamos e arranquemos logo a zizania? O páe de familias muito repousado respondeu: Deixae nascer, deixae crescer, deixae amadurecer; lá virá o tempo da messe: então se conhecerá qual é o trigo e qual a zizania. Eis aqui qual é Deus no julgar e quaes são os homens. Deus não condemna senão no fim; os homens não esperam pelo fim para condemnar. Deus para colher espera pelo agosto, os homens segam em janeiro. Os que mais timoradamente procedem em julgar antes do fim, são aquelles que regulam os fins pelos principios: mas como os successos do mundo e da vida e muito mais os que dependem do alvedrio não guardam proporção alguma; todo este juizo é incerto e todo injusto.

Quatro pessoas que no dia da Paixão morreram com vida e morte differente.

No dia da Paixão de Christo morreram quatro pessoas notaveis de que faz menção o evangelho. Morreu Christo, morreram os dous ladrões e morreu Judas. Ora notae a differença dos principios e fins de todos, Christo começou bem e acabou bem: o máu ladrão começou mal e acabou mal; o bom ladrão começou mal e acabou bem: Judas começou bem e acabou mal. Taes são as contingencias das cousas do mundo e a pouca proporção que guardam os fins com os principios. Muitas vezes a bons principios seguem-se bons fins, como em Christo, e a

máus principios máus fins, como no máu ladrão; e outras vezes pelo contrario a máus principios seguem-se bons fins, como no bom ladrão; e a bons principios seguem-se máus fins, como em Judas. Por isso quem quizer julgar bem ha de aguardar pelos fins. Nos reinos passa o mesmo que nos homens. Quem julgasse o fim do reino de Saul pelos principios, diria que havia de ser felicissimo; e foi desastrado. Quem julgasse o fim do reino de David pelos principios, diria que havia de ser trabalhoso e foi felicissimo. Antes de vêr o fim não se póde fazer juizo. Se alguem podera julgar antes do fim era Deus; porque conhece os futuros; e comtudo nunca Deus jámais julgou nem condemnou a ninguem, senão depois das obras. O juizo dos homens não é assim: conhece pouco do presente, menos do passado e nada do futuro; e antes das cousas terem ser já estão julgadas. No mesmo dia em que se fez a eleição, já está adivinhado o successo; já está condemnada a obra; já está desacreditada a pessoa. Valha-me Deus; ainda não fiz bem nem mal e já me condemnam! Não teremos uma pouca de paciencia para esperar pelo fim? *Nolite ante tempus judicare:* não queirais julgar ante tempo, diz o Apostolo. Já que quereis ter predistinados e prescitos como Deus; julgae tambem como Deus no fim das obras. Mas que ao predestinado se lhe haja de adivinhar o merecimento para se lhe dar logo o premio; e ao prescito se lhe haja de prophetizar a culpa para o condemnar d'antemão! Terrivel «injustiça.»

1. *Cor.* 4.

No juizo dos homens não vale emenda do passado.

Ainda passa adeante a razão por que Deus julga no fim e os homens não. É porque no juizo de Deus não basta a certeza do futuro para o castigo e basta a emenda do passado sara o perdão. No juizo dos homens nem para o futuro val a incerteza, nem para o passado a emenda. Diz o evangelista S. Marcos que veio Christo Senhor Nosso comer á casa de Simão leproso: *Simonis leprosi:* chamava-se assim este homem, porque fôra leproso antigamente e o mesmo Senhor o sarara. Não sei se reparais na duvida. Se este homem ainda tivera lepra, que lhe chamassem leproso, muito justo: mas se elle estava são, porque lhe hão de chamar leproso? Porque esse é juizo dos homens. Fostes vós leproso algum dia? Pois ainda que Deus faça milagres em vós, leproso haveis de ser todos os dias da vossa vida. Deus poder-vos-ha dar a saude: mas o nome da infermidade não vol-o hão de perdoar os homens. No juizo de Deus com a mudança dos procedimentos, mudam-se os nomes: antigamente ereis Saulo, hoje sois Paulo. No juizo dos homens por mais que os procedimentos se mudem, os nomes não se mudam jámais. Se fostes leproso uma vez. leproso vos hão de chamar

em quanto viverdes: *Simonis leprosi*. Poderá haver milagre para sarar o Simão: mas milagre para tirar o leproso não é possivel. Oh grande semrazão do juizo humano, que da infermidade vos hajam de fazer appellido! E vem a ser peior o appellido que a mesma infermidade: porque a infermidade, quando muito, chega até a morte; o appellido passa a descendencia. O juizo de Deus terrivel é, mas posso-me livrar d'elle emendando-me. Porém no juizo dos homens, não val emenda para se livrar d'elle. E se contra o juizo dos homens não val emenda onde a ha; que remedio teria aquelle innocente em que a não podia haver, porque não havia que emendar, *Joannes in vinculis*?

Varias outras differenças aponctadas.

VII. Res am muitas outras razões com que se póde provar e amplificar a mesma verdade. Mas porque nem o tempo dá logar, nem eu vol-as quizera totalmente dever, partamos o trabalho: eu as aponcto, discorrei-as vós.

Os homens julgam-nos ainda na infancia.

«Justo é o juizo de Deus e injusto» o juizo dos homens: e porque? Porque o juizo de Deus começa a julgar desde os annos do uso da razão por deante; o juizo dos homens muito antes do uso da razão julga e condemna. Digam-no as lagrimas de Rachel e o sangue dos innocentes de Bethlem. Faltavam-lhes cinco annos para o alvedrio, e bastaram-lhe dous para o cutello.

Julgam-nos no somno.

Ainda depois do uso da razão não nos julga Deus mais que duas partes da vida, porque a terceira parte que nos leva aquella morte quotidiana a que chamamos somno, como não é capaz de peccar, nem de merecer, não a julga Deus. No juizo dos homens não é assim: nem dormindo nos izentamos de sua jurisdicção. Dormindo estava José quando sonhou; e porque sonhou o condemnaram á morte os seus irmãos.

Julgam até do impossivel. *Joan.* 19.

Deus no «dia do» juizo ha de vir a julgar os vivos e os mortos: os homens no seu juizo julgam os vivos, julgam os mortos e julgam os por nascer. Não vos lembra a historia do cego de nascimento a quem Christo deu vista? Ainda não era nascido e já o faziam peccador. *Domine quis peccavit? Hic aut parentes ejus ut caecus nasceretur?* Deus julga sómente do facto os homens até do impossivel.

Julgam atraiçoando-nos com as obras.

Antes do «mesmo» dia do juizo ver-se-hão muitos signaes. Mas notae a differença. No juizo de Deus os signaes dizem com o juizo; no juizo dos homens o juizo não diz com os signaes. No juizo de Deus dizem os signaes com o juizo; porque os signaes são de rigor e o juizo é rigoroso: no juizo dos homens o juizo não diz com os signaes; porque os signaes são de amizade e o juizo é de odio. Vêde-o em Judas: os signaes eram abraços e o juizo traições.

Deus no seu juizo é verdade que ha de lançar homens ao inferno; mas ha de ser dizendo-lhe muito clara e distinctamente. *Ite maledicti in ignem aeternum*. Os homens não fazem assim no seu juizo. Estão-vos dizendo: *Venite benedicti:* Bemdicto e bemvindo sejais; e no mesmo tempo estão-vos mettendo e desejando debaixo do inferno.

E com as palavras.

Deus julga a cada um pelo que é; os homens julgam a cada um pelo que são. Mais claro. Deus julga-nos a nós por nós; os homens julgam-nos a nós por si. Donde se segue que para sêrdes bem julgado no juizo de Deus basta que vós sejais bom; mas para sêrdes bem julgado no juizo dos homens é necessario que ninguem seja máu. Terrivel juizo em que para eu não sair condemnado é necessario que todo o mundo seja innocente!

Julgam-nos pelo que são.

Deus julga como juiz: os homens julgam como judiciarios. Entre o juiz e o judiciario ha esta differença, que o juiso suppõi o caso, o judiciario adivinha-o. Quantos vemos hoje julgados e condemnados por adivinhação, não pelo que fizeram, mas pelo que se adivinha que haverão de fazer.

Julgam-nos como judiciarios.

Emfim no juizo de Deus «somos» julgados pelos mandamentos: quem guarda os mandamentos póde estar seguro: no juizo dos homens não aproveita guardar os mandamentos. Fizestes o que vos mandaram e muito melhor do que vol-o mandaram e sobre isso sois julgado e condemnado. «Lembrae-vos da historia de Urias que teve a morte e a infamia por pago da sua heroica fidelidade.» Ha juizo tão cruel como este? O mesmo que na côrte de Herodes condemnou á morte o Baptista: *Joannes in vinculis*.

E nos pagam os serviços condemnando-nos.

VIII. Senhores, tenho acabado o sermão; e parece que me tem acontecido n'elle o que succede aos máus medicos e aos máus conselheiros. O máu medico encarece a infermidade e não lhe dá remedio: o máu conselheiro exaggera os inconvenientes e não dá meio com que os melhorar. O officio do prégador tambem é de curar e de aconselhar. Tenho encarecido a infermidade, tenho ponderado os inconvenientes, tenho mostrado a cegueira, a semrazão, a injustiça, a tyrannia do juizo dos homens; mas que é do remedio para nos livrar d'este juizo? Verdadeiramente difficultosa e impossivel cousa parece achar remedio para escapar do juizo dos homens, sendo tantos, tão livres e tão temerarios.

Conclusão. Qual o remedio para escapar do juizo dos homens?

Mas ouçamos o que resolve n'esta materia o Todo poderoso com sabedoria infinita: *Nolite judicare ut non judicemini; in quo enim judicio judicaveritis, judicabimini*: se não quereis que vos julguem, não julgueis; porque com o mesmo juizo com que jul-

Julgar bem aos outros.

gardes, sereis julgados. Esta sentença de Christo Senhor Nosso ou se póde intender do juizo dos homens para com os homens, ou do juizo de Deus para com elles. Se se intender do juizo de Deus para com os homens é absoluta e universalvente verdadeira; mas se se intender do juizo dos homens para com os homem, não. D'onde se torna a confirmar outra e mil vezes quanto seja injusto e terrivel o juizo dos homens. No juizo de Deus para com os homens é sempre verdadeira; porque como altamente disse S. João Chrysostomo o juizo com que nós nos julgamos uns aos outros é lei que puzemos à Deus para que elle por ella nos julgue tambem a nós. Porque se nós julgarmos com benignidade aos nossos proximos, tambem Deus nos julgará benignamente: mas se nós os julgarmos severamente tambem elle nos julgará com severidade. De sorte que no juizo de Deus para com os homens esta regra é geral sem excepção. Porém no juizo dos homens para com os homens tem tão pouca certeza nem ainda probabilidade, que até o mesmo Christo, sendo tão benigno em julgar e perdoar a todos, não escapou de ser tão injustamente julgado e condemnado por elles. Se Christo summa innocencia teve um Annás, um Caiphás, um Pilatos e um Herodes que o julgaram e condemnaram; que homem haverá tão innocente e justo, que por estes quatro juizes não tenha quatrocentos que o julguem e condemnem?

Como isto se verifica.

Com tudo esta mesma sentença ainda que universalmente não é certa no juizo dos homens para com os homens; por dictame natural da razão e por providencia particular de Deus muitas vezes se verifica n'elles: *Nolite judicare et non judicabimini, nolite condemnare et non condemnabimini.* Não julgueis e não sereis julgado; não condemneis e não sereis condemnados. Sabeis porque muitas vezes somos julgados e tão injustamente julgados? Porque tantas vezes somos juizes e injustissimos juizes. Porque julgais as obras alheias, por isso vos julgam as vossas obras; porque julgais as palavras alheias por isso vos julgam as vossas palavras; porque julgais até os pensamentos alheios, por isso vos julgam e vos condemnam até o que não vos passou pelo pensamento. Diz Sanct-Iago na sua canonica que S. Miguel se não atreveu a julgar a Lucifer. Se um seraphim se não atreve a julgar um demonio, como se ha de atrever um homem a julgar outro homem?

Julgue-se cada um a si mesmo e não se importará de julgar os outros.

Se queremos julgar, viremos os olhos para a parte de dentro, que ainda mal, porque tanto acharemos que julgar, que examinar e que condemnar. Se nos julgarmos sem paixão a nós; eu vos prometto que teremos tanto que fazer e tanto que pasmar, que não nos fique nem tempo nem animo para julgar a outrem.

Ora, christãos, por «amor e» reverencia de Deus, pelo que devemos a Christo, pela obrigação que temos a nossas almas, que seja o fructo d'este sermão temer muito um juizo temerario; e não o juizo em que somos julgados, que isso não é culpa nossa; mas o juizo em que nós julgamos, que é a nossa condemnação: *In quo alterum judicas, te ipsum condemnas*, diz S. Paulo: quando julgamos os outros, condemnamo-nos a nós. E quantos condemnados estão hoje no inferno por juizos temerarios! Deus por sua misericordia nos livre de um escandalo como este tão facil e tão ordinario, em que tantas vezes tropeça a caridade, em que tão gravemente se embaraçam as consciencias, em que tão perigosamente se perde a graça e com ella a gloria.

Rom. 2.

(Ed. ant. tom. 5.° pag. 59, ed. mod. tom. 3.° pag. 87)

I. SERMÃO DA TERCEIRA DOMINGA DO ADVENTO **

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Este sermão que na ordem do assumpto se une com os outros do advento, na fórma é muito differente, dando o orador largas ao seu genio chistoso e satyrico um pouco mais do que á dignidade do pulpito parece convir. Comtudo tão grande era sua auctoridade, que bem se póde crer o não faria sem proveito. Para poder imital-o é que se demanda muita discrição.

Tu quis es? Quid dicis de te ipso?
S. JOAN. C. 1.

Os tres juizos das tres domingas do advento.

Tambem hoje temos juizo; e é já este o terceiro. No primeiro sermão vimos o juizo de Deus para com os homens: no segundo o juizo dos homens uns para com os outros: n'este de hoje, que é o terceiro, veremos o juizo de cada um para comsigo. *Tu quis es? Quid dicis de te ipso?* Conteem estas palavras uma proposta ou embaixada que fizeram ao Baptista os sacerdotes e levitas, mandados pelo supremo conselho ecclesiastico de Jerusalem. Querem dizer: Vós quem sois? Que dizeis de vós mesmo? Esta questão determino tractar; porque sendo materia gravissima e de grande importancia em qualquer parte do mundo, em Portugal é ainda ao presente mais grave e mais importante.

Duas questões que de uma pergunta fizeram os phariseus.

II. *Tu quis es? Quid dicis de te ipso?* A primeira cousa em que reparo é que estes embaixadores de uma pergunta fizeram duas questões. Iam perguntar ao Baptista quem era; e para isso parece que bastava dizer: Vós quem sois? E elles disseram: Vós quem sois e vós quem dizeis que sois? Ora os embaixadores não eram homens de capa espada, senão cá do fôro da Egreja: *Sacerdotes et levitas*: mas elles fallâram muito discretamente; e intenderam o negocio, como quem tinham grandes noticias do mundo. Quando iam saber do Baptista quem era, perguntam-lhe: Vós quem sois e vós quem dizeis que

sois: porque os homens quando testemunham de si mesmos, uma cousa é o que são e outra cousa é o que dizem. «Quem» ha n'este mundo que se descreva com sua definição? «Quasi» todos s'enganam no genero e tambem na differença. Que differentes cousas são ordinariamente o que dizeis de vós e o que sois! E o peior é que muitas vezes não são cousas differentes: porque o que sois é nenhuma cousa, e o que dizeis são infinitas cousas.

Na materia de *Vós quem sois* todo o homem mente duas vezes.

N'esta materia de *Vós quem sois*, todo o homem mente duas vezes: uma vez mente-se a si; e outra vez mente-nos a nós: mente-se a si, porque sempre cuida mais do que é; e mente-nos a nós; porque sempre diz mais do que cuida. Bem distinguiram logo os embaixadores o *Tu quis es* do *Quid dicis de te ipso*; e quando iam perguntar ao Baptista o que era, perguntavam o que era e o que dizia; porque «é um milagre achar quem forme tão recto juizo de si mesmo, que ou cuide o que é ou diga o que cuida».

Como é que o anjo Raphael se chamou filho do grande Ananias. *Tob.* 5.

Entrou o anjo Raphael a fallar com o velho Tobias, em trajo de caminhante, ou ainda de caminheiro; e antes de Tobias entregar o filho ao anjo para aquella peregrinação tão sabida, fez-lhe esta pergunta: *Rogo te, indica mihi de qua domo et de qua tribu es tu*: por vida vossa que me digais de que familia e de que tribu sois. A pergunta verdadeiramente era para embaraçar um anjo; mas a resposta foi notavel: *Ego sum Azarias Ananiae magni filius*: eu sou Azarias, filho de Ananias o Magno; como se dissessemos de Carlos Magno, de Pompeu Magno, de Alexandre Magno. Ha tal resposta de um anjo? Em Deus ha Pae e Filho: nos homens e nos animaes ha paes e filhos; nas mesmas plantas ha seu modo de geração: só nos anjos, de todos os viventes do mundo (entrando o creado e o increado) não ha geração, nem pae, nem filho. Pois se nos anjos não ha geração; se nos anjos não ha nem pode haver pae e filho; como diz o anjo Raphael, que é filho do grande Ananias? Aposto eu que estava agora cuidando alguem que para encarecimento do meu assumpto havia eu de dizer que em materia de *Vós quem sois* até os anjos mentem. ....Não digo eu esses arrojamentos; este logar é de verdades solidas. Os anjos não podem mentir nem errar (fallo dos anjos bons). Mas agora fica a difficuldade mais apertada. Pois se os anjos não podem intender nem dizer contra a verdade, como diz o anjo Raphael, que é filho do grande Ananias? Variamente respondem os doutores á duvida; eu o farei com uma comparação. Entra um actor no theatro representando um gentio; e encontrando um idolo prostra-se por terra, bate nos peitos e offerece incenso.

Pergunto agora: Esse homem é idolatra? Claro está que não, ainda que se ajoelha deante do idolo: porque elle não é gentio, faz figura de gentio. O mesmo digo do nosso caso. O anjo não mentiu nem póde mentir, ainda que disse cousa que parece alheia da verdade; porque elle não era homem, fazia figura de homem e fallou como se o fôra. Seja outro anjo fiador d'esta minha resposta. Appareceram a Abrahão no valle de Mambré tres anjos: um de maior auctoridade, a quem elle adorou e outros dous menores que o acompanhavam. E como Sara, mulher de Abrahão, fosse esteril, prometteu-lhe o anjo principal que d'alli a um anno, por aquelle mesmo tempo tornaria, se Deus lhe desse vida e que já então teria Sara um filho: *Revertens veniam ad te tempore isto, vita comite, et habebit filium uxor tua.* Quem haverá que não repare n'aquelle *vita comite*, se eu fôr vivo, dicto isto por um anjo? A razão não só humana mas angelica foi, porque estes anjos appareceram a Abrahão em figura de homens: *Apparuerunt ei tres viri:* e porque os homens prudentes na consideração da incerteza e contingencia da morte, quando promettem alguma cousa do futuro, accrescentam: *Se Deus me der vida*: por isso o anjo accrescentou a mesma condição. Do mesmo modo e com a mesma e ainda maior propriedade fallou o anjo Raphael na resposta que deu a Tobias. Fazia figura de homem, e para fazer bem a figura, uma vez que lhe perguntavam: Vós quem sois? Não havia de dizer o que era, havia de dizer o que não era: e assim o fez: porque «nada é mais proprio» dos homens, que perguntados o que são, dizerem uma cousa e serem outra. E notae que vindo o anjo vestido em um pelote e representando um caminheiro, parece que era mais natural dizer que era filho de um lavrador ou de um pastor d'aquelles campos. E comtudo não disse senão que era filho de Ananias o Grande; porque não ha homem de pé, tão de pé, nem caminheiro tão caminheiro, que se lhe perguntarem d'onde vem, não diga que vem lá do grande Ananias: *Ego sum Ananiae magni filius.*

Gen. 17.

Assim como Tobias ao anjo, assim perguntaram hoje os sacerdotes e levitas ao Baptista: *Tu quis es?* Que responderia aquelle grande varão? *Et confessus est et non negavit et confessus est, quia non sum ego Christus:* e confessou e não negou e confessou que não era elle o Messias. Em toda a sagrada Escriptura, não ha modo de fallar como este. Repetiu o evangelista tres vezes a mesma affirmação «para notar a persistencia com que o Baptista repelliu a proposta declarando quem era; porque se não fallára com esta clareza,» nem elle se acabára de explicar nem os embaixadores o acabaram de crer. Ora a mim

Razão porque o Baptista protesta tres vezes que não é o Messias.

nunca me pareceu esta acção do Baptista tão grande como a fazem. Que havia de fazer o Baptista? Havia de deixar crer que era o Messias? O Baptista nem o podia cuidar como «sancto, nem o podia deixar crer como precursor. Não o podia cuidar como sancto:» porque elle sabía muito bem que era do tribu de Levi, e que o Messias havia de ser do tribu real de Judá; «por onde se cuidasse que era o Messias», peccaria na mais grave materia que houve nunca no mundo. «Não o podia deixar crer como precursor, porque tinha obrigação de allumiar as trevas da ignorancia e abrir-lhe o caminho ao conhecimento da verdade.» Pois porque repetem tanto os evangelistas, e porque exaggeram todos os sanctos e doctores da Egreja esta acção do Baptista? Porque é tão natural aos homens cuidarem mais de si do que são, e dizerem «ou pelo menos deixarem crer» mais de si, do que cuidam, que não negar o Baptista a razão e não atropellar a consciencia n'este caso se tem pela maior de todas as façanhas humanas. Que lhe perguntassem a um homem: *Tu quis es?* E que estivesse em sua mão dizer «ou deixar crer» que era o Messias, e que o não fizesse! «Este milagre só o pôde fazer a humildade do Baptista.» *Et confessus est et non negavit et confessus est; quia non sum ego Christus.*

Outras pessoas não teriam tão escrupulosamente engeitado este titulo.

III. Emfim os embaixadores se tornaram do deserto sem acharem quem lhe dissesse que era o Messias. Mas povoado sei eu, d'onde elles não haviam de levar a embaixada debalde. Se os sacerdotes e levitas desembarcaram em outras praias e vieram pelas casas mais altas perguntando: *Tu quis es?* Como é certo que a poucos passos haviam de achar o Messias! E aonde? Uma legoa de Belem sem ser na Palestina. Um havia de dizer que elle é o Messias, porque a elle se deve a nossa redempção. Outro havia de dizer que elle é o Messias, porque sobre seus hombros carrega o peso da monarchia. Outro havia de dizer que elle é o Messias, porque seu conselho é o nosso anjo da guarda. Outro havia de dizer que elle é o Messias, porque na sua penna consiste a nossa saude. Outro havia de dizer que elle é o Messias, porque a paz que estes annos se gozou foi fructo da vara da sua justiça. Outro havia de dizer que é o Messias, porque elle é o Deus das armas, que com seu valor nos sustenta. Só não havia de haver quem dissesse que era o Messias por se appressar aceleradamente a vencer e tirar despojos; porque ainda que ás guerras nos inclinamos com grande valor, ás victorias caminhamos com grande madureza. Por todas estas razões me parece que havia de haver maior demanda entre nós sobre o messiado, do que a houve entre os apostolos sobre a maioria.

Os milagres d'estes Messias.

E verdadeiramente que se vêem hoje muitas cousas d'aquellas que os prophetas antigamente deram por signaes dos tempos do Messias. O Messias dizem os prophetas que havia de dar olhos a cegos, pés a mancos, limpeza a leprosos e vida a mortos. E todos estes milagres vemos em nossos dias. Quantos cegos vemos hoje com olhos! Quantos mancos e paralyticos postos em pés! Quantos aleijados com mãos e com muita mão! Quantos leprosos limpos! E quantos mortos ou que deveram estar mortos e sepultados, resuscitados e com vida! Pois o poder em cuja virtude se fazem estes milagres, como se ha de negar de Messias? Dizem mais os prophetas que no tempo do Messias as lanças e as espadas se converteriam em fouces. E em tempo que ou por beneficio da paz presente ou por esquecimento da guerra futura, as armas, que se fizeram para ferir, se occupam em segar; em tempo que as caixas tocam a marchar e as tropas marcham a recolher, e em que os despojos que haviam de ornar os templos e armar os armazens communs, enchem os celleiros particulares; como não ha de haver quem se jacte de Messias? Dizem mais os prophetas que no tempo do Messias os montes se humilhariam e se encheriam os valles. Oh! quantos montes que em tempos passados tocavam com o cume as estrellas se vêem hoje, ou já não se vêem de humilhados e abatidos! E quantos valles pelo contrario pouco ha tão humildes, hoje tão levantados e tão cheios! E a fortuna que fez estes altibaixos, ou seja desegualdade ou se chame justiça, como se não ha de ter por fortuna de Messias? Dizem mais os prophetas que no tempo de Messias viveriam os lobos junctos com os cordeiros e que o leão e o boi se sustentariam do mesmo mantimento. Se os lobos não fossem tão sagazes em despintar a pelle, com os olhos se podera provar hoje o comprimento d'esta prophecia. Ainda mais que dos lobos me temera eu dos leões com palha na bocca. Mas quando ha quem domestique leões a que sejam animaes de presepio, os auctores d'estas industrias ou d'estes milagres porque não presumiriam de Messias? «Vêde se os embaixadores perguntando: *Tu quis es?* se tornariam hoje da nossa terra sem acharem quem lhe dissesse que é o Messias; e se entre nós haveria homem que o negasse de si mesmo tão asseveradamente como o Baptista: *Et confessus est et non negavit et confessus est, quia ego non sum Christus!*

Ninguem está contente com a sua sorte. Somos peiores que os filhos de Jacob.

IV. O peior é que, como em materia de *Vós quem sois* cada um cuida mais do que é, da mesma maneira ninguem está contente com a sua sorte, e peiores do que os filhos de Jacob queixamo-nos da differença das bençãos que recebemos do Pae celestial; não attendendo que a benção ha de ser proporcionada

com as qualidades de cada um, e não a mesma para todos.»
Chamou Jacob a seus filhos para lhes deitar a benção a todos antes de morrer; e é notavel a differença de palavras e cumparações com que fez esta ultima ceremonia. Chegou Judas e deu-lhe a benção de leão: chegou Nephtali e deu-lhe a benção de cervo; chegou Isachar e deu-lhe a benção de jumento: chegou Benjamin e deu-lhe a benção de lobo. Valha-me Deus, que desegualdade de bençãos umas a uns tão altas e outras a outros tão baixas! A um a benção de serpente e a outro de cervo? A um a benção de leão, a outro de lobo e a outro de jumento? Sim; e era pae quem as dava; e eram filhos os que a recebiam; para que se intenda que a diversidade das bençãos, não argúi desegualdade de amor em quem as dá, senão differença de merecimentos em quem as recebe. A Judas, que tinha valor e generosidade, dá-se-lhe a benção de leão. A Nepthali que tinha presteza, mas não tinha valor, dá-se-lhe a benção do cervo: a Dan que tinha prudencia, mas tinha peçonha, dá-se-lhe a benção de serpente: a Issachar que tinha forças, mas não tinha juizo, dá-se-lhe a benção de jumento: a Benjamin, que tinha ousadia, mas juncta com voracidade, dá-se-lhe a benção de lobo. Não estão mui bem repartidas as bençãos? Quem haverá que o negue? Mas sabeis porque ninguem está contente com a sua benção? Porque a todos falta o conhecimento do *Tu quis es*. Conheça-se cada um e estarão contentes todos. Conheça o leão que é leão: conheça o cervo que é cervo: conheça a serpente que é serpente: conheça o lobo que é lobo; e logo estarão contentes. Mas como todos se cegam no juizo de si mesmos, todos querem benção fóra da sua especie.

Cada um ha de crescer dentro da esphera de seu talento. Gen. 1.

No principio do mundo deitou o Creador a sua benção aos animaes e ás plantas, dizendo-lhes a todos que crescessem. Mas nota a Escriptura que tudo isto foi *secundum species suas*, cada creatura conforme a sua especie. Contente-se cada um de crescer dentro da esphera do talento que Deus lhe deu e logo conhecerão todos que tem benção cada um no seu elemento. No ar contente-se a andorinha com ser andorinha; e que maior benção que poder morar nos palacios dos reis? No mar contente-se a remora com ser remora; e que maior fortuna que sendo tamanina, poder ter mão em uma nau da India? Na terra contente-se a formiga com ser formiga; e que maior felicidade que ter o celleiro provido para o verão e para o inverno? Mas por todos os elementos se adoece de melancholia, porque nenhum se contente de crescer dentro da sua especie. A andorinha quer subir a aguia: a remora quer crescer a baleia: a

formiga quer inchar a elephante; e porque as formigas se fazem elephantes, não basta toda a terra para um formigueiro.

Os pequenos agradecidos e os grandes descontentes. Apologo.

Nas plantas temos eguaes exemplos d'este engano e d'esta verdade. A arvore mais anã é maior que a herva gigante; e com tudo de quantas cousas aquenta o sol nenhuma lhe é mais agradecida que esta herva. Desde que o sol nasce até que se põi vae sempre a herva gigante acompanhando-o desde a terra, seguindo-o com tanta inclinação e adorando-o com tanta reverencia como vêmos. Pois, hervasinha do campo, que agradecimentos ao sol são esses? Não védes tantas arvores e tantas plantas que recebem do sol tanto mais que vós? Pois porque lhe haveis de ser a mais agradecida de todas? Porque me meço dentro da minha esphera: conheço que sou herva; e acho que ninguem deve mais ao sol do que eu; porque me fez giganta das hervas. Se cada um se medira com os compassos da sua esphera, oh quantos se haviam de achar gigantes! Porque vos haveis de descontentar da vossa benção? Porque haveis de ser ingrato ao sol, se vos fez gigante das hervas? Não digo bem: se das hervas vos fez gigante? Oh quantos gigantes ha desagradecidos! Muito é de notar a tristeza de um cypreste em tanta altura. Se o cypreste lá de cima olhára para o vulgo das plantas e ainda para a nobreza das arvores que lhe ficam abaixo, elle vivera não só contente, senão ainda soberbo. Mas o cypreste lá do alto descobre os cedros do monte Libano; e como vê que a natureza os fez torres, vive elle descontente de ser pyramide. Como cada um se não mette e se não mede dentro da sua esphera, ainda que seja cypreste, que tantas vezes vê seus troncos sobre os altares, não póde viver contente. Não digo que não tracte cada um de crescer; mas conheça cada um o que é: *Tu quis es?* e depois cresça conforme a sua especie.

Crescer fóra de sua especie é monstruosidade.

Desenganemo-nos que o crescer fóra da propria especie não é augmento, é monstruosidade: ao menos benção não é. A quantos tem servido o demasiado crescer não de benção, senão de maldição. O crescer nos que o merecem, é crescimento: o crescer nos que o não merecem é crescença; e o crescimento é grandeza, a crescença é fealdade. Se podeis crescer por crescimento, crescei com a benção de Deus. Mas se não podeis crescer senão por crescença, tende por benção o não crescer. Conheça cada um a sua esphera: *Tu quis es*; e acharão todos ou quasi todos que tem benção. Com este conhecimento acabarão de intender que teem entre si os verdadeiros Messias; «e seguindo o conselho do Baptista» deixarão de o ir buscar aos desertos, onde o não ha: *Et confessus est et non negavit et confessus est, quia ego non sum Christus.*

Protesta tambem o Baptista que não é Elias

V. Desenganados os embaixadores de que o Baptista não era o Messias, foram por deante com a questão do *Tu quis es?* e perguntaram se era ao menos Elias: *Elias es tu?* Sois porventura Elias? Ás vezes as menores tentações, principalmente em gente escrupulosa, são mais difficultosas de vencer que as maiores: mas a constancia do Baptista de todos os modos era invencivel. Assim como á primeira pergunta respondeu que não era Messias, assim respondeu á segunda que não era Elias: *Non sum.* Que tem irem-se buscar as cousas onde as não ha? Diz o Texto que isto aconteceu da banda d'alem do Jordão.

Outros, porém, não o imitariam.

Se vieram os embaixadores da banda d'aquem do Tejo, eu vos prometto que elles acharam a Elias. Vós quem sois? Sois por ventura Elias? Porventura! E d'isso se duvida? Pois quem é Elias senão eu? O meu zelo do bem commum, o meu zelo da fé e da christandade, o meu zelo do serviço do rei, o meu zelo da conservação e augmento da patria: se ser Elias é isto, ninguem é Elias como eu — Ao menos na presumpção eu vol-o concedo. Só isso me parece que tendes de Elias, cuidar que não ha outro Elias, senão vós. Dizia Elias antigamente: *Zelo zelatus sum pro Domino Deo exercituum, et relictus sum ego solus:* eu só sou o que zelo a honra de Deus, todos os outros são idolatras e não teem Deus no mundo mais que a mim. No mesmo dia, em que Elias disse isto, lhe mostrou Deus que tinha na mesma terra septe mil, que não dobravam o joelho deante de Baal. Quando Elias cuida que não ha outro Elias no mundo como elle, ha, quando menos, septe mil. Cuidais que sois homem unico; e não só sois homem de duzias, senão de milhares ou de milheiros. Ha septe mil como vós, e póde ser que melhores.

3. *Reg.* 19.

Capa de zelo. A capa de Abias 3. *Reg.* 11.

Não se queixará Elias de lhe medirmos o seu espirito pela sua capa, pois elle assim o fez. Ora cotejemos a capa de Elias com outra de outro propheta quasi do mesmo nome, Abias; e verá Elias, o que se reputa por unico, quanto vai de capa a capa, de espirito a espirito e de zelo a zelo. Encontrou-se uma vez Abias com Jeroboão (então era creado de Salomão e não rei) e trazia o propheta uma capa nova. *Pallium suum novum,* diz o Texto. Para que não cuideis que é malicia reparar na novidade das capas, o mesmo Espirito Sancto, auctor das Escripturas, repara n'estas novidades. Emfim Abias tirou a sua capa nova dos hombros, puxou logo de umas tesouras, cortou uma vez, cortou outra até onze vezes, com que ficou a capa dividida em doze partes; e disse que do mesmo modo se dividiria o reino de Salomão em doze tribus, das quaes as dez seriam de Jeroboão. Assim disse o propheta e assim foi: porque o reino

dos doze tribus se dividiu em reino de Israel e em reino de Judá. Mas vamos á capa. De maneira que Abias antes da divisão dos reinos tinha a sua capa muito nova e muito sã; depois que os reinos se dividiram, anda com a capa feita em retalhos.

As capas dos Elias.

Oh quantos vemos vestidos hoje com o avesso da capa de Abias! Antes da divisão dos reinos traziam a capa em retalhos; depois que os reinos se dividiram, trazem uma capa muito nova e muito sã. Pois por certo que esta era a occasião em que as capas se haviam de fazer em retalhos: um retalho para cobrir o soldado que anda despido, outro retalho para vestir o orphão, cujo pae morreu na campanha, outro retalho para fazer uma mantilha á viuva que por zelo da patria chegou a tirar o manto para não faltar á decima. Que diz agora Elias? *Quid dicis de te ipso?* Cortastes algum retalho da vossa capa? Tirastes algum fio d'ella? Calar. Eis ahi os vossos zelos: mas vamos adeante.

Comidos e carcomidos do zelo. *Ps.* 68.

Já eu me contentara com que os nossos zelosos ou zeladores fossem como Elias. Todos dizem daremos as capas: mas o menos avarento é o que guarda só a sua. Quando Elias se partiu para o outro mundo não teve de que testar mais que da sua capa, que deixou a Eliseu. Se Deus hoje quizesse levar para o paraiso terreal alguns dos valentes Elias do nosso Carmelo para depois pelejarem com o anti-Christo; eu vos prometto que se quizessem fazer bem e verdadeiramente seu testamento, que haviam de testar de ametade das capas do logar. E então muito comidos e muito carcomidos do zelo: *Zelus domus tuae comedit me!* Vós estareis comidos do zelo; mas estais muito bem comidos. Ha uns a quem o zelo come; e ha outros que comem do zelo. E por onde se hão de conhecer uns e outros? Tomando-lhes as medidas pela cintura. Se o zelo vos come a vós, a vossa substancia converte-se em zelo; e se vós comeis do zelo; o vosso zelo converte-se-vos em substancia. Tomem-se as medidas, como dizia Roboão; e achar-se-ha que sois mais grosso hoje pelo dedo meminho do que ereis antigamente pela cintura. Bom proveito vos faça o zelo, que tão bem se vos logra; signal é que o comeis vós a elle e não elle a vós. Mas ou o vosso zelo coma, ou jejue (que não me quero metter n'isso); ao menos venhamos a um partido. Se o zelo não ha de comer, jejue em todos; e se ha de comer, coma em todos: seja o vosso zelo comvosco e com os vossos, como com os demais, e não haverá quem se queixe d'elle.

Ao menos o zelo de Elias era imparcial, e não como o dos outros.

Zeloso Elias contra os peccados do povo chegou a tal extremo que disse estas palavras: Vive Deus em cuja presença estou, que não ha de chover do céu nem cair uma gota de orvalho

sobre esta má terra. Assim o jurou Elias e assim o cumpriu: porque tres annos inteiros estiveram os céus, como se fossem de bronze, sem os abrandarem nem os clamores dos homens, nem os balidos e mugidos dos animaes innocentes que pastavam pelos campos e pereciam de sêde. Seccaram-se as fontes, seccaram-se os rios e até as lagrimas se seccaram: sendo circumstancia cruel de calamidade não poderem chorar o mal os mesmos que o padeciam. Tudo isto via Elias podendo-o remediar facilmente, porque Deus lhe entregara na mão as chaves das nuvens; mas ia o rigor por deante. Tudo estava secco; mas as entrenhas de Elias mais que tudo. Que se portasse com este rigor um propheta não me espanto; que quem conhece bem a graveza dos peccados, todo o castigo que não é eterno, lhe parece muito pouco. O que me espanta é que soffressem os homens a Elias. E' possivel que se ha de estar abrasando o mundo e que tenha Elias em sua mão o remedio e que o não queira dar! E' possivel que se esteja abrasando o mundo e que não querendo Elias dar o remedio que tem em sua mão, que soffram os homens a Elias? Sim: sabeis porque o soffrem? Porque ainda que Elias tinha as chaves, tanto fechava as fontes para si como para os demais. Os outros estavam necessitados; e Elias andava mendigo: os outros estavam a poncto de morrer; e Elias vivia de milagre: os outros seccavam-se á sêde; e Elias abrasava-se e mirrava-se. Isto sim que é ser zeloso. Mas que na vossa casa corram as fontes, e que nas outras se sequem! Que sobre as vossas searas chovam as nuvens a rios e que sobre as outras fira o sol a raios! Isto não é zelo. Se o tempo pede haja sol, sequem-se todos; e se é razão que haja chuva, molhem-se todos. E se o mesmo zelo dictar que entre os máus e os bons, entre os justos e os injustos haja differença; haja differença, mas seja qual convém: o mal carregue para os máus, mas seja para todos os máus; e o bem incline para os bons, mas seja para todos os bons. Esta é a condição do verdadeiro zelo.

O zelo é similhante ao inferno. *Cant.* 8.

Diz o Espirito Sancto que o zelo é como o inferno: *Dura sicut infernus aemulatio*. Notavel comparação! O zelo uma virtude tanto do céu ha de comparar-se ao inferno? Sim: porque o inferno é um fogo que a nenhum bom offende e a nenhum máu perdoa. Mas o fogo do vosso zelo não é assim: entre os máus tem seus predestinados a quem não toca; e entre os bons tem seus prescitos a quem abrasa. Oh rigor mais que infernal! Não vos digo já que sejais como os sanctos do paraiso; ao menos não sereis como o fogo do inferno? E então muito prezados de Elias? Quando muito tereis a sua capa. Elias foi-se para o céu

e deixou a Eliseu a sua capa. O zelo foi-se e ficou a capa do zelo. E quantas maldades se commettem debaixo d'esta honrada capa!

Um idolo de zelo visto por Ezechiel. c. 7.

Levou Deus um dia em espirito ao propheta Ezechiel a Jerusalem; e o que viu o propheta foi uma parede ou fachada em que estava um idolo de zelo: *Et ecce idolum zeli in ipso introitu.* Cuidas tu Ezechiel, diz Deus, que não ha aqui mais que o que apparece? Ora rompe essa parede e verás. Rompeu Ezechiel a parede, entrou e viu uma casa em que estavam pintadas pelas paredes cobras, lagartos, basiliscos, serpentes e outros monstros horriveis; e no meio septenta homens de cans que com thuribulos na mão os incensavam. Adeante diz Deus a Ezechiel. Passa Ezechiel outra parede; e viu muitas mulheres assentadas que estavam chorando por Adonis vestidas de lucto e desgrenhadas. Por deante, Ezechiel, diz Deus terceira vez. Passa Ezechiel a terceira parede; e viu vinte e cinco homens que estavam com as costas viradas para o templo do Senhor; e todos estavam com os olhos postos no oriente e com os joelhos em terra adorando ao sol que nascia. Eis aqui o que Deus mostrou a Ezechiel; e o que passa no mundo ainda que não se veja. Se olhardes aos homens para as primeiras paredes não vereis mais que um idolo do zelo: tão zelosos e tão zeladores que parecem uns idolatras do zelo; mas detrás d'essa parede do zelo que é o que se faz? Uns estão chorando por Adonis: outros estão adorando o sol que nasce: outros estão incensando altares prohibidos; e muitos, ainda mal, com as costas viradas para o templo de Deus. Por fóra não ha mais que zelo; mas dentro ha cobras e lagartos, ha basiliscos e serpentes, ha monstros e monstruosidades: ha cousas que estão fechadas a tres paredes. Elias por fóra, idolatrias por dentro. Se houvesse quem rompesse paredes, oh quantas cousas havia de vêr o mundo! Este é zelo, estes são os zelosos, estes são os Elias: *Elias es tu?*

O Baptista diz resolutamente que não é propheta. E outros que diriam?

VI. Ouvida a resposta do Baptista que não era Elias, instaram terceira vez os embaixadores e perguntaram: *Propheta es tu?* Já que não sois Elias, ao menos sois propheta? A esta pergunta respondeu o Baptista ainda mais secco e mais abreviadamente: *Non,* não. Já sabeis que havemos de fazer a mesma pergunta na nossa terra: *Propheta es tu? Quid dicis de te ipso?* Vós que tantas cousas dizeis de vós, sois tambem propheta? *Propheta et plus quam propheta.* Os vossos discursos são vaticinios: as vossas proposições são revelações: os vossos dictames são prophecias: os vossos futuros não teem contingencia: o que succede depois é tudo o que dissestes: tendes intelligencias na secretaria do Espirito Sancto: não se decreta lá

cousa que se não registre primeiro comvosco. Basta isto? Ainda tendes mais. Se se tractam materias de estado, sois um propheta Daniel: se se tractam materias de guerra, sois um propheta Isaias: se se tractam materias de mar, sois um propheta Jonas: se se tractam materias ecclesiasticas, sois um propheta Ezechiel: se fazeis advertencias aos reis, sois um propheta Nathan: se chorais as calamidades do povo, sois um propheta Jeremias: se pedis soccorros ao céu, sois um propheta Baruch; e se tendes algum interesse, como tendes muitos, sois um propheta Balam. Muitas graças sejam dadas a Deus que nos deu tantos prophetas na nossa edade. Não debalde estão prognosticadas tantas felicidades ao nosso reino. Não poderá elle deixar de ser muito glorioso tendo dentro em si tantos e taes prophetas. Christo nosso Senhor nasceu entre dous animaes: morreu entre dous ladrões; e transfigurou-se entre dous prophetas. Entre dous animaes esteve pobre: entre dous ladrões esteve crucificado: entre dous prophetas esteve glorioso. Tenham os reis prophetas ao lado; e elles terão seguras as suas glorias. Ora já que importa tanto ao reino o ter prophetas, examinemos o *propheta es tu?* e vejamos por onde se hão de conhecer os verdadeiros prophetas.

Os prophetas não se hão de julgar pelo numero. Historia de Micheas.

Primeiramente advirto que os prophetas não se hão de conhecer nem avaliar pelo numero. Ainda que sejam mais os que dizem uma cousa, nem por isso se hão de ter por prophetas. Ouvi uma grande historia do terceiro livro dos Reis. Havendo tres annos que El-rei Acab estava em paz com todas as nações vizinhas, entrou em pensamento, se iria fazer guerra a el-rei de Syria, o qual lhe tinha tomado a cidade e terras de Ramoth Galaad. Para isto chamou conselho de prophetas; e diz o texto sagrado que se ajunctaram quatrocentos prophetas. A proposta foi esta: Devo ir fazer guerra a Ramoth Galaad ou acquietar-me? E a razão da proposta era, que as terras de Ramoth Galaad eram d'aquella corôa e que parecia negligencia não as recuperarem da mão dos syrios. Ouvida a proposta e a razão d'ella responderam todos as propostas a uma voz: Que se fizesse a guerra; que Deus daria á sua majestade a victoria. Com este bom annuncio dos prophetas resolveu Acab de fazer a guerra: mas para entrar n'ella com vantagem pediu a el-rei Josaphat, seu confederado, que o quizesse ajudar na empreza. Disse Josaphat que sim: mas, que se houvesse algum propheta do Senhor, folgaria que o consultassem tambem. Respondeu Acab que alli havia um Micheas, homem a quem elle abhorrecia muito, porque sempre lhe fallara contra o gosto, e nunca lhe prophetizava bem. Levou-se logo recado a Micheas que viesse; e diz o Texto que

o que deu o recado disse a Micheas que, supposto que el-rei tinha quatrocentos prophetas que lhe aconselhavam a guerra, que fosse elle tambem da mesma opinião e que fallasse ao gosto. Que responderia Micheas? O que deve fazer em similhantes casos todo o homem de bem. Vive Deus, respondeu, que não hei de dizer outra cousa, senão o que o mesmo Deus me inspirar e o que intender com minha consciencia.

O juizo d'este propheta e o de outros quatrocentos.

Finalmente chegou Micheas á presença dos reis, propoz-se-lhe o caso: respondeu que se não fizesse a guerra, porque se havia de perder o rei e o exercito. Notavel encontro de prophetas! Que vos parece que devia fazer Acab n'este caso? Por uma parte quatrocentos prophetas que aconselhavam que fizesse a guerra e por outra um propheta dizendo que a não fizesse. Resolveu o rei Acab o que eu lhe aconselhara nas circumstancias presentes, ainda que fóra da opinião de Micheas. Mandou que se fizesse a guerra; e isto julgo eu por tres razões: primeira, porque havia muitos annos que estava em paz com todos os principes vizinhos; e quando as armas estão desembaraçadas e ociosas, é bem que se empreguem nas gloriosas emprezas: segunda porque as terras de Ramoth Galaad pertenciam á sua corôa; e as terras da corôa hão de fazer os reis o possivel e o impossivel porque não estejam em mãos de inimigos. Cada torrão das terras conquistadas, se se espremer, ha de deitar muito sangue de vassallos; e o que custou este preço, não se ha de dar por nenhum preço: terceira e principal razão; porque ainda que as razões de Micheas fossem boas, estavam pela outra parte quatrocentos prophetas, a quem parecia o contrario; e nas materias publicas é bem que se conformem os reis, quanto podér ser, com o sentimento commum. Só por esta ultima razão (quando não houvera outras) aconselhava eu a Acab que nas circumstancias presentes fizesse a guerra: e isto ainda depois de ouvir a Micheas em cujo parecer não havia risco: porque os dictames practicos devem-se mudar todas as vezes que se mudam as circumstancias. O medico, conforme os preceitos da arte, manda que se corte o braço encancerado, porque se salve o corpo: mas se o infermo repugna e não se accomoda, tem a medicina outro dictame practico com que manda applicar remedios, menos violentos, ainda que sejam menos seguros. Conforme a este dictame seguiu el-rei Acab o parecer de quatrocentos prophetas: resolveu que se fizesse a guerra: tocam as trombetas, marcha o exercito, dá-se a batalha sobre Ramoth: mas a poucas horas de peleja ficou o exercito desbaratado e Acab perdido. Notavel caso! Vêde como são diversos os successos e os juizos humanos; e a differença que

vai de prophetas a prophetas. De uma parte estavam quatrocentos e o successo caiu para a parte onde estava um. Por isso digo que as prophecias não se hão de julgar pelo numero. Os prophetas hão-se de pesar, não se hão de contar. Os quatrocentos prophetas contados eram mais que Micheas. Micheas pesado era mais que os quatrocentos.

Os verdadeiros prophetas conhecem-se por tres cousas. 1.º Pelos olhos. Os que viram são prophetas.

Supposto, pois, que os prophetas se não hão de conhecer pelo numero; por onde se hão de conhecer? Por tres cousas: pelos olhos, pelo coração e pelos successos. Conhecem-se os verdadeiros prophetas pelos olhos; porque o vêr é o fundamento do prophetizar. Os prophetas na Escriptura chamam-se *Videntes*, os que vêem. Só os que vêem são prophetas. Assim como a mais nobre prophecia sobrenatural consiste na visão, assim a mais certa prophecia natural consiste na vista. Só quem viu póde prophetizar naturalmente com certeza. E a razão é muito clara. A prophecia humana consiste no verdadeiro discurso: o discurso verdadeiro não se póde fazer sem todas as noticias; e todas as noticias só as póde ter quem viu com os olhos. Nenhuma cousa houve mais assentada na antiguidade que ser inhabitavel a zona torrida; e as razões, com que os philosophos o provavam, eram ao parecer tão evidentes que ninguem havia que o negasse. Descobriram finalmente os pilotos e marinheiros portuguezes as costas da Africa e da America; e souberam mais e philosopharam melhor sobre um só dia de vista, que todos os sabios e philosophos do mundo em cinco mil annos de especulação. Os discursos de quem não viu são discursos: os dictames de quem viu são prophecias.

2.º Pelo coração. Costume dos antigos portuguezes.

Outro signal da prophecia é o coração; porque, conforme cada um tem o coração, assim prophetiza. Era costume dos antigos portuguezes (diz Strabo) consultar as entranhas dos homens que sacrificavam; e d'ellas conjecturar e adivinhar os futuros. A superstição era falsa, mas a allegoria era muito verdadeira. Se quereis prophetizar os futuros, consultae as entranhas dos homens sacrificados, «quero dizer» dos homens que se sacrificaram e dos que se sacrificam «pelo bem da patria»; e o que ellas disserem, isto se tenha por prophecia. Porém consultar entranhas de quem não se sacrificou, nem se ha de sacrificar, é não querer prophecias verdadeiras; é querer cegar o presente e não acertar o futuro.

3.º Pelo successo. Regra do Deuter. c. 18.

O ultimo signal de conhecer prophetas são os successos. No Deuteronomio prometteu Deus a seu povo que lhe daria prophetas; e o signal que lhe deu para os conhecer foi este. Quando duvidardes de algum, se é propheta ou não, observareis esta regra. Se o que elle disser antes, succeder depois; tende-o por

verdadeiro propheta: mas se o que elle disser, não succeder, tende-o por um propheta falso. Não póde haver signal, nem mais facil, nem mais certo. Sabeis a quaes haveis de ter por prophetas? Sabeis de quaes haveis de cuidar que acertaram com os futuros? Aquelles de quem tiverdes experiencia que tudo ou quasi tudo o que disseram antes, veio a succeder depois. Este dictame seguiu Pharaó com José, Nabuchodonosor com Daniel e todos os principes prudentes com seus conselheiros. Mas assim como ha prophetas de antes, assim ha prophetas de depois. Ha muitos mui prezados de prophetas que depois de acontecerem os máus successos, então prophetizam pelo arrependimento, o que fôra melhor ter prophetizado antes pelo discurso. Este foi um dos tormentos da Paixão de Christo. Ataram a Christo um panno pelos olhos; davam-lhe com as mãos sacrilegas na sagrada cabeça, e diziam por escarneo que prophetizasse quem lhe dera. Prophetizar depois de levar na cabeça, é escarneo da Paixão de Christo. Não haveis de prophetizar quem vos deu, senão quem vos póde dar: porque é melhor reparar os golpes que cural-os; e se o successo mostrar que a prophecia foi certa, a quem a disser tende-o por propheta.

VII. Cançados os embaixadores de lhes responder e o Baptista que não era Messias, nem Elias, nem propheta, pediram-lhe finalmente que pois elles não acertavam a perguntar, lhes dissesse elle quem era. A esta instancia não pôde deixar de deferir o Baptista; e que vos parece que responderia? *Ego sum vox clamantis in deserto*: eu sou uma voz que clama no deserto. Verdadeiramente não intendo esta resposta. Se os embaixadores perguntaram ao Baptista o que fazia, então estava bem respondido com a voz que clamava no deserto: porque o que o Baptista fazia no deserto era dar vozes e clamar: mas se os embaixadores perguntavam ao Baptista quem era; como lhes responde elle o que fazia? Respondeu discretissimamente. Quando lhe perguntavam quem era, responde o que fazia; porque cada um é o que faz, e não é outra cousa. As cousas definem-se pela essencia, o Baptista definiu-se pelas acções; porque as acções de cada um são a sua essencia. Definiu-se pelo que fazia, para declarar o que era.

Finalmente diz o Baptista que é voz que clama no deserto.

D'aqui se intenderá uma grande duvida, que deixamos atrás de ponderar. O Baptista perguntando se era Elias respondeu, que não era Elias; e Christo no capitulo onze de S. Mattheus disse que o Baptista era Elias: *Joannes Baptista ipse est Elias*. Pois se Christo diz que o Baptista era Elias, como diz o mesmo Baptista que não era Elias? Nem o Baptista podia enganar, nem Christo podia enganar-se. Como se hão de concordar logo

Cada um é o que faz.

estes textos? Muito facilmente. A modestia do Baptista disse que não era Elias pela diversidade das pessoas; a verdade de Christo affirmou que era Elias pela uniformidade das acções. Quem faz acções de Elias, é Elias; e quem fizer acções de Judas, será Judas. Cada um é as suas acções e não é outra cousa. Oh que grande doutrina esta para o logar em que estamos. Quando vos perguntarem. Quem sois, não vades revolver o nobiliario de vossos avós: ide ver a matricula de vossas acções. O que fazeis, isso sois e nada mais. Quando ao Baptista lhe perguntaram quem era, não disse que se chamava João, nem que era filho de Zacharias, não se definiu pelos paes, nem pelo appellido: só de suas acções formou a sua definição: *Ego vox clamantis*. Muito tempo ha que tenho dous escandalos contra a nossa grammatica portugueza nos vocabulos do nobiliario. A fidalguia chamam-lhe qualidade e chamam-lhe sangue. A verdadeira fidalguia não é qualidade nem sangue; é acção. As acções generosas e não os paes illustres são os que fazem fidalgos.

Nas acções fundar-se-hão as eleições. Visão de Ezechiel, c. 10.

VIII. D'esta doutrina tão verdadeira e d'esta ultima conclusão do Baptista tiro dous documentos com que acabo; um politico, outro espiritual. Digo politicamente que nas acções se hão de fundar as eleições: digo espiritualmente que nas acções se devem segurar as predestinações. As eleições ordinariamente fundam-se nas gerações, e por isso se acertam tão poucas vezes. Não nego que a nobreza, quando está juncta com talento, deve sempre preceder a tudo: mas como os talentos Deus é o que os dá e não os paes; não se devem fundar as eleições nas gerações, senão nas acções. Este dictame é o verdadeiro em todo o tempo e muito mais no presente. No tempo da paz pode-se soffrer que se dêem os logares ás gerações; mas no tempo da guerra não se ha de dar senão ás acções. Viu o propheta Ezechiel no primeiro capitulo das suas revelações aquelle carro mysterioso por que tiravam quatro animaes: homem, leão, boi e aguia. No capitulo decimo tornou a ver o mesmo carro com os mesmos animaes, mas com a ordem trocada; porque na primeira visão tinha o primeiro logar o homem, na segunda visão tinha o primeiro logar o boi. Notavel mudança! Que o homem na primeira visão se anteponha ao leão á aguia e ao boi, muito justo; porque o fez Deus senhor de todos os animaes. Mas que o boi que foi creado para o trabalho e para o arado se anteponha a tres cabeças coroadas; ao homem rei do mundo, ao leão rei dos animaes e á aguia rainha das aves! Sim: a razão litteral e a melhor que dão os expositores é esta. Na primeira visão estava o carro dentro do templo; na segunda visão saíu o carro á campanha; e quando o carro está quieto, dê-se embora

o primeiro logar a quem melhor é: mas quando o carro caminha, ha se de dar o primeiro logar a quem melhor puxa; e porque o boi puxava melhor que o homem, por isso se deu o primeiro logar ao boi. Quando o carro estiver no templo da paz, dêem-se embora os logares a quem melhor fôr: mas emquanto o carro estiver na campanha, hão-se de dar os logares a quem melhor puxar.

Nas acções segurar-se-hão as predestinações. Texto de S. Pedro. ep. 2. c. 1.

E assim como politicamente é bem que nas acções se fundem as eleições; assim espiritualmente digo que nas acções se hão de segurar as predestinacões. Se perguntarem a um homem: *Tu quis es?* quanto ao temporal; em qualquer materia póde responder com certeza. Se perguntarem a um homem: *Tu quis es*? quanto ao espiritual, ninguem ha no mundo que possa responder a esta pergunta. Cada um de nós espiritualmente é o que ha de ser: o que ha de ser cada um, ninguem o sabe; e assim ninguem ha que possa responder com certeza á pergunta: *Tu quis es?* A maior miseria, a maior perplexidade, a maior afflicção de espirito que ha na vida humana é saber um homem que ha de ser ou eternamente ditoso ou eternamente infeliz; e não saber qual d'estas duas ha de ser: não saber um homem se é prescito ou se é predestinado. A este maior de todos os cuidados, a esta maior de todas as perplexidades acode S. Pedro com o unico remedio que elle póde dar: Se quereis ter a segurança da vossa predestinação, a maior que sem revelação se póde ter n'esta vida, appellae para as vossas acções e vossas boas obras: fazei obras boas e estae moralmente seguros que sois predestinados: *Satagite ut per vestra bona opera certam vestram electionem faciatis*. Este é o verdadeiro intendimento das palavras de S. Pedro; e assim as explica S. Thomás e todos os theologos. Oh que felicidade tão grande que tenhamos nas nossas obras um seguro de nossa predestinação. Na outra vida ha-nos de pagar Deus as boas obras com a posse da gloria: n'esta vida já nol-a começa a pagar com a segurança d'ella. Ora, christãos, já que nas nossas acções, já que nas nossas obras está depositado um thesouro tão grande, não o percamos: *Satagite;* trabalhemos por segurar nossa predestinação. Appliquemo-nos muito de véras á observancia dos preceitos divinos: rompamos por tudo o que nos póde ser estorvo e impedimento. Conheçamo-nos e conheçamos o mundo e seus enganos: quebremos com uma grande resolução os laços e as cadeias que nos deteem, quaesquer que sejam: convertamo-nos de todo o coração a Deus: disponhamo-nos com todas as forças para receber sua graça, e seguremos para sempre o premio da gloria.

(Ed. ant. tom. 5.°, pag. 88 ed. mod. tom. 5.° pag. 115)

II. SERMÃO DA TERCEIRA DOMINGA DO ADVENTO *

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1644

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—É um dos mais primorosos por sua eloquencia, ordem dos argumentos e doutrina. Participa do genero das conferencias moraes; e por isso o estylo não é muito vehemente, mas elegante, chistoso, practico e insinuantissimo.

Miserunt Judaei ab Jerosolymis sacerdotes et levitas ad Joannem, ut interrogarent eum: Tu quis es?
S. JOÃO C. I.

O melhor governo é aquelle em que os officios pretendem e não são pretendidos

Uma cousa que eu desejava muito ao reino de Portugal conta o evangelista S. João que se viu hoje na republica de Jerusalem. Diz que os do governo d'aquella grande cidade mandaram uma embaixada aos desertos de Judéa; na qual se mostraram dispostos a reconhecer no Baptista a maior dignidade que nunca houve no mundo, querendo-o reconhecer e adorar por Messias. O que reparo n'este caso, é que, em vez de o Baptista vir do deserto á côrte a pretender a dignidade, a dignidade foi da côrte ao deserto a pretender o Baptista. É isto o que eu desejara, como dizia, para o nosso reino. É força que haja pretenções e pretendentes: mas estes não hão de ser as pessoas, senão os officios; e porque? Porque não póde haver nem mais bem governada, nem mais bem servida republica, que onde os officios forem os pretendentes e os homens os pretendidos. Assim foi hoje o Baptista o pretendido e o messiado o pretendente; e assim o ensinou com seu exemplo a primeira e summa verdade d'aquelle supremo Rei em cuja politica não póde haver duvida, nem nos seus dictames engano, nem erro ou desacerto no seu governo.

Exemplo do Evangelho.

Veio um homem offerecer-se a Christo para o seguir a qualquer parte; e diz o evangelista que o Senhor o despediu seccamente, e o lançou de si com palavras asperas. Vai o mesmo

Christo ás praias de Galiléa; chama a Pedro e André e aos filhos de Zebedeu, e diz-lhes que o sigam. Pois, Senhor, se estes homens vos não buscam, porque lhes dizeis que vos sigam? E se outro homem diz, que vos quer seguir; porque o não acceitais em vosso serviço? Porque Christo, supremo monarcha e exemplar de todo o bom governo, não queria no seu reino homens pretendentes, nem officios pretendidos; homens pretendidos e officios pretendentes, sim. Quando o outro homem pretendeu seguir a Christo, o homem era o pretendente e o apostolado o pretendido: pelo contrario, quando o Senhor chamou a Pedro e os demais, os homens eram os pretendidos e o apostolado o pretendente; e homens que não pretendem os officios; senão os officios o elles, como hoje aconteceu ao Baptista, estes são os que só podem compor, conservar e estabelecer um reino, que houver de durar para sempre, como o de Christo.

Argumento mui proprio do prégador evangelico.

Oh que venturoso sería o nosso, se n'elle se introduzisse esta admiravel politica! E porque ella não é só dos que governavam a côrte de Jerusalem, senão do supremo Governador e Mestre do mundo, e por isso verdadeiramente christã, não será materia alheia, senão muito propria d'este logar e mais propria ainda do tempo presente, se eu a souber persuadir como pretendo. Deus, a quem devemos a felicidade do tempo e cujos exemplos e dictames sómente hei de seguir em quanto disser, se sirva de me assistir com sua graça. *Ave Maria.*

Quatro razões ou conveniencias que provam o assumpto.

II. *Miserunt Judaei ab Hierosolymis sacerdotes et levitas ad Joannem.* Assim como não foi o Baptista o que veio do deserto á côrte pretender a dignidade, senão a dignidade a que foi da côrte ao deserto pretender o Baptista; assim digo que em todo o reino bem governado não devem os homens pretender os officios, senão os officios pretender os homens. As razões d'esta politica do céu, pouco intendida e menos practicada na terra, são muitas. Eu por maior brevidade e clareza as reduzirei n'este discurso a quatro principaes, com o nome de conveniencias: primeira, porque andarão mais auctorizados os officios: segunda, porque viverão mais descançados os benemeritos: terceira, porque estará mais desembaraçada a côrte; quarta porque será mais bem servida a republica.

A primeira, porque os officios serão mais auctorizados. Objecção.

III. Quanto á primeira conveniencia de que os officios, quando forem pretendidos, então serão mais auctorizados, não faltará quem cuide e diga o contrario; e parece que com bons fundamentos. Não é grande auctoridade e credito do ouro entre os metaes que todos o desejem, procurem e façam tantos extremos por elle? Logo, da mesma maneira, será grande auctoridade e credito dos officios que concorram muitos a os preten-

der, e que a ambição e emulação dos oppositores se empenhe com todas as forças em os conseguir: e quanto maiores forem as negociações, as diligencias, as controversias, as valias e ainda as adulações e os subornos dos que os pretendem alcançar, tanto mais crescerá a estimação e a auctoridade dos mesmos officios assim pretendidos. Pelo contrario se elles forem os que hão de pretender, não terão estimação nem sequito; e ficarão solitarios e, quando menos, mal providos. Já Tertulliano ponderou gravemente a quantas indignidades se sujeitam e abatem os que pretendem subir ás dignidades; e se os officios se fizerem pretendentes, parece que pelo mesmo caso se farão indignos e perderão o nome de honra e dignidade, que é o que os acredita e auctoriza.

Responde-se com um exemplo de dignidade ecclesiastica.

Ora antes que desfaça a apparencia d'estas objecções, quero-as convencer com a evidencia de um exemplo, que todos trazemos deante dos olhos, e ninguem pode negar. O officio, os embaixadores e os que hoje os mandaram e o mesmo Baptista, tudo era ecclesiastico: seja, pois, tambem ecclesiastico o exemplo. Pergunto: Quando esteve mais auctorizado na Egreja o officio e dignidade episcopal? Quando os sanctos (de que é infinito o numero) se não atreviam a o pretender, mas pretendidos elles, buscados e acclamados se mettiam pelos bosques e escondiam nas covas temendo e fugindo de tão alta dignidade; ou agora quando tantos frequentam os palacios dos reis, os tribunaes e as casas dos ministros fazendo opposição com a cara descoberta ás mitras e ostentando lettras, dignidades e cargos da religião e talvez os procedimentos e as mesmas virtudes, para que as cabeças cheias d'estes pensamentos sejam coroadas com aquella sagrada insignia? Torno a perguntar: quando esteve o officio e dignidade episcopal mais auctorizada, agora quando tantos a pretendem ou quando ella era pretendente? Agora que a procura descobertamente a ambição; ou quando a recusava a modestia e fugia d'ella a consciencia? Os mesmos sagrados canones respondem á minha pergunta: *Quaeratur cogendus, qui rogatus recedat et invitatus fugiat.* Notae as palavras: *Quaeratur*, busque-se. E quem ha de ser o buscado? O officio? Não, senão o homem digno d'elle. E esse homem digno que qualidades ha de ter? Grande casa? Grande nobreza? Grande appellido? Grandes cargos antecedentes? Não diz isto o canon. Pois que diz? Que seja tal que o hajam de obrigar por força a acceitar: *Quaeratur cogendus*; e que rogado com a egreja, se retire, e convidado com a dignidade fuja d'ella: *Qui rogatus recedat, invitatus fugiat.*

E com outro de governos seculares.

E porque não pareça que este temor e retiro de não appete-

cer e pretender dignidades, antes fugir d'ellas, toca só ás prelazias e dignidades ecclesiasticas; a mesma razão concorre nos magistrados, governos e officios seculares que teem jurisdicção ou toda, ou repartida sobre os povos. E se não, ponhamos o caso em um homem leigo e tão leigo que o não podia ser mais. Quando Saul andava buscando as jumentas de seu pae, Samuel mandado por Deus o ungiu em rei de Israel. Vêde o que buscou e o que achou; ou fallando mais a nosso proposito, vêde o que buscava e para que o buscavam. Chegado, pois, o dia em que se havia de publicar o que até alli estava occulto, convocou o mesmo propheta Samuel na cidade de Masphá as doze tribus e, lançadas sortes sobre todos, para que todos entrassem na eleição e nenhum fosse excluido, no meio d'esta universal expectação saiu a sorte sobre o tribu de Benjamin. Restava ainda por saber qual fosse a familia do mesmo tribu e qual a pessoa da familia; e continuando as sortes saiu a familia de Cis e n'ella seu filho Saul. Este era o que já tinha sido secretamente ungido; e só elle faltava aquelle universal ajunctamento, nem apparecia. Bem se deixa vêr as diligencias que se fariam por lhe levar a nova e ganhar as alviçaras; e comtudo ninguem o pôde descobrir, nem novas d'elle. Assim andava o officio e tal officio buscando o homem e o homem fugindo do officio. Que remedio? Foi necessario que o propheta consultasse a Deus; e respondeu o divino oraculo que estava escondido em sua casa.

Ás vezes os homens grandes se acham em casas pequenas. 1. *Reg.* 2.

Esta ultima palavra parece que desfaz quanto imos dizendo. O mesmo Saul, quando Samuel o ungiu, replicou que não só o seu tribu era o menor tribu de Israel, senão tambem a sua casa a menor e a minima do seu tribu. Logo se o homem pretendido para o officio era da menor casa do menor tribu, não foi errada a eleição do officio, que n'este caso era o pretendente? Assim o cuidaram os que medem os homens pelas casas. O erro por que muitas vezes se não acertam as eleições dos officios é, porque se buscam os homens grandes nas casas grandes; e elles estão escondidos nas casas pequenas. Emfim appareceu o escondido e viram e confessaram todos que na menor casa de Israel estava encoberto o maior homem de Israel: *Certe videtis quem elegit Dominus, quod non sit similis illi in omni populo.* Note-se muito a clausula *Quem elegit Dominus*, Digam-me agora os que se não prezarem de mais intendidos que Deus, se n'este primeiro provimento ficou desauctorizado o officio, por não ser elle o pretendido, senão o pretendente? Se se pozeram editaes para o governo do novo reino; e elle se houvesse de dar por opposição, quantos pretendentes e quão

estirados haviam de apparecer em Maspha deante de Samuel, fundando cada um a sua pretenção em grandes merecimentos? Os do tribu de Ruben, que foi o primogenito, pela prerogativa da antiguidade: os do tribu real da Judá, pela soberania do sangue, em que já trazia a purpura: os do tribu de Ephraim e Manassés, pela duplicada benção e herança de Jacob, seu avô, e de José, seu pae. Mas porque os homens não foram os pretendentes do officio, senão o officio o pretendente do homem, o qual fugia e se escondia d'elle; sendo este mesmo homem o maior de todo Israel, vêde se ficou mais auctorizado o officio.

Quando os homens pretendem os officios se desacreditam a si e a elles.

IV. E quanto ao concurso dos pretendentes e competidores, quando os homens são os que pretendem os officios e não elles aos homens, tão fóra está esta multidão de acrescentar auctoridade ao officio, que antes se desacredita a si e a elle. E se não digam os mesmos pretendentes, porque pretendem o officio? Pela honra ou pelo interesse? Se pela honra, mal a podem dar ao officio, os que se pretendem honrar com elle; e se pelo interesse, bem se vê que não querem o officio para o servir, senão para se servirem d'elle. E onde ficará o officio mais auctorizado, onde servir ou onde fôr servido? Pelo contario quando o officio é o pretendente do homem, sendo o homem sempre o mais digno, na mesma dignidade do homem pretendido se conserva a auctoridade do officio pretendente; e na exclusão dos indignos sempre excluidos fica sempre a auctoridade segura de se arriscar ou perder. Vamos á experiencia.

Mostra Deus com um milagre que Arão era digno do pontificado. Hebr. 5.

O maior officio e dignidade da lei antiga, como tambem da nova é, o pontificado e summo sacerdocio. Houve de se provêr este officio a primeira vez e não foram os homens os que pretenderam o officio, senão o officio o que pretendeu o homem. Assim o diz expressamente S. Paulo: *Nec quisquam sibi sumit honorem; sed qui vocatur a Deo tanquam Aaron.* Foi, pois, eleito ao summo pontificado um homem tão grande como Arão: mas como este homem era irmão de Moysés, governador universal do povo, julgaram e murmuraram os homens, que tambem o homem fôra empenhado na eleição do officio e não o officio na eleição do homem. Bom remedio, diz Deus. Ponha-se a vara de Arão no tabernaculo em minha presença e ponham-se egualmente no mesmo logar todas as varas dos principes dos doze tribus; e o effeito mostrará quem é o mais digno. Fez-se assim; e em espaço de doze horas sómente a vara de Arão se vestiu de flôres e carregou de fructos; e as outras ficaram tão nuas e seccas como tinham entrado no tabernaculo. Não lhes fôra melhor a estes doze pretendentes não pretenderem, nem competirem com Arão? Claro está que sim. Cada um d'elles

no seu pensamento se media com Arão: mas a experiencia mostrou que todas as suas varas eram tão curtas, que nenhuma egualou a medida de tão grande homem; e porque? Porque era um homem que não pretendeu elle o officio, como os demais, senão o officio a elle. Por isso no concurso de tantos triumphou de todos; e com dobrada honra e auctoridade não só ficou o officio mais auctorizado na dignidade do eleito, senão tambem na indignidade dos excluidos.

Eleição de David.

No concurso dos officios seculares succede o mesmo. Chega o propheta Samuel a casa de Isai ou Jessé; e diz que de mandado de Deus vem ungir um de seus filhos em rei. Tinha Jessé oito filhos, septe dos quaes se achavam na mesma casa; e divulgada a nova de tão grande e não esperada fortuna, já se vê qual sería o alvoroço de todos e quaes os pensamentos de cada um. Vieram á presença do propheta, chamados pela ordem da edade; e foi o primeiro Eliab, moço de alta e galharda estatura; e lhe pareceu ao propheta que aquella gentileza era dignissima da corôa. Mas disse-lhe Deus que elle não elege os homens pela cara, senão pelo coração; e que não era Eliab o eleito. Veio o segundo Abinadab e teve a mesma resposta. Veio Samara que era o terceiro, vieram os demais até o septimo e todos foram excluidos. Admirado Samuel, perguntou se havia mais algum filho; e respondeu Isai que só restava o menor de todos, o qual não estava em casa, porque guardava as ovelhas. Veio emfim o pastorinho, o qual se chamava David; e este que no nascimento, na casa e na occupação tinha o ultimo logar, declarou Deus que era o que a sua providencia tinha destinado para a corôa; e como tal o ungiu o propheta na presença de todos os irmãos. Mas se elle era o que havia de ser ungido, porque o não revelou Deus ao propheta nem antes nem depois de entrar na casa de Isai; mas com tão notavel ceremonia ordenou que viessem primeiro e fossem excluidos os outros irmãos; e em presença de todos recebesse David a investidura do reino? A razão, diz S. João Chrysostomo, foi porque lhe não succedesse a David com seus irmãos, o que tinha succedido a José com os seus. A José revelou Deus que os seus irmãos o haviam de adorar: mas como esta revelação foi feita em sonhos; chamaram-lhe os irmãos sonhador; e primeiro com a morte e depois com a venda lhe quizeram impedir a preeminencia sonhada. Pois para que a David lhe não succeda o mesmo com seus irmãos, vejam todos com os olhos abertos que em sua presença foi ungido pelo propheta; e sendo testemunhas oculares da eleição divina, a inveja que entrou pelos mesmos olhos, se desengane que a não póde impedir nem frustrar.

Oh que formosa e triste representação de quanto perturba os affectos e obrigações humanas uma eleição não esperada! De uma parte David ungido, da outra todos os irmãos com differentes semblantes, uns de admiração, outros de confusão, outros de desesperação, todos de sentimento, todos de dôr, todos de ira, todos de inveja e nenhum de verdadeiro amor! Tão fóra esteve aqui o concurso de auctorizar o officio, que antes o officio desauctorizou o concurso: porque buscando não o homem o officio, senão o officio ao homem, septe homens maiores foram excluidos e repudiados como menos dignos; e ao menor de todos, que ainda não chegava a ser homem, se lhe assentou na cabeça a corôa como dignissimo. Mais claramente estou vendo o occulto mysterio da eleição no que ella deixou, que no mesmo que escolheu. Nos jogos de descarte pelo descarte se vê claramente quão seguro tem na mão o triumpho quem ha de vencer. Quando Deus (digamol-o assim) se descarta de septe homens tão grandes, como os filhos maiores de Isai, bem mostra que só em David tem o jogo seguro. Assim foi; e assim ficam auctorizados os officios, quando elles são os pretendentes dos homens e não os homens d'elles.

Segunda conveniencia: os benemeritos viverão mais descançados. Continúa o exemplo de David.

V. A segunda conveniencia d'este trocado modo de pretender é que viverão mais descançados os benemeritos. Procurarão sómente merecer, estando muito certos que ainda que vivam retirados da côrte e muito longe dos olhos do principe lá os irão buscar e pretender as dignidades, como ao Baptista no seu deserto. Ainda não estamos longe da casa de Isai. Põi-se alguns passos atrás da historia que acabamos de referir e exclama assim S. Basilio de Seleucia: Oh caso verdadeiramente admiravel! Considerae-me a Deus no céu e a David no campo; e notae quão differentes são no mesmo tempo os cuidados do Supremo Monarcha e do humilde pastorinho. David está sollicito sobre o rebanho e Deus fazendo conselhos sobre David. David levando as ovelhas ao pasto e Deus preparando-lhe o throno. Ainda eu considero mais descançado a David, do que a eloquencia do Basilio o representa. Quando elle fugindo de Saul se acolheu á côrte de el-rei Achiz e para viver se fingiu doido, valia-se para esta dissimulação das artes em que se exercitara quando pastor; e uma era tocar o tamboril e a frauta. Assim o exprime o texto grego: por signal que os satrapas do mesmo rei Achiz mais se temiam do tamboril e frauta do mesmo David, que das caixas e trombetas de todo o exercito de Saul. Considerae-me, pois, ao pastorzinho, como Titiro á sombra da faia, tocando a sua frauta, e Deus, que lhe conhecia o talento, decretando-lhe a corôa. Póde haver maior cuidado no céu e

maior descanço na terra? Pois este é o que gozam no seu retiro os benemeritos. Eliab, Abinadab e Samma, irmãos mais velhos de David, que seguiam as armas e militavam no exercito de Saul, quando muito seriam pretendentes de um venablo e de uma gineta, supportando os trabalhos e perigos da guerra. E David, porque debaixo da samarra creava maior valor e talento que elles, sem marchar de dia, nem fazer a sentinella de noite, nem estar sujeito á ordem de uma legião de officiaes, não só se habilitava no cajado para o bastão do exercito, senão para o sceptro do reino.

Exemplo de S. Pedro.

Passemos do campo ao mar e ponhamo-nos nas praias e ribeiras de Tiberiades. Na praia andava passeando Christo e na ribeira viu a Pedro e a seu irmão, que estavam lançando as redes ao mar, accrescenta o evangelista: *Erant enim piscatores*; porque eram pescadores. Agora tomara eu poder entrar n'aquella grande cabeça, que depois foi coroada com a suprema Tiara; e examinar-lhe os pensamentos não só d'esta hora, senão de toda a sua vida. Quando Pedro ouvia dizer que em Jerusalem residia o summo Pontifice, ou fosse Simon, ou Mathias, ou Joazaro, ou Eliazaro, ou Anano, ou Caiphás, que são os que succederam em seu tempo; por ventura veio-lhe algum dia ao pensamento, ou accordado ou sonhando, que poderia elle subir áquella suprema dignidade? É certo que nunca a sua barca navegou com tão prospero vento e maré, que tal cousa lhe passasse pela imaginação. E comtudo desde a sua eternidade o tinha Deus destinado para outra e mais universal Tiara, não dependente dos Cesares romanos, ou dos seus tenentes na Syria e na Judéa, que eram os que punham uns e depunham outros; mas estabelecida em si e em seus successores pela eleição immutavel da providencia divina. E sobre que merecimentos, ou talentos de Pedro, assentou Deus a proporção e justiça d'estes seus decretos? Responde Eusebio Gallicano que sobre a grande proporção que tem a arte e officio de pescador com o de pontifice: sobre a providencia de governar o leme e sustentar e levar segura a barca: sobre a constancia e valor de contrastar com os mares e com os ventos: sobre o soffrimento e dureza sem mimo, nem regalo, de supportar os trabalhos: sobre a vigilancia de observar a lua e as estrellas e contar os passos ás marés de dia e de noite: sobre a discrição de usar do remo ou da vêla segundo a opportunidade dos tempos; e muito particularmente sobre o instrumento universal não do anzol ou do arpão, senão da rede que cerca e abraça sem distincção a todos. E assim lemos d'este grande pescador de homens que os pescava a milhares ou a milheiros, em um lanço tres mil, em ou-

tro cinco mil. E como Pedro em tão singular sciencia e talento se applicava todo ao officio da sua profissão; n'este mesmo descuido, esquecimento e ocio de outras maiores pretenções ou desejos, se habilitava e fazia digno de que o mesmo Deus o fosse buscar ás suas praias; e a maior dignidade e officio do universo o pretendesse a elle, quando elle no trabalho e descanço do seu não pretendia outro.

Exemplo de Jacob.

E para que vejamos quão ditosos e prudentes são os que retirados ao descanço de não pretender se fazem merecedores de ser pretendidos; e a infelicidade e máu conselho dos que por ser pretendentes nunca chegam a alcançar o descanço; leiamos a historia de uma e outra fortuna em dous homens, não encontrados, mas pae e filho, Jacob e José. Jacob ainda antes de nascer começou a ser pretendente da benção e morgado de Isaac, luctando com seu irmão Esaú, desde as entranhas da mãe, sobre esta pretenção. A poucos annos de nascido conhecendo que o pae estava inclinado a Esaú por haver sido o primogenito, para lhe fazer guerra com partido egual, tractou de lisongear e ganhar a vontade da mãe, não saindo jámais de sua presença. Outra vez dizendo-lhe Esaú que estava morrendo á fome, soube-se aproveitar tão bem da occasião, que lhe não quiz emprestar o soccorro da vida, senão a preço do mesmo morgado. Chegado emfim o dia em que o pae havia de dar a benção a Esaú, sabidas são as artes com que lh'a tirou com nome falso, com vestidos falsos, com mãos falsas, com iguarias falsas, allegando que fôra vontade de Deus ter achado tão depressa a caça, sem haver tal caça e tal pressa. Já parece que estará contente Jacob com a victoria em contenda tão duvidosa: mas não foi assim. Porque alcançando por taes meios o fim da sua pretenção, nem por isso conseguiu o descanço e felicidade que se promettia no dominio de tão opulenta herança; antes agora foram maiores e mais perigosos os seus trabalhos, obrigado, pobre e com um pau na mão, a perder a casa do pae, a deixar o amor da mãe e a se desterrar da patria por salvar a vida. Ide embora, peregrino pretendente; caminhae subindo montes, e descendo valles; chegae cançado á terra, onde vos leva vosso destino; que lá pretendereis outra vez e achareis a paga do vosso merecimento. Pretendeu Jacob a Rachel, filha de Labão, e ao cabo de septe annos, que serviu por ella, deram-lhe em logar de Rachel a Lia com obrigação de servir outros septe. Servia de pastor a partido, e posto que foram muitas as ovelhas que contou; os dolos e as injustiças, que nos mesmos partidos lhe faziam cada hora, não tiveram conto. D'esta maneira vingou Labão a Esaú, e padeceu Jacob nos enganos de seu sogro o que tinha feito a seu irmão.

Exemplo de José.

Ponhamo-nos agora á vista d'este retrato de Jacob, sempre pretendente e nunca com descanço, a imagem tão diversa de José, seu filho, a quem em toda a parte pretendiam sempre os maiores logares sem elle dar um passo nem occupar um pensamento em os pretender. Filho em casa de seu pae, captivo e vendido a Putiphar; preso nos carceres do Egypto; ministro no palacio de Pharaó: esta foi em toda a parte a fortuna de José; ella pretendendo-o sempre e elle nunca pretendente d'ella. Filho em casa de seu pae, de quem era o mais favorecido, estava dormindo José, e no campo as paveias dos segadores e no céu o sol, a lua e as estrellas, que lhe vigiavam o somno, lhe estavam promettendo as adorações de seus irmãos e do mesmo pae. Vendido a Putiphar, quando, como escravo, podia esperar um logar na cavalhariça, o senhor lhe deu o seu, mandando a todos que lhe obedecessem, e a elle que governasse a casa e toda a sua fazenda, da qual como dono e não creado se lhe não pedia conta.No carcere do Egypto, onde entrou como réu e do mais grave crime, logo de preso passou a carcereiro, fiando-se-lhe as chaves e o aperto ou allivio das cadeias, e, o que é mais, pronunciando antes da sentença dos juizes, ou os castigos aos que haviam de ser condemnados, ou a soltura e liberdade aos que saiam absoltos. Finalmente, tirado da prisão e levado a palacio, el-rei Pharaó não só o levantou ao logar de seu primeiro ministro; mas lhe deu a representação e tenencia de sua propria pessoa, sem mais differença que a das insignias reaes, reservando o rei para si o sceptro sem o governo, e dando a José o governo sem o sceptro. Taes foram as fortunas de José em todos os estados de sua vida; e se alguem deseja saber com que artes as conseguiu, digo que com duas cousas, com se fazer sempre merecedor d'ellas e com nunca as pretender. Depois dos dous sonhos do rei é sabido que em todas as ribeiras do Nilo e terras do Egypto a septe annos de fartura haviam de succeder outros septe de fome, só aconselhou José ao rei que para remediar a esterilidade de uns com a fertilidade de outros, se encommendasse o cargo d'esta prevenção a pessoa de talento e industria, que em todas as cidades do reino a fizesse executar. Pareceu bem o conselho ao rei e a todos seus ministros; e reconhecendo que em nenhum outro homem se podiam achar partes eguaes ás de José para aquella tão importante superintendencia, logo foi nomeado no officio com todos os poderes reaes. De maneira que uma só vez que José fallou em officio e o procurou para outro homem, não extrangeiro como elle, senão egypcio, o officio ás avessas se fez pretendente do homem e pretendeu ao mesmo José e o conseguiu.

Exemplos allegoricos de creaturas irracionaes.

Oh! se acabassem os homens de querer antes imitar a José que a Jacob, e tractar mais de ser benemeritos que pretendentes! Se não bastam os exemplos humanos para nos persuadir esta honrada e descançada industria; ponhamos os olhos em todas as outras creaturas a que a natureza não deu razão nem sentido; e veremos como todas as que teem valor e prestimo, occupadas só em crescer e se fazer a si mesmas, sem ellas pretenderem nem buscarem a outrem, todos as buscam e pretendem a ellas. Que fazia a oliveira, a figueira e a vide, senão carregar-se de fructos, quando toda a republica verde das arvores lhe foi offerecer o governo e o imperio? Não o quizeram acceitar, porque se contentaram com o merecer. Deixe-se crescer o pinheiro e subir até as nuvens na Noruega; que de lá o irão tirar para masto grande e levar a bandeira no tope. Cresça tambem o cedro gigante do Libano, e saiba que quando d'aquelle monte fôr passado ao de Sion, não é para o sobredourar o ouro do templo; mas para elle com maior dignidade cobrir e revestir o mesmo ouro. Bem mal cuidava o marfim na sua fortuna, quando se via endurecer nos dentes do elephante; e d'alli foi levado para o throno de Salomão. Que descuidados crescem os rubins em Ceylão e em Collocondá os diamantes; e lá os mandam conquistar com armadas os reis para resplandor e ornato das suas coroas. Empreguem todo o seu cuidado os grandes sujeitos em aperfeiçoar os talentos e dotes que n'elles depositou a natureza ou a graça; e se retirados e escondidos cuidarem que perdem tempo e estimação, lembrem-se que sepultadas as perolas no fundo do mar e a prata no centro da terra, nem ás perolas falta quem pelas desafogar ataque a respiração, nem á prata quem pela desenterrar enterre a vida.

Aperfeiçoe cada um as suas habilidades deixando-se de pretenções; e será feliz.

Os que se acharem com espiritos guerreiros exercitem a architectura militar, a formatura dos exercitos na paz e dêem sós por sós comsigo as batalhas seccas. para que depois as possam tingir no sangue dos inimigos. O politico faça-se versado em toda a lição das historias; e apprenda mais na practica dos exemplos, que na especulação do discurso, a resolução dos casos futuros e a experiencia dos passados. O inclinado ás lettras procure com o estudo universal as noticias de todas as sciencias; e não cuide que só com a memoria de poucos textos das leis lhe pódem dar as demandas e trapaças o falso e mal merecido nome de lettrado. Emfim por humilde e rasteira que seja a inclinação, ou fortuna de cada um faça-se no seu estado insigne; lembrando-se que os antigos romanos do arado eram escolhidos para o bastão, e do triumpho tornavam outra vez ao arado. E se acaso n'estes solitarios exercicios julgarem que estão ocio-

sos por lhes tardar a promoção do que elles merecem, advirtam que tudo tem a sua hora. As cinco da tarde chamou o pae de familias para a vinha aquelles a quem disse: *Quid hic statis tota die otiosi?* E tanto mereceram estes na ultima hora, como os que tinham trabalhado todas as doze do dia. Quem não julgará pelos mais ociosos de todos os homens a Enoch e Elias, retirados ha tantos centos de annos no segredo do paraiso terreal? Mas quando apparecerem no mundo os formidaveis exercitos do anti-Christo, então mostrará Deus, que os não tem ociosos, senão occupados para restauradores do mesmo mundo. Assim vivem, assim descançam e assim merecem sem pretender, para ultima prova da segunda conveniencia ou poncto do nosso discurso em que dissemos que retirados da côrte e das pretenções viverão mais descançados os benemeritos.

Terceira conveniencia, muito sabida: estarão mais desembaraçadas as côrtes.

VI. Seguia-se agora a terceira conveniencia, de que por este modo estariam mais desembaraçadas as côrtes, poncto de pouco gosto e utilidade para os que n'este embaraço teem a lavoura, e, sem cavar nem semear, a sua colheita. Mas porque este tumulto e confusão nas portas e escadas dos ministros e nas mesmas ruas é tão frequente, que egualmente tropeçam n'ella os pés e os olhos; para não gastar o pouco tempo que nos resta em materia tão sabida e tão vista, deixada a conveniencia d'ella á consideração dos que me ouvem, passemos como mais importante e menos advertida á quarta.

Quarta: será mais bem servida a republica. Exemplo da dos hebreus.

A quarta conveniencia de serem os officios os pretendentes e os homens os pretendidos é, que fazendo-se assim, será mais bem servida a republica. E para que vejamos esta infallivel verdade provada tambem, como prometti, com os exemplos e dictames do governo e republica divina; ponhamos e passemos os olhos pela republica hebrea, que foi a que Deus chamou e como tal a governou por si mesmo. Teve esta republica em diversos tempos quatro estados e n'elles quatro modos de governo. O primeiro no tempo do captiveiro, o segundo no tempo dos juizes, o terceiro no tempo dos reis, o quarto no tempo dos prophetas; e em todos estes tempos e estados então foi mais feliz o seu governo, quando foi administrado por homens, não só que não pretendiam os officios, mas que se escusavam e fugiam d'elles.

Eleição de Moysés.

Captivo o povo no Egypto e cada dia mais opprimido e tyrannizado, elegeu Deus para seu libertador a Moysés nascido e creado no mesmo Egypto com practica e experiencia não menos que de quarenta annos; e é digna mais que de admiração a contenda que houve entre Deus e Moysés; Deus instando em que acceitasse o officio e Moysés replicando e escusando-se qua-

si obstinadamente. Primeiro disse: Quem sou eu para ir a Pharaó e livrar os filhos de Israel do Egypto? Tu só, respondeu Deos, não poderás nada: mas commigo, que sempre te assistirei, poderás tudo. Não me crerão, Senhor, (replíca Moyses) que vós sois o que me mandais e me apparecestes.—Sim, crerão (diz Deus); porque com essa vara que tens na mão, farás taes milagres, que não possam deixar de dar credito a quanto lhe disseres.—Reparae, Senhor, (tornou a replicar Moysés) que eu sou tartamudo e nem com os meus poderei fallar, quanto mais com Pharaó—Arão, teu irmão que é expedito e eloquente, irá comtigo; e eu moverei a tua lingua e mais a sua: elle será teu interprete e teu propheta; e tu como deus fallarás por elle. Atalhadas por este modo todas as escusas, ainda se não acquietou Moysés; e lançando-se aos pés de Deus lhe pediu e protestou com instantissimos rogos que mandasse a Quem havia de mandar: *Mitte quem missurus es;* e isto com tal resolução, que o mesmo Deus se irou contra elle. Obedeceu emfim Moysés; e quando parece que não havia de satisfazer á sua obrigação um ministro mandado por força e tanto contra sua vontade, o effeito mostrou que quem mais se escusa, mais conhece as difficuldades; e quem melhor as prevê antes, mais fortemente as vence depois.

Como correspondeu á sua eleição.

Não só libertou Moysés o povo, mas com tudo quanto possuia, não ficando dos seus gados no Egypto, como diz o Texto, nem uma unha; e com tal sagacidade e industria que, pedidas por emprestimo o ouro, prata e joias dos egypcios, tambem sairam pagos do serviço injusto de tantos annos. Libertado o povo assim, ou quasi libertado, nos ultimos confins do Egypto se viu no maior perigo; porque pela parte de deante lhe atalhava o passo o mar vermelho, e pelas costas o seguia Pharaó com todos seus exercitos; e os hebreus ainda que quizessem resistir, desarmados. Tudo suppriu porém a vara do libertador. Tocou o mar, o qual abriu uma larga estrada por onde o passaram a pé enxuto os fugitivos; não fazendo alto, mas proseguindo a marcha o exercito inimigo por entre as duas muralhas que de uma e outra parte tinha levantado o mar, e tornando-se a unir os afogou a todos. Restava a segunda viagem que era d'alli á terra de Promissão, na qual se mostrou mais milagroso Moysés, que a sua mesma vara; porque constando o povo libertado de seiscentas mil familias e durando a peregrinação quarenta annos, sendo todos mal contentes, ingratos, murmuradores e descomedidos, se foi milagrosa n'aquelle deserto a providencia de Deus em os sustentar; a prudencia e paciencia de Moysés não foi menos milagrosa em os soffrer. Tão

exactamente exercitou o officio quem tão constantemente se tinha escusado d'elle.

Eleição de Gedeão. Seu valor e humildade.

Entrado o povo felizmente na terra de Promissão succedeu áquella grande republica o segundo estado e governo chamado dos juizes, os quaes se não elegiam annualmente, senão quando alguma grave necessidade o requeria. Tal era a que padecia o mesmo povo, occupadas todas as suas terras, ou mais verdadeiramente inundadas, pela multidão immensa dos madianitas, amalecitas e outras nações orientaes. que, com os seus camellos e outras grandes manadas de todo o genero de gados, á maneira de enxames de gafanhotos, talavam e abrazavam os campos, comendo e assolando quanto n'elles nascia. Fugitivos no mesmo tempo e escondidos os miseraveis israelitas, mais como feras, que como homens nas grutas e concavidades dos montes, espessura dos bosques, n'este aperto appareceu um anjo a Gedeão ao qual chamou o mais valente dos homens; porque verdadeiramente o era na robusteza do corpo e no valor do animo. E sobre este titulo lhe encarregou que tomasse as armas e o governo do povo; e o livrasse do jugo d'aquelles barbaros e de tão insupportavel miseria. Não duvidava Gedeão ter sua parte como soldado na empreza, posto que tão difficultosa; mas como o anjo lhe fallou no governo, de que nunca tivera pretenção, nem pensamento, a primeira proposta com que se escusou foi a humildade da sua casa, dizendo que era a infima do tribu de Manassés e elle o minimo d'ella. Se o anjo não tivera dicto a Gedeão que era o mais valente de todos os homens, só pela valentia d'esta escusa o antepuzera eu á terceira parte dos anjos. Persistiu o valentissimo heroe n'esta honrada resistencia com tal desconfiança de si mesmo, que foram necessarios milagres sobre milagres para o persuadir a que acceitasse o cargo. Acceitou emfim; e a quem o tinha resistido com tal generosidade de animo, argumento era e prognostico certo que nenhum poder haveria no mundo que bastasse a lhe resistir. Assim foi: porque só com trezentos combatentes desbaratou e poz em fugida toda aquella immensa multidão que a Escriptura compara ás areias do mar; sendo muito poucos os que escapáram com a vida. Desembaraçada a campanha, sairam os fugitivos israelitas das grutas e cavas resuscitados, habitaram outra vez as suas casas, povoaram as cidades arruinadas e restituiram a dissipada republica; a qual agradecida a seu prodigioso libertador o quiz levantar do governo privado á monarchia, offerecendo-lhe por acclamação o titulo de rei. Mas elle com a mesma moderação e modestia com que tinha recusado o bastão, recusou tambem a corôa; e não a querendo acceitar

nem para si nem para seu filho, não só coroou com esta todas as suas façanhas; mas mostrou e ensinou ao mundo quanto mais aptos e capazes são dos grandes logares os que pretendidos os recusam, que os que ambiciosos os pretendem.

Eleição e bons principios de Saul.

Passado o povo hebreu do governo politico e militar dos juizes aos dos reis, o primeiro eleito á soberania da dignidade real foi Saul. Já vimos como se escusou, já vimos como fugiu, já vimos como se escondeu: vejamos agora se estes temores e desconfianças de si e do seu talento eram bem fundadas. As duas primeiras cousas que viu e ouviu Saul feito rei, fôram as lagrimas do povo e as murmurações e desprezos dos que reprovavam a sua eleição. E como se portaria n'estes dous casos o filho de Cis, homem tão pequeno como o seu nome, que poucos dias antes andava buscando as jumentas do pae? Se fôra filho de Philippe de Macedonia e de tão real talento como Alexandre Magno, não se podera portar melhor nem obrar mais como rei. Quanto ás murmurações e desprezos da sua pessoa, diz o texto sagrado: *Ipse vero dissimulabat se audire:* que ouvia e dissimulava: já sabía reinar, porque sabía dissimular. Quanto ás lagrimas do povo, perguntou qual era a causa, por que chorava. Se não fôra bom rei, não fizera caso das lagrimas do povo. Perguntou a causa, porque as quiz remediar; e remediou-as, porque lhes não dilatou o remedio. Foi resolução por todas as suas circumstancias notavel. A causa das lagrimas do povo era por ter chegado nova que os amonitas com poderoso exercito tinham sitiado a cidade de Jabes Galaad; e que offerecendo-se os cercados a se render a partido, Naas que era o rei e general do exercito, respondera que o partido havia de ser tirando-lhes a todos os olhos direitos; e que, sendo tão cruel e injusta esta condição, tambem a tinham já aceito, se em espaço de septe dias não fossem soccorridos. Isto ouviu Saul, diz o Texto, indo recolhendo do campo para a casa os seus bois que eram dous; e no mesmo poncto em que teve noticia do aperto em que estava aquella cidade, que não era muito distante, o que fez foi partir os dous bois em muitos pedaços e mandal-os por todos os tribus de Israel, dizendo o pregão: Assim se ha de fazer aos bois de quem logo não seguir a Saúl. Oh que pregão tão bem intendido, que não só entrasse pelos ouvidos, senão tambem pelos olhos! Rei que para a guerra primeiro mata os seus bois, melhor matará os alheios, se o não seguirem. Foi obedecido o bando de maneira que marchando Saúl toda a noite, no quarto da alva se achou com trezentos e trinta mil homens armados. Deram de repente nos inimigos; e estes foram tão rôtos e desbaratados, que não houve dous que ficassem jun-

ctos. Haverá agora quem lhe pareça e diga mal da eleição de Saúl? Foi tal o respeito e o amor que conciliou o novo rei com esta victoria, que logo se levantou voz em todo o exercito: Appareçam os que reprovaram a eleição de Saul e morram todos. Acudiu elle porém, não consentindo á execução d'aquelle castigo, posto que merecido, e mostrando-se no mesmo dia verdadeiro rei, tanto nas vidas que tirou victorioso a seus inimigos, como nas que perdoou offendido a seus vassallos. Tudo isto se escondia n'aquelle homem que «antes do seu reinado esteve tão longe da pretenção de reinar.»

Eleição de Jeremias: como primeiro se escusou e depois serviu a patria.

Ao governo dos reis succedeu em parte e em parte se ajuntou o dos prophetas como interpretes da vontade divina, e tambem os que se escusavam e repugnavam o officio foram os mais republicos. Baste por todos os exemplo de Jeremias. Disse-lhe Deus que desde o ventre de sua mãe o tinha escolhido para propheta; e elle, que quando recebeu esta primeira revelação contava sómente quatorze annos, respondeu: á á á, Senhor, que sou uma creança incapaz de tão alto, tão difficultoso e tão pesado officio! Tomou-lhe o peso, commenta Cornelio; e reconhecendo-se incapaz de tamanha carga, aquelles tres áá á foram tres ais com que começou a gemer debaixo d'ella. *Per trinum aaa*, diz sancto Thomás, *notantur tres defectus qui Jeremiam ineptum reddebant ad prophetandum, scilicet defectum aetatis, scientiae et eloquentiae.* E um homem que não em tres palavras, senão em tres lettras reconhece em si tres defeitos, da edade, do saber e da lingua; e em tres lettras dá a Deus tres escusas para não acceitar o officio; obrigado a o acceitar por obediencia e por força que faria? O que ninguem cuidou d'elle nem elle de si. Não teve Deus propheta nem mais zeloso da sua nação, nem mais cuidadoso e zelante da sua republica; fazendo-se pedaços pela assistir em todos seus trabalhos, já na propria terra, já nos desterros; defendendo-a sempre dos mesmos, que enganados com falsas esperanças ajudavam a sua ruina; aconselhando-os que se accomodassem com a presente fortuna para não virem a padecer outra peior; chorando mais que todos suas desgraças; e ensinando-lhes os meios de as converter em bonanças; fiel na vida, constante na morte e, ainda depois de morto, immortal protector dos que Deus lhe tinha encommendado. Na vida, ensinando-lhes a verdade contra os falsos prophetas; na morte, deixando-se martyrizar por defensa d'ella; e depois de morto, apparecendo a Judas Machabeu e dando-lhe a espada, com que havia de restaurar, renovar e estabelecer no culto do verdadeiro Deus e observancia das leis patrias a mesma republica. Agora tirarei eu da bocca do mesmo

Jeremias os seus tres ais; e lamentarei com tanta razão como elle, que, porque ha tantos ambiciosos e ha tantos pretendentes e ha tantos que alcançam os officios de que são indignos; e por que não ha quem conheça os benemeritos, nem ha quem busque os escondidos, nem ha quem os desenterre dos seus retiros; por isso ou está sepultada a republica, ou caminha a passos largos para a sepultura, sem modo, nem esperança de resuscitar d'ella.

É officio dos que governam procurar os benemeritos.

VII. Supposto, pois, que os corpos politicos (ou sejam do governo monarchico ou de qualquer outro que eu intendo geralmente debaixo do nome commum de republica) supposto, digo, que então serão bem servidos, quando os officios forem administrados por homens que se escusem d'elles; isto é não pelos ambiciosos, senão pelos benemeritos que não pisam as lamas, nem frequentam os oratorios das côrtes; antes fogem e se retiram de as vêr, nem se lhes mostrar; e supposto assim mesmo que os officios, como hoje em Jerusalem, hão de pretender os homens e não os homens os officios; e estes os hão de ir buscar ainda que vivam nos desertos: com razão se me perguntará, reduzindo o discurso a practica; quem são os que hão de procurar e sollicitar os homens, estando elles retirados; e quem são os que hão de requerer e fallar pelos officios, sendo elles mudos? Respondo em uma palavra que estes sollicitadores e estes requerentes devem ser todos aquelles a quem pertence a superintendencia do governo; quaes são nas republicas os supremos magistrados e nos reinos os principes e monarchas.

Assim o fez Deus quando na çarça chamou a Moysés.

E se algum por ventura ou por desgraça lhe parecer menos digno da auctoridade real este cuidado de sollicitadores e requerentes de seus subditos e vassallos, ouçam agora; e o que lhes entrar pelos ouvidos, lhes abaterá os arcos das sobrancelhas. Nos desertos de Madian appareceu uma çarça que ardia e não se queimava e debaixo d'esta cortina de fogo quem estava? Deus que tinha descido do céu á terra. E para que? O effeito o mostrou logo. Andava apascentando o seu gado n'aquelle deserto um homem chamado Moysés; o qual havia quarenta annos que se tinha retirado da côrte d'el-rei Pharaó; e para buscar este homem e lhe rogar que o quizesse servir na liberdade do seu povo captivo no Egypto, chegando para isso a lhe dar o seu proprio titulo de Deus, tinha vindo Deus do céu á terra. Oh, não digo inchação e vaidade humana, mas descuido e esquecimento cego de quão eguaes fez a natureza a todos os homens! De maneira que para buscar em um deserto a um pastor, porque o ha mister, desce do céu á terra o Deus que fez os homens; e terão por menos decoro da majestade os que não

são deuses, não digo já o ir buscar e rogar em pessoa; mas o chamar e trazer a seu serviço um d'aquelles homens, que só Deus póde fazer e elles não podem? Parecerá por ventura que se Deus fôra homem não fizera outro tanto? Mas é certo que sim; fizera e com muito maiores empenhos.

E fel-o Christo quando chamou a S. Paulo na estrada de Damasco.

Já Deus era homem e já estava assentado á dextra do Padre quando ás portas de Damasco se ouviu um trovão que derrubando do cavallo a Saulo fez estremecer e cair em terra a todos os que o acompanhavam armados. No meio d'aquelles homens se ouviu junctamente uma voz que disse: Saulo, Saulo, porque me persegues? Mas que voz foi esta e de quem? Foi voz do mesmo Christo em pessoa, como declarou o mesmo S. Paulo e consta de outros muitos logares da historia sagrada. Pois para converter um homem e um homem actualmente seu perseguidor e inimigo, se abala em pessoa o Filho de Deus e deixa o throno de sua majestade e vem á terra com tanto estrondo e apparato de poder, e lhe falla e o chama duas vezes por seu proprio nome? Sim; e a razão deu o mesmo Christo a Ananias, dizendo que tinha escolhido aquelle homem para se servir d'elle na propagação do evangelho e dilatação de sua Egreja por todo o mundo. E se Christo Deus e homem deixa o throno de sua majestade e desce do céu á terra para buscar e trazer a seu serviço um homem em quem na mesma guerra que lhe fazia, conheceu o grande talento com que o podia servir; os homens que não são deuses; porque terão por acção menos decorosa á sua grandeza buscarem por si mesmos os homens para se servirem de seus talentos nos officios e cargos de maior importancia e serem elles como os pretendentes dos mesmos homens, os requerentes dos mesmos officios?

Nos provimentos reaes não são os vassallos os providos, senão os reis. Prova-se com os exemplos citados de Moysés, David e S. Paulo.

Quem isto extranhar é, porque o intende ás avessas. Cuidam que n'estes casos fazem os reis os provimentos dos vassallos; e é engano. Os providos n'estes provimentos não são os vassallos, senão os mesmos reis. Deus era o rei de Israel; e quando proveu o officio em um filho de Isai, que disse a Samuel? Irás á casa de Isai, porque em seus filhos tenho provido para mim o rei: *Mittam te ad Isai, providi enim in filiis eius mihi regem.* Notae muito muito o *providi mihi*, provi para mim. O provimento foi feito em David, mas o provido foi Deus. O mesmo se verificou no provimento de Moysés e no provimento de Paulo. Quando Deus proveu a Moysés disse que descera do céu para por meio d'elle livrar do captiveiro a seu povo: *Descendi ut liberem populum meum de manibus agyptiorum.* De sorte que Deus e o seu povo era o empenhado no officio provido em Moysés. E quando Christo desceu tambem do céu e elegeu S.

Paulo o que disse foi: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum:* onde se deve notar o *mihi* e o *nomen meum:* porque tambem o empenhado no provimento de Paulo era o mesmo Christo e o seu nome. E como os principes, quando provêem os officios nos grandes homens, elles, posto que supremos e soberanos são os providos; não é muito que elles tambem sejam os que os busquem e se dem os parabens de os acharem, como Deus se gloriava e se dava o parabem de achar a David: *Inveni David servum meum... inveni hominem secundum cor meum qui facit omnes voluntates meas.*

Quem sabe procurar os benemeritos merece o nome de verdadeiro rei.

Quando assim o fizerem os reis buscando os escondidos e pretendendo os que não pretendem e tirando-os para seu serviço dos logares onde estiverem mais retirados, então obrarão como reis e serão venerados e adorados como reis descidos do céu. Quando Natanael appareceu a primeira vez deante de Christo, disse o Senhor d'elle que era verdadeiro israelita. E como admirado Natanael perguntasse d'onde o conhecia, e o Senhor respondesse que já o tinha visto quando, deitado debaixo da sua figueira, o chamara Philippe; exclamou Natanael dizendo: Confesso que vós, Senhor, sois o verdadeiro Rei de Israel, o Filho de Deus. Pois porque Christo lhe disse que antes de apparecer deante d'elle o conhecia e que o vira quando estáva á sombra da sua figueira; d'ahi infere Natanael que é verdadeiro Rei, Filho de Deus e Redemptor de Israel? Sim: porque o rei que conhece os seus vassallos e as suas boas partes e merecimentos, antes de apparecerem em sua presença e estando ausentes e retirados ao pé de uma arvore, põi os olhos n'elle, este tal rei não só é rei, mas vindo do céu e merecedor de ser acclamado e venerado com adorações. Tal é o exemplo que a todos os reis deixou o verdadeiro Messias e tal o estylo com que tambem hoje a republica de Jerusalem não buscou ao mesmo Messias na côrte senão nos desertos: *Miserunt Judaei ab Hierosolymis sacerdotes et levitas ad Joannem.*

(Ed. ant. tom. 6.º, pag. 129, ed. mod. tom. 9.º, pag. 193.)

SERMÃO DA QUARTA DOMINGA DO ADVENTO *

Observação do compilador—Tambem este é um sermão modelo; e no genero das homilias oratorias, tem a fórma mais seguida dos outros prégadores. Sobretudo a peroração é um prodigio de eloquencia apostolica.

Factum est verbum Domini super Joannem; et venit in omnem regionem Jordanis praedicans baptismum poenitentiae in remissionem peccatorum.

S. Luc. Cap. 3.

O juizo do tribunal da penitencia é o quarto das domingas do advento.

Sem que o diga, está dicto por si mesmo, que havemos de ter hoje o quarto juizo. Vimos o juizo de Deus para com os homens: vimos o juizo dos homens para com os outros; e vimos finalmente o juizo de cada um para comsigo mesmo. Mas qual será o quarto e ultimo juizo que nos resta hoje para ver? «E' o expresso nas palavras citadas de S. Lucas; o juizo da penitencia destinado por divina instituição a julgar estes tres juizos.» Levanta n'este Evangelho o Baptista o tribunal supremo da penitencia; e assenta-o com grande propriedade e mysterio nas ribeiras do Jordão: porque Jordão quer dizer: o Rio do Juizo. A vêr-se nas aguas d'este rio, a presentar-se deante d'este tribunal veem hoje os tres juizos, cada um por suas causas. O juizo de si mesmo vem por suspeicões, porque o damos por suspeito: o juizo dos homens vem por aggravo, porque aggravamos d'elle: o juizo de Deus vem por appellação, porque appellamos de Deus para o tribunal da penitencia. Todos estes juizos hão de ser julgados hoje, e espero que hão de sair bem julgados; porque debaixo do juizo da penitencia o juizo de si mesmo emenda-se, o juizo dos homens despreza-se, o juizo de Deus revoga-se. Assim que o juizo de si mesmo emendado, o juizo dos homens desprezado, o juizo de Deus revogado, é o que havemos de ver hoje.

Este sermão dirige-se aos corações.

Tenho proposto, catholico e nobilissimo auditorio, a materia d'este ultimo sermão; e se nos passados mereci alguma cousa a vossos intendimentos, quizera que m'o pagassem hoje vossos corações. Aos corações determino prégar hoje e não aos intendimentos. Christo, soberano exemplar dos que prégam sua palavra, compara os prégadores aos que lavram e semeiam. O ultimo sermão é o agosto dos prégadores: se se colhe algum fructo, n'este sermão se colhe. Mas quando eu vejo que hoje nos torna a repetir o Baptista que clamava em deserto: *Vox clamantis in deserto;* que confiança póde ficar a qualquer outro prégador que não desmaie? Que palavras podem ser tão fortes e efficazes as suas, que antes de as pronunciar a voz não emmudeçam? Lembra-me, porém, que para Christo converter um homem que o tinha negado tres vezes, porque se dignou de lhe pôr os olhos, bastou a voz irracional e nocturna de uma ave, cujas azas apenas a levantam da terra, para o restituir outra vez ao caminho do céu. Tanto póde um *Respexit* dos olhos divinos! Assim é, Senhor, assim é; e posto que este indigno ministro da vossa palavra seja tão desproporcionado instrumento para obra tão grande; se os olhos de vossa piedade e clemencia se pozerem nos que me ouvem e um raio de vossa vista lhes ferir as almas; não desespero, antes confio de vossa graça, que as soberanas influencias de sua luz farão o que podem e o que costumam. Olhae vós, Senhor; que ainda que fossemos gentios sem fé e não christãos, os nossos corações se farão de cêra e derreterão. N'este dia, pois, em que nos não resta outro, accendei a frieza de minhas palavras e allumiae as trévas de nossos intendimentos; de sorte que resolutamente desenganados, façamos hoje um inteiro e perfeito juizo de vós, de nós, e do mundo: de vós, para que vos conheçamos e vos amemos; de nós, para que nos conheçamos e nos humilhemos; do mundo, para que o conheçamos e o desprezemos.

Os tres primeiros juizos ante o da penitencia.

II. Ora venham entrando os tres juizos para serem examinados e julgados no tribunal da penitencia, «onde está sentado em throno de misericordia o mesmo Juiz eterno que no valle de Josaphat ha de julgar os vivos e os mortos com rigor de justiça.» Examinemos o juizo de si mesmo para que se emende; o juizo dos homens para que se despreze; e o juizo do mesmo Deus para que se revogue; e comecemos pelo que nos fica mais perto.

O juizo de si mesmo emenda-se.

No tribunal dos areopagitas em Athenas costumavam entrar os reus com os rostos cobertos. Assim entra e se presenta ao tribunal da penitencia o juizo de si mesmo: entra com os olhos tapados, porque não ha juizo mais cego. A cegueira do juizo e amor proprio é muito maior que a cegueira dos olhos: a ce-

gueira dos olhos faz que não vejamos as cousas; a cegueira do amor proprio faz que as vejamos differentes do que são, que é muito maior cegueira; porque não vêr nada é privação, vêr uma cousa por outra é erro. Eis aqui porque sempre erra o juizo proprio; eis aqui porque nunca acabamos de nos conhecer. Somos pouco maiores que as hervas e fingimo-nos tão grandes como as arvores: somos a cousa mais inconstante do mundo e cuidamos que temos raizes. Se o inverno nos tirou as folhas, imaginamos que nol-as ha de tornar a dar o verão; que sempre havemos de florescer; que havemos de durar para sempre. Isto somos e isto cuidamos. E que faz a penitencia para allumiar este cego? Duas cousas: tira-lhe o véo dos olhos e mette-lhe um espelho na mão. Tira-lhe o véo dos olhos, como pedia o peccador a Deus: *Revela oculos meos*. Mette-lhe um espelho na mão, como dizia Deus ao peccador: *Statuam te contra faciem tuam*; pôr-vos-hei deante de vós. Nenhuma cousa trazemos os homens mais esquecida e desconhecida, nenhuma trazemos mais detrás de nós, que a nós mesmos. E que faz o juizo da penitencia? Põi-nos a nós deante de nós, como réos deante do tribunal, para que nos julguemos, e como objecto deante do espelho para que nos vejamos. Cousa difficultosa é que homens tão derramados nas cousas exteriores cheguem a se vêr interiormente como convém. Mas isso faz a penitencia por um de dous modos, ambos maravilhosos: ou voltando-nos os olhos de fóra para dentro para que nos vejamos: ou virando-nos a nós mesmos de dentro para fóra para que nos vejam.

Ps. 18.

Ibid. 49.

Nabuchodonosor transformado em bruto.

Quando Deus quiz converter aquelle desvanecido rei Nabuchodonosor para que se descesse de seus soberbissimos pensamentos e conhecesse o que era; o primeiro passo por onde o encaminhou á penitencia foi transformal-o em bruto. Sobre o modo d'esta transformação ha variedade de pareceres entre os doutores. Uns dizem que foi imaginaria, outros que foi verdadeira; e posto que este segundo modo é mais conforme ao Texto, de ambos podia ser. Se foi transformação imaginaria voltou Nabuchodonosor os olhos para dentro de si mesmo e viu tão vivamente o que era, que desde aquelle poncto se não teve mais por homem, senão por bruto; e como tal se tractava. Se foi transformação verdadeira; converter Deus em bruto Nabuchodonosor não foi outra cousa que viral-o de dentro para fóra; para que mostrásse por fóra o que era por dentro na vida. Oh quão outro se imaginava este grande rei antes do que agora se via! D'antes não se contentava com ser homem e imaginava-se Deus: agora conhecia que era muito menos que homem, porque se via

bruto entre os brutos. Se voltarmos os olhos para dentro de nós; ou se Deus nos virára a nós mesmos de dentro para fóra, que differente conceito havia de fazer cada um de si, do que agora fazemos! Mas sigamos os passos d'este novo monstro e vêl-o-hemos e vêr-nos-hemos. Andou pascendo aquelle bruto racional o primeiro dia da sua transformação entre os animaes: e lá pela tarde teve sede: foi-se chegando sobre quatro pés á margem de um rio; e quando reconheceu no espelho das aguas a deformidade horrenda da sua figura, valha-meDeus, que assombrado ficaria de si mesmo! Provaria primeiro a fugir de si; mas como se visse atado tão fortemente áquelle tronco bruto, remetteria a precipitar-se na corrente; e se Deus o não tivesse mão, que o queria trazer por aquelles campos de Babylonia para exemplo eterno dos soberbos, alli ficaria sepultado, primeiro em sua confusão e depois na profundidade do rio. E quem é Nabuchodonosor assim transformado, senão o peccador, bruto com razão e sem uso d'ella, que anda pascendo nos campos d'este mundo entre os outros animaes mais animaes que elle? Só uma differença ha entre nós e Nabuchodonosor; que elle quiz fugir de si e não pôde, nós ainda podemos se quizermos. Chega emfim o peccador a vêr-se nas aguas do rio Jordão (que é o rio do juizo) espelhos naturaes e sem adulação: vê de repente o que nunca tinha visto: vê-se a si mesmo. Oh que assombro! E' possivel que este sou eu? Tal fealdade, tal horror, tal bruteza, taes deformidades ha em mim? Sim e muito maiores. Este sois e não o que vós cuidaveis. Vêde se diz este retrato com o que vós tinheis formado de vós mesmo no vosso pensamento! Vêde bem e considerae muito de vagar n'esse espelho o rosto e as feições interiores da vossa alma. Vêde bem esses olhos que são as vossas intencões; esses cabellos, que são os vossos pensamentos; essa bocca, que são as vossas palavras; essas mãos, que são as vossas acções e as vossas obras. Vêde bem se diz essa imagem com a que tendes na vossa idéa. Vêde se se parece o que vêdes com o que imaginaveis. Vêde se vos conheceis: vêde se sois esse ou outro: *Tu quis es?*

O não considerar cada um seus peccados é a causa do seu orgulho.

Sabeis porque andamos tão vangloriosos e tão desvanecidos de nós mesmos? Porque trazemos os olhos por fóra e a nós por dentro: porque não nos vemos. Se nos viramos interiormente como somos, se consideraramos bem a deformidade de nossos peccados, oh que differente conceito haviamos de formar de nós. Tão desvanecidos de illustres, tão desvanecidos de senhores, tão desvanecidos de poderosos, tão desvanecidos de discretos, tão desvanecidos do gentis-homens, tão desvanecidos de sabios, tão desvanecidos de valentes, tão desvanecidos de

tudo; e porque? Porque vos não vêdes por dentro. Dizei-me vós que uma vez pozesseis bem os olhos em vossos peccados, oh como havieis de emendar todos esses epithetos!

Como os considerava David. Ps. 50. Commento de Chrysostomo

Nenhum houve no mundo que mais se podesse prezar de si que David; porque n'elle ajunctou a natureza e a graça, tudo o que repartiu pelos grandes homens; e comtudo nenhum homem achareis mais humilde e menos prezado de si mesmo, antes mais desprezador de si, que David. E d'onde cuidais que lhe vinha isto? *Peccatum meum contra me est semper*. Estava David sempre olhando para os seus peccados e vendo-os e vendose n'elles: *Quasi peccatorum imagines contemplabatur*: commenta S. João Chrysostomo. Estava David contemplando os seus peccados, como se estivera vendo e considerando as imagens e retratos de suas acções. Não ha duvida que muitas peças do palacio de David pelo verão nas pinturas, pelo inverno nos tapizes estariam ornadas com as famosas historias de suas façanhas. Mas não eram estas as vistas em que se entretinha aquelle grande rei, nem estas as galerias em que ia passear. Em contraposição d'aquellas pinturas (sigamos assim a consideração de Chrysostomo) mandou fabricar David outra galeria chamada de suas fraquezas, e n'ella pintar em diversos quadros, não as famosas, mas as lastimosas historias de seus peccados. Aqui vinha passear David; aqui tinha o bom rei as suas meditações: aqui alcançava a maior das suas victorias, que foi o conhecimento de si mesmo.

Varias considerações do rei penitente.

Quasi peccatorum imagines contemplando: vamos com David considerando peccados e mudando epithetos. Punha os olhos David em um quadro, via a historia de Bersabé e dizia comsigo: É possivel que me tenha o mundo por propheta; e que não antevisse eu que de uma vista se havia de seguir um pensamento, de um pensamento um desejo, e de um desejo uma execução tão indigna de minha pessoa e de meu estado?! Não me chamem mais propheta, chamem-me cego. É possivel que sou eu tido no mundo pelo valente da fama; e que bastou uma mulher para me vencer, e para que eu deixasse a guerra e não saisse á campanha n'aquelle tempo em que costumavam andar os reis armados deante de seus exercitos?! Não me chame ninguem valente, chamem-me fraco. Dava dous passos adeante David, punha os olhos n'outro quadro; via a historia de Urias, como dava a carta a Joab e como apparecia logo morto nos primeiros esquadrões e victoriosos os inimigos. E' possivel que me prézo eu de principe verdadeiro; e que mandei commetter uma aleivosia tão grande debaixo da minha firma; e que a um vassallo tão fiel, depois de lhe tirar a honra, lhe tirei tambem a

vida enganosamente?! Não me terei mais por verdadeiro, senão por fementido. E' possivel que me fez Deus rei de seu povo para lh'o conservar e defender; e que consolo eu a nova da rota do meu exercito com a nova da morte de Urias; e que pesa mais na minha estimação a liberdade de um appetite, que a perda de tão fieis e valorosos soldados?! Não me chamem rei, chamem-me tyranno. Ia por deante David: contemplava outro quadro: via o caso de Nabal Carmelo; como mandára tirar a vida a tudo o que em sua casa a tivesse; e como depois lhe concedia perdão pelos rogos de sua mulher—Abigail. E' possivel que eu sou o celebrado de benigno e piedoso; e mando tirar a vida a um homem; porque não quiz dar sua fazenda aos fugitivos que me seguem?! Eu sou o que domei os leões e os ursos no deserto e não pude domar um impeto de ira dentro em mim mesmo! Não me chamarei mais humano, chamar-me-hei fero. E' possivel que me preze eu de inteiro e que sendo tão justificada a causa de Nabal, ao menos não digna de tal castigo, não bastasse para me aplacar a sua justiça patrocinada só de si mesma; e que depois representada por Abigail, podesse mais um memorial acompanhado do seu rosto, que da sua razão?! Não me chamarei inteiro, chamar-me-hei respectivo. Dava mais passos adeante David, via n'outro quadro a historia de Siba: como accusava a Miphiboseth, seu senhor: como tomava posse da fazenda; e como depois de provada a calumnia lhe mandára restituir só a metade. E' possivel que me prezo eu de considerado, que pelo dicto de um creado, sem mais informação nem figura de juizo, declaro Miphiboseth filho do rei meu antecessor por «culpado e» réo de leza-majestade; e lhe confisco a fazenda e a dou ao mesmo accusador?! Não me terei mais por prudente, senão por temerario. E' possivel que tenho eu opinião de recto; e quo depois de averiguada a calumnia e provada a innocencia, deixe ao traidor com a metade dos bens e não mando que se restituam todos ao innocente! Não me terei mais por «homem» recto, senão por injusto. Eis aqui como David pelos retratos de seus peccados ia mudando os seus epithetos e emendando o juizo de si mesmo; e tendo em si tanta materia para a vaidade, achava tanta para os desenganos.

Como devemos imital-o.

Christãos, (e não digo senhores, porque quizera que vos prezasseis mais de christãos) ponha-se cada um deante das imagens de seus peccados; cuide e considere n'ellas um pouco; e verá como as idéas antigas que tinha na phantasia se lhe vão despintando; e como muda e emenda o juizo errado que de si mesmo fazia. Todos vos prezais de honrados, todos vos pre-

zais de valorosos, todos vos prezais de intendidos, todos vos prezais de sisudos: quereis emendar esses epithetos? Virae os olhos para dentro aos peccados .Eu sou o que me tenho por horado; e commetti tantas vezes uma vileza tão grande como ser ingrato e infiel a meu Senhor, a meu Deus que me creou e me remiu com seu sangue! Não sou honrado, sou vil. Eu sou que me tenho por valoroso e commetti tantas vezes uma fraqueza tão baixa como deixar-me vencer de qualquer tentação e virar as costas ao Christo, sem resistir por seu amor nem a um pensamento! Não sou valoroso, sou covarde. Eu sou que me prezo de intendido e commetti tantas vezes uma ignorancia tão feia, como antepôr a creatura ao Creador, a summa miseria ao summo e infinito bem! Não sou intendido, sou nescio. Eu sou que me prezo de sisudo; e commetti tantas vezes uma loucura tão rematada como arriscar por um appetite leve, por um instante de gosto, uma eternidade de gloria ou de inferno! Não sou sisudo, sou louco. D'esta maneira emenda o juizo da penitencia os erros e as cegueiras do nosso. Em logar de sisudo põi louco; em logar de valoroso, covarde; em logar de honrado vil: e aquillo era o que cuidáramos; isto o que somos. Ninguem nos diz melhor o que somos que os nossos peccados.

Os nossos peccados nos mostram o que somos por nossa avaliação
3 *Reg.* 2

Ainda os nossos peccados postos deante dos olhos teem outro modo de convencer e emendar mais apertado e mais forçoso; que é convencer-nos a nós comnosco e emendar o nosso juizo com o nosso proprio juizo. Cada um em seu juizo não se deve estimar mais que aquillo em que elle mesmo se avalia. E como se avalia cada um de nós? Isto não se vê nos nossos pensamentos; vê-se nos nossos peccados. Todas as vezes que um homem pecca, vende-se pelo seu peccado: *Venumdatus est ut faceret malum*: diz a Escriptura sagrada. Ora veja cada um de nós o preço por que se vende, e d'ahi julgará o que é. Prezais-vos muito, estimais-vos muito, desvanesceis-vos muito: quereis saber o que sois por vossa mesma avaliação? Vêde o preço por que vos dais: vêde os vossos peccados. Dais-vos por um respeito, dais-vos por um appetite, por um pensamento, por um aceno: muito pouco é o que por tão pouco se dá. Se nos vendemos por tão pouco; como nos prezamos tanto? Filhos de Adão, emfim. Quem visse Adão no paraiso, com tantas presumpções de divino, mal cuidaria que em todo o mundo podesse haver preço por que se houvesse de dar. E que succedeu? Deu-se elle e deu a todos os seus filhos por uma maçã. Se nos vendemos tão baratos, porque nos avaliamos tão caros? Já que vos estimais tanto, não vos deis por tão pouco; e pois vos dais pur tão pouco, não vos tenhais por mais. Não é razão

que se avalie tão alto no seu pensamento quem se vende tão baixo no seu peccado. Eis aqui a que se reduz e como se desengana o juizo de si mesmo, quando se vê como em espelho na imagem de seus peccados; e assim o muda, assim o emenda o juizo da penitencia: *Praedicans baptismum poenitentiae.*

O juizo dos homens ante o juizo da penitencia.

III. O juizo de si mesmo, como acabamos de vêr, emenda-se; e o juizo dos homens? Despreza-se. Entra, pois, o juizo dos homens a presentar-se deante do tribunal da penitencia; e não vem com os olhos vendados, como o juizo de si mesmo; mas com todos os sentidos e com todas as potencias livres e muito livres; porque com todas julga a todos. Traz livres os olhos, porque julga tudo o que vê: traz livres os ouvidos, porque julga tudo o que ouve: e traz livre mais que tudo a imaginação, porque julga e condemna tudo o que imagina.

Despreza-se fechando-lhe os ouvidos. Exemplo do Christo.

Mas que faz a penitencia para desprezarmos este idolo tão adorado, tão temido e tão respeitado no mundo? Que faz ou que póde fazer a penitencia para que não façamos caso, sendo homens, do juizo dos homens? Com abrir ou fechar um sentido faz a penitencia tudo isto. Para o juizo de si mesmo abre-nos os olhos; para o juizo dos homens fecha-nos os ouvidos. No dia da Paixão choviam testemunhos e blasphemias contra Christo; e o Senhor como se nada ouvira. Assim lh'o disse admirado Pilatos: Não ouves quantas testemunhas dizem contra ti? Não ouvia Christo; porque ouvia, como se não ouvira. O Senhor n'aquelle dia ia satisfazer a Deus por peccados nossos que fizera seus; e quem tracta de satisfazer a Deus por peccados, não tem ouvidos para o que contra elle dizem os homens: *Ego autem tanquam surdus non audiebam.* Digam os homens, julguem os homens, condemnem os homens o que quizerem e quanto quizerem: que quem tracta de veras de ser bem julgado de Deus, não se lhe dá do juizo dos homens. Sabeis porque fazemos tanto caso dos juizos humanos? Porque não somos verdadeiros penitentes. Se a nossa penitencia, se o nosso arrependimento fôra verdadeiro, quo pouco caso haviamos de de fazer de todas as opiniões do mundo!

Is. 37

David typo da verdadeira penitencia e Saul da falsa. 2 *Reg.* 12 1. *Reg.* 25

Peccou David o peccado de Bersabé e Urias. Ao cabo de algum tempo veio o propheta Nathan a advertil-o do grande mal que tinha feito: reconheceu David sua culpa e disse: *Peccavi*, pequei; e no mesmo poncto por parte de Deus o absolveu o propheta do peccado: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum.* Peccou Saul o peccado da desobediencia reservando do despojo de Amalec para o sacrificio: veio tambem o propheta Samuel advertil-o de quanto Deus sentia aquella culpa. Conheceu-a Saul, disse: *Peccavi*, pequei: mas nem o propheta respondeu que es-

tava perdoado, nem Deus lhe concedeu perdão. E' este um dos notaveis casos que tem a Escriptura, considerada a similhança de todas as circumstancias d'elle. David era rei, Saul tambem era rei: David peccou, Saul peccou: a David veio admoestar um propheta, a Saul veio admoestar outro propheta: David disse *Pequei*: Saul disse *Pequei*. Pois se os casos em tudo foram tão similhantes, como perdôa Deus a David e não perdôa a Saul? Se um *Peccavi* basta a David, a Saul porque não lhe bastou um *Peccavi?* A razão litteral que dão todos os doutores, é que o *Peccavi* de David foi dicto com todo o coração; o *Peccavi* de Saul foi dito sómente de bocca; a penitencia de David foi penitencia verdadeira, a penitencia de Saul foi penitencia falsa. Muito bem dicto: mas d'onde se prova? D'onde se prova que foi falsa a penitencia de Saul; d'onde se prova que o seu *Peccavi* foi dicto de bocca e não de coração? Não o dizem os doutores; mas eu o direi ou o dirá o Texto. Quando David disse *Peccavi*, não fallou mais nada. Quando Saul disse *Peccavi* accrescentou estas palavras: *Peccavi, sed honora me coram senioribus populi mei et coram Israel*. Pequei, mas vós, Samuel, tractai de minha reputação e honrai-me com os grandes e povo de meu reino. Ah! sim, Saul! E vós, depois de dizer *Peccavi*, depois de vos pôrdes em estado de penitente, ainda vos lembra a reputação, ainda fazeis caso do que dirão ou não dirão de vós os homens? Signal é logo que não é verdadeira a vossa penitencia; e que aquelle *Peccavi* nasceu na bocca e não no coração. Quem chega a estar verdadeiramente penitente, quem chega a estar verdadeiramente arrependido, como estava David; não lhe lembra mais que os seus peccados: *Peccavi*: não se lhe dá do que julgam ou do que dizem os homens.

Quem accusa a si mesmo não se lhe dá que o accusem outros.

As razões d'esta verdade são muitas e grandes: ouvi as de minha tibieza; que a quem tiver melhor espirito lhe occorrerão outras mais e maiores. O verdadeiro penitente elle mesmo se accusa e se condemna: que se lhe dá logo que digam outros o que elle confessa de si? Que importa que outros levem o pregão, quando eu mesmo executo o castigo? Quem se confessa por «criminoso», não lhe fazem aggravo as testemunhas. Se um homem está verdadeiramente arrependido, se conhece verdadeira e profundamente suas culpas, nunca ninguem dirá d'elle tanto mal, que elle se não julgue por muito peior. E quem se vê julgado mais benignamente do que suas culpas merecem; antes tem razão de agradecer, que de queixar-se. Por isso os grandes penitentes não se queixavam das suas injurias. Julgue e diga o mundo o que quizer; que nunca poderá dizer tanto mal, quanto eu sei de certo que ha em mim.

Esta accusação servir-lhe-ha de desconto de seus peccados.

Nenhuma cousa deseja mais um verdadeiro penitente que tomar vingança em si das injurias de Deus; e como o juizo dos homens se pôi da parte d'esta vingança, antes nos ajuda que nos offende. Quem se não abhorrece a si, diz Christo, não me póde servir a mim. Oh como se abhorrece a si, e como se abhorrece de si um verdadeiro penitente! E que se me dá a mim que seja bem ou mal julgado, quem eu abhorreço? Se eu conheço verdadeiramente a deformidade de minhas culpas, não hei de abhorrecer mais quem as fez que quem as diz?

O juizo dos homens não póde dar nem tirar a graça de Deus.

O verdadeiro penitente só uma cousa estima e só uma cousa teme n'esta vida: só estima o que póde dar graça, e só teme o que a póde tirar. E como o juizo dos homens não póde dar nem tirar graça de Deus, que se lhe dá ao penitente do juizo dos hemens? O juizo dos homens, quando muito lhe dêmos, poderá fazer mal, mas não póde fazer máos. Se eu sou bom, por mais que me julguem mal os homens, não me pódem fazer máu; e se eu sou máu, por mais que me julguem bem os homens não me pódem fazer bom; e como o juizo dos homens não tem poder para fazer bons nem máus, que caso ha de fazer d'este juizo o verdadeiro penitente, que só uma cousa deseja que é ser bom, e só de uma cousa lhe peza, que é ter sido máu?

Nem póde tirar o paraiso.

Feche todas estas razões uma maior que todas. O juizo dos homens por mais que vos condemnem, póde-vos impedir o céu ou levar-vos ao inferno? Não. Ponde agora de uma parte todos os juizos dos homens, e da outra os vossos peccados; e perguntae-vos a vós mesmo: Quaes d'estes deveis mais temer? Os juizos dos homens, ainda que façam todo o mal que podem, nem pódem dar inferno, nem tirar paraiso: os peccados, ainda que acheis n'elles todos os falsos bens que vos promettem, só elles tiram paraiso e dão inferno. E como o verdadeiro penitente está vendo que só os seus peccados o podem tirar do paraiso e leval-o ao inferno, que caso ha de fazer do juizo dos homens? Dos peccados, sim; e só dos peccados: porque só por elles o póde condemnar Deus. E quem teme que o póde condemnar Deus, não se lhe dá que o condemnem os homens.

Que poucos são os verdadeiros penitentes.

Supposta a verdade d'esta doutrina, que poucos e que poucas penitentes verdadeiras deve haver hoje no mundo, onde tanto se tracta só de agradar e contentar aos homens! Vejam-n'o os homens em David e as mulheres na Magdalena. David, que pouco caso fez das injurias de Semey! Disse Semey a el-rei David em seu proprio rosto as injurias, que se não poderam dizer ao mais vil homem. Quizeram remetter logo a elle os que acompanhavam ao rei, para lhe tirarem a lingua e a vida;

e que fez David? Teve mão n'elles para que o deixassem dizer. As injurias são a musica dos penitentes: tal ia David n'aquelle passo, descalço e chorando seus peccados. Quem conhece que tem offendido a Deus, nenhuma cousa o offende. Assim desprezava David o juizo dos homens,

Penitencia da Magdalena.

Da Magdalena quem o poderá explicar com a ponderação que merece? Uma senhora tão principal em Jerusalem, tão servida, tão estimada, tão dada á vaidade e galas; quem a visse com o toucado desprendido, com o vestido sem concerto, pela rua sem companhia, em casa do phariseu sem reparo, toda fóra de si (ou toda dentro em si, porque toda era coração n'aquella hora) os cabellos descompostos, o alabastro quebrado, os olhos feitos dous rios, lançada aos pés de Christo, abraçando-os e abraçando-se com elles, que diria? Valha-me Deus, senhora, que mudança é esta? Não vêdes quem sois? Não vêdes o que fazeis? Não vêdes o que dirão os homens? Não: nada vejo: que quem viu seus peccados não lhe ficam olhos para ver outra cousa. Não vejo o que sou, porque vi o que fui: não vejo o que faço, porque vi o que fazía... Já vi tudo o que havia de ver n'esta vida, e prouvera a Deus que não tivera visto tanto. Já não faço caso dos homens, nem de seus juizos: digam o que quizerem.

Tres vezes condemnada no juizo dos homens.

Tres vezes foi a Magdalena julgada e condemnada no juizo dos homens. Julgou-a e condemnou-a o phariseu, chamando-lhe peccadora. Julgaram-n'a e condemnaram-n'a os apostolos, chamando-lhe esperdiçada. Julgou-a e condemnou-a sua irmã, chamando-lhe ociosa. Tudo isto ouviu sempre a Magdalena: mas nunca se lhe ouviu uma palavra: como se respondera com o silencio: Condemnem-me embora os phariseus, condemnem-me os apostolos, condemnem-me os de que menos se podia esperar, os irmãos. Nos phariseus condemne-me a malicia, nos apostolos condemne-me a virtude, na irmã condemne-me a mesma natureza; que a quem tem maiores causas para sentir, não lhe dão cuidado essas. «Assim ella o havia de dizer de si para si chorando os seus peccados.» Quando as dôres são eguaes, sentem-se todas; quando uma é maior, suspende as outras. A dôr dos peccados, se é verdadeira, é a maior dôr de todas; porque tem maiores causas; e a quem verdadeiramente lhe doem seus peccados, nenhuma outra cousa lhe dóe. A setta que feriu o coração, defende de todas as settas; porque ainda que acham corpo, já não acham sentimento. Faça os tiros que quizer o juizo dos homens; que se o coração está ferido de Deus, ou não offendem ou não magoam. O amor é um sentimento que faz insensiveis; por isso se compara á morte.

A morte faz insensivel a quem mata; o amor, insensivel a quem ama. Quem tracta só de amar a Deus; só sente havel-o offendido: a tudo o mais é insensivel.

Como argumentaria a si comsigo.

Exemplos tinha em si mesma a Magdalena e podera-se argumentar a si comsigo. Que importa parecer mal aos homens, se eu parecer bem a Deus? Que importa parecer mal aos demais, se eu parecer bem a quem amo? Quantas vezes nas minhas loucuras, segui o desprezo d'este dictame? E será bem que seja agora menos animoso meu amor e menos resoluto? Se eu não reparei no que diriam os homens para offender a Deus, repararei agora no que dizem ou no que dirão para o buscar? Não reparei em que dissessem que era peccadora; e repararei em que digam que sou arrependida? Já que soffri que murmurassem o peccado, não é menos que calumniem a emenda?

Aos pés de Christo não se faz caso do juizo dos homens.

Isto dizia o silencio da Magdalena as tres vezes que a condemnaram os homens. E é muito de notar que de todas estas tres vezes estava a Magdalena aos pés de Christo. Oh que grande remedio são os pés de um Christo para um homem se lhe não dar dos juizos dos homens! E se isto faziam os pés de Christo vivo, quanto mais os pés de um Christo morto e crucificado! E' possivel, Senhor, que estejais n'essa cruz, julgado e condemnado, sendo a mesma innocencia; e eu não soffrerei ser julgado e condemnado sendo peccador?! Se a vós vos julgam e condemnam pelos meus peccados; porque hei de sentir eu que me julguem e me condemnem pelos meus? Em vós estou adorando as injurias e as affrontas; e em mim não as hei de soffrer? Para vos offender e me perder não reparei no que diziam os homens, e para vos amar e me salvar repararei no que dirão? Não é isso o que vós me ensinais n'essa cruz.

Umas vezes Deus fez caso d'elle.

Ouvi uma cousa grande em que parece que mudou de condição Deus. Quando Deus quiz castigar o povo no deserto, allegou Moysés o que diriam os egypcios, e deixou o Senhor de os castigar. Quando Josué teve a primeira rôta da terra de Promissão, allegou a Deus o que diriam os chananeus; e continuou o Senhor a favorecel-o. Quando o reino de Israel estava mais afflicto, representou David a Deus o que diriam as gentes e cessou a afflicção. De maneira que o remedio que tinham os patriarchas antigos para alcançar de Deus o que queriam, era allegar-lhe um *O que dirão os homens*.

E outras não.

Determina Deus de vir á terra e remir e salvar o mundo; e se alli se achasse Moysés, Josué ou David com o espirito prophetico que tinham, parece que poderam fazer a Deus a mesmo réplica: Como assim, Senhor? Quereis ir ao mundo? Quereis apparecer entre os homens? E não reparais no *Que dirão*,

e é certo que hão de dizer de vós? Hão de dizer que sois um samaritano e um endemoninhado: hão de dizer que sois um blasphemo: hão de dizer que sois um enganador: hão de dizer que sois um perturbador da republica. Hão de dizer que vos não podeis salvar: hão de dizer, finalmente, infinitos opprobrios contra vós. Mais. Ha-se de levantar um Ario que ha de dizer que não sois consubstancial ao Padre: ha-se de levantar um Manicheo que ha de dizer que não sois homem: ha-se de levantar um Nestorio que ha de dizer que não sois Deus: ha-se de levantar um Calvino que ha de dizer que não estais no Sanctissimo Sacramento: hão-se de levantar infinitos heresiarchas outros, que hão de dizer contra vossa divindade e humanidade infinitas blasphemias. Pois se Deus estava prevendo tudo isto; e se antigamente podia tanto com Deus *O que diriam os homens;* porque agora faz tão pouco caso do que dirão? Porque antigamente encontrava-se o *que dirão* dos homens com o nosso castigo; agora encontra-se com o nosso remedio; e quando o *Que dirão* dos homens encontra-se com o nosso castigo, deixa Deus de castigar pelo *Que dirão*: mas quando o *Que dirão* dos homens encontra-se com o nosso remedio; pelo *Que dirão* dos homens não deixa Deus de salvar. Vá por deante o negocio da salvação; e digam os homens o que quizerem. Christãos, ha alguns de nós tão pusillanimes que por medo do *Que dirão os homens* deixem de fazer muitas cousas que importam á propria salvação? Deus nos livre do uma covardia como esta. Façamos por nossa salvação o que Deus fez pela nossa. Deus por me salvar a mim não fez caso do juizo dos homens; e será bem que o faça eu? Faça-se tudo o que fôr necessario á salvação; e digam os homens o que quizerem. Que importa ser bem julgado dos homens, se vós vos não salvais? E se vós vos salvais, que importa ser mal julgado dos homens? Eis aqui como o juizo dos homens se despreza no juizo da penitencia: *Praedicans baptismum poenitentiae.*

O juizo de Deus na penitencia sái revogado.

IV. Emendado no juizo da penitencia o juizo de si mesmo, e desprezado o juizo dos homens, resta só por julgar o juizo de Deus, que, como diziamos, ha de sair revogado. Os outros dous juizos entraram a ser julgados no tribunal da penitencia: do juizo de Deus não sei como me atreva a dizer outro tanto. Não é o juizo de Deus, de que fallamos, aquelle ultimo e universal juizo, onde sem appellação nem aggravo se hão de absolver ou condemnar para toda a eternidade aquelles que n'elle foram julgados, que hão de ser todos os homens? Pois como póde ser que haja outro tribunal no mundo em que a sentença d'este juizo se revoque, ou como póde revogar-se?

Só elle póde condemnar ao inferno. *Apoc. 1.*

O como veremos logo: agora vejamos entrar o juizo de Deus e presentar-se deante do tribunal da penitencia acompanhado de toda aquella grandeza e temerosa majestade que no ultimo dia do mundo o fará terrivel e tremendo. Não traz deante as varas e secures romanas, insignias da suprema justiça e auctoridade; mas traz aquella espada de dous gumes: *Gladius ex utraque parte acutus*; que significam as duas penas de damno e de sentido, a que só o juizo de Deus, e nenhum humano póde condemnar não só os corpos, mas tambem os espiritos. Oh que instrumentos tão formidaveis!

Revoga-o a penitencia virando-nos o coração.

Mas que faz a penitencia, ou que póde fazer para revogar este tão absoluto e tão independente juizo! Faz quasi o mesmo que pàra os demais. Para emendar o juizo de si mesmo abre-nos os olhos; para desprezar o juizo dos homens, tapa-nos os ouvidos; para revogar o juizo de Deus volta-nos o coração. Em dando uma volta o coração está o juizo de Deus revogado.

Texto notavel do propheta Joel, c. 2.

Falla o propheta Joel á lettra do juizo final de Deus: descreve o sol, a lua, as estrellas escurecidas e o céu e a terra tremendo á sua vista. Descreve os exercitos innumeraveis de anjos, armados de rigor e de obediencia, de que o Senhor sairá acompanhado, como executores de sua justiça e vingança. Descreve finalmente a grandeza e terribilidade d'aquelle temeroso dia; e perguntando quem haverá no mundo que o possa supportar, conclúi com estas palavras: *Nunc ergo dicit Dominus: Convertimini ad me in toto corde vestro.* Vêdes todos estes apparatos, todos estes rigores, todos estes assombros de ira, de justiça, de vingança? Com dar uma volta ao coração está tudo acabado. Voltae o coração a mim, ou voltae-vos a mim com o coração, diz Deus; e toda a sentença que estiver fulminada contra vós n'este meu juizo, ficará revogada: *Nunc ergo dicit Dominus: Convertimini ad me in toto corde vestro.* Notae o *Nunc ergo*, pelo que agora: de maneira que a penitencia ha de ser agora e o juizo ha de ser depois. Esta differença ha entre o juizo de Deus e o juizo dos homens: no juizo dos homens appella-se depois; no juizo de Deus appella-se antes. *Nunc ergo*, agora, agora, christãos; que agora é o tempo. E porque agora sim e depois não? Porque depois não póde haver penitencia. Se depois do dia do juizo podera haver penitencia; podera-se revogar a sentença do juizo de Deus. Mas a razão por que aquella sentença se não poderá revogar então, é porque não ha tribunal de penitencia senão agora: *Nunc ergo*. Mas vejamos já os poderes d'este tribunal por um exemplo, e seja o maior que houve no mundo. Dae-me attenção.

Celeberrimo exemplo dos ninivitas.

Entra o propheta Jonas prégando ou apregoando pela cidade de Ninive: *Adhuc quadraginta dies et Ninives subvertetur:* d'aqui a quarenta dias se ha de subverter Ninive. Era esta a sentença que estava dada no tribunal da divina justiça pelos peccados d'aquella cidade; e o propheta não fazia mais que o officio de um notario de Deus que a publíca. Com este pregão andou Jonas por toda a cidade, a qual era tão desmedidamente grande, que não pôde chegar á praça onde estava o paço menos que ao cabo de tres dias. Soou a sentença nos ouvidos do rei; e que vos parece que faria? Desce-se do throno real em que se assentavam sempre os reis conforme o costume d'aquelles tempos; rasga a purpura, veste-se de um aspero cilicio; tira a corôa; lança da mão o sceptro; cobre a cabeça de cinza; e manda que vão seguindo a Jonas com outro pregão, em que diga que faça toda a cidade o que el-rei fazia. O pregão de Deus ia deante, o pregão do rei ia atrás: o pregão de Deus para se executar d'alli a quarenta dias, o pregão do rei para se executar logo: e assim se fez. Vestiu-se de cilicio a rainha, vestiram-se de cilicio as damas, vestiram-se de cilicio os cortezãos, vestiu-se de cilicio todo o povo; e o que se não podera crêr, se o não dissera a Escriptura, vestiram-se e cobriram-se tambem de cilicio para horror e assombro dos homens até os mesmos animaes. D'esta maneira foi passando a cidade todos aquelles quarenta dias em continuo jejum, em continua oração, em continuas lagrimas e clamores ao céu. Chegado o ultimo dia, retirou-se Jonas a um monte para ver como Ninive se subvertia. Aportara elle ás praias de Ninive, supponhamos que ás nove horas da manhã; e quando ouviu dar as oito d'aquelle dia: Oh misera cidade, que já não te resta mais que uma hora de duração! Já se vê a suspensão em que passaria o propheta toda aquella hora. Tocam as nove: eis lá vai Ninive. Assim se lhe figurava a Jonas, quasi deslumbrado entre o lume dos olhos e o da prophecia; mas Ninive ainda se tinha mão. As suas torres estavam mui direitas, os muros estavam muito firmes; e nem a casa que d'antes estava para cair, fez movimento algum. Passou assim a primeira hora, passou a segunda, passou o dia todo; e Jonas a benzer-se e pasmar. Que é isto, Senhor? Que é da fé de vossas palavras? Que é da verdade de vossos prophetas? Não estava determinado no tribunal de vossa divina justiça que Ninive fosse subvertida por seus enormes peccados? Não estava assignado o termo preciso de quarenta dias para a execução? Não estava notificada por vosso mandado esta sentença? Não sou eu que a publiquei? Pois como agora falta tudo isto? Como passam os quarenta dias? Como fica a minha prophecia

sem cumprimento? Como fica Ninive em pé, e a vossa palavra por terra? Se o dissestes, foi porque o tinheis decretado; e se o tinheis decretado, porque se não executou? Porque o rei e povo de Ninive foram tão discretos, que sendo-lhes notificada a sentença do juizo de Deus, appellaram para o tribunal da penitencia; que o que no juizo de Deus se sentencía, no tribunal da penitencia se revoga. «E se era tal a jurisdicção da penitencia quando era só virtude, qual será depois que foi elevada á dignidade de sacramento? Bemdicto seja o nosso divino Redemptor que instituiu este novo tribunal e quiz que n'elle se sentasse a sua infinita misericordia para revogar os decretos da sua justiça!

Soberania do tribunal da penitencia.

Quanto á historia dos ninivitas,» tudo o que tenho dicto é litteral. Mas ouçamos, para maior confirmacão a S. Paulino. Os ninivitas, elle diz, impediram a execução do castigo que já lhes estava denunciado, porque condemnando-se á voluntaria penitencia, preveniram a sentença de Deus, com a sua. De maneira que por beneficio de penitencia póde mais a sentença que os ninivitas deram contra si, que a sentença que Deus tinha dado contra elles.

Compara-se com o juizo final

Oh! grande dignidade, oh grande soberania da penitencia! No juizo final de Deus (ide notando commigo grandes differenças e grandes excellencias do juizo da penitencia sobre o juizo final), no juizo final de Deus não aproveitam lagrimas nem prantos; no juizo da penitencia basta uma só lagrima para todos os peccados do mundo. No juizo final de Deus condemnam-se os peccadores pelos peccados; no juizo da penitencia condemnam-se os peccados e salvam-se os peccadores. No juizo final de Deus uns saem absoltos, outros saem condemnados. No juizo da penitencia, ninguem se condemna. todos saem absoltos. No juizo final de Deus manifestam-se os peccados a todos os homens; no juizo da penitencia, manifestam-se a um só homem. No juizo final de Deus são condemnados os peccadores a não vêr Deus; no juizo da penitencia são condemnados os peccadores a não o offender: que suave condemnação! Finalmente no juizo final de Deus Christo ha de ser o juiz: no juizo da penitencia Christo é «no mesmo tempo o juiz» e o advogado. Como não será revogado o juizo onde é advogado o juiz! Assim se revoga o juizo de Deus no juizo da penitencia: *Praedicans baptismum poenitentiae*. E temos o juizo de Deus revogado, o juizo dos homens desprezado, o juizo de si mesmo emendado.

Peroração. Necessidade da penitencia.

V. Ora, Christãos, supposto que todos os males e perigos que temos visto n'estes juizos, teem o remedio na penitencia; e supposto que elles são tão grandes que abraçam todos os

bens da vida e todos os da eternidade; que resta a quem tem fé e a quem tem esperança, se não tractar de fazer penitencia? *Agite poenitentiam, appropinquavit enim regnum coelorum:* fazei penitencia, porque é chegado o reino dos céus. Ha tantos seculos que o Baptista disse estas palavras; e nós estamos dizendo todos os dias: *Adveniat regnum tuum*. Pois se o reino então era chegado, como pedimos nós ainda agora que venha? O reino dos céus em todos os tempos tem tres estados; um em que tem chegado, outro em que chega, outro em que vem chegando. Para os que estão mortos tem chegado; para os que estão morrendo chega; para os que estão vivos vem chegando. A uns chegará mais cedo, a outros mais tarde; mas a todos muito brevemente. Esta é a consideração mais poderosa de todas para nos mover á penitencia. Façamos penitencia, christãos, não nos ache a morte impenitentes. Nenhum christão ha que não diga que ha de fazer penitencia; mas nenhum a quer começar logo: todos a deixam para o fim da vida. O Baptista prégava baptismo de penitencia para remissão dos peccados. Se queremos remissão de peccados, tomemos a penitencia como baptismo. Todos queremos a penitencia como extrema uncção, lá para o fim da vida. Não se ha de tomar senão como baptismo, que não é licito dilatal-o a quem tem fé! Se tendes fé, como não fazeis penitencia? E se tendes proposito de a fazer e de vos converter a Deus; para quando o dilatais? *Si aliquando cur non modo?* Dizia Sancto Agostinho: Se me hei de converter em algum tempo, esse tempo porque não será hoje? Esta pergunta não tem resposta: nem o mesmo Sancto Agostinho lh'a achou, nem os anjos do céu nem o mesmo demonio do inferno lh'a póde achar jámais para nos enganar.

Matth. 3.

Christãos da minha alma, sobre tantos juizos bem é que venhamos a contas. Se me ouve algum que esteja resoluto de não se converter jámais, não fallo com elle: mas se tendes proposito de vos converter; *Si aliquando cur non modo?* Se tendes propositos e dizeis que vos haveis de converter depois, porque o não fazeis agora? Que motivos haveis de ter depois, que agora não tenhais? Apertemos bem este poncto: estae commigo. Que motivos de vos converter haveis de ter depois, que agora não tenhais? Se depois haveis de fazer verdadeira penitencia, a qual não póde ser verdadeira sem verdadeira contrição; ha-vos de pezar de ter offendido a Deus, por ser elle quem é. Pois Deus hoje não é o mesmo que ha de ser depois? Não é a mesma majestade, não é a mesma grandeza, não é a mesma omnipotencia? Não é tão bom, não é tão amavel como ha de ser então? Pois se então o haveis de amar, porque não o amais agora? De maneira,

Quem quer converter-se o ha de fazer já. Palavras de Sancto Agostinho.

peccador, que Deus então ha de ser digno de ser amado sobre todas as cousas, e agora é digno de ser offendido em todas?! *Si aliquando cur non modo?* Mais. Se depois vos haveis de arrepender bem e verdadeiramente, é força que vos peze de todo o coração de vos não haverdes arrependido agora. Pois que loucura é estardes agora fazendo por vosso gosto e por vossa vontade aquillo mesmo que n'esta hora estais propondo de vos pezar de todo o coração? Ou então vos ha de pezar ou não: se vos não ha de pezar, condemnais-vos; e se vos ha de pezar e propondes de vos pezar, porque o fazeis? Se vos ha de pezar depois do presenle, porque vos não peza agora do passado? *Si aliquando cur non modo?* Mais. Se os motivos de vosso arrependimento não hão de ser contrição perfeita, nem amor de Deus sobre todas as cousas, senão temor das penas do inferno sómente, *Si aliquando cur non modo?* Se por temor do inferno vos haveis de arrepender então; porque vos não arrpendeis agora por temor do inferno? Por ventura fostes já ao inferno, e perguntastes pela edade dos que lá estão ardendo? Se no inferno não ardem senão os homens de septenta e de oitenta annos, guardae embora a vossa emenda para essa edade, mas se ao inferno se vai de septe annos; porque se ha de guardar a emenda para os septenta? Pois se as mesmas razões e os mesmos motivos que havemos de ter depois, temos agora; se então não havemos de ter nenhuma cousa mais que agora, salvo mais peccados que chorar e mais culpas de que nos arrepender, *Si aliquando cur non modo?*

Quem não se converter agora ordinariamente fallando não se ha de converter depois.

Mas até agora imos argumentando em uma supposição que eu não quero conceder d'aqui por deante: porque vos quero desenganar de todo. Quem diz: Se vos haveis de converter depois, porque vos não converteis agora? suppõi que se vos não converterdes agora, que vos haveis de converter depois. Eu não quero admittir tal snpposição: porque quero mostrar o contrario. Christãos, se vos não converterdes agora, ordinariamente fallando não vos haveis de converter depois. Dê-me licença, Sancto Agostinho para trocar a sua pergunta e apertar mais a difficuldade. Sancto Agostinho diz: *Si aliquando cur non modo?* Se nos havemos de converter depois, porque nos não convertemos agora? Eu digo: *Si non modo, cur aliquando?* Se não nos convertemos agora, porque cuidamos que nós nos havemos de converter depois? As razões que haveis de ter depois para vos converter, todas estas e muito maiores tendes agora. Pois se estas razões não bastam para vos converter agora, como hão de bastar para vos converter depois? A força d'esta razão fez inforcar a Judas. Fez Judas comsigo este discurso: maiores mo-

tivos do que eu tive para me converter, não são possiveis: porque tive o mesmo Christo a meus pés. Pois se Christo a meus pés não foi bastante motivo para me converter, não me fica que esperar; venha um laço.

Porque póde ser que falte o tempo.

Christãos, eu não quero desesperar a ninguem; nem quero dizer que a salvação não é possivel em todo tempo. O que só vos quero persuadir é o que dizem todas as Escripturas e todos os sanctos: que os que deixam a penitencia para a hora da morte ou para o fim da vida teem muito arriscada sua salvação, porque raramente se salvam: *Si non modo, cur aliquando?* Se não vos converteis agora que tendes vida; como vos haveis de converter depois, quando póde ser que a não tenhais? Dizeis que vos não converteis agora; mas que vos haveis de converter depois; e se o depois fôr agora? Se morrerdes no estado presente, se não chegardes a esse depois; que ha de ser de vós? Quantos amanheceram e não annoiteceram? Quantos se deitaram á noite e não se levantaram pela manhã! Quantos postos á meza os affogou um boccado! Quantos indo por uma rua os sepultou uma ruina! A quantos levou uma bala não esperada! Quantos endoideceram de repente! A quantos veiu a febre juncta com o delirio! A quantos um espasmo, a quantos uma apoplexia, a quantos infinitos accidentes outros, que ou tiram o uso da razão ou o da vida! Todos estes cuidavam que haviam de morrer uma morte ordinaria, como vós cuidais; e quem vos deu o seguro de que vos não ha de succeder o mesmo? Se agora que estais sãos, com o uso livre de vossos sentidos e potencias vos não converteis; como cuidais que vos haveis de converter na hora da morte, cercado de tantas angustias e de tantos estorvos, a mulher, os filhos, os criados, o testamento, as dividas, os acrédores, o confessor, os medicos, a febre, as dores, os remedios, a vida passada, a conta quasi presente! Quando todas estas cousas junctas e cada uma d'ellas bastaram para perturbar e pasmar uma alma e não a deixar com o juizo e com a liberdade que pede a materia de maior importancia; quando já as potencias estarão fóra de seu logar, e vós mesmo não estareis em vós; como cuidais que vos podeis converter então?

Quem abusa da graça de Deus na vida a desmerece na morte.

Mas eu vos dou de barato a vida e a saude e o vigor das potencias e dos sentidos: mais ha que isto. Para um homem se converter não basta só a vida e o juizo; mas é principalmente necessaria a graça de Deus. Pois *Si non modo cur aliquando?* Parece-vos que é boa diligencia multiplicar as offensas de Deus para grangear a graça de Deus? Se ides continuando assim, não ha duvida que depois haveis de ser muito peior

ainda do que sois agora. Pois se agora que sois melhor ou menos mau vos não converteis, como o haveis de fazer depois, quando fordes peior? Os peccados quanto mais continuados, tanto mais endurecem e obstinam o peccador. Se agora quando o vosso coração não está ainda tão endurecido e tão obstinado, não ha prégações, nem inspirações, nem exemplos, nem mortes repentinas e desastradas que vos abrandem; que será quando estiver feito de marmore e de diamante? Os peccados com a continuação e com os habitos tomam cada vez mais forças e fazem-se cada dia mais robustos; e a alma pelo contrario com o costume mais fraca. Se agora que os peccados estão menos robustos e crescidos, e a alma tem ainda algum vigor, os não podemos derribar e vencer; que será quando os peccados estiverem gigantes e a triste alma tão envelhecida n'elles e tão enfraquecida que se não possa mover?

Terrivel documento do Ecclesiastico c. 1.

Finalmente, Christãos, não vamos mais longe; se Deus n'esta mesma hora vos está chamando e vos está dando golpes ao coração e vós não lhe quereis abrir, nem o quereis ouvir; como esperais que Deus vos chame depois: ou que vos ouça quando o chamardes; ou que o possais chamar como convém? O mesmo Senhor com as suas palavras quero que vos desengane d'esta vã esperança em que vós confiais e vos precipitais ao inferno. Ouvi a Deus no capitulo primeiro dos proverbios: Chamei-vos, elle diz, e não acudistes: extendi a mão e não houve quem fizesse caso: desprezastes todos os meus conselhos; e que se seguirá d'aqui? *Ego quoque in interitu vestro ridebo et subsannabo vos:* eu tambem, diz Deus, quando vier a hora da vossa morte, zombarei e não farei caso de vós; e assim como agora eu vos chamo, e vós não me ouvis; assim então eu não ouvirei ainda que vós me chameis: *Tunc invocabunt me et non exaudiam.* Christãos, nós fiamo-nos em que Deus tem promettido que todas as vezes que o peccador o chamar de todo o coração o ha de ouvir; e esta promessa anda muito mal intendida entre os homens. E' necessario advertir o que Deus tem promettido n'ella e o que não tem promettido. Deus tem promettido que todas as vezes que o peccador o chamar de todo o seu coração o ha de ouvir: mas não tem promettido que todas as vezes que o peccador quizer, o ha de chamar de todo seu coração. Vai muito de uma cousa a outra. Se chamardes a Deus de todo o coração, ha-vos de ouvir Deus: mas se vós agora não ouvirdes a Deus, «depois ou não tereis tempo para chamar a Deus de todo o coração, ou o não querereis chamar com aquella firme e sincera vontade que é propria de quem chama a Deus de todo seu coração. Buscareis a Deus com vontade fraca; bus-

careis a Deus com coração fingido; buscareis a Deus como o buscou Antiocho: e por isso o não achareis e morrereis em vosso peccado.» Assim o prometteu e ameaçou o mesmo Deus: *Quaeretis et non me invenietis; et in peccato vestro moriemini.* Não diz menos que isto.

Conclusão.

Ora, Christãos, pelas chagas de Christo e pelo que deveis a vossas almas, que não queirais que vos aconteça tão grande infelicidade. Desenganai-vos; e seja este o ultimo desengano: que se vos não converteis desde logo, e continuais pelo mesmo caminho que ides, vos haveis de perder e condemnar sem remedio. O remedio é agora uma contrição de coração muito verdadeira, uma confissão mui intera e mui apostada com firme resolução de não offender mais a Deus. Emfim fazei agora aquillo que dizeis que haveis de fazer depois. Se vos haveis de converter no fim da vida, imaginae que chegou já esse fim, e «póde ser que não seja» imaginação.

Imploração da graça do Senhor e da intercessão da Senhora.

Mas que importa, Senhor, que eu o diga, se a vossa graça não ajuda a tibieza de minhas palavras? Soccorrei-nos, Senhor, com o auxilio efficaz d'esses olhos de misericordia e piedade. Allumiae estes intendimentos, accendei estas vontades, abrazae e abrandae estes endurecidos corações para que vos não sejam ingratos e se aproveitem n'elles os merecimentos infinitos de vossa incarnação. *Per adventum tuum,* Senhor, pelo amor com que viestes ao mundo a salvar almas, que salveis hoje nossas almas. Ao menos uma alma, Senhor, á honra de vosso sanctissimo nascimento: *Per nativitatem tuam*, pelo amor e pela misericordia com que nascestes em um presepio; por aquelles desamparos, por aquelle frio, por aquellas palhinhas, por aquellas lagrimas, por aquella extremada pobreza e por aquelle affecto ardentissimo com que tudo isto padecestes por amor de nós. Virgem Santissima, hoje é o dia dos incendidissimos desejos de vossa expectação: parti comnosco, Senhora, d'esses affectos para que nasça tambem Christo em nossas almas. Convertei os suspiros em inspirações, pedi a vosso querido esposo o Espirito Sancto, trespasse nossos corações com um raio efficaz de sua luz para que o amemos, para que o sirvamos e para que mereçamos a sua graça e por meio d'esta a gloria.

(Ed. ant. tomo 5.º pag. 121, ed. mod. tomo 6.º pag. 256.)

SERMÃO DO NASCIMENTO DO MENINO DEUS ***

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Aqui vai um sermãosinho bastante affectuoso e ornado de ingenhosos pensamentos. É lastima que o grande orador não escrevesse sobre este mysterio algum outro de maior porte.

Transeamus usque ad Bethlehem et videamus hoc verbum quod factum est.

S. LUC. 2.

Quando Deus no monte Sinai deu a lei a Moysés, a qual toda pronunciou por sua propria bocca, estava o immenso povo de Israel extendido em roda pelas raizes do monte; e diz o texto sagrado que todo o povo via as vozes de Deus: *Cunctus autem populus videbat voces*. As vozes ouvem-se, não se vêem; são objecto dos ouvidos, e não dos olhos; e assim como os ouvidos não pódem ouvir as côres, assim os olhos não pódem vêr as vozes. Como diz logo o texto que o povo via as vozes de Deus? Porque eram de Deus, responde Philo hebreu. Entre a voz humana e a divina, diz elle, ha esta differença, que a voz humane percebe-se com o ouvido, a voz divina com a vista. E porque a philosophia d'esta resposta parece difficultosa de intender, o mesmo Philo pede a razão e a dá, dizendo: Que as vozes de Deus não são palavras, são obras; e o juizo das obras não pertence ao ouvido, senão á vista; as palavras ouvem-se, as obras vêem-se. Excellentemente dicto e evidente. O dizer de Deus é fazer: *Ipse dixit, et facta sunt*. Os mesmos pastores o intenderam hoje e o declaráram não rustica senão altamente quando disseram: Passemos até Belem a vêr esta palavra que foi feita: *Transeamus usque ad Bethlehem et videamus hoc verbum quod factum est*. Não disseram *Esta palavra dicta*, senão *Esta palavra feita;* e por isso consequentemente não disseram

As vozes de Deus são obras. *Exod.* 20. *Ps.* 32. *Joan.* 1.

Ouçamos senão *Vejamos*: porque as palavras dictas ouvem-se, as palavras feitas vêem-se. S. Jeronymo, Sancto Ambrosio e outros muitos padres intendem por este *Verbum* do nosso thema o mesmo Verbo Eterno, o qual propriissimamente antes de agora não era feito, agora sim: *Verbum caro factum est*. Em quanto Filho do Padre era Verbo gerado, mas não feito: *Genitum non factum*: em quanto Filho da Mãe, é Verbo gerado e feito; e tanto que foi Verbo feito, logo pertenceu á vista: *Verbum caro factum est, et vidimus gloriam ejus*. Mas isto que escreveu o evangelista tantos annos depois, conheceram e practicaram os pastores n'este mesmo dia: *Videamus hoc verbum quod factum est*.

Como está prégando o Menino Deus.

De todo este discurso «se segue que o nascimento do Menino Deus é um sermão eloquentissimo que está prégando aos homens a mesma Verdade Eterna: e porque não falla aos ouvidos, senão aos olhos, por isso no divino Infante o está prégando sem elle abrir a bocca». Ensina e falla agora em quanto homem, como ensinava e fallava em quanto Deus, diz Sancto Agostinho; e assim como antes de ser homem ensinava sem estrepito de palavras, porque fallava interiormente aos corações; assim tanto que nasceu menino ensina tambem sem estrepito de palavras, porque falla exteriormente aos olhos. «E que admiravel, doce e persuasiva é a sua eloquencia! Não ha mister muitas razões para o provar. Dae-me attenção.»

Que admiravel é o seu ensino.

II. Ouvistes como hoje os pastores se exhortavam uns aos outros, dizendo: *Transeamus usque ad Bethlehem; et videamus hoc verbum quod factum est*: e assim correram todos exultando a Belem. Porém não sei se considerastes o que viram. Viram, diz o evangelho, um menino sem dizer ou fallar palavra, atado e envolto sem se desenvolver, posto e mettido em uma mangedoura sem acção nem movimento: *Infantem pannis involutum positum in praesepio*. E por que razão tudo isto, parecendo tão contrario á mesma razão? «Porque tal devia ser a sua eloquencia fallando aos olhos. Não dizia palavra,» porque estava ensinando silencio, humildade, resignação. Estava envolto e como amortalhado, porque entrava no mundo a ensinar modestia, compostura, mortificação. Estava como sepultado no logar «ainda» que vil, onde o tinham posto, porque sobretudo estava ensinando a perfeição da obediencia; obediencia ao Pae, que o mandára ao mundo; obediencia ao imperador que o mandára ir a Belem; e obediencia á Mãe que n'aquelle pobre e abjecto logar o pozera sem lhe dar razão, posto que a tivesse, como notou o evangelista: *Quia non erat locus in diversorio*. «Ha eloquencia mais admiravel do que esta?» Não ensina com vozes, mas ensina com acções: não ensina o que diz, mas préga

o que faz: não diz palavras, mas falla obras; «e que obras falla!»

Como desde já ensina as bemaventuranças.

Este mesmo divino Infante que agora ensina sem abrir a bocca, virá tempo em que a abrirá para ensinar: mas o mesmo que então fallando ha de ensinar com a palavra, é o que agora brada com as obras. Que é o que ha de ensinar este Menino que agora é de um dia ou de uma noite, quando depois fôr de trinta annos? Ha de dizer com palavras: Bemaventurados os pobres; e isto é o que já está ensinando com o desabrigado do portal, com o presepio, com as palhas e com a falta de tudo o necessario. Ha de dizer com palavras: Bemaventurados os mansos; e isto é o que já está ensinando com as lagrimas e gemidos de recemnascido, propria condição da natureza humana e nunca impropria da miseria e estreiteza do presente estado: *Vagit Infans inter arcta conditus praesepia* sem outro soccorro contra o rigor de uma noite tão fria, como a de vinte e cinco de dezembro. «Ha de dizer com palavras: Bemaventurados os que têem fome e sede de justiça; e isto é o que está ensinando desde o momento em que se offereceu ao Pae para satisfazer plena e superabundantemente á sua justiça na redempção do genero humano. Ha de dizer: Bemaventurados os misericordiosos; e isto é o que agora está ensinando com a maior manifestação da sua misericordia; pois, o vemos n'aquella humilde lapinha tomar sobre si as nossas miserias para apprender com a experiencia a se compadecer de nós. Ha de dizer: Bemaventurados os pacificos; e não é isto o que está practicando, depois que na plenitude dos tempos veio ao mundo? Ouvi-o da bocca d'aquelles anjos que vão cantando pelos ares: *Pax hominibus bonae voluntatis*. Paz, dizem os anjos, paz aos homens de boa vontade, porque nasceu o auctor da paz. Da mesma maneira, sendo filho na geração temporal de uma Mãe virgem como é filho de um Pae virgem na geração eterna, desde agora ensina com as obras o que depois ensinará com as palavras, dizendo: Bemaventurados os limpos de coração. E como n'aquelle dia ha de chamar bemaventurados os que padecem perseguição por amor de justiça: por isso quiz nascer em um estado de tanta fraqueza, que Herodes o buscará para lhe dar a morte mais barbara e deshumana. Não é logo a eloquencia do Menino Deus sobremaneira admiravel?

Que doce é a sua eloquencia! Cant. 4.

III. E com quanta doçura nos está fallando ao coração!» *Sicut vitta coccinea labia tua et eloquium tuum dulce*. Comparam-se os beicinhos da bocca de Deus Menino, não a duas fitas incarnadas, senão a uma; porque estão cerrados e mudos. Mas assim cerrados e mudos o seu fallar é doce: porque tudo

o que diz e pretende persuadir, como passado por elle, é doce. Assim como não ha cousa tão desabrida que não fique doce, se se passar pelo mel; assim são todos os rigores, todas as asperezas e todas as amarguras, se são passadas por Christo; e mais n'aquelle dia, em que *Melliflui facti sunt coeli*. Haja embora sancto que chame as penalidades do presepio martyrios para Christo, ou lei de martyrios para nós; e nós ouçamos ao mais douto de todos, quão doces são essas leis e esses martyrios por serem passados e adoçados por Christo.

Exposição de Sancto Agostinho.

Falla com este Senhor nos seus soliloquios Sancto Agostinho; e diz tão douta como devotamente d'esta maneira: «Tu, Senhor, és doçura inestimavel que adoça toda a amargura. Essa tua doçura adoçou as pedras de Estevão e as grelhas de Lourenço; e por essa tua doçura os apostolos saiam gozosos de deante do concilio por terem sido achados dignos de soffrer affrontas pelo nome de Jesus.» E se aquellas palhinhas, se a dureza d'aquella mangedoura, se o silencio d'aquelles beicinhos tiveram tanta doçura; as palavras com que todas estas cousas fallam, como não serão deleitaveis e doces a todos os que repetem com os pastores: *Transeamus usque ad Bethlehem; et videamus hoc verbum quod factum est?*

Sara, Isaac e Abrahão na visão prophetica d'este dia.

Quando foi annunciado o nascimento de Isaac, riu-se Sara; e o mesmo Isaac se chamou riso. E qual foi o motivo? Porque n'aquelle nascimento foi significado o de Christo. Riu-se Sara «propheticamente», diz Sancto Ephrem, não pelo nascimento de Isaac, que havia de nascer d'ella, mas pelo nascimento de Christo que havia de nascer da sempre Virgem Maria; e assim como o Baptista em sua presença se não pôde ter que não saltasse; assim Sara se não pôde ter que não risse. Riu-se Sara assim como se alegrou e exultou Abrahão, vendo o que hoje havia de acontecer: *Abraham exultavit ut videret diem meum: vidit et gravisus est*. O demonio, o mundo e o peccado tinham enganado o homem; e como Deus para enganar aos enganadores se vestiu e desfarçou da natureza do mesmo homem, foi tão galante o disfarce e tão engraçada a invenção, que Sara, Abrahão e Isaac, homens, mulheres e meninos, não se poderam ter com o riso. «Tão agradavel é a eloquencia do nosso divino Infante!» e ainda que todas as cousas que préga e ensina no presepio hão mister paciencia, assim as sabe suavizar e fazer doces aos que as vêem e ouvem: *Videamus hoc verbum*. Tudo o que se vê no presepio são cousas asperas, desabridas e duras: mas estas mesmas, vistas em um Deus feito homem são tão doces e deleitaveis; tão faceis de se abraçar com alegria, «que os pastores correram atrás d'ellas, tanto que ouviram o annuncio do

Joan. 8.

anjo que as annunciava: *Evangelizo vobis gaudium magnum, invenietis Infantem pannis involutum et positum in praesepio. Transeamas usque Bethlehem et videamus hoc verbum quod factum est.*

IV. «E qual foi a persuasão universal produzida por esta divina eloquencia? Sabido é que o fim principal de toda a eloquencía é mover a vontade a querer o bem e fugir o mal»; e como este é o fim que trouxe ou havia de trazer ao mundo o Verbo feito Homem, já muitos seculos antes o tinha Deus annunciado ao mesmo mundo por bocca do propheta Aggeo com tanta pompa de palavras como de prodigiosos effeitos. Virá o desejado das gentes, diz o propheta; e será tal a moção que causará com a sua vinda, que se moverá o céu, se moverá a terra, se moverá o mar; e as nações que em qualquer parte a habitam, e o navegam ou politicas ou barbaras, todas se moverão: *Commovebo coelum et terram et mare et aridam et movebo omnes gentes et veniet desideratus cunctis gentibus.* Assim foi ou começou a ser n'este dia. Moveu-se o céu mandando os exercitos dos anjos á terra; e despachando por embaixadora uma estrella nova ao Oriente e apparecendo arraiado com tres sóes, um d'elles coroado de espigas, em signal de que com táo multiplicadas luminarias festeja o nascimento do Principe nascido em Belém. Moveu-se a terra, brotando em fontes de oleo em testemunho de que era nascido o Ungido; derribando idolos, nomeadamente o de Jupiter Capitolino em protestação de que só elle era o verdadeiro Deus; e cerrando as portas de Jano e fazendo cessar as armas em pregão universal de que vinha pacifico. Moveram-se todas as gentes de todas as nações, de todos os estados, de todas as crenças; os judeus, os gentios, os grandes, os pequenos, os sabios, os ignorantes; significados todos nos pastores e nos magos. E se perguntarmos ou inquirirmos a causa de tão universal moção, consta que não foi outra senão a que tiveram os pastores de Belém: *Videamus hoc verbum quod factum est*: isto é verem o Verbo feito: não digo feito homem, mas feito, como argutissimamente ponderou S. Bernardo: *Ante non se movebant homines dum Verbum erat tantum apud Deum. At ubi Verbum quod erat, factum est, tunc venerunt festinantes, tunc cucurrerunt.* Antigamente emquanto o Verbo sómente era com Deus não se moviam os homens: mas tanto que o Verbo que sómente era, foi feito, então se moveram, então vieram e concorreram. «Tão persuasivo foi o simples facto da sua vinda.»

A eloquencia do presepio move toda a natureza. *Agg.* 2.

Serm. in Cant.

Mais. Referindo S. Lucas no principio dos actos dos apostolos como tinha escripto o seu evangelho, diz uma cousa muito notavel; e é que n'elle escrevera tudo o que Christo começou a fazer e ensinar: *Quae coepit Jesus facere et docere.* Se lêrmos

Esta moção universal continuada nos seculos seguintes.

este mesmo evangelho de que falla S. Lucas, acharemos que escreveu n'elle toda a vida, doutrina e acções do Christo desde o instante da sua incarnação até a hora em que subiu ao céu, e mandou de lá o Espirito Sancto. Pois se escreveu tudo o que fez e ensinou o Senhor; porque não diz que escreveu tudo o que fez e ensinou; senão tudo o que começou a fazer e ensinar? Por ventura deixou Christo alguma sua obra imperfeita e só começada? Não, senão acabada, perfeitissima e consummada, como elle mesmo declarou e protestou dizendo: *Consummatum est*. Pois se as obras de Christo em quanto fez e ensinou foram perfeitas e consummadas; como lhes chama o evangelho principiadas sómente, e não diz o que fez, senão o que começou a fazer; nem o que ensinou, senão o que começou a ensinar? Excellentemente Anselmo Laudunense: *Quia omnia quae fecit et docuit, inceptio quaedam fuit eadem postea apostolis facientibus et docentibus et eorum sequacibus*. O que Christo fez ou ensinou fazendo teve tanta força e efficacia para mover, que já nas suas obras estavam começadas as que depois se haviam de seguir. O exemplo das suas obras era já o principio das nossas; e foram tão certos e infalliveis os effeitos d'esta moção, como se as nossas imitações não fossem obras distinctas e movidas, senão as do mesmo Christo continuadas. Elle foi o exemplar e nós os imitadores: elle as ensinou e nós as apprendemos: nós as continuamos, mas elle as começou: *Coepit Jesus facere et docere*.

Joan. 19.

O que se vê move mais do que se ouve.

E se esta efficacia lhe vinha da parte de Christo por serem palavras não dictas, mas feitas: *Verbum quod factum est;* ainda se accrescentava e era maior da parte dos homens por não serem ouvidas, mas vistas: *Et videamus*. A razão notavel d'esta maior efficacia é porque, como todos sabem, o que entra pelos ouvidos, tendo menos evidencia, move com menos força; mas o que entra pelos olhos recebe efficacia da mesma vista e move fortissimamente. Tal foi a moção do que viram os pastores allumiados pelo anjo: mas nem a luz das estrellas, nem a luz dos anjos egualaram a luz da vista para mover. Argumentemos de Deus para Deus; de Deus na terra para Deus no céu; e de Deus não visto para Deus visto. O mesmo Deus que crêmos na terra não é o que se vê no céu? Sim: pois porque no céu todos o amam e ninguem o offende; e na terra não ha quem o não offenda, ainda dos que mais o amam? Porque na terra é Deus ouvido e no céu é Deus visto: na terra é Deus conhecido pela fé e pelos ouvidos sómente, no céu é conhecido pela vista e com os olhos; por isso o divino Infante não quiz fallar ao ouvido senão á vista. Ditosos os olhos dos pastores que de tudo

o que viram no presepio souberam tirar proveito para si e gloria para Deus: *Glorificantes et laudantes Deum in omnibus quae audierant et viderant.* Diz o evangelho que davam gloria a Deus não só «do que ouviram da bocca dos anjos, mas muito mais do que viram com os proprios olhos quando foram a Belém: porque o que mais os moveu foi a vista do divino Infante. Logo *Transeamus usque ad Bethlehem; et videamus hoc verbum quod factum est.*»

Luc. 2.

Estupidez dos homens á vista do Presepio.

V. E que escusa tem ou póde ter a nossa estupidez á vista do mesmo Infante. Oh que exclamações! Oh que invectivas! oh que brados estão dando contra o mundo aquelle desamparo, aquella pobreza, aquella obediencia. Basta,» exclama Sancto Agostinho, que o Filho de Deus não tem onde reclinar a cabeça e cabe em uma gruta com brutos; e o homem edifica palacios magnificos e mede os porticos com a sua vaidade? O creador dos anjos, exclama L. Pedro Damião, reclinado no presepio está coberto de pannos vís; e o homem de terra, o escravo que elle remiu, sem pejo nem vergonha veste ouro e purpuras? Que cousa mais indigna, exclama finalmente S. Bernardo, que vendo ao Deus do céu feito tão pequenino, o homem queira ser grande? E que cousa mais intoleravel que quando a majestade se encolhe o bichinho se inche? *Intolerabile est ut ubi se exinanivit majestas, vermiculus intumescat.*

Conclusão. A estrella e os pastores, o Thabor e o Presepio.

Mas faça isto muito embora o mundo cego; que alfim o pagará com o não vêr no céu. Nós a quem elle por sua bondade abriu os olhos, passemos até Belém e não passemos d'ahi. Passemos com os pastores; mas não de passagem como elles, e como os reis, mas como a estrella. Os pastores foram e tornaram: o mesmo fizeram os reis, posto que por differente caminhos. Só a estrella foi a Belém, chegou ao presepio e alli parou, nem passou d'ali. Viu o Verbo *quod factum est*; e ninguem sabe o que foi d'ella; porque alli se desfez. Quem se não desfaz á vista do Verbo feito homem, não faz o que deve. Os olhos desfeitos em lagrimas, as respirações desfeitas em suspiros, o coração desfeito em amor, «eis o que pede o mysterio do seu nascimento.» *Usquequo deliciis dissolveris, filia vaga? Quia creavit Dominus novum super terram: foemina circumdabit virum.* «Até quando vos disfareis nos prazeres e vaidades do mundo, almas christãs, filhas da redempção, vagando em busca de bens caducos? Eis-aqui o vosso verdadeiro bem; a vossa verdadeira felicidade, vede-a no logarinho de Belém: já o Senhor fez sobre a terra aquella novidade pela qual esperaram tanto todos os patriarchas e prophetas: vede, vede este Menino nascido de um dia e já homem perfeito; e homem, que sendo junctamente Deus coube dentro

em uma Virgem, que na noite passada o deu á luz e o reclinou em um presepio.» Póde haver cousas mais novas? Não póde. Aqui se vê a alegria chorando, a sabedoria muda, a fortaleza fraca, a omnipotencia atada, a riqueza pobre, a immensidade pequena, a immortalidade mortal e passivel: mas aqui mesmo com segunda e maior admiração se torna a ver a tristeza alegrando, o mudo insinando, o fraco fortalecendo, o atado libertando, o pobre enriquecendo, o pequeno engrandecendo, o mortal, finalmente, dando vida e o passivo gloria. S. Pedro, vendo a Christo entre dous prophetas vestido de resplandores, disse: *Bonum est nos hic esse;* «e queria ficar sobre o Thabor para sempre. Este mesmo Senhor hoje o vemos entre dous animaes vestido de pannos pobres; mas a razão que temos de ficar com elle é por isso mesmo muito maior. Com quanto mais eloquencia falla aos nossos corações a humiliação de Belém, do que a gloria do Thabor! Quanto mais para estimar são as trevas d'esta lapa que os resplendores d'aquelle monte?» N'aquella transfiguração mostrou Christo agloria de seu corpo, n'esta mostra a gloria de sua divindade, que por isso os anjos cantaram: *Gloria in altissimis Deo* «e por isso disseram os pastores:» *Transeamus usque ad Bethlehem; et videamus hoc Verbum quod factum est.*

(Ed. ant. tom. 15.° pag. 46, ed. mod. tom. 3.° pag. 365).

SERMÃO DA EPIPHANIA **

PRÉGADO NA CAPELLA REAL NO ANNO DE 1662

ESTE SERMÃO FOI RECITADO Á RAINHA D. LUIZA, REGENTE DO REINO NA MENORIDADE DE SEU FILHO D. AFFONSO VI, EM PRESENÇA DE AMBAS AS MAJESTADES, NA OCCASIÃO EM QUE O AUCTOR E OUTROS RELIGIOSOS DA COMPANHIA DE JESUS CHEGARAM A LISBOA EXPULSADOS DAS MISSÕES DO MARANHÃO, PELA FURIA DO POVO, POR DEFENDEREM OS INJUSTOS CAPTIVEIROS E LIBERDADE DOS INDIOS QUE TINHAM A SEU CARGO

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—**Note-se a arte com que o orador, victima de tamanha injustiça, para que não pareça que falla por paixão, tira do evangelho do dia as razões com que se defende a si mesmo, accusa os adversarios e propõi o remedio dos seus desmandos. O sermão é um dos melhores.**

Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda in diebus Herodis regis, ecce magi ab oriente venerunt.
S. MATTH. c. 2.

Novidade que o prégador traz do novo mundo.

Para que Portugal possa ouvir «do evangelho d'este dia um novo commento e applicação, dou graças á Providencia que me chamou de tão longe e quiz que eu fosse o interprete e prégador. Esta é a novidade que trago do mundo novo: «com as circumstancias do evangelho vou explicar as circumstancias do meu retorno.» Nenhuma palavra direi que não seja do texto que hei de commentar, porque nenhuma clausula tem que não seja «para o meu caso». Eu repetirei as suas vozes: elle bradará os meus silencios. Praza a Deus que os ouçam os homens na terra para que não cheguem a ser ouvidos no céu.

Mysterio d'este dia.

O mysterio proprio d'este dia é a vocação e conversão da gentilidade á fé. Até agora celebrou a Egreja o nascimento de Christo; hoje celebra o nascimento da christandade. *Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda*; este foi o nascimento de Christo que já passou: *Ecce Magi ab oriente venerunt*; este é nascimento da christandade que hoje se celebra. Nasceu hoje a christandade; porque os tres reis, que n'este dia vieram a adorar a Christo, foram os primeiros que o reconheceram por Senhor; e por isso lhe tributaram ouro: os primeiros que o reconhece- por Deus; e por isso lhe consagraram incenso: os primeiros que o reconheceram por homem em carne mortal; e por isso lhe offe-

receram myrrha. Vieram gentios e tornaram fieis; vieram idolatras e tornaram christãos; e esta é a nova gloria da Egreja, que ella hoje celebra e o evangelho refere.

Porque os Magos foram tres. Ps. 37

Sancto Agostinho, S. Leão Papa, S. Bernardo, Sancto Anselmo e quasi todos os Padres reparam por diversos modos em que os reis que vieram adorar a Christo fossem tres. Os prophetas tinham dicto que todos os reis e todas as gentes haviam de vir adorar e reconhecer a Christo: *Adorabunt eum omnes reges terrae, omnes gentes servient ei.* Pois se todas as gentes e todos os reis do mundo haviam de vir adorar a Christo, porque vieram sómente tres? Por isso mesmo respondem o veneravel Beda e Ruperto Abbade. Foram tres e nem mais nem menos que tres os reis que vieram adorar a Christo, porque n'elles se representam todas as partes do mundo; que tambem são tres, Asia, Africa e Europa. Isto é o que dizem estes grandes auctores como interpretes do Evangelho. Dizem que os tres reis significavam a Asia, a Africa e a Europa. E onde lhes ficou a America? A America não é tambem parte do mundo e a maior parte? «Sei que se póde responder, que assim como a America foi povoada dos descendentes dos tres filhos de Noé, que povoaram primeiro as outras tres partes do mundo, assim foi ella tambem representada nos mesmos tres reis que hoje foram a Belem.» Comtudo S. Bernardo que foi comtemporaneo de Ruperto combinando o nosso evangelho com as outras Escripturas conheceu com seu grande espirito, ou quando menos arguia com seu grande ingenho, que assim como houve tres reis de oriente que levaram as gentilidades a Christo, assim haviam de haver outros tres reis de occidente que as trouxessem á mesma fé: *Vide autem ne forte ipsi sint et tres magi venientes jam non solum ab oriente, sed etiam ab occidente.*

Serm. 3 da Nativ.

Tres reis de Portugal que levaram a America aos pés de Christo.

Quem fossem os que houvessem de ser os tres reis do occidente que S. Bernardo anteviu, não o disse, nem o pôde dizer o mesmo Sancto, posto que tão devoto de Portugal e tão familiar amigo de nosso primeiro rei. Mas o tempo, que é o mais claro interprete dos futuros, nos ensinou d'alli a trecentos annos que estes felicissimos reis bem podiam ser el-rei D. João o segundo, el-rei D. Manuel e el-rei D. João o terceiro: porque o primeiro começou, o segundo proseguiu e o terceiro aperfeiçoou o descobrimento das nossas conquistas; e todos tres trouxeram ao conhecimento de Christo aquellas novas gentilidades, como os tres magos as antigas. Os magos, levando a luz da fé do oriente para o occidente; elles do occidente para o oriente. Os magos presentando a Christo a Asia, Africa e Europa; e elles a Asia, Africa e America. Os magos extendendo os raios da sua

estrella por todo o mundo velho até ás gargantas do Mediterraneo; e elles allumiando com o novo sol a todo o mundo novo até ás balizas do Oceano.

A creação do mundo e o descobrimento da America.

Quando Deus creou o mundo, diz o sagrado texto que a terra não se via, porque estava escondida debaixo dó elemento da agua e tudo escuro e coberto de trevas. Então dividiu Deus as aguas e appareceu a terra: creou a luz e cessaram as trevas. Este foi o modo da primeira creação do mundo. E quem não vê que o mesmo observou Deus na vocação á fé do novo mundo por meio dos nossos antigos reis e dos nossos antigos portuguezes? Estava todo o novo mundo em trevas e ás escuras, porque não era conhecido. O que encobria a terra era o elemento da agua; porque a immensidade do oceano, que estava em meio, se julgava por insuperavel, como julgaram todos os antigos e entre elles Sancto Agostinho. Atreveu-se finalmente a ousadia e zelo dos portuguezes a desfazer este encanto e venceu este impossivel. Começaram a dividir as aguas nunca d'antes cortadas com as venturosas prôas de seus primeiros lenhos, foram apparecendo e surgindo de uma e outra parte e como nascendo de novo as terras, as gentes, o mundo que as mesmas aguas encobriam; e não só acabaram então no mundo antigo as trevas d'esta ignorancia; mas muito mais no novo e descoberto as trevas da infidelidade: porque amanheceu n'ellas a luz do Evangelho e o conhecimento de Christo: o qual era o que guiava e levava os portuguezes e n'elles e com elles navegava.

Como degenerou entre os portuguezes o zelo da fé.

Isto é o que fizeram os primeiros argonautas de Portugal nas suas tão bem afortunadas conquistas do novo mundo e por isso bem afortunados. Este é o fim para que Deus entre as nações escolheu a nossa com o illustre nome de pura na fé e amada pela piedade: estas são as gentes extranhas e remotas aonde nos prometteu que haviamos de levar seu sanctissimo nome: este é o imperio seu que por nós quiz amplificar e em nós estabelecer; e esta é e foi e será sempre a melhor gloria de valor, do zelo, da religião e christandade portugueza. Mas quem dissera ou imaginára que os tempos e os costumes se haviam de trocar, e fazer tal mudança, que esta mesma gloria nossa se visse entre nós tão ecclipsada e por nós escurecida? Não quizera passar á materia tão triste e tão indigna (que por isso a fui dilatando tanto, como quem rodeia e retarda os passos por não chegar aonde muito repugna). Mas nem a força da presente occasião m'o permitte, nem a verdade de um discurso que promette ser evangelico o consente. Quem imaginara, torno a dizer, que aquella gloria tão heroicamente adquirida nas tres

partes do mundo e tão celebrada e esclarecida em todas as quatro, se havia de escurecer e profanar em um rincão ou arrabalde da America.

Os Padres da Companhia expulsados do Maranhão.

Treme o tem horror a lingua de pronunciar o que viram os olhos; mas sendo o caso tão feio, tão horrendo, tão atroz e tão sacrilego, que se não póde dizer, é tão publico e tão notorio, que se não deve calar. Ouçam, pois, os excessos de tão nova e tão extranha maldade os que só lhe pódem pôr o remedio; e se elles não querem faltar á sua obrigação, não é justo, nem Deus permittirá, que eu falte á minha. O officio que tive n'aquelle logar e o que tenho n'este, posto que indigno de ambos, são os que com dobrado vinculo de consciencia me obrigam a romper o silencio atégora observado, ou supprimido, esperando que a mesma causa por ser de Christo fallasse e perorasse por si e não eu por ella. Assim o fizeram em similhantes e ainda menores casos os Athanasios, os Basilios, os Nanzianzenos, os Chrysostomos, os Hilarios e todos aquelles grandes padres e mestres da Egreja, cujas acções como inspiradas e approvadas por Deus não só devemos venerar e imitar como exemplo, mas obedecer e seguir como preceitos. Fallarei pois com a clareza e publicidade com que elles fallaram, e provarei e farei certo o que disser, como elles o fizeram: porque sendo perseguidos e desterrados, elles mesmos eram o corpo de delicto que accusavam e elles mesmos a prova. Assim permittiu a divina providencia, que eu em tal fórma e as pessoas reverendas de meus companheiros viessemos remettidos aos olhos d'esta côrte, para que ella visse e não duvidasse de crêr o que de outro modo parecia incrivel. Havendo, porém, de prégar com tão novas circumstancias, como as que promette o exordio, nem por isso cuide alguem que o prégador e o sermão ha de faltar ao mysterio. Antes póde bem ser que rara vez ou nunca se prégasse n'este logar materia «mais» propria d'este dia e d'esta solemnidade.

No modo em que Christo nasceu em Belem vae nascendo em todo o logar pela prégação do evangelho.

II. *Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda in diebus Herodis regis*. Não cuide alguem que estas vozes de tão justo sentimento nascem de extranhar ou me admirar de que os prégadores de Christo e o mesmo Christo seja perseguido: porque esta é a estrella em que o mesmo Senhor nasceu. Ainda Christo não tinha quinze dias de nascido quando já Herodes tinha pouco menos de perseguidor seu: para que a perseguição e o perseguido nascessem junctos. E não só nasceu Christo com estrella de perseguido em Belem, senão em todas as partes do mundo: porque em todas teve logo o seu Herodes que o perseguisse. Vou suppondo, como verdadeiramente é, que Christo não só nasceu em Belem, mas que

nasceu e nasce em outras muitas partes, como ha de nascer em todas. Por isso o propheta Malachias muito discretamente comparou o nascimento de Christo ao nascimento do Sol: *Orietur vobis sol justitiae.* O sol vai nascendo successivamente a todo o mundo; e ainda que a umas terras nasce mais cedo, a outras mais tarde, para cada terra tem seu nascimento. Assim tambem Christo verdadeiro sol. A primeira vez nasceu em Belem; depois foi nascendo por todo o mundo conforme o foram prégando os apostolos e seus successores: a umas terras nasceu mais depressa, a outras mais devagar: a umas muito antes, a outras muito depois: mas para todos teve o seu nascimento. Assim havia de ser e assim foi; e assim tem nascido Christo em differentes tempos em tão diversas partes do mundo. Mas em nenhum tempo e em nenhuma parte nasceu, onde logo não tivesse um Herodes que o perseguisse.

Mal. 4.

E da mesma maneira é perseguido em todo o logar. A mulher vestida de sol vista no Apocalypse.

Viu S. João no Apocalypse aquella mulher celestial vestida de sol; a qual estava em vesperas de parto; e diz que logo appareceu deante d'ella um dragão feroz e armado, o qual estava aguardando que saisse á luz o filho para o tragar e comer. Que mulher, que filho, que dragão é este? A mulher foi a Virgem Maria e é a Egreja. O filho foi e é Christo; que assim como a primeira vez nasceu da Virgem Sanctissima, assim nasceu e nasce muitas vezes da Egreja por meio da fé e prégação de seus ministros em diversas partes do mundo. E o dragão que appareceu com a bocca aberta para o tragar, tanto que nascesse, é cada um dos tyrannos que logo o mesmo Christo tem armados contra si, tanto que nasce e onde quer que nasce. De maneira que não ha nascimento de Christo sem o seu perseguidor ou o seu Herodes. Nasceu Christo em Roma pela prégação de S. Pedro; e logo se levantou um Herodes que foi o imperador Nero, o qual crucificou ao mesmo S. Pedro. Nasceu Christo em Hespanha pela prégação de Sanct-Iago; e logo se levantou outro Herodes, que foi el-rei Agrippa, o qual degollou ao mesmo Sanct-Iago. Nasceu Christo em Ethiopia pela prégação de S. Mattheus, e logo se levantou outro Herodes, que foi el-rei Hirtaco, o qual tirou tambem a vida ao mesmo S. Mattheus; e estando sacrificando o corpo de Christo o fez victima de Christo. E para que dos exemplos do mundo velho passemos aos do novo, nasceu Christo no Japão pela prégação e milagres de S. Francisco Xavier, e logo se levantaram não um, senão muitos Herodes, que foram os Nabunangas e Taicosamas, os quaes tanto sangue derramaram e ainda derramam dos filhos e successores do mesmo Xavier. Finalmente nasceu Christo na conquista do

Maranhão, que foi a ultima de todas as nossas; e para que lhe não faltassem n'aquelle Belem e fóra d'elle os seus Herodes, se levantaram agora e declararam contra Christo em si mesmo e em seus prégadores os que tão impia e barbaramente não sendo barbaros o perseguem. Assim que não é cousa nova nem materia digna de admiração que Christo e os prégadores de sua fé sejam perseguidos.

Os peiores perseguidores são os christãos.

O que porém excede todo espanto e se não póde ver sem horror e assombro é que os perseguidores de Christo e seus prégadores n'este caso não sejam os infieis e gentios, senão os christãos. Se os gentios indomitos se os tapuyas barbaros e ferozes d'aquellas brenhas se armaram medonhamente contra os que lhes vão prégar a fé: se os cobriram de settas, se os fizeram pedaços, se lhes arrancaram as entranhas palpitantes e as lançaram no fogo e as comeram; isso é o que elles já teem feito outras vezes, e o que lá vão buscar os que pelos salvar deixam tudo. Mas que a estes homens com o caracter de ministros de Christo os persigam gentilicamente os christãos, quando essas mesmas feras se lhes humanam, quando esses mesmos barbaros se lhes rendem, quando esses mesmos gentios os reverenceiam e adoram; este é o maior extremo de perseguição e a perseguição mais feia e affrontosa que nunca padeceu a Egreja. Nas perseguições dos Neros e Diocleciauos os gentios perseguiam os martyres e os christãos os adoravam: mas n'esta perseguição nova e inaudita os christãos são os que perseguem os prégadores e os gentios os que os adoram.

E muito peiores os portuguezes do Maranhão.

«E quaes christãos, Deus da minha alma! christãos d'uma nação que Deus destinara para levar a luz da fé áquellas barbaras regiões. Quem havia de crêr extremo de tanto horror, se o não visse com os proprios olhos?» Quem havia de crêr que em uma colonia chamada de Portuguezes se visse a Egreja sem obediencia, as censuras sem temor, o sacerdocio sem respeito e as pessoas e logares sagrados sem immunidade? Quem havia de crêr que houvessem de arrancar violentamente de seus claustros aos religiosos e leval-os presos entre beleguins e espadas nuas pelas ruas publicas e tel-os aferrolhados e com guardas até os desterrarem? Quem havia de crêr que com a mesma violencia e affronta lançassem de suas christandades aos prégadores do evangelho com escandalo nunca imaginado dos antigos christãos, sem pejo dos novamente convertidos e a vista dos gentios attonitos e pasmados? Quem havia de crêr que até aos mesmos parochos não perdoassem; e que chegassem aos despojar das suas egrejas com interdicto total do culto divino e uso de seus ministerios; as egrejas ermas, os baptisterios fechados, os sa-

crarios sem Sacramento, emfim o mesmo Christo privado de seus altares e Deus de seus sacrificios? Isto é o que lá se viu então; e que será hoje o que se vê e o que não se vê? Não fallo dos auctores e executores d'estes sacrilegios, tantas vezes e por tantos titulos excommungados; porque lá lhes ficam papas que os absolvam. Mas que será dos pobres e miseraveis indios, que são a preza e os despojos de toda esta guerra? Que será dos christãos? Que será dos cathecumenos! Que será dos gentios? Que será dos paes, das mulheres, dos filhos e de todo o sexo e edade? Os vivos e sãos sem doutrina, os infermos sem sacramentos, os mortos sem suffragios, nem sepultura; e tanto genero de almas em extrema necessidade sem nenhum remedio? Os pastores parte presos e desterrados, parte mettidos pelas brenhas; os rebanhos despedaçados, as ovelhas ou roubadas ou perdidas, os lobos famintos, fartos agora de sangue sem resistencia, a liberdade por mil modos trocada em servidão e captiveiro, e só a cobiça, a tyrannia a sensualidade e o inferno contentes. E que a tudo isto se atrevessem e atrevam homens com o nome de portuguezes e em tempo de rei portuguez?!

E no reinado de um rei de Portugal. Que infamia.

Grandes desconcertos se lêem no mesmo capitulo do nosso evangelho; mas de todos acho eu a escusa nas primeiras palavras d'elle: *In diebus Herodis regis*. Se succederam similhantes escandalos nos dias d'el-rei Herodes, o tempo os desculpava ou culpava menos. Mas nos dias d'aquelle monarcha que com o nome e com a corôa herdou o zelo, a fé, a religião a piedade do grande Affonso primeiro?! O que parallelo do nome portuguez se podera formar na comparação de tempo a tempo! N'aquelle tempo andavam os portuguezes sempre com as armas ás costas contra os inimigos da fé; hoje tomam as armas contra os prégadores da fé. Então conquistavam e escalavam cidades para Deus; hoje conquistam e escalam as casas de Deus. Então lançavam os caziques fóra das mesquitas; hoje lançam os sacerdotes fóra das egrejas. Então consagravam os logares profanos em casas de oração; hoje fazem das casas de oração logares profanos. Então finalmente eram defensores e prégadores do nome christão, hoje são perseguidores e destruidores e opprobrio e infamia do mesmo nome. E para que até a côrte e assento dos reis que lhe succederam não ficasse fóra d'este parallelo, então saíam pela barra de Lisboa as nossas naus carregadas de prégadores que voluntariamente se desterravam da patria para prégar nas conquistas a lei de Christo; hoje entram pela mesma barra trazendo desterrados violentamente os mesmos prégadores, só porque defendem nas conquistas a lei de

Christo. Não se envergonhe já a barra de Argel que entrem por ella os sacerdotes de Christo captivos e presos; pois o mesmo se viu em nossos dias na barra de Lisboa. Oh que bem empregado prodigio fóra n'este caso se fugindo d'aquella barra o mar e voltando atrás o Tejo lhe podessemos dizer como ao rio e ao mar da terra que então começava a ser sancta: *Quid est tibi mare quod fugisti, et tu Jordanis quia conversus es retrorsum?* Gloriava-se o Tejo, quando nas suas ribeiras se fabricavam e pelas correntes saíam as armadas conquistadoras do imperio de Christo; gloriava-se, digo, de ser elle aquelle famoso rio de quem cantavam os versos de David: *Dominabitur a mari usque ad mare, et a flumine usque ad terminos orbis terrarum.* Mas hoje invergonhado de tão affrontosa mudança, devera tornar atrás e ir-se esconder nas grutas do seu nascimento. Desengane-se, porém, Lisboa, que o mesmo mar lhe está lancando em rosto o soffrimento de tamanho escandalo; e que as ondas, com que escumando de ira bate as suas praias, são brados com que lhe está dizendo as mesmas injurias que antigamente a Sidonia: *Erubesce, Sidon, ait mare.*

Ps. 113.

Ps. 71.

O que aconteceu a Christo em Belem, acontece aos ministros de Christo.

Mas estes excessos de impiedade e de perfidia já se practicavam contra Christo no tempo de Herodes. Foram homens que criam em Cristo e esperavam por Christo e eram da mesma nação e do mesmo sangue de Christo os que então perseguiram tão barbaramente a Christo; e no mesmo tempo foram os Magos que o buscaram, os gentios que o creram, os idolatras que o adoraram! Bemdicto sejais, Senhor, que tal contradicção quizestes padecer e bemdicto mil vezes pela parte que vos dignastes communicar d'ella aos que tão indignamente vos servem. Não debalde nos honrastes com o nome de Companhia de Jesus; obrigando-nos a vos fazer companhia no que padecestes nascido debaixo do mesmo nome. *Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda.* Vós em Belem de Judá, para que os vossos perseguidores fossem da vossa mesma nação: nós em Belem não de Judá para que os nossos fossem tambem da nossa. Vós na mesma terra e no mesmo tempo perseguido de Herodes e adorado dos Magos; e nós tambem por mercê vossa no mesmo tempo e na mesma terra perseguidos dos christãos e pouco menos que adorados dos gentios! Assim o experimentam hoje os que por escapar á perseguição andam fugitivos por aquellas brenhas; se bem fugitivos não por medo dos homens, senão por amor de Christo e por seguir seu exemplo. D'aqui a poucos dias veremos fugir a Christo: mas de quem e para quem? De onde e para onde? Não se podera crer, se o não mandára Deus e o dissera um anjo. *Fuge in Aegyptum*: fugi para o Egy-

pto. Pois de Israel para o Egypto? Da terra dos fieis para a terra dos gentios e para a terra d'aquelles mesmos gentios, d'onde antigamente fugiram os filhos de Israel? Sim: que tão mudados estão os tempos e os homens; e a tanto chega a força da perseguição: *Futurum est enim ut Herodes quaerat Puerum ad perdendum eum.* Foge Christo e fogem os prégadores de Christo dos fieis para os infieis e dos christãos para os gentios: porque os christãos os desterram e os gentios os amparam: porque os christãos os maltractam e os gentios os defendem: porque os christãos os perseguem e os gentios os adoram.

José filho de Jacob, no Egypto e os missionarios no Brazil.

Não foi grande maravilha que José preso e vendido de seus proprios irmãos, os egypcios o venerassem e estimassem tanto e abaixo de seu rei o adorassem? Pois muito maior é a differença que hoje experimentam entre aquelles gentios os venturosos homisiados da fé, que escapando das prisões dos christãos, se retiram para elles. Os egypcios, ainda que gentios, eram homens; aquelles gentios que hoje começam a ser homens, hontem eram feras. Eram aquelles mesmos barbaros ou brutos, que sem uso de razão, nem sentido de humanidade se fartavam de carne humana: que de caveiras faziam taças para lhe beber o sangue, e das canas dos ossos frautas para festejar os convites. E estas são hoje as feras que em vez de nos tirar a vida, nos acolhem entre si e nos veneram como os leões a Daniel: estas as aves de rapina que em vez de nos comerem, nos sustentam como os corvos a Elias. E se assim nos tractam os gentios quando assim nos tractam os christãos e christãos da nossa nação e do nosso sangue; quem se não assombra de uma tão grande differença?

Como é que os portuguezes perseguem os missionarios e os gentios quasi os adoram?

III. Vejo que estão dizendo dentro de si todos os que me ouvem, e tanto mais, quanto mais admirados d'esta mesma differença: que tão grandes effeitos não pódem nascer senão de grandes causas. Se os christãos perseguem os prégadores da fé, alguma grande causa teem para os perseguir. E se os gentios tanto os amam e veneram, alguma causa teem tambem grande para os venerar e amar. Que causas são estas? Isto é o que agora se segue dizer. E se alguma vez me déstes attenção, seja para estes dous ponctos.

São elles para os gentios como a estrella dos Magos.

Começando pelo amor e veneração dos gentios, aquella estrella que trouxe os Magos a Christo era uma figura celestial e muito illustre dos prégadores da fé! Assim o diz S. Gregorio e os outros Padres commummente; mas a mesma estrella o diz ainda melhor. Que officio foi o d'aquella estrella? Allumiar guiar e trazer homens a adorar a Christo; e não outros homens,

senão homens infieis e idolatras, nascidos e creados nas trevas da gentilidade. Pois esse mesmo é o officio e exercicio, não de quaesquer prégadores, senão d'aquelles prégadores de que fallamos; e por isso propriamente estrellas de Christo. Repara muito S. Maximo em que esta estrella que guiou os magos se chame particularmente estrella de Christo, *Stella ejus*; e argúi assim. Todas os outras estrellas não são tambem estrellas de Christo, que como Deus as creou? Sim: Pois porque razão esta estrella mais que as outras se chama especialmente estrella sua? Porque as outras estrellas foram geralmente creadas para tochas do ceu e do mundo; esta foi creada para prégadora de Christo. «É o nosso caso». Muitas outras estrellas ha n'aquelle hemispherio da America muito claras nos resplendores, muito uteis nas influencias como as do firmamento: mas estas de que fallamos, são propria e especialmente de Christo não só pelo nome de Jesus com que se professam suas; mas porque o fim, o instituto e o officio para qne foram creadas é o mesmo que o da estrella dos Magos, para trazer infieis e gentios á fé de Christo. Ora se estas estrellas fossem tão diligentes, tão sollicitas e tão ponctuaes em acompanhar e guiar aos Magos; não teriam os mesmos gentios muita razão de as quererem e estimarem, de sentirem muito sua falta e de se alegrarem e consolarem muito com sua presença? Assim o fizeram os Magos e assim o diz o Evangelista, não acabando de encarecer este contentamento: *Videntes stellam gavisi sunt gaudio magno valde*. Pois vamos agora seguindo os passos d'aquella estrella desde o oriente até o presepio; e veremos como as que hoje vemos tão mal vistas e tão perseguidas não só imitam e egualam em tudo a estrella dos Magos; mas em tudo a excedem com grandes vantagens.

E vencem esta mesma estrella.

Primeiramente dizem os Magos que onde viram estrella foi no oriente: *Vidimus stellam eius in oriente*. De maneira que podendo a estrella ser vista de muito longe, como se vêem as outras estrellas, ella os foi buscar á sua terra. N'esta diligencia e n'este caminho que fez a estrella dos Magos, faltou-lhe muito para se egualar com as nossas estrellas. Ella foi buscar os gentios a uma região remota mas distante sómente treze dias de caminho; as nossas vão buscar em distancias de mais de mil leguas de mar e por uns rios que só o das Amazonas, sem se lhe saber nascimento, tem quatro mil de corrente. A estrella dos Magos nunca saiu do seu elemento: as nossas já no da terra, já no da agua, já no do ar e dos ventos supportam os perigos e rigores de todos. A dos magos caminhou da Arabia á Mesopotamia sempre dentro dos mesmos horizontes;

as nossas vão do ultimo cabo da Europa ao mais interior da America, dando volta a meio mundo e passando d'este hemispherio aos antipodas. Finalmente (para que ajunctemos á distancia a differença das terras) a estrella dos Magos ia com elles para a terra de Promissão, a mais amena e deliciosa que creou a natureza: as nossas desterram-se para toda a vida em companhia de degredados; não como elles, para as colonias maritimas, onde os ares são mais benignos, mas para os sertões habitados de feras e minadas de bichos venenosos, nos climas mais nocivos da zona torrida. Não é, porém, este o maior trabalho.

Com que trabalho instroem os gentios.

Vidimus stellam Eius. Perguntam aqui os interpretes; porque mandou Christo aos Magos uma estrella e não um anjo ou um propheta senão uma estrella? A razão foi, dizem todos, porque era conveniente que aos Magos se enviasse um embaixador que lhes fallasse na sua propria lingua. Os Magos eram astronomos: a lingua por onde os astronomos intendem o que diz o céu são as estrellas; e tal era esta mesma estrella á qual chama Sancto Agostinho lingua do céu. Pois vá uma estrella aos Magos para que ella lhes falle na lingua que intendem. Se eu não intendo a lingua do gentio, nem o gentio intende a minha, como o hei de converter e trazer a Christo? Por isso temos por instituto apprender todos a lingua ou linguas da terra onde imos prégar; e esta é a maior difficuldade e o maior trabalho d'aquella espiritual conquista, e em que as nossas estrellas excedem muito a dos Magos. Notae. Os Magos intendiam a lingua da estrella e o que elle lhes dizia; mas porque a intenderam? Porque, como astronomos que eram, pelos livros dos Chaldeos sabiam que aquella estrella era nova e nunca vista; e como discipulos que tambem eram de Balaão sabiam dos livros da Escriptura que uma estrella nova que havia de apparecer era o signal da vinda e nascimento do Messias descendente de Jacob: *Orietur stella ex Jacob*; e por esta sciencia adquirida com dobrado estudo poderam alcançar e intender o que a estrella significava e lhes dizia. Cá não é assim, senão ás avessas. Lá para intender a estrella estudavam os Magos; cá para intender o gentio hão de estudar as estrellas. Nós que os imos buscar, somos os que lhes havemos de estudar e saber a lingua. E quanta difficuldade e trabalho seja haver de apprender um europeo não com mestres e com livros como os Magos, mas sem livro, sem mestre, sem principio e sem documento algum, não uma senão muitas linguas barbaras, incultas e horridas; só quem o padece e Deus por quem o padece, o sabe.

Quantas linguas se fallam no rio das Amazonas.

Quando Deus confundiu as linguas na torre de Babel, ponde-

rou Philo hebreu que todos ficaram mudos e surdos; porque ainda que todos fallavam e todos ouviam, nenhum intendia o outro. Na antiga Babel houve septenta e duas linguas: na Babel do rio das Amazonas já se conhecem mais de cento e cincoenta, tão diversas entre si como a nossa e a grega; e assim quando lá chegamos todos nós somos mudos e todos elles surdos. Vêde agora quanto estudo e quanto trabalho será necessario para que esses mudos fallem e esses surdos ouçam. É necessario tomar o barbaro á parte e estar e instar com elle muito só por só e muitas horas e muitos dias. É necessario trabalhar com os dedos escrevendo, aponctando e interpretando por acenos o que se não póde alcançar das palavras. É necessario trabalhar com a lingua dobrando-a e torcendo-a e dando-lhe mil voltas para que chegue a pronunciar os accentos tão duros e tão extranhos. É necessario levantar os olhos ao céu uma e muitas vezes com a oração e outras quasi com desesperação. É necessario finalmente gemer com toda a alma, gemer com todo o intendimento, porque em tanta variedade não acha firmeza; e gemer até com a vontade, por constante que seja; porque no aperto de tantas difficuldades desfallece e quasi desmaia. Emfim com a pertinacia da industria, ajudada da graça divina, fallam os mudos e ouvem os surdos: mas nem por isso cessam as razões de gemer: porque com o trabalho d'este milagre ser «tão penoso, véde o galardão que recebem!» Mas vamos seguindo a estrella.

A estrella se accommoda ao passo dos Magos.

Quando os Magos chegaram á vista de Jerusalem, escondeu-se a estrella; e assim esteve escondida emquanto se detiveram na cidade: mas tanto que sairam para continuar seu caminho, logo tornou a se descobrir e apparecer: *Ecce stella quam viderant in oriente antecedebat eos*. Reparae no *antecedebat*. Ia a estrella deante, mas de tal maneira deante que sempre se accomodavam e em tudo ao passo dos que guiava. *Ambulante Mago stella ambulat, sedente stat, dormiente excubat:* diz elegantemente S. Pedro Chrysologo. Quando os Magos andavam, andava a estrella; quando se assentavam parava, «quando dormiam lhes fazia sentinella;» e não dava um passo mais que elles. Podera a estrella fazer todo aquelle caminho do oriente ao occidente em dous momentos. E que ella contra a sua velocidade natural, já movendo-se vagarosa e tardamente, já parando e ficando immovel, se fosse accomodando e medindo em tudo com a condição e fraqueza d'aquelles a quem guiava, quanto, quando e como elles podiam? Grande violencia! e mais, se levantasse os olhos ao firmamento e visse que as outras do seu nome davam volta ao mundo em vinte e quatro horas; e ella qua-

si parada. Mas assim faz e deve fazer quem tem por officio levar as almas a Christo; isto é ter o officio de levar o evangelho a terras extranhas: *Antecedebat eos.*

Maior é o trabalho dos missionarios que se accommodam aos gentios.

Mas estes *eos* quem eram? Aqui está a differença d'aquella estrella ás nossas. A estrella dos Magos accommodava-se aos gentios que guiava: mas esses gentios eram os Magos do oriente, os homens mais sabios da Chaldea e os mais doutos do mundo. Porém as nossas estrellas depois de deixarem as cadeiras das mais illustres universidades da Europa (como muitos d'elles deixaram) accommodaram-se á gente mais sem intendimento e sem discurso de quantas Deus creou ou abortou a natureza; e a homens de quem se duvidou se eram homens; e foi necessario que os pontifices definissem que eram racionaes e não brutos. A estrella dos Magos parava, sim; mas nunca tornou atrás: as nossas estrellas tornam uma e mil vezes a desandar o já andado e a ensinar o já ensinado e a repetir o já apprendido: porque o barbaro boçal e rude, o tapuya cerrado e bruto, como não faz inteiro intendimento, não imprime nem retêm na memoria. Finalmente para o dizer em uma palavra, a estrella dos Magos guiava a homens que caminhavam nos dromedarios de Madian, como anteviu Isaias; e accommodar-se ao passo dos dromedarios de Madian ou ao somno das preguiças do Brazil, bem se vê a differença.

E maior o desapego do mundo.

Ainda a palavra *eos* nos ensina outra que não se deve passar em silencio. A estrella guia e prégadora dos Magos converteu e trouxe a Christo almas de gentios, mas de que gentios e que almas? Almas illustres, almas coroadas, almas de gentios reis. As nossas estrellas tambem trazem a Christo e convertem almas: mas almas de gente onde nunca se viu sceptro, nem corôa, nem se ouviu o nome de rei. A estrella dos Magos fez a sua missão entre purpuras e brocados, entre perolas e diamantes entre ambares e calambucos; emfim entre os thesouros e delicias do oriente. As nossas estrellas fazem as suas missões entre as pobrezas e desamparos, entre os ascos e as miserias da gente mais inculta, da gente mais pobre, da gente mais vil, da gente menos gente de quantos nasceram no mundo. Uma gente com quem metteu tão pouco cabedal a natureza, com quem se empenhou tão pouco a arte e a fortuna, que uma arvore lhe dá o vestido e o sustento e as armas e a casa e a embarcação. Com as folhas se cobrem, com o fructo se sustentam, com os ramos se armam, com o tronco se abrigam e sobre a casca navegam. Estas são todas as alfaias d'aquella pobrissima gente; e quem busca as almas d'estes corpos, busca só almas. *Pauperes evangelizantur,* foi a ultima prova com que o Redem-

ptor do mundo qualificou a verdade de ser elle o Messias: porque prégar o evangelho aos pobres, aos miseraveis, aos que não teem nada do mundo, é acção tão propria do espirito de Christo, que depois do testemunho dos seus milagres a poz o Filho de Deus por sello de todos elles. O fazer milagres póde-o attribuir a malicia a outro espirito; mas o evangelizar aos pobres nenhuma malicia póde negar que é espirito de Christo.

Deixam elles as cortes da Europa como a estrella a de Herodes.

Finalmente acabou a estrella o seu curso: parou. Mas onde foi parar? *Usque dum veniens staret ubi erat puer.* Foi parar em um presepio, onde estava Christo sobre palhas e entre brutos; e alli o deu a conhecer. Oh que estrella tão sancta e tão discreta! Estrella que não quer apparecer em Jerusalem e se vai parar no presepio: estrella que antes quer estar em uma choupana com Christo, que em uma côrte sem elle! Discreta e sancta estrella outra vez! Mas mais discretas e mais sanctas as nossas! A razão é clara. Christo n'aquelle tempo estava no presepio: mas não estava na côrte de Jerusalem: de sorte que, se a estrella quizesse ficar na côrte, havia-de ficar sem Christo. Nas côrtes da christandade não é assim. Em todas as côrtes está Christo e em todas se póde estar com Christo. Agora vai a differença e a vantagem. Trocar Jerusalem pelo presepio e querer antes estar em uma choupana com Christo que em uma côrte sem elle, não é fineza, é obrigação; e isto fez a estrella dos Magos. Mas querer antes estar no presepio com Christo que em Jerusalem com Christo: querer antes estar na choupana com Christo entre brutos, que na côrte com Christo entre principes; isto é não só deixar a côrte pelo presepio, senão deixar a Christo por Christo «em testimunho de maior fineza:» deixar a Christo onde está acompanhado para o acompanhar onde está só: deixar a Christo onde está servido para o servir onde está desamparado: deixar a Christo onde está conhecido para o dar a conhecer onde o não conhecem.

Alluminam com maior trabalho.

A estrella dos Magos tambem deu a conhecer a Christo; mas a quantos homens e em quanto tempo? A tres homens e em dous annos. Essa foi a razão por que Herodes mandou matar todos os innocentes de dous annos para baixo, conforme o tempo em que a estrella tinha apparecido aos Magos: *secundum tempus quod exquisierat a Magis.* Vêde agora quanto vai d'aquella estrella ás nossas estrellas e da sua missão ás nossas. Deixadas as mais antigas fizeram-se ultimamente duas; uma pelo rio dos Tocantins, outra pelo das Amazonas; e com que effeito? A primeira reduziu e trouxe a Christo a nação dos Topinambás e a dos Pochiguarás. A segunda pacificou e trouxe á mesma fé a nação dos Nheengaibas e a dos Mamayanazes: e tudo isto em

espaço de seis mezes. De maneira que a estrella dos Magos em dous annos trouxe a Christo tres homens: as nossas em meio anno quatro nações. E como estes prégadores da fé por officio, por instituto, por obrigação e por caridade e pelo conhecimento e fama geral que teem entre aquelles barbaros os vão buscar tão longe com tanto zelo e lhes fallam em suas proprias linguas com tanto trabalho e se accommodam á sua capacidade com tanto amor e fazem por elles tantas outras finezas que até nos brutos animaes costumam achar agradecimento; não é muito que elles os amem, que elles os estimem, que elles os defendam; e que antes ou depois de conhecerem e adorarem a Christo quasi os adoram.

São perseguidos porque fazem pelos gentios o que Christo fez pelos Magos.

IV. Agora se segue em contraposição admiravel ou estupenda (e por isso mais digna de attenção) vêr as causas por que os christãos perseguem abhorrecem e lançam de si estes mesmos homens. Perseguirem os christãos a quem defendem os gentios, abhorrecerem os do proprio sangue a quem amam os extranhos, lançarem de si os que teem uso de razão a quem recolhem, abrigam e querem comsigo os barbaros; cousa é incrivel se não estivera tão experimentada e tão vista. E supposto que é assim, qual póde ser a causa? A serem tão notaveis os effeitos, ainda a causa é mais notavel. Toda a causa de nos perseguirem aquelles chamados christãos é, porque fazemos nós pelos gentios o que Christo fez pelos Magos: *Procidentes adoraverunt eum, et responso accepto ne redirent ad Herodem, per aliam viam reversi sunt ad regionem suam.* Toda a providencia divina para com os Magos consistiu em duas acções: primeira em os trazer aos pés de Christo por um caminho: segunda em os livrar das mãos de Herodes por outro. Não fôra grande injustiça, não fôra grande impiedade trazer os Magos a Christo e depois entregal-os a Herodes? Pois estas são as culpas d'aquelles prégadores de Christo; e esta a unica causa por que se vêem e os vêdes tão perseguidos. Querem que tragamos os gentios á fé e que os entreguemos á cobiça: querem que tragamos as ovelhas ao rebanho e que as entreguemos ao cutelo: querem que tragamos os Magos a Christo e que os entreguemos a Herodes. E porque incontramos esta semrasão, nós somos os desarrazoados: porque resistimos a esta injustiça, nós somos os injustos; porque contradizemos a esta impiedade, nós somos os impios.

Sem livrar os indios da tyrannia dos portuguezes não se póde propagar o evangelho.

Acabe de intender Portugal que não póde haver christandade nem christandades nas conquistas sem os ministros terem abertos e livres estes dous caminhos que hoje lhes mostrou Christo: um caminho para trazerem os Magos á adoração e ou-

tro para os livrarem da perseguição; um caminho para trazerem os gentios á fé, outro para os livrarem da tyrannia; um caminho para lhes salvarem as almas, outro para lhes libertarem os corpos. N'este segundo caminho está toda a duvida; porque n'elle consiste toda a tentação. Querem que aos ministros do evangelho pertença a cura das almas para que a servidão e captiveiro dos corpos seja dos ministros do estado. Isto é o que Herodes queria. Se o caminho por onde se salvaram os Magos estivera á conta de Herodes, muito boa conta daria d'elles: a que deu dos innocentes. Não é esse o governo de Christo. A mesma providencia que teve cuidado de trazer os Magos a Christo por um caminho, essa mesma teve o cuidado de os livrar e pôr em salvo por outro.

Assim o intenderam os antigos reis de Portugal.

Assim o intenderam os senhores reis que fundaram aquellas christandades e todas as das nossas conquistas, os quaes fiaram dos ministros do evangelho «o poder necessario para a conversão e defeza dos gentios.» A razão christã e politica que para isso tiveram, foi por terem conhecido e experimentado, que só quem converte os gentios, os zela e os defende; e que assim como dividir as almas dos corpos é matar. assim dividir estes dous cuidados é destruir. Por isso estão destruidas e deshabitadas todas aquellas terras em tão poucos annos e de tantas e tão numerosas povoações, de que só ficaram os nomes e não se vêem hoje mais que ruinas e cemeterios. Necessario é logo não só para o espiritual, senão tambem para o temporal das conquistas, que os mesmos que edificam aquellas novas egrejas, assim como teem o zelo e arte para as edificar, tenham junctamente o poder para as defender. Não vêdes a S. Paulo com uma espada na mão e o livro na outra? Pois isto significa que o apostolo que tem por officio a prégação e conversão dos gentios, ha de ter o livro em uma mão para os doutrinar e a espada na outra para os defender. E se esta espada se tirar da mão de Paulo e se metter na mão de Herodes, que succederá? Nadará todo Belem em sangue innocente; e isto é o que vemos.

Por isso se chamam e são pastores.

Mas porque não faça duvida o nome de espada, troquemos a espada em cajado, que é instrumento proprio dos pastores (como alli somos); e respondei-me: Quem tem obrigação de apascentar as ovelhas? O pastor. E quem tem a obrigação de defender as mesmas ovelhas dos lobos? O pastor tambem. Logo o mesmo pastor que tem o cuidado de as apascentar, ha de ter tambem o poder de as defender. Esse é o officio de pastor e esse o exercicio do cajado: lançar o cajado á ovelha para a encaminhar e torcel-o contra o lobo para a defender. E vós que-

reis que este poder esteja em uns e aquelle cuidado em outros? Não seja isso conselho dos lobos! Quando David andava no campo apascentando as suas ovelhas, vinha o urso com o leão para lh'as comer: que fazia? Ia a Jerusalem a buscar um ministro d'el-rei Saul para que lh'as viesse defender? Não sería David, nem pastor, se assim o fizesse. Elle era o que as apascentava e elle o que as defendia. E defendia-as de tal sorte, que das gargantas e das entranhas das mesmas feras as arrancava. Porque se o lobo ou leão lhe tinha engulido o cordeiro pela cabeça, tirava-lh'o pelos pés; e se lh'o engulia pelos pés, tirava-lh'o pelas orelhas. E sendo assim que a essencia do pastor consiste em defender as ovelhas dos lobos; não será cousa muito para rir, ou muito para chorar, que os lobos pozessem pleito aos pastores, porque lhes defendem as ovelhas? Lá dizem as fabulas que os lobos se quizeram concertar com os rafeiros: mas que citassem os pastores, que lhes quizessem armar demanda, porque lhes defendiam o rebanho, isso não disseram as fabulas; dil-o-hão as nossas historias.

Como cumpriram com os seus deveres.

Mas quando as nossas historias disserem isto dos lobos, tambem dirão dos pastores que muitos deram a vida pelas ovelhas; uns afogados das ondas, outros comidos dos barbaros, outros mortos nos sertões de puro trabalho e desamparo. Dirão que todos expozeram e sacrificaram as vidas pelos bosques e pelos desertos entre as serpentes; pelos lagos e pelos rios entre os crocodilos; pelo mar e por toda aquella costa entre parceis e baixios os mais arriscados e cegos de todo o Oceano. Finalmente dirão que foram perseguidos, que foram presos, que foram desterrados: mas não dirão, nem poderão dizer que faltassem á obrigação de pastores; e que fugissem dos lobos como mercenarios. E esta é a razão e obrigação, por que eu fallo aqui e fallo tão claramente. S. Gregorio Magno commentando aquellas palavras do evangelho: *Mercenarius autem fugit*, diz assim: *Fugit quia injustitiam vidit et tacuit: fugit, quia se sub silentio abscondit.* Sabeis, diz o supremo pastor da Egreja, quando foge o que não é verdadeiro pastor? Foge quando vê as injustiças e em vez de bradar contra ellas, as cala. Foge quando, devendo sair a publico em defeza da verdade, se esconde e esconde a mesma verdade debaixo do silencio. Bem creio que alguns dos que me ouvem, teriam por mais modestia e mais decencia que estas verdades e estas injustiças se callassem; e eu o faria facilmente como religioso, sem pedir grandes soccorros á paciencia. Mas que sería se eu assim o fizesse? Sería ser mercenario e não pastor: sería ser consentidor das mesmas injustiças que vi, e estando tão longe não pude atalhar: sería ser

proditor das mesmas ovelhas que Christo me entregou, e de que lhe hei de dar conta, não as defendendo e escondendo-me onde só as posso defender: *Fugit quia se sub silentio abscondit.*

Réplica dos adversarios.

V. E porque na appellação d'este pleito, em que a injustiça e violencia dos lobos ficou vencedora, é justo que tambem elles sejam ouvidos; assim como ouvistes balar as ovelhas no que eu tenho dicto, ouvi tambem uivar os mesmos lobos no que elles dizem.

Dizem que este zelo é interesseiro.

Dizem que o chamado zelo com que defendemos os indios é interesseiro e injusto: interesseiro, porque os defendemos para que nos sirvam a nós: é injusto, porque defendemos que sirvam ao povo. Provam o primeiro e cuidam que com evidencia: porque vêem que nas aldeias edificamos as egrejas com os indios: vêem que pelos rios navegamos em canôas esquipadas de indios: vêem que nas missões por agua e por terra nos acompanham e conduzem os indios: logo defendemos e queremos os indios para que nos sirvam a nós! Esta é a sua primeira consequencia muito como sua: da qual, porém, nos defende muito facilmente o evangelho.

Os missionarios, como a estrella dos Magos, servem e não são servidos.

Os Magos (que tambem eram indios) de tal maneira seguiam e acompanhavam a estrella que ella não se movia, nem dava passos sem elles. Mas em todos estes passos e em todos estes caminhos quem servia e a quem? Servia a estrella aos Magos ou os Magos á estrella? Claro está que a estrella os servia a elles e não elles a ella. Ella os foi buscar tão longe, ella os trouxe ao presepio, ella os allumiava, ella os guiava: mas não para que elles a servissem a ella, senão para que servissem a Christo, por quem ella os servia. Este é o modo com que nós servimos aos indios e com que dizem que elles nos servem. Se edificamos com elles as suas egrejas, cujas paredes são de barro, as columnas de páo tosco e as abobadas de folhas de palma; sendo nós os mestres e os obreiros d'aquella architectura com o cordel, com o prumo, com a enxada e com a serra e os outros instrumentos (que tambem nós lhe damos) na mão; elles servem a Deus e a si, nós servimos a Deus e a elles; mas não elles a nós. Se nos veem buscar em uma canôa, como teem por ordem nos logares onde não residimos, sendo isso, como é, para os ir doutrinar por seu turno ou para ir sacramentar os infermos a qualquer hora do dia e da noite em distancia de trinta, de quarenta e de sessenta legoas; não nos veem elles servir a nós; nós somos os que os imos servir a elles. Se imos em missões mais largas a reduzir e descer os gentios, ou a pé e muitas vezes descalços, ou embarcados em grandes tropas á ida e muito maiores á vinda; elles e nós imos em serviço da

fé e da republica, para que tenha mais subditos a Egreja e mais vassallos a corôa; e nem os que levamos, nem os que trazemos nos servem a nós, senão nós a uns e a outros e ao rei e a Christo. E porque d'este modo, ou nas aldeias, ou fôra d'ellas nos vêem sempre com os indios e os indios comnosco, interpretam esta mesma assistencia tanto ás avessas, que em vez de dizerem que nós os servimos, dizem que elles nos servem.

Imitando a Jesus Christo mestre, medico, pastor.

Veiu o Filho de Deus do céu á terra a salvar o mundo; e sempre andava acompanhado e seguido dos mesmos homens a quem veiu salvar. Seguiam-no os apostolos, que eram doze: seguiam-no os discipulos, que eram septenta e dous: seguiam-no as turbas, que eram muitos milhares; e quem era aqui o que servia ou era servido? O mesmo Senhor o disse: *Non veni ministrari sed ministrare*: eu não vim a ser servido senão a servir. E todos estes que me seguem e me assistem, todos estes que eu vim buscar e me buscam, eu sou o que os sirvo a elles e não elles a mim. Era Christo mestre, era medico, era pastor, como elle disse muitas vezes. Estes mesmos são os officios em que servem aos gentios e christãos aquelles ministros do evangelho. São mestres; porque catechizam e ensinam a grandes e pequenos e não uma, senão duas vezes no dia; e quando o mestre está na aula ou na eschola, não são os discipulos que servem ao mestre, senão o mestre aos discipulos. São medicos; porque não só lhes curam as almas, senão tambem os corpos, fazendo-lhes o comer e os medicamentos e applicando-lh'os por suas proprias mãos ás chagas ou ás doenças por asquerosas que sejam; e quando o medico cura os infermos ou cura d'elles, não são os infermos os que servem ao medico, senão o medico aos infermos. São pastores; porque teem cuidado de dar pasto ás ovelhas e creação aos cordeiros; vigiando sobre todo o rebanho de dia e de noite; e quando o pastor assim o faz e n'isso se desvela, não são as ovelhas as que servem as pastor, senão o pastor ás ovelhas. Mas porque isto não serve aos lobos, por isso dizem que os pastores se servem.

Matth. 20.

A pobreza das suas casas mostra seu desinteresse.

Quanto aos interesses não tenho eu que dizer: porque todos os nossos haveres elles os teem em seu poder. Assim como nos prenderam e desterraram, assim se apoderaram tambem das nossas choupanas e de quanto n'ellas havia. Digam agora o que acharam. Acharam ouro e prata; mas só a dos calices e custodias. Nos altares acharam sacrarios, imagens e reliquias; nas sachristias ornamentos, não ricos, mas decentes e limpos: nas cellas de taipas pardas e telha vã alguns livros, catecismos. disciplinas, cilicios e uma tabua ou rede em logar de ca-

mas, porque as que levámos de cá se dedicaram a um hospital que não havia; e se nas nossas guardas-roupas se acharam alguns mantéos e sotainas remendadas, eram de algodão grosseiro, tinto na lama, como o calçado de pelle de veado e porco montez, que são as mesmas galas com que aqui apparecemos. Finalmente é certo que os Magos acharam no presepio maior pobreza, «porque é impossivel em qualquer virtude chegar á perfeição do nosso Divino Exemplar. Porém sabemos do evangelho que hoje os Magos foram acudir a pobreza extrema do presepio; porque, abrindo os seus thesouros, offereceram a Christo ouro, incenso e myrrha: *Apertis thesauris suis obtulerunt aurum et thus et myrrham.*» Mas os magos que trazemos a Christo e a gente a quem servimos é tão pobre e tão miseravel, que nem elles teem que offerecer, nem nós temos que acceitar.

É falso que elles não querem captiveiros legitimos.

Resta a segunda parte da queixa em que dizem, que defendemos os indios, porque não queremos que sirvam ao povo. A tanto se atreve a calumnia e tanto cuida que póde desmentir a verdade! Consta authenticamente n'esta mesma côrte que no anno de 1655 vim eu a ella só a buscar o remedio d'esta queixa e a estabelecer (como levei estabelecido por provisões reaes) que todos os indios sem excepção servissem ao mesmo povo e o servissem sempre; e o modo, a repartição e a egualdade com que o haviam de servir para que fosse bem servido. Vêde se podia desejar mais a cubiça, se com ella podesse andar juncta a consciencia. Não posso, porém, negar que todos n'esta parte e eu em primeiro logar somos muito culpados; e porque? Porque devendo defender os gentios que trazemos a Christo, como Christo defendeu aos Magos; nós; accommodando-nos á fraqueza do nosso poder e á força do alheio, cedemos da sua justiça e faltámos á sua defeza.

Defendeu Christo aos Magos mais do que os missionarios aos indios.

Como defendeu Christo aos Magos? Defendeu-os de tal maneira que não consentiu que perdessem a patria, nem a soberania, nem a liberdade. E nós não só consentimos, que os pobres gentios que convertemos, percam tudo isto; senão que os persuadimos a que o percam; e o capitulamos com elles, só para vêr se se póde contentar a tyrannia dos christãos: mas nada basta. Christo não consentiu que os Magos perdessem a patria; porque *reversi sunt in regionem suam*. E nós não só consentimos que percam a sua patria aquelles gentios; mas somos os que á força de persuasões e promessas (que se lhes não guardam) os arrancamos de suas terras, trazendo as povoações inteiras a viver ou a morrer juncto das nossas. Christo não consentiu que os Magos perdessem a soberania; porque reis vieram e reis tornaram. E nós não só consentimos

que aquelles gentios percam a soberania natural com que nasceram e viveram izentos de toda sujeição: mas somos os que sujeitando-os ao jugo espiritual da Egreja, os obrigamos tambem ao temporal da corôa, fazendo-os jurar vassallagem. Finalmente Christo não consentiu que os Magos perdessem a liberdade; porque os livrou do poder e tyrannia de Herodes. E nós não só não lhes defendemos a liberdade; mas pacteamos com elles e por elles, como seus curadores, que sejam meios captivos, obrigando-se a servir alternadamente ametade do anno. Mas nada d'isto basta para moderar a cubiça e tyrannia dos nossos calumniadores; porque dizem que são negros e hão de ser escravos.

A differença da côr não póde ser boa razão de fazer captivos.

Já considerei algumas vezes, porque permittiu à divina Providencia ou ordenou a divina Justiça que aquellas terras e outras vizinhas fossem dominadas dos herejes do Norte. E a razão me parece que é, porque nós somos tão pretos em respeito dos hollandezes como os indios em respeito de nós; e era justo que, pois fizemos taes leis, por ellas se executasse em nós o castigo. Como se dissera Deus: Já que vós fazeis captivos a estes, porque sois mais brancos que elles, eu vos farei captivos de outros que sejam tambem mais brancos que vós. A grande semrazão d'esta injustiça declarou Salomão em nome alheio com uma demonstração muito natural. Introduz uma ethiopiza, que era preta, fallando com as senhoras de Jerusalem, que eram brancas; e por isto a desprezavam; e diz assim: *Filiae Jerusalem nolite considerare quod fusca sim, quia decoloravit me sol.* Se me desestimais, porque sois brancas e eu preta; não considereis a côr, considerae a causa: considerae que a causa d'esta côr é o sol; e logo vereis quão inconsideradamente julgais. As nações, umas são mais brancas, outras mais pretas; porque umas estão mais vizinhas, outras mais remotas do sol. E póde haver maior inconsideração do intendimento, nem maior erro do juizo entre homens, que cuidar eu que hei de ser vosso senhor, porque nasci mais longe do sol; e que vós haveis de ser meu escravo, porque nascestes mais perto?!

Cant. 1.

Qual foi a côr e a sorte dos Magos.

Dos Magos que hoje vieram ao presepio dous eram brancos e um preto: como diz a tradição. E sería justo que mandasse Christo que Gaspar e Balthazar, porque eram brancos tornassem livres para o Oriente; e Belchior, porque era pretinho, ficasse em Belém por escravo, ainda que fosse de S. José? Bem o podera fazer Christo, que é Senhor dos senhores: mas quiznos ensinar que os homens de qualquer côr todos são eguaes por natureza e mais eguaes ainda por fé, se creem e adoram a

Christo, como os Magos. Notavel cousa é, que sendo os Magos reis de differentes côres. nem uma nem outra cousa dissesse o Evangelista. Se todos eram reis, porque não diz que o terceiro era preto? Porque todos vieram adorar a Christo e todos se fizeram christãos; e entre christão e christão não ha differença de nobreza nem differença de côr. Não ha differença de nobreza; porque todos são filhos de Deus: nem ha differença de côr; porque «quando á alma, que é a parte mais constitutiva de cada um,» todos são brancos. Essa é a virtude da agua do baptismo. Um ethiope, se se lava nas aguas do Zaire fica limpo «no corpo, mas não fica branco «na alma:» porém na agua do baptismo sim, uma e outra cousa. *Asperges me hyssopo et mundabor* eil-o ahi limpo: *Lavabis me et super nivem dealbabor* eil-o ahi branco. Mas é tão pouca a razão e tão pouca a fé d'aquelles inimigos dos indios, que depois de nós os fazermos brancos pelo baptismo, elles os querem fazer escravos por negros.

Is. 50

Os missionarios desterrados por não quererem captiveiros illicitos. Assim aconteceu a S. Paulo.

Não é minha intenção que não haja escravos: antes procurei n'esta côrte, como é notorio e se póde vêr da minha proposta, que se fizesse, como se fez, uma juncta dos maiores letrados sobre este poncto; e se declarassem, como se declararam, por lei que lá está registada, as causas do captiveiro licito. Mas porque nós queremos só os licitos e defendemos os illicitos, por isso nos não querem n'aquella terra e nos lançam d'ella. O mesmo succedeu a S. Paulo, se bem a terra não era de christãos. Em Philippos, cidade da Macedonia, havia uma escrava possuida do demonio; o qual fallava n'ella e dava oraculos e adivinhava muitas cousas; e por esta habilidade ganhava muito a escrava a seus senhores. Compadeceu-se d'ella S. Paulo que alli se achava em missão com seu companheiro Sila: lançou fóra o demonio d'aquelle corpo duas vezes captivo. E que premio ou agradecimento teve elle e seu companheiro d'este beneficio? Amotinou-se contra elle todo o povo: prenderam-nos, maltractaram-nos e lançaram-nos da cidade. Pois porque os apostolos lançam o demonio fóra da escrava, por isso lançam a elles fóra da terra? Por ventura Paulo e Sila tiraram a escrava a seus senhores, ou disseram que não era escrava e que os não servisse? Nem por pensamento. Pois porque os maltractam, porque os prendem, porque os desterram? Porque os senhores da escrava não só queriam a escrava, senão a escrava e mais o demonio. Aqui bate o poncto de toda a controversia; e por isso não concordamos: nós queremos que tenham escravos, mas sem demonio: elles não querem escravos, senão com demonio; e porque? Porque perdem toda a esperança dos seus interes-

ses. Os escravos licitos sem demonio são muito poucos: os illicitos e com demonio são quantos elles querem captivar e quantos captivam; e como o seu interesse (posto que interesse infernal) consiste em terem escravos com demonio; por isso querem antes o demonio que os apostolos, e por isso os lançam de si.

Dizem os adversarios que não podem viver sem indios captivos. Que horror!

Convencidos e confundidos d'esta evidencia, ainda fallam, ainda replicam; e que dizem? O que se não atreveu a dizer Herodes, posto que o fez. Dizem que se não pódem sustentar, nem o estado se póde conservar d'outro modo. Vêde que razão esta para se ouvir com ouvidos catholicos e para se articular e presentar deante de um tribunal ou rei christão. Não nos podemos sustentar d'outra sorte, senão com a carne e sangue dos miseraveis indios! Então elles são os que comem gente?! Nós, nós somos os que os imos comer a elles. Esta era a fome insaciavel dos máus creados de Job: *Quis det de carnibus meis ut saturemur?* E esta era a injustiça e crueldade de que Deus mais se sentia em seus máus ministros: *Qui devorant plebem meam sicut escam panis.* E porque os prégadores do evangelho, que são os que vão buscar estas innocentes victimas, as não querem entregar ao açougue e matadoiro; fóra, fóra das nossas terras.

Job. 31.

Ps. 13.

Duas instrucções que Christo deu aos perseguidos.

Antevia Christo como sabedoria infinita que os apostolos a quem mandava prégar pelo mundo haviam de encontrar com homens tão inimigos da verdade e da justiça, que os não consentiriam comsigo e os lançariam das suas terras (bem assim como os gerasenos lançaram das suas ao mesmo Christo); e para que estivessem e fossem prevenidos; primeiramente deu-lhes a instrucção do modo com que se haviam de haver em similhantes casos. Quando os homens, «dizia o amorosissimo Redemptor», quaesquer que sejam, não receberem vossa doutrina e vos lançarem de suas casas e cidades, o que haveis de fazer authenticamente deante de todos é sacudir o pó dos sapatos, para que este pó seja testemunha de que pozestes os pés n'aquella terra e ella vos lançou de si. Assim o fizeram S. Paulo e S. Barnabé, quando foram lançados de Pisidia; e assim o fiz eu tambem. E que mais diz Christo? Para que os mesmos apostolos se não desconsolassem antes se gloriassem muito d'estes desterros e da causa d'elles, sabei, lhes diz o mesmo Senhor, que quando os homens assim vos abhorrecerem e vos apartarem e lançarem de si, então sereis bemaventurados, porque então sereis meus verdadeiros discipulos; e depois o sereis tambem, porque no céu tereis o galardão que vos não sabe, nem póde dar a terra.

E como ameaçou aos perseguidores. *Matth.* 10.

Este é o premio com que Christo (bemdicto elle seja) nos ha

de pagar e pagar já de contado a paciencia d'estas injurias, remunerando de antemão no seguro de sua palavra estes trabalhos com aquelle descanço, estes desterros com aquella patria e estas affrontas com aquella gloria para que ninguem nos tenha lastima, quando o céu nos tem inveja. Mas porque os auctores de tamanhos escandalos não cuidem que elles e suas terras hão de ficar sem o devido castigo, conclúi finalmente o justo Juiz com esta temerosa sentença: De verdade vos digo que o castigo das cidades de Sodoma e Gomorrha, sobre as quaes choveram raios, ainda foi mais moderado e mais toleravel do que será o que está apparelhado não só para as pessoas, senão para as mesmas terras, d'onde os meus prégadores forem lançados: *Amen dico vobis: tolerabilius erit terrae Sodomorum et Gomorrhoeorum, quam illi civitati.* Tal é a sentença que tem decretado a divina justiça contra aquella mal aconselhada gente, por cujo bem e remedio eu tenho passado tantos mares e tantos perigos. Praza á divina misericordia perdoar-lhes, pois não sabem o que fazem. E para que lhes não falte o perdão da parte; assim como meus companheiros e eu lh'o temos já dado de coração, assim agora lh'o torno a ratificar aqui publicamente *coram Deo et hominibus* em nome de todos.

Remedios contra a tyrannia dos portuguezes. O fundamental seria, que os povoadores que se mandam para as conquistas não fossem os criminosos.

VI. Supposto, pois, que não peço nem pretendo castigo e o que desejo é o remedio: quero acabar este largo mas forçoso discurso aponctando brevemente os que ensina o evangelho. O primeiro e fundamental de todos era que aquellas terras fossem povoadas com gente de melhores costumes e verdadeiramente christã. Por isso no regimento dos governadores a primeira cousa que muito se lhes encarrega é que a vida e procedimento dos portuguezes seja tal, que com o seu exemplo e imitação se convertam os gentios. Assim está disposto sanctissimamente; porque, como diz S. João Chrysostomo, se os christãos viveram conforme a lei de Christo, toda a gentilidade estivera já convertida. Mas é cousa muito digna não sei se de admiração, se de riso, que no mesmo tempo em que se dá este regimento aos governadores e nos mesmos navios em que elles vão embarcados, os povoadores que se mandam para essas mesmas terras são os criminosos e malfeitores tirados do fundo das enxovias e levados a embarcar em grilhões a quem já não póde fazer bons o temor de tantas justiças. E estes degradados por suas virtudes e talvez marcados por ellas, são os sanctinhos que lá mandam para que com o seu exemplo se convertam os gentios e se accrescente a christandade. Aquelles samaritanos que impediam a reedificação do templo e da cidade de Jerusalem eram degradados por el-rei Salmanazar de Assi-

ria e de Babylonia para povoadores de Samaria, que elle tinha conquistado; e diz a historia sagrada que o que lá fizeram, foi ajunctar os costumus que levavam da sua terra com os que acharam em Samaria; e assim eram meios fieis e meios gentios. Isto mesmo se experimenta, e é força que succeda nas nossas conquistas com similhantes povoadores. Mas como este erro fundamental já não póde ter remedio, vamos aos que de presente e para o futuro nos ensina o evangelho.

1.º Remedio para o futuro, a boa eleição dos governadores.

O primeiro é a boa eleição dos sujeitos a quem se commette o governo. E para que a eleição seja boa, que parte hão de ter os eleitos? Eu me contento com uma só; e qual? Que sejam ao longe o que promettem ao perto. Herodes encommendou muito aos Magos que fizessem diligencia pelo rei nascido que buscavam, e que tanto que o achassem, lhe fizessem logo aviso para que tambem elle o fosse adorar: *Ut et ego veniens adorem eum.* Ah hypocrita! Ah traidor! E para tu adorares a Christo é necessario que vás onde elle estiver? Tanto podia Herodes adorar a Christo desde Jerusalem, onde estava, como em Belem ou em qualquer outra, onde o Senhor estivesse. Mas estes são e estes costumam ser os Herodes. Bom Daniel e fiel ministro de seu Senhor! Estava Daniel em Babylonia e diz o texto sagrado que todos os dias tres vezes abria as janellas que ficavam para a parte de Jerusalem; e prostrado de joelhos adorava. De Babylonia não se podia vêr Jerusalem distante tantos centos de leguas, quantas ha desde o monte de Sion ao rio Euphrates: comtudo o bom Daniel adorava «desde Babylonia a majestade do Senhor, a qual habitara o templo de Jerusalem então destruido. Mas os Danieis são poucos e os Herodes muitos; por isso é raro achar quem faça ao longe o que promette fazer ao perto.»

O que n'esta parte acontece.

Costuma isto ser tanto pelo contrario que só o verem-se tão longe os que governam n'aquellas terras, lhes tira todo o temor do rei e toda a reverencia do seu nome. O nome de rei ou pronunciado ou escripto em qualquer parte da sua monarchia, por distante que seja, havia de ser como um trovão prenhe de raios, que fizesse tremer as cidades, as fortalezas, os portos, os mares, os montes, quanto mais os homens. Mas os que se vêem além da linha, ou debaixo d'ella, fazem tão pouco caso d'estas trovoadas, que tomando da bocca dos Magos o *ubi est*, dizem entre si e perguntam: Onde está el-rei? Em Portugal? Pois se elle lá está, nós estamos cá: mande elle de lá o que mandar, nós fazemos cá o que nos bem estiver! E que ha de fazer a pobre terra com taes governadores? O que elles quizerem, ainda que seja muito contra si e muito a seu pezar. Não temos o Texto longe.

Qual rei, tal reino. Exemplo de Herodes.

Turbatus est Herodes et omnis Jerosolyma cum illo. Perturbou-se Herodes e toda Jerusalem com elle. Perturbar-se Herodes, rei intruso e tyranno, temendo que o legitimo Senhor o privasse da corôa que não era sua, razão tinha. Mas que se perturbe junctamente Jerusalem, quando era a melhor e mais alegre nova que podia ouvir?! Não suspirava Jerusalem e toda a Judéa pela vinda do Messias? Não gemia debaixo da violencia de Herodes? Não desejava sacudir o jugo e libertar-se de sua tyrannia? Pois, porque se perturba, ou mostra perturbada quando Herodes se perturba? Porque tão despotica, como isto, é a sujeição dos tristes povos debaixo do dominio de quem os governa e mais quando são tyrannos. Hão de fazer o que elles querem e hão de querer o que elles fazem, ainda que lhes peze. Dizem que os que governam são espelho da republica. Não é assim, senão ao contrario. A republica é o espelho dos que governam. Porque assim como o espelho não tem acção propria e não é mais que uma indifferença de vidro, que está sempre exposta a retratar em si os movimentos de quem tem deante, assim o povo ou republica sujeita, se se move ou não se move, é pelo movimento ou socego de quem a governa. Se Herodes se não perturbava, não se havia de perturbar Jerusalem: perturbou-se, porque elle se perturbou. Assim que todas as vezes que Jerusalem se inquieta, Herodes tem a culpa; e se acaso a não tem toda, tem a primeira. *Turbatus est Herodes et omnis Jerosolyma cum illo:* ou com elle, porque elle faz a inquietação; ou com elle, porque a manda; ou com elle, porque a consente, ou com elle, porque a dissimula; ou com elle, quando menos, porque devendo e podendo a não impede: mas sempre e de qualquer modo com elle, *cum illo*. De maneira, emfim, que na eleição d'estes *elles* consiste a paz, o socego e o bom governo das conquistas. E este é o primeiro remedio do evangelho.

2.º Remedio, que as congregações ecclesiasticas do Maranhão saibam e queiram dizer a verdade. N'isto Herodes foi mais prudente e feliz.

O segundo remedio, que as congregações ecclesiasticas d'aquelle estado sejam compostas de taes sujeitos que saibam dizer a verdade e que a queiram dizer. Para Herodes responder á proposta e pergunta dos Magos, que fez? *Congregans omnes principes sacerdotum et scribas populi sciscitabatur ab eis ubi Christus nasceretur.* A proposta e pergunta era: Em que logar havia de nascer o Messias; e para isso fez uma congregação ou juncta em que entraram as pessoas ecclesiasticas de maior auctoridade e letras que havia em Jerusalem. Era Herodes tyranno; e comtudo mostrou estas duas grandes partes de principe; que perguntava e perguntava a quem havia de perguntar: as materias ecclesiasticas aos ecclesiasticos e as das lettras aos letrados e d'estes aos maiores. Por isso compoz a congregação

de sacerdotes e professores de lettras; mas não de quaesquer sacerdotes nem de quaesquer lettrados, senão dos que no sacerdocio e na sciencia, na synagoga e no povo tinham os primeiros logares. E que se seguiu d'esta eleição de pessoas tão acertada? Tudo o que se pretendia. O primeiro effeito e muito notavel foi que sendo tantos. todos concordaram. Raramente se vê uma juncta em que não haja diversidade de pareceres, ainda contra a razão e verdade manifesta, principalmente quando se conhece a inclinação do rei, como aqui estava conhecida a de Herodes na sua perturbação; e comtudo todos os d'esta grande juncta concordaram na mesma resposta e todos allegaram o mesmo texto e todos o intenderam no mesmo sentido: *At illi dixerunt in Bethlehem Juda. Sic erim scriptum est per prophetam: Et tu Bethlehem terra Juda etc.* E porque todos concordaram sem discrepancia, d'este primeiro effeito se seguiu o segundo e principalmente pretendido; que era encaminhar os Magos com certeza ao logar do nascimento de Christo para que infallivelmente o achassem e adorassem, como acharam e adoraram. Tanto importa que similhantes congregações sejam compostas de homens que tenham lettras. Cuida-se cá que para aquellas partes bastam ecclesiasticos que saibam a fórma do baptismo e a doutrina christã; e não se repara que elles são os que nos pulpitos prégam de publico, elles os que absolvem de secreto nos confessionarios (onde é maior o perigo); e que elles por disposição das leis reaes são os interpretes das mesmas leis, de que dependem as liberdades de uns, as consciencias de outros e a salvação de todos. E se elles (como succede ou póde succeder) não tiverem mais lettras que as do A B C, que conselhos, que resoluções, que sentenças hão de ser as suas? Pergunto: Se os sacerdotes e lettrados de Jerusalem se dividissem em opiniões; se uns dissessem que o Messias havia de nascer em Belem, outros em Nazareth, outros em Jericó; se uns votassem para a Galiléa, outros para a Judéa, outros para Samaria; que haviam de fazer os Magos? É certo que n'este caso ou desesperados se haviam de tornar para as suas terras, como muitos indios se tornam, ou que perseverando em buscar a Christo no meio de tanta confusão o não achariam. Uma das principaes causas, por que está Christo tão pouco achado, ou por que está tão perdido n'aquellas conquistas, é pela insufficiencia dos sujeitos ecclesiasticos, que lá se mandam. Christo uma vez que se perdeu, achou-se entre doutores; e onde estes faltam, que lhe ha de succeder? Entre doutores achou-se depois de perdido: onde elles faltam, perder-se-ha depois de achado. E isto é o que vemos. Por isso Herodes, depois que fez aquella

congregação de homens tão doutos, logo suppoz que os Magos sem duvida haviam de achar a Christo: *Et cum inveneritis renuntiate mihi.*

Assim o fazia el-rei D. Manuel o conquistador.

Este é, como dizia, o segundo remedio que nos descobre o evangelho. E se acaso vos descontenta por ser practicado de tão ruim auctor como Herodes (sem advertir que muitas vezes os máus governam tão bem como os bons e melhor que os muito bons) imitemos ao menos o exemplo do nosso grande conquistador, el-rei Dom Manuel de felicissima memoria, tão amplificador do seu imperio, como do de Christo: de que lemos que o primeiro sacerdote que enviou ás conquistas foi seu proprio confessor. Não fiou e salvação d'aquellas almas, senão de quem fiava a sua propria consciencia: porque sabia que estava egualmente obrigado em consciencia a tractar d'ellas; e dos meios proporcionados á sua propria salvação.

Ensina-o o mysterio do anjo e da estrella.

Mas para que é recorrer a exemplos meramente humanos, onde temos presente o do mesmo Rei e Salvador do universo? No tempo do nascimento de Christo dividia-se o mundo em duas nações, em que se comprehendiam todas; a judaica e a gentilica; e para o Senhor fundar em ambas a nova Egreja christã que vinha edificar e propagar, bem sabemos quaes foram os sujeitos que escolheu. Aos pastores, que eram judeus, mandou um anjo, aos Magos que eram gentios mandou uma estrella. E porque estrellas e anjos entre todas as creaturas? Porque as estrellas são luz e os anjos são espiritos. Quem não tem luz, não póde guiar: quem não tem espirito, não póde converter. E nós queremos converter o mundo sem anjos e com trevas? Notou muito bem aqui a Glossa, que assim o anjo como a estrella foram missionarios trazidos do céu; e de lá era bem que viessem todos. Mas já que os não podemos trazer do céu, como Christo; porque não mandaremos os melhores ou menos máus da terra?

3.º Remedio, prevenir as necessidades dos indios como Christo preveniu as dos Magos.

O terceiro e ultimo remedio e que, sendo um abraça muitos, é que todos os que forem necessarios para a boa administração e cultura d'aquellas almas, se lhes devem não só conceder, mas applicar effectivamente sem os mesmos gentios ou novamente christãos, nem outrem por elles, os pedirem ou procurarem. Diz com advertencia e mysterio particular o nosso texto, que estando os Magos dormindo, se lhes deu a resposta do que haviam de fazer para se livrarem das mãos de Herodes: *Et responso accepto in somnis ne redirent ad Herodem*. Na palavra *responso accepto* reparo muito. Os Magos em Belem perguntaram alguma cousa? Fallaram alguma cousa? Ao menos no poncto particular de Herodes sobre quem foram respondidos, é certo que nem

uma só palavra disseram. Pois se não fallaram, se não pediram, se não propozeram ou perguntaram, como se diz que foram respondidos, *responso accepto*? Esse é o mysterio e o documen.o admiravel de Christo a todos os reis que trazem gentios á fé. Os Magos eram gentios, ou christãos novamente convertidos da gentilidade; e os gentios ou christãos novamente convertidos, onde ha fé, razão e justiça, hão de ser respondidos sem elles fallárem; hão de ser despachados sem elles pedirem. Não ha de haver petição e ha de haver despacho? Não ha de haver requerimento e ha de haver remedio? Não ha de haver proposta e ha de haver resposta? *Responso accepto?* Sim. Mas se elles não requererem, quem ha de requerer por elles? Muito bom procurador: quem requereu n'este caso. S. Jeronymo diz que o auctor da resposta foi o mesmo Christo por sua propria pessoa. Sancto Agostinho diz que foi por mediação e ministerio dos anjos; e tudo foi. Foi Christo como verdadeiro rei, e foram os anjos como verdadeiros ministros. Nos outros casos e com os outros vassallos os reis e os ministros são os requeridos: n'este caso e com esta gente os reis e os ministros hão de ser os requerentes. Elles são os que lhes hão de requerer a fé; elles os que lhes hão de requerer a liberdade; elles os que lhes hão de requerer a justiça; elles finalmente os que lhes hão de requerer, negociar e fazer effectivo tudo quanto importar á sua conversão, quietação e segurança sem que aos mesmos gentios ou antes ou depois de convertidos, lhes custe o menor cuidado. Que cuidavam ou que faziam os Magos, quando foram respondidos? E' circumstancia muito digna de que a considerem os que teem a seu cargo «prover aos outros»: *Et responso accepto im somnis*. Os Magos estavam dormindo e bem ignorantes de seu perigo e bem descuidados de seu remedio; e no mesmo tempo o bom rei e os bons ministros estavam traçando e dispondo os meios não só da salvação de suas almas, senão da conservação descanço e segurança de suas vidas.

Obrigação de Portugal a este respeito.

E se alguem me perguntar a razão d'esta differença e da maior obrigação d'este cuidado ácerca dos gentios e novos christãos das conquistas em respeito ainda dos mesmos vassallos portuguezes e naturaes, muito me espanta que haja quem a ignore. A razão é, porque o reino de Portugal em quanto reino e em quanto monarchia está obrigado, não só de caridade, mas de justiça a procurar effectivamente a conversão e salvação dos gentios á qual muitos d'elles por sua incapacidade e ignorancia invencivel não estão obrigados. Tem esta obrigação Portugal em quanto reino; porque este foi o fim particular para que Christo o fundou e instituiu, como consta da mesma ins-

tituição. E tem esta obrigação em quanto monarchia; porque este foi o intento e contracto com que os summos pontifices lhe concederam o direito das conquistas, como consta de tantas bullas apostolicas. E como o fundamento e base do reino de Portugal por ambos os titulos é a propagação da fé e conversão das almas dos gentios, não só perderão infallivelmente as suas todos aquelles sobre que carrega esta obrigação, se se descuidarem ou não cuidarem muito d'ella; mas o mesmo reino e monarchia, tirada e perdida a base sobre que foi fundado, fará n'aquella conquista a ruina que em tantas outras partes tem experimentado; e nol-o tirará o mesmo Senhor que nol-o deu, como a maus colonos: *Auferetur vobis regnum Dei et dabitur genti facienti fructus ejus.*

Matth. 21.

Brados que darão as almas que se perdem por esta falta. *Apoc. 6.*

Mas para que é fallar nem trazer á memoria reino, quando se tracta do remedio de tantos milhares de almas, cada uma das quaes pesa mais que todo o reino? Venturoso Herodes ou menos desventurado; que já de hoje em deante não serás tu o exemplo dos crueis! Que importa que tirasse a vida Herodes a tantos innocentes, se lhes salvou as almas? Os crueis e os tyrannos são aquelles por cuja culpa se estão indo ao inferno tantas outras; e se um momento se dilatar o remedio das demais, lá irão todas. No céu viu S. João que estavam as almas dos innocentes pedindo a Deus vingança do seu sangue: *Usquequo, Domine, non vindicas sanguinem nostrum*? E se almas que estão no céu vendo e gozando a Deus, pedem vingança; tantas almas que estão ardendo no inferno e arderão por toda a eternidade, que brados darão a Deus? Que brados dará a justiça divina o sangue que Christo derramou por ellas, quando tão ouvidos foram os do sangue de Abel?

A rainha regente faz esperar o remedio imitando a rainha Mãe do Menino Deus.

VII. Nos echos d'estes mesmos brados queria eu que ficasse suspensa a minha oração. Mas não é bem que ella acabe em brados e clamores, quando o evangelho nos mostra o céu tão propicio, que se ouvem «na terra as vozes e conselhos da misericordia.» Assim lhes aconteceu aos Magos e assim espero eu que me succeda a mim; pois sou tão venturoso como elles foram; que no fim da sua viagem acharam muito mais do que esperavam. Buscavam o Rei nascido; e acharam o Rei nascido e a Rainha mãe. E como a soberana Mãe era a voz do Rei na sua menoridade, e a volta que os Magos fizeram para as suas terras correu por conta da mesma Senhora, foi esta missão que tomou por sua, tão bem instruida, tão bem fundada e tão gloriosa em tudo que d'ella e das que d'ella se foram propagando, disse Salomão nos seus Canticos *Emissiones tuae paradisus.* «O mesmo espero eu das nossas pela protecção de outra rainha

mãe» Até agora, senhora, porque as missões se não fizeram em nome e debaixo da real protecção de vossa majestade, pelos tormentos de pena e damno que aquellas almas padeceram, se podiam chamar missões de inferno. Agora as mesmas missões por serem de vossa majestade serão paraiso: *Emissiones tuae paradisus*. Assim o ficam esperando da real piedade, justiça e grandeza de vossa majestade aquellas tão perseguidas e desamparadas almas; e assim o confiam e teem por certo os que tendo-se desterrado da patria por amor d'ellas, padecem hoje na patria tão indigno desterro.

Os missionarios desejam voltar á sua missão, como os magos, por outro caminho.

E para acabar como comecei, com a ultima clausula do evangelho, o que elle finalmente diz é que os Magos tornaram para a sua terra por outro caminho: *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam*. A terra foi a mesma, mas o caminho diverso. E isto é o que só desejam os que não teem por sua outra terra mais que as d'aquella gentilidade á cuja conversão e doutrina por meio de tantos trabalhos teem sacrificado a vida. Voltar para as mesmas terras, sim, que o contrario sería inconstancia: mas em forma que o caminho seja tão diverso que triumphe e seja servido Christo e não Herodes. Se os Magos voltassem pelo mesmo caminho triumpharia o tyranno, perigaria Christo, e os Magos, quando escapassem, não fariam o fructo que fizeram nas mesmas terras, convertendo-as, como as converteram todas, á fé e obediencia do Rei que vieram adorar e de cujos pés não levaram nem quizeram outro despacho. Tudo isto se conseguiu então felizmente; e se conseguirá tambem agora com a mesma facilidade, se o oraculo fôr o mesmo. Mande o soberano oraculo que tornem para a mesma região e mande efficazmente que seja por outro caminho: *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam*.

(Ed. ant. tom. 4.º, pag. 441, ed. mod. tom. 2.º pag. 86)

SERMÃO DAS OBRAS DE MISERICORDIA ***

PRÉGADO NA EGREJA DO HOSPITAL REAL DE LISBOA
EM DIA DE TODOS OS SANCTOS COM O SANCTISSIMO EXPOSTO
NO ANNO DE 1649

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR — O assumpto do sermão tracta não sómente das obras de misericordia senão tambem das propriedades do Sacramento ainda que de um modo secundario e indirecto.

Beati pauperes. Beati misericordes.
MATTH. 5.

Christo escondido duas vezes; uma no Sacramento, outra nos pobres. Felicidade dos que n'elles o soccorrem.

Não só uma senão duas vezes «escondido» vos contempla a minha consideração e adora a minha fé n'este dia e n'este logar, todo poderoso Senhor. «Escondido no Sacramento e escondido nos pobres, e porque nos pobres estais escondido como no Sacramento, por isso» nas duas clausulas ou nos dous oraculos de vossa divina palavra, que propuz, vejo beatificada a pobreza, *Beati pauperes*, e tambem beaticada a misericordia, *Beati misericordes*. Oh bemaventurada pobreza e bemaventurada misericordia! Bemaventurada a pobreza dos pobres que a este hospital veem buscar «em vosso nome» o remedio; e bemaventurada a misericordia dos misericordiosos que vos soccorrem e remedeiam n'elles. Este será, Senhor, com vossa licença e graça o argumento do meu discurso hoje. Vós o alentae, como fraco; vós o allumiae como rude, e por intercessão de vossa sactissima Mãe, vós o assisti, como vosso. *Ave Maria.*

A pobreza e a misericordia em habito de bemaventurança.

II. N'este grande e formoso theatro da piedade christã (em que a mesma piedade juncta em corpo de congregação é a principal e melhor parte do mesmo theatro), as duas figuras ou personagens que hoje entram a representar, é a pobreza e a misericordia, ambas em habito de bemaventurança: *Beati pauperes. Beati misericordes.*

Bemaventurada a pobreza virtude e miseria, porque n'ella está Christo.

Começando pela pobreza; este nome tão mal avaliado entre os homens tem duas significações. Ha pobreza, diz Sancto Agostinho, que é virtude e pobreza que é miseria. A pobreza que é virtude, é a pobreza voluntaria, com que se desprezam todas as cousas do mundo. A pobreza que é miseria, é a pobreza forçada, com que se carece d'essas mesmas cousas e se padece a falta d'ellas. Supposta esta divisão em que não ha duvida, duvido agora e pergunto: Se a pobreza que é miseria, é tambem bemaventurada ou não? A pobreza que é virtude, essa é a canonizada por Christo, e a essa se promette o reino do céu: *Beati pauperes spiritu, quoniam ipsorum est regnum coelorum*. Porém a pobreza que é miseria, á qual nem se promettem os bens do céu, nem ella possue os da terra, antes padece a falta de todos, parece que não póde ser bemaventurada. Malaventurada sim, porque para esta pobreza não ha ventura: malaventurada sim, porque todos a desprezam e fogem d'ella: malaventurada sim, porque ainda para se conservar na mesma miseria ha de pedir e depender da vontade alheia, que é a sorte mais triste. Comtudo é tal a bondade de Deus e tão larga a immensidade de sua providencia, que até a pobreza que é e se chama miseria fez bemaventurada. E porque ou de que modo? Transformando-se Christo a si mesmo em todos os pobres do mundo. De sorte que os pobres da pobreza que é virtude são bemaventurados, porque hão de ver a Deus; os pobres da pobreza que é miseria são bemaventurados, porque n'elles está Deus. Esta é a razão e o fundamento por que se atreveu a dizer a minha fé, que n'este dia e n'este logar está Christo duas vezes «escondido.» Os que hoje com tanta piedade e devoção visitastes as infermarias d'este hospital, que vistes n'estas, senão pobres miseraveis, em que a pobreza veio buscar o remedio e a miseria a misericordia? Pois sabei que em todos esses pobres está o mesmo Christo que adoramos n'aquella hostia. Porque cremos que está Christo n'aquella hostia? Porque elle o disse. Pois essa mesma e não outra é a prova que temos para crer que está nos pobres.

Matth. 5.

Assim elle o diz e por isso no dia do juizo ha de louvar os seus sanctos, porque o soccorreram. Matth. 25.

III. No dia do juizo, quando Christo chamar para o premio da bemaventurança a todos os sanctos (que não era bem nos faltasse ao menos a sua memoria no seu dia, pois a obrigação é outra) as palavras e o relatorio serão estas: Vinde, bemdictos de meu Padre, possuir o reino que vos está apparelhado: porque tive fome e me déstes de comer: tive sede e me déstes de beber; era peregrino e me hospedastes; andava despido e me vestistes; estava infermo e no carcere e me visitastes. Ouvida esta sentença tão alegre e venturosa para todos os que a mereceram ouvir, que fariam? Cuidava eu que prostrados por ter-

ra, dariam a Christo graças, e logo a si mesmo o parabem, não cabendo dentro em si de prazer. Mas o que fizeram, foi como pôr embargos á sentença e appellar e aggravar dos fundamentos d'ella. Diz o evangelista que responderam: E quando fizemos nós, Senhor, essas obras que allegais por nossa parte e premiais como merecimentos nossos? Quando vos vimos nós com fome e vos démos de comer, ou com sede e vos demos de beber? Quando vos vimos peregrino e vós hospedámos, e despido e vos vestimos; ou quando vos vimos infermo e no carcere e vos visitámos? Isto é o que replicaram sobre a sentença os bemaventurados e com réplica muito bem fundada e verdadeira; porque todos ou quasi todos não tinham visto a Christo e muito menos n'aquellas occasiões de necessidade ou pobreza em que o soccorressem. Pois, Senhor, se estes homens não vos viram nem vos soccorreram com estas obras de caridade que referis; como as allegais na sua sentença e por ellas os premiais com a bemaventurança?

Declaral-o-ha elle mesmo. Texto notavel de S. Cypriano

Só Christo podia responder a esta réplica; e assim foi elle o que logo respondeu, declarando a mesma sentença e a verdade do que n'ella tinha allegado: *Et respondens rex dicet illis: Amen dico vobis, quamdiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis.* É verdade respondeu o Senhor que vós não me vistes como dizeis: mas eu vos digo e vos affirmo com juramento ser tambem verdade que me fizestes tudo o que eu allegueí na vossa sentença; porque bem lembrados estareis que todas aquellas obras de caridade as fizestes aos pobres; e tudo o que fizestes a cada um d'elles, me fizestes a mim: *Quod uni ex his minimis fecistis, mihi fecistis.* De sorte que quando o pobre padece o seu trabalho e a sua necessidade, padece-a Christo; e quando vós soccorreis e fazeis esmola ao pobre, fazeil-a a Christo: logo Christo está no pobre. Para um homem soccorrer e fazer esmola ao pobre, bastava ser homem como elle: mas quiz Christo estar no mesmo pobre, diz Cypriano, para que, quando não fosse bastante motivo de o soccorrermos este respeito do que elle é, nos obrigasse a não deixar de o fazer a reverencia e dignidade de quem n'elle está, que é Christo: *Ut qui respectu fratris non movetur, vel Christi contemplatione moveatur; et qui non cogitat in labore et egestate conservum, vel Dominum cogitet in illo ipso quem despicit constitutum.*

Outros de Chrysostomo, de Chrysologo e até de Seneca

E como n'este occulto e profundo oceano da misericordia e bondade divina Christo por particular modo de assistencia está no pobre; comparando S. João Chrisostomo as palavras da consagração com as da sentença do dia do juizo, umas e outras pronunciadas pelo mesmo Christo, «adverte que» aquelle Senhor

que disse: *Este é o meu corpo*, esse mesmo disse; *Tive fome e me déstes de comer*. E assim como pela virtude d'aquellas palavras nos ensina a fé que está Christo realmente debaixo das especies de pão; assim nos certifica, diz o mesmo Chrisostomo, que está tambem «escondido na pessoa» do pobre. E se alguem me perguntar, ou ao mesmo sancto «como se escondeu Christo no pobre», responde por Chrysostomo, Chrysologo, ambos com palavras de ouro: *Sed quomodo aut in se transfuderit pauperem, aut se in pauperem fuderit, dicat ipse jam nobis: Esurivi, inquit, et dedistis mihi mandacare. Non dixit: Esurivit pauper et dedistis illi: sed, Esurivi ego et dedistis mihi.* Não disse Christo: O pobre teve fome; e vós lhe d'estes de comer a elle; senão, Eu tive fome e me déstes de comer a mim; e este foi o modo de uma transeffusão, diz Chrysologo, com que o mesmo Senhor se infundiu no pobre, ou refundiu o pobre em si. Até os gentios reconheceram nos pobres e miseraveis algum genero de consagração; por onde disse altamente Seneca: *Res sacra est miser*.

Transubstanciação e transeffusão.

Na consagração propriissima da Eucharistia a substancia de pão converte-se em substancia de Christo; e esta conversão de substancias chamam os theologos transubstanciação. Na consagração a seu modo da pobreza infunde-se a Pessoa de Christo no pobre, ou a do pobre em Christo; e a esta conversão de pessoas chamou Chrysologo transeffusão: *Se in pauperem transfuderit*. Tão parecido é Christo a si mesmo, em um e outro «escondido;» e tanto merece a similhança do segundo «escondimento» o nome do primeiro!

A primeira é o primeiro mysterio da fé: a segunda o segundo. Texto de S. João c. 6 e de S. Basilio.

D'aqui se infere em seguimento da mesma paridade que assim como o sacramento da Eucharistia é o primeiro mysterio da fé, assim a «transeffusão de Christo nos pobres» é o segundo. Porque é e se chama por autonomasia mysterio da fé o sacramento do altar? Porque n'elle vemos uma cousa e cremos outra. Vemos pão e cremos que alli está Christo. Pois do mesmo (ou ao mesmo modo) quando olhamos para o pobre, vemos o pobre e não vemos Christo: mas no mesmo pobre que vemos, cremos que está Christo que não vemos; e não por outro motivo, senão pelo proprio e essencial da fé. O motivo ou razão formal, como fallam os theologos, por que cremos o que ensina a fé, é a auctoridade divina: creio o que Deus disse, porque elle o disse. Esta foi a altissima e divina theologia com que Christo respondeu aos judeus; quando duvidaram de elle haver de dar a comer aos homens a sua carne. Bem podera o Senhor declarar-lhes o modo do mesmo mysterio. Mas o que respondeu foi tornar a dizer o mesmo que tinha dicto: *Nisi*

manducaveritis carnem Filii hominis, non habebitis vitam in vobis; porque? Porque, toda a razão de se crer o que elle dizia, era dizel-o elle. Esta é toda a razão de ser mysterio da fé o estar Christo no Sacramento; e esta é tambem toda a razão de ser mysterio da fé o estar Christo no pobre. Por isso querendo S. Basilio Magno persuadir esta mesma verdade, o que disse, como refere S. João Damasceno, foi: *Crede Deo, qui beneficia ea quae in oppressum conferuntur, tanquam in se ipsum collata accipiet.*

Está Christo no pobre como Deus estava em Cyro. Caso de S. Martinho. Isai. 45.

IV. E se vos parece que é egualmente difficultoso (ou ainda mais) estar Christo tão verdadeiramente encoberto em um homem como n'aquellas especies sacramentaes, ouçamos a Isaias: *Tantum in te est Deus et non absque te Deus: vere tu es Deus absconditus*: só em vós está Deus e fóra de vós não está Deus e vós verdadeiramente sois Deus escondido. Palavras sobre todo encarecimento grandes, admiraveis, tremendas, e que se não fôram do mesmo Deus, não se poderam crer! Mas de quem e com quem fallava Isaias? Não ha duvida que fallava d'el-rei Cyro e com o mesmo rei Cyro. Pois em Cyro, que era um homem como os outros, (porque a coroa não os faz de outra especie), em Cyro está Deus e fóra de Cyro não está Deus, e o mesmo Cyro é Deus escondido? Sim: para que nos não admiremos de que Deus possa estar em algum homem e não estar nos outros; e que esse mesmo homem verdadeiramente seja Deus encoberto e escondido: *Vere tu es Deus absconditus.* Esse é o sentido litteral d'aquelle texto, o qual maravilhosamente se corresponde com o nosso. Lá está Deus em Cyro: *In te est Deus:* cá está Christo no pobre. Lá está Deus em Cyro e não está nos outros homens: *Non est absque te Deus;* cá está Christo nos pobres e não está nos que não são pobres: lá verdadeiramente Cyro é Deus encoberto e escondido; cá verdadeiramente o pobre é Christo escondido e encoberto: finalmente lá, porque Deus em Cyro obrava n'elle e com elle a liberdade do captiveiro de Israel; e cá porque Christo no pobre padece n'elle e com elle a sua pobreza, e recebe n'elle e com elle o bem que lhe fazem. Quando S. Martinho deu ametade da capa ao pobre, não via mais que o pobre, mas alli estava Christo, como o mesmo Senhor se mostrou aos anjos coberto com a mesma capa: *Martinus hac me veste contexit.* Assim foi n'aquelle caso e assim é sempre, sem differença alguma. Nos pobres que estão pedindo nos degraus d'esta egreja e nos que andam por essas ruas está o mesmo Christo. Tanto assim, que quando vos pedem a esmola e lhe dizeis: Perdoae por amor de Deus; com a mesma verdade lhe podereis dizer: Perdoae por amor de vós: *Vere tu es Deus absconditus.*

Cyro figura de Christo Sacramentado
Deus totalmente escondido.
Assim é nos pobres Chrysostomo.

Mas o melhor e maior parallelo d'esta similhança não é Cyro no throno da Persia, senão Christo no throno d'aquelle altar, como sacramento. S. Jeronymo, Sancto Ambrosio, Sancto Athanasio, S. Cyrillo, Sancto Epiphanio, Procopio, Theodoreto e os outros padres commummente em sentido tambem litteral e prophetico dizèm que estas palavras se intendem do Verbo, depois de incarnado; no qual esteve a divindade encoberta e escondida debaixo da humanidade. E passando, ou subindo do sentido litteral ao mystico as intendem os doutores, principalmente modernos, do mesmo Christo no Sacramento, em que o estar escondido se verifica ainda com maior propriedade e energia; porque, como nota S. Thomás, em Christo absolutamente estava só escondida a divindade; e no mesmo Christo emquanto sacramentado está escondida a divindade e mais a humanidade debaixo dos accidentes sacramentaes: de maneira que alli está encoberto e escondido todo Christo; isto é, toda a divindade e toda a humanidade de Deus: *Vere tu es Deus absconditus*. E tal ou similhante é o modo com que Christo está escondido e encoberto no pobre: porque no pobre não basta o ser homem para estar Christo n'elle (que por isso não está nos outros homens); mas é necessario ser homem debaixo dos accidentes («por assim dizer») da fome, da sêde, da desnudez e de outras miserias e necessidades de que se compõi e descompõi a pobreza. Assim o exclama o grande Chrysostomo, tantas vezes benemerito em todos os ponctos d'este discurso: Oh quão grande é a dignidade da pobreza! O pobre despido veste a Pessoa de Deus e o mesmo Deus está escondido no pobre.

Christo escondido em todos os pobres, como sacramentado em todas as hostias.
Os tres hospedes de Abrahão. *Gen*. 18.

V. E em qual pobre? Indifferentemente em todos e em cada um: qne é a propriedade que só nos faltava para complemento da similhança. Assim como Christo no sacramento do altar sendo um só não está só em uma hostia consagrada, senão em todas e qualquer d'ellas; assim não só está em um pobre senão em todos e cada um; sendo elles muitos e Christo n'elles um só e o mesmo. A casa de Abrahão no Valle de Mambre era um hospital commum de todos os peregrinos. Por isso («julgo eu»), não sendo elle o mais antigo no limbo dos padres, se lhe deu a superintendencia ou provedoria d'aquelle diversorio universal e se chamou seio de Abraão. Chegaram, pois, alli a horas de comer tres peregrinos e sem alforge, como pobres. Agasalhou-os Abrahão e serviu-os por sua propria pessoa com o melhor da casa. Mas sendo tres, nota a Escriptura e é modo de urbanidade muito notado, que não lhe chamou senhores, senão senhor: *Domine, si inveni gratiam in oculis tuis, ne transeas servum tuum*: Senhor, se achei graça em vossos olhos, fazei-me mercê

de não passar adeante sem vos servir d'esta choupana. Pois se os peregrinos eram tres, *Tres viri;* e Abrahão os tractava com tanta reverencia e cortezia; porque não lhe chamou senhores, senão senhor? Responde Sancto Agostinho, que como eram peregrinos, intendeu e creu Abrahão que n'elles estava Deus; e medindo as suas palavras mais com a fé do que cria, que com o numero dos que via, por isso lhes chamou senhor e não senhores: *Abraham in tribus viris Dominum agnoscebat, cui per singularem numerum loquebatur, etiam cum eos homines esse arbitrabatur.*

N'aquelle altar e n'estes temos um excellente exemplo do que fez Abrahão e declarou Agostinho. Se n'estes tres altares se disseram no mesmo tempo tres missas e n'ellas estiverem tres hostias consagradas; diremos com toda a propriedade que no primeiro altar está o Senhor e no segundo o Senhor e no terceiro o Senhor. E diremos tambem que nos tres altares e nas tres hostias estão tres Senhores? Não. Porque ainda que os altares e as hostias sejam tres, o Senhor que n'ellas está é um só. Pois este mesmo mysterio do Sacramento é o que se representou nos peregrinos do hospicio de Abrahão e o que temos presente nos pobres d'este hospital. Elles muitos; porém o Senhor que está n'elles, um só. e essa é outra nova e maravilhosa circumstancia com que Abrahão tendo fallado ao Senhor como a um, quandò passou ao remedio e regalo dos peregrinos, os tractou como muitos: *Lavate pedes vestros et requiescite sub arbore, confortate cor vestrum: postea transibitis:* lavareis os pés; descançareis, comereis; e depois continuareis vosso caminho. De sorte que, para o remedio e regalo eram muitos e para a veneração um só, *Domine.* Entrae agora n'essas infermarias com a fé e com a vista. O que vereis com a vista são muitos infermos, jazendo cada um no seu leito, curados e assistidos com grande caridade; mas o que deveis crer com a fé, é que em todos e cada um d'elles está Christo. Este foi o engano d'aquella alma que nos Canticos de Salomão buscava ao mesmo Christo e o não achou: *In lectulo meo quaesivi quem diligit anima mea et non inveni.* Eu, dizia ella, busquei ao meu amado no meu leito e não o achei. E vós buscais a Christo no vosso leito? Por isso o não achais: ide buscal-o no leito d'esses pobres infermos e logo o achareis. No leito da cruz estava Christo cheio de chagas e de dores e agonizando com a morte; e assim como á cabeceira d'aquelle leito tinha um titulo que dizia: *Hic est Jesus;* assim se poderam escrever as mesmas letras em cada um d'esses leitos.

Tres hostias consagradas e um só Christo. Assim é na multiplicidade dos pobres. O numero dos hospedes de Abrahão e dos pobres do hospital.

Cant. 3.

Matth. 27.

VI. Temos visto a Christo Deus e Senhor nosso (como sup-

Christo escon-

dido no Sacramento para nos sustentar e no pobre para ser sustentado. Texto notavel dos Proverbios, c. 29.

puz no principio) duas vezes e por dous modos «escondido» uma vez nas especies de pão, outra vez na pessoa do pobre.» Agora resta saber a que fim tendo-se Christo «escondido nas especies de pão se quiz esconder outra vez na pessoa do pobre? Digo que se escondeu nas especies de pão» para nos sustentar a nós, e que «se escondeu na pessoa» do pobre para que nós o sustentassemos a elle. No capitulo vinte e nove dos Proverbios escreveu Salomão um, no qual os interpretes divididos em septe ou oito sentidos lhe chamam com razão enigma; e diz assim: *Pauper et creditor obviaverunt sibi: utriusque illuminator est Dominus.* O pobre e o acredor se encontraram; e Deus os allumiou a ambos. Se os allumiou, parece que caminhavam ás escuras; e por isso deviam de se encontrar: que os pobres sempre fogem dos acredores. Como o acredor tinha por devedor ao pobre, não tinha de quem cobrar a divida; e como o pobre, sobre pobre estava individado, não tinha com que sustentar a vida. Estes eram os dous grandes apertos d'aquelle encontro; dos quaes para que achassem boa saida, foi necessario que Deus os allumiasse, como allumiou; porque ao credor deu modo com que cobrar, e ao pobre com que viver: *Utriusque illuminator est Dominus.* Mas quem é este acredor, e quem é este pobre? O acredor é Christo no sacramento do altar, onde está debaixo das especies de pão para nos sustentar a nós quando nós o comemos. Mas esta divida nem nós lh'a podemos pagar, nem elle a póde cobrar de nós no mesmo sacramento: porque para lhe pagar com egualdade, haviamos de sustentar ao mesmo Senhor, como elle nos sustenta; e Christo n'aquelle sacramento está em representação de morto, e como morto póde ser comido, mas não póde comer. Que meio logo ou que remedio para o acredor ter com que se pagar e o pobre com que viver? O meio foi tal que só a luz divina o podia descobrir e conciliar. Assim como o acredor se «escondeu nas especies de pão, esconda-se tambem na pessoa do pobre e» e logo nós que somos os devedores, lhe poderemos pagar; porque lhe daremos de comer e o sustentaremos a elle; assim como elle nos dá de comer e nos sustenta a nós. Este é o verdadeiro sentido do enigma de Salomão, o qual se póde confirmar com outro enigma mais celebre, que é o de Samsão.

O enigma de Samsão explicado em Christo escondido no Sacramento e no pobre. Judic. 14.

Depois que Samsão matou o leão que lhe saiu ao caminho e depois que achou que na bocca lhe tinham fabricado as abelhas um favo de mel, d'esta historia que era occulta, formou um enigma, cuja letra dizia: *De comedente exivit cibus:* do que come saiu o comer. Sancto Agostinho, Sancto Ambrosio, S. Paulino e outros sanctos intendem por este leão não só a Christo

leão de Judá, mas nomeadamente a Christo sacramentado, do qual, quando comeu, saiu o comer: porque na ceia instituiu o sanctissimo sacramento. Eu, porém, reparo que ainda que a letra diz muito bem com o sentido do enigma, não diz bem com a figura, O leão não comeu nem foi comedente; faminto, sim, porque saiu ao caminho buscando de comer. E ainda que na bocca se lhe achou o favo, nem o comeu nem o devia comer, porque estava morto. Pois se o leão não foi comedente, senão faminto, parece que devia de dizer a letra que do faminto saiu o comer e não do comedente. Como se ha de intender logo de «Christo» assim a figura, como a letra? Eu o direi: Christo «escondido no Sacramento e no pobre» é propriamente como o leão de Samsão: no pobre é como o leão faminto: no Sacramento é como o leão que não comeu, mas deu a comer o favo. D'este comer, pois, que se acha no Sacramento e d'esta fome que se acha no pobre se verifica propriissimamente a figura e mais a letra do enigma: porque? Porque todo aquelle que come a Christo sacramentado é obrigado a sustentar e matar a fome ao mesmo Christo «escondido» no pobre: logo esta foi a significação da figura do leão em ambos os estados; e aqui só se verifica que do que come sái o comer: *De comedente exivit cibus.*

O amigo que pedia tres pães imprestados é parabola d'este mysterio. *Luc.* 11.

Disse que todo o que come a Christo no Sacramento tem obrigação de o sustentar e lhe dar de comer «no pobre»; e não é menos que verdade evangelica da mesma bocca divina. Sendo já noite bateu á porta de um amigo outro amigo (diz Christo), pedindo que lhe emprestasse tres pães; porque áquella hora chegára a sua casa um hospede e não tinha com que o agasalhar. O que pondera e nos manda aqui ponderar S. Bernardo é pedir este homem ao amigo aquelles pães não dados, senão emprestados: *Notandum quod non ait: Da mihi; sed, Commoda mihi:* e o maior reparo o peso d'esta ponderação é ser Christo o auctor da parabola. Se fôra historia acontecida e não parabola, disseramos que aquelle homem ou era muito desconfiado ou pouco cortez; pois, sendo o que pedia cousa de tão pouco valor, aggravava e affrontava o amigo em lh'a pedir por emprestimo. Mas como o auctor da parabola e d'esta petição e modo de pedir foi Christo; que mysterio ou que razão teria o Senhor para introduzir aquelle pão como emprestado e não como dado? A razão e mysterio foi, porque no mesmo pão, posto que usual e da terra, representava a parabola o pão que desceu do céu, o sanctissimo sacramento. Assim o intendem graves auctores e todas as circumstancias do caso o provam. A hora de noite em que se negociou aquelle pão é a propria em que a primeira vez foi convertido o pão em Corpo de Christo: o pedil-o um amigo a

outro amigo todo está significando o mesmo sacramento, que alem de ser sacramento de amor, sempre suppõi graça e amizade entre Christo que o dá e o homem ou homens que o recebem: nem o numero de tres é alheio do mysterio; porque as partes de que se compõem são o corpo, sangue e alma do mesmo Christo, assistido tambem das tres divinas Pessoas que pela união inseparavel se o não compõem, o acompanham. E como n'aquelle pão se representava o sacramento do altar, por isso o introduziu Christo não como dado senão como emprestado: porque o que se dá é sem outra obrigação; porém o que se empresta é com obrigação de se pagar; e quando Christo no sacramento do altar se nos dá e nos sustenta emquanto sacramentado em pão, é com condição e obrigação de que lhe havemos de pagar esse mesmo pão, sustentando-o tambem a elle emquanto «escondido» no pobre.

Christo em trajo de pobre bate á porta do christão para comer com elle e dar-lhe de comer. *Apoc. 3.*

Emfim, feche-nos este discurso já não em parabola ou similhança, senão realmente e em sua propria Pessoa o mesmo Christo. Revestida a Pessoa de Christo em trajo de pobre ou transformado n'elle, diz assim no capitulo 3.º do Apocalypse: *Ecce ego sto ad ostium et pulso: si quis audierit vocem meam et aperuerit mihi januam, intrabo ad illum et coenabo cum illo et ipse mecum.* Eu, como pobre, diz Christo, estou batendo e chamando á porta: se o dono da casa me abrir, entrarei e comerei com elle e elle commigo. Estas ultimas palavras *E elle commigo* parece que incontram o que dizem as primeiras. Que o pobre que bate á porta e pede esmola, diga que se o dono lhe abrir e o receber e pozer á sua meza comerá com elle, *et coenabo cum illo*, isso é o que o pobre deseja e pretende e o que fará; porque comer com o dono da casa é comer da sua meza e o que elle lher der. Porém que accrescente o pobre e prometta que tambem o dono da casa comerá com elle, isto é com o mesmo pobre, *et ipse mecum*, parece que não é fallar coherente. Porque se comer o pobre com o dono da casa é comer o que lhe der o dono da casa; tambem comer o dono da casa com o pobre, é comer o que lhe der o pobre; e isto não diz com quem pede uma esmola pelas portas: *Ecce ego sto ad ostium et pulso.* A solução e a coherencia d'esta que o não parece, toda está n'aquelle *Ego*. Aquelle *Ego* de Christo sem disfarce senhor e com disfarce pobre; como pobre, come á meza alheia, como senhor dá de comer á sua; e porque dá de comer á sua como senhor, por isso se não despreza de comer á alheia como pobre. E para que ninguem duvide d'estas duas mezas e d'este reciproco comer, sendo o que o pede e o que o dá o mesmo Christo; elle n'aquella brevissima conclusão declarou por sua

palavra e debaixo da sua firma tudo quanto dissemos até agora: porque emquanto sacramentado em pão, nós comemos á sua meza e com elle; e emquanto «escondido» no pobre elle come á nossa meza e comnosco: *Coenabo cum illo et ipse mecum.*

A misericordia dos pobres prefere algumas vezes ao culto da Eucharistia. Texto de Oseas c. 6, commentado pelo mesmo Christo.

VII. Este é o fim, como dizia, porque Christo Senhor nosso «se escondeu nas especies de pão e nas pessoas dos pobres». E se os que teem por devoção ou officio exercitar com elles as obras de misericordia, quizerem saber em qual d'estes dous «mysterios» se dará o mesmo Senhor por mais bem servido, confiadamente digo que «ainda que o centro de todo o culto christão é e ha de ser o mysterio da Eucharistia, comtudo ha casos em que lhe prefere a misericordia dos pobres». Em proprios termos temos texto expresso do mesmo Christo: *Misericordiam volo et non sacrificium:* antes quero a misericordia que o sacrificio. Foi o caso que caminhando os discipulos de Christo por entre umas searas, era tanta a sua pobreza e a sua fome, que debulhavam algumas espigas de trigo para se manterem d'aquelle pão antes de chegar a o ser. Succedeu isto em sabbado; pelo que os escribas e phariseus calumniaram aos discipulos como violadores do dia sancto. Saiu o divino Mestre á defensa da sua eschola; e argmentou assim contra os calumniadores: *Quid est misericordiam volo et non sacrificium?* Se a observancia do dia sancto se quebra quando o homem falta áquella obra do culto divino por fazer outra de misericordia, acudindo á necessidade propria ou alheia; como diz Deus pelo propheta Oseas, Antes quero a misericordia que o sacrificio? A este texto ajunctou o Senhor o exemplo do summo sacerdote Abiatar, quando deu a David os pães da Proposição que eram consagrados a Deus: com que aquelles doutores, melhores interpretes dos seus interesses que da lei divina, taparam a bocca e não tiveram que replicar.

Responde-se a uma replica.

Comtudo entre os nossos não faltará a agudeza de algum theologo que replique e argua d'esta maneira: O sacrificio é acto de religião: a virtude da religião, como ensina S. Thomás, é mais nobre que a misericordia; porque a religião respeita ao culto de Deus e a misericordia ao remedio do homem: logo na acceitação de Deus, em cuja mente se estimam todas as cousas pelo que verdadeiramente são, não póde ter melhor logar a misericordia que o sacrificio. Forte argumento por certo: mas toda a sua força consiste em se não reparar, como não repara, n'aquelle *volo* «relativo aos casos de que está fallando»: *Misericordiam volo et non sacrificium.* Não diz Christo que a misericordia é melhor que o sacrificio; mas diz que «quando a necessidade dos pobres a está pedindo« antepõi a misericordia ao

sacrificio. De sorte que ama Deus tanto a misericordia e ama tanto aos pobres, que com as obras de misericordia se remedeiam, que sendo mais nobre e de maior dignidade o sacrificio que a misericordia, quer elle «nos casos de necessidade» que a misericordia prefira e se anteponha ao sacrificio. Isto é o que diz o Texto e esta é a praxe da Egreja, que os escribas e phariseus traziam tão errada. Se o que assiste ao infermo, o houver de deixar para ir dizer ou ouvir missa no dia sancto, ensina a theologia catholica, que antes ha de deixar a missa que é o sacrificio, do que a assistencia do infermo que é misericordia: *Misericordiam volo et non sacrificium.*

A misericordia que reconhece a Christo no pobre é religião. Sancto Agostinho.

Bem creio que vos não descontentou a resposta do argumento nem a explicação do texto. Mas como o dia é da misericordia, não quero eu que ainda quanto á nobreza e dignidade seja ella inferior ao sacrificio. Se a misericordia na pessoa do pobre reconhecer, como deve reconhecer, a de Christo (que é o poncto do nosso discurso) então o acto da mesma misericordia é tambem acto de religião; porque respeita directamente a Deus; e a esmola feita ao pobre é tambem sacrificio. Assim o intendeu altamente e manda intender Sancto Agostinho, declarando o mesmo texto: *Cum scriptum est: Misericordiam volo magis quam sacrificium; nihil aliud quam sacrificium sacrificio praelatum oportet intelligi* Por isso os sanctos despiam os altares para vestir os pobres e fundiam os calices em moeda para remir os captivos. Lêde particularmente Sancto Ambrosio: mas «entretanto tornemos á auctoridade de Christo».

É por isso que no dia do juizo se ha de fazer particular menção das obras de misericordia. *Joan.* 6.

Assim como Christo no dia do juizo ha de allegar e publicar as obras de misericordia assim «tambem (e não póde duvidar-se, porque é juiz de todos e de tudo) ha de» sair n'aquelle theatro universal do genero humano com as obras de fé, piedade, liberalidade e emulação christã, com que é servido assistido e venerado no sanctissimo sacramento. «Pois porque fallando do dia do juizo faz particular menção das obras de misericordia e não das outras» do culto divino e divinissimo do por antonomasia Sanctissimo? Parece que para desempenho de sua palavra nenhuma cousa mais convinha á auctoridade e majestade de Christo que «protestar que daria» demonstração e publica evidencia do que tinha promettido e tanto se lhe tinha duvidado nos maravilhosos effeitos do mesmo sacramento. Os dous maiores effeitos que Christo tinha promettido d'aquelle sagrado pão é que quem o comesse viveria eternamente e que em virtude do mesmo pão resuscitaria no ultimo dia: *Qui manducat hunc panem, vivet in aeternum; et ego resuscitabo eum in novissimo die.* Que acção, pois, mais propria d'aquelle dia, de maior gloria para

Christo, de maior triumpho para os catholicos e de maior confusão para os herejes, que dizer á vista de todo o mundo: Prometti-vos que em virtude do pão que vos dei, vos havia de resuscitar n'este dia: ahi estais resuscitados todos. Prometti-vos que todos os que comesseis o mesmo pão, viverieis eternamente; alli estão as portas do céu abertas, vinde a gozar commigo a vida eterna: *Venite benedicti*. Comtudo «não falla Christo d'estes louvores, que n'aquelle dia dará sem duvida ao culto do Sacramento; e falla dos que dará as obras de misericordia, para declarar (o que é mais difficultoso de intender) que por ser elle o soccorrido na pessoa do pobre, não se merece menos com as obras de misericordia que com a veneração e culto do Sacramento.»

Felicidade da Congregação da Misericordia. Louvores da sua caridade.

VIII. Provado assim o mysterio escondido do nosso assumpto e revelado aos olhos do mundo o que a maior parte d'elle não via; restava agora coroar com a ultima clausula de todo o discurso aquella bem aventurada Congregação que Deus particularmente fez digna de tão gloriosa felicidade: *Beati misericordes*. Mas que lhe posso eu dizer? Louvarei a caridade, confirmarei a fé, assegurarei a esperança dos que n'este real emporio das obras de misericordia com todo o genero de necessitados publicos e occultos tão sancta e universalmente a exercitam? Sería emprehender de novo outra materia não menor que a passada. Deixando, pois, os louvores da caridade á lista e noticia geral das mesmas obras, que logo se ha de ler d'este logar (pois, como diz S. Gregorio Papa, não a rhetorica de palavras, senão a eloquencia de obras, é a verdadeira prova de caridade), só da fé e da esperança direi o que se segue e convence do que fica dicto.

Qual ha de ser a sua fé. Christo recebido triumphalmente em Jerusalem e não soccorrido.

Quanto á fé, sendo de fé todas as palavras de Christo, e tendo dicto o mesmo Christo com termos que não admittem duvida nem interpretação contraria, que elle está no pobre, e o que se faz ao pobre se faz a elle; que christão haverá (agora fallo com todos), que christão haverá, que a seu Creador e a seu Redemptor, vendo-o necessitado e pedindo-lhe uma esmola, que é mais, o não soccorra? Caso foi sobre toda a admiração estupendo que no dia em que Christo entrou em Jerusalem acclamado com palmas e vivas de todo o povo por verdadeiro Messias; no mesmo dia não houvese em toda aquella grande metropole, quem o recolhesse em sua casa, e lhe fosse necessario, ao que sustenta até os bichinhos da terra, ir buscar o sustento a Bethania. Pois, cidade cega, impia, ingrata e infame, assim cerras as portas a quem assim recebes? Mas não é muito que toda esta dureza de corações experimentasse Christo n'aquelle mesmo

povo que d'ahi a cinco dias teve vozes para bradar: *Crucifige eum;* e mãos para o pregar em uma cruz. Vêde se terá razão o mesmo Christo para lhes dizer a todos no dia do juizo: *Esurivi, et non dedistis mihi manducare.* E haverá christão em Lisboa, que vendo e reconhecendo a Christo no pobre faminto, não tire o boccado da bocca para o sustentar? que vendo-o despido, se não dispa para o vestir? que vendo-o encarcerado ou captivo, se não venda para o resgatar? que vendo-o peregrino e sem abrigo o não receba não só em sua casa, mas o não metta dentro no coração e o sirva de joelhos? O que assim o faz, é christão; o que assim o não fizer não tem christandade nem fé.

Qual ha de ser a esperança da Congregação. A esmola livrando o peccado faz alcançar a bemaventurança. S. Leão Magno Serm. 2 de Ascens.

Mas passando á esperança, assegurem-se os que fizerem obras de misericordia e soccorrerem aos pobres, segundo a sua possibilidade, que para elles estão guardadas aquellas ditosissimas palavras: *Venite benedicti et possidete regnum*; *esurivi enim et dedistis mihi manducare.* E em que se funda a certeza d'esta esperança? «Na efficacia da esmola para livrar do peccado e pena do peccado, para alcançar a graça na vida presente e a gloria na futura. E' texto expresso do cap. IV de Tobias:» *Quoniam eleemosyna ab omni peccato et a morte liberat et non patietur animam ire in tenebras;* que a esmola livra de todo o peccado «e da morte» e não consente que a alma vá ao inferno. «Por isso o primeiro effeito da esmola é que o esmoler obtenha graça abundante para se arrepender dos peccados passados e para evitar os futuros. Excellentemente o declara S. Leão Magno: *Per charitatis largitatem omne peccatum vincitur aut declinatur*. Em outro logar: *Quare misereantur pauperum qui sibi volunt parcere Christum.* E senão como se cumpririam as promessas que Christo fez no texto allegado: *Venite benedicti Patris mei possidete regnum; esurivi enim et dedistis mihi manducare?* Notae a energia d'aquelle *enim*, porque. Possui o meu reino, porque me déstes de comer:» logo se vós acudistes e remediastes ao pobre e n'elle a Christo, evidente e infallivelmente se segue que «haveis de possuir o seu reino».

Id. Serm. 4 de Collect.

Tanto assim que se por impossivel o supremo Juiz vos quizesse comprehender na sentença «dos reprobos» terieis legitimos embargos com que aggravar d'ella. Vão os embargos: Provará que em tal dia deu de comer a taes pobres: provará que em tal dia, estando despidos os vestiu: provará que em tal dia estando infermos os visitou: provará que em tal dia estando encarcerados ou captivos os poz em liberdade; e os mesmos pobres que tambem estarão presentes o não poderão negar: logo impossivel é, não digo que a misericordia de Christo, senão que a sua mesma justiça lhes não receba os embargos. «Mas é de

fé que para todos os que morrem em peccado não ha salvação. Logo o primeiro effeito da esmola é obter tal abundancia de graça, que se detestem os peccados passados e se evitem os futuros; e assim, morrendo o esmolér em graça de Deus, possa receber o premio de suas esmolas.» Por isso se diz no Ecclesiastico: que assim como a agua apaga o fogo, assim a esmola extingue os peccados: *Ignem ardentem extinguit aqua et eleemosyna resistit peccatis.* Em Daniel: que a esmola resgata dos peccados e a misericordia com os pobres, das maldades commettidas: *Peccata tua eleemosynis redime et iniquitates tuas misericordiis pauperum.* Em David: que o que tem cuidado de acudir e remediar ao pobre e necessitado, no dia do juizo o livrará Deus: *Beatus qui intelligit super egenum et pauperem, in die mala liberabit eum Dominus,* «E por isso» o mesmo supremo Juiz Christo, que junctamente é juiz e advogado nosso, não poz limitação alguma «quando disse»: *Quod superest date eleemosynam; et omnia munda sunt vobis*: «em» remate de contas, dae esmolas e ficareis purificados de todas as vossas culpas.

Eccles. 3.

Dan. 4.

Conclusão.

Acabemos, pois, por onde começámos: *Beati pauperes,* bemaventurados os pobres: *Beati misericordes;* bemaventurados os misericordiosos; e bemdicta e para sempre louvada a providencia e bondade divina e humana d'aquelle soberano Senhor que sacramentando-se em pão para nos sustentar a nós. se quiz tambem «esconder» nos pobres, para que nós o sustentassemos a elle, e por meio da pobreza de uns e misericordia de outros sem embargo de sermos peccadores, nos franqueasse n'esta vida as portas de sua graca para que achemos abertas na vida eterna as da gloria: *Quam mihi et vobis praestare dignetur Dominus Deus omnipotens etc.*

(Ed. ant. tom. 6.° pag. 162, ed. mod. tom. 10.° pag. 153.)

SERMÃO AO ENTERRO DOS OSSOS DOS ENFORCADOS *

PRÉGADO NA EGREJA DA MISERICORDIA DA BAHIA NO ANNO DE 1637 EM QUE ARDIA AQUELLE ESTADO EM GUERRA

Observação do compilador.—É um dos mais ingenhosos e eloquentes sermões com que Vieira na sua mocidade estreiou a carreira da prégação.

Misericorda et veritas obviaverunt sibi, justitia et pax osculatae sunt.
Ps. 84.

Os despojos da justiça e os trophéos da misericordia.

Esta dobrada união de virtudes que David prometteu ao mundo, quando n'elle se vissem tambem unidas a natureza divina com a humana, são as duas partes de que religiosamente se compõi todo este apparato funebre, que entre horror e piedade temos presente: despojos da justiça, trophéus da misericordia. Vêde com que differentes procissões e com que diversos acompanhamentos estes mesmos homens, vivos, foram levados pela justiça no logar infame do supplicio; e mortos, são trazidos pela misericordia com tanta honra ao da ecclesiastica sepultura. Alli pagaram o que mereciam os delictos, aqui recebem o que se deve á humanidade. Diz, pois, David, que n'aquelles tempos ditosos, saindo a se encontrar a misericordia e a justiça, a justiça se abraçou com a paz e a misericordia com a verdade: *Misericordia et veritas obviaverunt sibi, justitia et pax osculatae sunt.*

A justiça é que dá a paz. O nascimento de Christo, a morte de Absalão e a pomba da arca de Noé.

Abraçaram-se a justiça e a paz; e foi a justiça a primeira que concorreu para este abraço, *Justitia et pax;* porque a justiça não é a que depende da paz (como alguns tomam por escusa); senão a paz da justiça. Faça a justiça aquella justa guerra, de que estes ossos são os despojos; e d'elles e d'ella nascerá a suspirada paz, cuja falta padecemos ha tantos annos. No nascimento de Christo annunciaram os anjos paz

Luc. 2. aos homens: *Et in terra pax hominibus*. E d'onde lhe havia de vir esta paz aos homens e á terra? Da justiça que nos dias do Rei pacifico havia de nascer: *Orietur in diebus ejus justitia et abundantia pacis*. Nascerá em seus dias a justiça (diz o propheta) e então haverá grande colheita de paz: porque a paz são os fructos da justiça. Toda a republica em todo o tempo ha mister paz; e a nossa no tempo presente dobrada paz: paz interior contra os inimigos de dentro, e paz exterior contra os inimigos de fóra; e uma e outra teremos, se a justiça a cultivar como deve. Vêdes aquelles ossos desenterrados? Pois aquella é a semente de que nasce a paz. Absalão quer dizer: *Pax patris:* paz de seu pai. Mas não foi paz de seu pai estando vivo, senão depois de morto enforcado: vivo fez-lhe cruel guerra, enforcado deu-lhe a paz de todo o reino. Se houvera justiça que enforcára Absalões, eu vos prometto que dentro e fóra não houvera tantas guerras. O maior exemplo de justiça que viu o mundo foi o do diluvio; e que se seguiu depois d'elle? A paz que trouxe a pomba de Noé no ramo da oliveira. As aguas do diluvio não arrancaram nem seccaram a oliveira, antes a regaram. Debaixo d'ellas se conservou ainda inteira e verde; porque debaixo dos grandes e exemplares castigos cresce e reverdece a paz. Por isso diz David, como propheta, e tambem o podera dizer como rei, que a justiça e a paz se abraçaram: *Justitia et pax osculatae sunt*.

Ps. 71.

Assumpto do sermão.

Tenho declarado uma das partes do thema, que sendo tão propria do tempo, tambem não foi alheia do logar e do acto presente; pois é de misericordia que suppõi justiça. Para discorrer mais largamente sobre a segunda e principal, é-nos necessaria maior graça. *Ave Maria*.

Mysterio da Providencia no terramoto da ilha Terceira deixando em pé uma cadeia, um hospital, um pulpito.

II. *Misericordia et veritas obviaverunt sibi*. Um dos mais prodigiosos casos com que o céu assombrou a terra e as nossas terras foi o memoravel terramoto da ilha Terceira, não muitos annos antes d'este. Arruinou, subverteu e arrasou totalmente a ilha chamada da Praia: mas foi muito mais notavel pelo que deixou em pé, que pelo que derribou. Unicamente ficaram inteiras e sem lesão estas tres partes ou peças d'aquelle povo: a cadeia publica, a casa da Misericordia e o pulpito da egreja maior. Oh Providencia Divina sempre vigilante. ainda nos casos que parece podem ser da natureza! Aquellas tres excepções tão notaveis, não foram sem grande mysterio; e todos os que as viram, o notaram e reconheceram logo. No carcere reconheceram a justiça; no hospital a misericordia, e no pulpito a verdade. Como se nos prégara Deus aos portuguezes e mais ás cidades e praças maritimas (como esta é, e aquella era) que

por falta de justiça, de misericordia e de verdade se vêem tão destruidas e assoladas as nossas conquistas; e que só se pódem defender, conservar e manter em pé sobre tres columnas: com verdade, com misericordia e com justiça. Da justiça basta o que fica dicto: da misericordia e da verdade diremos agora.

Todas as virtudes e especialmente a verdade e a misericordia estão unidas entre si.

Misericordia et veritas obviaverunt sibi. Contêem estas palavras, senhores, um documento notavel e muito digno de o notarem e advertirem todos os que n'esta illustrissima communidade com o nome e com as obras professam misericordia. Prophetiza e canta David, como maravilha e excellencia propria da graça, que nos tempos d'ella (que são os nossos), a misericordia e a verdade se concordariam, se abraçariam, e se uniriam entre si. Isto quer dizer, *Obviaverunt sibi*; e é notavel dizer. As virtudes não são como os vicios. Os vicios, ainda que se ajunctem no mesmo sujeito, e para o mesmo fim, sempre vão atados ao revés, como as raposas de Samsão, sempre desencontrados e inimigos. Não assim as virtudes. As virtudes conservam tal irmandade e harmonia entre si, que sempre estão unidas e concordes; e entre todas as virtudes, a nenhuma é mais intrinseca esta união, que á verdade; porque a virtude que não é junctamente verdade não é virtude. Como diz logo e como celebra por maravilha propria da lei de Christo, David, que a misericordia se ajunctaria com a verdade e a verdade com a misericordia: *Misericordia et veritas obviaverunt sibi.* Uma cousa diz David e outra suppõi e ambas certas. Diz que a misericordia e a verdade se haviam de encontrar e unir; porque assim o manda Christo. E suppõi que a misericordia e a verdade podiam andar desencontradas e desunidas, porque assim acontece muitas vezes. Nem tudo o que parece misericordia é misericordia e verdade. Ha misericordias que são misericordias e mentiras. Parecem misericordias, e são respeitos: parecem misericordias e são interesses: parecem misericordias e são outros affectos tão contrarios d'esta virtude como de todas.

A murmuração de Judas a respeito do unguento da Magdalena não era misericordia para com os pobres. *Matth.* 26.

Quem ouvisse dizer a Judas: *Ut quid perditio haec? Potuit enim istud venumdari multo et dari pauperibus:* para que é esperdiçar assim este unguento tão precioso? Melhor fôra vendel-o por muito dinheiro e matar com elle a fome a muitos pobres; quem ouvisse isto a um apostolo, havia de dizer que era vontade de fazer bem, que era espirito de caridade, que era impulso e affecto de misericordia. Mas o evangelista S. João, que lhe conhecia o animo, vêde que differentemente nol-o pintou e despintou: *Dixit autem hoc, non quia de egenis pertinebat ad eum; sed quia fur erat et loculos habens.* Não dizia isto Judas, porque tractasse dos pobres, senão porque tractava de si. As palavras pareciam de um apostolo;

mas os intentos eram de um ladrão: era cubiça em habito de piedade, era ladroice com rebuço de misericordia: *Quia fur erat et loculos habens.* Eu não quero applicar; faça-o cada um comsigo, se achar por onde. Vamos a outro exemplo de gente mais honrada e de materia mais perigosa.

Nem foi misericordia a do Pharaó para com Abrahão a respeito de Sara. *Gen. 12.*

Saiu Abrahão peregrino de sua patria; fez assento em Egypto com toda sua familia; e não se tinham passado muitos dias, depois que chegara, quando já era um dos mais ricos e poderosos do logar: tinha muitos campos, muitos gados, muitos escravos, liberalidade tudo do rei e moradores d'aquella terra. Quando isto li a primeira vez comecei a murmurar de nossos tempos e dizer: Esta sim que é caridade; esta sim, que é misericordia. Remediar com tanta presteza um homem peregrino; soccorrer com tanta abundancia uma familia desterrada; não se faz assim entre nós com os retirados de Pernambuco. Li por deante e tudo o que ouvistes nada era menos, que aquillo que parecia. Parecia piedade, e eram respeitos; parecia misericordia e eram interesses. Digamol-o mais claro: parecia caridade e era amor. Todas estas enchentes de bens corriam a casa de Abrahão, não por amor de Abrahão; senão por amor de Sara; e não porque era peregrina Sara, senão porque a formosura de Sara era peregrina: *Scio quia pulchra sis mulier, Abram bene usi sunt propter illam.* De sorte (como dizia) que nem tudo o que parece misericordia, é misericordia e verdade; senão muitas vezes misericordia e mentira. Em Judas o zêlo dos pobres parecia misericordia e era cubiça. Em Pharaó o agasalho dos peregrinos parecia misericordia e era lascivia. E se estes defeitos se acham em misericordias coroadas, ou com a corôa sacerdotal, como era a de Judas, ou com a corôa real, como a de Pharaó; menos maravilha seria que se possam achar nas misericordias de outros sujeitos, onde os da menor condição e os da maior, todos são inferiores.

Porém sepultar aos enforcados é obra de verdadeira misericordia.

Com ser, porém, assim, que em muitas acções e obras de misericordia, a misericordia e a verdade andam desencontradas (de que póde ser que n'esta mesma casa e dentro d'estas sanctas paredes, assim nas eleições dos officios, como no exercicio d'elles, haja menos antigos e mais palpaveis exemplos) deixados elles á consideração e consciencia do tribunal a quem toca; e vindo ao acto presente, como proprio d'este dia, digo, senhores, que entre todas as obras de misericordia, que, ou publica ou privadamente professa o vosso instituto, esta é singularmente aquella em que a misericordia e a verdade se acham juntas. Nas outras obras de misericordia póde ir a misericordia por um caminho e a verdade por outro; n'esta não é assim. Porque

desencontrados e mais longe que andassem uma da outra, aqui se encontram, aqui se abraçam, aqui se unem: *Misericordia et veritas obviaverunt sibi.*

III. E se me perguntais o fundamento d'esta tão gloriosa e quasi divina singularidade, respondo que por duas razões, ambas tambem presentes; uma geral, outra particular. A primeira e geral, porque é obra de misericordia feita a homens mortos: a segunda e particular, porque é feita a homens justiçados e tirados da forca.

E isto por duas razões.

Começando pela primeira, então se une a misericordia com a verdade, quando a obra de misericordia é tão verdadeira e pura, que não tem mistura de outro affecto, que a vicie, nem liga de outro motivo ou respeito, que a justifique; e taes são as obras de misericordia que se exercitam com os mortos. Quando Judas condemnou a uncção da Magdalena, acudiu o Divino Mestre a emendar a censura do mau discipulo, dizendo e ensinando a toda a sua eschola, que aquella obra fôra boa: *Opus bonum operata est in me.* Em dizer o Senhor absolutamente que a obra fôra boa, qualificou e definiu, que era livre de todo e qualquer defeito que a podesse viciar; porque *Bonum ex integra causa; malum ex quocumque defectu.* Agora pergunto: E porque foi absolutamente boa e pura aquella obra, e não só livre dos defeitos que lhe oppunha a calumnia de Judas, senão de todo o defeito? Eu cuidava que nas mesmas palavras de Christo estava a verdadeira razão: não só disse o Senhor: *Opus bonum operata est*, mas accrescentou: *In me:* em mim. E como aquella obra fôra feita em Christo, a Christo e por Christo, parece que não houve mister outra cousa, nem outra prova para ser qualificada por boa e puramente boa: *Opus bonum.* Assim o cuidava eu; e creio que o cuidavam todos. Mas não foi esta a razão, com que o Senhor provou a bondade e pureza da obra; senão outra muito mais sancta, que ninguem podia imaginar, verdadeiramente admiravel e profundissima: *Mittens haec unguentum hoc in corpus meum ad sepeliendum me fecit.* Os unguentos preciosos e aromaticos n'aquelle tempo usavam-se para ungir os mortos e tambem os vivos. Os vivos por delicia, os mortos para a sepultura. Responde, pois, Christo a Judas: Vês este unguento que derramou a Magdalena sobre mim; e de que tu tanto te escandalizas? Pois has de saber que ella não me ungiu por delicia como vivo, senão para a sepultura como morto. Quando meu corpo estiver morto no sepulcro, ha-me de querer ungir a Magdalena, e não ha de poder: e porque a sua devoção merece que eu não deixe de receber este ultimo officio de piedade, por isso com moção é instincto divino me veio un-

1.ª Não tem outro affecto que a vicie. Sinceridade da misericordia da Magdalena. *Marc.* 14.

gir anticipadamente, para prevenir em meu corpo esta ceremonia de defuncto: *Praevenit ungere corpus meum.* De sorte (notae agora) que para Christo haver por provado que aquella obra era absolutamente boa e livre de todo respeito e defeito humano, não bastou referir que era feita a Elle, como todos estavam vendo; mas «aprouve-lhe» revelar o mysterio que só o mesmo Senhor intendia e declarar que o não ungiu como vivo, senão como morto: *Opus bonum operata est. Ad speliendum me fecit.* Tanto vai nas obras de misericordia serem feitas a mortos ou a vivos, ainda que o vivo seja o mesmo Christo. Se fôra obsequio feito a Christo vivo, podera arguir a especulação e suspeitar a malicia ou murmurar e columniar algum defeito apparente, que, quando menos, o pozesse em duvida. Mas como era obra de misericordia exercitada com um corpo morto e para lhe dar sepultura; irrefragavelmente ficou demonstrado que era verdadeira e pura misericordia; ou, fallando nos termos, que era misericordia e verdade: *Misericordia et veritas.*

Na misericordia dos mortos não póde haver respeitos humanos.

O fundamento solido e claro d'esta philosophia é, porque os motivos que podem viciar a pureza e falsificar a verdade das obras da misericordia são os respeitos humanos, e na dos mortos não ha respeitos. Esta é a maior miseria dos mortos; serem gente que não póde fazer nem bem, nem mal; e porque com elles morrem e se acabam todos os respeitos e dependencias por que se governam os affectos humanos, por isso, assim como n'elles aquella é maior miseria, assim para com elles esta é a maior misericordia. Misericordia sem respeito, misericordia sem dependencia, misericordia sem motivo algum que não seja pura misericordia; e por isso, em fim, misericordia e verdade: *Misericordia et veritas.*

Texto notavel de Sancto Ambrosio.

Sancto Ambrosio, que melhor e mais altamente que todos tocou este poncto, n'aquelle seu famoso livro, que intitulou *De Officiis*, fallando da sepultura dos mortos, diz, que entre todos os beneficios que póde fazer a piedade humana este é o mais excellente: *Nihil hoc officio praestantius.* Outros diziam que maior beneficio e maior obra de misericordia é sustentar os pobres e remir os captivos; porque a uns dá-se a vida, a outros a liberdade. Comtudo este grande doutor da Egreja e mestre de Sancto Agostinho diz que dar sepultura aos mortos, ainda da parte de quem recebe o beneficio é o mais excellente de todos; e dá a razão: *Nihil hoc officio praestantius: ei conferre qui tibi iam non potest reddere.* É (diz) o mais excellente de todos, porque é beneficio feito a quem o não póde pagar; eu accrescentára, nem dever. É fazer bem a quem vos não póde fazer bem; eu accrescentára, nem mal. É obra de que não se póde espe-

rar agradecimento; eu accrescentára, nem queixa. É finalmente compadecer-me eu e remediar a quem não padece a miseria, nem sente o beneficio; que isto é ser morto. O bem que se faz aos vivos (como bem sabem os que o fazem, e não ignoram os que o recebem) póde-o negociar o interesse, póde-o sollicitar a dependencia, póde-o violentar o respeito; e nada d'isto se póde esperar de uns ossos seccos, nem temer de umas cinzas frias. Logo a sepultura dos mortos é o maior officio de piedade, como diz Ambrosio: logo a sepultura dos mortos é misericordia e verdade, como nós dizemos; porque é misericordia pura e limpa de toda a outra attenção, e nua, como a verdade, de todo o respeito.

E de Seneca.

Já disse com alta philosophia «o estoico» que a verdade de bem fazer não consiste em dar o beneficio e perdel-o; senão em o perder e dal-o: *Beneficium est non dare et perdere, sed perdere et dare.* Dar o beneficio e perdel-o é caso que succede muitas vezes ou por imprudencia de quem o dá, ou por impossibilidade, ou por avareza, ou por ingratidão de quem o recebe; e n'este caso a boa obra não é beneficio, é ignorancia ou desgraça. Pois quando é verdadeiro beneficio a obra boa? Quando quem a faz sabe que a perde «ao menos para os interesses temporaes», e com tudo a faz. E taes são os beneficios que se fazem aos mortos. E que haja com tudo misericordia tão alheia e tão limpa de todo o interesse, que não só dê sepultura aos mortos, mas sepultura tão nobre e tão honrada, como a que temos presente, com tão longo e tão illustre acompanhamento, com tanta pompa de luzes, com tanta majestade de insignias, com tanto apparato e riqueza de tumulos, com tanto concerto e harmonia de ceremonias sagradas, de ministros, de suffragios e de officios ecclesiasticos; esta é aquella pura misericordia, que, por não ter mistura alguma de outro affecto ou respeito, se chama misericordia e verdade: *Misericordia et veritas obviaverunt sibi.*

Acontece, porém, que na misericordia dos mortos são servidos os vivos.

IV. Está dada a primeira e geral razão; mas não basta, porque tem sua réplica. Passemos á segunda e particular, que a não tem, nem póde ter. Basta absolutamente ser a obra de misericordia feita a mortos, por ser misericordia e verdade, se verdadeiramente se faz aos mortos como a mortos. Mas alguma vez, e muitas, não basta; porque muitas vezes são servidos e honrados os mortos, não por si, mas «só por attenção e» respeito dos vivos. E isto não é misericordia e verdade, senão hypocrisia e mentira sem misericordia. Não vêdes nas mortes e funeraes, principalmente dos grandes, os concursos e assistencias de todos os estados, que se fazem áquelles perfumados

cadaveres, de cujas almas por ventura se não tem tanto cuidado? Pois não cuideis que «julgamos» que o fazeis por piedade dos mortos. Todos sabemos, tão bem como vós, que são puras ceremonias e lisonjas, com que incensais os vivos.

Viu-se no enterro do moço de Naim e vê-se em outros enterros.

Ia Christo chegando ás portas de Naim, quando vinha saindo a enterrar com grande pompa e acompanhamento de toda a cidade um moço, filho unico de uma mãe viuva, a qual tambem com muitas lagrimas seguia a tumba. Descreve o evangelista S. Lucas este encontro, por occasião de um famoso milagre que o Senhor alli obrou, e diz d'esta maneira: *Ecce defunctus efferebatur filius unicus matris suae; et haec vidua erat; et multitudo copiosa plebis cum illa:* saia a enterrar um moço, filho unico de sua mãe, a qual era viuva; e ia grande multidão de povo com ella. Não sei se reparais nos termos. Não diz o Evangelista que os que acompanhavam o defuncto iam com elle; senão com ella; *cum illa*. Parece que havia de dizer que o acompanhamento ia com o filho e não com a mãe; porque o filho era o defuncto e a mãe viva. Mas por isso mesmo disse que iam com ella, e não com elle; porque ordinariamente o que parece que se faz aos defunctos, faz-se aos vivos. Se fôra a defuncta a mãe, o acompanhamento havia de ir com o filho; mas, porque o defuncto era o filho, o acompanhamento ia com a mãe. Por mais que sejam funeraes os obsequios, aos vivos é que se fazem e não aos mortos. Ouvis aquelles responsos de corpo presente tão concertados e tão sentidos? Pois não se rezam aos defunctos, cantam-se aos vivos. Por isso os de Naim no enterramento do filho da viuva, iam com ella; e não com elle. O filho era o defuncto; e a mãe a acompanhada. Os da tumba levavam o morto, os do acompanhamento levava-os a viva.

Luc. 8.

Quão esplendido foi o de Jacob por ser pae de José.

Se isto é o que passa nas cidades pequenas, como a de Naim; que será nas grandes côrtes, onde é tamanha a lisonja dos vivos, como o esquecimento dos mortos? Ponhamos o exemplo na de Memphis. Morreu Jacob, pae de José, no Egypto; e depois morreu tambem José na mesma côrte. Mas é digno de admiração e de pasmo, o modo com que seportaram os egypcios em uma e outra morte. Na de Jacob duraram os prantos e as exequias septenta dias: *Flevit eum populus septuaginta dies;* e porque logo se trasladou o seu corpo para a terra de Canaan, como tinha mandado, acompanharam-no até lá todos os principes e grandes do paço de Pharaó e todos os magistrados e senhores do Egypto, com grandes tropas de cavalleria e apparatos de carroças: *Ierunt cum eo cuncti seniores domus Pharaonis, cunctique maiores natu Aegypti: habuitque in comitatu currus et equites*. Assim foram caminhando até fóra das raias do Egypto; e

depois que passaram o Jordão e chegaram ao logar do sepulcro, renovaram outra vez as exequias por espaço de septe dias com tantas lagrimas e extraordinarios prantos, que admirados os cananeus pozeram por nome áquelle sitio *Planctus Aegypti* o Pranto do Egypto. *Ubi celebrantes exequias planctu magno atque vehementi impleverunt septem dies. Quod cum vidissent habitatores terrae Canaan, vocatum est nomen loci illius: Planctus Aegypti.* Tão sentida e tão majestosamente como isto celebraram os egypcios as exequias de Jacob, pae de José.

E quão obscuro foi o do mesmo José. Já se vê a razão d'esta differença.

E quaes vos parece agora que seriam as do mesmo José, quando depois morreu no mesmo Egypto? De industria referi todas as palavras com que a Escriptura descreve as do pae, para que a mesma Escriptura nos diga tambem as do filho. Ouvi com assombro o que diz: *Mortuus est Joseph, expletis centum et decem vitae suae annis; et conditus aromatibus repositus est in loculo in Aegypto*: morreu José de edade de cento e dez annos; e ungido, como era costume dos hebreus, o metteram em um logar do tamanho do seu corpo no Egypto. E não diz mais a historia sagrada; sendo estas as ultimas palavras de toda a que escreveu Moysés. E que é das exequias? Que é das lagrimas e prantos? Que é dos mausoléus e pyramides egypciacas? Que é do concurso da côrte? Que é do acompanhamento e assistencia dos tribunaes, dos ministros e senhores grandes da casa de Pharaó, de que José era o maior, o mais valido, o mais respeitado e adorado, e sobretudo o mais benemerito? Nada d'isto diz Moysés, sendo sem duvida que o havia de dizer se o houvera; assim como com tanta especialidade e miudeza descreveu as honras e exequias de Jacob. Pois se a Jacob só por ser pae de José, sem outro merecimento ou serviço com que tivesse obrigado aos egypcios, lhe fazem na morte tão magnificas exequias e tão exquisitas honras, e, o que é mais, acompanhadas de tantas lagrimas e prantos; como falta tudo isto na morte de José? Na morte, outra vez, d'aquelle mesmo José a quem os mesmos egypcios deram nome de Redemptor do mundo, porque ao rei tinha remido, e conservado ao reino; e aos vassallos primeiro tinha dado a vida, depois a fazenda, e ultimamente a liberdade? Aqui vereis quanto vai de mortos a mortos, quando concorre ou falta o respeito dos vivos. Quando morreu Jacob era vivo José; e porque era vivo o filho e tal filho, fizeram tantas honras ao pae. Pelo contrario, quando morreu José, não deixou vivo depois de si a quem os egypcios respeitassem, ou de quem dependessem; e como não havia vivos para os obsequios, não houve exequias para o defuncto. Só se podiam desculpar os egypcios com José, dizendo que lhe falta-

ram com as lagrimas na morte, porque já lh'as tinham dado em vida. E assim foi. Nas exequias de Jacob, o chorado não era o pae, era o filho; porque não choravam os egypcios pelo morto, choravam para o vivo. Saiam as lagrimas dos seus olhos para que as vissem os de José; e não as exprimia a dôr, ou a saudade, senão a dependencia e lisonja; como lagrimas de figuras pintadas, que assim como se riem sem alegria, tambem choram sem tristeza.

Não ha taes respeitos no enterro dos enforcados. A forca tem a infamia que tinha antigamente a cruz. *Gal.* 3.

De todo este discurso, tão provado com a Escriptura e tão confirmado com a experiencia se conclúi sem controversia nem réplica, que este acto de misericordia que temos presente é acto puramente de misericordia e de verdade; porque é misericordia exercitada com mortos, em que não cabe dependencia nem lisonja de vivos. Que vivo ha que queira ser pae ou filho de um enforcado? É tão feio, tão infame e tão abominavel o supplicio da forca, que de todos estes respeitos priva e despoja aos miseraveis que n'ella acabam. O que hoje é a forca, era antigamente a cruz (como foi até o tempo do imperador Constantino); e fallando d'ella S. Paulo diz: *Maledictus omnis qui pendet in ligno*: todo o homem que acaba a vida pendurado de um pao é maldicto. E como esta infamia e maldicção corre pelas veias e se diffunde e extende aos parentes, qual haverá que a queira herdar ou ter parte n'ella? Esta é a razão, porque os vivos d'estes mortos não pódem ser adulados, nem lisonjeados n'elles; envergonhados e affrontados, sim. Antes a maior honra e graça que se póde usar com os taes, é dissimular-lhes o sangue, e encobrir-lhes o parentesco. Por isso consideram alguns que estando o Senhor na cruz, nem á Mãe chamou Mãe, nem ao primo primo, n'aquellas duas verbas do seu testamento calando os nomes do parentesco «deante dos seus inimigos» por lhes não publicar a affronta. E como os vivos fogem e abominam tanto o ser parentes dos que tão affrontosamente morreram; por isso a obra de misericordia, que se exercita com elles mortos, é livre de toda a consideração e respeito dos vivos, e como tal, sem controversia, misericordia e verdade: *Misericordia et veritas obviaverunt sibi*.

A misericordia que os moradores de Jabés exercitaram com os corpos de Saul e tres seus filhos. 2. *Reg.* 2.

O mesmo David, que nos deu o fundamento de tudo o que temos dicto, nos dará tambem a ultima clausula e prova; pois não póde haver melhor interprete do texto que o mesmo auctor d'elle. Morreu el-rei Saul na fatal batalha dos montes de Gelboé; e morreram junctamente tres filhos seus: o principe e dous infantes. No outro dia vieram os philisteus a recolher os despojos; e reconhecendo entre os mortos os corpos dos quatro principes, insolentes com a victoria os enforcaram barbaramente e os deixaram pendurados das ameias nos muros da cidade de

Bethsan. Assim não valem purpuras nem corôas contra os castigos que veem sentenciados pelo céu; e não ha desgraça nem miseria tão indigna a que não estejam sujeitos os que nasceram homens, por mais que os tenha levantado a fortuna sobre toda a egualdade da natureza. D'esta maneira estiveram expostos aos olhos do mundo aquellas quatro grandes figuras d'esta grande tragedia, até que movidos á piedade os moradores de Jabés Galaad, ajudados do silencio da noite, os desceram d'aquelle infame logar e lhes deram sepultura. O que agora faz ao nosso poncto, é que, agradecendo David aos de Jabés esta obra de misericordia, o fez com estas palavras: *Benedicti vos a Domino, quia fecistis misericordiam hanc cum Domino vestro Saul, et sepelistis eum, Et nunc retribuet vobis quidem Dominus misericordiam et veritatem.* Muito vos louvo e agradeço (diz David) a obra de misericordia, que usastes com Saul, vosso antigo senhor, com lhe dardes sepultura; e tambem vos prometto que Deus vos pagará esta misericordia e verdade. No primeiro logar chamou a esta obra misericordia; e no segundo chamou-lhe misericordia e verdade. E porque? Porque enterrar os defunctos é absolutamente obra de misericordia; mas enterrar defunctos enforcados, como estes eram, e sem outro respeito nem dependencia de vivos (porque tambem estes se tinham acabado com Saul), não só é misericordia de qualquer modo, mas misericordia e verdade. El-rei Saul, ainda que deixou alguns filhos, assim elles como elle estavam já desherdados por Deus, e ungido para a coroa David, como era publico em Israel. E que não havendo vivos a quem respeitar nem adular, tivessem aquelles mortos e enforcados, quem, tirados do logar infame, lhes desse honrada sepultura, não só foi acto de misericordia, mas de misericordia e verdade canonizada pelo mesmo auctor do nosso texto: *Retribuet vobis Dominus misericordiam et veritatem. Misericordia et veritas obviaverunt sibi.*

V. E para que acabemos um acto de misericordia tão desinteressada com o maior interesse que póde esperar a misericordia, saiba toda esta sancta communidade que n'este mesmo desinteresse seu consiste o maior interesse. Não o terão com os homens; porque estes mortos não teem vivos; mas tel-o-hão com aquelle Senhor que sempre vive, e nenhumas obras mais estima e premia, que as que os vivos exercitam com os mortos. Deus sempre premia misericordia com misericordia; que é uma das maiores excellencias d'esta virtude: *Beati misericordes quoniam ipsi misericordiam consequentur.* Mas assim como esta obra tem de mais ser misericordia e verdade; assim premia tambem Deus com misericordia e verdade.

N'este desinteresse dos irmãos da Misericordia consiste seu maior interesse. *Matth.* 5.

Deus usar-lhes-ha misericordia n'esta vida com a graça. *Is. 4.*

Qual é a misericordia e verdade com que Deus paga n'esta vida? A misericordia e verdade de que falla David é só a graça de Deus; porque n'esta vida só a graça de Deus é verdade, e tudo o que não é graça de Deus «ou se faz sem ella» é vaidade e mentira. Mentira e vaidade as riquezas, mentira e vaidade as honras, mentira e vaidade as que tão falsamente se chamam delicias; emfim tudo o que este mundo préga, ama e busca, mentira e vaidade: *Ut quid diligitis vanitatem, et quaeritis mendacium?* Oh se bem acabassemos hoje de intender esta verdade, que grande misericordia de Deus seria! E como n'esta vida só a graça de Deus é verdade «certa e immutavel», esta é tambem a verdade e misericordia com que Deus paga n'esta vida a misericordia que junctamente é verdade. Isto quer dizer: *Et nunc*, agora e n'esta vida, *retribuet vobis Dominus misericordiam et veritatem.*

E na outra com a gloria. *Ps. 83.*

Mas porque Deus nos não fez só para vivermos n'este mundo que acaba, senão tambem no outro que ha de durar para sempre,sabei por ultima conclusão, que assim como Deus paga a misericordia e verdade n'esta vida com a verdade d'esta vida, assim ha de pagar tambem na outra vida com o verdade da outra. E qual é a verdade da outra vida? É a gloria que responde á graça. N'este mundo que é a terra da mentira a unica verdade «certa e immutavel» é a graça: no outro mundo, «e no céu» que é a terra da verdade, toda a verdade é a gloria. E assim como Deus n'esta vida paga a misericordia e verdade com a graça, que é a verdade d'esta vida, assim na outra vida o ha de pagar egualmente com a gloria, que é a verdade da outra. Assim o tem promettido o mesmo Deus e não por outra bocca senão pela do mesmo David, que nos ensinou e exhortou a ajunctar a misericordia e verdade: *Misericordiam et veritatem diligit Deus, gratiam et gloriam dabit Dominus.* Porque Deus ama a misericordia e verdade, a todos os que ajunctarem a verdade com a misericordia dará Deus n'esta vida a graça e na outra a gloria.

(Ed. ant. tomo 2.° pag. 402, ed. mod. tomo 3.° pag. 253.)

SERMÃO DA DOMINGA DECIMA SEXTA POST PENTECOSTEM **

Observação do compilador. — A fórma de argumentação seguida n'este discurso é uma das mais oratorias e que fazem melhor effeito.

Recumbe in novissimo loco.
Luc. 14.

Todas as vezes que o Filho de Deus se assentou á meza dos homens, sempre foi o melhor prato a sua doutrina. Comia o que regulava a temperança e ensinava o que dictava a prudencia. A materia era a que lhe dava a occasião; e elle sobre a occasião attendia, illustrava e definia a materia. Os documentos todos eram divinos e não só moraes, senão ainda politicos. E digo moraes e politicos, porque tal foi a doutrina do presente evangelho. Os que então com nome auctorizado e hoje com significação odiosa se chamam phariseus, eram os religiosos d'aquelle tempo. Diz pois o evangelista S. Lucas que convidando um principe dos phariseus, isto é, um prelado d'aquelles religiosos, a Christo redemptor nosso para que quizesse honrar a sua meza em um dia de festa, que era o sabbado, acceitou o benignissimo Senhor o convite. Acceitou, posto que não faltava quem murmurasse o acceitar. Parecia-lhes aos murmuradores que similhantes convites eram menos conformes á austeridade da vida e á auctoridade e profissão de um mestre descido do cèu. Mas a razão que o Senhor tinha para se não escusar, mostravam depois os effeitos muito diversos e de outra mais levantada esphera, como tambem se viu no caso presente.

Christo assentado á meza dos phariseus instrue, conforme o seu costume, aos convidados com algum documento politico ou moral.

A tenção dos phariseus era pharisaica, porque lhe armaram a Christo com um hydropico, a vêr se o curava n'aquelle dia,

Cura um hydropico: confunde os phariseus.

para o poderem calumniar de quebrantador do sabbado: *Sabbato manducare panem et ipsi observabant eum*. Não os levou alli a observancia do dia, mas a observação do convidado. E que fez o Senhor, que lhes conhecia os corações? Acceitou a meza como homem, dissimulou a malicia como Deus; e no que obrou como Deus e reprehendeu e ensinou como mestre, mostrou que era Deus e homem. Curou o hydropico, e depois tractou de os curar a elles: ao hydropico tocando-o com as mãos, a elles pondo-lhes as mãos e muito bem postas.

Porque nos convites tomavam os primeiros logares como pessoas sem modestia, nem urbanidade.

Não ha vicio mais descortez que a soberba, nem mais descommedido que a ambição. Como carece da modestia por dentro, tambem lhe falta a urbanidade por fóra. Não diz o evangelista o logar que dessem na meza a Christo: mas diz que os convidados, sem cortezia nem urbanidade, todos procuravam e ainda contendiam sobre os primeiros logares. Esta foi a occasião e este o poncto da doutrina, por isso moral e junctamento politico: *Intendens quomodo primos accubitus eligerent*. Olhava o Senhor com particular attenção para o que faziam os convidados e para o modo com que o faziam. O que faziam, era tomarem por propria eleição os primeiros logares, *primos accubitus;* e o modo com que o faziam, *quomodo*, era introduzindo-se n'elles sem nenhum modo de modestia, respeito, nem cortezia. Na eleição dos logores notava-os o Senhor de pouco juizo, e no modo de cada um se preferir e antepôr aos outros, de pouca urbanidade; e estes dous desprimores nascidos ambos do mesmo vicio da ambição e soberba reprehendeu e emendou o soberano mestre tambem com um só documento: *Cum invitatus fueris ad nuptias, recumbe in novissimo loco*: quando fordes convidados á casa e meza alheia, não deveis tomar o primeiro logar, senão o ultimo. E porque? Porque não succeda vir o senhor de casa, a quem pertence a repartição dos logares e vos mande levantar do que tomastes e o dê a outro melhor e mais honrado que vós: então vos achareis com affronta no ultimo logar, porque fostes tão descommedido que vos atrevestes a tomar o primeiro: *Et incipies cum rubore novissimum locum tenere*.

Diz Christo que cada um por propria eleição se deve contentar com o ultimo logar.

Esta foi a historia d'aquelle caso e d'aquelle dia, a que o mesmo evangelista tambem chama parabola: *Dicebat autem et ad invitatos parabolam*. Mas se era historia, como era parabola? Tudo era. Era historia quanto ao successo, e era parabola quanto á doutrina. Quanto ao successo era historia particular para os presentes, e quanto á doutrina era parabola universal para todos. A todos e a cada um préga hoje Christo: *Recumbe in novissimo loco;* e haverá n'este mundo quem escolha por

propria eleição, e se contente com o ultimo logar? Difficultoso poncto para se intender e muito mais difficultoso para se persuadir. Por isso tomei por thema esta unica e admiravel sentença; e ella só será toda a materia do meu discurso. *Ave Maria.*

II. *Recumbe in novissimo loco.* Todo o homem n'este mundo deseja melhorar de logar; e nenhum se acha em tal posto, por levantado e accommodado que seja, que não procure subir a outro melhor. É tão propria esta inclinação da natureza racional, como se fôra razão e não appetite. Primeiro nasceu no céu com os primeiros racionaes, que são os anjos e depois se propagou na terra com os segundos, que somos os homens. Lucifer, no céu, tendo a suprema cadeira entre as jerarchias, não aquietou n'aquelle logar e quiz egualar o seu com o do mesmo Deus: *Exaltabo solium meum: similis ero altissimo.* Adão na terra, tendo o absoluto dominio de todas as creaturas dos tres elementos, não coube nem se contentou com um imperio tão vasto e em uma côrte tão deliciosa, como o paraiso: tambem quiz melhorar de logar: *Eritis sicut dii.* E que filho ha d'este primeiro pae, de que todos nascemos, que não herdasse d'elle a altiveza sempre inquieta d'esta paixão? O lettrado, o soldado, o fidalgo, o titulo, o de grande nome, e o que não tem nome, com o cuidado e desejo nunca mais satisfeito, nem socegado, todos trabalham e se desvellam por adeantar e melhorar de logar.

Todo o homem deseja melhorar de logar imitando os anjos rebeldes. *Isai.* 14. *Gen.* 3.

Só parece que deviam viver izentos de similhante sujeição os que deixaram o mundo e professam o desprezo d'elle, mas lá os segue e sujeita o mesmo mundo a que lhe paguem este duro e voluntario tributo. Cousa foi digna de admiração que os discipulos de Christo, antes de descer sobre elles o Espirito Sancto, contendessem sobre qual era o maior: *Quis eorum videretur esse major.* A occasião, porém e o motivo d'esta contenda ainda é muito mais admiravel. E qual foi? Acabava o Senhor de lhes revelar que ia a Jerusalem a morrer; e no mesmo poncto contenderam todos sobre a maioria: porque logo aspirou cada um a lhe succeder no logar. Do impeaador Trajano disse Plinio, «seu panegyrista,» que ninguem o conhecia tão pouco a elle, nem se conhecia tão pouco a si, que tivesse ousadia de lhe succeder. E tiveram atrevimento doze pescadores para quererem succeder ao mesmo Filho de Deus, e lhe pleitear o logar ainda em vida!

Até os religiosos teem este desejo. Tiveram-no os apostolos.

Para refutar e convencer este abuso universal não só das guerras e competencias, mas ainda das pretenções pacificas do melhor logar, não deixarei de referir primeiro «duas» supposições tiradas da Sagrada Escriptura, as quaes não só condemnam

Duas supposições para refutar e convencer este abuso universal.

esta ambição tão profundamente arraigada nos corações humanos, mas totalmente cortam as raizes a toda a nossa questão.

1.ª A melhoria não está no logar, senão na pessoa que o occupa. Os phariseus na cadeira de Moysés e S. Mathias no logar de Judas.

A primeira supposição diz que tudo isto que no mundo se chama logar por alto e levantado que pareça, bem examinado é nada; «e se ha algum logar que seja bom e outro melhor, a sua bondade e» melhoria não está no logar, senão na pessoa que o occupa. Por alto ou baixo que seja o logar, se sois bom será o vosso logar bom, e se sois melhor, será melhor: mas se fordes mau e peior, tambem será mau e mais que mau o vosso logar. Diz Christo Senhor nosso que sobre a cadeira de Moysés se assentaram os escribas e phariseus: *Super cathedram Moysis sederunt scribae et pharisaei* E quem foi Moysés e quem eram os escribas e phariseus? Moysés foi o maior sancto do seu tempo, e os escribas e phariseus eram os mais maus homens do seu. Pois se estavam assentados na mesma cadeira de Moysés, porque não eram como elle? Porque os homens são os que dão a bondade ou melhoria aos logares, e não os logares aos homens. Se fordes bom, ainda que a cadeira seja dos escribas e phariseus, será bom o vosso logar; e se fordes mau, ainda que a cadeira seja de Moysés, nem por isso o vosso logar será bom. Que melhor logar que o céu e o paraiso? E nem o céu fez bom a Lucifer, nem o paraiso fez bom a Adão. Jeremias tão era bom no carcere como no pulpito; e Job tão era bom no muladar como no seu palacio. Melhor logar era no mar o navio que o ventre da baleia; e Jonas foi melhor no ventre da baleia que no navio. Assim que os logares por si mesmos não são maus nem bons, nem ha logar melhor ou peior. O logar que hoje tem S. Mathias não foi o mesmo de Judas? O mesmo e não outro. Se fordes como Judas não vos ha de fazer bom o logar de S. Mathias; e se fordes como S. Mathias não vos ha de fazer mau o logar de Judas. Se quereis ter o melhor logar de todos, fazei por ser o melhor de todos; e logo o vosso logar, qualquer que seja, será tambem o melhor. Mas todos querem melhorar de logar, e ninguem quer melhorar de vida. Como quereis melhorar de logar, se «para toda a parte» vos levais a vós comvosco. Deixai-vos a vós, e como vós fordes outro, logo o vosso logar será melhor. Se sois o mesmo, ainda que subais ao pinnaculo do templo, «nada vos ha de aproveitar;» e se fordes outro e muito outro, sem sair do logar onde estais, vos vereis subido ao mais alto do templo. Em conclusão que não ha logares melhores nem peiores; para que ninguem se descontente do seu, senão de si.

2.ª Os logares da terra não são nossos: só o po-

A segunda supposição diz que todos os logares da terra, por melhores que sejam, ou pareçam, mais são alheios que

nossos, mais para os deixar que para os possuir, mais para os perder que para os lograr; «porque o nosso logar é o que teremos eternamente no céu.» Os logares da terra são passagem, só o do céu é assento: os da terra são de poucos dias, o do céu ha de durar para sempre. Quando Christo Senhor nosso partiu d'este mundo para o céu, a razão com que consolou aos apostolos saudosos de sua ausencia foi dizendo, que ia deante a preparar-lhes o logar: *Vado parare vobis locum*. Sendo, porém, o motivo d'esta consolação o logar, mais perto estavam os logares em que o Senhor os deixava que o logar que lhes havia de preparar: «porque logo os não consolou com os logares que tinham ou que haviam de ter no mundo?» N'aquella ultima hora em que Jacob morrendo se apartou de seus filhos (que tambem eram doze), a consolação com que lhes enxugou as lagrimas foi a repartição das terras em que os deixava accommodados a todos. E se para os doze patriarchas eram motivo de consolação na ausencia de seu pae tão pequenos logares da terra, quanto maior podia ser para os apostolos todo o mundo, quão grande é, repartido entre elles! Diga, pois, Christo a Pedro que lhe deixa Roma e a Italia; diga a Jacóbo que lhe deixa as Hespanhas; a João a Asia; a André a Grecia; a Philippe a Scythia; a Bartholomeu a Armenia; a Mattheus a Ethiopia; a Thomé a India; a Simão o Egypto; a Thadeu a Arabia e a Persia; e ao outro Jacóbo, o menor, Jerusalem e a mesma Judéa de que era cabeça. Pois se eram tão immensamente grandes os logares em que Christo deixava aos seus apostolos e com tão suprema dignidade e jurisdicção para todos elles, porque os não consola o Senhor com a consideração d'estes logares presentes, senão com o logar futuro que lhes ia preparar? Porque este era logar no céu, os outros na terra; e n'esta só palavra se encerram ambas as razões que no principio apontamos; os logares da terra são passagem; o do céu é assento.

dem ser os do céu. Consolação que Christo deu aos apostolos na despedida.

Joan. 14.

Por isso quando S. Pedro perguntou a Christo; *Quid ergo erit nobis?* O que o Senhor lhe respondeu foi: *Sedebitis super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israel.* Não lhes respondeu ás barcas e redes que tinham deixado, com as dignidades que haviam de ter n'este mundo, senão com as cadeiras em que se haviam de assentar no dia do juizo: porque só o de que se ha de tomar posse n'aquelle dia tem assento; o de cá tudo é passagem. E porque mais? Porque só o logar que então nos couber é nosso; e os d'esta vida mais são alheios que proprios, por mais larga que seja a mesma vida.

Recompensa que lhes promette na outra.

III. Estes são os «dous» fundamentos ou as «duas» supposições geraes com que não só se impugna a ambição dos me-

Admittindo que ha differença de bondade

nos logares, qual se ha de escolher por melhor?

lhores logares; mas se cortam as raizes a quanto ella deseja. «Mas desejem muito embora os homens não só no céu, senão tambem na terra o melhor logar; vamos vêr qual entre todos os logares da terra segundo o principio da razão e da fé se ha de escolher por melhor.» Não póde haver materia mais digna de toda a attenção; e tanto mais, quanto já cada um a tem resoluto comsigo; e lhe parece sem controversia.

Os phariseus e a maior parte dos homens dizem que o primeiro. Tertulliano e S. Paulo. 1. *Cor.* 9.

No evangelho temos o parecer dos phariseus e o conselho de Christo. Os phariseus teem para si que o melhor logar do mundo é o primeiro: *Quomodo primos accubitus eligerent.* Christo pelo contrario aconselha que tomemos o ultimo: *Recumbe in novissimo loco.* E posto que a sentença de Christo, por ser de Christo, não se póde contrariar; e a dos phariseus, por ser dos phariseus parece que já está convencida; comtudo a de Christo todos a rejeitam e a dos phariseus todos a seguem. Assim o vemos hoje; e já em seu tempo com ser tão vizinho ao de Christo o provava com a experiencia Tertulliano: *Ad primum locum certamen omnium contendit: secundum solamen habet, victoriam non habet:* o desejo, a pretenção de todos os homens é sobre quem ha de levar o primeiro logar; e tão porfiada e unicamente o primeiro, que o segundo logar, ainda que seja alguma consolação, de nenhum modo é victoria. E se ninguem se contenta com o segundo logar, porque não é o primeiro, posto que acima de si veja um só e abaixo de si todos os outros, quem haverá que se contente com o ultimo? Nos famosos jogos olympicos, que se celebravam na Grecia, e eram provocados á contenda todos os homens do mundo, havia primeiros, segundos e terceiros. E comtudo diz S. Paulo que um só levava o premio: *Omnes in stadio currunt: sed unus accipit bravium:* porque o premio a que todos aspiravam era o primeiro; e só os que se adeantavam na carreira aos demais e conseguiam o primeiro logar, eram os estimados por vencedores e laureados com a corôa.

Christo nos aconselha a escolher o ultimo por tres prerogativas que o fazem melhor.

E se S. Paulo depois de Christo e escrevendo aos christãos quaes eram os corinthios lhes propôi este exemplo, postoque nascido entre os gentios, quem se atreverá a persuadir a qualquer homem que o melhor logar é o ultimo? Digo a persuadir e não a crer, porque basta ser conselho de Christo para que o creiamos. Mas este poncto que o não persuade a fé, como o persuadirá a razão? Ora esta será hoje a minha empreza: demostrar a todos os homens que o melhor logar do mundo é o ultimo; e melhor e não só para a outra vida, senão para esta; nem só para a virtude, senão para a commodidade; nem só para a mortificação, senão para o gosto; nem só para a humil-

dade, senão para a honra; e tudo isto quer dizer: *Recumbe in novissimo loco.*

IV. A primeira prerogativa do ultimo logar é ser o mais seguro. Os outros logares quanto mais altos tanto menos segurança teem; e a sua mesma altura é o prognostico certo da sua ruina. Não ha altura n'este mundo que não seja precipicio. Todo o logar mais alto que os outros está sempre ameaçando a propria ruina sem outra causa ou culpa que o ser mais alto. Que culpa teem as torres e os montes para serem elles os ameaçados dos trovões e os feridos dos raios? Nenhuma outra senão a sua propria altura e serem os logares mais levantados da terra. Parece que se dá por offendido o céu de se avizinharem mais a elle, como se todas as torres foram a de Babel e todos os montes os dos gigantes «da fabula.»

1.ª Ser o ultimo logar o mais seguro.

Quando Christo para nos dar exemplo se desafiou com o demonio, a primeira eleição do logar foi sua provocando-o ao deserto: *Ductus est in desertum ut tentaretur a diabolo.* Mas a segunda e terceira eleição foram do mesmo demonio, levando elle a Christo aos logares que lhe pareceram mais a proposito para a tentação. O primeiro foi a torre do templo de Jerusalem: *Assumpsit eum in sanctam civitatem; et statuit eum super pinnaculum templi.* O segundo foi um monte o mais levantado que havia n'aquelle districto: *Iterum assumpsit eum in montem excelsum valde.* E porque razão a uma torre e a um monte? Porque em um e outro logar armava a derribar a Christo. Na torre sollicitando a que se precipitasse: *Mitte te deorsum:* no monte, fazendo-lhe grandes promessas para que caisse «a seus pés:» *Si cadens adoraveris me.* Os que tanto anhelam á subida de similhantes logares, já que não pódem ver quem os leva, vejam ao menos aonde são levados. A torre era o logar ecclesiastico e sagrado; o monte, logar secular e profano: na torre prometteu-lhe o demonio anjos; no monte offereceu-lhe mundos. Más como um e outro logar eram os mais altos, ou as offertas fossem do céu, ou da terra, ou na Egreja, ou fóra d'ella, ambos eram egualmente os mais perigosos e os mais apparelhados para a caida.

Tenta-nos o demonio como a Christo com logares altos. *Matth.* 4.

Já muito antes tinha ensaiado o demonio esta mesma tragedia em duas grandes figuras de um e outro estado. Daniel era pessoa ecclesiastica, dedicada ao serviço de Deus; Aman era ministro secular, occupado nos negocios do mundo. Aman tinha o primeiro e maior logar na côrte d'el-rei Assuero; Daniel tambem o primeiro e maior logar na corte de el-rei Darío. Mas quem é aquelle que na praça da metropole de Suzan, pregado em uma cruz de cincoenta covados, com a

Daniel e Aman ambos caidos do mais alto logar das côrtes de seus monarchas.

mais infame morte está acabando a vida? É Aman. E quem é aquelle que na famosa cidade de Babylonia, levado por ministros da justiça, é lançado no lago dos leões para morrer espedaçado de suas unhas? É Daniel. Pois Daniel tão estimado de Dario, e Aman tão valido de Assuero, ambos tão de repente caidos; e mais sendo tão differentes na vida como na profissão? Sim. Daniel servia a Deus, Aman servia ao mundo; Daniel era justo e sancto, Aman era mau e perverso. Mas levantados ao cume dos primeiros logares nem a Aman lhe valeu a sua industria para se sustentar, nem a Daniel a sua virtude para se defender da caida. Mais admiravel foi ainda a de Daniel, que a de Aman. Aman caiu, porque perdeu a graça do rei; Daniel tendo por si toda a graça do rei, toda ella lhe não bastou para que não caisse. E parou aqui? Não: livrou Deus milagrosamente a Daniel das garras dos leões; e canonizado seu merecimento com um tão publico e estupendo pregão do céu, o rei o restituiu outra vez ao logar que d'antes tinha. Mas o que agora se segue ainda foi maior prodigio. Foram tão poderosos e tão astutas as machinas de seus inimigos que obrigaram ao mesmo rei a que elle o tornasse a metter no lago e o entregasse outra vez á fome e voracidade das feras. Oh bemaveeturado e só bem intendido aquelle que entre todos os logares do mundo sabe escolher um tal logar, do qual ninguem o possa derribar, nem elle cair. Dos logares altos é verdade que nem todos cairam; mas tambem é certo que os mesmos que não cairam podiam cair. E basta o poderem cair para não estarem seguros. Como póde ser segurança a do mar, se sempre está sujeita á inconstancia dos ventos?

Quem está no logar mais baixo não póde cair.

Quem está no logar alto póde não cair; mas quem está no ultimo não póde cair que é só a verdadeira segurança. Antes de se recolher a este fortissimo asylo póde descer por vontade, póde cair por desgraça e póde ser derribado por força. Mas depois de estar no ultimo logar, nem a força alheia, nem a mesma vontade propria, nem todo o poder da fortuna o póde fazer cair, nem descer. Só quem soube fazer esta eleição desarmou a fortuna. Oh glorioso tropheu! A fortuna despida de suas armas e ao pé d'esses despojos aquelle verso: *Major sum quam cui possit fortuna nocere.* Assim se desarma a fortuna que só é forte com as armas que nós lhe damos. Todos os poderes da fortuna em que consistem? Em levantar e abater; e se eu me contento com o ultimo logar, nem ella me pode levantar, porque não quero; nem abater porque não póde. Abra os olhos a fortuna cega e emende a falsa apparencia de seus errados conceitos; e só então poderá fazer bemafortunados, tendo pelo me-

lhor logar do mundo não o primeiro e mais alto, senão o mais baixo e ultimo. Só é verdadeiramente bem afortunado «quem escolheu o logar d'onde» não póde cair; e só não póde cair quem não tem para onde: *Recumbe in novissimo loco.*

2.ª É ser o mais quieto. Resposta da sombra de Samuel. Sidonio Apollinar.

V. A segunda prerogativa do ultimo logar é ser o mais quieto ou só elle quieto. N'esta perpetua roda em que se revolve o mundo, tudo se move, tudo se altera, tudo se muda, tudo está em continua agitação, sem consistencia nem firmeza; nem ha logar algum em que «o homem» goze de quietação e socego, senão unicamente o ultimo, e só por ser o ultimo. Se Deus lhe abriu os olhos de maneira que soube não querer outro logar senão o ultimo, elle é o que verdadeiramente logra a quieta paz e pacifica quietação do seu tão feliz como desconhecido estado, sem quem lh'o perturbe, nem altere. Batalhem os outros e comam-se sobre quem ha de subir e alcançar os logares mais altos; que eu (dirá) quanto mais olho para elles e vejo de fóra os seus perigos e naufragios, tanto mais me satisfaço da minha retirada, que das suas victorias, e da minha segura baixeza, que das suas inquietas alturas. Olhae que bem intenderam a quietação de todas ellas vivos e mortos. Quando Saul depois de morto Samuel o tirou do fundo da terra e o fez vir a este mundo, posto que por tão breve espaço; a razão por que Samuel se queixou d'elle não foi outra, senão, porque o inquietara? *Quare inquietasti me ut ascenderem?* E Sidonio Apollinar, refutando o parabem de certo logar eminente a que fôra promovido um seu amigo, escreveu estas notaveis palavras: *Sed sententiae tali nunquan ego assentior, ut fortunatos putem qui reipublicae praecipitibus et lubricis culminibus insistunt; hoc ipso satis miseriores, quod parum intelligunt inquietissimo se subjacere famulatui.* Notae a palavra superlativa *inquietissimo* com que um varão de tão alto juizo, como Sidonio, não só chama servidão á dos logares altos, mas inquietissima servidão, *inquietissimo famulatui.*

Jacob e Esaú Phares e Zarão.

As causas naturaes d'esta inquietação dos logares altos, ou são as competencias dos que os procuram, ou as invejas dos que os desejam, ou o proprio desassocego dos mesmos logares que ainda depois de adquiridos nem elles aquietam, nem deixam aquietar a quem está n'elles. Quanto ás competencias; porque pelejavam Jacob e Esaú nas entranhas de sua mãe, e Phares e Zarão que lhes succederam, não pelejavam nas entranhas da sua? Porque Jacob e Esaú ambos pretendiam o primeiro logar; e entre Phares e Zarão tão fóra estava de haver a mesma contenda que tendo Zarão já na mão com a purpura a investidura do primeiro, tornou a retirar o braço para o dar a

Phares. De sorte que nas mesmas entranhas maternas, onde houve dous que competiram sobre o primeiro logar, tudo foram inquietações e batalhas; e onde houve um só que quiz antes o ultimo que o primeiro, tudo foi paz e quietação.

Os filhos de Zebedeu pedem o primeiro logar para tiral-o a S. Pedro. S. João Chrysostomo. *Hom. 69 in Matth.*

Isto quanto ás competencias; e quanto ás invejas? Maior caso ainda. Pediram os filhos de Zebedeu as duas cadeiras da mão direita e esquerda do reino de Christo; e com que tenção as pediram? Com tenção, diz S. João Chrysostomo que S. Pedro de quem só se temiam, lhes não levasse o primeiro logar, ou primazia do reino. Os outros discipulos, a quem os dous irmãos se viam preferidos, não lhes davam cuidado, e só de Pedro se temiam. Mas se João e Diogo eram os dous mais virtuosos do apostolado e os dous maiores amigos de Pedro, como o queriam excluir por esta via? Porque onde entra a inveja e a ambição dos logares, não ha virtude, nem amizade segura: o maior amigo vos ha de desviar e o mais virtuoso se ha de introduzir. Os primeiros logares leve-os João e Diogo; e a S. Pedro? «Qualquer outro; mas não o primeiro.» Por certo que não havia de haver esta inquietação no apostolado se o logar «de Pedro» fôra o ultimo. O ultimo logar não tem invejosos, nem quem o escolheu por melhor, tem que invejar; e onde não ha invejoso e invejado, tudo está quieto. E basta isto? Não basta. Porque ainda que não haja competencia nem inveja que inquiete os logares altos, é n'elles tão natural a inquietação, como dizia, que elles mesmos se inquietam e a quem está n'elles.

Ambição de Lucifer até no primeiro logar. *Isai. 14.*

Lucifer foi creado no céu «onde tinha o primeiro logar no coro dos seraphins;» e comtudo dizia a sua ambição que havia de subir: porque o mesmo logar em que estava o inquietava de sorte que estando n'elle não podia aquietar n'elle. «Quiz subir ao impossivel,» não se contentando com menos sua altiveza, que com affectar ser similhante ao Altissimo: *Similis ero Altissimo.* Por isso, sem competencia nem inveja de outrem que o derribasse, elle se derribou a si mesmo. A Adão derribou o demonio; ao demonio elle mesmo se derribou: porque tanto o inquietou «o primeiro logar, que anhelando a subir d'elle se despenhou logo nos eternos abysmos.»

Só no ultimo logar ha quietação. Documento das creaturas insensiveis.

Só o ultimo logar está livre d'estas inquietações e perigos, e não por outro previlegio ou immunidade, senão por ser o mais baixo. Erradamente se chamam baixos aquelles em que naufragam os navegantes. Não são baixos senão os logares mais altos do mar, que em penhascos ou areias se levantam no meio d'elle. Por isso n'elles naufraga o mesmo mar; e se quebram e espedaçam as ondas. Ditosas as que sem querer sair nem subir se deixam estar no seu fundo: que essas só se conservam em paz e gozam de

inteira quietação; e se lá chegam os echos das que perigam e quebram, ellas descançam e dormem ao som das outras. D'esta mesma quietação segura e firme, nos dá outro documento a terra n'aquelles grandes corpos a que concedeu a vida e negou os sentidos. Todas as arvores teem uma parte firme e outra movediça: a firme, que são as raizes, está no baixo; e a movediça, que são os ramos, no alto. Só alli tem jurisdição e imperio, ou a lisonja das virações, ou o açoute dos ventos. Todas na cabeça leves e inquietas; e só no pé seguras e firmes. No alto quebram-se os ramos, voam as folhas, cáem as flôres, e perdem-se antes de amadurecer os fructos; e só no baixo sustentam as raizes o tronco e n'elle as esperanças de recuperar em melhor anno todo o perdido. Oh mal ensinado juizo humano, que nem as plantas insensiveis, nem os elementos sem vida bastam a te fazer sizudo! Apprende ao menos das creaturas sensitivas; e sejam as menores as que te ensinem.

E da rola e pardal socegados nos seus ninhos. *Ps.* 83.

O pardal e a rola, diz David, souberam buscar e achar o logar mais conveniente á sua conservação: *Etenim passer invenit sibi domum, et turtur nidum sibi ubi ponat pullos suos.* E a que fim traz David este exemplo e o põi em dous animalinhos de tão pouco vulto? Para que se envergonhem os homens com todo o seu uso da razão, de não saberem escolher o logar que mais lhes convem; e são tão esquecidos e descuidados todos em fazer esta escolha, «Nunca acham quietação e descanço, porque não sabem escolher o ultimo logar: *Recumbe in novissimo loco.*

3.ª É ser mais facil de conseguir.

VI. «A terceira prerogativa do ultimo logar sobre ser o mais seguro e o mais quieto é ser tambem o mais facil de conseguir.» Aos outros logares ainda que não sejam os mais altos chega-se tarde e com difficuldade; ao ultimo logo e facilmente. Não é mais difficultoso o subir que o descer? Pois esta é a razão ainda natural da grande facilidade com que o ultimo logar se consegue. A setta para subir segue violentamente as forças do arco e do impulso; mas para descer não tem necessidade de braço alheio: a mesma natureza a leva sem violencia ao baixo; e quanto mais baixo tanto mais depressa. A barquinha posta na veia do rio, com a vela tomada e os remos recolhidos, levada só do impeto da corrente, como em hombros alheios, tão descançadamente desce, como apressada. Pelo contrario ao subir pelo mesmo rio acima, seja o vento embora tão forte que quasi rebente as velas, e os remeiros tão robustos que quebrem os remos, mais é a agua que suam, que a que vencem. Nós mesmos para subir a um monte é com tanta difficuldade e molestia que a propria respiração se cança e se aperta: mas para descer ao fundo do valle o mesmo peso do corpo o ajuda, aligeira e mo-

ve; e mais levados que andando, chegamos sem cançar ao logar mais baixo e ultimo. Tão facil é o descer e tão difficultoso o subir.

Com quanta difficuldade se sobe, sabem-no os primeiros ministros das côrtes.

Digam agora os que subiram aos primeiros logares, quão difficultosamente subiram. A setta nos deu o exemplo no ar, a barquinha na agua e nós mesmos na terra: mas nas côrtes que são outro elemento mais cheio de impedimentos e difficuldades, ainda é mais trabalhoso o subir. Tambem o pódem dizer os que cançados da mesma subida tomaram por melhor conselho o parar; e muito mais os que depois dos trabalhos e molestias do subir, em vez de conseguir o logar, só alcançaram e tarde o desengano. Não assim o pretendente do que ninguem pretende e o estimador do que ninguem estima; o qual, contente com o ultimo logar, para descer com a setta não ha mister arco, para descer com a barquinha não ha mister remo, e para descer com o homem e como homem, quasi não ha mister pés nem passos. As azas do favor, os insultos do poder e os cuidados da diligencia, tudo para elle são desprezos e riso; e quando os outros chegam cançados aos primeiros logares, onde hão de começar a cançar de novo, elle descançado se acha no ultimo, onde só repousa o verdadeiro descanço.

Qual fosse a mole da pedra que deu nos pés da estatua de Nabuco, e que desceu do monte com tanta facilidade. *Dan.* 2.

«Sabida é» a facilidade com que a pedra de Daniel desceu do monte e derribou a estatua do Nabuco e trocou com ella o seu logar. N'aquelle espelho tosco e insensivel verão «os homens, cuja» natural ambição mais os leva a subir pelo difficultoso, que a descer pelo facil, estes mesmos dous erros do seu mal polido juizo. Desceu a pedra do monte e não bateu a cabeça nem os peitos, senão os pés da estatua, onde parou; porque este era o logar ultimo e mais baixo aonde o levava o peso da sua natural inclinação. E nota e pondera muito o Texto que a mesma pedra se arrancou e desceu do cume do monte sem mãos «e deu em ambos os pés da estatua colossal: *Statua illa magna et statura sublimis... abscissus est lapis de monte sine manibus et percussit statuam in pedibus.*» Sendo a estatura da estatua de sessenta covados e os pés e espaço entre um e outro eguaes a sua grandeza «se a pedra» com o mesmo golpe os alcançou e bateu a ambos, «claro está» que não «podia ser» tão pequena, como commummente se cuida, senão muito grande; «e só era pequena em comparação d'aquella immensa montanha que depois se fez e que encheu toda a terra: *Lapis autem qui percusserat statuam factus est mons magnus et implevit universam terram.*» Agora pergunto; e quantas mãos e quantas machinas seriam necessarias para subir esta grande pedra ao mesmo logar do monte d'onde tinha descido? Mas onde não po-

dia subir senão com muitas mãos e muitas machinas, ella desceu por si mesma sem necessidade de mãos proprias nem alheias, *sine manibus*. Oh cegueira da ambição humana! Dizei-me quantas mãos encheis, dizei-me quantas machinas fabricais para vos alar aonde quereis subir? E dizei-me tambem, quantas vezes desarmam em vão essas mesmas machinas, e essas mãos beijadas e cheias quantas vezes vos deixam com as vossas vazias; porque elles alcançaram o que pretendiam de vós, e não vós o que esperaveis d'elles?

Merecimento e favor não bastam para as dignidades se não ha dinheiro

Infinita cousa fôra se houvessemos de pôr em parallelo as difficuldades dos primeiros logares e a facilidade do ultimo. Os logares que dependem da vontade e poder alheio ou os distribúi a justiça ou são indulgencias da graça. Para a justiça é necessario o merecimento, para a graça é necessario o favor. E bastam estas duas cousas tão difficultosas de ajunctar? Não bastam. Abel tinha o merecimento e o favor; e o mesmo merecimento e o favor foram o motivo de Caim seu irmão lhe tirar a vida. E se isto aconteceu nos tempos em que os homens se matavam sem ferro e a graça e o favor se alcançava sem ouro, que será no tempo presente? Depois que as dignidades se fizeram venaes, os logares mais se alugam do que se alcançam; e não se dão a quem melhor os merece, senão a quem mais caros os compra. O que se busca nos homens são os que antigamente se chamavam talentos; e os que hoje teem o mesmo nome se não estão engastados no mesmo metal, por singulares que sejam, não teem preço. Só o ultimo logar, porque não tem compradores se não vende; e por isso só elle se consegue sem cabedal e se logra sem despeza.

É mais difficil alcançar que merecer. Exemplo de David. Conclusão de S. Bernardo.

Considerae e medi bem os degraus, uns tão altos, outros tão baixos, por onde tropeçando, ajoelhando e caindo, ou se perde a pretenção, ou se chega finalmente a tomar posse do logar pretendido; e vereis quanto mais custa o alcançar que o merecer. A David para merecer, bastou-lhe derribar um philisteu; mas para alcançar o merecido foi-lhe necessario vencer a duzentos. E que ministro ha ou official de ministros que mais pelo inteiriçado que «por outras qualidades» não seja um philisteu carrancudo e armado? Estaturas tão desmesuradas debalde as conquistarás com mesuras; que já se acabou o tempo em que os negocios se adeantavam com fazer pé atrás. As habilitações de pessoa, a fé dos officios, as certidões dos serviços e a justificação das certidões, tudo não tem tantas lettras, quantas são as difficuldades com que n'ellas topam; e sempre a sorte é sua e vosso o azar. Aos menores haveis de dar, que é menos; aos maiores haveis de pedir e pagar, que, em quem tem honra, é

muito mais; ficando pendente a vossa esperança do seu agrado e da hora e humor com que fostes ouvido. Nos conselheiros haveis de sollicitar a consulta, nos secretarios a penna e no principe não só a resolução, mas na resolução o effeito: para que tudo, depois de pagar os direitos não venha a ser uma folha de papel sellado com as armas reaes, as quaes haveis de conquistar de novo, para que chegue a ser alguma cousa o que ainda depois do despacho é nada. Emfim, que estes são os difficultosos e cançados degráus, por onde sobem, quando não caem, os que alcançam os primeiros logares; e só aquelle que se contenta com o ultimo, nem serve, nem requere, nem pleiteia, nem adula, nem roga, nem paga, nem deve; e seu depender de ministros, nem de tribunaes, nem do mesmo rei, elle é o que se consulta e elle o que se faz mercê, porque se despacha a si mesmo. E que podendo-me eu despachar a mim, haja de requerer de outrem? Não é mais facil o querer que o requerer? Ouvi a justa exclamação de S. Bernardo n'este mesmo caso: *O perversitas, o abusio filiorum Adam! quia cum ascendere difficillimum sit, descendere autem facillimum; ipsi et leviter ascendunt et difficilius descendunt*. Oh perversidade, oh abuso dos filhos de Adão! Que sendo difficultosissimo o subir e facillimo o descer, elles pervertendo as leis da razão e da natureza, antes querem subir com difficuldade e trabalho, que descer com facilidade e descanço. E notae, que é tanta a felicidade e o descanço, que só fez Christo menção do descançar e não do descer. Não disse, como a Zacheu, *descende*, senão, *recumbe*, porque o descer ainda que facil, demanda passos e o estar recostado, como os hebreus estavam á meza, só significa descanço com gosto e sem trabalho: *Recumbe in novissimo loco.*

O nome de ultimo não deve tirar ao logar a sua estimação. A porção de Benjamin na meza de José.

VII. Temos visto como o ultimo logar entre todos os do mundo para alcançar é o mais facil, para conservar o mais seguro e para o lograr o mais quieto; prerogativas n'elle singulares, pelas quaes deve ser preferido a todos os outros. Nem o nome de ultimo lhe deve tirar nada de estimação; porque senão fôra o ultimo não as tivera. É todo o logar ultimo, como o que coube a Benjamin na meza de José. Como os irmãos se assentaram á meza conforme as suas edades, a Benjamin, que era o mais moço, coube-lhe o ultimo logar. Foi, porém, cousa que os mesmos irmãos e todos os egypcios muito admiraram, que fazendo José os pratos, o de Benjamin se avantajava sempre com notavel excesso a todos. Olhamos para o logar e não olhamos para «as vantagens.» Oh se soubessemos tomar o sabor aos gostos puros e sinceros que só no ultimo logar se acham livres das amarguras e dissabores que em todos os outros lo-

gares, por altos e soberanos que sejam, ainda com os olhos cerrados mal se pódem tragar! Lá disse Democrito, que aquelle que se resolvesse a não desejar, poderia competir de felicidade com Jupiter; e esta felicidade sobrehumana só a depositou, não o falso, senão o verdadeiro Deus, nos thesouros escondidos do ultimo logar. Só alli se vive sem desejo, sem temor, sem esperança, sem dependencia e sem cuidado algum, nem ainda leve pensamento que o perturbe. Só alli o somno é descanço, o comer sustento, a respiração vital e a vida vida; porque só alli está a alma não dividida, mas inteirà e toda comsigo e dentro em si mesma, como tambem o homem todo em si e fóra do mundo, porque não quer nada d'elle. E que não baste tudo isto para que o ultimo logar seja o mais estimado, o mais querido e o mais pretendido dos homens! Tanto póde com elles a falsa apprehensão d'aquelle nome de ultimo, com que reconhecendo-o no demais por tão avantajado e melhor, o reputam comtudo não só por menos honrado, mas por affrontoso: e por isso o desprezam e fogem d'elle!

O ultimo logar não deshonra se é escolhido de propria vontade.

«Para desenganar-se, basta» distinguir no mesmo logar uma grande differença de ultimo a ultimo. O ultimo logar merecido por distribuição alheia póde ser affrontoso; tomado por eleição propria é o mais honrado; «e esta é a eleição de que vamos fallando». Quem voluntariamente e por propria eleição escolhe o ultimo logar do mundo, esse só usa do mundo, como senhor d'elle. Dê-nos a primeira prova o mesmo mundo, não como vão e errado. mas como cortez e intendido. Vistes passear na praça de palacio uma cochada de fidalgos; e qual d'elles é o Senhor da carroça? O que vai no ultimo logar. Vistes os mesmos ou outros em conversação ou visita; e qual é o senhor da casa? O que está na ultima cadeira. Pois assim como o que tem o ultimo logar na carroça é o senhor da carroça; e assim como o que tem o ultimo logar na casa é o senhor da casa; assim o que voluntariamente tem o ultimo logar no mundo, é o senhor do mundo.

Se foi escolhido por Deus feito homem ha de ser o mais honrado. S. Bernardo.

Não ponhamos a decisão na vontade dos homens. que póde ser errada; mas na do mesmo Deus que é a regra de toda a razão e verdade. Deus é «o Senhor do mundo:» e em quanto Deus, por ser infinito e immenso, é incapaz de logar: porém, depois que desceu do céu a este mundo e se fez homem, havendo de ter logar entre os homens que logar tomaria? O de Nazareth, o de Belem, o do Egypto, o do Calvario. Tal foi o logar que tomou sempre e em toda a parte, que vendo-o o propheta Isaias, não teve outro nome com que se explicar, senão chamando-lhe o ultimo dos homens: *Novissimum virorum*. E

por que razão o ultimo, sendo sua a eleição do logar? Não porque tivesse para si que a egualdade que tinha com o Eterno Padre fosse alheia ou roubada, e não natural e propria, como notou S. Paulo: mas porque sendo tão Deus é tão Supremo Senhor do universo como o mesmo Padre, nem outro logar era capaz de sua grandeza, nem outro mais decente á sua soberania, nem outro, emfim, mais conforme á sua doutrina, senão aquelle mesmo a que hoje nos exhortou, o ultimo: *O novissimum, o altissimum!* exclama S. Bernardo. Antes de Deus escolher este logar entre os homens podia andar em opiniões, se era honrado, ou não, o ultimo logar: mas depois que Deus o escolheu e tomou para si, intoleravel blasphemia sería dizer que não é o mais honrado de todos!

A conclusão da parabola não desfaz este discurso.

VIII. Por fim só resta satisfazer á conclusão da parabola para a qual parece que desfez o Divino Mestre tudo o que temos dicto. Dando o Senhor a razão, por que se não devem procurar os primeiros logares, senão o ultimo: Porque virá, diz, o dono da casa e do convite, e se vos vir no ultimo logar, dir-vos-ha: *Amice ascende superius:* Amigo subi para cima. E pelo contrario se tiverdes tomado o primeiro, o que ouvireis, será: *Da huic locum:* levantae-vos d'esse logar e dae-o a este; e com grande confusão e vergonha vos ficareis no ultimo: *Et incipies cum rubore novissimum locum tenere.* O que tinha tomado o primeiro logar não ficou no segundo, nem no terceiro, mas desceu e foi lançado no ultimo; e ao que elegeu o ultimo o premiou com o primeiro. Logo se o ultimo logar se dá por castigo e o primeiro por premio, melhor parece que é o primeiro logar, que o ultimo.

Antes o confirma.

Assim parece, porque não consideramos nos mesmos logares o onde e o quando, «e sobre tudo porque não attentamos no sentido historico das palavras de Christo e ainda menos no parabolico.

Fallando em sentido historico.

Em sentido historico ou litteral diz Christo que assim como é deshonra a quem por si mesmo se julgou digno do primeiro logar ser lançado ao ultimo por juizo do dono da casa e deante de todos os convidados, assim é de honra a quem escolheu o ultimo, que o mesmo dono da casa lhe offereça o primeiro: *Recumbe in novissimo loco ut cum venerit qui te invitavit, dicat tibi: Amice, ascende superius: tunc erit tibi gloria coram simul discumbentibus.* Mas isto é o que diziamos ha pouco que o ultimo logar só é affrontoso se é merecido por distribuição alheia e não tomado por eleição propria. E se do primeiro logar Christo diz ser honroso que em presença de todos os convidados seja offerecido a quem tomara o ultimo, não diz porém que seja

vantajoso acceitar a offerta; e assim ficam salvas as tres prerogativas do ultimo logar. Tal é o sentido historico; mas no parabolico se verá mais clara esta mesma doutrina.»

E muito mais no parabolico.

O dono da casa e do convite no fim da parabola é Deus, que segundo as nossas acções e deliberações as ha de premiar, ou castigar; «e assim ha de premiar ou castigar as eleições que fizemos dos logares. Mas onde e quando se fazem estas eleições? Na vida presente.» E onde e quando ha de ser a mudança com que Deus ha de trocar os logares «para premiar ou castigar as eleições? Na futura.» Pois essa é a razão da differenca e da troca. «Na outra vida é melhor a eleição do primeiro logar, n'esta a do ultimo.» E porque? Porque na terra tudo são soberbas, ambições, invejas, discordias, contendas, cavillações, enganos, fatuidades, traições, violencias e tractar cada um de subir, ainda que seja pelas ruinas alheias; e para escapar de todos estes males, maldades e malicias, não ha outro logar seguro e quieto, senão o ultimo. Pelo contrario no céu tudo é cuidado, paz, concordia, amor, contentamento, bemaventurança; e estimar e gozar-se cada um do bem do outro como do proprio; e por isso os primeiros logares de ninguem invejados nem pretendidos, mas de todos approvados e venerados, sem receio que os inquiete de dentro, nem perigo que os perturbe de fóra, são tão firmes e perpetuos, como os mesmcs bens e felicidade que logram.

Façam os que estão postos nos primeiros logares o que fizeram Diocleciano e Maximiano

Á vista d'este desengano «que nos ensina a Verdade Eterna na conclusão da parabola» não é necessario inferir qual deve ser a resolução n'esta vida dos que ainda teem livre a eleição dos logares. Mas que farão os que já conseguiram a sua e por nascimento ou negociação ou qualquer outra fortuna estão postos nos primeiros? Facil é dar o conselho se não fôr difficultosa a resolução. Mas esta não corre por minha conta: «senão por conta de Deus e vossa; pois elle não vos faltará com a sua graça, se quizerdes seguir o seu conselho.» Porque não farão os que teem menos que deixar o que fizeram tantos reis e imperadores? Não tinham fé do céu nem do inferno Diocleciano e Maximiano, e só pela experiencia que tinham dos primeiros logares do mundo, cançados de o governar e mandar, ambos de commum consentimento renunciaram o imperio em um mesmo dia (que foi o de dezesepte de fevereiro do anno de trezentos e quarenta), Diocleciano em Nicomedia e Maximiano em Milão. E quem nao exclamará n'este passo? Oh cegueira do juizo humano! Oh fraqueza da nossa fé! Que dous gentios e de má vida tivessem valor para uma resolução como esta; e que sendo a medida dos logares com que nos levantamos sobre os

nossos eguaes, tão curta; baste a lisonja d'esta preferencia tão trabalhosa e incerta para a antepôrmos n'esta vida á quietação e descanço da temporal e á segurança da eterna?

Ao menos não imitem os phariseus a quem reprehendeu o Divino Mestre.

Razões póde haver tão urgentes e obrigações tão fortes, que não permittam romper estes laços. Mas nos taes casos, que não podem ser senão muito raros, já que se não possam renunciar os logares, ao menos se deve renunciar o amor. Mais extranhava Christo nos escribas e phariseus o amor que tinham aos primeiros logares, que os mesmos logares: *Amant autem primos recubitus in coenis et primas cathedras in synagogis*. Para serem tão arriscados, como vemos, os primeiros logares, basta serem primeiros ainda que se não amem. Os sanctos não os amavam; e comtudo se lê de todos que os repugnavam e fugiam d'elles. Mas se forem primeiros e junctamente amados, então são muito mais perigosos e perniciosos; assim para os mesmos a quem incham e enganam, como para a republica que arruinam. Estes mesmos escribas e phariseus, amadores dos primeiros logares, foram os sollicitadores da morte de Christo, e os que pozeram o Filho de Deus em uma cruz; porque? Só por não perderem os logares que tanto amavam: *Venient romani et tollent nostrum locum*. Emfim, que se os primeiros logares se não amarem, serão menos os damnos que causarão, proprios e alheios. Mas ou amados, ou não amados, se os que estão n'elles os não renunciarem de todo e trocarem generosamente pelo ultimo, de nenhum modo poderão gozar a liberdade, a quietação e o descanço seguro que tão largamente tenho mostrado; porque este privilegio só é concedido por Deus ao ultimo logar: *Recumbe in novissimo loco*.

Joan. 11.

(Ed, ant. tom. 5.° pag, 191, ed. mod. tom. 1.° pag. 335.)

SERMÃO DA DOMINGA VIGESIMA SEGUNDA POST PENTECOSTEM **

PRÉGADO NA SÉ DE LISBOA NO ANNO DE 1649

Observação do compilador.—Note-se o modo com que remata este douto e utilissimo sermão. E' unico nos sermões do grande orador; e por parecer simples de mais e sem arte, não deixa de ser artificioso.

Licet censum dare Caesari, an non?
S. Matth. 22.

Os phariseus perguntam a Christo se é permittido pagar o tributo a Cesar.

Toda a materia do evangelho que acabamos de ouvir é um escrupulo dos escribas e phariseus, e um caso de consciencia, que vieram perguntar a Christo. Bemdicta seja a graça divina, que já os escribas e phariseus são escrupulosos, e já tractam de sua consciencia com tanto cuidado aquelles mesmos dos quaes se publicava por estes pulpitos, que eram homens sem consciencia! Vamos ao caso. Como n'aquelle tempo todo o mundo obedecia aos romanos, tinha mandado o Cesar ou imperador Tiberio, que o mesmo mundo, isto é, todos os subditos de seu imperio, sem excepção de nação ou pessoa, em reconhecimento de sujeição e vassallagem, pagassem certo tributo. E como o povo de Israel, que era uma das nações sujeitas aos romanos, ou cresse ou presumisse que a titulo de ser povo de Deus devia ser isento d'esta regra geral, e que, abaixo do mesmo Deus, a quem pagava os dizimos, a nenhum poder humano era obrigado a pagar tributo, sobre esta presumpção se fundava o escrupulo dos escribas e phariseus. e sobre este escrupulo o caso de consciencia, em que vieram consultar a Christo. Assim que toda a questão ou proposta se resumia nas palavras que propuz, *Licet censum dare Caesari, an non?* Se era licito ou não aos hebreus pagar o tributo a Cesar.

Escrupulos apparentes d'esta pergunta.

Torno a dar graças a Deus, porque não posso deixar de re-

conhecer n'este caso e n'este escrupulo muitas circumstancias que me edificam não pouco. Primeiramente os phariseus (nome hoje tão mal soante entre nós), eram religiosos d'aquella nação, e os escribas os douctores da mesma lei; e é resolução verdadeiramrnte admiravel que em poncto de religião e lettras se não fiem só de si e se queiram sujeitar ao juizo e parecer de outrem. Tambem noto muito que o tributo de Cesar era uma moeda de pouco preço, chamada drachma; e sendo a materia venial, argumento é de consciencias muito delicadas e timoratas fazerem tanto escrupulo d'ella. Aperta e adeanta mais este bom conceito, que a questão não era sobre impôr o tributo, em que podia haver injustiça, senão em o haver de pagar; que sendo, como sempre é por força, e não por vontade propria, esta os livrava de todo o peccado. Finalmente o mesmo tributo era imposto não menos que pelo supremo poder dos Cesares, imperadores romanos; e no caso em que Christo resolvesse que não era licito ao povo de Israel pagal-o, os mesmos escribas e phariseus se dispunham a resistir a Tiberio, homem não só tenacissimo do que mandava, mas de condição cruel; com que, parece, estavam deliberados a dar a vida em defensa da religião e da patria.

Por isso o sermão tratará dos escrupulos.

Por todas estas razões (as quaes posto que eu as tenha proposto, tambem para mim são escrupulosas) determino tractar hoje uma materia tão importante como não usada; e assim será todo este sermão o sermão dos escrupulos. É doutrina que toca a todos e mais aos grandes que aos pequenos; mas nem por isso receio que lhes seja pouco agradavel.

Abigail foi a primeira que na Sagrada Escriptura usou d'esta palavra e com grande vantagem. 1. Reg. 25

Em toda a Sagrada Escriptura uma só vez se acha esta palavra escruputo. Quem propoz o escrupulo foi uma mulher, que o era de um lavrador e se chamava Abigail: a quem se propoz era um homem tão grande, que pouco depois foi rei e já sabia que o havia de ser, David. Andando pois David homisiado pela morte do gigante (na qual grangeou as invejas e odios de Saul); por certas descortezias, que lhe tinha feito aquelle lavrador chamado Nabal Carmelo, não só tinha resoluto, mas jurado, que elle e toda a sua familia que era grossa, e até os cães da mesma casa morressem. Já marchava com um troço dos seus soldados a executar este castigo, quando lhe saiu ao encontro Abigail para o applacar; e a princpal razão que lhe deu, foi, que se não desistisse d'aquella vingança, em todos os dias da sua vida havia de trazer atravessado na garganta este escrupulo: *Erit tibi in singultum et scrupulum cordis.* E que faria então David posto que tão offendido irado e resoluto? O que fez foi desistir no mesmo poncto da execução; e

ficou tão agradecido a quem lhe propoz aquelle escrupulo, que lh'o não agradeceu com menos que com sua propria corôa, casando-se com Abigail, depois que morreu Nabal e elle foi rei.

Em que consiste o escrupulo. Argumento desagradavel aos poderosos, mas importante.

Tão venturosa e tão victoriosa como isso «foi Abigail propondo um escrupulo;» e posto que os escribas e phariseus não declararam o seu com o mesmo nome, nas palavras da sua proposta o significaram ainda mais expressamente; porque n'ellas o definiram: *Licet censum dare Caesari, an non?* Todo o escrupulo consiste «em duvidar se algum acto bom em si mesmo ou indifferente é licito ou não é licito; e esta duvida não se podia propôr com palavras nem mais claras nem mais practicas, que com as do Texto.» E como na proposta entrava o nome de Cesar *Censum dare Caesari*, e este nome, o respeito d'elle e suas dependencias são as que tapam a bocca aos prégadores (e queira Deus que não seja tambem aos confessores) para não declararem livremente aos Cesares o que lhes é licito ou não, «quando não achem um Cesar como David; tambem por esta parte o texto não podia ser mais a proposito.» Ao Baptista porque disse a Herodes *non licet*, custou-lhe a cabeça; a Abigail, porque disse a David *non licet*, grangeou-lhe a corôa. Mas notem os que têem obrigação de declarar os escrupulos, que melhor corôa foi a da cabeça do Baptista cortada, que a de Abigail coroada. Eu tambem prégo deante de corôas; e corôas que não só teem obrigação de viver sem escrupulo, mas de os intimar e tirar aos que não teem medo de viver com elles. Para que todos n'esta importante materia façamos nossa obrigação, peçamos a graça. *Ave Maria.*

Tres especies de escrupulosos

II. *Licet censum dare Caesari an non?* Por onde começará o sermão dos escrupulos? Já dissemos a sua definição: vamos agora á divisão, que é o melhor methodo e mais claro. Deixando os homens que de nada teem escrupulo, como os demonios, e já estão com elles no inferno; os outros «contra os quaes hei de fallar» ou teem escrupulo de tudo, ou teem escrupulo das cousas grandes e não das pequenas, ou teem escrupulo das pequenas e não das grandes. A consciencia dos primeiros é «pusillanime» a dos segundos é arriscada; a dos terceiros é pessima. Isto mesmo que está proposto em poucas palavras declararemos agora em muitas.

Primeira, dos que teem escrupulo de tudo como Job. *Vide ec.* 1, 9, 10, 31.

«Pusillanime é a consciencia dos primeiros: porque não serve ao Senhor com aquella sancta alegria e alacridade que é propria dos seus filhos. Porém não podemos negar que muitas vezes esta consciencia escrupulosa é provação da sanctidade.» De Job dá testimunho a Sagrada Escriptura no principio de sua historia que era homem simples, recto, temente a Deus;

e que fugia de todo o mal que é o peccado: *Et erat vir ille simplex et rectus ac timens Deum et recedens a malo.* Isto diz d'elle a sagrada Escriptura; e elle que dizia de si? *Verebar omnia opera mea, sciens quia non parceres deliquenti.* Dizia que sempre andáva tendo medo a todas as suas obras; porque sabía que Deus nenhum peccado deixa sem castigo, conforme aquella sentença depois declarada pela Egreja: *Nil inultum remanebit,* Mas assim como Job diz que sabía Deus que nenhum peccado deixa sem castigo; assim sabía tambem, e elle o affirma, que nunca com advertencia tinha offendido a Deus: *Scias quia nihil impium fecerim.* Dizia mais que desde a sua infancia e desde o ventre de sua mãe nascera e crescera junctamente com elle a misericordia e a piedade: *Ab infantia crevit mecum miseratio et de utero matris meae egressa est mecum.* Que nunca comeu a sua fatia de pão sem que a partisse com o pobre nem que o fizesse esperar, quando lhe pedia esmola. Que elle era os pés do manco, os olhos do cego, o pae do orphão, o amparo da viuva, o vestido do nú, a cura do enfermo, a defensa do perseguido; e tudo a mais que se lê no seu livro e sería infinito relatal-o. Pois se estas eram as obras de Job, tão pías, tão sanctas, tão louvaveis, e com uma caridade tão commum a todos; como diz que se receiava e temia de todas ellas: *Verebar omnia opera mea?* Porque tal como isto é a consciencia dos timoratos e escrupulosos; «e Deus para provar a fé e purificar cada vez mais a consciencia dos seus servos permitte que sejam atormentados com duvidas tão penosas.»

Duvidas e perigos d'estes escrupulosos. O ps. 54 commentado por Santo Antonino.

Ninguem melhor declarou a consciencia d'estes escrupulosos que» David quando disse que Deus o livrara da sua pusilanimidade do espirito e da tempestade: *Qui salvum me fecit a pusillanimitate spiritus et tempestate.* Que pusillanimidade é esta de um homem tão valente como David; e que tempestade da qual Deus o livrou, pois não lêmos d'elle que navegasse? Responde Sancto Antonino commentando o mesmo texto: *Quia scrupulus dicitur pusillanimitas et consciencia scrupulosa inducit tempestatem.* O que David chama pusillanimidade do espirito é o escrupulo, diz o Sancto. E dá-lhe o propheta com grande propriedade este nome porque «tal é o estado de uma consciencia escrupulosa, que tem medo de tudo, até das suas virtudes.» Causa e levanta dentro em si uma tempestade tão terrivel e horrenda; que se vê a alma suspensa entre o céu e o inferno, já subindo ás estrellas e já descendo aos abysmos; porque na consideração e exame de suas acções umas vezes se persuade que peccou, outras vezes anima-se a dizer que não peccou; «e ora» uma onda a abysma e mette entre os conde-

mnados no inferno, «ora» outra onda a levanta e põe entre os bemaventurados do céu. Quando diz que não peccou chora, e quando confessa que peccou não chora, antes diz que não sabe o que ha de fazer a Deus; e torna a negar o mesmo peccado que tinha confessado, desdizendo-o como se tivera mentido na confissão. Póde haver maior tempestade que esta, duvidosa sempre a alma entre peccado e não peccado, como se estivera suspensa entre o céu e o inferno? «E quanto perigo de naufragar no abysmo da desesperação ha n'esta pusillanimidade! Por isso David se temia tanto da tempestade de esc upulos e dava graças a Deus que o livrára do nanfragio: *Qui salvum me fecit a pusillanimiate spiritus et tempestate*. Mas o encarecimento dos perigos d'estas consciencias escrupulosas deixemol-o para os conventos religiosos; e vamos fallar dos outros dous generos de que está cheia a sociedade; e primeiro dos» que só fazem escrupulo das cousas grandes e nenhum das pequenas.

Segunda especie; os que só fazem escrupulo das cousas grandes e nenhum das pequenas. Eccli. 19. S. Gregorio Magno.

III. A consciencia d'estes digo que é muito perigosa e arriscada; porque não póde faltar a verdade d'aquella sentença ou proverbio do Espirito Sancto: *Qui spernit modica, paulatim decidet.* O homem que despreza e não faz caso nem escrupulo das cousas pequenas, pouco a pouco descairá de maneira, que venha a caír e commettar as grandes. As pequenas são os peccados veniaes, que se chamam leves; as grandes são os graves e mortaes. E para que vejamos quão grande é o risco e perigo que está encoberto n'estes mesmos a que damos nomes de leves, diz S. Gregorio Papa elegantemente, que se os desprezamos pelo peso, que os temamos muito pelo numero: *Facta sua si despiciunt temere cum pensant, debent formidare cum numerant.* As gotas de agua, cada uma por si é gota; junctas ellas são as que enchem os rios e fazem os mares. Aquella que pela costura de um dedo mal calafetada entra no navio, se não tornar ao mar pela bomba, bastará continuada para o metter a pique. Que cousa menor que a unidade, a qual por si não é numero? E das unidades multiplicadas se fazem os milhares e os milhões. Um homem só pouco temor póde causar; mas de muitos homens junctos se formam exercitos formidaveis, que fazem tremer os muros e rendem as cidades. Com enxames de mosquitos e gafanhotos assolou Deus o Egypto armado de toda a sua cavallaria; e maiores damnos teem feito no mundo as pragas d'estes bichinhos por muitos, que as baleias no mar, ou na terra os elephantes por grandes. Taes são os effeitos dos peccados menores, que, desprezados por leves, sem escrupulo nem temors e deixam crescer e multiplicar dos que sómente os pesam e não contam: *Facta sua despiciunt temere cum pensant.*

Um peccado leve nas balanças de Deus. Ps. 61.

Mas supposto que estes escrupulosos mal intendidos não fazem caso, nem escrupulo dos peccados menores, porque sómente os pesam, eu me contento, deixado por agora o numero, com os tomar tambem pelo peso. E porque as balanças dos homens são muito falsas e enganosas: *Mendaces filii hominum in stateris;* façamos este peso pelas balanças de Deus, que não podem ser senão justissimas; e vejamos n'ellas quanto pesa um peccado venial.

Como Deus o castigou em David, Moysés e a mulher de Loth.

Começando pelos exemplos mais sensiveis e palpaveis, peccado venial foi em David mandar fazer resenha por todo o seu reino de quantos soldados tinha para a guerra; e esta venialidade castigou Deus com sentença de tres dias de peste, a qual em uma só manhã lhe matou septenta mil vassallos. Peccado venial foi em Moysés em dar dous golpes na pedra, para que d'ella brotasse uma fonte, tendo-lhe dicto Deus que lhe fallasse sómente; e por esta venialidade depois dos trabalhos e peregrinações de quarenta annos do deserto, o condemnou, sendo tão seu valido, a que não entrasse na terra de promissão. «Peccado venial foi na mulher de Loth não resistir á curiosidade de olhar para traz e ver o incendio de Sodoma e Gomorrha; e por esta venialidade a converteu Deus em estatua de sal.» Tanto pesam nas balanças da justiça divina aquellas cousas, de que por pequenas e leves se não faz caso, nem escrupulo.

No paraiso terreal não podia haver um peccado leve sem destruir-se o mesmo paraiso. S. Thomás.

Peccado foi não venial, mas mortal aquelle porque Deus lançou do paraiso a Adão; mas se não fôra mortal, senão venial, que havia de succeder no mesmo paraiso? Os theologos com sancto Thomás respondem, que esta supposição é falsa; e resolvem que no paraiso podia haver peccado mortal, mas peccado venial por nenhum modo. E porque? Se o paraiso era capaz de n'elle se commetter, como commetteu, um peccado mortal e grave; um venial e leve porque não? A razão é muito subtil, mas egualmente bem fundada. Commettendo-se no paraiso um peccado mortal, perderia o homem o paraiso, como o perdeu Adão; mas se o peccado que se commettesse fosse sómente venial, não perderia o homem o paraiso, porque a culpa não era bastante, mas perder-se-hia o mesmo paraiso; e porque, outra vez? Porque o paraiso só era um estado felicissimo, incapaz de toda infelicidade e miseria; e como repugna e implica que um estado incapaz de toda infelicidade e miseria se conservasse admittindo em si uma tal miseria e infelicidade, qual é a do peccado venial; d'aqui se segue, como se seguiu que o peccado possivel n'aquelle estado só havia de ser mortal pelo qual o homem perdesse o paraiso; e que não fosse possivel no mesmo

paraiso peccado venial para que o mesmo paraiso se não perdesse. A consequencia é manifesta: o homem podia perder a felicidade do paraiso e por isso podia commetter o peccado mortal; mas o paraiso não podia perder a felicidade do seu estado, sem que o mesmo paraiso se perdesse; e por isso não admittia peccado venial.

Um peccado leve pesa mais que toda a pena do inferno.

Mas para que os homens façam maior conceito do peso d'elles, posto que nunca o poderão fazer adequado, passemos do paraiso ao inferno. Tornando á nossa balança, se de uma parte pozermos o inferno com toda a sua eternidade de penas e da outra um só peccado venial; qual pesa mais, o peccado venial ou o inferno? Parece paradoxa a pergunta; e não duvido que muitos dos que me ouvem escolheriam antes para a sua alma muitos peccados veniaes, que um momento de inferno, quanto mais toda a sua eternidade. Mas, se são christãos, são obrigados a crer de fé que mais pesa um peccado venial que todo o inferno. E se são doutos, ainda que não fossem christãos, assim o haviam de intender só com o lume da razão. O fundamento d'esta tão notavel verdade é, porque o peccado, ainda que venial, é mal de culpa, o inferno é mal de pena; e qualquer mal de culpa, por minimo que seja, é maior mal e mais digno de se temer e abhorrecer que todos os males de pena, ainda que sejam eternos e tão horrendos e intoleraveis como os do inferno. No inferno é castigado o peccado, no peccado venial ainda minimo e offendido Deus; e tanto maior mal é esta offensa pelo que toca á majestade offendida, quanto excede o infinito a todo o creado. E se eu agora perguntasse a estes escrupulosos qual é a razão, por que só fazem escrupulos das cousas grandes e não das pequenas, dos peccados graves e não dos veniaes, é certo que, se fallarem verdade, hão de dizer: Porque os peccados mortaes levam ao inferno e os veniaes não. Oh ingratos e ignorantes no mesmo peccado venial. Em quanto venial ingratos á misericordia divina que o perdoa; e em quanto peccado ignorantes; porque pesando mais que todo o inferno, o teem por leve: *Despiciunt cum pensant.*

O peccado venial dispõi para o mortal.

IV. Confundidos assim e convencidos estes maus escrupulos, quanto á primeira parte do peso; quanto á segunda do numero cuidam que podem defender o seu erro e arguem d'esta maneira. E' theologia certa que mil e cem mil peccados veniaes não podem fazer um mortal. Logo não se deve temer tanto o seu numero, como diz S. Gregorio: *Debent formidare cum numerent;* nem a consciencia dos escrupulosos d'este genero está tão perigosa e arriscada como eu digo. «Mas elles de um principio que é certo e não se póde negar, tiram uma falsissima e

não menos perniciosa conclusão.» Primeiramente aquella sentença que pronunciou S. Gregorio repetem muitas vezes Sancto Agostinho, S. Jeronymo, S. Basilio, S. João Chrysostomo, todos quatro doutores da Egreja. O mesmo dizem S. Cypriano, Santo Isidoro, S. Pedro Damião, S. Bernardo, S. Nylo, S. Ephrem, Cassiano, Ricardo Victorino e todos os grandes mestres de espirito. E em que se fundam? Na fé, na razão e na experiencia. Porque ainda que todos os peccados veniaes não podem fazer um mortal, todos e cada um d'elles são as disposições naturaes de que o peccado mortal se segue. Ha alguma infermidade que seja morte? Nenhuma e todos os que temem a morte, temem egualmente as infermidades, porque são as disposições para a morte: logo não menos se devem temer os muitos peccados veniaes que o mortal; pois são as disposições que naturalmente introduzem a fórma, ou a deformidade d'elle na alma. O peccado venial não mata a graça, mas esfria a caridade em que a mesma graça consiste; e assim como o calor é disposição para accender o fogo, assim é disposição o frio para o apagar. Os peccados veniaes com os seus actos enfraquecem os habitos das virtudes; e as virtudes enfraquecidas como hão de resistir aos vicios? Isto ensina com evidencia a philosophia. Os que mais attenuam o peccado venial, dizem que não é rigorosamente offensa, senão desagrado sómente de Deus, e quem não tem medo de desagradar a Deus muitas vezes, vêde se se atreverá facilmente a offendel-o. Aquella gota que continuando a cair na pedra faz n'ella o mesmo effeito que o cinzel, não é porque a agua seja tão forte como o ferro, mas porque cái muitas vezes. Se cair muitas vezes nos veniaes, tende por certo que haveis de cair nos mortaes.

Dos veniaes fazem-se os mortaes como dos leõsinhos os leões. *Ezech.* 19.

Acabae por conhecer que mal intendido é o vosso escrupulo e o vosso temor; se é que o tendes. Temeis os peccados mortaes, porque são grandes, e não fazeis caso dos veniaes, por que são pequenos; como se os pequenos não cresceram, nem se fizessem grandes. Uma leoa, diz o propheta Ezechiel, tomou um leãosinho dos que creava e metteu-o entre os leões para que aprendesse a o ser; e crescendo saíu tão leão e tão feroz, que comia as gentes e despovoava as cidades. Dos leõsinhos se fazem os leões, dos tigresinhos os tigres, e dos peccados pequenos os grandes.

As rapozas pequeninas que destroem as vinhas. *Cant.* 2.

Causa notavel! «Salomão no livro dos cantares» mandava tomar as rapozas nomeadamente pequeninas, porque destruiam a vinha: *Capite nobis vulpes parvulas, quae demoliuntur vineas.* Pois se mandava que tomassem as pequenas ou pequeninas, porque não mandava tomar as grandes? Porque as raposas são

muito astutas; e se não se tomam em quanto pequeninas, depois de grandes, não se podem tomar.

N'este sentido dizia allegoricamente David: Ditoso aquelle que quebra a cabeça a seus vicios em quanto são pequeninos: *Beatus qui tenebit et allidet parvulos suos ad petram.* A palavra *parvulos suos* não tem uma só, senão dobrada energia. *Parvulos* em quanto pequeninos, porque não cresçam e se façam grandes: *suos*, em quanto seus e em quanto os domina, porque crescidos e grandes, não os dominará antes será dominado d'elles. Os vicios, commenta aqui Hugo Cardeal, se ao principio se deixam crescer, de cabellos se fazem traves; e os que d'antes podia dominar facilmente a alma, elles depois de crescidos a dominam e fazem guerra. *Parvuli in principio debiles sunt; sed crescentes paulatim fortiores fiunt. Sic mali motus in anima, si permittantur crescere, subito de capillo transeunt in trabem et dominium fiunt in anima.* «E mais elegante e adequadamente o commenta Sancto Agostinho explicando qual é a pedra na qual se devem quebrar os appetites, quando nascem: *Quando nascitur cupiditas, antequam robur faciat adversum te mala consuetudo, cum parvula est elide ad petram: petra autem erat Christus*».

O psalmo 136 commentado por Hugo Cardeal e Sancto Agostinho.

Quando o demonio tentou a Judas que fosse ladrão, não lhe disse logo que havia de vender a Christo: mas porque começou cerceando as esmolas dos discipulos, acabou vendendo o Mestre. Ponhamos este exemplo em praxe.. Um ladrão formigueiro, que furta quatro reaes de prata a quatro homens, faz quatro peccados veniaes: e quem furta quatro a quatro, parece-vos que tambem não furtará quatro a um «que é peccado muito mais grave e póde ser» peccado mortal? A peior cousa que tem o peccado venial é o nome de venial. Significa perdão; e por isso não causa medo, sendo que por isso mesmo o havia de causar maior.

Qual a primeira origem da ruina de Judas.

Ouvi um notavel pensamento de S. João Chrysostomo. Atrevo-me a dizer (diz o eloquentissimo padre) uma cousa admiravel e inaudita; e qual é? Representa-se-me muitas vezes que se não devem evitar com tanto cuidado os peccados grandes e mortaes, como os pequenos e veniaes: porque nos peccados grandes e mortaes o mesmo nome de mortal causa horror e espanto; e pelo contrario, nos pequenos o nome de leve e venial tira o medo e nos faz descuidados. E d'aqui se segue, conclúi o Sancto, que em quanto desprezamos e fazemos menos caso dos pequenos, elles por nossa negligencia de pequenos se fazem grandes.

Pensamento de Chrysostomo ácerca do peccado venial. *Hom. 88 in Matth.*

Aqui podera acabar bem este discurso com uma cousa que o Chrysostomo chama admiravel e inaudita; mas eu lhe quero pôr fim com outra não inaudita, senão muito sabida de todos;

Deus póde castigal-o permittindo muitos mortaes. As

tres negações de S. Pedro. *Matth.* 26.

porém muito mais admiravel e verdadeiramente tremenda. E qual será esta? Que não são necessarios muitos peccados veniaes; mas basta um só para que Deus o castigue com a permissão de muitos mortaes. Quando S. Pedro disse que se os outros fugissem e negassem a Christo elle o confessaria até á morte; esta presumpção com que se antepôz aos demais não passou de peccado venial; e bastou este peccado, um e venial, para que o mesmo Christo e a S. Pedro o permittisse cair em tres peccados mortaes. Uma vez disse venialmente: *Non te negabo:* e tres vezes o negou peccando mortalmente: para que veja a ignorancia e cegueira d'estes segundos escrupulosos, se está mais que arriscada e mais que perigosa a sua consciencia; quando se dão por seguros no falso escrupulo das cousas grandes sem o fazer das pequenas.

Terceira especie; os que fazem escrupulo das cousas pequenas e nenhum das grandes. Os ais com que Christo ameaçou aos phariseus. *Matth.* 23.

V. Somos chegados aos escrupulosos da terceira especie que só fazem grandes escrupulos das cousas pequenas e nenhum totalmente das grandes. E porque tal barbaria senão póde imaginar de intendimentos racionaes, sejam os seus mesmos escrupulos a prova d'esta temeridade. Eram tão escrupulosos os escribas e phariseus em tempo de Christo na materia de pagar o dizimo a Deus, que até o pagavam das hortaliças mais vis, de que o rendeiro do verde não faz conta. E quando eu cuidava que o zelo do mesmo Senhor passaria em silencio estas miudezas, como assumpto menos nobre para um auditorio tão grave como o da côrte de Jerusalem, ou como menos decente para um logar tão auctorizado como o pulpito, leio em S. Matheus que nomeando o soberano Prégador as pessoas dos escrupulosos dizimadores e declarando tambem por seu nome a vileza das verduras dizimadas, com voz mais alta e um ai arrancado do peito exclamou assim: *Vae vobis, scribae et pharisaei, qui decimatis mentham et anethum et cyminum:* ai de vós, escribas e phariseus que pagais o dizimo da hortelã, do endro, e dos cominhos! Mais vai por deante o divino Mestre. Mas antes que ouçamos a segunda parte da mesma sentença paremos no muito que tem de admirar esta primeira.

Parece louvavel pagar os dizimos da hortelã, do endro e dos cominhos. *Matth.* 5.

Começa dizendo *Vae* e parece que havia de começar dizendo *Euge*. Não era Christo Senhor nosso tão zelador da lei que dizia e ensinava se haviam de observar n'ella não só as palavras, as syllabas e as lettras, senão tambem aquelle ponctinho que se põi em cima do i: *Jota unum aut unus apex non praeteribit a lege donec omnia fiant.* Não era tão delicado estimador das cousas pequenas que ameaçou com ser minimo no seu reino quem não observasse as minimas: *Qui solverit unum de mandatis istis minimis, minimus vocabitur in regno coelorum?* O

fiar muito delgado não é argumento mais certo das boas consciencias, e que amam a perfeição? O pagar os dizimos não era um dos mandamentos de Deus; e o mesmo Deus não mandava que fossem os homens nimios na observancia dos seus mandamentos: *Tu mandasti mandata tua custodiri nimis?* Pois como o mesmo Christo em vez de louvar aquelles ministros de sua lei com dous euges, *Euge Euge*: os condemna e anathematiza com um *Vae* tão aspero e tão tremendo: *Vae vobis?*

Mas é hypocrisia nos que não teem fé, nem justiça nem misericordia.

Agora entra a segunda parte da mesma sentença que é o commento da primeira. Depois de dizer: *Qui decimatis mentham et anethum et cyminum*, accrescenta, *Et reliquistis quae graviora sunt legis, judicium misericordiam et fidem*. Pagais o dizimo das hervas que não teem preço nem nome; e desprezais e quebrais os preceitos da lei maiores e de maior necessidade e importancia, como são a justiça a misericordia a a fé. Notae como contrapoz o Senhor os tres peccados maiores aos tres dizimos a escrupulos das cousas menores. Pagais o dizimo da hortelã; e não tendes fé. Pagais o dizimo do endro; e não tendes justiça. Pagais o dizimo dos cominhos; e não tendes misericordia. Homens sem fé; e no cabo muito escrupulosos em cousas tão miudas, tão baixas e tão vis, que se envergonha a lingua de as pronunciar. Mas assim como a soberana rhetorica da eloquencia de Christo se abateu a nomear a materia dos escrupulos; assim levantando a voz, lhe descobriu e declarou a brados as injustiças e impiedades enormissimas, com que, sem nenhum escrupulo, sacrilegos profanavam as leis divinas e crueis tyrannizavam as humanas: *Qui comeditis domos viduarum*, diz o Senhor por S. Matheus; e por S. Marcos e S. Lucas: *qui devoratis*. Com a salsa d'aquellas hervas e d'aquelles adubos comiam e tragavam as casas das viuvas e dos orphãos. Comer é levar pouco a pouco e a bocados: devorar é tragar e engolir de uma vez. E uma e outra cousa faziam devotissimamente estes escrupulosos. E digo devotissimamente, porque accrescentou o Texto que, quando faziam isto, faziam junctamente umas orações muito compridas: *Longas orationes orantes*.

Engasgar com um mosquito e engulir um camelo. Phariseus antigos e modernos.

Aqui entra em seu proprio logar o famoso epiphonema, com que em duas palavras elegantissimamente contrapostas, comprehendeu e definiu a Sabedoria divina toda esta materia: *Excolantes culicem, camelum autem glutientes*. Engasgavam, diz o Senhor, com um mosquito e engoliam um camelo. Ainda engoliam mais os nossos escrupulosos, a quem com razão podemos chamar cominheiros. Engasgavam com um cominho; e engoliam não só uma, senão muitas casas inteiras: *Qui devorant domos viduarum*. Oh Jerusalem! Oh Lisboa! Quantas casas se

vêem hoje em pé n'essas grandes ruas e praças, devoradas e engolidas sem nenhum escrupulo! Esta engoliu o amigo infiel, que ficou por tutor do orphão. Aquella engoliu o parente esquecido do sangue, que ficou por testamenteiro. A outra engoliu o acredor fingido por dividas falsas. A outra e muitas outras engoliram os trapaceiros por demandas injustas. E por estes e por tantos outros modos, tantas casas engolidas, tantas viuvas desamparadas, tantos orphãos deshonrados, tantas pobrezas, tantas miserias, tantas lagrimas sem compaixão, sem piedade, sem remedio! E tambem sem escrupulo? Isso não: com escrupulo e com muitos escrupulos: com escrupulo da hortelã, com escrupulo do endro e com escrupulo dos cominhos.

Os gorgomilos das baleias e o de um certo julgador de consciencia pharisaica.

Parecem-se estas gargantas ou gorgomilos com o que se diz das baleias. A baleia com aquella sua grande bocca pesca de um lanço, ou de um bocado, um cardume de sardinhas; e dizem os anatomistas d'aquelle monstro, que tem o gorgomilo tão estreito que não póde ir engolindo senão uma e uma. Mas eu leio, não nas fabulas, senão na sagrada Escriptura, que quando a baleia no meio da tempestade chegou a bordo do navio que ia para Jope, ou o seu gorgomilo fosse tão estreito, ou não, ella engoliu o propheta Jonas vestido e calçado. Se foi por milagre n'aquelle mar eu não o nego: mas só posso affirmar que vi similhantes milagres em outra terra. Como estive em tantas, bem posso referir o exemplo, sem que se intenda quem foi o milagroso. Era um julgador de muito escrupulosa consciencia, o qual não só partiu d'este porto com o mesmo escrupulo muito recommendado, mas chegou tambem com elle a um dos portos das nossas conquistas. E noto que não só partiu, mas chegou com o mesmo escrupulo; porque os escrupulos n'esta navegação costumam ser como os assucares rosados que refervem na linha. Chegado pois o julgador, como lhe mandassem um cacho de uvas de moscatel de Jesus, por ser fructa do reino, elle, mettido nas conchas do seu escrupulo, com o mesmo nome de Jesus na bocca se benzeu da tentação; e tornou a mandar as uvas para d'onde tinham vindo. Espalhou-se pela terra a repulsa; e todos deram graças a Deus de a ter provido de um juiz tão desinteressado e tão inteiro. Mas esta inteireza e este desinteresse e este escrupulo tão isento, quanto durou? Não era passada a metade do tempo da alçada, quando soube todo o mundo que o meu juiz, que tinha engasgado com o cacho de uvas, engoliu duas barcas, que lá teem outro nome, uma confeitada de fechos de assucar e outra perfumada de rolos de tabaco.

Dous escrupulos registrados nos evangelhos.

VI. Mas tornando a Jerusalem, clima tão fecundo de escrupulos como de hypocrisias, porque ambas estas más plantas

nascem da mesma raiz, que é o engano e a mentira; infinita cousa sería se eu houvesse de ponderar tudo o que referem os evangelistas d'aquella terra e tempo. Contentar-me-hei só com ponderar dous casos muito particulares um de escrupulos masculinos outro de femininos para doutrina de todos.

Os phariseus que não querem entrar no pretorio de Pilatos. Sancto Agostinho. *In c. 18 Joan. Tract. 114.*

Presó Christo, nosso Redemptor, e levado primeiro ao palacio de Anás e depois ao de Caiphás, iam com elle triumphando com a presa os ministros e principes da Synagoga; e como guardas mais fieis e seguras entravam em um e outro palacio, porque ambos os pontifices eram hebreus. Presentado, porém, o Senhor deante de Pilatos, todos os hebreus ficaram fóra do pretorio; e a causa d'este retiro foi, diz o evangelista: *Ut non contaminarentur;* para se não contaminarem. Como Pilatos era gentio e elles judeus, tinham para si, que só com metterem o pé em casa de um gentio, a sanctidade da sua lei, a pureza da sua religião e a innocencia immaculada da vida que professavam, ficava manchada e perdida. Tudo isto quer dizer: *Ut non contaminarentur;* e isto é o em que só reparo e me admira. Que o chamados principes dos sacerdotes procurem tão descoberta e impiamente tirar a vida a quem a dava aos seus infermos e aos seus defunctos; que multipliquem contra a sua innocencia tantas accusações; que busquem e tragam a juizo tantas testimunhas falsas; que negoceiem a absolvição e a liberdade de Barabbás; que peitem os algozes, para que os açoites sejam tantos e tão crueis que n'elles acabe a vida, porque viam inclinado Pilatos ao livrar; que provoquem e sobornem os clamores do povo e que intimidem ao juiz com a inimizade do Cesar; e finalmente que se não satisfaçam com outra morte senão a de cruz, tão cruel, tão infame e tão atroz; não me admira, nem o extranho, quanto por outra via merece; porque tudo isto faz o odio, a inveja, a ira, a vingança, o interesse e a ambição desatinada e cega. Mas que estes mesmos homens, por tantos modos perfidos e sacrilegos, sem lei, sem religião, sem fé, sem consciencia, no mesmo tempo façam tantos escrupulos, tantos retiros e tantos ascos de entrar em casa de Pilatos seu governador; e que digam. que se não querem contaminar por ser gentio, esta é a minha admiração, e a minha raiva. Pilatos é o que havia de fazer asco de vós, e o que não havia de querer que tão maldicta e infame gente entrasse das suas portas a dentro, e lhe contaminasse a casa. Mas estes são os escrupulos e estas as consciencias pharisaicas. Grandes escrupulos de entrar em casa de um gentio; e nenhum escrupulo de crucificar ao Filho de Deus entre dous ladrões. *O impia et stulta caecitas!* (Exclama sancto Agostinho). *Habitaculo videlicet contami-*

narentur alieno et non contaminarentur scelere proprio! Basta, que vos ha de contaminar a casa alheia e não vos contaminam tantas maldades proprias! Em uma ceremonia da lei de Moysés tantos escrupulos, e na maior traição, na maior ingratidão, na maior aleivosia, na maior injustiça, na maior tyrannia, na maior abominação, no maior sacrilegio, no maior crime de lesa majestade humana e divina, nenhum escrupulo! Taes são os escrupulos dos que só o fazem das cousas pequenas e não das grandes, ainda que a sua grandeza seja tão immensa e infinita.

A samaritana se escandaliza do mesmo Christo. *Joan.* 4.

Este é o cruel escrupulo que eu chamei do genero masculino: vamos ao feminino menos cruel, mas muito mais delicado. Chegado Christo Senhor nosso ao poço de Sichar, fatigado do caminho e abrazado da calma, pediu um pucaro de agua a uma mulher, que no mesmo tempo alli a veio a buscar, samaritana de nação. E que responderia ao Messias encoberto, uma mulher publicamente de cantaro? Não só teve escrupulo de lhe dar a agua; mas o arguiu de pouco escrupuloso em lh'a pedir: *Quomodo tu, judeus cum sis, bibere a me poscis, quae sum mulier samaritana?* Como vós, sendo judeu, me pedis de beber a mim, sendo eu samaritana? Tão delicada e mimosa era a sua consciencia, que não só a picavam os escrupulos proprios, senão tambem os alheios. E não póde ser mais fino o escrupulo, nem subir mais o encarecimento d'elle, que chegar uma mulher a metter escrupulo ao mesmo Christo. Mulher emfim mettida a beata, posto que sem manto nem capello.

Como questiona com o Divino mestre e como vive.

Era erro corrente entre os hebreus que só os da sua nação eram proximos. Mas propondo esta mesma questão a Christo um doutor da lei, respondeu-lhe o Senhor com o caso de um samaritano, o qual achando em um caminho, despojado e ferido dos ladrões um hebreu, não só o curou com suas proprias mãos, mas o soccorreu com casa, cama e dinheiro; e ficou ensinado e confessando o lettrado, que a differença das nações não encontrava, nem impedia o exercicio da proximidade. Logo se foi licito a um samaritano curar as feridas de um judeu, porque não seria licito a uma samaritana matar a sede a outro? Mas ella, como se fôra mais doutora que o doutor, especulou no seu caso não um senão dous escrupulos. Os samaritanos do tempo de Christo eram assyrios transplantados a Samaria, côrte que tinha sido dos reis de Israel; e assim como, segundo o uso da sua patria, adoravam os idolos; assim, segundo o da terra em que viviam, adoravam o Deus verdadeiro. E sendo tal a fé da samaritana que não tinha escrupulo de adorar «os falsos» deuses, tinha escrupulo de dar uma sede de agua a um homem. Porém o que mais me escandaliza é que dizendo a sa-

maritana a Christo que aquelle poço fôra edificado por Jacob, chamou a Jacob pae seu: *Nunquid tu maior es patre nostro Jacob qui dedit nobis hunc puteum?* E outra vez, como tão lettrada, tornou a repetir o mesmo: *Patres nostri in monte hoc adoravernnt.* Pois se Jacob é teu pae, e tu não pódes negar que és judia, porque põi o teu escrupulo a Christo a excepção de ser judeu? Prouvera a Deus que este escrupulo e esta consequencia ficara sepultada no mesmo poço. Mas os caldeirões que chegam ao fundo, muitas vezes tiram a agua misturada com lodo. Finalmente, disse Christo á samaritana que fosse chamar seu marido. E como ella respondesse que o não tinha: Assim é, lhe disse Christo, porque cinco homens, que já tiveste, não eram teus maridos, nem é teu o que agora tens. E esta era a sanctinha dos escrupulos! De sorte que o escrupulo de se dar a seis homens, que não eram seus maridos, esse bebia ella como um pucaro de agua; e sobre dar um pucaro de agua a um homem morto á sede, não só arguia um grande escrupulo, senão dous: um, com que ella a não podia dar; outro, com que elle a não podia pedir: *Quomodo tu judeus cum sis bibere a me poscis quae sum mulier samaritana?*

Estão declaradas as tres especies de escrupulos.

VII. Parece-me que tenho bastantemente declarado as tres especies de escrupulosos que propuz ao principio; e quão «pusillanime e agitada» é a consciencia dos primeiros; quão arriscada e perigosa a dos segundos; e quão pessima e maldicta a d'estes ultimos. Resta agora a saber a qual d'estas especies pertence o escrupulo dos escribas e phariseus do nosso evangelho; e que censura merece o caso de consciencia, sobre que vieram consultar a Christo.

Os escribas e phariseus pertencem a uma quarta especie ainda mais satanica. Observação de Sancto Agostinho.

Digo que este escrupulo dos escribas e phariseus não era de alguma especie das tres referidas; mas de uma quarta especie muito peior que pessima e digna de mais infernal e diabolica censura do que cabe em significação de palavras. Era um escrupulo fingido; e debaixo d'esta ficção vinha dissimulada e encoberta uma tal maldade, e traçada e armada uma tal traição e aleivosia, que se Christo não fôra Deus, não podera escapar d'ella como homem: *Bicipiti complexione insidiantes, ut quodlibet eligens caperetur. Si licere responderet tanquam reus esset adversus populum Dei: si autem diceret non licere, tanquam Caesaris adversarius perimeretur.* A pergunta fraudulenta e traidora, diz Sancto Agostinho, vinha dividida e armada sobre dous laços compostos e tecidos com tal artificio, que se Christo escapasse de um, não podia deixar de cair no outro. A questão se resumia toda em um *Licet an non?* Se era licito ou não era licito pagar o povo de Deus o tributo a Cesar. Se dizia que

não era licito incorria a indignação do imperador, e ficava réu de lesa majestade humana. Se dizia que era licito, incorria o odio do povo, o desprezo da lei, da religião e do mesmo Deus, com que ficava réu de lesa majestade divina; e por qualquer d'estes dous crimes, ambos de primeira cabeça, sujeito á pena não só de morte, mas de morte infame, como aquelles que tanto odio lhe tinham á vida, como inveja á honra. Pelo contrario os escribas e phariseus ficariam honrados e celebrados por «varões» religiosos e sanctos, como zeladores da liberdade da patria, das immunidades da lei e do culto e reverencia de Deus; e tudo isto contra Christo e para si debaixo da capa fingida de um escrupulo. Os outros escrupulos maiores ou menores só fazem mal á consciencia propria; este dos escribas e phariseus, desprezada a propria consciencia e a propria condemnação, toda se armava contra a vida, contra a honra e tambem contra a consciencia alheia: com tal apparencia, porém, de virtude e sanctidade, que sendo forjado no inferno, parecia caido do céu. Lá faz menção o propheta de certos laços que chovem do céu: *Pluet super peccatores laqueos;* e taes eram estes d'aquelles ministros ecclesiasticos, armados contra Christo.

Ps. 10.

O escrupulo porque Herodes mandou cortar a cabeça ao Baptista. *Vide Corn. a Lap. in c. 6 Marc.*

Mas d'onde lhe acharemos exemplo para maior declaração? Tenha Deus de sua mão aos reis; porque tres que acho na Escriptura, todos tres são em palacio. Muito havia que Herodias desejava tirar a cabeça ao Baptista tambem por um *non licet;* e que traça inventaria aquella má mulher para uma execução tão abominavel como esta? A invenção concertada com Herodes não foi outra que um escrupulo muito bem fingido. No dia em que festejava os seus annos Herodes, saiu a dançar na sala do banquete a filha de Herodias. Celebraram todos os aduladores o ar, que propriamente se devia chamar desenvoltura; e o rei para encarecer o extremo do seu agrado, disse na ultima misura á menina, que pedisse; confirmando com juramento que ainda que fosse ametade do seu reino, cumpriria a promessa. Por não parecer a petição ensaiada, entrou a dançante a consultar a mãe, do que pediria: tornou a sair; e pediu a cabeça do Baptista em um prato e logo: *Volo ut protinus des mihi in disco caput Joannis Baptistae.* Ah rei, que se souberas responder, seria digna a tua resposta de se escrever com lettras de ouro! Dize que não prometteste tanto: porque um só cabello da cabeça do Baptista val mais que todo o teu reino. Mas como a fatal iguaria antes de pedida já estava guizada; *Contristatus est rex propter jusjurandum;* entristeceu-se o rei, ou mostrou-se muito triste («explica S. Jeronymo»), de haver jurado o que tinha promettido; e por escrupulo de não quebrar o juramento

mandou cortar a cabeça ao maior dos nascidos. Veiu á mesa ainda quente com o sangue o prato horrendo e sacrilego; e foi recebido sem horror, antes com lisonjas á fe da palavra e juramento real; porque vinha encoberta n'elle a vingança e tyrannia com pretexto de religião e o sacrilegio mais impio e cruel com nome de escrupulo.

O escrupulo por que Achaz não quiz pedir milagres a Deus. *Isai.* 6.

Acompanhe o de Herodes o de Achaz. Em prova de que não seria vencido da liga ou conjuração que contra elle tinham feito dous reis, cada um egualmente poderoso, mandou-lhe dizer Deus por Isaias que pedisse o milagre que mais quizesse ou do céu, ou da terra, ou do inferno. E que responderia Achaz, não menos empenhado n'esta guerra que com a coroa e a vida? *Non petam et non tentabo Dominum:* de nenhum modo pedirei; porque não quero tentar a Deus. Notavel razão ou semrazão. Se Isaias dissera a el-rei Achaz que pedisse milagres a Deus em confirmação do que lhe promettia, ainda no tal caso não era tentar a Deus; porque assim o fez Gedeão, não só uma, senão duas vezes; e Deus lhe concedeu não outros, senão os mesmos milagres que elle pedia. Mas se Deus era o que convidava a Achaz com os milagres e lhe mandava offerecer que os pedisse, em que fundava o dizer que não queria tentar a Deus? S. Jeronymo, S. Cyrillo, S. Basilio e commummente os outros interpretes dizem, que se fundava Achaz em uma tão refinada maldade, que só podia imaginar um homem tão mau e tão impio como elle. Achaz era idolatra e se pedisse os milagres a Deus e não aos idolos que os não podiam fazer, offendia aos idolos; e se Deus fizesse os milagres ou sem os fazer lhe desse a victoria, (como havia de dar, pois a tinha promettido), ficava acreditado Deus e os idolos desacreditados. E porque o mau e impio idolatra queria tirar a gloria e honra a Deus e dar as graças aos seus idolos; para não declarar a Isaias a impiedade d'estes seus pensamentos fingiu o escrupulo de que não queria tentar a Deus: *Non petam et non tentabo Dominum.* De sorte que a falta da fé, o sacrilegio da idolatria, o roubo da gloria do verdadeiro Deus e o credito e honra dos deuses falsos, tudo isto encobria e desfarçou um homem chamado rei, debaixo da capa de um escrupulo, e esse fingido. Se eu prégava em Constantinopla, grande materia se me offerecia n'este caso d'el-rei Achaz e no d'el-rei Herodes para fazer uma tremenda exclamação sobre estes escrupulos. Mas tambem não quero ir ao Egypto, nem ao palacio d'el-rei Pharaó, que era o terceiro exemplo: póde ser que tenha logar depois.

Qual o melhor remedio dos escrupulos. Pi-

VII. O que agora se segue e sómente resta para complemento da materia e a obrigacão d'este logar, é, que assim como

latos lava as mãos com uma pouca de agua.

dividímos e definímos os escrupulos, assim examinemos os remedios e qualifiquemos o verdadeiro. A maior cousa que n'este mundo intentou e executou a temeridade humana foi a morte do Filho de Deus, e nenhuma com maiores e mais conhecidos escrupulos. Quantas vezes affirmou Pilatos que nenhuma cousa achava n'aquelle homem! Quantas vezes respondeu ás instancias dos accusadores que nenhum mal tinha feito! Por isso commetteu aos principes dos sacerdotes que elles o julgassem: por isso, sabendo que era galileu, o remetteu a el-rei Herodes. Tudo isto eram escrupulos de não ser elle o que julgasse a causa de Christo: a que se accrescentou tambem a visão e recado de sua mulher: Que se guardasse de ter parte alguma nas cousas d'aquelle Justo: *Nihil tibi et Justo illi*. Sem embargo, porém, de todos estes escrupulos, podendo mais os clamores do povo que a razão, e o respeito e dependencia de Cesar, que a justiça; e prevalecendo a fraqueza, a covardia e a pusillanimidade do juiz á obrigação do officio, aqui foi o maior escrupulo de Pilatos: porque já não era sobre a duvida de condemnar ou não o innocente, mas sobre a resolução de o ter condemnado. E que remedio tomaria para aquietar a consciencia que naturalmente estava tremendo de um tão horrendo escrupulo? Tomou agua e lavou as mãos deante de todo o povo, protestando e dizendo: Eu estou innocente no sangue d'este Justo. E quantas ceremonias d'estas se tomam «como» remedios de escrupulos que não são ceremonia! Condemnava a innocencia e declarava-se por innocente! O escrupulo era o sangue do Justo; e o purificatorio da consciencia do juiz lavar as mãos com uma pouca de agua! Oh Pilatos, que ha tantos annos estás no inferno! Oh julgadores, que caminhais para lá com as almas envoltas em tantos e tão graves escrupulos de fazendas, de vidas, de honra; e cuidais, cegos e estupidos, que essas mãos com que escreveis as tenções e com que firmais as sentenças, se podem lavar com uma pouca de agua! Não ha agua, que tenha tal virtude. A agua benta lava os peccados veniaes, a agua do baptismo lava dos veniaes e mortaes passados: mas nem a agua que corre dos olhos, que é a mais poderosa de todas, póde lavar d'estes escrupulos: porque sem restituição dos damnos que causais, não póde haver contrição verdadeira.

Matth. 27.

Luthero socega os escrupulos embebedando-se.

Reprovado o remedio de Pilatos contra os escrupulos segue-se o de Luthero «não menos digno de reprovação» Luthero por uma causa e vingança tão leve como todos sabem, rebellou-se contra a Egreja e fez-se não só herege, senão heresiarcha. Mas como era grande lettrado e fôra creado em uma reli-

gião tão sancta, eram tambem continuos os escrupulos com que a consciencia o accusava e fortissimamente lhe combatia a alma. E que remedio tomava Luthero para se livrar da bateria da afflicção e da tristeza que naturalmente causam os escrupulos ainda nas mais depravadas e obstinadas consciencias? Bebia valente e alegremente: perturbava-se-lhe o juizo; e posto fóra de si tinha paz comsigo. *Cum acres ob novatam fidem et adinventam haeresiam pateretur conscientiae scrupulos, ut eos vino sopiret vel extingueret quotidie perpotabat et pergraecabatur strenue: ut videretur semper vinolentus et temulentus*: são palavras de Cotleo na vida do mesmo Luthero. E porque os seus discipulos e sequazes, como antigos filhos da Egreja catholica, tambem não podiam aquietar n'aquella nova doutrina, e padeciam os mesmos escrupulos, diz o mesmo auctor que quando recorriam a Luthero com as suas duvidas, elle os brindava logo e com o mesmo antidoto lhes carregava junctamente e alliviava o cerebro: *Atque suae perfidiae asseclis, qui similibus conscientiae scrupulis exagitabantur, idem remedium suggerebat; ut scilicet scrupulos vino obruerent.*

Depois de ouvida uma tão admiravel historia, quasi dos nossos tempos, em terras d'antes catholicas, parece-me que todo este auditorio está dando graças a Deus por nos vermos livres por mercê sua, tanto de similhante escrupulo, como de similhante remedio. Do escrupulo; porque todos somos fidelissimos filhos da sancta madre Egreja; e do remedio; porque aos portuguezes as fontes são as que matam a sede e não as vides. Comtudo em outras materias não poucas, nem pouco graves, vejo entre nós viver muito leves e muito alegres sem nenhum escrupulo algumas almas e não as menores, as quaes pelo que obram ou teem obrado assim no reino como fóra d'elle. deveram andar muito tristes e muito escrupulosas. Aquellas dividas, que se não pagam; aquellas violencias e dammos d'ellas; aquelles votos injustos, e suas consequencias; aquellas informações falsas, antepostas ao merecimento verdadeiro; aquellas riquezas adquiridas não sei como, ou como todos sabem; não são materias bastantes para causar grandes escrupulos? Pois como é possivel que o não façam homens christãos e que se confessam e commungam? É porque lhes diverte o escrupulo e porque lhes perturba e tira o juizo não o remedio de Luthero, mas outro muito similhante.

Muitos portuguezes para socegar os escrupulos embebedam-se de outro modo.

Falla com a côrte de Samaria o propheta Isaias; e chama-lhe com esta mesma excepção *Ebria et non a vino*. Não é só o vinho, senhores, o que embebeda, E se me extranhais a palavra, perdoae-me a licença, como a quem veio, ha poucos dias, de

Não é só o vinho o que embebeda: mas tambem os vicios.
Isai. 51.

côrtes muito auctorizadas, onde nem a palavra nem a significação se extranha. E basta que usem d'ella os sanctos e prophetas e o mesmo Deus, para que não sejam tão mimosos ou tão escrupulosos os nossos ouvidos. «Não só fazem uso d'ella o propheta Isaias, o propheta Joel, S. Paulo e Salomão; mas» Job (que é mais) fallando dos principes e seus conselheiros, debaixo da censura do mesmo nome, diz que permitte Deus n'elles esta alienação do juizo, para que não acertem com o que devem fazer: *Palpabunt quasi in tenebris et non in luce, et errare eos faciet quasi ebrios.* Assim que não é só o vinho que embebeda; embebeda a soberba, embebeda a ambição, embebebeda a cubiça, embebeda a luxuria, embebeda a ira, embebeda a inveja, e até aos que não teem que invejar embebeda a mesma fortuna. Por este modo sem perder a fé, bebendo-se docemente os vicios, se adormentam n'elles os escrupulos e se divertem os estimulos da consciencia como fazia Luthero; na mocidade esperando pela velhice; na velhice não crendo na morte; e na mesma morte por amor da mesma familia que cá fica, levando o escrupulo atravessado na garganta, e sendo levado d'elle aonde já não teem remedio.

Isai. 28.
Joel. 1.
1. Cor. 11.
Prov. 20.
Job. 12

O verdadeiro remedio fazer com sinceridade o que os escribas e phariseus fizeram com fingimento

IX. Excluidos estes dous, que só seus auctores podiam chamar remedio, taes como elles; segue-se receitar os verdadeiros e qualificados. Mas estes «aonde» os iremos buscar? Será d'onde menos se espera. Digo que o unico remedio que tem ou podem ter os escrupulos de todos os tres primeiros generos e tambem do quarto, é fazer com sinceridade e verdade o que os escribas e phariseus fizeram com fingimento. Duas cousas observaram os escribas e phariseus n'este caso: a primeira, que não quizeram, sendo lettrados, resolver o seu escrupulo por si mesmos. A segunda que buscaram para a resolução o Sujeito da maior sabedoria e virtude mais indipendente e isento de todos os respeitos humanos, como elles mesmos confessaram.

Nenhum homem se deve fazer juiz dos seus escrupulos. Injustiça de Pharaó para com os dois presos, companheiros de José.

Primeiramente nenhum homem (e muito menos os maiores) se devem fazer juiz dos escrupulos da sua consciencia, pelo grande perigo a que se expõi de errar. Entre os egypcios todos os seus mysterios se declaravam por geroglyphicos; e é notavel a nosso proposito a propriedade do que agora direi. Conta a historia sagrada que estavam presos no carcere d'aquella côrte dous officiaes maiores da casa real, um o copeiro-mór, outro, que não tem similhante officio no palacio dos nossos reis, mas responde ao veador da casa real. De ambos diz o Texto que tinham peccado contra el-rei seu senhor; e posto que do mesmo texto não conste qual fosse o peccado, é tradição dos hebreus que a culpa do copeiro foi vêr el-rei no vinho da taça um mos-

quito e a do veador achar com os dentes no pão uma pedrinha. Veio, pois, o dia em que o mesmo rei fazia annos, e estando á meza com muitos convidados, mandou que o copeiro viesse exercitar n'ella o seu officio e que o veador o pozessem na forca. Quem esperara tal sentença e em tal dia? Mas não ha reino sem o seu Herodes; nem Herodes sem morte de innocentes. Se combinarmos as culpas, não ha duvida que a do copeiro foi maior; e a do veador, se culpa se póde chamar, tão merecedora de desculpa e de perdão que com nenhum cuidado ou vigilancia se podia evitar. Aquella pedrinha, se foi da eira, como «podia» ser, da eira passou ao celleiro; do celleiro á joeira; da joeira ao crivo, do crivo ao moinho, do moinho á peneira; da peneira á massa; da massa ao pão; e do pão á bocca do rei, sem a poder vêr o pobre veador. «Em todo caso era sempre mais difficil vêr a pedrinha do que o mosquito.» Pois se o copeiro por defeito tão manifesto que o viram os olhos do rei não desmereceu ser restituido, o veador pelo que não podia vêr nem adivinhar, porque o condemna o mesmo rei á forca? Eu não vejo nem sei a razão: só digo, que livre Deus ao criado, ou vassallo, não de que veja o rei os seus defeitos, ainda que grandes: mas de que os seus, ainda que minimos e sem culpa, os tome o mesmo rei entre os dentes.

A pedrinha do copeiro exprime jeroglyphicamente esta verdade. Não ver nos seus olhos uma trave e vêr nos do irmão um argueiro.

Esta é a resposta historial, vamos á jeroglyphica. Que significa jeroglyphicamente aquella pedrinha? Com toda a propriedade do nome e da etymologia significa o escrupulo, porque escrupulo quer dizer pedrinha. E porque basta uma pedrinha mettida entre o sapato e o pé para que o pique e magôe de modo que não possa dar passo sem molestia; d'aqui se tomou em metaphora e etymologia de se chamarem escrupulos aquelles estimulos e molestias da consciencia com que se affligem e molestam os escrupulosos. Sendo, pois, a pedrinha jeroglyphica do escrupulo, se o rei do Egypto mandára julgar o caso dos dous creados por José, ou outros ministros rectos, não ha duvida que o veador havia de sair absolto e julgado por innocente. Mas como elle, estimulado da pedrinha que lhe tocou nos dentes quiz ser juiz d'aquelle escrupulo; por isso julgou injustamente por culpa mortal o que verdadeiramente o não era; e condemnou no mesmo acto a seu proprio juizo, julgando a do companheiro por venial, pois lhe deu perdão. Oh quão enganados andam os juizos e muito mais os affectos humanos em pesar e medir escrupulos! De um defeito alheio leve e levissimo grande escrupulo! E dos peccados proprios ainda que sejam as maiores maldades e injustiças nenhum escrupulo! *Quid autem vides festucam in oculo fratris tui et trabem in oculo tuo non*

Matth. 7.

vides? Como é ou póde ser, diz Christo, que não vendo tu, ó hypocrita, nos teus olhos uma trave, vejas nos de teu irmão um argueiro? Tal modo de chimera ninguem a inventou; com olhos junctamente de lince e de toupeira! De toupeira para não verdes em ti os vicios grandes e enormes; e de lince para notardes e descobrirdes nos outros os atomos e argueiros que não merecem nome de vicios! De um argueiro que não pesa a quarta parte de uma onça, tantos escrupulos! E de uma trave quadrada de cem pés, que póde ser quilha a uma nau do India, nenhum escrupulo! E como n'este medir e pesar, ou accrescentando ou diminuindo, não só os juizos e affectos, mas até os olhos proprios, erram e se enganam tanto; se a tenção dos escribas e phariseus não fôra tão preversa e fingida, é sem duvida que o dictame era muito verdadeiro, acertado e pendente em não quererem elles, posto que lettrados, ser os arbitros e juizes do seu escrupulo: *Licet censum dare Caesari an non?*

O que os escribas e phariseus disseram a Christo exprime as qualidades do medico que nos póde sarar dos escrupulos.

X. Quanto á eleição da Pessoa, que escolheram para a segurança de suas consciencias, (se ellas foram sinceras e bem intencionadas) nenhuma houve nunca, nem podia haver, em que concorressem tão altamente todas as qualidades e supposições necessarias para aquelle juizo, como as pintou a sua lisonja e enfeitou o seu engano. As palavras que disseram foram estas: *Magister, scimus quia verax es et viam Dei in veritate doces, et non est tibi cura de aliquo: non enim respicis personam hominum: dic ergo nobis, quid tibi videtur.* Se o evangelista, ou o mesmo Christo, quizera descrever ou definir, não digo um sujeito humano, mas um oraculo do céu e da verdade, que nas duvidas ou escrupulos de consciencia se deva consultar com segurança, e aquietar e socegar a alma com seu parecer; com nenhumas outras clausulas se podera formar a definição, nem mais sérias, nem mais solidas, nem mais exactas, nem mais sanctas. Nem eu tenho que tirar ou accrescentar, nem que dizer n'ellas.

Os que verdadeiramente querem sarar não devem recorrer a outro.

Todo o escrupuloso, pois, que verdadeiramente quizer sarar d'esta tão molesta iufermidade (digo verdadeiramente, porque os que de verdade quizeram adoecer, raramente teem verdadeiro proposito de sarar: não querem quem os cure, senão quem lhes dê certidões de saude); mas, se verdadeiramente, como dizia, querem estar seguros d'ella, assim para a vida como para a morte; eu não lhes receito o remedio, senão o medico. Seja tal qual os escribas e phariseus o pintaram em Christo. Ouçamos e ponderemos as clausulas uma por uma.

Com o texto do evangelho notam-se as

Magister. A primeira clausula ou condição é, que seja douto e não mestre pelos gráus, nem ainda pelas cadeiras da univer-

sidade, senão pela sciencia e theologia solida e bem fundada; e, onde ella tiver opinião, pela mais segura; e que não deixe a salvação e eternidade em duvida. *Scimus quia verax es*: segunda condição, que não seja verdadeiro só pela verdade, senão pela veracidade: isto é que não só saiba a verdade para a conhecer e distinguir, senão que tenha valor e constancia para a dizer claramente e não a dissimular. *Et viam Dei in veritate doces*: terceira condição, que não só crêia, mas ensine, que para o céu não ha mais do que um caminho, e estreito, como ensinou Christo; e não dous que é caminhar as almas com um pé para o céu e com outro para o inferno. *Et non est tibi cura de aliquo*: quarta condição que não tenha outro cuidado, nem outra pretenção, ou dependencia; porque no tal caso tractará mais de agradar ao conselheiro de quem depende, que de fundar bem o conselho, que se lhe pede. *Non enim respicis personam hominum*: quinta e ultima, que se não deixe levar dos respeitos humanos, nem olhe para quem é o homem que o consulta, ou a quem póde tocar a verdade da sua resolução, ainda que seja o mesmo Cesar; e este tão injusto e cruel como Tiberio, para que o tema.

qualidades de medico que se acham em Christo.

Finalmente depois de cada um eleger um tal medico e lhe declarar os seus escrupulos sem encobrir, ou dissimular circumstancia alguma, que o possa aggravar ou favorecer; a doutrina commum de todos os sanctos, de todos os theologos e de todos os mestres da vida espiritual (não beatos ou beatas, que são a peste da salvação e das consciencias) é, que com a resolução que lhe der a pessoa consultada, tal qual fica dicto, e com a confissão geral (se por seu conselho for necessaria) se aquiete de tal sorte na consciencia, como se por uma revelação do céu fôra certificado de estar seguro. Não quero citar ou allegar mais auctores que dous, os que mais exactamente tractaram esta materia, sancto Antonino e o grande cancellario de Paris, João Gerson. Sancto Antonino depois de ensinar o que tenho dicto, confirma a sua doutrina com a resposta de um religioso de S. Domingos, defuncto, que appareceu a outro muito fatigado de escrupulos; e perguntado, que remedio tomaria para se livrar d'aquellas molestias da sua alma respondeu: *Consule discretum et acquiesce ei:* consultae um confessor discreto e aquietae-vos com o que elle vos disser. Com o mesmo conselho curou Gerson outro religioso, muito escrupuloso da ordem de Cister. E como replicasse outro: se eu tivesse um confessor tão douto e tão sancto como S. Bernardo, tambem eu me aquietára; responde e conclúi Gerson: *Quisquis ita dicis et sapis, erras et deciperis. Debes ergo sibi obedire non ut homini sed*

Em materia de escrupulos cada um deve aquietar com a resolução de seu confessor. Sancto Antonino, Gerson. Caso de um religioso dominico.

ut Deo jubenti, cujus vices gerit: tu, escrupuloso, que isso dizes, e assim o intendes, erras e te enganas: porque a esse confessor, posto que não seja tão sancto. nem tão douto, deves obedecer, não como a homem senão, como a Deus, que assim o manda, e em seu logar te guia.

A necessidade dos tributos fica para outro sermão.

Agora determinava eu tractar da materia em que se fundava o escrupulo dos escribas e phariseus, que é a dos tributos dos Cesares. Mas fique para sermão particular sobre o mesmo thema: *Licet tributum dare Caesari an non*? *

(Ed. ant. tom. 7.° pag. 52, ed. mod. tom. 7.° pag. 124).

* Um sermão de Vieira sobre este argumento seria certamente de muita instrucção e proveito; porém nas suas obras o não achamos, nem sabemos se o fez.

Nota do compilador.

SERMÃO DA SANCTA CRUZ *

PRÉGADO NA FESTA DOS SOLDADOS NO ANNO DE 1638, ESTANDO NA BAHIA A ARMADA REAL COM MUITA DA PRIMEIRA NOBREZA DE AMBAS AS COROAS

Observação do compilador.—Este sermão parenetico—panegirico é um verdadeiro brilhante por disposição e proporção de partes, elegancia de estylo e esplendor de doutrina. Póde servir de modelo, sobretudo por não ser muito extenso.

Erat homo ex pharisaeis, Nicodemus nomine, princeps judaeorum, Hic venit ad Jesum nocte et dixit ei: Rabbi. Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto; ita exaltari oportet Filium hominis.
S. Joan. 3.

Tornando-se a celebrar a festa da Sancta Cruz, bem fôra recordar o que devemos áquelle sagrado Lenho.

Vinte e septe dias faz hoje, que com solemnidade universal celebrou a Egreja catholica a festa da Sancta Cruz. E como se para um mysterio tão alto fosse pouco tempo um dia e pouca celebridade uma festa, a torna hoje a celebrar com repetida veneração esta nossa egreja. Aquella solemnidade primeira e universal foi um devido reconhecimento e uma agradecida recordação das obrigações antigas, que a nenhuma outra memoria depois de Christo as deve o mundo maiores. Estas são as d'aquelle sagrado Lenho, que foi a tábua em que do naufragio de Adão se salvou o genero humano e o instrumento gloriosissimo, com que o Filho de Deus feito homem obrou nossa redempção.

Mas é necessario deixar o mais fino pelo mais util.

E posto que na devida ponderação d'ellas, poderamos tambem empregar este segundo dia e muitos dias e sempre ficar devendo; talvez se ha de deixar o mais fino pelo mais util. Bem fôra que podera mais com os homens a memoria que a esperança: mas que melhor razão de não ser assim, que ter dicto que *bem fôra?* É esta uma fidalguia de corações que se acha em muito raros; e quem préga ha de fallar para todos.

O maior interesse é uma victoria ultima dos nossos inimigos.

Por esta causa havendo de dizer hoje alguma cousa da sagrada Cruz, que sempre será muito pouco, deixo os beneficios passados, que lhe devemos agradecer, por tractar sómente dos

interesses presentes, que da virtude da mesma Cruz, ou de sua omnipotencia podemos esperar. O maior interesse e a mais universal felicidade, que hoje podia succeder a este estado, se consultarmos os desejos de todos, as esperanças e ainda as desesperações de muitos, não ha duvida que é uma victoria ultima de nossos inimigos e uma liberdade geral d'este ou captiveiro, ou oppressão, que os livres e os captivos, todos padecem. Este é o maior interesse que podia ter o Brazil; e este havemos de descobrir hoje na sancta Cruz, cuido que com tanta occasião no evangelho, como no desejo. A graça não temos que ir longe a buscal-a, porque na Cruz temos cinco fontes d'ella; e ao pé da Cruz a soberana Intercessora que nol-a alcance. *Ave Maria.*

Commento e applicação geral da primeira parte do thema.

II. *Erat homo ex pharisaeis Nicodemus nomine, princeps judaeorum. Hic venit ad Jesum nocte et deixit: Rabbi.—Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto; ita exaltari oportet Filium hominis.* São estas as primeiras e ultimas palavras do evangelho, as quaes, posto que tão differentes na ordem e tão distantes no logar, admiravelmente se correspondem e unem no sentido e nos mysterios. *Erat homo ex pharisaeis Nicodemus nomine, princeps judaeorum.* Diz o Evangelista que havia um homem d'entre os phariseus; chamava-se Nicodemos e era grande fidalho. Antes de dizer o chronista sagrado que era fidalgo, disse primeiro que era homem, «e merece advertencia;» porque ha algumas fidalguias tão endeusadas que é necessario que nos digam os evangelistas e que se creia de fé que tambem estes idolos de si mesmos são homens. Este homem, pois; este fidalgo, este Nicodemus veiu a fallar com Christo de noite: *Hic venit ad Jesum nocte;* e não veiu de dia por medo que tinha do povo. De dia contemporizava com o mundo, de noite tractava com Christo e mais não era christão. Quantos ha que se prezam muito de o ser e os dias e mais as noites, tudo lhes leva o diabo? O fim d'esta visita, posto que «feita com medo,» não era sem a luz «da divina graça» ou desejo d'ella; porque era para se aconselhar, perguntar e ouvir a doutrina do Mestre divino: *Et dixit ei: Rabbi.* Até aqui a primeira parte do nosso thema: quando fôr tempo sairá a segunda.

Applicação particular de cada palavra, ao assumpto da esperada victoria. A nobreza do sangue é disposição para ella. Historia de David.

III. *Nicodemus nomine.* Este nome Nicodemus, diz a glossa ordinaria, que quer dizer o *vencedor do povo.* Grande titulo! E se bem reparamos nas qualidades com que o descreve o evangelista, grandes «excellencias» tinha Nicodemus para vencedor. Primeiramente era não só nobre, mas da primeira nobreza, *Princeps judaeorum;* e ser illustre; quem vai á guerra, é levar a metade da victoria ganhada. Não sabe vencer quem não sabe «mostrar brio»; e mal o póde «mostrar» quem o

não tem. Quando David saiu ao desafio com o gigante, voltou o rosto el-rei Saúl para Abner seu capitão general, e perguntou-lhe: *Ex qua stirpe est hic adolescens?* De que geração era aquelle moço? Perguntou-lhe pela geração, dizem os rabbinos, que refere Abulense; porque tão briosos alentos e tão animosa resolução em um pastor, pareceu-lhe ao rei, que não podiam nascer senão de mais altas raizes. Viu-o atrever-se intrepidamente a um perigo tão manifesto; e para julgar se sairia vencedor, quiz-se informar se era honrado. Tinha-lhe dicto David (apertemos mais o poncto) tinha-lhe dicto David que despedaçava ursos e desqueixava leões; e não se aquieta com tudo isto Saúl: pergunta-lhe pela geração, porque era melhor fiador de haver de levar ao cabo tão grande empreza o sangue que tivesse herdado dos paes, que o que derramava das feras.

Ainda que os altos nascimentos não são necessarios para ter valorosos procedimentos.

Não quero dizer com isto que seja necessario descender dos godos para ser valente; que isso sería contradizer a razão e negar a experiencia. A espada que faz a guerra e dá as victorias, não é fabricada do ouro, senão do ferro; não do metal mais resplandecente e illustre, senão do mais duro e forte. Para ser tão valoroso como Alexandre, não é necessario ser filho de Philippe de Macedonia. O testamento ou morgado «do valor» não exclúi a rudeza dos nomes nem a vulgaridade dos appellidos. Basta ser Gonçalo e ser Fernandes para ser grã-capitão. Honrada cousa é que a valentia venha por herança e por continuação de muitas edades; mas talvez póde vir de tão longe, que chegue já muito cançada. Quantos do arado subiram ao triumpho; e do triumpho tornaram outra vez laureados ao arado! As lentilhas deram a Roma os Lentulos, e as favas os Fabios. O campo para elles era campanha, e a agricultura, diz Plinio, arte e exercicio militar: porque na ordem com que dispunham as plantas apprendiam a ordenar e governar os exercitos: *Sive illi eadem cura semina tractabant, qua bella; eademque diligentia arva disponebant, qua castra.* Pastor tinha sido o terror dos mesmos romanos, o nosso portuguez Viriato; e tanto que trocou o cajado com o bastão, dos seus soldados soube fazer leões e dos inimigos ovelhas. Assim que não são totalmente necessarios os altos nascimentos para ter valorosos procedimentos.

Comtudo a nobreza faz o valor mais certo.

Mas o que só quero dizer é que na nobreza está o valor mais certo e seguro. O que não é nobre, póde ser valoroso, o nobre tem obrigação de o ser; e vai muito do que posso por liberdade ao que devo por natureza. As aguias não geram pombas; e se alguma vez a natureza produzisse um tal monstro, a pomba se animaria a ser aguia, por não degenerar dos que a geraram. Não ha espora para a ousadia, nem freio para o te-

mor, como a memoria do proprio nascimento, se é de generosas raizes.

O anjo que anima a S. José; e Christo que se anima a si mesmo. *Matth.* 1.

Estava temeroso S. José e temeroso com razão; por que era materia de honra. Appareceu-lhe um anjo e disse-lhe: *Joseph, fili David, noli timere:* José, filho de David, não temas. A descendencia de David podia estar tão escurecida na memoria de José, quanto vai do sceptro real aos instrumentos mechanicos que elle manejava. Mas quando o anjo o exhorta a que não tema, lembra-lhe que é da geração de David; porque, como diz o douto Palacio, com nenhuma outra consideração mais efficazmente lhe podia tirar o temor, que com a memoria de que era descendente de um homem que nunca soube temer. O mesmo Christo Redemptor nosso quando houve de tirar a capa para entrar n'aquella ultima batalha em que venceu a morte e o inferno, diz o evangelista João, que se lembrou primeiro de quem era e d'onde vinha: *Sciens quia a Deo exivit et ad Deum vadit, ponit vestimenta sua.* Lembrou-se da geração altissima de que procedia; lembrou-se de que era Filho do Monarcha universal de todo o creado; e como entrou com esta lembrança na batalha, ainda que o amor da vida lhe fez seus protestos no Horto, por fim pelejou animosissimamente; e posto que com tanto sangue, triumphou e venceu. Eis aqui, senhores, quão bem fundadas temos as esperanças da victoria que havemos mister; e esta é a primeira boa qualidade que concorria em Nicodemus para o titulo de vencedor que traz no nome: *Victor populi.*

Joan. 13.

Outra boa qualidade para vencer o tractar, como Nicodemus, com Jesus no retiro da noite.

IV. A segunda boa qualidade e muito melhor que a passada, é a que logo se segue: *Et venit ad Jesum nocte*, que veiu Nicodemus a tractar com Jesus de noite. Os dias fel-os Deus para as occupações do corpo, as noites para os retiros da alma: os dias para o exterior e visivel e por isso claros; as noites para o interior e invisivel e por isso escuras; os dias para nós, as noites para si. Assim repartia Nicodemus o tempo; «e se o não fizera por medo dos judeus, fôra digno de maior elogio.» Os dias dava-os ás obrigações do officio, como pessoa publica; e para satisfazer ás mesmas obrigações com acerto e bom successo, gastava as noites com Deus. Oh se a nossa milicia e os cabos maiores e menores d'ella seguissem este exemplo em parte das noites! Que confiadamente me atreveria eu a lhe prometter que para o feliz e desejado fim de tantas prevenções e apparatos bellicos, não faltaria Deus em lhe dar um bom dia!

O mesmo exemplo deram Josué e D. Affonso primeiro.

Nenhum general teve n'este mundo maior nem melhor dia, que Josué, governador das armas de Israel na conquista da terra dos cananeos. Deu batalha aos madianitas, rotos já e fugitivos, quando o sol principiava a se esconder no occaso; e para

que podesse proseguir e acabar a victoria, como se o sol fôra soldado seu, mandou-lhe Josué que parasse; que nem antes, nem depois, houve tão grande dia, grande na duração, grande na victoria, grande no imperio do general; e mais que grande na obediencia do mesmo Deus á voz de um homem: *Obediente Deo voci hominis.* Mas porque deu Deus a Josué um tal dia? Porque o tal Josué dava a Deus as noites. Antes de dar principio a toda aquella conquista nos arrebaldes do cidade de Jericó, saía Josué de noite ao campo a orar, como costumava; quando subitamente viu deante de si um vulto armado de armas brancas com a espada desembainhada na mão. *Noster es an adversariorum?* Sois nosso ou dos contrarios? Perguntou, sem o perturbar a visão; e S; Miguel, que era o armado, respondeu: Eu sou o principe dos exercitos de Deus, que em seu nome vos venho a assistir e ajudar, para que em tudo o que emprehenderdes sejais vencedor. Que muito logo, que Deus désse um dia tão grande e tantos outros dias, a quem assim os partia com Deus? Maior razão foi a do nosso primeiro Affonso na noite d'aquelle dia em que amanheceu rei; pois viu e ouviu ao Senhor dos anjos, que de sua bocca lhe deu o titulo, e lhe assegurou o reino. Mas que fazia então o valoroso e devoto principe? Vigiava e orava na sua tenda; e na historia sagrada de Gedeão, como em espelho, se estava vendo a si e lendo a sua mesma victoria.

Não podem esperar bons dias os que passam as noites com o diabo. Covardia de David depois do seu peccado. Sancto Ambrosio.

Que dirão aqui muitos capitães com nome de christãos, ou sejam dos menores, ou tambem (que póde ser) dos maiores? Que dias pódem esperar de Deus, se dão as noites ao diabo? Gastar as noites com Dalila e de dia ser Samsão, ainda que seja levar a victoria pelos cabellos, só por milagre será possivel. Fugia David de seu filho Absalão. Vêde quem foge e de quem. Foge de um rapaz e não lhe póde fazer rosto, nem esperal-o de cara a cara aquelle que, em menor edade que a sua, matava gigantes; e foge acompanhado de tres legiões de soldados, que o mesmo Texto chama fortissimos, aquelle que, só, alcançou victoria, que grandissimos exercitos não poderam vencer. E quem visse a David não retirar-se por modo honesto, senão fugir tão decomposta e declaradamente, se lhe perguntasse de quem fugia e porque; que responderia David? Creio que, assim como não teve rosto para aguardar, assim não teria bocca para responder. Mas responde por elle Sancto Ambrosio: Foge de Absalão David, aquelle que por nome e por antonomasia era o valente; porque seu peccado de valente o fez fraco, de animoso o fez covarde, de guerreiro o fez imbelle: *Fugit David a facie Absalom, David, idest manu fortis, quia pecca-*

tum illum imbellem fecit. Olhou para uma mulher que não era sua e este só olhar lhe quebrantou o valor e o animo. Deixou-se vencer de seu appetite, por isso não pôde resistir a um tão desegual inimigo: deixou de temer a Deus, por isso temeu a quem não chegava a ser homem.

A justiça dos capitães dá animo aos seus soldados; a injustiça o dá aos seus inimigos. Isidoro Pelusiota.

Tendo a flôr da nossa armada deante dos olhos, não lhe posso dever n'este passo um grande documento de Sancto Isidoro Pelusióta. Vai instruindo o sancto a um principe o como ha de alcançar victoria de seus inimigos (que para estes preceitos militares não é necessario professar as armas) e diz assim: *Si hostes vincere cupis, Dei metu exercitum ducito.* Se quereis, senhor, alcançar victoria, fazei capitão dos vossos exercitos o medo de Deus. Parece paradoxo, para vencer fazer capitão o medo. Mas o mesmo sancto dá a razão do seu dicto; e não por um, senão por dous fundamentos. O primeiro, porque o temor de Deus que consiste na observancia da sua lei e na boa consciencia dos soldados, não só faz pelejar com valor que não basta para vencer, mas com valor e ventura: com valor, porque quem tem boa consciencia, não teme a morte; e com ventura; porque quem teme e obedece a Deus, ajuda-o Deus: *Justitia enim hoc affert, ut quis strenue et feliciter pugnet.* Este é o primeiro fundamento da nossa parte: o segundo é da parte dos inimigos e não menos verdadeiro: *E contrario injustitia nostra hostium est auxilium.* Oh que divinas palavras! E pelo contrario conclúi o sancto, se ao nosso exercito faltar o temor de Deus e em lugar da obediencia de sua lei houver offensas da mesma lei e do mesmo Deus; tão fóra estará de nos defender a nós, que será o maior soccorro dos inimigos: *Injustitia nostra hostium est auxilium.* Oh palavras, outra vez, verdadeiramente divinas! Cuidamos que os soccorros do inimigo só lhe vem da Hollanda, e enganamo-nos. Tambem lhe vem de Lisboa, e vão da Bahia. Para saber se veio soccorro de Pernambuco não temos necessidade de mandar espias á campanha. Metta cada um a mão na consciencia; e se acharmos que os peccados, por que Deus nos castiga, continuam e não teem emenda, intendamos que não só tem soccorro o inimigo, mas tão poderoso e invencivel que o não poderemos contrastar. É caso o que agora direi que me faz tremer todas as vezes que o leio.

O peccado de Acham soldado de Josué, causa de uma grande derrota dos israelitas.

Entrou Josué á conquista da terra de Promissão com tão felizes principios que a cidade de Jericó, que era das mais fortes fronteiras d'aquella dilatada provincia, ao tocar sómente das trombetas israeliticas, como se os muros foram racionaes, começaram a tremer, as pedras a se desencaixar, as ameias a cair, e tudo em um instante esteve por terra. Alcançada esta

milagrosa victoria com universal terror e assombro dos palestinos, marchou o exercito para Hay, outra cidade alem do Jordão; e sabido pelos exploradores, que bastavam dous mil homens para a render, mandou o prudente capitão, que fossem tres mil. Foram; e apenas tinham intentado o assalto, quando voltaram fugindo com as mãos nos cabellos; mas não voltaram todos, porque muitos ficaram mortos no campo. Que vos parece que faria Josué n'este caso? Rasga as vestiduras, prostra-se por terra deante de Deus: Senhor, Senhor, que é isto que vejo, que novidade, que castigo? Não é vossa Majestade a que me mandou fazer esta guerra! Não é vossa infallivel Verdade a que me prometteu que venceria? Pois como, seguro eu da mesma promessa, vejo agora fugir os meus soldados; e que antes de pelejar tornam, os que poderam tornar, desbaratados e vencidos com tanta affronta e infamia d'este povo vosso? Oh quanto melhor nos fôra não ter passado o Jordão! Quanto melhor nos fôra não ter posto os pés n'esta terra; pois nella haviamos de perder a honra, e se haviam de frustrar assim nossas esperanças! Isto dizia Josué; e o diziam e lamentavam todos os anciãos do povo com as cabeças cobertas de cinza; quando Deus appareceu ao general e respondeu á sua queixa d'esta maneira: *Peccavit Israel et praevaricatus est pactum meum: nec poterit stare contra hostes suos, eosque fugiet.* Josué, peccou o povo e por isso foram vencidos os teus soldados; e desengana-te: que assim como agora fugiram estes tres mil, assim hão de fugir todos, se os mandares continuar a conquista. Pareceu-me n'este passo, e assim parecerá a todos, que teriam os israelitas levantado outro idolo, como no deserto, ou commettido universalmente algum sacrilegio, não menos horrendo: porque um castigo tão subito e tão extraordinario não podia cair, senão sobre algum peccado atrocissimo; e esse muito geral, em que todos fossem cumplices. Lêde, porém, o Texto; e achareis que em todo aquelle grande povo não tinha havido outro peccado mais, que um facto de um soldado, chamado Acham; o qual se aproveitara de alguma cousa dos despojos de Jericó contra o preceito em que Deus tinha mandado queimar toda a cidade, e quanto n'ella havia. Assim o declarou expressamente o mesmo Deus: *Filii Israel praevaricati sunt mandatum: nam Acham tulit aliquid de anathemate.* Notae aquelle *aliquid*, alguma cousa: porque foi muito pouco o que o soldado tomou. Pois por um só peccado, e de um só homem, e em uma materia quasi leve, permitte Deus que fujam tres mil soldados; e affirma que do mesmo modo havia de fugir todo o exercito, que constava de seiscentos mil? Sim: para que vejamos todos, se temos ra-

zão de temer, e quão mal fundadas são as esperanças, com que nos promettemos grandes victorias, onde ha tantos peccados e tão pouca emenda. Não nos fiemos em armadas, nem em exercitos. Ainda que as armadas fossem de cinco mil naus, e os exercitos de cinco milhões de soldados, como os de Xerxes, todo este apparato nada importaria, como não importou então, para segurar a empreza. Deus é o que dá e tira as victorias; e só as podem esperar com confiança os que pela emenda dos peccados e observancia de sua lei o tiverem propicio. Não fôra Nicodemus Nicodemus, isto é, vencedor do povo, se assim o não fizera. E que fazia? Para ser digno de tal nome, procurava não só ter propicio a Christo, mas insinuar-se no tracto familiar do mesmo Senhor, empregando n'este cuidado as horas mais livres de todos os outros, quaes são as da noite: *Hic venit ad Jesum nocte.*

Terceira disposição para vencer é pedir conselho. Aphorismo de Cassiodoro. Nicodemus, ainda que mestre, buscava a Christo para o consultar.

V. Ainda tinha outra boa qualidade Nicodemus; que tantas são necessarias para o nome de vencedor: *Et dixit illi: Rabbi:* o fim para que vinha buscar a Christo, era para o consultar e ouvir como Mestre. Mestre era tambem Nicodemus, *Tu es magister in Israel,* e n'esta reflexão de, sendo mestre, vir buscar outro Mestre, consistia o ser bem fundado e não vão o nome que tinha. O maior perigo e perdição da guerra é cuidarem os doutores d'esta arte, que sabem tudo. Os sabios em qualquer faculdade, mais sabem ouvindo que discorrendo; e mais acompanhados que sós: *Meliores aestimantur qui soli non omnia praesumunt.* Diz o grande politico Cassiodoro, que sempre foram estimados por melhores os que de si só não presumem tudo. Já se a presumpção do saber se ajuncta á soberania do poder. como em Nicndemus que era mestre e principe; n'estes dous resveladeiros está certo o precipicio e a ruina. Para conseguir effeitos grandes, e para levar ao cabo imprezas difficultosas, mais segura é uma ignorancia bem aconselhada, que uma sciencia presumida. A primeira victoria para alcançar outras muitas é sujeitar o juizo proprio, quem não é sujeito ao mando alheio.

Foi assim que Alexandre Magno se fez senhor do mundo.

Perguntado Alexandre Magno com que industria, ou com que meios em tão breve tempo se fizera senhor do mundo, diz Estrobeo, que respondera estas palavras: Com os conselhos, com a eloquencia e com a arte de governar exercitos. No ultimo logar pôz a arte e no primeiro o conselho, porque o conselho é a arte das artes e a alma e a intelligencia do que ella ensina. A arte prescreve preceitos em commum, o conselho considera as circumstancias particulares: a arte ensina o que se ha de fazer, o conselho delibera quando,

como e por quem. Vegecio dispoz os sitios e batalhas de longe; o conselheiro tem deante dos olhos o exercito inimigo, e o proprio, os capitães, os soldados, o numero, a nação, as armas e até a occasião do terreno, do sol e do vento, que se não vêem senão de perto. Os levitas que quizeram imitar as façanhas dos Machabeus, porque pelejaram sem conselho, perderam em um dia o que elles com prudente e bem aconselhado valor tinham ganhado em muitos, Se algum capitão podera excusar o conselho era o genio de Alexandre formado pela natureza para conquistar e vencer. Mas nem a sua arte, nem a sua fortuna o lisonjeou de maneira, que não antepozesse o conselho a ambas. O que desegualou o poder, póde-o supprir a arte; o que errou a mesma arte, póde-o emendar a fortuna: mas o que se intentou sem conselho, ainda que o favoreça o caso, nunca é victoria. A que alcancou de si mesmo Alexandre, essa lhe deu todas as outras; porque se sujeitou a perguntar quem sabía sujeitar o mundo; e havendo de dever de algum modo as suas victorias, não as quiz dever ao seu braço, senão ao seu conselho.

Salomão diz que as guerras se hão de governar com o leme do conselho.

Ouçamos ao homem mais sabio, o qual só logrou perpetua paz, porque intendeu melhor que todos a guerra. No capitulo XX dos Proverbios dá Salomão um documento militar notavel. Diz que as guerras se hão de governar com os lemes; *Gubernaculis tractanda sunt bella.* No fundo do original hebreu lançou Salomão a anchora e escondeu o sentido d'este seu proverbio. Onde a nossa Vulgata diz *Gubernaculis*, lê o hebreu *Consiliis*. E porque chama a «Vulgata» aos conselhos lemes da guerra? Se fallava das guerras e batalhas navaes, pouca difficuldade tinha esta «appellação» porque não ha duvida que nas victorias do mar grande parte cabe ao leme. Mas fallando de todas as guerras absolutamente, que proporção teem as armadas com os exercitos, os navios com os esquadrões, e os combates do mar com as batalhas da terra e da campanha? «Assim fallou a Vulgata» para que intenda a politica militar dos exercitos, que tanto caso hão de fazer os generaes do conselho, como os pilotos do leme. Se na capitania onde vai a bandeira e o farol, faltou o leme, derrotou-se a armada; e se o general descuidado ou presumido desprezar o conselho, dê-se tambem por derrotado e perdido. Assim como para navegar e fazer viagem a náu é necessario que vá sempre o leme na mão, já a uma, já a outra parte, accomodando-se as velas ao vento; assim na guerra, em que os accidentes são tão varios, nenhuma cousa se deve intentar. nem seguir, senão com maduro conselho. Assim o escreveu antigamente S. Basilio; e depois

que a arte nautica saiu do Mediterraneo ao Oceano, Hugo Cardeal. Mas que seria ou que succederia se o conselho não se ouvisse, ou ouvido se não tomasse? Sem consultar as estrellas se póde prognosticar facilmente. A náu que não dá pelo leme e tóma por d'avante, mui arriscada vai a encalhar em um baixo ou se romper em um recife. Livre-nos Deus de que não seja tão fatal o nome, como é proprio.

Esta falta derrotou o exercito de Holofernes.

Entre todos os exemplos d'esta desattenção (que lhe não quero dar outro nome) é o que succedeu ao exercito de Nabuchodonosor na mal lograda conquista de Bethulia. Chegou Holofernes com poderosissimo exercito á vista d'aquella grande cidade, e vendo que se apercebia á defensa e para resistir, o que sua soberba não presumia, chamou a conselho de guerra sómente por «uma formalidade» ou razão de estado: que alguns perguntam o que é bem que se faça, só para saberem o que não hão de fazer. Houve de dizer seu voto Achior, que era mestre de campo da gente amonita; e não querendo adular, como outros, mas dizer, como era obrigado, o que intendia, deu um parecer singular. Disse que se lançassem espias na campanha, e que se procurasse haver ás mãos algum homem de Bethulia, do qual se soubesse exactamente se havia peccados contra a lei do seu Deus n'aquella cidade. Se não houvesse peccados, que levantassem logo o cerco: porque impossivel seria que o Deus de Israel os não ajudasse. Mas se houvesse peccados, que acommettessem seguramente a cidade, porque sem duvida a levariam. Boa confirmação do que dissemos no discurso passado; e era gentio e sem fé quem assim votou: para que vejam os que fundam os seus pareceres em outras politicas, se votam como racionaes e como christãos.

Zombou Holofernes do conselho; mas pagou a pena da zombaria com a morte.

Zombou Holofernes do conselho e jurou muito indignado pela vida de Nabuchodonosor, que pelos mesmos fios da espada por onde haviam de passar todos os moradores de Bethulia, passaria tambem Achior; elles pelo atrevimento com que presumiram resistir aos seus exercitos; e elle pelo pouco respeito com que votára contra a omnipotencia do seu monarcha. E logo com a mesma arrogancia: Levai-o, disse, manietado; e mettei-o dentro em Bethulia, para que a mesma cidade lhe sirva de carcere em que aguarde preso a execucão da minha sentença. Ditoso Achior, se assim morrera por defensa da verdade e por haver aconselhado o que devia! Mas a morte, que não estava longe, outro golpe ameaçava menos imaginado e mais alto. Em todo este tempo tinha estado Judith orando a Deus, coberta de cilicios; agora, porém, vestida de galas e enriquecida de joias sái da cidade, entra pelos arraiaes inimigos; e levada

á tenda de Holofernes, subitamente ficou o barbaro tão captivo de sua formosura, que a valorosa heroina teve a occasião que buscava de lhe cortar a cabeça, como cortou, estando dormindo, com sua propria espada. Com a primeira luz do sol appareceu a cabeça de Holofernes sobre os muros de Bethulia na ponta de uma lança: foge o exercito assombrado: seguem-no os da cidade, executando nos cercadores o que elles pretendiam; e este foi o fim d'aquelle soberbissimo monstro: morto, affrontado, perdido e perdendo o mais florente exercito, sempre até alli victorioso, por sua culpa, não por lhe faltar quem bem o aconselhasse; mas por não querer tomar conselho. Sirva de epitaphio á caveira d'aquella disforme cabeça o que elegante e judiciosamente escreveu um nobre commentador d'este passo: *Hic finis Holofernis fuit, qui tandem malo suo didicit: quam perniciosum ducibus sit aliena non sequi consilia:* este foi o desastrado fim de Holofernes; o qual, emfim, apprendeu em sua propria cabeça, posto que tarde, quão fatal e perniciosa cousa seja aos capitães não querer tomar conselho. Não é razão que saiba vencer, quem se não sabe convencer da razão; e foi justo castigo do céu que perdesse a cabeça, quem se não quiz governar senão por sua cabeça. Quanto melhor lhe fôra a Holofernes haver seguido o conselho de Achior! Mas porque se não quiz sujeitar ao bom parecer de um homem prudente, permittiu Deus se sujeitasse tanto ao bem parecer de uma mulher inimiga, que por ella ficasse o seu exercito desbaratado e vencido, e elle sem honra e sem vida. Tudo se perdeu n'este caso; e só o fructo do bom conselho se não perdeu: porque, se não aproveitou a quem foi dado, rendeu muito a quem o deu. Todos os cabos do exercito de Holofernes ou morreram ou foram vencidos; e só Achior ficou vivo e triumphante; e não só vivo temporalmente, mas vivo para toda a eternidade; porque recebeu a fé do verdadeiro Deus, cuja causa defendera. Apprendam, pois, d'este funesto e formidavel exemplo os generaes dos exercitos a não desprezar, mas venerar e seguir os conselhos de quem lh'os póde dar; e nós reconheçamos quão bem assenta sobre a docilidade de Nicodemus o nome de *Victor populi*: pois sendo letrado, vinha consultar e ouvir; e sendo mestre, apprender de quem o podia ensinar: *Et dixit ei: Rabbi.*

Não se imite em Nicodemus o medo; porque quem teme ao inimigo já vai vencido. *Ps.* 63.

VI. Temos visto as tres boas e necessarias qualidades que concorriam em Nicodemus para o nome que tinha de vencedor *Victor populi*: nobreza de sangue, familiaridade com Deus, docilidade no juizo. Nobreza de sangue para o valor: docilidade do juiz para o conselho; e familiaridade com Deus para o fa-

vor do céu, sem o qual tudo o demais aproveita pouco. Mas toda esta harmonia de boas partes, as descompunha e deslustrava um senão. o peior o mais feio que podia ser e o mais opposto e contrario não só á victoria senão á esperança d'ella; que era o medo: *Propter metum judaeorum*. A ousadia é ametade da victoria; e quem teme ao inimigo já vai vencido. Ouçamos a um dos mais bem disciplinados soldados e mais experimentados capitães que houve no mundo. *Exaudi Deus orationem meam cum deprecor*. Ouvi, Senhor (diz David) a minha oração ou a minha deprecação; que é propriamente quando pedimos a Deus que nos livre de algum mal. E de que pedia David que o livrasse Deus? Do temor do inimigo: *A timore inimici eripe animam meam*. Não diz que o livre do poder, das armas e das astucias do inimigo; senão do seu temor isto é de que elle David o temesse. Como se dissera: Se eu temer ao meu inimigo, ainda que o meu poder seja maior, elle me vencerá a mim: mas se eu o não temer ainda que seja maior o seu, eu o vencerei a elle. Por isso, Senhor, vos peço que não me livreis dos seus exercitos, nem das suas forças eguaes ou superiores, senão de que o meu coração o tema: *A timore inimici eripe animam meam*. Fallava David como quem sabía por experiencia a ordem com que Deus, como Senhor dos exercitos, os dispõi quando quer dar ou tirar a victoria. Quando Deus quer dar a victoria, ainda que o poder seja pouco e desegual, põi na vanguarda o medo; e tanto que o medo investe os inimigos, por muitos e fortes que sejam, logo os obriga a voltar as costas; e ficam os muitos vencidos dos poucos; e os poucos vencedores dos muitos.

Se Deus quer dar a victoria manda o medo deante do exercito. Exod. 23.

Assim o fez Deus muitas vezes e o prometteu expressamente no capitulo 23 do Exodo; segurando aos israelitas que quando entrassem na conquista da terra de Promissão, mandaria deante dos seus exercitos o seu medo; o qual logo poria em fugida a todos os inimigos: *Terrorem meum mittam in praecursum tuum; et occidam omnem populum ad quem ingredieris; cunctorumque inimicorum tuorum coram te terga vertam*.

Nicodemus achou o remedio do medo na cruz do Salvador. 2.ª parte do thema.

E como Nicodemus contra o seu nome de vencedor era tão tocado ou penetrado do medo, que pelo que tinha aos judeus se não atrevia a buscar a Christo de dia; para o Senhor o curar d'este achaque, que na guerra é a mais perigosa doença e a peste total das victorias; e para de medroso e covarde o fazer ousado e animoso; que antidoto ou remedio lhe applicaria? O remedio foi o que sobre todos os da natureza e da razão tem a maior efficacia e virtude para tirar o temor; que é o da Sancta Cruz em que o triumphador da morte e do infer-

no foi exaltado: *Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto, ita ita exaltari oportet Filium hominis.* É a segunda parte do nosso thema, a qual entrou mais tarde do que eu quizera; mas com dizer muito em pouco supprirá a brevidade o tempo.

Virtude da Sancta Cruz. Christo teme no Horto os padecimentos e na Cruz tem sede d'elles. S. Lourenço Justiniano. *De triumph. Ag. Ch. c.* 18.

A todos os que me ouvem não só supponho animosos, senão animosissimos: mas para que o sejam mais que superlativamente ouçam qual é a virtude da Sancta Cruz para tirar o temor e «dar victoria». Chega Christo, nosso Redemptor ao Horto e representando-se-lhe vivamente a affrontosissima morte e os tormentos excessivos que na ultima batalha d'aquella noite e dia lhe estavam apparelhados para padecer, não só os evangelistas confessam que temeu pavorosamente, *Coepit taedere et pavere*; mas o mesmo Senhor com instancias tres vezes repetidas pediu e tornou a pedir ao Padre, que por qualquer modo possivel o livrasse de beber aquelle calix: *Pater si possibile est transeat a me calix iste.* Tanta era a repugnancia e horror com que naturalmente como homem lhe tinha penetrado o coração, e quasi prostrado as forças do animo a imaginação sómente d'aquelle terrivel combate. Chegado, porém, á hora em que passando do Horto ao Calvario, e pregado o mesmo Senhor na Cruz bebeu effectivamente não outro, senão o mesmo calix que tanto tinha temido e repugnado, vendo que já se esgotava de todo, protestou em alta voz que tinha sede de mais: *Sitio.* E de que mais era esta sede? Do mesmo licor amargoso e mortal, de que vira cheio no Horto o mesmo calix: de mais crueldades, de mais penas, de mais affrontas, de mais tormentos. S. Lourenço Justiniano: *Sitit utique et inebriatus amaritudine adhuc duriora sustinere desiderat.* Como se dissera (continúa o mesmo Sancto) *Si haec quae tolero pauca videntur, adde flagellum flagello, appone vulnera vulneribus. lacera, ure. confige, percute, occide: universa haec et maiora toto desiderio sitio.*

Admiração de S. Bernardo (*De pass. c.* 3) Os braços de Christo deram aos da cruz a virtude de tirar o temor.

Mas aqui entra a duvida ou admiração de S. Bernardo, fallando com o mesmo Christo. *Quid est hoc? Antequam gustes, o bone Jesu, petis calicem omnino auferi, et postquam ebibisti, sitis?* Antes de beber o calix temieis tanto chegar a bebel-o, que pedistes uma e tres vezes ao Padre que por todos os meios possiveis vos livrasse d'elle; e agora que o tendes já bebido e quasi esgotado tendes sede de mais? Onde estão aquellas repugnancias, aquellas agonias, aquelles temores e horrores tão apertados, que vos obrigavam a o reclamar com tantas instancias? Estão e ficaram no Horto. No Calvario depois que Christo foi pregado e levantado na cruz os mesmos tormentos que imaginados repugnava e temia, padecidos lhe causavam sede e ardentissimos desejos de padecer muitos mais. Os braços de Chris-

to communicavam aos da Cruz o valor; e o mesmo valor reciprocamente se podia outra vez receber nos braços de Christo «tornando-se por dispensação da sua misericordia» tão capaz agora de receber a fortaleza, como no Horto de admittir o temor; para que intendessemos e soubessemos os que somos membros do mesmo Christo que o remedio e o antidoto mais efficaz de todos os temores é a virtude da sua Cruz.

Por isso Christo recorda a Nicodemus o milagre da serpente de Moysés. Como se animaram Nicodemus e Joseph de Arimathea com a virtude da cruz.

Sendo, pois, tão poderosa e efficaz a virtude da sancta Cruz para tirar temores e dar animo e valor; vendo Christo a Nicodemos tão timido e desanimado, que até em materias que tocavam á fé, não ousava a se declarar intrepidamente; traz-lhe á memoria o milagre da serpente de Moyses e o mysterio e figura da Cruz: *Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto; ita exaltari oportet Filium hominis*; para com este sagrado signal animar sua fraqueza e fortalecer sua pusillanimidade. Assim foi e se viu com admiravel experiencia, tanto no mesmo Nicodemus, como em seu companheiro Joseph ab Arimathea, ambos discipulos do mesmo Senhor, mas occultos por medo dos judeus. De ambos notam e ponderam os evangelistas uma differença de summa admiração. De Joseph diz o evangelista S. Marcos, que ousadamente entrou a Pilatos, e lhe pediu o corpo do Senhor: *Audacter introivit ad Pilatum et petiit corpus Jesu*; e diz ousadamente, porque d'antes com medo do povo, nem para dar indicios de que era seu discipulo tinha ousadia. De Nicodemus diz o evangelista S. João que trouxera grande copia de especies aromaticas para ungir o mesmo corpo defuncto; e que este era aquelle Nicodemus que d'antes buscava ao Senhor de noite *Qui venerat ad Jesum nocte primum*. E nota que d'antes vinha de noite, *nocte primum*; porque agora sem o medo, que tambem tinha do povo, veio de dia, antecipando-se a noite do Parasceves em que não era licito sepultar. Joseph e Nicodemus ambos eram ovelhas de Christo, mas ovelhas fracas e pusillanimes; e que por isso fugiam e se escondiam com medo dos lobos, *propter metum judaeorum*. Porém agora, como dous leões bravos e animosos, sem medo nem respeito dos principes dos sacerdotes, nem de toda Jerusalem, nem de toda a Judea, publicamente e a vista de todos não só tractaram de dar sepultura a seu Mestre e Senhor; mas de que fosse a mais decente e honorifica com que n'aquelle tempo se costumavam embalsamar os defunctos de maior auctoridade e veneração. Pois se d'antes eram ovelhas fracas e timidas, quem os fez agora leões tão animosos e intrepidos? Se d'antes não tinham atrevimento para se confessar por discipulos de Christo quando estava vivo e livre; como agora não temem, quando tanto maiores motivos

Marc. 15.

Joan. 19.

tinham de temer, depois de condemnado e morto em uma cruz? Por isso mesmo. Porque d'antes não havia cruz de Christo e depois de crucificado sim. Divinamente Theophylacto, dizendo do nosso Nicodemus o que egualmente mereceram ambos: *Nocte venit ad Jesum propter metum judaeorum; sed post crucem multum officii et liberalitatis impendit*. Notae muito a palavra *sed post crucem*. Quereis saber porque d'antes temia tanto Nicodemus e agora nada teme? É porque antes de Christo ser crucificado não havia Cruz. Antes da Cruz era timido e covarde, depois da cruz já é valente, animoso e intrepido; porque essa é a virtude mais que humana, esses são os effeitos prodigiosos e admiraveis d'aquelle sagrado tropheu de nossa redempção—dar animo, dar brios, dar valor contra os inimigos, contra os perigos, contra a mesma morte e contra tudo o que na vida e depois d'ella póde causar temor.

No lenho da Cruz tem depositado o Senhor dos exercitos a fortaleza christã.

VII. Esta só qualidade quarta e ultima era a que faltava a Nicodemus para fazer verdadeiro o nome que tinha de vencedor. Assim que, senhores meus e soldados de Christo, se n'aquelle sagrado Lenho, se n'aquelle gloriosissimo instrumento de suas victorias tem depositado o Senhor dos exercitos a fortaleza christã e vinculado o triumpho do mundo o valor catholico, armem-se todos os que querem vencer, armem-se todos os que teem obrigação de pelejar com o signal sagrado da sancta Cruz; e em fé de tão invenciveis armas, bem nos podemos prometter segura a victoria, Quando o mesmo Filho de Deus, armado só da humanidade de que se vestira, veio restaurar o mundo e restituir á sua obediencia o genero humano que debaixo da tyrannia do demonio se lhe tinha rebellado, o bando que mandou lançar para que se alistassem os que quizessem debaixo das suas bandeiras, dizia assim: *Siquis vult post me venire tollat crucem suam et sequatur me:* todo o que me quizer acompanhar n'esta guerra, tome ao hombro a sua cruz e siga-me. Vede, diz S. João Antiocheno, as armas com que o Rei do céu arma os seus soldados. Não os arma com escudos nos braços, nem com murriões na cabeça, nem com os peitos fortes sobre o coração; mas arma-os com uma arma mais firme, mais forte, e mais invencivel que todas, que é a Cruz, na qual levam junctamente a defensa para a guerra e signal da victoria.

Fiem-se os portuguezes da cruz mais que da espada.

Com estas armas, pois, se armem e n'estas armas ponham toda a confiança os nossos valerosos soldados; e se se fiarem tambem das que são proprias do braço portuguez, fiem-se mais das cruzes, que dos fios das espadas. De um soldado portuguez disse um poeta tambem nosso, que levava—Nos fios da espada que meneia a vida propria e a morte alheia.—Mas isto porque? Porque as cruzes estão tão perto dos punhos.

O bom Ladrão faz da Cruz escada para assaltar as muralhas do paraiso. A Cruz nos será, como a Constantino, signal da victoria.

Tenham logo por certo e certissimo todos os que assim armados ou entrarem nas batalhas, ou assaltarem os muros, ou assediarem as cidades que não haverá nem soldados tão valentes, nem cabos tão experimentados, nem fortalezas tão inexpugnaveis, nem inimigos, emfim, tão obstinados, que se lhes não rendam. A praça mais forte e mais bem presidiada que nunca houve nem haverá foi o paraiso; porque estava guarnecido de cherubins, soldados immortaes, todos com armas de fogo. «Com tudo» accommetteu o bom ladrão desde a sua cruz (diz divinamente Chrysostomo); e fazendo d'ella escada assaltou as muralhas do paraiso, e por mais que estavam defendidas de cherubins e espadas de fogo, os cherubins, as espadas e o fogo, nada lhe pôde resistir; e foi o primeiro que victorioso e triumphante «após de Christo» restaurou a famosissima e felicissima praça que Adão com tanta fraqueza perdera. Não sei nem posso dizer mais. Assim como antigamente mostrando Deus a Constantino o signal da Cruz no céu, lhe disse: *In hoc signo vinces*, o mesmo está dizendo ao invicto general das nossas armas. Este signal do céu seja o pharol que sigam estas armadas no mar; e este o estandarte real que levem deante dos olhos os exercitos na terra, para que vencedores em um e outro elemento, os vivos levantem os tropheus n'este mundo, e os mortos (que não ha vencer sem morrer) logrem os triumphos da sua consciencia no outro, exaltados todos pela virtude da sancta Cruz, como o mesmo Redemptor foi exaltado n'ella: *Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto, ita exaltari oportet Filium hominis.*

(Ed. ant. tom. 6.º, pag. 326, ed. mod. tom. 10.º pag. 196)

SERMÃO DO BOM LADRÃO *

PRÉGADO NA EGREJA DA MISERICORDIA DE LISBOA NO ANNO DE 1655

OBSERVAÇÃO DO COMPILADOR.—Quanto a este sermão citarei o juizo que dá o mesmo auctor, sendo velho mais que septuagenario, em uma carta escripta da Bahia ao conego Francisco Barreto. —O meu mimoso n'este tomo é o do bom Ladrão em que a materia está proseguida sem lhe faltar nada com tudo o que na solida theologia é necessario para que os reis levem comsigo os ladrões ao paraiso e não os ladrões os reis ao inferno. Vendo este sermão, meu irmão me pediu que o lesse ao Senhor Roque da Costa; mas não houve tempo para isso. E verdadeiramente que só para o governo de sua senhoria póde elle ser panegyrico, como para outros invectiva e para o presente prophecia.—O sermão é propriamente um dos melhores. e todo do genio de Vieira, que fazia timbre de não contemporizar com os vicios dos grandes.

Domine, memento mei, dum veneris in regnum tuum. Hodie mecum eris in paradiso.

S. LUC. 23

Parece que o sermão não se havia de prégar na egreja da Misericordia; mas na capella real.

Este sermão, que hoje se préga na misericordia de Lisboa e não se préga na capella real, parecia-me a mim que lá se havia de prégar e não aqui. D'aquella pauta havia de ser e não d'esta; e porque? Porque o texto em que se funda o mesmo sermão, todo pertence á majestade d'aquelle logar e nada á piedade d'este. Uma das cousas que diz o texto, é, que foram sentenciados em Jerusalem dous ladrões e ambos condemnados, ambos executados, ambos crucificados e mortos, sem lhes valer procurador, nem embargos. Permitte isso a misericordia de Lisboa? Não. A primeira deligencia que faz, é eleger por procurador das cadeias um irmão de grande auctoridade, poder e industria; e o primeiro timbre d'este procurador é fazer honra de que nenhum malfeitor seja justiçado em seu tempo. Logo esta parte da historia não pertence á Misericordia de Lisboa. A outra parte (que é a que tomei por thema) toda pertence ao paço e á capella real. N'ella se falla com o rei, *Domine*: n'ella se tracta do seu reino, *Dum veneris in regnum tuum*: n'ella se lhe presentam memoriaes, *Memento mei*; e n'ella os despacha o mesmo rei logo e sem remissão a outros tribunaes, *Hodie mecum eris iu paradiso*. «E se o thema convem com a maior

propriedade á capella real e não tem que ver com a egreja da misericordia,» o que me podia retrair de prégar sobre esta materia era não dizer a doutrina com o logar.

Livra-me d'este escrupulo a prégação de Jonas. Os reis não irão ao céu se não se esforçarem por levar comsigo os ladrões.

Mas d'este escrupulo, em que muitos prégadores não reparam, me livrou a prégação de Jonas. Não prégou Jonas no paço, senão pelas ruas de Ninive, cidade de mais longes que esta nossa, e diz o texto sagrado, que logo a sua prégação chegou aos ouvidos do rei: *Pervenit verbum ad regem*. Bem quizera eu que o que hoje determino prégar chegara a todos os reis, e mais ainda aos extrangeiros que aos nossos. Todos devem imitar ao Rei dos reis; e todos tem muito que apprender n'esta ultima acção de sua vida. Pediu o bom Ladrão a Christo que se lembrasse d'elle no seu reino: *Domine memento mei dum veneris in regnum tuum*. E a lembrança que o Senhor teve d'elle foi, que ambos se vissem junctos no paraiso: *Hodie mecum eris in paradiso*. Esta é a lembrança que devem ter todos os reis, e a que eu quizera lhes persuadissem os que são ouvidos de mais perto: Que se lembrem não só de levar os ladrões ao paraiso, senão de os levar comsigo; «porque» os reis não pódem ir ao paraiso «se não esforçando-se por» levar comsigo os ladrões «que não pódem faltar na administração de seu reinado». Isto é o que hei de prégar *Ave Maria*.

Não se deve extranhar a clareza ou publicidade do argumento.

II. Levarem os reis comsigo ao paraiso os ladrões, não só não é companhia indecente, mas acção tão gloriosa e verdadeiramente real, que com ella coroou e provou o mesmo Christo a verdade do seu reinado, tanto que admittiu na cruz o titulo de rei. Mas o que vemos practicar em todos os reinos do mundo é tanto pelo contrario, que em vez de os reis levarem comsigo os ladrões ao paraiso. os ladrões são os que levam comsigo os reis ao inferno. E se isto é assim, como logo mostrarei com evidencia, ninguem me póde extranhar a clareza ou publicidade com que fallo e fallarei em materia que envolve tão soberanos respeitos: antes admirar o silencio e condemnar a desattenção com que os prégadores dissimulam tão necessaria doutrina, sendo a que devera ser mais ouvida e declarada nos pulpitos. Seja, pois, novo hoje o assumpto que devera ser mui antigo e mui frequente; o qual eu proseguirei tanto com maior esperança de produzir algum fructo, quanto vejo ennobrecido o auditorio presente com a auctoridade de tantos ministros de todos os maiores tribunaes, sobre cujo conselho e consciencia se costumam descarregar as dos reis.

Tres supposições. Primeira: sem restituição do alheio não póde haver sal-

III. E para que um discurso tão importante e tão grave vá assentado sobre fundamentos solidos e irrefragaveis, supponho primeiramente que sem restituição do alheio não póde haver

salvação. Assim o resolvem com Sancto Thomás todos os theologos; e assim está definido no capitulo *Si res aliena* com palavras tiradas de Sancto Agostinho, que são estas: *Si res aliena propter quam peccatum est, reddi potest et non redditur, poenitentia non agitur. sed simulatur. Si autem veraciter agitur, non remittitur peccatum, nisi restituatur ablatum; si, ut dixi, restitui potest.* Quer dizer: Se o alheio que se tomou ou retem, se póde restituir e não se restitúi, a penitencia d'este e dos outros peccados não é verdadeira penitencia, senão simulada e fingida; porque se não perdôa o peccado sem se restituir o roubado, quando, quem o roubou, tem possibilidade de o restituir. Esta unica excepção da regra foi a felicidade do bom Ladrão; e esta a razão, por que elle se salvou e tambem o máu se podera salvar sem restituirem. Como ambos sairam do naufragio d'esta vida despidos e pegados a um páu, só esta sua extrema pobreza os podia absolver dos latrocinios que tinham commettido, porque impossibilitados á restituição ficavam desobrigados d'ella. Porém, se o bom Ladrão tivera bens com que restituir, ou em todo, ou em parte, o que roubou, toda a sua fé e toda a sua penitencia tão celebrada dos sanctos, nem bastára ao salvar, se não restituisse. Duas cousas lhe faltavam a este venturoso homem para se salvar; uma como ladrão que tinha sido, outra como christão que começava a ser. Como ladrão que tinha sido, faltava-lhe com que restituir: como christão que começava a ser, faltava-lhe o baptismo. Mas assim como o sangue que derramou na cruz lhe suppriu o baptismo, assim a sua desnudez e a sua impossibilidade lhe suppriu a restituição e por isso se salvou. Vejam agora, de caminho, os que roubaram na vida; e nem na vida, nem na morte restituiram; antes na morte testaram de muitos bens e deixaram grossas heranças a seus successores; vejam onde irão ou terão ido suas almas e se se podiam salvar.

ração. S. Thomás e o bom Ladrão.

Era tão rigoroso este preceito da restituição na lei velha, que se o que furtou não tinha com que restituir, mandava Deus que fosse vendido, e restituisse com o preço de si mesmo: *Si non habuerit quod pro furto reddat, ipse venumdabitur.* De modo que em quanto um homem era seu e possuidor da sua liberdade, posto que não tivesse outra cousa, até que não vendesse a propria pessoa e restituisse o que podia com o preço de si mesmo, não o julgava a lei por impossibilitado á restituição, nem o desobrigava d'ella. Que uma tal lei fosse justa, não se póde duvidar; porque era lei de Deus; posto que o mesmo Deus na lei da graça derogou esta circumstancia de rigor, que era de direito positivo; porém, na lei natural, que é indispensa-

Quão rigoroso era na lei velha o preceito da restituição. *Exod. 22.*

vel e manda restituir a quem póde e tem com quê, tão fóra esteve de variar ou moderar cousa alguma, que nem o mesmo Christo na cruz prometteria o paraiso ao Ladrão em tal caso sem que primeiro restituisse. Ponhamos outro ladrão á vista; e vejamos admiravelmente no juizo do mesmo Christo a differença de um caso a outro.

Zacheu confrontado com o bom Ladrão quanto a restituição do alheio *Luc.* 19.

Assim como Christo Senhor nosso disse a Dymas *Hodie mecum eris in paradiso*, hoje serás commigo no paraiso; assim disse a Zacheu: *Hodie salus domui huic facta est:* hoje entrou a salvação n'esta tua casa. Mas o que muito se deve notar é, que a Dymas prometteu-lhe o Senhor a salvação logo e a Zacheu não logo, senão muito depois. E porque se ambos eram ladrões e ambos convertidos? Porque Dymas era ladrão pobre, e não tinha com que restituir o que roubara; Zacheu era ladrão rico e tinha muito com que restituir: *Zachaeus princeps erat publicanorum et ipse dives*, diz o evangelista. E ainda que elle o não dissera, o estado de um e outro ladrão o declarava assás. Porque Dymas era ladrão condemnado; e se elle fôra rico, claro está que não havia de chegar á forca; porém, Zacheu era ladrão tolerado; e a sua mesma riqueza era a immunidade que tinha para roubar sem castigo e ainda sem culpa. E como Dymas era ladrão pobre e não tinha com que restituir, tambem não tinha impedimento á sua salvação; e por isso Christo lh'a concedeu no mesmo momento. Pelo contrario Zacheu, como era ladrão rico e tinha muito com que restituir, não lhe «quiz» Christo segurar a salvação antes que restituisse, e por isso lhe dilatou a promessa. A mesma narração do Evangelho é a melhor prova d'esta differença.

Só depois que Zacheu a prometteu fazer em quatro dobros entrou em sua casa a salvação

Conhecia Zacheu a Christo só por fama e desejava muito vel-o. Passou o Senhor pela sua terra; e como era pequeno de estatura e o concurso muito, sem reparar na auctoridade da pessoa e do officio, *Princeps publicanorum*, subiu-se a uma arvore para o vêr; e não só viu, mas foi visto e muito bem visto. Poz n'elle o Senhor aquelles divinos olhos; chamou-o por seu nome; e disse-lhe que se descesse logo da arvore; porque lhe importava ser seu hospede n'aquelle dia: *Zachaee, festinans descende, quia hodie in domo tua oportet me manere*. Entrou, pois, o Salvador em casa de Zacheu; e aqui parece que cabia bem o dizer-lhe, que então entrara a salvação em sua casa; mas nem isto, nem outra palavra disse o Senhor. Recebeu-o Zacheu, e festejou a sua vinda com todas as demonstrações de alegria; e guardou o Senhor o mesmo silencio. Assentou-se á meza abundante de eguarias e muito mais de boa vontade, que é o melhor prato para Christo; e proseguiu a mesma suspen-

são. Sobre tudo disse Zacheu; que elle dava aos pobres ametade de todos seus bens: *Ecce dimidium bonorum meorum do pauperibus;* e sendo o Senhor, aquelle que no dia do juizo só aos merecimentos da esmola ha de premiar com o reino do céu; quem não havia de cuidar que a este grande acto de liberalidade com os pobres responderia logo a promessa da salvação? Mas nem aqui mereceu ouvir Zacheu o que depois lhe disse Christo. Pois, Senhor, se vossa piedade e verdade tem dicto tantas vezes, que o que se faz aos pobres, se faz a vós mesmo, e este homem na vossa Pessoa vos está servindo com tantos obsequios e na dos pobres com tantos empenhos; se vos convidastes a ser seu hospede para o salvar, e a sua salvação é a importancia que vos trouxe a sua casa; se o chamastes, e acudiu com tanta diligencia; se lhe dissestes, que se apressasse *festinans descende,* e elle se não deteve um momento; porque lhe dilatais tanto a mesma graça, que lhe desejais fazer, porque o não acabais de absolver; porque lhe não segurais a salvação? Porque este mesmo Zacheu, como cabeça de publicanos, tinha roubado a muitos, e como rico que era, *et ipse dives*, tinha com que restituir o que roubara; e em quanto estava devedor e não restituia o alheio, por mais boas obras que fizesse e por mais fazenda que dispendesse piamente, «não se» podia salvar. Todas as outras obras que depois d'aquella venturosa vista fazia Zacheu, eram muito louvaveis; mas em quanto não chegava a fazer a da restituição, não estava capaz da salvação. Restitua e logo será salvo; e assim foi. Accrescentou Zacheu que tudo o que tinha mal acquirido restituia em quatro dobros: *Et si quid aliquem defraudavi reddo quadruplum;* e ao mesmo poncto o Senhor que até alli tinha calado, desfechou os thesouros de sua graça e lhe annunciou a salvação: *Hodie salus domui huic facta est.* De sorte que ainda que entrou o Salvador em casa de Zacheu, a salvação ficou fóra, porque em quanto não saiu da mesma casa a restituição, não podia entrar n'ella a salvação. A salvação não póde entrar sem se perdoar o peccado, e o peccado não se perdoa sem se restituir o roubado: *Non dimittitur peccatum nisi restituatur ablatum.*

Segunda supposição: a restituição do alheio obriga a todos, ainda aos reis. S Thomás.

IV. Supposta esta primeira verdade, certa e infallivel; a segunda cousa que supponho com a mesma certeza é que a restituição do alheio sob pena da salvação, não só obriga aos subditos e particulares, senão tambem aos sceptros e ás corôas. Cuidam ou devem cuidar alguns principes, que assim como são superiores a todos, assim são senhores de tudo; e é engano. A lei da restituição é lei natural e lei divina. Em quanto lei natural obriga aos reis, porque a natureza fez eguaes a todos; e

em quanto lei divina tambem os obriga; porque Deus, que os fez maiores que os outros, é maior que elles. Esta verdade só tem contra si a practica e o uso. Mas por parte d'este mesmo uso argumenta assim Sancto Thomás, o qual é hoje o meu doutor, e n'estas materias de maior auctoridade: *Terrarum principes multa a suis subditis violenter extorquent, quod videtur ad rationem rapinae pertinere: grave autem videtur dicere, quod in hoc peccent: quia sic fere omnes principes damnarentur. Ergo rapina in aliquo casu est licita.* Quer dizer, «por modo de objecção:» a rapina ou roubo é tomar o alheio violentamente contra vontade de seu dono: os principes tomam muitas cousas a seus vassallos violentamente e contra sua vontade: logo parece que o roubo é licito em alguns casos; porque se dissermos que os principes peccam n'isto, todos estes ou quasi todos se condemnariam: *Fere omnes principes damnarentur.* Oh que terrivel e temerosa consequencia; e quão digna de que a considerem profundamente os principes, e os que teem parte em suas resoluções e conselhos! Responde ao seu argumento o mesmo doutor angelico; e posto que não costumo molestar os ouvintes com latins largos, hei de referir as suas proprias palavras: *Dicendum, quod si principes a subditis exigunt quod eis secundum justitiam debetur propter bonum commune conservandum, etiamsi violentia adhibeatur, non est rapina. Si vero aliquid principes indebite extorqueant, rapina est, sicut et latrocinium. Unde ad restitutionem tenentur, sicut et latrones. Et tanto gravius peccant quam latrones, quanto periculosius et communius contra publicam justitiam agunt, cujus custodes positi sunt.* Respondo (diz Sancto Thomás) que, se os principes tiram dos subditos o que segundo justiça lhes é devido para conservação do bem commum, ainda que o executem com violencia, não é rapina ou roubo. Porém, se os principes tomarem por violencia o que se lhes não deve, é rapina, é latrocinio. D'onde se segue que estão obrigados á restituição como os ladrões; e que peccam tanto mais gravemente que os mesmos ladrões, quanto é mais perigoso e mais commum o damno com que offendem a justiça publica, de que elles estão postos por desensores.

Ezechiel chama lobos aos reis que roubam os seus povos. *Ezech. 22.*

Até aqui ácerca dos principes o principe dos theologos. E porque a palavra rapina e latrocinio applicada a sujeitos da suprema esphera é tão alheia das lisonjas, que estão costumados a ouvir, que parece conter alguma dissonancia, escusa tacitamente o seu modo de fallar, e prova a sua doutrina o sancto doutor com dous textos alheios, um divino, do propheta Ezechiel, e outro pouco menos que divino, de Sancto Agostinho. O texto de Ezechiel é parte do relatorio das culpas por que Deus

castigou tão severamente os dous reinos de Israel e Judá, um com o captiveiro dos assyrios e outro com o dos babylonios; e a causa que dá e muito pondera, é que os seus principes em vez de guardarem os povos, como pastores, os roubavam como lobos: *Principes eius in medio illius. quasi lupi rapientes praedam.* Só dous reis elegeu Deus por si mesmo, que foram Saul e David; e a ambos os tirou de pastores, para que pela experiencia dos rebanhos que guardavam, soubessem como haviam de tractar os vassallos. Mas seus successores por ambição e cubiça degeneraram tanto d'este amor e d'este cuidado, que em vez de os guardar e apascentar como a ovelhas, os roubavam e comiam como lobos: *Quasi lupi rapientes praedam.*

Sancto Agostinho chama-os grandes ladrões. Resposta de um pirata a Alexandre Magno. Seneca escrevia o mesmo.

O texto de Sancto Agostinho falla geralmente de todos os reinos em que são ordinarias similhantes oppressões e injustiças, e diz que entre os taes reinos e as covas de ladrões (a que o sancto chama latrocinios) só ha uma differença; e qual é? Que os reinos são latrocinios ou ladroeiras grandes, os latrocinios ou ladroeiras são reinos pequenos: *Sublata justitia quid sunt regna nisi magna latrocinia? Quia et latrocinia quid sunt nisi parva regna?* E' o que disse o outro pirata a Alexandre Magno. Navegava Alexandre em uma poderosa armada pelo mar Erythreu a conquistar a India; e como fosse trazido á sua presença um pirata, que por alli andava roubando os pescadores, reprehendeu-o muito Alexandre de andar em tão máu officio: porém elle, que não era medroso nem lérdo, respondeu assim: Basta, senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador? Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: O roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Seneca, que sabia bem distinguir as qualidades e interpretar as significações, a uns e outros definiu com o mesmo nome: *Eodem loco pone latronem et piratam, quo regem animum latronis et piratae habentem.* Se o rei de Macedonia ou qualquer outro fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão e o pirata e o rei todos tem o mesmo logar e merecem o mesmo nome.

É para admirar que o mesmo não se prégue a principes catholicos.

Quando li isto em Seneca, não me admirei tanto de que um philosopho estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando n'ella Nero: o que mais me admirou e quasi envergonhou foi, que os nossos oradores evangelicos em tempo de principes catholicos e timoratos, ou para a emenda ou para a cautela, não préguem a mesma doutrina. Saibam estes «cães mudos, *Canes muti non valentes latrare,*» que mais offendem os reis com o que calam que com o que disserem: porque a confian-

ça com que isto se diz, é signal que lhes não toca e que se não pódem offender; e a cautela com que se cala, é argumento de que se offenderão, porque lhe póde tocar. Mas passemos brevemente á terceira e ultima supposição, que todas tres são necessarias para chegarmos ao poncto.

Terceira supposição: os ladrões obrigados á restituição não são os que furtam para comer, mas outros de maior calibre. S. Basilio. *Prov.* 6.

V. Supponho, finalmente, que os ladrões de que fallo não são aquelles miseraveis a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condemnou a este genero de vida; porque a mesma sua miseria ou escusa ou allivia o seu peccado, como dizia Salomão: *Non grandis est culpa cum quis furatus fuerit: furatur enim ut esurientem impleat animam.* O ladrão que furta para comer, não vai nem leva ao inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu tracto, são outros ladrões de maior calibre e de mais alta esphera; os quaes debaixo do mesmo nome e do mesmo predicamento distingue muito bem S. Basilio Magno. Não só são ladrões, diz o sancto, os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar para lhes colher a roupa; os ladrões que mais propria e dignamente merecem este titulo, são aquelles a quem os reis encommendam os exercitos e legiões ou o governo das provincias, ou a administração das cidades, os quaes já com manha, já com força roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor nem perigo: os outros se furtam, são enforcados, estes furtam e enforcam.

Observação de Diogenes e chiste de Sidonio Apollinar.

Diogenes que tudo via com mais aguda vista que os outros homens, viu que uma grande tropa de varas e ministros de justiça levavam a enforcar uns ladrões, e começou a bradar: Lá vão os ladrões grandes a enforcar os pequenos. Ditosa Grecia que tinha tal prégador! E mais ditosas as outras nações, se n'ellas não padecera a justiça as mesmas affrontas. Quantas vezes se viu em Roma ir a enforcar um ladrão por ter roubado um carneiro; e no mesmo dia ser levado em triumpho um consul, ou dictador, por ter roubado uma provincia. E quantos ladrões teriam enforcado estes mesmos ladrões triumphantes? De um chamado Seronato disse com discreta contraposição Sidonio Apollinar: *Non cessat simul furta vel punire vel facere:* Seronato está sempre occupado em duas cousas: em castigar furtos, e em os fazer. Isto não era zelo de justiça, senão inveja. Queria tirar os ladrões do mundo para roubar elle só.

Responsabilidade dos reis se elegem para os officios ou conservam n'elles similhantes ladrões. S. Thomás.

VI. Declarado assim por palavras não minhas, senão de muito bons auctores, quão honrados e auctorizados sejam os ladrões de que fallo, estes são os que disse e digo que levam comsigo os réis ao inferno. Que elles fossem lá sós e o diabo

os levasse a elles, seja muito na má hora, pois assim o querem. Mas que hajam de levar comsigo os reis, é uma dôr que se não póde soffrer e por isso nem calar. Mas se os reis tão fóra estão de tomar o alheio, que antes elles são os roubados e os mais roubados de todos, como levam ao inferno comsigo estes maus ladrões a estes bons reis? Não por um só, senão por muitos modos, os quaes parecem insensiveis e occultos e são muito claros e manifestos. O primeiro, porque os reis lhe dão os officios e poderes com que roubam: O segundo, porque os reis os conservam n'elles: O terceiro, porque os reis os adeantam e promovem a outros maiores; e finalmente, porque sendo os reis obrigados sob pena da salvação a restituir todos estes damnos, nem na vida nem na morte os restituem. E quem diz isto? Já se sabe que ha de ser Sancto Thomás. Faz questão Sancto Thomás. se a pessoa que não furtou, nem recebeu, ou possúi cousa alguma de furto, póde ter obrigação de o restituir; e não só resolve que sim; mas para maior expressão do que vou dizendo pôi o exemplo dos reis. Vai o texto: *Tenetur ille restituere, qui non obstat, cum obstare teneatur: sicut principes qui tenentur custodire justitiam in terra, si per eorum defectum latrones increscant, ad restitutionem tenentur: quia redditus quos habent, sunt quasi stipendia ad hoc instituta ut justitiam conservent in terra:* aquelle que tem obrigação de impedir que se não furte, se o não impediu, fica obrigado a restituir o que se furtou; e até os principes, que por sua culpa deixarem crescer os ladrões, são obrigados á restituição: por quanto as rendas com que os povos os servem e assistem, são como estipendios instituidos e consignados por elles para que os principes os guardem e mantenham em justiça. E' tão natural e tão clara esta theologia que até Agamemnon, rei gentio, a conheceu quando disse: *Qui non vetat peccare, cum possit, jubet.*

Devem os reis restituir pelos furtos dos mesmos ladrões. O mesmo Deus quiz restituir pelo furto de Adão. *Ps. 68. Gen. 1.*

E se esta obrigação de restituir incorrem os principes pelos furtos que commettem os ladrões casuaes e involuntarios; que será pelos que elles mesmos e por propria eleição armaram de jurisdições e poderes com que roubam os povos? A tenção dos principes não é, nem póde ser, essa. Mas basta que esses officiaes ou de guerra, ou de fazenda, ou de justiça, que commettem os roubos sejam eleições e feituras suas; para que os principes hajam de pagar o que elles fizeram. Ponhamos o exemplo da culpa onde a não póde haver. Poz Deus a Adão no paraiso com jurisdicção e poder sobre todos os viventes e com senhorio absoluto de todas as cousas creadas, excepta sómente uma arvore. Elle e sua mulher (que muitas vezes são as ter-

ceiras «dos roubos») aquella só cousa que havia no mundo que não fosse sua, essa roubaram. Já temos a Adão eleito, já o temos com officio, já o temos ladrão. E quem foi que pagou o furto? Caso sobre todos admiravel! Pagou o furto quem elegeu e deu o officio ao ladrão, «posto que o fizera não só sem culpa, mas por um lanço de bondade infinita.» Quem elegeu e deu o officio a Adão foi Deus; e Deus foi o que pagou o furto tão á sua custa, como sabemos. O mesmo Deus o disse assim, referindo o muito que lhe custára a satisfação do furto e dos damnos d'elle: *Quae non rapui, tunc exsolvebam*. Vistes o corpo humano de que me vesti, sendo Deus? vistes o muito que padeci? vistes o sangue que derramei? vistes a morte a que fui condemnado entre ladrões? Pois então e com tudo isso pagava o que não furtei: Adão foi o que furtou, e eu o que paguei: *Quae non rapui tunc exsolvebam*. Pois, Senhor meu, que culpa teve vossa Divina Magestade no furto de Adão? Nenhuma culpa tive, nem a tivera ainda que não fôra Deus. Porque na eleição d'aquelle homem e no officio que lhe dei, em tudo procedi com a circumspecção, prudencia e providencia com que o devera e deve fazer o principe mais attento a suas obrigações, mais considerado e mais justo. Primeiramente quando o fiz não foi com imperio despotico, como as outras creaturas, senão com maduro conselho e por consulta de pessoas não humanas, senão divinas: *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram et praesit*. As partes e qualidades que concorriam no eleito eram as mais adequadas ao officio, que se podiam desejar, nem imaginar: porque era o mais sabio de todos os homens, justo sem vicio, recto sem injustiça e senhor de todas as suas paixões, as quaes tinha sujeitas e obedientes á razão. Só lhe faltava a experiencia, nem houve concurso de outros sujeitos na sua eleição, mas ambas estas cousas não as podia então haver, porque era o primeiro homem e o unico. Pois se a vossa eleição Senhor, foi tão justa e tão justificada, que bastava ser vossa para o ser: porque haveis vós de pagar o furto que elle fez, sendo toda a culpa sua? Porque quero dar este exemplo e documento aos principes; e porque não convém que fique no mundo uma tão má e perniciosa consequencia, como seria se os principes se persuadissem em algum caso, que não eram obrigados a pagar e satisfazer o que seus ministros roubassem.

Ensino de Christo para conhecer nos provimentos dos officios os ladrões occultos e os manifestos. *Joan*. 10.

VII. Mas estou vendo que com este exemplo de Deus se desculpam ou podem desculpar os reis. Porque se a Deus lhe succedeu tão mal com Adão, conhecendo muito bem Deus o que elle havia de ser; que muito é que succeda o mesmo aos reis

com os homens, que elegem para os officios, se elles não sabem, nem podem saber o que depois farão? A desculpa é apparente; mas tão falsa, como mal fundada; porque Deus não faz eleição dos homens pelo que sabe que hão de ser, senão pelo que de presente são. Bem sabía Christo que Judas havia de ser ladrão: mas quando o elegeu para o officio em que o foi, não só não era ladrão, mas muito digno de se lhe fiar o cuidado de guardar e distribuir as esmolas dos pobres. Elejam assim os reis as pessoas, e provejam assim os officios; e Deus os desobrigará n'esta parte da restituição. Porém as eleições e provimentos que se usam, não se fazem assim. Querem saber os reis, se os que provêm nos officios são ladrões ou não? Observem a regra de Christo: *Qui non intrat per ostium, fur est et latro.* «A differença de *fur* a *latro*, como diz S. Jeronymo, é que *fur* é ladrão occulto, *latro* ladrão descoberto. E como «a porta por onde legitimamente se entra no officio é só o merecimento; «por isso» todo o que não entra pela porta será, diz Christo, *fur et latro*. Agora será ladrão occulto, mas depois ladrão descoberto: duas vezes ladrão; uma vez porque furta o officio, e outra vez pelo que ha de furtar com elle. O que entra pela porta, poderá vir a ser ladrão; mas os que não entram por ella já o são. Uns entram pelo parentesco, outros pela amizade, outros pela valia, outros pelo suborno e todos pela negociação. E quem negoceia, não ha mister outra prova; já se sabe que não vai a perder: «no principio furtará com rebuço, depois a cara descoberta.»

Os que entram nos officios pelas janellas e por cima dos telhados. *Joel.* 2.

Cousa é certo maravilhosa ver a alguns tão introduzidos e tão entrados, não entrando pela porta nem podendo entrar por ellas. Se entraram pelas janellas como aquelles ladrões de que faz menção Joel: *Per fenestras intrabunt quasi fur*, grande desgraça é, que sendo as janellas feitas para entrar a luz e o ar, entrem por ellas as trevas e os desares. Se entraram minando a casa do pae de familias, como o ladrão da parabola de Christo; ainda seria maior desgraça, que o somno ou lethargo do dono da casa fosse tão pesado, que minando-se-lhe as paredes, não o espertassem os golpes. Mas o que excede a toda a admiração é que haja quem, achando a porta fechada, emprehenda entrar por cima dos telhados, e o consiga; e mais sem ter pés nem mãos, quanto mais azas. Estava Christo Senhor nosso curando milagrosamente os infermos dentro em uma casa e era tanto o concurso, que não podendo os que levavam um paralytico entrar pela porta, subiram-se com elle ao telhado, e por cima do telhado o introduziram. Ainda é mais admiravel a consideração do sujeito, que o modo e o logar de o introduzirem. Um ho-

mem que entrasse por cima dos telhados quem não havia de julgar que era caido do céu? E o tal homem era paralytico, que não tinha pés, nem mãos, nem sentido, nem movimento: mas teve com que pagar a quatro homens que o tomaram ás costas e o subiram tão alto. E como os que trazem ás costas similhantes sujeitos, estão tão pagos d'elles, que muito é que digam e informem (posto que sejam tão incapazes) que lhe sobejam merecimentos por cima dos telhados. Como não podem allegar façanhas de quem não tem mãos, dizem virtudes e bondades. Dizem que com os seus procedimentos captiva a todos. E como os não havia de captivar se os comprou? Dizem que fazendo sua obrigação, todos lhe ficam devendo dinheiro. E como lh'o não hão de dever, se lh'o tomaram? Deixo os que sóbem aos postos pelos cabellos e não com as forças de Samsão, senão com os favores de Dalila. Deixo os que com voz conhecida de Jacob levam a benção de Esaú; e não com as lovas calçadas, senão dadas e promettidas. Deixo os que sendo mais leprosos que Naaman Syro se alimparam da lepra; e não com as aguas do Jordão, senão com as do Rio da Prata. É isto e o mais que se podia dizer entrar pela porta? Claro está que não. Pois se nada d'isto se faz, «como ladrão, de noite» senão na face do sol e na luz do meio dia; como se póde escusar quem ao menos firma os provimentos, de que não conhecia serem ladrões os que por estes meios foram providos? Finalmente, ou os conhecia ou não: se os não conhecia, como os proveu sem os conhecer? E se os conhecia, como os proveu, conhecendo-os? Mas vamos aos providos com expresso conhecimento de suas qualidades.

Requerimentos que se costuma fazer e seu despacho.

VIII. Dom Fulano (diz a piedade bem intencionada) é um fidalgo pobre: dê-se-lhe um governo. E quantas impiedades ou advertidas ou não, se conteem n'esta piedade! Se é pobre, dêem-lhe uma esmola honestada com o nome de tença, e tenha com que viver. Mas porque é pobre, um governo, para que vá desempobrecer á custa dos que governar, e para que vá fazer muitos pobres á conta de tornar muito rico? Isto quer quem o elege por este motivo. Vamos aos do premio e tambem aos do castigo. Certo capitão mais antigo tem muitos annos de serviço: dêem-lhe uma fortaleza nas conquistas. Mas se esses annos de serviço assentam sobre um sujeito que os primeiros despojos que tomava na guerra eram a farda e a ração dos seus proprios soldados, despidos e mortos de fome; que ha de fazer em Sofala ou em Mascate? Tal graduado em leis leu com grande applauso no paço; porém em duas judicaturas e uma correição não deu bôa conta de si: pois vá degradado para a

India com uma béca, E se na Beira e no Alemtejo, onde não ha diamantes, nem rubís, se lhe pegavam as mãos a este doutor, que será na relação de Goa?

Informação chistosa de S. Francisco Xavier dos que governavam a India.

Encommendou el-rei D. João o terceiro a S. Francisco Xavier o informasse do estado da India por via de seu companheiro, que era mestre do principe; e o que o sancto escreveu de lá, sem nomear officios, nem pessoas foi, que o verbo *rapio* na India se conjugava por todos os modos. A phrase parece jocosa em negocio tão sério: mas fallou o servo de Deus, como falla Deus, que em uma palavra diz tudo. O que eu posso accrescentar pela experiencia que tenho, é, que não só do Cabo da Boa Esperanca para lá, mas tambem das partes d'áquem se usa egualmente a mesma conjugação. Conjugam por todos os modos o verbo *rapio* porque furtam por todos os modos da arte, não fallando em outros novos e exquisitos que não conheceu Donato nem Despauterio. • E quando elles tem conjugado a

• *Nota do compilador*. Aqui o nosso grande orador larga as velas ao seu genio satyrico, para descrever os roubos dos taes ladrões. Parece-me que a descripção rebaixa demais a dignidade de tão nobre sermão, e por isso a deixei. Mas porque é fundada na verdade e póde servir para a historia, a dou n'esta nota.—Tanto que lá chegam começam a furtar pelo modo indicativo; porque a primeira informação que pedem aos praticos, é que lhe aponctem e mostrem os caminhos por onde podem abarcar tudo. Furtam pelo modo imperativo; porque como teem o merò e misto imperio, todo elle applicam despoticamente ás execuções da rapina. Furtam pelo modo mandativo, porque acceitam quanto lhes mandam, e para que mandem todos, os que não mandam não são acceitos. Furtam pelo modo optativo; porque desejam quanto lhe parece bem; e gabando as cousas desejadas aos donos d'ellas, por cortezia sem vontade as fazem suas. Furtam pelo modo conjunctivo; porque ajunctam o seu pouco cabedal com o d'aquelles que manejam muito; e basta só que ajunctem a sua graça, para serem, quando menos, meeiros na ganancia. Furtam pelo modo potencial; porque sem pretexto nem ceremonia usam de potencia. Furtam pelo modo permissivo; porque permittem que outros furtem e estes compram as permissões. Furtam pelo modo infinitivo; porque não tem fim o furtar com o fim do governo; e sempre lá deixam raizes em que se vão continuando os furtos. Estes modos conjugam por todas as pessoas; porque a primeira pessoa do verbo é a sua, as segundas os seus creados, e as terceiras, quantas para isso teem industria e consciencia. Furtam junctamente por todos os tempos; porque do presente (que é o seu tempo) colhem quanto dá de si o triennio; e para incluirem no presente o preterito e futuro, do preterito desenterram crimes, de que vendem os perdões, e dividas esquecidas, de que se pagam inteiramente; e do futuro empenham as rendas e anticipam os contractos, com que tudo o caido e não caido lhe vem a cair nas mãos. Finalmente nos mesmos tempos, não lhe escapam os imperfeitos, perfeitos, plus quam perfeitos e quaesquer outros, porque furtam, furtaram, furtavam, furtariam e haveriam de furtar mais se mais houvesse. Em summa, que o resumo de toda esta rapante conjugação vem a ser o supino do mesmo verbo a furtar para furtar.

voz activa, e as miseraveis provincias supportado toda a passiva, elles como se tiveram feito grandes serviços, tornam carregados de despojos e ricos; e ellas ficam roubadas e consumidas.

Os que vão governar nas conquistas são peiores que os cossarios.

E' certo que os reis não querem isto antes mandam em seus regimentos tudo o contrario. Mas como as patentes se dão aos grammaticos d'estas conjugações tão peritos ou tão cadimos n'ellas; que outros effeitos se podem esperar dos seus governos? Cada patente d'estas em propria significação vem a ser uma licença geral *in scriptis* ou um passaporte para furtar. Em Hollanda, onde ha tantos armadores de cossarios, repartem-se as costas da Africa, da Asia e da America com tempo limitado; e nenhum póde saír a roubar sem passaporte, a que chamam carta de marca. Isto mesmo valem as provisões, quando se dão aos que eram mais dignos da marca, que da carta. Por mar padecem os moradores das conquistas a pirataria dos cossarios extrangeiros, que é contingente; na terra supportam a dos naturaes que é certa e infallivel. E se alguem duvida qual seja maior, note a differença de uns a outros. O pirata do mar não rouba aos da sua republica; os da terra roubam os vassallos do mesmo rei, em cujas mãos juraram homenagem. Do cossario do mar posso-me defender; aos da terra não posso resistir. Do cossario do mar posso fugir; dos da terra não me posso esconder. O cossario do mar depende dos ventos; os da terra sempre tem por si a monção. Em fim o cossario do mar póde o que póde; os da terra podem o que querem; e por isso nenhuma preza lhe escapa. Se houvesse um ladrão omnipotente que vos parece que faria a cubiça juncta com a omnipotencia? Pois isso é o que fazem esses cossarios.

O que merecem os reis que não castigam estes ladrões S. Thomás citando S. Paulo. *Rom.* 1.

IX. Dos que obram o contrario com singular inteireza de justiça e limpeza de interesse, alguns exemplos temos, posto que poucos. Mas folgara em saber quantos exemplos ha, não digo já dos que fossem justiçados como tão insignes ladrões, mas dos que fossem privados do governo por estes roubos? Pois se elles furtam com os officios e os consentem e conservam nos mesmos officios, como não hão de levar comsigo ao inferno os que os consentem? O meu sancto Thomás o diz com o texto de S. Paulo: *Digni sunt morte non solum qui faciunt, sed etiam qui consentiunt facientibus*. E porque o rigor d'este texto se intende não de qualquer consentidor, senão d'aquelles que por seu officio ou estado tem obrigação de impedir, faz logo a mesma limitação o sancto doutor e põi o exemplo nomeadamente nos principes: *Sed solum quando incumbit alicui ex officio sicut principibus terrae*. Verdadeiramente não sei como não reparam

muito os principes em materia de tanta importancia; e como os não fazem reparar os que no fôro exterior ou no da alma teem cargo de descarregar suas consciencias. Véjam uns e outros, como a todos ensinou Christo que o ladrão que furta com o officio, nem um momento se ha de consentir ou conservar n'elle.

A parabola do feitor ensina que o ladrão que furta com o officio nem um momento se deve conservar n'elle. *Luc. 16.*

Havia um senhor rico, diz o Divino Mestre, o qual tinha um creado que com o officio de economo ou administrador, governava as suas herdades. (Tal é o nome no original grego que responde ao *villico* da vulgata). Infamado pois o dicto administrador de que se aproveitava da administração e roubava; tanto que chegou a primeira noticia ao senhor, mandou-o logo vir diante de si; e disse-lhe que désse contas; porque já não havia de exercitar o officio. Ainda a resolução foi mais apertada; porque não só disse que não havia, senão que não podia: *Jam enim non poteris villicare.* Não tem palavra esta parabola que não esteja cheia de notaveis doutrinas a nosso proposito. Primeiramente diz que este senhor era um homem rico: *Homo quidam erat dives:* porque não será homem quem não tiver resolução; nem será rico, por mais herdades que tenha, quem não tiver cuidado e grande cuidado de não consentir que lh'as governem ladrões. Diz mais que para privar a este ladrão do officio, bastou sómente a fama sem outras inquisições: *Et hic diffamatus est apud illum.* Porque se em taes casos se houverem de mandar buscar informações á India ou ao Brazil; primeiro que ellas cheguem e se lhes ponha remedio não haverá Brazil nem India. Não se diz, porém, nem se sabe quem fossem os auctores ou delatores d'esta fama: porque a estes ha-lhes de guardar segredo o senhor inviolavelmente, sob pena de não haver quem se atreva a o avisar, temendo justamente a ira dos poderosos. Diz mais que mandou vir ao delatado deante de si: *Et vocavit eum:* porque similhantes averiguações se se commettem a outros, e não as faz o mesmo senhor por sua propria pessoa, com dar o ladrão parte do que roubou, prova que está innocente. Finalmente desengana-o e notifica-lhe, que não ha de exercitar jámais o officio, nem póde: *Jam enim non poteris villicare:* porque nem o ladrão conhecido deve continuar o officio em que foi ladrão; nem o senhor, ainda que quizesse, o póde consentir e conservar n'elle, se não se quer condemnar.

Ainda que o furto não seja grande e a pessoa tenha grandes talentos

Comtudo isto ser assim, eu ainda tenho uns embargos que allegar por parte do ladrão deante do Senhor e Auctor da mesma parabola que é Christo. Provará, que nem o furto por sua quantidade, nem a pessôa por seu talento, parecem merecedores de

privação do officio para sempre. Este homem, Senhor, posto que commettesse este erro, é um sujeito de grande talento, de grande industria, de grande intendimento e prudencia, como vós mesmo confessastes e ainda louvastes que é mais: *Laudavit Dominus villicum iniquitatis, quia prudenter fecisset.* Pois se é homem de tanto prestimo e tem capacidade e talentos para vos tornardes a servir d'elle; porque o haveis de privar para sempre do vosso serviço: *Jam enim non poteris villicare?* Suspendei-o agora por alguns mezes, como se usa; e depois o tornareis a restituir, para que nem vós o percais, nem elle fique perdido. Não, diz Christo: uma vez que é ladrão conhecido, não só ha de ser suspenso ou privado do officio *ad tempus*, senão para sempre e para nunca jámais entrar ou poder entrar: porque o uso ou abuso d'essas restituições, ainda que parece piedade, é manifesta injustiça. De maneira que em vez de o ladrão restituir o que furtou no officio restitúi-se o ladrão no officio para que furte mais! Não são essas as restituições pelas quaes se perdoa o peccado; senão aquellas, porque se condemnam os restituidos e tambem quem os restitúi. Perca-se embora um homem já perdido, e não se percam os muitos que se podem perder na confiança de similhantes exemplos.

Soffrer um ladrão é multiplicar roubos e ladrões.

Supposto que este primeiro artigo dos meus embargos não pegou, passemos a outro. Os furtos d'este homem, «parece, não foram tão grandes, que mereça a privação total do officio; porque elle não vendeu ou alhenou os bens, mas sómente se aproveitou da sua administração; é o que dizem os seus accusadores:» *Quasi dissipasset bona ipsius.* Pois em um mundo, Senhor, e em um tempo em que se vêem tolerados nos officios tantos ladrões e premiados, o que é mais, o *plusquam* ladrões, será bem que seja privado do seu officio e privado para sempre «este que é menos culpado? Sim, torna a dizer Christo, para emenda dos mesmos tempos e para que conheça o nosso mundo quão errado vai. «Soffrer um ladrão é multiplicar roubos e ladrões» E senão véde-o n'esse mesmo ladrão. Tanto que se viu notificado para não servir o officio, ainda teve traça para se servir d'elle e furtar mais do que tinha furtado. Manda chamar muito á pressa os rendeiros, rompe os escriptos das dividas, faz outros de novo com antedatas, a uns diminúi ametade, a outros a quinta parte e por este modo roubando ao tempo os dias, ás escripturas a verdade e ao amo o dinheiro «accrescentou mais estes furtos aos que» tinha feito em quanto encartado no officio. Aqui acabei de intender a emphase com que disse a pastora dos

Cant. 5.

cantares: *Tulerunt pallium meum mihi*: tomaram-me a minha capa a mim: porque se póde tomar a capa a um homem, to-

mando-a não a elle, senão a outrem. Assim o fez a astucia d'este ladrão, que roubou o dinheiro a seu amo; tomando-o não a elle, senão aos que lh'o deviam. De sorte que o que antes era um ladrão, depois foi muitos ladrões, não se contentando de o ser elle só, senão de fazer a outros. Mas vá elle muito embora ao inferno, e vão os outros com elle; e os principes imitem ao Senhor, que se livrou de ir tambem com o privar do officio tão promptamente.

Devem ser castigados ainda os nobres como o foi Achan.

X. Esta doutrina em geral, pois é de Christo, nenhum intendimento christão haverá que a não venere. Haverá, porém, algum politico tão especulativo que a queira limitar a certo genero de sujeitos e que funde as excepções ao mesmo texto. O sujeito em que se fez esta execução, chama-lhe o Texto villico: logo em pessoas vis ou de inferior condição será bem que se executem estes e similhantes rigores e não em outras de differente supposição, com as quaes por sua qualidade e outras dependencias é licito e conveniente que os reis dissimulem. Oh como está o inferno cheio dos que com estas e outras interpretações, por adularem os grandes e os supremos não reparam em os condemnar! Mas para que não creiam a aduladores, creiam a Deus e ouçam. Revelou Deus a Josué que se tinha commettido um furto no despojo de Jericó, depois de lh'o ter bem custosamente significado com o feliz successo do seu exercito; e mandou-lhe que descuberto o ladrão, fosse queimado. Fez-se diligencia exacta, e achou-se que um chamado Achan tinha furtado uma capa de grã, uma regra de ouro e algumas moedas de prata, que tudo não valia cem cruzados. Mas quem era este Achan? Era porventura algum homem vil ou algum soldadinho da fortuna, desconhecido, e nascido das hervas? Não era menos que do sangue real de Judá, e por linha masculina quarto neto seu. Pois uma pessoa de tão alta qualidade, que ninguem era illustre em todo Israel, senão pelo parentesco que tinha com elle, ha de morrer queimado por ladrão? E por um furto que hoje seria venial, ha de ficar affrontada para sempre uma casa tão illustre? Vós direis que era bem se dissimulasse: mas Deus, que o intende melhor que vós, julgou que não. Em materia de furtar não ha excepção de pessoas; e quem se abateu a taes vilezas, perdeu todos os fóros. Executou-se com effeito a lei; foi justiçado e queimado Achan; ficou o povo ensinado com o exemplo; e elle venturoso no mesmo castigo; porque, como notam graves auctores, commutou-lhe Deus aquelle fogo temporal pelo que havia de padecer no inferno: felicidade que impedem aos ladrões os que dissimulam com elles.

E ainda ás pessoas de quem depende a conservação do bem publico se deve tirar a occasião de furtar, como Deus a tirou a Adão. *Gen*. 3.

E quanto á dissimulação que, se diz, devem ter os reis com pessoas de grande supposição, de quem talvez depende a conservação do bem publico, e são mui necessarias a seu serviço, respondo com distincção: Quando o delicto e digno de morte, póde-se dissimular o castigo e conceder-se ás taes pessoas a vida: mas quando o caso é de furto, não se lhe póde dissimular a occasião, mas logo devem ser privadas do posto. Lançou Deus a Adão do paraiso e concedeu-lhe a vida por muitos annos. Pois se Deus o lançou do paraiso pelo furto que tinha commettido, porque não executou «no mesmo tempo» a pena de morte a que ficou sujeito? Porque da vida de Adão dependia a conservação e propagação do mundo; e quando as pessoas são de tanta importancia e tão necessarias ao bem publico, justo é que, ainda que mereçam a morte, se lhes permitta e conceda a vida. Porém se junctamente são ladrões, de nenhum modo se póde consentir, nem dissimular que continuem no posto e logar onde o foram, para que não continuem a o ser. Assim o fez Deus e assim o disse. Poz um cherubim com uma espada de fogo á porta do paraiso com ordem que de nenhum modo deixasse entrar a Adão. E porquê? Porque assim como tinha furtado da arvore da sciencia não furtasse tambem da arvore da vida: *Ne forte mittat manum suam et sumat etiam de ligno vitae*. Quem foi mau uma vez, présume o direito que o será sempre. Sáia, pois, Adão do logar onde furtou e não torne a entrar n'elle, para que não tenha occasião de fazer outros furtos, como fez o primeiro. E notae que Adão, depois de ser privado do paraiso, viveu novecentos e trinta annos. Pois a um homem castigado e arrependido, não lhe bastarão cem annos de privação do posto; não lhe bastarão duzentos ou trezentos? Não; ainda que haja de viver novecentos annos e houvesse de viver nove mil, uma vez que roubou e é conhecido por ladrão, nunca mais deve ser restituido, nem ha de entrar no mesmo posto.

Promover os ladrões é excesso raro atè no paganismo.

XI. Assim o fez Deus com o primeiro homem do mundo; e assim o devem executar com todos, os que não estão em logar de Deus. Mas que seria se não só vissemos os ladrões conservados nos logares, onde roubam, senão depois de roubarem promovidos a outros maiores? Acabaram-se aqui as Escripturas; porque não ha n'ellas exemplo similhante. De reis que mandassem conquistar inimigos, sim: mas de reis que mandassem governar vassallos, não se lê tal cousa. Os Assueros, os Nabucos, os Cyros que dilatavam por armas os seus imperios, d'esta maneira premiavam os capitães, acrescentando em postos os que mais se assignalavam em destruir cidades e ac-

cumular despojos; e d'aqui se faziam os Nabuzardões, os Holofernes e outros flagellos do mundo. Porém os reis que tractam os vassallos como seus e os estados, posto que distantes, como fazenda propria e não alheia, lêde o Evangelho e vereis quaes são os sujeitos e quão uteis a quem encommendam o governo d'elles.

Porque na parabola do rei que deu a administração da sua fazenda a tres creados não se introduziu um quarto que a roubasse.

Um rei, diz Christo Senhor nosso, fazendo ausencia do seu reino á conquista de outro, encommendou a administroção da sua fazenda a tres creados. O primeiro accrescentou-a dez vezes mais do que era; e o rei, depois de o louvar o promoveu ao governo de dez cidades: *Euge, bone serve, quia in modico fuisti fidelis, eris potestatem habens super decem civitates.* O segundo tambem accrescentou a parte que lhe coube cinco vezes mais; e com a mesma proporção o fez o rei governador de cinco cidades: *Et tu esto super quinque civitates.* De sorte que os que o rei accrescenta e deve accrescentar nos governos, segundo a doutrina de Christo, são os que accrescentam a fazenda do mesmo rei e não a sua. Mas vamos ao terceiro creado. Este tornou a entregar quanto o rei lhe tinha encommendado, sem diminuição, mas tambem sem melhoramento; e no mesmo poncto sem mais réplica foi privado da administração: *Auferte ab illo mnam.* Oh que ditosos foram os nossos tempos, se as culpas por que este creado foi privado do officio, foram os serviços e merecimentos por que os de agora são accrescentados! Se o que não tomou um real para si e deixou as cousas no estado em que lh'as entregaram, merece privação do cargo; os que as deixam destruidas e perdidas e tão diminuidas e desbaratadas, que já não teem similhança do que foram, que merecem? Merecem que os despachem, que os accrescentem e que lhes encarreguem outras maiores, para que tambem as consumam, e tudo se acabe. Eu cuidava que assim como Christo introduziu na sua parabola dous creados que accrescentavam a fazenda do rei, e um que a não accrescentou; assim havia de introduzir outro que a roubasse, com que ficava a divisão inteira. Mas não introduziu o Divino Mestre tal creado; porque fallava de um rei prudente e justo; e os que teem estas qualidades (como devem ter sob pena de não serem reis) nem admittem em seu serviço, nem fiam a sua fazenda a sujeitos que lh'a possam roubar. A algum que não lh'a accrescente, poderá ser, mas um só; porém, a quem lhe roube ou a sua ou a dos seus vassallos (que não deve distinguir da sua) não é justo, nem rei quem tal consente. E que seria se estes, depois de roubarem uma cidade, fossem promovidos ao governo de cinco; e depois de roubarem cinco ao governo de dez?

Principes fieis que são, como diz Isaias, companheiros dos ladrões.

Que mais havia de fazer um principe christão se fôra como aquelles principes infieis de quem diz Isaias: *Principes tui infideles socii furum.* Os principes de Jerusalem não são fieis, senão infieis; porque são companheiros dos ladrões. Pois saiba o propheta, que ha principes fieis e christãos, que ainda são mais miseraveis e mais infelizes que estes. Porque um principe que entrasse em companhia com os ladrões, *socii furum*, havia de ter tambem a sua parte no que se roubasse. Mas estes são tão fóra de ter sua parte no que se rouba, que elles são os primeiros e os mais roubados. Pois se são os roubados estes principes, como são ou podem ser companheiros dos mesmos ladrões? Será por ventura, porque talvez os que acompanham e assistem os principes são ladrões? Se assim fosse não sería cousa nova: mas eu não digo nem cuido tal cousa. O que só digo e sei por ser theologia certa, é, que em qualquer parte do mundo se póde verificar o que Isaias diz dos principes de Jerusalem: *Principes tui socii furum:* os teus principes são companheiros dos ladrões. E porque? São companheiros dos ladrões, porque os dissimulam: são companheiros dos ladrões, porque os consentem: são companheiros dos ladrões, porque lhes dão os postos e os poderes: são companheiros dos ladrões, porque talvez os defendam; e são finalmente seus companheiros, porque os acompanham e hão de acompanhar ao inferno, onde os mesmos ladrões os levam comsigo.

Como os ameaça o Juiz Eterno no ps. 49.

Ouvi a ameaça e sentença de Deus contra estes taes: *Si videbas furem, currebas cum eo.* O hebreu lê *concurrebas*; e tudo é: porque ha principes que correm com os ladrões e concorrem com elles. Correm com elles, porque os admittem á sua familiaridade e graça; e concorrem com elles, porque dando-lhes auctoridade e jurisdicções, concorrem para o que elles furtam. E a maior circumstancia d'esta gravissima culpa consiste no *Si videbas.* Se estes ladrões foram occultos, e o que corre e concorre com elles não os conhecera, alguma desculpa tinha. Mas se elles são ladrões publicos e conhecidos; se roubam sem rebuço e a cara descoberta; se todos os vêem roubar, e o mesmo que os consente e apoia, o está vendo; que disculpa póde ter deante de Deus e do mundo? *Existimasti, inique, quod ero tui similis?* Cuidas tú, ó injusto, diz Deus, que hei de ser similhante a ti, e que assim como tu dissimulas com esses ladrões, hei de eu dissimular comtigo? Enganas-te: *Arguam te et statuam contra faciem tuam.* D'essas mesmas ladroices que tu vês e consentes hei de fazer um espelho em que te vejas; e quando vires que és tão reu de todos esses furtos, como os mesmos ladrões, porque os não impedes, e mais que os mes-

mos ladrões, porque tens obrigação jurada de os impedir; então conhecerás que tanto e mais justamente que a elles te condemno ao inferno. Assim o declara com ultima e temerosa sentença a paraphrase chaldaica do mesmo texto: *Arguam te in hoc saeculo et ordinabo judicium Gehennae in futuro coram te:* n'este mundo arguirei a tua consciencia; como agora estou arguindo; e no outro mundo condemnarei a tua alma ao inferno; como se verá no dia do juizo.

Mandando os reis efficazmente que os ladrões restituam salvar-se-hão uns e outros.

XII. Grande lastima será n'aquelle dia, senhores, vêr como os ladrões levam comsigo muitos reis ao inferno; e para que esta sorte se troque em uns e outros, vejamos como os mesmos reis, se quizerem, podem levar comsigo os ladrões ao paraiso. Parecerá a alguem, pelo que fica dicto, que será cousa muito difficultosa, e que se não póde conseguir sem grandes despezas. Mas eu vos affirmo e mostrarei brevemente que é cousa muito facil; e que sem nenhuma despeza de sua fazenda, antes com muitos augmentos d'ella, o podem fazer os reis. E de que modo? Com uma palavra, mas palavra de rei: mandando que os mesmos ladrões, os quaes não costumam restituir, restituam effectivamente tudo que roubaram. Executando-o assim, salvar-se-hão os ladrões e salvarse-hão os reis. Os ladrões salvar-se-hão, porque restituirão o que teem roubado, e os reis salvar-se-hão tambem porque restituindo os ladrões não terão elles obrigação de restituir. Pode haver acção mais justa, mais util e mais necessaria a todos? Só quem não tiver fé nem consciencia, nem juizo, o póde negar.

Deviam os ladrões não só abraçar esta execução, más pedil-a ainda que sejam tão maus como o mau Ladrão.

E porque os mesmos ladrões se não sintam de haverem de perder por este modo o fructo das suas industrias; considerem que ainda que sejam tão máus como o mau Ladrão, não só deviam abraçar e desejar esta execução, mas pedil-a aos mesmos reis. O bom Ladrão pediu a Christo como, a rei, que se lembrasse d'elle no seu reino: e o mau Ladrão que lhe pediu? *Si tu es Christus salvum fac temetipsum et nos:* se sois o rei promettido, como crê meu companheiro, salvae-vos a vós e a nós. Isto pediu o mau Ladrão a Christo; e o mesmo devem pedir todos os ladrões a seu rei; posto que sejam tão máus, como o mau Ladrão. Nem vossa majestade, senhor, se póde salvar, nem nós nos podemos salvar sem restituir. Nós não temos animo nem valor para fazer a restituição, como nenhum a faz, nem na vida, nem na morte. Mande-o, pois, fazer executivamente vossa majestade; e por este modo, posto que para nós seja violento, salvar-se-ha vossa majestade a si e mais a nós: *Salvum fac temetipsum et nos.* Creio que nenhuma consciencia haverá christã que não approve este meio. E para que não fique em

generalidade, que é o mesmo que no ar, desçamos á practica d'elle; e vejamos como se ha de fazer. Queira Deus que se faça!

Os reis devem obrigar á restituição do que se furtou ao governo e aos particulares. Differença de uma a outra restituição.

O que costumam furtar n'estes officios e governos os ladrões de que fallamos ou é a fazenda real ou a dos particulares; e uma e outra teem obrigação de restituir depois de roubada, não só os ladrões que a roubaram, senão tambem os reis; ou seja, porque dissimularam e consentiram os furtos, quando se faziam, ou sómente (que isso basta) por serem sabedores d'elles depois de feitos. E aqui se deve advertir uma notavel differença (em que se não repara) entre a fazenda dos reis e a dos particulares. Os particulares, se lhes roubam a sua fazenda, não só não são obrigados a restituição, antes terão n'isso grande merecimento se o levarem com paciencia; e podem perdoar o furto a quem os roubou. Os reis são de muito peior condição n'esta parte: porque, depois de roubados teem elles obrigação de restituir a propria fazenda roubada, nem a podem dimittir, ou perdoar aos que a roubaram. A razão da differença é, porque a fazenda do particular é sua; a do rei não é sua, senão da republica. E assim como o depositario, ou tutor, não póde deixar alienar a fazenda que lhe está encommendada e teria obrigação de a restituir, assim tem a mesma obrigação o rei que é tutor e como depositario dos bens e erario da republica; a qual seria obrigado a gravar com novos tributos, se deixasse alienar ou perder as suas rendas ordinarias.

O modo de restituir ao governo é imitar ao monje Frei Theodorico.

O modo, pois, com que as restituições da fazenda real se podem fazer facilmente, ensinou aos reis um monje; o qual, assim como soube furtar, soube tambem restituir. Refere o caso Mayolo, Grantzio e outros. Chamava-se o monje Frei Theodorico; e porque era homem de grande intelligencia e industria, commetteu-lhe o imperador Carlos IV algumas negociações de importancia em que elle se aproveitou de maneira que competia em riquezas com os grandes senhores. Advertido o imperador, mandou-o chamar á sua presença, e disse-lhe que se apparelhasse para dar contas. Que faria o pobre monje? Respondeu, sem se assustar, que já estava apparelhado, que n'aquelle mesmo poncto as daria; e disse assim: Eu, Cesar, entrei no serviço de vossa majestade com este habito e dez ou doze tostões na bolsa, da esmola das minhas missas: deixe-me vossa majestade o meu habito e os meus tostões, e tudo o mais que possuo, mande-o vossa majestade receber, que é seu; e tenho dado contas. Com tanta facilidade como isto fez o monje a sua restituição; e elle ficou guardando os seus votos e o imperador a sua fazenda. Reis e principes mal servidos, se que-

reis salvar a alma e recuperar a fazenda; introduzi sem excepção de pessoa as restituicões de Fr. Theodorico. Saiba-se com que entrou cada um, «e o que se lhe deve pelo seu serviço»; o demais torne para d'onde saiu, e salvem-se todos.

O imperador Maximino ensina o modo de fazer executar as restituições.

XIII. A restituição que egualmente se deve fazer aos particulares, parece que não póde ser tão prompta nem tão exacta; porque se tomou a fazenda a muitos e a provincias inteiras. Mas como estes pescadores do alto usaram de redes varredouras, use-se tambem com elles das mesmas. Se trazem muito, como ordinariamente trazem, já se sabe que foi acquirido contra a lei de Deus ou contra as leis e regimentos reaes; e por qualquer d'estas cabeças, ou por ambas, injustamente. Assim se tiram da India quinhentos mil cruzados, de Angola duzentos. do Brazil trezentos; e até do pobre Maranhão mais do que vale todo elle. E que se ha de fazer d'esta fazenda? «Restituil-a ás provincias ou particulares, e isto será» applical-a o rei á sua alma e ás dos que a roubaram, para que umas e outras se salvem. Dos governadores que mandava a diversas provincias o imperador Maximino, se dizia com galante e bem appropriada similhança, que eram esponjas. A traça ou astucia, com que usava d'estes instrumentos, era toda encaminhada a fartar a sede da sua cubiça. Porque elles, como esponjas, chupavam das provincias que governavam tudo quanto podiam; e o imperador, quando tornavam, espremia as espojas e tomava para o fisco real quanto tinham roubado; com que elle ficava rico e elles castigados. Uma cousa fazia mal este imperador, outra bem, e faltava-lhe a melhor. Em mandar governadores ás provincias homens que fossem esponjas, fazia mal; em espremer as esponjas quando tornavam e lhes confiscar o que traziam, fazia bem e justamente: mas faltava-lhe a melhor, como injusto e tyranno que era; porque tudo o que espremia das esponjas, não o havia de tomar para si, senão restituil-o ás mesmas provincias d'onde se tinha roubado. Isto é o que são obrigados a fazer em consciencia os reis que se desejam salvar; e não cuidar que satisfazem ao zelo e obrigação da justiça com mandar prender em um castello o que roubou a cidade, a provincia, o estado. Que importa que por alguns dias ou mezes se lhe dê esta sombra de castigo, se, passados elles, se vai lograr do que trouxe roubado; e os que padeceram os damnos não são restituidos? Ha n'esta que parece justiça um engano gravissimo, com que nem o castigado, nem o que castiga, se livram da condemnação eterna.

O rei póde dispensar da pena do furto mas não da restituição.

S. Thomás.

E para que se intenda ou queira intender este engano, é necessario que se declare. Quem tomou o alheio fica sujeito a

duas satisfações; á pena da lei e á restituição do que tomou. Na pena póde dispensar o rei como legislador; na restituição não póde, porque é indispensavel. E obra-se tanto pelo contrario, ainda quando se faz ou se cuida que se faz justiça, que só se executa a pena, ou alguma parte da pena; e a restituição não lembra, nem se faz d'ella caso. Acabemos com Sancto Thomás. Pôi o sancto doutor em questão, se para satisfazer á restituição basta restituir outro tanto, quanto foi o que se tomou; e depois de resolver que basta, porque a restituição é acto de justiça, e a justiça consiste em egualdade; argumenta contra a mesma resolução com a lei do capitulo vinte e dous do Exodo em que Deus mandava, que quem furtasse um boi, restituisse cinco: logo ou não basta restituir tanto por tanto, senão muito mais do que se furtou; ou se basta, como está resoluto, de que modo se ha de intender a lei? Ha se de intender, diz o Sancto, distinguindo na mesma lei duas partes; uma em quanto lei natural pelo que pertence á restituição, e outra em quanto lei positiva, pelo que pertence á pena. A lei natural para guardar a egualdade do damno só manda que se restitua tanto por tanto: a lei positiva para castigar o crime do furto, accrescentou em pena mais quatro tantos; e por isso manda pagar cinco por um. Ha se, porém, de advirtir, accrescenta o sancto doutor, que entre a restituição e a pena ha uma grande differença: porque á satisfação da pena não está obrigado o criminoso antes da sentença; porém á restituição do que roubou, ainda que o não sentenciem, nem obriguem, sempre está obrigado. D'aqui se vê claramente o manifesto engano ainda d'essa pouca justiça, que poucas vezes se usa. Prende-se o que roubou e mette-se em livramento. Mas que segue d'ahi? O preso tanto que se livrou da pena do crime fica muito contente: o rei cuida que satisfez á obrigação da justiça, e ainda se não tem feito nada; porque ambos ficam obrigados á inteira restituição dos mesmos roubos sob pena de se não poderem salvar; o réu, porque não restitúi e o rei, porque o não faz restituir. Tire, pois, o rei executivamente a fazenda a todos os que a roubaram, e faça as restituições por si mesmo, pois elles as não fazem, nem hão de fazer; e d'este modo (que não ha, nem póde haver outros) em vez de os ladrões levarem os reis ao inferno, como fazem, os reis levarão os ladrões ao paraiso, como fez Christo: *Hodie mecum eris in paradiso.*

É força que se diga aos reis o que se não póde calar. Assim o fizeram o Baptista e Jere-

XIV. Tenho acabado, senhores, o meu discurso, e parece-me que demonstrado o que prometti, de que não estou arrependido. Se a alguem pareceu que me atrevi a dizer o que fôra mais reverencia calar, respondo com Sancto Hilario: *Quae loqui*

non audemus, silere non possumus: o que não se póde calar com boa consciencia; ainda que seja com repugnancia é força que se diga. Ouvinte coroado era aquelle a quem o Baptista disse: *Non licet tibi;* e a quem Christo mandou dizer: *Dicite vulpi illi.* Assim o fez animosamente Jeremias, porque era mandado por prégador *Regibus Juda et principibus ejus.* E se Isaias o tivera feito assim, não se arrependera depois, quando disse: *Vae mihi, quia tacui.* Os medicos dos reis com tanta e maior liberdade lhes devem receitar a elles o que importa á sua saude e vida, como aos que curam nos hospitaes. Nos particulares cura-se um homem, nos reis toda a republica.

mias: Isaias se arrependeu de o não ter feito.
Marc. 6.
Luc. 13.
Jerem. 1.
Isai. 6.

Resumindo, pois, o que tenho dicto, nem os reis nem os ladrões, nem os roubados, se pódem molestar da doutrina que préguei, porque a todos está bem. Está bem aos roubados; porque ficarão restituidos do que tinham perdido. Está bem aos reis: porque sem perda, antes com augmento da sua fazenda, desencarregarão suas almas. E finalmente os mesmos ladrões, que parecem os mais prejudicados, são os que mais interessam. Ou roubaram com tenção de restituir, ou não: se com tenção de restituir isso é o que eu lhes digo, e que o façam a tempo. Se o fizeram sem essa tenção, fizeram logo conta de ir ao inferno; e não pódem estar tão cegos que não tenham por melhor ir ao paraiso «para levarem a mal que eu lhes mostre o caminho». Só lhes póde fazer medo haverem de ser despojados do que despojaram aos outros. Mas assim como estes tiveram paciencia por força, tenham-na elles com merecimento. Se os esmoleres compram o céu com o proprio; porque se não contentarão os ladrões de o comprar com o alheio? A fazenda alheia e a propria toda se alija ao mar sem dôr, no tempo da tempestade. E quem ha que, salvando-se do naufragio a nado e despido, não mande pintar a sua boa fortuna, e a dedique aos altares com acção de graças? Toda a sua fazenda dará o homem de boa vontade por salvar a vida, diz o Espirito Sancto; e quanto de melhor vontade deve dar a fazenda que não é sua por salvar não a vida temporal, senão a eterna? O que está sentenciado á morte e á fogueira, não se teria por muito venturoso, se lhe acceitassem por partido a confiscação só dos bens? Considere se cada um na hora da morte e com o fogo do inferno á vista; e verá se é bom partido o que lhe persuado. Se as vossas mãos e os vossos pés são causa de vossa condemnação, cortae-os; e se os vossos olhos, arrancae-os, diz Christo; porque melhor vos está ir ao paraiso manco, aleijado e cego, que com todos os membros inteiros ao inferno. É isto verdade ou não? Acabemos de ter fé; acabemos de crer

Nem os reis nem os ladrões nem os roubados se podem molestar d'esta doutrina.

que ha inferno; acabemos de intender que sem restituir ninguem se póde salvar. Vêde, vêde ainda humanamente o que perdeis e porquê. N'esta restituição ou forçosa ou forçada que não quereis fazer. que é o que dais, e o que deixais? O que dais é o que não tinheis; o que deixais é o que não podeis levar comvosco; e por isso vos perdeis. Nú entrei n'este mundo, e nú hei de sair d'elle, dizia Job; e assim sairam o bom e o máu Ladrão. Pois se assim ha de ser, queirais ou não queirais; despido por despido, não é melhor ir com o bom Ladrão ao paraiso, que com o mau inferno?

Petição ao Rei dos reis.

Rei dos reis e Senhor dos senhores, que morreste entre dous ladrões para pagar o furto do primeiro ladrão; e o primeiro a quem promettestes o paraiso foi outro ladrão; para que os ladrões e os reis se salvem, ensinae com vosso exemplo e inspirae com vossa graça a todos os reis, que não elegendo, nem dissimulando, nem consentindo, nem augmentando ladrões, de tal maneira impidam os furtos futuros e façam restituir os passados, que em logar de os ladrões os levarem comsigo, como levam, ao inferno, levem elles comsigo os ladrões ao paraiso, como vós fizestes hoje: *Hodie mecum eris in paradiso.*

(Ed. ant. tom. 3.° pag. 317, ed. mod. tom. 1.° pag. 62.)

SERMÃO DAS CADEIAS DE S. PEDRO EM ROMA **

PRÉGADO NA EGREJA DE S. PEDRO NO ANNO DE 1674
NO QUAL SERMÃO É OBRIGADO POR ESTATUTO O PRÉGADOR
A TRACTAR DA PROVIDENCIA

OBSERVAÇAO DO COMPILADOR.— O mesmo Vieira escreve em uma sua carta ao Conego Francisco Barreto que este sermão «não agradou pouco em Roma». E é verdadeiramente uma obra prima. Veja-o o leitor.

Tibi dabo claves regni coelorum.
S. MATTH. 16.

Vinctus catenis duabus.
ACT. 12.

S. Pedro e o anjo do Apocalypse. Pedro com as chaves na mão, e as mãos nas cadeias.

Lá viu S. João no seu Apocalypse um anjo, o qual em uma mão tinha uma chave e na outra uma cadeia. E que anjo é este, ó Roma, senão o teu grande Custodio, Pedro? Pedro com as chaves nas mãos: *Tibi dabo claves regni coelorum:* e Pedro com as mãos nas cadeias: *Vinctus catenis duabus*. Lá foi visto com uma chave em uma mão, e a cadeia na outra, porque assim devia ser; mas hoje o vemos com as chaves em ambas as mãos, e com ambas as mãos nas cadeias; porque havia de vir tempo em que assim fosse. Este é, senhores, o maior espectaculo da semrazão que jámais viu o mundo: e este o que eu ao longe com dôr, e vós ao perto com admiração, estamos vendo: Pedro com as chaves nas mãos e Pedro com as mãos atadas. Cuidas tu, ó Herodes, que deu Christo ao seu Vigario as chaves para padecer junctamente com ellas a servidão das cadeias? Senhor e captivo? Livre e atado? Poderoso e sem poder? Não, não. Eu bem sei que as chaves de S. Pedro tambem são cadeias: mas cadeias para atar e desatar, e não para ser atado. Notae o texto: *Tibi dabo claves regni coelorum; et quodcumque ligaveris super terram erit ligatum et in coelis; et quodcumque solveris super terram, erit solutum et in coelis*. Eu te darei, diz

Christo, as chaves do meu reino; e o que atares sobre a terra, será atado tambem no céu; e o que desatares sobre a terra, será desatado tambem no céu. Tal quiz o supremo legislador que fosse o governo do seu reino: governo que atasse e desatasse; e não governos que nem atam nem desatam. Mas se os poderes de S. Pedro eram chaves, *Tibi dabo claves*, parece que havia de dizer o Senhor: Tudo o que abrires será aberto; e tudo o que fechares será fechado. Porque não diz logo: o que fechares ou abrires; senão, o que atares ou desatares? Para mostrar que as chaves que dava a Pedro tambem eram cadeias; mas cadeias para atar ou desatar os outros, quando quizesse; e não cadeias para estar elle atado, como hoje o vemos: *Vinctus catenis duabus*.

A mesma Providencia que entregou a Pedro as chaves o deixou atar nas cadeias.

Ora eu, á vista d'estas chaves e d'estas cadeias que farei? Se me fóra livre a eleição do discurso, de boa vontade o dividiria em duas invectivas, armadas de justiça, de razão e de ira contra os dous monstros sacrilegos que com a primeira e segunda cadeia em differentes tempos e logares se atreveram a prender e atar a Pedro. Uma invectiva contra ti, ó Herodes, que foste o Nero de Jerusalem, e outra contra tí, ó Nero, que foste o Herodes de Roma. Mas porque é obrigação d'esta cadeira n'este dia que o argumento do sermão seja da Providencia, a mesma Providencia que entregou a Pedro as chaves o o deixou atar nas cadeias, será a gloriosa soltura d'esta que nos parecia implicação. Deus cuja é a idéa me assista com a sua graça. *Ave Maria.*

A providencia de Pedro e a Providencia de Christo.

II. *Tibi dabo claves regni coelorum.* A ordem jerarchica da Providencia Divina no governo de suas creaturas é governar superiores e subditos; mas os subditos por meio dos superiores e os superiores immediatamente por si mesmo. Uma e outra cousa temos nas chaves e nas cadeias de S. Pedro. Em todo o mundo christão não ha mais que um superior e um subdito; um Pedro e uma Egreja: e este superior e este subdito, este Pedro e esta Egreja quem os governa? A Egreja governa a providencia de Pedro que tem o poder das chaves: *Tibi dabo claves regni coelorum*; a Pedro governa-o a Povidencia de Christo, que o livrou das cadeias de Herodes: *Ceciderunt catenae de manibus eius*. Este é o desenho altissimo, e esta a fabrica segurissima da mesma providencia. A Egreja segura na providencia de Pedro e Pedro seguro na Providencia de Christo.

Pedro seguro na *Providencia* de Christo e a Egreja segura na providencia de Pedro.

Caso foi verdadeiramente admiravel e por isso notado e advertido pelo mesmo historiador sagrado, que cercado S. Pedro de guardas e atado a duas cadeias, na mesma noite d'aquelle dia em que havia de sair a morrer, como homem, sem nenhum

temor nem cuidado estivesse dormindo: *In ipsa nocte erat Petrus dormiens.* E se passarmos da terra ao mar, não era caso menos digno de admiração, que correndo fortuna a barca de S. Pedro com uma terrivel tempestade, Christo, que ia na mesma barca tambem estivesse dormindo: *Ipse vero dormiebat.* Christo e o Vigario de Christo ambos dormindo? Christo dormindo no meio da tempestade e Pedro dormindo no meio das guardas e das cadeias e ambos com a morte á vista sem nenhum cuidado? Sim. Na tempestade dorme Christo, porque a barca está segura na providencia de Pedro; e nas cadeias dorme Pedro, porque Pedro está seguro na Providencia de Christo. Debaixo da Providencia de Christo dorme Pedro ao som das suas cadeias; e debaixo da providencia de Pedro dorme Christo ao som da tempestade e das ondas.

Christo dorme na barca e Pedro na prisão *Matth.* 8.

E se isto que digo vos parece metaphora, voltemos a scena e o theatro, e troquem-se as figuras: seja Christo o que esteja nas cadeias e Pedro na tempestade. N'aquella escurissima noite em que prenderam a Christo seus inimigos e n'aquelle mesmo logar em que foi preso, correu tão furiosa tormenta a mesma barca de Pedro, que a barca, o piloto e os companheiros, todos estiveram a pique de naufragar e faltou pouco que não perecessem de todo. E que fez a Providencia de Christo em tão extremo perigo e tão universal? *Ego autem rogavi pro te.* Eu diz o Senhor, roguei por ti, ó Pedro. Por ti, Senhor meu? E pelos outros porque não? Vós não dissestes a todos: *Omnes scandalum patiemini in me in ista nocte?* Pois se o perigo e a borrasca ameaça a todos e a todos tem derrotado; porque fazeis oração o rogais só por Pedro? Porque Pedro estava á Providencia da Christo, os outros ficavam á providencia de Pedro. O mesmo texto o diz: *Ego autem rogavi pro te ut non deficiat fides tua*; *et tu aliquando conversus confirma fratres tuos.* Notae muito aquelle *ego* e aquelle *tu.* Eu tive cuidado de ti; tu o terás dos outros. *Ego autem rogavi pro te*: eis ahi a Providencia de Christo para com Pedro: *Tu confirma fratres tuos*; eis ahi a providencia de Pedro para com os demais.

Christo roga por Pedro. *Luc.* 22. *Matth.* 26.

E se ainda quizermos vêr uma e outra providencia, a de Christo e a de Pedro maravilhosamente practicada; entremos no golfo do mar e observemos o que faz Christo e o que faz Pedro, ambos na mesma barca ou na mesma nau, que assim lhe chamam os evangelistas, quando se engolfa: *Erat navis em medio mari.* Estava, pois, Christo na náu de S. Pedro um pouco afastada da terra, e depois de prégar ás turbas, que em confusa multidão o ouviam desde a ribeira, mandou o Senhor zarpar ou levar a anchora, e disse a Pedro que a guiasse ao alto: *Duc in*

Pedro guia a náu onde se acha Christo. *Marc.* 6. *Luc.* 5.

altum. Não é justo que eu passe em silencio o que aqui advertiu S. Chrysostomo, pois esta cadeira no logar em que está é sua *. Quem se engolfa e se mette no alto do mar perde a terra de vista; e por isso, diz Chrysostomo, manda Christo a Pedro que que guie ao alto: *Duc in altum*, porque quando a náu de Pedro perder a vista da terra, então navegará felizmente. Assim o prégou o sancto arcebispo em Constantinopla, quando o mundo secular tinha duas cabeças, e tambem o podera prégar ecclesiasticamente em Roma. Mas tornando ao meu intento, o que eu pondero no *Duc in altum* é aquella palavrinha *Duc*. Se Christo está na mesma náu, porque manda a Pedro que guie, e não guia elle por sua propria pessoa? Assim como Christo na officina de José tirava com as suas proprias mãos pela serra, assim na náu de Pedro podia elle tambem pegar no leme sem perigo de indecencia. Porque faz, pois, Christo aqui o officio de mandador, e não Christo se não Pedro o de timoneiro? Porque esta é a ordem e esta a subordinação de uma e de outra providencia. A náu subordinada a providencia de Pedro e Pedro subordinado á Providencia de Christo. Pedro o piloto da náu e Christo o «mandador» do piloto: *Duc in altum*. Oh! admiravel providencia do governo universal da Egreja! A náu uma e os mandadores dous. Os apostolos manejam os remos: mas debaixo do mando de Pedro; e Pedro sustentava o leme mas debaixo do mando de Christo. Pedro era o que governava, sim: mas governava governado. A náu governada pela direcção de Pedro; mas Pedro governado pela direcção de Christo: *Duc in altum*.

Pedro governa bem a náu ainda depois que Christo subiu ao ceu.

Dirá, porém, alguem e com razão ou apparencia d'ella, que n'aquelle tempo Christo e Pedro estavam ambos na mesma náu e não é maravilha que então fosse bem guiada por Pedro. Mas depois que Christo subiu ao céu e Pedro ficou só no mar, como haverá na náu e no piloto esta dobrada providencia? As mesmas palavras o dizem: *Duc in altum*. A navegação do mar alto verdadeiramente é admiravel. Não se vê alli mais que mar e céu. E comtudo aquella campanha immensa sem rasto, sem estrada, nem baliza, o piloto leva a náu como por um fio, não aos horizontes mais remotos d'este hemispherio; mas ao porto mais incognito dos antipodas. E como faz ou póde fazer isto o piloto? Governando elle no mar e sendo governado no céu. Toma o piloto o astrolabio na mão, mede a altura do polo, ou pesa o sol, como elles dizem; e d'este modo o piloto governa

* A capella da egreja de S. Pedro, em que se préga n'este dia, é de S. João Chrysostomo.

a náu e o sol governa o piloto. De sorte que o que governa a náu, está no mar, e o que governa o piloto está no céu. Pois isto mesmo é o que passa no governo da Egreja. Ainda que Christo subiu ao céu e Pedro ficou no mundo, Pedro da pôpa da náu governa o mundo, e Christo do alto do céu governa a Pedro. Vêde-o nas mesmas chaves e nas mesmas cadeias de Pedro. Quando deu Christo a Pedro as chaves e quando o livrou das cadeias? As chaves deu-lh'as Christo antes de partir d'este mundo; porque a providencia de Pedro para com a Egreja ficou na terra, e das cadeias livrou-o, quande havia já muito tempo que estava assentado á dextra do Padre; porque a providencia de Christo para com Pedro está no céu. Em summa que esta é a dobrada providencia com que o monarcha e a monarchia da Egreja se governa no mundo. No mundo immediatamente por Pedro, como se mostra no poder das suas chaves: *Tibi dabo claves regni coelorum*. E sobre o mundo immediatamente por Christo; como se prova na soltura das suas cadeias: *Ceciderunt catenae de manibus ejus.*

Argumentos contra uma e outra providencia.

III. Mas em um auditorio tão douto e de tanta perspicacia vejo quasi vacillante a firmeza d'este meu discurso e que das mesmas cadeias se formam dous argumentos que parecem fortissimos: um contra a Providencia de Christo em respeito de Pedro e outro contra a providencia de Pedro em respeito da Egreja.

Christo livrou a Pedro das cadeias de Herodes e não o livrou das cadeias de Nero. Comtudo ambos os factos provam a mesma providencia

Começando pelas cadeias para acabar pelas chaves, é certo que Christo livrou a S. Pedro das cadeias de Herodes em Jerusalem; mas tambem é certo que o não livrou das cadeias de Nero em Roma. Logo a providencia que suppomos de Christo para com S. Pedro ao menos é duvidosa e mal segura, e tal que não parece sua. Porque providencia que não é de todo tempo, de todo logar e de todo perigo, providencia que uma vez se lembra, outra se esquece, uma vez acode, outra desampara, uma vez prevê e outra não prevê, não é providencia. Assim é quanto á theoria, mas não foi assim quanto á historia. Concedo que a providencia que não é continuada nem permanente não é providencia. Mas nego que a Providencia de Christo que começou e resplandeceu nas cadeias de Herodes, não se continuasse egualmente e não permanecesse a mesma nas cadeias de Nero. E porque? Porque tanta Providencia foi não livrar Christo a Pedro das cadeias de Nero, como livral-o das cadeias de Herodes. Vede se o provo.

Assim aconteceu a José e por isso foi sublimado ao imperio.

José foi duas vezes preso, uma vez em Canaan por inveja e odios de seus irmãos; e outra vez no Egypto por castigo e ignorancia de seu senhor. D'estas segundas prisões o livrou Deus;

mas das primeiras não o livrou; porque preso e manietado foi vendido e entregue aos ismaelitas. E que se segue d'aqui? Segue-se por ventura que em umas prisões o assistiu a providencia divina, e nas outras o deixou? De nenhum modo, diz o texto sagrado: e dá a razão: *In vinculis non dereliquit eum, donec afferret illi sceptrum regni.* Nunca a Providencia de Deus deixou nem desamparou a José nas suas cadeias, até que por meio de umas e outras o sublimou ao imperio. De sorte que os effeitos da Providencia não se hão de medir pela diversidade dos meios, senão pela unidade do fim. O fim da Providencia divina era levantar a José ao imperio do Egypto para o qual o tinha destinado; e tanto dependia a fortuna de José de ser livre de umas prisões, como de não ser livre des outras. Se Deus o livrasse das prisões de Canaan nunca havia de ir ao Egypto: e se o não livrasse das prisões do Egypto, não havia de subir ao imperio. Necessario foi logo que José fosse livre de umas cadeias e não fosse livre das outras. Para que? Para que Deus e José conseguissem junctamente, José por Deus, os meios da sua fortuna, e Deus em José, os fins da sua Providencia. E se a mesma Providencia livrou e não livrou a José de umas e outras cadeias, porque não creremos outro tanto das cadeias de Pedro? O intento de Herodes «quando o mandou prender» era cortar-lhe a cabeça como tinha feito a Sanct-Iago: e não quiz a Providencia de Christo que morresse Pedro á espada, porque o quiz exaltar comsigo á morte de cruz.

Sap. 10.

Quando a ambição cruel de Herodes quiz assegurar em si a corôa com a morte do rei novamente nascido, andou tão vigilante a Providencia do Eterno Padre sobre a vida de seu Filho, que d'aquelle diluvio de sangue, em que pereceram tantos mil innocentes, só a elle livrou e poz em salvo. «Comtudo o deixou depois morrer na cruz; e porque?» Porque a primeira vez não o livrou para lhe impedir a morte, senão para o guardar de uma morte menos illustre para outra mais gloriosa. Em Belem, como notou Sancto Agostinho, havia de morrer Christo á espada, em Jerusalem na cruz; e porque a Providencia do Padre para mais exaltar o Filho tinha decretado que morresse em cruz: *Factus est obediens usque ad mortem, mortem autem crucis: propter quod exaltavit illum;* por isso o livrou em Belem das mãos de Herodes, e o não livrou em Jerusalem das mãos dos judeus. Tal foi a providencia de Christo para com S. Pedro, quando o livrou e quando o não livrou. Livrou-o das cadeias de Herodes para que não morresse á espada como Jacobo; e o não livrou das cadeias de Nero para que morresse em cruz como o mesmo Christo.

Assim tambem Christo foi livrado da espada de Herodes e não das mãos dos judeus; e da mesma maneira foi glorificado. *Phil. 2.*

A espada e a cruz, ambos sairam ao theatro no mesmo dia e na mesma Roma; ambos foram os instrumentos sacrilegos da impiedade de Nero, ambos tiraram cruelmente a vida aos dous maiores campeões da Egreja; mas a espada a Paulo, a cruz a Pedro. Paulo degolado para que conhecesse a heresia, ainda hoje obstinada, que em Roma e na Egreja já não póde haver duas cabeças; e para que o mesmo Paulo, *capite diminutus*, prégasse e desenganasse o mundo que na terra é menor que Pedro. Este foi o mysterio, porque Paulo perdeu ou depoz a cabeça nos fios da espada de Nero. Morre, porém, Pedro na cruz em nada diminuido, para que a cabeça visivel da Egreja se parecesse em tudo com a invisivel. E como Christo queria fazer a seu primeiro successor tão similhante a si em tudo, essa foi a Providencia continuada e permanente e não contraria ou diversa, senão a mesma, com que, rotas as cadeias de Herodes, o livrou da espada e não rotas as de Nero, o levou á cruz.

Qual a razão porque Paulo morreu á espada e Pedro na cruz.

IV. Mas para que é defender ou interpretar eu a unidade d'esta Providencia com umas e outras cadeias, se as mesmas cadeias a provam, e com milagrosa demonstração a fizeram evidente aos olhos? Estavam conservadas e veneradas em Roma as cadeias de Nero, quando á imperatriz Eudoxia, peregrina de Constantinopla a Jerusalem, foram presentadas, como egual thesouro as de Herodes: vieram estas d'alli a Roma, mandadas pela mesma Eudoxia a outra tambem imperatriz: e não faltando quem duvidasse, se verdadeiramente eram as mesmas, que succedeu? Toma o pontifice nas mãos umas e outras cadeias, e cotejando as que certamente eram de Nero, com as que se dizia serem de Herodes, ao mesmo poncto aquelles sagrados ferros, como se tiveram sentidos e uso de razão, por si mesmos se abraçaram entre si e se uniram e ligaram de tal sorte, como se nunca tiveram sido duas, senão uma só cadeia, fabricada pelo mesmo artifice. Oh admiravel e portentoso testimunho da Providencia de Christo para com seu vigario! Oh! admiravel e portentosa confirmação de ser uma. continuada e a mesma Providencia, aquella que em Jerusalem rompeu as cadeias de Herodes e livrou a Pedro e aquella que em Roma conservou inteiras as cadeias de Nero, e o não quiz livrar d'ellas! Se dividirmos esta Providencia em duas providencias e combinarmos uma com a outra pelos effeitos, não só parecem diversas, senão totalmente contrarias; uma de cuidado, outra de descuido: uma de estimação outra de desprezo: uma de liberdade, outra de captiveiro: uma de vida, outra de morte: uma que affrontou e illudiu os intentos de Herodes e outra que ajudou e fez triumphar os de Nero. Mas assim como as cadeias; sendo duas e tão

O milagre da união das duas cadeias de S Pedro symbolizou esta providencia.

diversas, se uniram com uma só cadeia, assim a providencia que em Jerusalem as rompeu e livrou a Pedro, e em Roma as conservou inteiras e o não quiz livrar, foi uma e a mesma Providencia.

Definição da Providencia segundo Boecio e Cornelio a Lapide.

Boecio, a quem segue Sancto Thomás e commummente os theologos, definindo a Providencia diz, que é a serie de todas as cousas e suas causas ordenadas na mente divina, e encadeadas e ligadas entre si com uns nós maravilhosos e secretos que ninguem póde desatar: *Providentia est series causarum, rerumque in mente Dei, quae omnia suis nectit ordinibus, miris arctisque, sed arcanis nodis.* E Cornelio, commentando o mesmo Boecio ainda o declara com maior expressão, dizendo, que os successos dos tempos e das causas, ainda que pareçam diversos e encontrados, estão na mente e providencia divina ordenados e atados entre si de tal modo, que como anneis ou fuzis, enlaçados uns nos outros, compõem uma uniforme e elegante cadeia. Tal foi em um e outro caso a do Supremo Artifice, Christo, o qual livrando em diversos tempos e não livrando a Pedro; soltando-o em Jerusalem e deixando-o prender em Roma; tirando-o milagrosamente das mãos de Herodes e consentindo que natural e cruelmente morresse nas mãos de Nero, das cadeias rotas da um e das cadeias não rotas de outro, formou uma uniforme e elegantissima cadeia de sua providencia para maior ornamento e gloria do mesmo Pedro.

As duas cadeias das vestiduras de Arão.

A Arão, que era o Pedro da lei escripta, como Pedro o Arão da lei da graça, mandou Deus fazer para ornato das vestiduras ponticaes duas cadeias de ouro; as quaes, porém, com dous anneis da mesma materia se uniam uma na outra e sendo duas cadeias formavam uma só. Não reparo em serem aquellas cadeias de ouro e estas de ferro: porque já disse Chrysostomo, que por isso se honrava mais d'ellas, e se ornava mais com ellas o nosso pontifice. O que só noto, é a unidade ou a união e coherencia de umas e outras cadeias. Moysés andou coherente nas cadeias de Arão, porque as formou pelos mesmos moldes: Christo «parece» não andou coherente nas cadeias de Pedro, porque as traçou e dispoz com successos e effeitos contrarios. Isto é romper umas cadeias e não romper outras; isto é livrar a Pedro e não o livrar. Mas assim como a coherencia d'aquellas cadeias a fazia a similhança, assim a coherencia d'estas a fez a contrariedade. E que, sendo tão contrarios os actos da Providencia, saisse a Providencia tão uniforme; e sendo uma cadeia tão diversa da outra, saissem ambas as cadeias entre si tão coherentes? Essa foi a maravilha.

A Providencia

V. Mas n'esta mesma uniformidade e coherencia da Provi-

dencia de Christo, se alguma curiosidade douta perguntar, qual foi maior providencia, se aquella que livrou a Pedro das cadeias em Jerusalem, ou aquella que o não livrou em Roma; não faltará quem diga que a de Jerusalem foi maior, porque lá foi miraculosa, e cá não: lá quebrou as cadeias, cegou as guardas, abriu as portas, ou deu passo franco por ellas sem as abrir (que é mais); cá não obrou milagre algum, antes totalmente não obrou, porque foi uma mera suspensão de todo acto e concurso. Comtudo, digo que foi maior e mais alta providencia não livrar Christo a Pedro das cadeias de Nero, que livral-o das cadeias de Herodes. E porque? Porque nas cadeias de Herodes conseguiu a Providencia o seu fim contra a vontade de Herodes; e nas cadeias de Nero conseguiu tambem o seu fim, mas não contra, senão pela vontade do mesmo Nero. O nobre, o alto, o fino, o maravilhoso da Providencia divina, não é fazer a sua vontade violentando a minha: é deixar livre e absoluta a minha vontade e com a minha e pela minha conseguir a sua.

de Christo se mostrou maior quando não livrou a Pedro das cadeias de Nero.

A maior obra da Providencia de Deus foi a redempção do mundo por meio da morte de Christo. E como conseguiu a mesma Providencia este altissimo fim, tão estupendo, como necessario? Não de outro modo que entregando o mesmo Christo por decreto do injusto juiz á vontade de todos aquelles que lhe queriam tirar a vida. Fez a sua vontade Judas, fez a sua vontade Caiphás, fez a sua vontade Pilatos, fizeram a sua vontade os escribas e phariseus, fez finalmente a sua vontade o mesmo demonio que o instigava. E que por meio de tantas vontades e todas contrarias á divina o fim da divina se conseguisse? Esta foi a providencia mais nobre, esta a mais sabia, esta a mais sublime, esta a mais divina, esta a mais providencia. E qual é a razão? A razão é, porque a providencia que violenta a vontade e poder humano, é providencia que se ajuda da omnipotencia: porém a providencia que deixa obrar á potencia humana tudo quanto póde e deixa executar á vontade humana tudo quanto quer, é providencia sem ajuda de outro attributo e por isso pura Providencia. A potencia e a vontade de que se serve a providencia em tal caso não é a divina e sua, senão a humana e contraria; e quanto mais permitte á contraria, tanto é mais providencia; quanto mais concede á humana, tanto é mais divina. Tal foi, pois, a Providencia de Christo em não livrar a Pedro das cadeias de Nero. Ne prisão de Herodes para que a providencia conseguisse o seu fim rompeu a omnipotencia as cadeias: porém na prisão de Nero deixou a Providencia as cadeias inteiras sem usar da omnipotencia e comtudo conseguiu o seu fim. Logo não só foi providencia, senão a maior e mais glorio-

Como a Providencia de seu Pae se mostrou maior na sua morte.

sa providencia, não livrar a Pedro das cadeias de Nero, que livral-o das cadeias de Herodes.

Argumento contra a providencia de Pedro. Severidade de Elias. 3 *Reg.* 17.

VI. O segundo argumento que é contra a providencia de Pedro, fundada nas suas chaves, e em respeito de todos aquelles que por ellas lhe são sujeitos, parece mais difficultoso. Assim como Deus deu a Pedro as chaves do céu, assim as tinha dado por seu modo antigamente a Elias, e com poder e auctoridade universal e privativa de que só elle podesse abrir ou fechar os thesouros celestes; isto é, as chuvas e orvalhos do céu, com que se fecunda a terra e vive o mundo. Mas que fez Elias com estas chaves na mão e como usou d'ellas? *Vivit Dominus* (disse elle fallando com el-rei Achab) *Si erit annis his ros et pluvia juxta oris mei verba.* Eu tenho na minha mão as chaves do céu; e tu, ó rei, desengana-te; que n'estes annos do meu governo, nem uma só gota ha de caír de agua ou estillar de orvalho sobre a terra, senão pelo imperio da minha voz. A terra abrazada e ardente abrirá mil boccas com que gemerá é gritará ao céu: mas o céu debaixo das minhas chaves não se moverá a brados nem a gemidos e se mostrará tão secco e duro, como se fosse de bronze. Parece-vos boa providencia esta das chaves do céu entregues ao arbitrio do um homem? Pois ainda não ouvistes outra circumstancia mais terrivel, por não dizer deshumana. No mesmo tempo diz o Texto, morava Elias mui descançado sobre as ribeiras do rio Carith, e um corvo manhã e tarde lhe trazia pão e carnes: *Panem et carnes mane. panem et carnes vespere.* De maneira que nos mesmos annos em que o povo encommendado á providencia de Elias andava caindo e espirando á fome, Elias, com provisão sempre nova e abundante, comia e se regalava duas vezes ao dia. Nos campos não se via uma folha, nas searas não se colhia uma espiga; e a Elias sobejava-lhe o pão. As aves não tinham mais que as pennas, nem os gados mais que os ossos; e a meza de Elias abastecida de carne sobre carne. As fontes seccas e mudas, sem correr ou suar d'ellas uma só gota; e Elias com a agua a rios. É boa ou sera boa esta providencia das chaves do céu? Logo (argumenta o herege e por ventura tambem o politico) logo o mesmo poderá acontecer ás chaves do céu entregues á providencia de Pedro. «Mas respondo que não poderá, e porque? por uma razão muito simples; porque Pedro não é Elias.»

Qual a providencia de S. Pedro, primeiro em materias de doutrina. *Matth.* 16. *Joan.* 6.

Notavel cousa é ver o zelo e providencia universal com que S. Pedro tomava sobre si o que pertencia a todos, como se elle fôra todos ou estivera em todos e todos n'elle; por isso lhe entregou Christo as chaves e o cuidado do universo. As duas maiores difficuldades ou mais difficultosas questões, que

se excitaram na eschola do apostolado, foram a da divindade de Christo e da verdade do Sacramento. Sobre a questão da divindade, depois de ouvidas varias opiniões todas negativas perguntou o Senhor: *Vos autem quem me esse dicitis?* E fallando a pergunta com todos, Pedro respondeu por todos como se fallara só com elle: *Tu es Christus, Filius Dei vivi*. Na questão do Sacramento pareceu tão dura a doutrina que muitos por horror d'ella deixaram a eschola: então perguntou o Senhor aos demais: *Numquid et vos vultis abire?* E fallando tambem a pergunta com todos, Pedro do mesmo modo respondeu por todos: *Domine ad quem ibimus? Verba vitae aeternae habes.* E homem que toma por si o que se pergunta a todos, e responde por todos, quando se não falla só com elle: este homem tem zelo e providencia universal: a este homem, e não a outro hei de dar as chaves da minha Egreja: *Tibi dabo claves regni coelorum.*

Segundo em procurar o bem de todos. Matth 17. Ibid. 19.

Mas não assentou a eleição de Pedro sobre estas duas experiencias sómente. No monte Thabor, quando viu a gloria disse: *Bonum est nos hic esse;* e quando ouviu que para entrar na mesma gloria era necessario dar esmola, como elle tinha deixado tudo, instou dizendo: *Ecce nos reliquimus omnia et secuti sumus te: quid ergo erit nobis?* Não sei se reparais n'este *nobis* e n'aquelle *nos* uma e outra vez repetido? Em tudo mostrou Pedro ser Pedro. Se allega serviços, allega por todos: *Ecce nos reliquimus omnia:* se procura premios, procura por todos: *Quid ergo erit nobis?* Se deseja bens, deseja para todos: *Bonum est nos hic esse.* Uma vez falla do passado: outra vez do futuro: outra vez do presente: mas sempre de todos, por todos e para todos. Não se ouve da bocca de Pedro nem *ego*, nem *mihi*, nem *me*: porque a providencia de Pedro não sabe o nome a si, nem tracta ou cuida de si, senão de todos. Se alguma vez se lembra Pedro só de si, é para elle só tirar a espada no Horto e defender a seu Mestre: é para elle só o seguir até o atrio de Caiphás cercado de guardas; é para elle só se lançar vestido ao mar, ou pisando as ondas com os pés, ou rompendo-as com os braços para o ir buscar. É Pedro para os perigos só: mas nunca só para o premio, para o louvor, para o desçanço, senão com todos e como todos.

E de todos sem excepção. Sua providencia estando no cenaculo e saindo d'elle. Luc 24. Joan. 14.

Todos digo, uma e outra e tantas vezes. porque a providencia de Pedro sem excepção nem limite no universal e no particular sempre se extendeu e abraçou a todos; aos grandes e aos pequenos, aos naturaes e aos extranhos, aos fieis e aos infieis, aos presentes e aos ausentes, aos vivos e aos mortos. O primeiro acto da providencia de Pedro, tanto que pela morte de

Christo lhe succedeu no pontificado, foi confirmar aos outros apostolos na fé da resurreição. Em quanto o disseram outros, eram delirios: *Visa sunt sicut deliramentum*: tanto que o disse Pedro, foi verdade infallivel: *Surrexit Dominus vere et apparuit Simoni*. Mandou-lhes Christo que esperassem pelo Espirito Sancto: mas Pedro com providencia anticipada e admiravel não esperou pela vinda do Espirito Sancto para refazer a quebra de Judas e inteirar o numero dos apostolos. Quando Christo subiu ao céu deixou onze apostolos; e quando desceu o Espirito Sancto já achou doze. Com esta diligencia conseguiu Pedro que viesse o Espirito Sancto antes de tempo: porque antes de vir em linguas visiveis, já tinha vindo na lingua invisivel com que declarou a Mathias. Cheios todos os apostolos do Espirito Sancto, Pedro foi o primeiro que no mesmo dia e na mesma hora, e na mesma Jerusalem, onde tinha sido crucificado Christo, prégou publicamente a fé da sua divindade; e com que effeitos? O mesmo Christo, prégando em Judéa tres annos, deixou n'ella só quinhentos christãos, como consta da primeira epistola aos Corinthios; e S. Pedro, com a graça superabundante do mesmo Christo n'aquelle dia e n'aquella só prégação, converteu tres mil judeus, e n'outro dia e n'outra prégação, cinco mil: cumprindo-se em Pedro o que o mesmo Senhor tinha promettido: *Majora faciet, quia ad Patrem vado*.

E percorrendo varias regiões do imperio romano. *Joan.* 19.

Mas como se contentaria com o fructo que colhia em Jerusalem e Judéa, quem tinha a cargo da sua providencia e resto do mundo? De Jerusalem parte Pedro a Anthiochia, e alli assentou a primeira vez a sua cadeira; não se desprezando, sendo principe e postor do universo, de ser e de se chamar bispo de uma cidade. De Antiochia passou a Roma, que, como cabeça do imperio, o era tambem da superstição e da idolatria; para que, assim como tinha prégado em Jerusalem aos hebreus, e em Antiochia aos gregos, prégasse tambem em Roma aos latinos: e com as tres linguas universaes, com que foi escripto o titulo do crucificado *Hebraice graece et latine*, levantasse o estandarte da mesma cruz nas metropoles mais conhecidas e nos tres castellos mais eminentes do mundo, de que o dominante era Roma. De Roma repartiu S. Pedro os Pancracios, os Berillos, os Marciaes, os Torquatos, os Tesiphontes e outros famosos discipulos de sua fé e espirito, os quaes ordenados de bispos e sacerdotes penetrassem a Italia, as Gallias, as Hespanhas, a Numidia, a Mauritania e as demais provincias da Europa e da Africa (como já tinha feito na Asia), para que como raios do mesmo sol allumiassem, e como rios da mesma fonte, regassem e fecundassem aquellas terras.

S. Pedro não faz Roma séde fixa para si. Act. 9.

Porém a Providencia, que toda é olhos, não se contenta com mandar, senão com ir, nem com ser informada sómente, senão com vêr. Por isso Pedro ainda que poz a cadeira em Roma, não a fez para si séde fixa. Lá viu Daniel a Deus assentado no seu throno; e diz que o mesmo throno era fundado sobre rodas. para mostrar n'esta figura visivel que assim como com sua immensidade enche todo o mundo, assim com sua Providencia o vê e rodeia todo. O mesmo fazia Pedro como vice-Deus na terra. Nem elle se podia apartar da séde pontifical, nem a séde d'elle; mas levando-a sempre comsigo, como diz S. Lucas, visitava e via por si mesmo a todos: *Dum pertransiret universos*. Tornou outra vez a Jerusalem e outra vez a Antiochia: foi em pessoa a Galacia, a Cappadocia, á Asia, a Bithynia, a Corintho, ao Egypto e a outras partes da Africa; e até á barbarissima região do Ponto, que n'aquelle tempo era o degredo mais aspero dos romanos e o horror como, diz Tertulliano, do mundo, não faltou a providencia e presença de S. Pedro. Em Napoles e Sicilia ha ainda hoje memorias suas; e é auctor Metaphrastes que tambem passou á Hespanha e prégou em Inglaterra. Assim respondeu o primeiro apostolo, sendo o principe de todos, á sua primeira vocação de pescador de todos os homens.

Nas suas epistolas canonicas acha-se retratada a sua providencia universal. Baptiza ao Centurião.

Bem quizera a providencia de Pedro, assim como visitava a todos, assistir sempre com todos. Mas o que não podia com a presença e com a voz, fazia com a penna. Ninguem lerá as epistolas canonicas de S. Pedro, que com admiração e assombro o não veja, não só retratado, como vivo n'ellas, na majestade do estylo, no solido da doutrina, no profundo das sentenças, e no ardente do zelo. Por este meio se multiplicava Pedro em todas as partes, e se fazia presente no mesmo tempo a todos. Mas o que mais admiro n'aquellas sagradas Escripturas é o titulo: *Petrus Apostolus electis advenis dispersionis*. Não iam dirigidas estas letras pontificias aos reis e monarchas do mundo, senão a uns pobres peregrinos e desterrados por todo elle. Tal era o cuidado que elle tinha de todos; e esta foi a confiança com que Cornelio, sendo ainda gentio, não duvidou em mandar chamar a S. Pedro e que fosse a sua casa distante sessenta milhas, como logo foi. Estava então S. Pedro em Iope; e este nome traz á memoria o propheta Jonas, o qual no mesmo porto se imbarcou, fugindo de Deus, por não ir a Ninive; sentindo e desprezando-se muito de ser mandado a prégar a uma gente tão vil e abborrecida, como eram todos os gentios na estimação dos hebreus. E quando Jonas não quiz ir prégar á maior cidade do mundo; onde só os innocentes eram cento

e vinte mil, vai o summo pontifice da Egreja e a pé, desde Jope a Cesarea, só para catechizar um gentio.

Sua providencia depois da morte. Vive nos seus successores e no céu ora pela Egreja. 2 Petr. 1.

VII. Estas foram, senhores, não todas, mas uma pequena e abbreviada parte das obras maravilhosas de S. Pedro e dos exemplos que deixou a Egreja universal de sua universal providencia. Disse deixou e não disse bem: porque ainda os continúa depois da morte, como insistiu n'elles em toda a vida. Morreu Pedro, mas a sua providencia não acabou, porque continúa nos seus successores. S. Pedro de Ravenna em uma carta que escreveu a Eutyches, que anda juncta ao concilio Calcedonense, diz que S. Pedro vive sempre nos pontifices romanos. *Hortamur te, frater, ut his quae a beato papa romanae civitatis scripta sunt obedienter attendas; quoniam beatus Petrus, qui in propria sede et vivit et praesidet, praestat quaerentibus fidei veritatem.* E a razão d'esta immortalidade de Pedro é a necessidade da sua providencia para que se verifique a promessa de Christo de que as portas do inferno nnnca prevalecerão contra a Egreja: *Tu es Petrus et super hanc petram edificabo ecclesiam meam et portae inferorum non praevalebunt adversus eam.* Mas não é isto só o que quero dizer. Digo que no céu onde está S. Pedro, vive, e permanece immortal a sua mesma providencia sobre a Egreja, não apartando jámais os olhos d'ella, nem faltando ou tardando em lhe acudir todas vezes que o ha mister. Assim o prometteu o mesmo Pedro a todos os fieis, quando se despediu d'elles na segunda epistola, por estas palavras: *Certus sum quod velox est depositio tabernaculi mei secundum quod et Dominus noster Jesus Christus significavit mihi; dabo operam et frequenter habere vos post obitum meum.* Não promette aos fieis para depois da sua morte as suas orações, como fazem os outros sanctos, senão a sua manutenencia: *Frequenter habere vos:* eu vos terei, eu vos manterei, eu vos conservarei. E a palavra que responde a *frequenter* no original grego, em que o sancto apostolo escreveu, quer dizer: *semper, quotidie, sigillatim*: sempre todos os dias e a todos, não só em commum, senão em particular.

Provas da historia ecclesiastica.

Quão exactamente cumprisse S. Pedro esta sua promessa, não se póde comprehender, nem contar por serem occultas e invisiveis as ordinarias e continuas assistencias da sua providencia; mas bastam para superabundante prova as manifestas e visiveis. S. Pedro foi o que pouco depois de sua morte appareceu ao mesmo Nero que o mandou matar, com um aspecto tão severo e terrivel que assombrado o tyranno (como refere Suetonio sem saber a causa), os poucos dias que depois viveu mais parecia já morto, que vivo; com que cessou a persegui-

ção da Egreja. S, Pedro foi o que appareceu ao Imperador Constantino «exhortando-o a que se baptizasse»; com que, feito christão, os pontifices e sacerdotes, que viviam nas grutas dos montes, poderam apparecer publicamente nas praças de Roma e collocar as imagens de Christo nos templos e prégar a sua fé por todo o mundo. S. Pedro foi o que durando a perseguição em Inglaterra. e tendo fugido alguns bispos; para que não fugisse tambem o metropolitano de Cantuaria, como pretendia, o reprehendeu e castigou por suas proprias mãos de tal sorte, que bastou a vista das chagas que lhe ficaram por todo o corpo, para que os mesmos tyrannos o deixassem viver e guardar as ovelhas do pastor, que tão asperamente punira os pensamentos só de as querer deixar. S. Pedro foi finalmente o que n'estes ultimos tempos appareceu a Ignacio, em Pamplona mortalmente ferido de uma bala; e o sarou com sua presença, e infundiu o seu espirito para que levantasse uma nova e forte companhia em defensa da Egreja militante contra Luthero e Calvino e os outros heresiarchas de nossos tempos, como diz a mesma Egreja: *Novo per beatum Ignatium subsidio militantem ecclesiam roborasti*. Foi assim que á Egreja governou e governa a providencia de Pedro e a Pedro governou-o a Providencia de Christo; «e foi assim que de uma e outra providencia formou-se aquella cadeia maravilhosa que une o céu com a terra, a graça com a natureza, Deus com os homens.»

Conclusão. Pode-se a S. Pedro que defenda Roma dos novos perigos, como sempre a defendeu.

IX. Mas, glorioso defensor da fé e auctoridade romana e tambem da mesma Roma e d'esta vossa basilica, oitava maravilha do mundo; agora que as trombetas ottomanas quasi se ouvem dentro de seus muros e já as meias luas turquescas se divisam das torres de Italia e lhes estão batendo ás portas, tempo é de outros soccorros e de outras armas. Lembrae-vos, ó Pedro, que não vos disse Christo que depozesseis a espada, senão que a mettesseis na bainha para a tirar outra vez e a empunhar, quando a honra de vosso Mestre já triumphante no céu e a vossa providencia o pedisse na terra. Esta foi a espada com que assististes fulminante ao lado de vosso successor Leão; e déstes tanta efficacia á sua eloquencia e mettestes em tanto terror a Attila, que não se atrevendo a dar um passo adeante, voltou as costas e as bandeiras, e confessou aos seus, tremendo ainda, o que vira. Com esta espada e vestido de armas resplandecentes soccorrestes Alexandria, cidade da Egreja romana sitiada pelo imperador Frederico; e capitaneando os cercados no assalto com que dabaixo de falsa tregoa os invadiu repentinamente, vós com immensa mortandade de todo o seu exercito o obrigastes, fugindo, a levantar o sitio. E quem assim

accudiu por uma cidade da Egreja romana, que fará pela mesma Roma e pela mesma Egreja? Mas avizinhemo-nos mais á officina capital, onde se está fabricando e dispondo o perigo; e entremos na mesma Constantinopla. Imperadores eram d'aquella sempre infensa e venenosa metropole Bardas e Michael, os quaes tinham devastado com exquisitas crueldades toda a christandade do oriente, quando vós, apparecendo visivel aos affligidos catholicos, por um dos ministros de vossa justiça, que vos acompanhavam armados, não só os mandastes matar, mas fazer em postas a ambos; e assim se executou. Tambem era imperador de Constantinopla Alexandre impiissimo, o qual, olhando para as estatuas dos antigos idolos de Roma que tinha no seu palacio, disse: Emquanto os romanos adoraram a estas, foram poderosissimos e perseveraram invictos. Mas apenas o barbaro tinha lançado da bocca esta blasphemia, quando Vós, sempre vingador das injurias de Christo, vos presentastes deante, dizendo: *Ego sum romanorum princeps Petrus*; e ao trovão d'esta voz, vomitando todo o sangue pela sua bocca sacrilega caiu morto Alexandre.

Desembainhe outra vez a espada que desembainhou no Horto.

Assim venceis, assim triumphais, gloriosissimo Pedro. E se um *Ego sum* da vossa bocca em Constantinopla é tão poderoso como o outro *Ego sum* da bocca do vosso Mestre e Senhor em Gethsemani quando esta só vez derribou os esquadrões de seus inimigos, e quando a vossa espada, como então começou, os degollára a todos, se o mesmo Senhor vol-a não mandára metter na bainha; agora, agora é tempo de a desembainhar outra vez ou de tornar a dizer *Ego sum*: para que trema o turco, para que se acabe Mafoma, para que as suas luas se eclipsem, para que os seus exercitos desmaiem e se confundam; e para que em Constantinopla, como em Roma, e no imperio do oriente como no do occidente, se conheçam e se venerem só as chaves de Pedro, e com elle e por elle e n'elle o nome de Christo. Amen.

(Ed. ant. tom. 4.° pag. 831, ed. mod. tom. 6.° pag. 166.)

APPENDICE

Sermão original de Vieira para se comparar, como fica dicto no fim do prologo d'este volume, com o que vai a pag. 399, do NASCIMENTO DO MENINO DEUS.

O Padre André Barros que depois da morte do auctor o publicou com o titulo de *Voz rhetorica*, diz que foi composto para ser prégado domesticamente por um religioso de poucos annos na experiencia que d'elle se queria fazer do talento que tinha para o ministerio do pulpito.

Considerando-se, pois, este discurso como uma practica domestica, podia-se deixar para o quinto volume e dar-se mais integralmente do que vai na compilação. Como, porém, não houvesse outro para o dia de Natal e este não carecesse de pensamentos muito primorosos e dignos da oratoria do pulpito, julgo que não desagradou ao leitor vel-o ahi reduzido para sermão de festa. Na compilação dos outros sermões fui geralmente mais escrupuloso.

Transeamus usque ad Bethlehem et videamus hoc verbum quod factum est.

S. Luc. 2.

A quem se escusa de fallar em publico, porque não póde, ainda que saiba, aceita Deus a escusa: e a quem, como eu, se escusa, porque não póde, nem sabe, talvez a não acceitam os que estão em logar de Deus. Mas nem a Deus, nem aos que estão em seu logar, se podem perguntar os porquês: obedecel-os sim, muda e cegamente. A quem Deus aceitou a escusa, porque não podia, posto que sabia, foi Moysés. Sabia; porque, como diz S. Paulo, era eruditissimo em todas as sciencias do Egypto, e, como elle mesmo confessou, eloquente nellas: *Eloquens ab heri, et nudius tertius:* (Exod. IV — 10) mas não podia; porque depois que viu e ouviu a Deus na çarça, ficou com a lingua impedida, e quasi mudo: *Ex quo loquutus es ad servum tuum, tardioris, et impeditioris linguæ.* O meio, pois, ou expediente, que Deus tomou n'este caso, foi dar ao mesmo Moysés um substituto que fallasse por elle. E que substituto foi este? Moysés queria e propoz que fosse o Messias; *Mitte quem missurus es.* (Ibid. — 13) Mas porque a commissão da liberdade de um povo era muito desigual empreza para quem estava des-

tinado para libertador e salvador de todo o mundo, substituiu o defeito de Moysés a lingua, e eloquencia de Arão seu irmão: *Aaron frater tuus, scio, quia eloquens sit, ipse loquetur pro te ad populum, et erit os tuum.*

Ó bemdita seja sempre a bondade e providencia do Altissimo, tão liberal hoje para commigo! O que Deus deu a Moysés, e o que negou a Moysés, tudo me concedeu a mim. Eu era o que havia de prégar hoje, e não sabia nem podia; mas substituirá a minha ignorancia e a minha incapacidade... Quem? O Messias e o irmão. O Messias, disse o anjo aos pastores, que nasceu hoje: *Quia natus est vobis hodie Salvador;* e o irmão, tambem diz o evangelista S. Lucas, que nasceu hoje: *Impleti sunt dies, ut pareret, et peperit Filium suum primogenitum.* Christo, assim como é Filho unico e unigenito de seu Pae, assim é unico e unigenito de sua Mãe: e comtudo, diz o evangelista, que nasceu primogenito; porque como hoje nasceu homem, hoje nasceu irmão de todos os homens; *Ut sit ipse primogenitus in multis fratribus.* Este, é, pois, o soberano Substituto, (que tantas vezes se tem dignado substituir o logar dos obedientes) este é o soberano Prégador que hoje havemos de ouvir e vêr: *Et videamus hoc Verbum, quod factum est.* Não sou eu o que hei de prégar o nascimento de Christo: o mesmo Christo nascido é o que ha de prégar o seu nascimento.

O proverbio antigo diz: *Poeta nascitur, orator fit.* Mas o Orador que hoje se fez: *Quod factum est,* tambem hoje nasceu Orador *Ego autem constitutus sum Rex ab eo praedicans praeceptum ejus. Dominus dixit ad me: Filius meus es tu ego hodie genui te.* O Verbo do nosso texto: *Videamus hoc Verbum* chama-se *Logon;* com que parece que pertencé mais á logica, que á rhetorica e oratoria: mas como a oratoria *est ars ornate dicendi,* depois que o Verbo se vestiu e ornou da humanidade: *Verbum caro factum est,* (Joan. I — 14) mais pertence á oratoria tudo o que ha de dizer e prégar. Se o prégador houvéra de ser outro, aqui era o logar de pedir a graça; mas como elle é o que a dá a todos, só tomarei a venia á sempre virgem Mãe, em cujos braços o adoraram os pastores, saudando-a com a costumada. *Ave Maria.*

I. *Transeamus usque ad Bethlehem, et videamus hoc Verbum, quod factum est.* Sendo Belem *domus panis,* não é alheio o logar, sénão muito proprio de uma prégação no refeitorio: e sendo esta cadeira aquella em que no mesmo tempo em que se dá a refeição do corpo, se dá á alma a sua, não será ouvido n'ella com menor attenção e applauso, aquelle soberano e tão adiantado Orador, que, no mesmo dia em que nasce, préga seu

proprio nascimento. As partes que constituem o perfeito orador, são tres: *Ensinar, deleitar, mover;* e assim como antes de Deus se fazer homem, se dividiam todas tres por attribuição nas tres Pessoas da Trindade; o Filho ensinando, o Espirito Santo deleitando, e o Padre movendo; assim, depois que o Verbo se vestiu da natureza humana, se uniram todas tres na humanidade de Christo, como agora veremos pela mesma ordem.

II. Primeiramente ensina, e ensina com seu nascimento o divino Orador do presepio; mas como ensina, ou póde ensinar, se não falla? Assim o disse o anjo aos pastores: *Invenietis Infantem.* Achareis um menino que não falla. Pois se não fallava, nem fallou uma só palavra no presepio, como ensina este Orador mudo, ou como podia ensinar? Os mesmos pastores o intenderam e declararam, não rustica, senão altamente: *Transeamus* (dizem) *usque ad Bethlehem, et videamus hoc Verbum.* Passemos até Belem a vêr esta palavras. Não dizem a *ouvir,* se-senão a *ver;* porque as palavras deste divino Orador (e por isso divino) não são hoje palavras que se ouvem: são palavras que se vêem.

Quando Deus no monte Sinay deu a lei a Moysés, a qual toda pronunciou por sua propria boca, estava o immenso povo de Israel estendido em roda pelas raizes do monte; e diz o texto sagrado, que todo o povo via as vozes de Deus: *Cunctus autem populus videbat voces.* As vozes ouvem-se, não se vêem; são objectos dos ouvidos e não dos olhos; e assim como os ouvidos não podem ouvir as côres, assim os olhos não podem vêr as vozes: como diz logo o texto que o povo via as vozes de Deus? Porque eram de Deus, responde Philo Hebreu. Entre a voz humana e divina (diz elle) ha esta differença: que a voz humana percebe-se com o ouvido, a voz divina com a vista: *Humana vox auditu, divina visu percipitur.* E porque a philosophia desta resposta parece difficultosa de intender, o mesmo Philo pede a razão, e a dá: *Quare? Quia quaecumque Deus dicit, non verba sunt, sed opera, quorum judicium non tantum est penes aures, quàm penes oculos.* Excellentemente dito, e evidente. A razão de as vozes de Deus se perceberem com os olhos, e não com os ouvidos, é porque as vozes de Deus não são palavras, são obras; e o juizo das obras não pertence ao ouvido, senão á vista: as palavras ouvem-se, as obras vêem-se,

O dizer de Deus é fazer: *Ipse dixit, et facta sunt;* logo a potencia d'este objecto é a vista: este modo de dizer não pertence aos ouvidos, senão aos olhos: *Dixit Deus: Fiat lux, et facta est lux.* Disse Deus: Faça-se a luz, e fez-se a luz. E que

se seguiu d'ahi? *Et vidit Deus, quod esset bonum*. E viu Deus que era boa; onde o dizer é fazer, o ouvir é vêr. As palavras que são palavras ouvem-se; as que são obras, vêem-se: e taes foram hoje as do divino Orador do presepio. Assim o intenderam os mesmos pastores, allumiados do anjo: *Et videamus hoc Verbum, quod factum est*. E vejamos esta palavra, que foi *feita*. Não dizem esta palavra *dita*, senão esta palavra *feita*: e por consequentemente não disseram *oiçamos*, senão *vejamos*: *Videamus;* porque as palavras ditas ouvem-se, as palavras feitas vêem-se. S. Jeronymo, Santo Ambrosio, e outros muitos padres, intendem por este *verbum* do nosso thema o mesmo Verbo Eterno, o qual proprissimamente antes d'agora não era feito, agora sim: *Verbum, quod factum est*. Em quanto Filho do Padre, era Verbo gerado, mas não feito: *Genitum non factum*. Em quanto Filho da Mãe, é Verbo gerado e feito: *Verbum caro factum est;* e tanto que foi Verbo, e palavra feita, logo pertencea á vista: *Verbum caro factum est, et vidimus gloriam ejus*. Mas isto que escreveu o evangelista tantas annos depois, conheceram e praticaram os pastores n'este mesmo dia: *Et videamus hoc Verbum, quod factum est*.

De todo este discurso se segue, que o ser infante e mudo o nosso divino Orador de Belem, não lhe é impedimento para poder ensinar. Ensina e falla agora, em quanto homem, como exercitava e fallava em quanto Deus. *In ea se Deus exercet, in ea delectatur, in ea triumphat, dum nos sine strepitu verborum intus alloquitur*, diz Santo Agostinho fallando da rhetorica de Deus: e assim como Deus antes de ser homem, ensinava sem estrepito de palavras, porque fallava interiormente aos corações; assim, tanto que nasceu Menino; ensina tambem sem estrepito de palavras, porque falla exteriormente aos olhos: *Et videamus hoc Verbum*. Demosthenes, o summo orador da grecia, perguntando qual era a primeira parte do perfeito orador, respondeu: *Actio*. E perguntando qual era a segunda, tornou a responder: *Actio*. E perguntando qual era a terceira, respondeu do mesmo modo: *Actio*. Não declarou as perfeições do orador pelas palavras que se ouvem, senão pelas acções que se vêem. O mesmo responderei eu a quem me perguntar que ensina o Orador infante, e como ensina? Não ensina com vozes, mas ensina com acções: não ensina o que diz, mas prêga o que faz: não diz palavras, mas falla obras.

Este mesmo Orador infante, que agora ensina sem abrir a boca, virá tempo em que a abrirá para ensinar: *Aperiens os suum docebat eos;* mas o mesmo que então fallando ha de ensinar com a palavra, é o que agora mudo brada com as obras:

Clamat exemplo, quod postea docturus est Verbo. Que é o que ha de ensinar este Menino, que agora é de um dia ou de uma noite, quando depois fôr de trinta annos? Ha de dizer com palavras: *Beati pauperes.* Bemaventurados os pobres; isto é, o que já está ensinando com o desabrigado do portal, com o presepio, com as palhas, e com a falta de tudo o necessario: *Non erat ei locus in diversorio.* Ha de dizer com as palavras: *Beati mites:* Bemaventurados os mansos; e isto é o que já está ensinando, o que d'antes era leão, feito agora cordeirinho, e com as mãos atadas, sem se queixar da ingratidão e crueldade com que o receberam os seus no mundo, que tambem é seu: *In propria venit, et sui cum non receperunt. In mundo erat et mundus per ipsum factus est, et mundus eum non cognovit.* Ha de dizer com as palavras: *Beati, qui lugent.* Bemaventurados os que choram; e isto é o que já está ensinando com as lagrimas e gemidos de recem-nascido, propria condição da natureza, e não improprias da miseria e estreiteza de presente estado; *Vagit Infans inter arcta conditus praesepia;* sem outro soccorro contra o rigor de uma noite tão fria, como a de vinte e cinco de dezembro, mais que a quentura das mesmas lagrimas, estilladas da fornalha do coração, como devotamente cantou Sanazario: *Et lacrymas uda fundens in nocte tepentes.*

Ó que exclamações! Ó que invectivas! Ó que brados estão dando contra o o mundo os silencios d'este Orador mudo! Mas assim como as suas vozes depois não hão de ser admittidas de muitos surdos com ouvidos, assim agora as suas acções são mal vistas, e peior imitadas de muitos cegos com olhos. Ditosos os olhos dos nossos pastores, que de tudo o que viram no presepio, souberam tirar proveito para si, e gloria para Deus: *Glorificantes, et laudantes Deum in omnibus, quae audierant, et viderant.* E diz o evangelho não só que viram, senão que ouviram: *Quae audierant, et viderant:* sendo que no presepio não ouviram palavra alguma; porque as palavras que são feitas, e não ditas, então se ouvem quando se vêem: *Et videamus hoc Verbum, quod factum est.*

III. D'esta maneira satisfez o nosso Orador infante, á primeira obrigação de ensinar: mas d'aqui mesmo se segue, ou parece, que não póde satisfazer á segunda. A segunda obrigação do perfeito orador, como dizia, é *deleitar.* Mas como póde ou podia deleitar no modo em que o acharam e viram os pastores? *Invenietis Infantem pannis involutum, et, positum in praesepio.* O prégador não ha de ser mudo, nem atado. Se vissemos um prégador que não fallava palavras, e estivesse envolto, e como amortalhado na sobrepelliz, e posto ou metido

no pulpito, como sepultado n'elle; este prégador não podia deleitar o auditorio; enfastial-o, esfrial-o, e desagradal-o, sim. Pois este é o estado em que os pastores acharam ao nosso Orador do presepio: *Infantem:* mudo, e sem dizer ou fallar palavra: *Pannis involutum;* atado e envolto sem se desenvolver: *Positum in praesepio*; e posto e metido na mangedoura sem acção nem movimento: e comtudo diz o anjo com certeza de evangelista, que haviam de gostar, e gostar muito d'elle: *Evangelizo vobis gaudium magnum;* e que estas mesmas que pareciam impropriedades do officio, e dezares da Pessoa, eram os signaes certos de acharem o que lhes promettia: *Et hoc vobis signum, invenietis Infantem pannis involutum, et positum in praesepio.*

E porque razão tudo isto, parecendo tudo contrario á mesma razão? Porque tudo isto, como perfeitissimo Orador, era o que pedia o decoro, a energia, e a representação viva do que ensinava. Não fallava: *Infantem;* porque estava ensinando silencio, humildade, resignação. Estava envolto e como amortalhado: *Pannis involutum;* porque entrára no mundo a reprehender e estranhar desenvolturas; e estava ensinando modestia, compostura, mortificação. E estava como sepultado no logar, posto que vil, onde o tinham posto: *Positum in praesepio;* porque sobretudo estava ensinando a perfeição da obediencia. Obediencia ao Pae, que o mandára vir ao mundo; obediencia ao imperador, que o mandára ir a Belem, e obediencia á Mãe, que n'aquelle pobre e abjecto logar o puzéra, sem lhe dar a razão porque, posto que a tivesse, como notou o evangelista: *Quia non erat eis locus in diversorio.* E se assim posto, não tinha movimento nem acção, essa era a propria e a mais natural acção do que representava; porque o verdadeiro obediente, não ha de ter movimento nem acção propria. Vejam agora se pregava o nosso Orador mudo, de modo que houvesse de deleitar.

O maior mestre da rhetorica ligada (qual era esta) diz que para deleitar ensinando, se ha de misturar o util com o doce: *Qui miscuit utilé dulci, letorem delectando, pariterque movendo;* e isto é o que fazia em tão pequeno corpo o nosso grande Orador com a bocca cerrada: *Infantem.* Pois com a boca cerrada podia deleitar? Sim; porque assim cerrada, era doce, e estillava mel. E' tão doce a eloquencia do nosso Orador mudo, que não ha aspereza tão aspera que não abrande, nem amargura tão amarga que não adoce: *Sicut vitta coccinea labia tua, et eloquium tuum dulce.* Comparam-se os beicinhos da boca de Deus menino, não a duas fitas encarnadas, senão a uma: *Sicut vitta;* porque estão cerrados e mudos: mas assim cerrados e mudos, o seu fallar é doce: *Et eloquium tuum dulce;* porque

tudo o que diz e pertende persuadir, como é passado por elle, é doce. Assim como não ha coisa tão desabrida que não fique doce se se passar pelo mel; assim são todos os rigores, todas as asperezas, todas as amarguras, se são passadas por Christo, e mais n'aquelle dia em que *Melliflui facti sunt caeli.* Haja embora santo que chame ás penalidades do presepio martyrios para Christo, ou leis de martyrios para nós: e nós oiçamos ao mais douto dé todos os santos, quão doces são essas leis, e esses martyrios, por serem passados e adoçados por Christo.

Falla com este Senhor nos seus soliloquios Santo Agostinho, e diz tão douta como devotamente d'esta maneira: *Tu, Domine, es dulcedo inaestimabilis, per quem omnia, amara dulcorantur: tua enim dulcedo Stephano lapides torrentis dulcoravit: tua dulcedo craticulam Beato Laurentio dulcem fecit: pro tua dulcedine ibant apostoli gaudentes a conspectu concilii; quoniam digni habiti sunt pro nomine tuo contumeliam pati.* E se aquellas palhinhas tiveram doçura para adoçar as pedras de Estevão; e a dureza d'aquella mangedoura para adoçar as grelhas de Lourenço; e o silencio d'aquelles animaes, para adoçar as injurias e affrontas dos homens; as palavras mudas com que todas estas coisas fallam, e o nosso infante Orador em todas, como não serão deleitaveis e doces a todos os que assim tiraram d'ellas, não horrores para si, senão louvores para os que, vendo-as, as ouviram: *Et reversi sunt pastores laudantes, et glorificantes in eis, quae viderunt, et audierant.* Elles não ouviram nada no presepio; porque nenhuma coisa se lhes disse: mas como o Orador mudo fallava aos olhos, o vêr foi ouvir; e o que viram, ouviram: *Quae audierant, et viderant.*

IV. Para deleitarem, as coisas que diz o Orador, hão de ser novas, e hão de ser admiraveis; e se forem tambem engraçadas, então deleitará mais. Taes são as que diz mudamente o nosso Orador do presepio. São novas: *Usquequo deliciis dissolveris filia vaga? Quia creavit Dominus novum super terram: foemina circumdabit virum.* Deixae, filhas do Sião, de vos deleitar nas velhices da lei antiga; e para que vejaes uma coisa tão nova, qual nunca Deus fez, nem o mundo viu, não é necessario vagar por outras terras; porque dentro da vossa, e no logarinho de Belem a vereis. Vereis um Menino nascido de um dia, já homem perfeito; e que este homem sendo tão grande como Deus, coube dentro em uma virgem. Póde haver coisas mais novas? Não póde: *Novum creavit Dominus super terram: foemina circumdabit virum.* São tambem admiraveis as coisas que alli se vêem; porque, como pondera e admira S. Bernardo, alli se vê a fonte com sede, a pão com fome, a alegria chorando,

a sabedoria muda, a fortaleza fraca, a omnipotencia atada, a riqueza pobre, a immensidade pequena, a immortalidade, finalmente, morta e passivel; mas ahi mesmo com segunda a maior admiração, se torna a vêr a fome fartando, a sede refrigerando, a tristeza alegrando, o mudo ensinando, o fraco fortalecendo, o atado libertando, o pobre enriquecendo, o pequeno engrandecendo, o mortal, finalmente, dando vida, e o passivel gloria.

Tão novas e tão admiraveis são as coisas que préga sem fallar o orador do presepio: e são tambem tão engraçadas, que a primeira vez que foram ouvidas, todos não só se alegraram, mas não se puderam ter com riso. Quando foi annunciado o nascimento de Isaac, riu-se Sara, riu-se Abrahão, e o mesmo Isaac se chamou riso. E qual foi o motivo? Porque n'aquelle nascimento foi significado o de Christo. Santo Efrem: *Non propter Isaac risit Sara; sed propter natum ex Maria Virgine. Et sicut Joannes exultavit in utero, ita suo risu Sara gaudium significavit.* Riu-se Sara, não pelo nascimento de Isaac que havia de nascer d'ella, mas pelo nascimento de Christo, que havia de nascer a sempre virgem Maria: e assim como o Baptista em sua presença se não pôde ter, que não saltasse: assim Sara se não pôde ter que se não risseRiu-se Sara riu-se Abrahão, riu-se Isaac; e tiveram muita razão, não só para se alegrar, mas para se rir do que se viu n'este dia: *Abraham exultavit, ut videret diem meum, vidit, et gavisus est.* O demonio, o mundo e o peccado, tinham enganado o homem: e como Deus para enganar os enganadores, se vestiu e disfarçou da natureza do mesmo homem, foi tão galante o disfarce, e tão engraçada a invenção, que Sara, Abrahão, e Isaac, homens mulheres e meninos, não se poderam ter com riso.

Assim sabe deleitar o nosso Orador: e ainda que em todas as coisas que préga e ensina no seu presepio, hão mister paciencia, assim as sabe suavisar, e fazer doce aos que as vêem e ouvem: *Videamos hoc Verbum.* Este mesmo Isaac de que fallavamos, casou-o Deus com Rebeca: e porque razão e mysterio com Rebeca? Porque Rebeca quer dizer *paciencia*, como Isaac quer dizer *riso*: e como no nascimento de Isaac era significado o nascimento de Christo, tambem se significava n'elle, que quando Christo fôsse nascido, havia de Deus fazer um casamento tão novo, e tão admiravel, como casar o riso com a paciencia; e assim o fez no presepio; Tudo o que se vê no presepio, são coisas asperas, desabridas, e duras, e que hão mister muita paciencia para se levar; mas essas mesmas vistas em um Deus feito homem, são tão doces e deleitaveis, tão faceis de se abraçar com alegria, que mais parecem dignas de riso. Di-

gna de riso a pobreza, digna de riso a obediencia, digna de riso a mortificação, dignas de riso as lagrimas, e tudo quanto hoje vêem os pastores no presepio; que por isso de Isaac e Rebeca nasceu Israel, que quer dizer *Videns Deum: Videamus hoc Verbum, quod factum est.*

V. Já agora se não fica provado, ao menos fica facil de crêr quão alta e efficazmente satisfaria o Menino e divino Orador á terceira e ultima obrigação do officio, que é persuadir e mover. Como este é o fim que o trouxe ou havia de trazer ao mundo, já muitos seculos antes o tinha Deus annunciado ao mesmo mundo por boca do propheta Aggeo, com tanta pompa de palavras, como de prodigiosos effeitos: *Commovebo caelum, et terram, et mare, et aridam, et movebo omnes gentes, et, veniet desidertus cunctis gentibus*: Virá o desejado das gentes, que é o nosso Menino nascido, e será tal a moção que causará com sua vinda, que se moverá o céu, se moverá a terra, se moverá o mar; e as nações que em qualquer parte a habitam, e o navegam, ou politicas, ou barbaras, todas se moverão. Assim foi, ou começou a ser n'este dia. Moveu-se o céu, mandando os exercitos dos anjos á terra, e despachando por embaixadora uma estrella nova ao Oriente, e apparecendo arraiado com tres soes, um d'elles coroado de espigas, em signal de que com tão multiplicadas luminarias festeja o nascimento do Principe nascido em Belem. Moveu-se a terra, brotando em fontes de oleo, em testemunho de que era nascido o Ungido: derribando idolos; nomeadamente o de Jupiter Capitolino, em protestação de que só elle era verdadeiro Deus: e cerrando as portas de Jano, e fazendo cessar as armas em pregão universal de que vinha pacifico. Moveram-se todas as gentes de todas as nações, de todos os estados, de todas as crenças: os judeos, os gentios, os grandes e os pequenos, os sabios e os ignorantes, significados todos nos pastores e nos Magos, em cujas tres coroas se significaram tambem as tres partes de que n'aquelle tempo constava o mundo.

E se perguntarmos ou inquirirmos a causa de tão universal moção, consta que não foi outra, senão a que tiveram os pastores de Belem: *Et videamus hoc Verbum, quod factum est.* Isto é, verem o Verbo feito. Não digo feito homem, mas feito, como argutissimamente ponderou S. Bernardo: *Ante non se movebant homines, dum Verbum erat tantum apud Deum.* Antigamente em quanto o Verbo sómente era: *In principio erat Verbum.* não se moviam os homens: *At ubi Verbum, quod erat, factum est;* mas tanto que o Verbo, que somente era, foi feito: *Tunc venerunt festinantes, tunc concurrerunt*, então se move-

ram, então vieram e concorreram. Tanta foi a efficacia que teve no Verbo divino o fazer-se: não o ser palavra dita, posto que dita por Deus, mas o ser palavra feita: *Verbum, quod factum est.* Referindo S. Lucas no principio dos Actos dos Apostolos, como tinha escripto o seu evangelho, diz uma coisa muito notavel, e é, que n'elle escrevera tudo o que Christo começou a fazer e ensinar: *Primum quidem sermonem feci de omnibus, quae caepit Jesus facere, et docere.* Se lêrmos este mesmo evangelho de que falla S. Lucas, acharemos que escreveu n'elle toda a vida, doutrina e acções de Christo, desde o instante de sua Encarnação até á hora em que subiu ao céu, e mandou de lá o Espirito santo. Pois se escreveu tudo o que fez e ensinou o Senhor, porque não diz que escreveu tudo o que fez e ensinou, senão tudo o que começou a fazer e ensinar? Por ventura deixou Christo a sua obra imperfeita, e somente começada? Não, senão acabada, perfeitissima e consummada, como elle mesmo declarou ou protestou, dizendo: *Consummatum est.* Pois se as obras de Christo, em quanto fez e ensinou, foram perfeitas e e consummadas, como lhes chama o evangelista principiadas somente; e não diz o que fez, senão o que começou a fazer, nem o que ensinou, senão o que começou a ensinar: *Quae caepit facere, et docere?* Excellentemente Anselmo Laudunense: *Quia omnia, quae fecit, et docuit, incaeptio quaedam fuit, eadem postea apostolis facientibus, et docentibus, et eorum sequacibus.* O que Christo fez e ensinou, ou ensinou fazendo, teve tanta força e efficacia para mover, que já nas suas obras estavam começadas as que depois se haviam de seguir. O exemplo das suas era já o principio das nossas: *Incaeptio quaedam fuit.* E foram tão certos e infalliveis os effeitos d'esta moção, como se as nossas imitações não fossem obras distinctas e movidas, senão as do mesmo Christo continuadas: elle foi o exemplar, e nós os imitadores; elle as ensinou, e nós as aprendemos: nós as continuamos, mas elle as começou: *Caepit facere, et docere.*

E se esta efficacia lhe vinha da parte de Christo, por serem palavras não ditas, mas feitas: *Verbum, quod factum est;* ainda se accrescentava e era maior da parte dos homens por não serem ouvidas, mas vistas: *Et videamus.* A razão notavel d'esta maior efficacia não só os philosophos a conheceram, senão tambem os poetas (se póde haver poeta que não seja philosopho.)

> *Segnius irritant animos demissa per aures*
> *Quam quae sunt oculis subjecta fidelibus.*
> (Horat. in Art.)

Diz Horacio: O que entra pelos ouvidos, como tem menos evi-

dencia, move com menos força; mas o que entra pelos olhos, recebe a efficacia da mesma vida, e move fortissimamente. Tal foi a moção do que viram os pastores no presepio, e tal a do que viram os reis, e não por outra razão, senão porque viram. Os reis vieram allumiados pela estrella, os pastores allumiados pelo anjo; mas nem a luz das estrellas, nem a luz dos anjos igualaram a luz da vista para mover. Argumentemes de Deus para Deus, de Deus na terra para Deus no céu, e de Deus visto para Deus não visto. O mesmo Deus que cremos na terra, não é o que se vê no céu? Sim: pois porque no céu todos os amam: e ninguem o offende; e na terra não ha quem o não offenda, ainda dos que mais o amam? Porque na terrá é Deus ouvido no céu é Deus visto: na terra é Deus conhecido pela fé, e pelos ouvidos sómente, no céu é conhecido pela vista, e com os olhos, por isso o nosso divino Orador, querendo perorar movendo, não quiz fallar aos ouvidos, senão á vista: *Et videamus hoc Verbum.*

E que escusa tem, ou póde ter a cegueira dos que á vista do presepio, e de tantos presepios, tão pouco imitam o que vêem? Não imagino tal na religião; mas no mundo ainda mal que é tão certo. *Filius hominis* (exclama Santo Agostinho) *non habet ubi reclinet, et tu ampla palacia, et ingentes porticus metiris:*[1] O Flho de Deus não tem onde reclinar a cabeça, e cabe em uma gruta de brutos; e tu edificas palacios magnificos, e medes os porticos com a tua vaidade, quando fôra maior a proporção medil-os comtigo: *Conditor angelorum* (exclama S. Pedro Damião) *in praesepio vagiens reclinatur non ostro, sed vilibus panniculis involutus : erubescat igitur terrena superbia, et arrogantia redempti hominis:* O Creador dos anjos reclinado no presepio está coberto de pannos vis, e o homem de terra e escravo, que elle remiu, sem pejo nem vergonha, veste oiro e purpuras. *Quid magis indignum* (exclama finalmente S. Bernardo) *quam ut videns Deum caeli parvulum factum, ultra apponat homo magnificare se super terram?* Que coisa mais indigna, que vendo ao Deus do céu feito tão pequenino, o homem queira ser grande? E que coisa mais intoleravel, que, quando a magestade se encolhe, o bichincho se inche? *Intolerabile est, ut ubi se exinanivit majestas, vermiculus intumescat.*

VI. Mas faça isto embora o mundo cego, vendo a Deus no presepio, que alfim o pagará com o não vêr no céu: nós, a quem elle por sua bondade abriu os olhos, que faremos? *Transeamus usque ad Bethelehem:* passemos até Belem, e não pas-

[1] August. sup. illud. Non erat eis locus in diversorio.

semos d'alli. Passemos com os pastores, mas não de passagem com elles. Elles foram e tornaram: *Et reversi sunt pastores:* o mesmo fizeram os reis, posto que por differente caminho: *Per aliam viam reversi sunt in regionem suam.* Só a estrella, como propria de Jesus: *Stellam ejus,* devem imitar os que professam o mesmo nome: e que faz a estrella? *Usque dum veniens staret, ubi eratpuer.* Foi a Belem, chegou ao presepio, e alli parou, nem passou d'alli. Viu o Verbo: *Quod factum est,* e ninguem sabe o que foi feito d'ella, porque alli se desfez. Quem se não desfaz á vista do Verbo feito, não faz o que deve. Os olhos desfeitos em lagrimas, as respirações desfeitas em suspiros, o coração desfeito em amor. Comparemos o *transeamus usque ad Bethlehem* dos pastores com o *usque dum veniens staret* da estrella. O termo e o *usque* foi o mesmo: mas o *transeamus* e o *staret* muito differente. Os pastores passaram, e não passaram, a estrella parou, e não se apartou d'alli: *Usque dum staret, ubi eratpuer.* S. Pedro vendo a Christo entre dois prophetas,v estido de resplendores, disse*: Bonum est nos hic esse;* e a estrella vendo a Christo entre dois animaes, vestido de pannos pobres, fez o mesmo e mais sabiamente que Pedro, como guia e mestra de sabios. N'aquella transfiguração mostrou Christo a gloria de seu corpo, n'esta mostrou a gloria de sua divindade; que por isso os anjos cantaram: *Gloria in altissimis Deo.* Mas se os anjos cantam a gloria no logar altissimo, e o nosso Orador a préga no logar villissimo, esta é a mesma gloria, para a qual com seu exemplo nos ensina, com seu exemplo nos deleita, e com seu exemplo nos move. E porque os bemaventurados na gloria *Omnia vident in Verbo*; *Transeamus usque Bethlehem, et videamus hoc Verbum.*

FIM DO SEGUNDO VOLUME

INDICE

PROLOGO DO COMPILADOR

ADVERTENCIAS DO AUCTOR

SERMÃO DA RESURREIÇÃO DE CHRISTO SENHOR NOSSO . . .

Valde mane una subbatorum veniunt ad monumentum, orto iam sole.

S. Marc. 8.

I. SERMÃO DA PRIMEIRA OITAVA DA PASCHOA

Duo ex discipulis Jesu ibant ipsa die in castellum nomine Emmaus.
S. Luc. 24.

II. SERMÃO DA PRIMEIRA OITAVA DA PASCHOA

Qui sunt hi sermones quos confertis ad invicem ambulantes et estis tristes?... Nos autem sperabamus quia ipse esset redempturus Israel.
S. Luc. 24.

SERMÃO DA SEGUNDA OITAVA DA PASCHOA

Stetit Jesus in medio discipulorum suorum et dixit eis: Pax vobis: et cum hoc dixisset, ostendit eis manus et pedes.

S. Luc. 24.

SERMÃO DA QUARTA DOMINGA DEPOIS DA PASCHOA

Vado ad eum qui me misit, et nemo ex vobis interrogat me: Quo vadis? Sed quia haec locutus sum vobis, tristitia implevit cor vestrum.

SERMÃO DA ASCENSÃO DE CHRISTO SENHOR NOSSO

Et Dominus quidem Jesus, postquam loquutus est eis, assumptus est in coelum et sedet a dextris Dei.

S. Marc. 16.

SERMÃO DO SANCTISSIMO SACRAMENTO

Hic est panis qui de coelo descendit.
S. João, 6.

SERMÃO DAS QUARENTA HORAS

Quis mihi det te, fratrem meum, sugentem ubera matris meae, ut inveniam te foris et deosculer te; et jam me nemo despiciat.

CANT. 8.

SERMÃO DO SANCTISSIMO SACRAMENTO

Hic est panis qui de coelo descendit.

S. JOAN, 6.

PRIMEIRO SERMÃO DO SANCTISSIMO SACRAMENTO

PRÉGADO EM SANCTA ENGRACIA

Hic est panis qui de coelo descendit.
S. João, 6.

SEGUNDO SERMÃO DO SANCTISSIMO SACRAMENTO . . .

PRÉGADO EM SANCTA ENGRACIA

Caro mea vere est cibus et sanguis meus vere est potus.
S. João, 6.

TERCEIRO SERMÃO DO SANCTISSIMO SACRAMENTO .

PRÉGADO EM SANCTA ENGRACIA

Qui manducat meam carnem et bibit meum sanguinem, in me manet, et ego in illo.
S. João, 6.

SERMÃO DO SANCTISSIMO SACRAMENTO

Tentat vos Dominus, Deus vester, ut palam fiat, utrum diligatis eum an non.
Deut. 13.

I. SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DO ADVENTO

Tunc videbunt Filium Hominis venientem in nubibus caeli cum potestate magna et majestate.
S. Luc. c. 21.

II. SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DO ADVENTO

Amen dico vobis non praeteribit generatio haec donec omnia fiant.
S. Luc. cap. 21.

III. SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DO ADVENTO

Caelum et terra transsibunt: verba autem mea non transibunt.
S. Luc. c. 31.

SERMÃO DA SEGUNDA DOMINGA DO ADVENTO

Joannes in vinculis.
MATTH. c. 11.

I. SERMÃO DA TERCEIRA DOMINGA DO ADVENTO

Tu quid es? Quid dicis de te ipso?
S. JOAN. C. 1.

II. SERMÃO DA TERCEIRA DOMINGA DO ADVENTO

Miserunt Judaei ab Jerosolimis sacerdotes et levitas ad Joannem, ut interrogarent eum: Tu quis es?
S. JOAN. C. I.

SERMÃO DA QUARTA DOMINGA DO ADVENTO

Factum est verbum Domini super Joannes; et venit in omnem regionem Jordanis praedicans baptismum poenitentiae in remissionem peccatorum.

S. Luc. Cap. 3.

SERMÃO DO NASCIMENTO DO MENINO DEUS ***

Transeamus usque ad Bethlehem et videamus hoc verbum quod factum est.
S. Luc. 2.

SERMÃO DA EPIPHANIA **

Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda in diebus Herodis regis, ecce magi ab oriente venerunt.
S. Matth. c. 2.

SERMÃO DAS OBRAS DE MISERICORDIA ***

Beati pauperes. Beati misericordes.
MATTH. 5.

SERMÃO AO ENTERRO DOS OSSOS DOS ENFORCADOS *

Misericordia et veritas obviaverunt sibi, justitia et pax osculatae sunt.
Ps. 84.

SERMÃO DA DOMINGA DECIMA SEXTA POST PENTECOSTEN **

Recumbe in novissimo loco.
Luc. 14.

SERMÃO DA DOMINGA VIGESIMA SEGUNDA POST PENTECOSTEM **

Licet censum dare Caesari, an non?
S. Matth. 22.

SERMÃO DA SANTA CRUZ *

Erat homo ex pharisais, Nicodemus nomine, princeps judaeorum, Hic venit ad Jesum nocte et dixit ei: Rabbi. Sicut Moyses exaltavit serpentem in deserto; ita exaltari oportet Filium hominis.

SERMÃO DO BOM LADRÃO *

Domine, memento mei, dum veneris in regnum tuum. Hodie mecum eris in paradiso.

SERMÃO DAS CADEIAS DE S. PEDRO

Tibi dabo claves regni coelorum.
S. MATTH. 16.

Vinctus catenis duabus.
ACT. 12.